CLÁUDIO BRANDÃO
Catedrático do Ginásio Mineiro

ANTOLOGIA CONTEMPORÂNEA

(PROSADORES E POETAS BRASILEIROS E PORTUGUESES)

Obra organizada para as classes primárias superiores e para as secundárias inferiores e enriquecida de vocabulários, questionários, anotações, exercícios de ortografia, análise e composição, e bem assim de notícias biobibliográficas dos autores escolhidos.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO
S. PAULO — BELO HORIZONTE
292, Rua Libero Badaró — Rua Rio de Janeiro, 655

LIBRARY
OF THE
UNIVERSITY
OF ILLINOIS

868.08
B73a
1947

Return this book on or before the **Latest Date** stamped below. A charge is made on all overdue books.

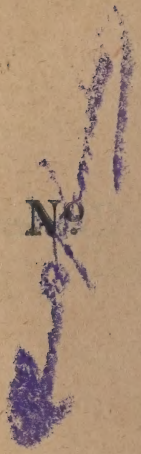
University of Illinois Library

DEC 12 1950

MAR 24 1966

L161—H41

Antologia Contemporânea



No 1000

CLÁUDIO BRANDÃO
Catedrático do Ginásio Mineiro

ANTOLOGIA CONTEMPORÂNEA

(PROSADORES E POETAS BRASILEIROS E PORTUGUESES)

Obra organizada para as classes primárias superiores e para as secundárias inferiores e enriquecida de vocabulários, questionários anotações, exercícios de ortografia, análise e composição, e bem assim de notícias biobibliográficas dos autores escolhidos.

15.ª EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES
166, RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO
S. PAULO
292, Rua Libero Badaró
BELO HORIZONTE
Rua Rio de Janeiro, 655
1947

868.08
B73a
1947

Prefácio da primeira edição

Elaborando o presente livro, mirámos, antes de tudo, a eficiência do ensino; e, para lograrmos o nosso intento, procurámos coligir trechos simples e acessíveis, extratados de autores vernáculos contemporâneos, nos quais podemos aprender ùtilmente a língua da nossa época.

Dividimos a obra em duas partes: a primeira, consagrada aos prosadores e poetas brasileiros, apresenta feição mais prática e destina-se não só às escolas primárias, sinão também às séries iniciais do ginásio; a segunda, contendo excerptos de escritores portugueses, alguns dos quais um pouco mais extensos, poderá servir ou para leituras feitas fora da classe, ou para texto de estudo nas aulas do 3.º ano ginasial, que, mais adiantadas, não exigem tanta detença como as séries precedentes, permitindo, assim, a leitura de algumas páginas durante o tempo da lição.

Excluimos desta colectânea os clássicos anteriores ao século XIX, porque a perfeita compreensão dêles já reclama conhecimento mais amplo da língua, que os alunos primários e os das três primeiras séries do ginásio ainda não possuem.

Atendendo à importância capital do vocabulário e à maneira defeituosa e improficua como o ensinam alguns professores e o estudam os mais alunos, a êle votámos o maior soma do nosso esfôrço. No fim de cada extrato, organizámos uma lista alfabética dos termos que merecem explicados, já por serem de circulação restrita ou de vernaculidade suspeita,

já por estarem tomados em sentido especial ou regional, já por demandarem definição mais clara. Não omitimos também a elucidação de certos nomes históricos, mitológicos e geográficos, quando necessária à interpretação dos lugares onde ocorrem. Esta secção da obra tem por fim não sòmente aliviar o aluno de uma tarefa puramente mecânica e assaz cansativa, qual a de folhear o dicionário, mas ainda poupar-lhe o tempo, que, de-ordinário, despende sem proveito nesse afã tedioso; evitar as deficiências e os disparates semânticos que amiude escreve nos cadernos de significados, e livrá-lo da despesa, não raro onerosa, que teria de fazer com a imediata aquisição de um bom léxico.

Uma vez conhecido o valor das expressões mais importantes de um trecho, encontra o aluno um questionário, que lhe facilitará a compreensão do que acabou de ler.

Para aumentar o poder verbal do estudante e familiarizá-lo pràticamente com os processos de formação vocabular (derivação e composição), indicamos algumas palavras do texto para exercício de cognatos. Assim, aparecendo no texto, por exemplo, a palavra pedra, *mostrará o professor o outro radical que reveste* — petra —, *e fará os alunos achar por si todos os cognatos*: pedra, pedraço, pedrada, pedral, pedraria, pedregal, pedregoso, pedregulho, pedregulhento, empedrar, empedramento, empedrenir e emperdernir; apedrar, apedramento, apedrejar; pétreo, petrificar, petrificação, petrífico, petrifi-

cável, etc., *completando a enumeração feita pela classe e explicando, quando relevar, a significação dos prefixos e sufixos e dos mais interessantes vocábulos formados.*

E' por igual proveitoso que o aluno apreenda, com exatidão, o sentido das palavras usadas no texto, indicando-lhes os antônimos; e, integrando êsse trabalho tendente a desenvolver e a fortalecer nêle a percepção sematológica, convêm obrigá-lo à reflexão no empregar um termo e à ponderação do valor expressivo dêle e de suas mutações semânticas. Para isso deverá êle associar, em frases por êle meşmo construidas, as palavras dadas nos "exercícios de vocabulário", evitando, assim, a simples memorização abstrata, inerte e estéril, de vocábulos insulados.

A indicação dos principais homônimos e parônimos que figuram em cada trecho é apenas um elemento subsidiário do ensino da ortografia, da prosódia e da lexicologia, e só indiretamente concorrerá para o enriquecimento do vocabulário.

As secções dedicadas à ortografia e à análise teem caráter exemplificativo e servirão de adminículo às explicações teóricas previamente ministradas pelo professor, facilitando-lhe a tarefa de formular de momento exercícios que a classe deva executar. Fica, pois, ao seu arbítrio prescrever os exercícios que estão no livro ou propor outros mais convenientes.

Para a conservação, utilização e assimilação das idéias adquiridas no estudo de cada trecho, ampliando-as com a

contribuição própria, fará o aluno, orientado pelo mestre, uma composição escrita sôbre assunto idêntico ao do excerpto lido ou com êle relacionado.

Na segunda parte desta colectânea (autores portugueses), damos somente o vocabulário, cabendo ao professor e ao aluno, já afeito ao sistema seguido na primeira parte, idear e realizar os exercícios mais eficientes.

O método adotado neste livro, quando aplicado por didata hábil e criterioso, assegura aos estudantes, ainda mesmo medíocres, noções firmes e progressos rápidos.

Por felizes nos teremos e por abençoadas as fadigas que nos custou êste trabalho, si com êle alcançarmos prestar algum serviço, pequeno embora, à mocidade estudiosa do Brasil.

O AUTOR

Prefácio da terceira edição

O favor dispensado às duas primeiras edições da Antologia Contemporânea incentivou-nos a reestampá-la, adaptando-a à ortografia oficial, ampliando-a e modificando-lhe ligeiramente o plano.

Na presente edição, além de incluirmos novos excerptos, julgámos de proveito acrescentar sucintas notícias biobibliográficas dos autores seletados, preenchendo, assim, sensível lacuna das anteriores.

Oxalá alcancemos, ainda desta vez, o benévolo acolhimento com que alguns ilustrados professores patrícios galardoaram e estimularam o nosso sincero empenho de ajudarmos àqueles que se iniciam no estudo da língua vernácula.

CLÁUDIO BRANDÃO

PRIMEIRA PARTE

Poetas e prosadores brasileiros

I — MADRUGADA NO SERTÃO

VISCONDE DE TAUNAY

Eis que, aos poucos, lá para as bandas do oriente, clareia um cantinho do céu. Branqueja, mais e mais, qual si, a subir, da terra, fôra lentamente desdobrando-se adelgaçado véu de gaze branca.

Passam-se largos minutos.

Depois, nesse fundo alvadio que se tinge de duvidoso rosicler, acende-se a mêdo uma riscasinha vermelha, que se alonga mais do que se alarga. Paralela a esta, rompe, dalí a pouco, outra já mais extensa e afogueada; instantes após, terceira, essa então abraseada como linha de fogo.

São as barras do dia.

De novo sopra com vivacidade a brisa, que fôra gradualmente morrendo; mas vem agora mais quente, com um hálito perfumado de brando calor.

Nessa hora de misterioso lusco-fusco é que se ouve, de-quando-em-quando, como um baque sonoro, acompanhado de estridente grita cromática. E' o canto das anhumas-pocas, que, na margem dos rios ou à beira dos alagadiços, anuncia o alvorecer e acorda as aracuãs poisadas nos matos ribeirinhos. Ergue-se também o alari-

do mais forte dos **quero-queros,** (1) cujos alvos bandos giram vertiginosamente sôbre as águas correntes.

De manso, porêm, se vai **difundindo** a claridade pelo firmamento alêm. Si perto se acumularem condensadas nuvens, desenham-se-lhes os **contornos** com **rúbidas curvas.** Outras mais espalhadas **cambiam** da côr de rosa ao roxo lírio.

Já aí principia a natureza a sacudir o **letargo** que a **prostrara.** Espreguiça-se **lânguida,** mas alegre e cheia de seiva.

Toucam-se de clarões os **píncaros** das montanhas, cujos **declives** e **lombas** se alevantam gradativamente da **uniforme** escuridade.

Na terra **borborinha** o ruído da vida. Doce orvalho banha as plantinhas dos vales; zumbe um mundo de insetos, e nos ramos dos arbustos a passarinhada miúda — coleiros, canários da terra, serra-serras, azulões, lavadeiras, pintassilgos, bicudos, tico-ticos e tilhés — chilra baixinho, ainda tonta de sôno e como a sonhar.

Nas **franças** do arvoredo mais elevado, se **espanejam** milhares de voláteis das penas mais **variegadas** e ricas, e de todos os lados assoma a caça de alto **viso,** quer em aves, quer em animais das matas.

(Céus e Terras do Brasil)

Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay). Nasceu no Rio de Janeiro em 1843 e morreu em 1899. Escritor notável assim pela correção como pela elegância, alêm de militar galhardo, político operoso e professor eminente. Escreveu em francês *La Retraite de Laguna* (A Retirada da Laguna), na qual tomou parte, livro que sempre ha de comover e entusiasmar os corações brasileiros. E' ainda autor de

(1) Ave brasileira cujo canto parece reproduzir aquelas palavras.

Inocência, traduzido em vários idiomas, inclusive em japonês, *Mocidade de Trajano*, *Ouro sôbre Azul*, *Céus e Terras do Brasil*, *Narrativas militares*, *Cenas de Viagem*, *Estudos Críticos*, *Amélia Smith*, *No Declínio*, etc. Pertencia à Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico.

VOCABULÁRIO

Adelgaçado (adj.): tênue, fino, subtil; rarefeito; aguçado.

Alagadiço (adj.): que se alaga fàcilmente, pantanoso, encharcado, apaülado. (Subst.): lugar sujeito a inundar-se, pantano, paúl, charco.

Alarído (subst.): gritaria, vozearia, clamor de lástima; algazarra, grita.

Alvadio (adj.): alvacento, esbranquiçado, brancacento ou branquicento.

Anhuma-poca (subst.): pássaro do Brasil, que canta depois da meia-noite.

Aracuã ou araquã (subst.): galináceo brasileiro.

Assomar (v.): subir ao alto ou cume; começar a aparecer: — *se*: mostrar-se em lugar alto ou subir a êle; agastar-se, zangar-se.

Baque (subst.): pancada de um corpo que cai, quéda.

Barra (subst.): peça de metal chata e grossa antes de ser posta em obra; peça de ferro usada no jôgo da bola barra; fôrro no interior das saias junto à fimbria; tira de tecido ou fôrro aplicado em obras de costura; entrada estreita de um pôrto; (Brasil): as côres avermelhadas do céu no crepúsculo matutino ou vespertino; lista; fimbria; barreira; extremo. Tem outras acepções, algumas regionais.

Borborinhar (v.): rumorejar, soar baixa e confusamente, sussurrar.

Cambiar (v.): mudar de côres, passar por matizes, irisar-se; trocar ou permutar moedas ou letras de um país para outro.

Contôrno (subst.): linha que limita exteriormente um corpo; circúito, perímetro; o arredondado, o bem torneado dos membros; relêvo do estilo, elegância no dizer.

Cromático (adj.): que se baixa ou eleva por semitons sucessivos.

Declive (subst.): pendor, inclinação de terreno, ladeira; (adj.): inclinado, que fôrma ladeira.

Difundir (v.): espalhar, derramar, estender, esparzir.

Espanejar (v.): agitar; limpar com espanador, espanar.
Estridente (adj.): que produz ruído agudo ou estridor.
Franças (subst. pl.): os ramos mais altos das árvores.
Grita (subst. coletivo): gritaría, alarído, clamores.
Lânguido (adj.): debilitado, fraco, frouxo, voluptuoso.
Letargo (subst.): sono profundo no qual parecem suspensas a respiração e a circulação; apatia, indolência.
Lomba (subst.): dorso de serra.
Lusco-fusco (subst.): o anoitecer, a bôca da noite; penumbra; *Ao* — : ao cair da noite.
Píncaro (subst.): o ponto mais elevado dos montes, cimo, cume, tope.
Prostrar (v.): abater, enfraquecer; deitar por terra; humilhar.
Ribeirinho (subst.): pequeno ribeiro ou regato; (adj.): que vive ás margens dos rios, lagos ou mares, marginal: *povos* — do Amazonas.
Rosicler (adj.): que tem a côr afogueada da rosa ou da açucena; (subst.): côr afogueada como a da rosa.
Rúbido (adj.): vermelho, rubro, afogueado. E' termo poético.
Toucar (v.): cobrir com touca; aureolar, nimbar.
Uniforme (adj.): que tem uma só ou a mesma fórma, invariável, igual; monótono; idêntico; (subst.): fardamento, farda, vestes semelhantes impostas a indivíduos de certa categoria.
Variegado (adj.): que tem côres diversas, matizado, multicor.
Viso (subst.): aspeto, aparência; cume de outeiro, outeiro; indício, sinal, vestígio. No plural: alguma porção; reminiscência, lembrança.
Volátil (adj. e subst.): que voa animal que voa ou póde voar, ave, inseto; susceptivel de evaporar-se.

QUESTIONÁRIO. Que descreve o escritor? Que se observa no oriente? Que se diz da brisa? Que é que se ouve? Que se passa no céu? Que faz a natureza? Que se nota nas montanhas? E na terra? E nas franças do arvoredo?

ORTOGRAFÍA. Emprêgo dos acentos. 1.°) Marcar-se-ão com acento agudo ou circunflexo as sílabas tônicas dos proparoxítonos: *crítica, árvore, lâmpada, pálido, êxito, ânsia, fôlego,* e bem assim dos oxítonos terminados em *a, e, i, o, u,* seguidos ou não de **s**: *sofá, sofás, café, cafés guaraní, enxó, enxós, urubú.* 2.°) Tomam igualmente acento agudo ou circunflexo, conforme o timbre da vogal respectiva, as sílabas predominantes dos paroxítonos

acabados em *ã, ão, ditongo* (seguido ou não de s), *il, ul, ar, er, ir, or, ex, ix*: *imã, órfã, órgão, Estêvão, (órgãos), fóssil, fácil, débil, fósseis, fáceis, débeis, pênsil, pênseis, cônsul, âmbar, aljôfar, alcácer, cadáver, mártir, sóror, córtex, sílex*, etc. 3.°) Marcam-se com o acento circunflexo as vogais *e* e *o* fechadas e tonicas de vocábulos homógrafos: *êrro* e *erro, fêcho* e *fecho, zêlo* e *zelo, êle* e *ele, govêrno* e *governo, pêco* e *peco, mêdo* e *medo, fôrça* e *força, fôrma* e *forma, fôra* e *fora, rôgo* e *rogo, jôgo* e *jogo, côr* e *cor*. Assim tambem: *pêlo, pelo* e *pélo, sê, sé* e *se, pára* e *para, amàmos* e *amamos*, etc. 4.°) Tomam ainda acento circunflexo os dissílabos e polissílabos oxitônicos terminados em *em* e *ens*: *contêm, retêm, porêm, além, ninguêm, vintêns*, etc. 5.°) Tomam acento agudo as vogais tônicas dos hiatos: *saí, país, saúde, faísca, miúdo, baía, baú*, e bem assim as prepositivas abertas dos ditongos — *éi, éu, ói*: *réis, bauréis, chapéu, herói, sóis*.

HOMÔNIMOS. *Acender* e *ascender* (v.); *instante* (subst) e *instante* (adj.); *barras* (subst. pl.) e *barras* (v.); *grita* (subst.) e *grita* (v.); *pena* (subst.) e *pena* (v.); *vale* (subst.) e *vale* (v.).

PARÔNIMOS. *Rábido* e *rúbido, instante* e *estante, toucar* e *tocar*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *branquear, adelgaçado, gradualmente, sonoro, difundir, lânguido, píncaro, uniforme, franças*.

COGNATOS. Dar os das seguintes palavras: *sertão, brando, alvo, declive, montanha, volátil, lado, alto, ave, animal*.

ANÁLISE. Enumerar todos os substantivos concretos, abstratos e coletivos; todos os vocábulos oxitônicos e compostos. Analisar sintaticamente o 4.° período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar adjetivos aplicáveis aos substantivos: *sertão, madrugada, céu, véu, hora, alarido, montanha, vale, mata*. Achar substantivos qualificáveis por: *alvadio, duvidoso, brando, sonoro, estridente, lânguido*. Formar frases com cada um dos verbos: *branquejar, acender, romper, difundir, toucar, tocar, zumbir, assomar*.

COMPOSIÇÃO. Descrever uma linda madrugada.

II — O BURRO E AS RELÍQUIAS

LAFONTAINE

Tradução do Barão de Paranapiacaba

Um burro de relíquias carregado
Supunha-se adorado.
Hinos, incensos como seus tomava
E soberbo marchava.

Alguêm que dera fé dessa tolice,
"Mestre Burro, — lhe disse —,
Do espírito baní, por piedade,
Tão estulta vaidade.

Ao santo e não á vossa personagem
Dirige-se a homenagem;
Só das relíquias se dispensa á glória
Essa jaculatória". (1)

De juiz que não sabe ou não estuda
A toga se saúda.

João Cardoso de Meneses e Sousa *(Barão de Paranapiacaba)* nasceu em Santos (S. Paulo), em 1827 e morreu no Rio, em 1915. Foi professor, advogado e funcionário público, tendo representado, de 1873-1876, a província de Goiaz na Câmara dos Deputados. Poeta delicado, publicou, em 1846,

(1) Construi assim: "só se dispensa essa jaculatória á glória das reliquias".

o seu primeiro livro de versos, intitulado *Harpa Gemedora*. Devemos também à sua pena adestrada ótimas traduções de Byron, de Lamartine (*Jocelyn*), das fábulas de Lafontaine e de alguns clássicos antigos, como Plauto (*Aulularia*), Eurípedes (*Alceste*), Sófocles (*Antígone*), Aristófanes (*As Nuvens*), E'squilo (*Prometeu*), esta última baseada na tradução literal feita por D. Pedro II. Sôbre história legou-nos Paranapiacaba um livro valioso — *Teses sôbre a colonização do Brasil.* Os seus melhores escritos enfeixou-os num volume — *Poesias e prosas seletas* (1910). Era membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

VOCABULÁRIO

Banir (v.): expulsar, afastar; fazer sair da pátria, desterrar, exilar, degredar; eliminar, fazer sair, abolir, suprimir.

Dar fé de alguma cousa (locução): notá-la, observá-la; *dar fé a alguma cousa*: acreditar nela; *fazer fé*: ser digno de crédito.

Dispensar (verbo): dar, atribuir; isentar, desobrigar, eximir; escusar, não precisar de, não carecer de; — *se*: não se julgar obrigado a, eximir-se de.

Estulto (adj.): tolo, nécio, parvo, estólido.

Glória (subst.): celebridade, brilho, fama, lustre; honra, preito; vaïdade; a bem-aventurança, o paraíso.

Hino (subst.): cântico em louvor da Divindade ou dos santos; composição poética e musicada em honra de um herói, de uma nação, etc.

Homenagem (subst.): preito, mostra de respeito, veneração ou estima. *Fazer* ou *render — a alguem*: demonstrar-lhe respeito, aprêço.

Jaculatória (subst.): oração breve e fervorosa, comum nas novenas, preces e outras rezas.

Relíquia (subst.): resto do corpo de algum santo, objeto que lhe pertenceu ou que serviu no seu suplício; coisa preciosa e de grande estimação; — s: restos, ruínas.

Soberbo (adj.): ufano, vanglorioso, arrojado; magnífico.

Toga (subst.): vestidura dos magistrados, beca. *Vestir —*: ser juiz ou meter-se a juiz.

QUESTIONÁRIO. Qual o assunto da fábula? Que levava o burro? Como cami-

nhava êle? Por quê se envaidecia? Que é que lhe disse alguêm? E' por quê lho disse? Qual a moralidade da fábula?

ORTOGRAFÍA. Uso do hífen. Ligam-se com hifen: 1.°) os pronomes atônicos enclíticos e os prefixos *bem* e *mal*: escreví-lhe, fez-nos dí-lo, amá-lo, bem-aventurança, mal-ferido; 2.°) a parte de um vocábulo em fim de linha com a seguinte: *Ca-sa, rom-per, e-xa-to, res-pec-tivo, dig-no;* 3.°) os elementos dos vocábulos compostos quando podem conservar a sua autonomía vernácula: *bota-fora, para-raios, beija-flôr, de-certo, a-pesar-de*, etc.

HOMÔNIMOS. *Dispensa* (subts. Ordinariamente se diz, neste caso, *despensa*) e *dispensa* (v.); *glória* (subst.) e *gloria* (v.); *incenso* (subst.) e *incenso* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *soberbo, tolice, espírito, piedade, estudo, vaidade, saber, glória.*

COGNATOS. Dar os das palavras: *relíquia, hino, incenso, espírito, piedade, santo, juiz.*

ANÁLISE. Citar todos os vocábulos paroxitônicos: enumerar todos os substantivos derivados e todos os adjetivos tanto qualificativos como determinativos

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos adequados aos substantivos: *burro, relíquia, hino, tolice, personagem, homenagem, glória, juiz.* Procurar substantivos qualificáveis por: *soberbo, estulto, santo, carregado.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *carregar, tomar, banir, dirigir, dispensar, saber, saudar.*

COMPOSIÇÃO. Descrever a estultice daqueles que para si tomam os louvores dirigidos ao seu poder, dignidade ou riqueza.

III — TEMPESTADE NO SERTÃO

EUCLIDES DA CUNHA

No empardecer de uma tarde qualquer, de março, rápidas tardes sem crepúsculos, prestes afogadas nas noites, as estrêlas pela primeira vez cintilam vivamente.

Nuvens volumosas abarreiram ao longe os horizontes, recortando-os em relevos imponentes de montanhas negras.

Sobem vagarosamente; incham, bolhando em lentos e desmesurados rebojos na altura, enquanto os ventos tumultuam nos plainos, sacudindo e retorcendo as galhadas.

Embruscado em minutos, o firmamento golpeia-se em relâmpagos precípites, sucessivos, sarjando fundamente a imprimidura negra da tormenta. Reboam ruïdosamente as trovoadas fortes. As bátegas de chuva tombam, grossas, espaçadamente, adunando-se logo em aguaceiro diluviano...

(Os Sertões)

Euclides da Cunha. Um dos vultos primaciais da literatura brasileira contemporânea. Nasceu em Cantagalo (E. do Rio), em 1868, tendo morrido assassinado no Rio, em 15 de agosto de 1909. Formou-se em matemáticas e ciências físicas na Escola Superior de Guerra. Seguiu a carreira militar, que depois abandonou. O seu renome literário veio-lhe com a publicação do seu admiravel livro — "Os Sertões" —, em que narra, num estílo nervoso e fulgurante, a campanha de Canudos. Nessa obra magistral, Euclides se mostra um pintor fiel e exato da vida, dos costumes, dos aspetos e dos homens dos nossos sertões. Além de jornalista de fôlego, que tal se revelou principalmente colaborando no *Estado de S. Paulo*, ainda deixou Euclides os seguintes trabalhos, todos de mérito: *Relatório da Comissão mista brasileira-peruana de reconhecimento do Alto Purus, Contrastes e Confrontos, Perú versus Bolivia, Martin Garcia, À margem da História* (obra póstuma). Conquistou por concurso a cadeira de lógica do Ginásio Nacional (Colégio de Pedro II) e foi membro da Academia Brasileira de Letras.

VOCABULÁRIO

Abarreirar (v.) cercar com barreira; entrincheirar; fechar, limitar.

Adunar (v.) acumular, ajuntar, reünir; — *se*: acumular-se, reünir-se.

Batega (subst.): chuva grossa, chuveiro, aguaceiro. Não se deve dizer *bátega de chuva*, mas sòmente *bátega* ou então *bátega de água*.

Bolhar (v.): fazer ou criar bôlhas; amontoar-se, encastelar-se.

Cintilar (v.): brilhar como centelha ou faúlha, brilhar tremulamente.

Crepúsculo (subst.): claridade frouxa que precede o nascer do sol ou segue o seu ocaso; (fig.) decadência, declínio. O crepúsculo matutino chama-se também *dilúculo* ou *alvorada*.

Desmesurado (adj.): desmedido, enorme, imenso, desmarcado; descomedido, desregrado.

Embruscado (part. pas. de *embruscar*): escurecido, enegrecido, carregado, anuviado, toldado.

Golpear (v.): dar golpes em, fender, sulcar.

Imponente (adj.): magestoso, magnífico, grandioso, gigantesco, faustuoso, solene; que se arroga importância ou autoridade; arrogante, sobranceiro, altivo .

Imprimidura (subst.): primeira demão de côres na tela, no pano ou na tábua sôbre a qual se hão de pintar depois as figuras.

Lento (adj.): vagaroso, demorado; preguiçoso, ronceiro; flexível, mole, frouxo, amolentado, úmido, que tem leve camada de umidade; viscoso, etc.

Plaino (subst.): planície, chapada, planura, chã.

Precípite (adj.): que está arriscado a precipitar-se ou despenhar-se; rápido, veloz, impetuoso.

Prestes (adv.): logo, sem tardança; (adj.): pronto, disposto, rápido, lijeiro, presto.

Reboar (v.): fazer éco, ressoar, retumbar, repercutir-se, estrondear, estrugir.

Rebôjo (subst.): convexidade, curva formada pela quéda das cachoeiras; desvío ou redemoínho de vento. — *de água*: vagalhão, vaga forte.

Sarjar (v.): fazer sarja ou incisão em, escarificar.

Tormenta (subst.): tempestade violenta, temporal, borrasca, procela; agitação, tumulto, desordem; discussão acalorada.

Tumultuar (v.): excitar ao tumulto; (v. intrans.): amotinar-se, agitar-se; fazer grande desordem ou estrondo.

QUESTIONÁRIO. De que se trata? Que acontece numa tarde qualquer de março? Como são essas tardes no sertão? Que fazem as

nuvens? E os ventos? Que se observa no céu? Que é que se ouve? Que fazem as bátegas de água? Que impressão geral dá o trecho lido?

ORTOGRAFIA. Os verbos terminados no infinito em — *ear*, como *golpear*, *recear*, *estadear* intercalam um *i* eufônico nas fôrmas em que o *e* se tornar acentuado, a saber: nas tres pessoas do singular e na 3.ª do plural do presente do indicativo e do subjuntivo e na 2.ª do singular do imperativo: *golpe-i-o*, *golpe-i-as*, *golpe-i-a*, *golpe-i-am*, *golpe-i-e*, *golpe-i-es*, *galpe-i-e*, *golpe-i-em*, *golpe-i-a* (tu). Fora dêsses casos não ha *i*: *golpe-amos*, *golpe-ava*, *golpe-ei*, *golpe-ara*, *golpe-emos*, *golpe-ar*, *golpe-ando*, etc.

HOMÔNIMOS. *Tarde* (subst.), *tarde* (v.) e *tarde* (adv.); *prestes* (adj.), *prestes* (v.) e *prestes* (adv.): *sem* (prep) e *cem* (num.); *estrêlas* (substantivo pl.) e *estrelas* (v.); *sôbre* (prep.) e *sobre* (v.); *precípite* (adj.) e *precipite* (v.); *relêvo* (subst.) e *relevo* (v.); *chão* (subst.) e *chão* (adj.).

PARÔNIMOS. *Afogar* e *afagar*, *plaino* e *plano*, *pretes* e *presto*, *bolhar* e *bulhar*.

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *tempestade*, *tarde*, *prestes*, *volumoso*, *embruscar*, *ruidosamente*, *tumultuar*, *tomenta*, *adunar-se*.

COGNATOS. Dar os das palavras: *tempestade*, *tarde*, *prestes*, *noite*, *negro*, *altura*, *tumultuar*, *tormenta*, *forte*.

ANÁLISE. Citar os vocábulos oxitônicos, os advérbios e as preposições. Analisar sintaticamente o 3.º período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos apropriados para os substantivos: *tempestade*, *tarde*, *crepúsculo*, *noite*, *horizonte*, *nuvem*, *tormenta*.

Achar alguns substantivos qualificáveis por: *volumoso*, *imponente*, *lento*, *desmesurado*, *precípite*, *diluviano*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *cintilar*, *tumultuar*, *retorcer*, *reboar*, *tombar*.

COMPOSIÇÃO. Descrever uma tempestade.

IV — A CAVALGADA

RAIMUNDO CORREIA

A lua banha a solitária estrada...
Silêncio... Mas além, confuso e brando,
O som longínquo vem-se aproximando
Do galopar de estranha cavalgada.

São fidalgos que voltam da caçada;
Veem alegres, veem rindo, veem cantando;
E as trompas a soar vão agitando
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...
Da cavalgada o estrépito que aumenta
Perde-se após no centro da montanha...

E o silêncio outra vez soturno desce...
E límpida, sem mácula, alvacenta,
A lua a estrada solitária banha...

Raimundo da Mota Azevedo Corrêa. Primoroso poeta brasileiro, filiado na escola parnasiana. Nasceu a 13 de maio de 1860, a bordo do vapor *S. Luiz*, na baía de Mogúncia, próxima ao Maranhão. Em 1882, formou-se em direito na Academia de S. Paulo, exercendo cargos na magistratura, na administração e na diplomacia. Faleceu em Paris a 14 de setembro de 1911. O éstro de Raimundo revelou-se mui precocemente, quando ainda freqüentava o Colégio de Pedro II. Em 1879 veio à luz o seu primeiro livro de versos — *Primeiros Sonhos*, seguindo-se *As Sinfonias* (1883), *Ver-*

sos e versões e *Aleluias*. A poesia de Raimundo, delicada, rica, profundamente subjetiva, ressumbra uma melancolia pessimista, mas plácida e resignada.

Zeloso cultor da língua, a sua fórma é esmerada e perfeita, podendo êle ser tido por "um dos primeiros poetas brasileiros, e, portanto, uma glória portuguesa", como o conceituou o notável dramaturgo português, D. João da Câmara, que lhe prefaciou o volume *Poesias*, onde se encontram dos seus melhores versos. Dêsse poeta diz Ronald de Carvalho: "Raimundo é um pintor admiravel da nossa païsagem, um exquisito impressionista, que reflete, com um sentimento delicioso, a sombra e a luz da terra brasileira". Raimundo Corrêa pertencia a Academia Brasileira de Letras.

VOCABULÁRIO

Agitar (v.): perturbar, alvoroçar, abalar.

Alvacento (adj.): alvadio, esbranquiçado.

Banhar (v.): mergulhar em líquido, cobrir de líquido, regar, umedecer, molhar, correr (um rio) junto de; inundar.

Bosque (subst.): arvoredo basto e extenso; mata, selva.

Brando (adj.): suave, meigo, carinhoso; baixo; tolerável; clemente.

Caçada (subst.): ato de procurar ou perseguir animais para matá-los ou apanhá-los vivos; os animais caçados ou caça.

Cavalgada (subst.): grupo de pessoas a cavalo.

Confuso (adj.): indistinto, indeciso, que não se discrimina bem; hesitante, perplexo; desordenado; vexado, corrido.

Embalsamado (part. pas. de *embalsamar* e adj.): preparado (o cadáver) para não se corromper; aromatizado, perfumado; balsâmico, fragrante.

Estalar (v.): crepitar, ressoar como objeto que se parte; quebrar-se, partir-se; rachar; rebentar.

Estranho (adj.): singular, exquisito, não comum; estranjeiro; alheio; esquivo.

Estremecer (v.): fazer tremer, sacudir, abalar; amar com ternura; tremer subitamente; assustar-se; vibrar.

Estrépito (subst.): estrondo, estrompido, estrupido, tropel, tropeada.

Fidalgo (subst. e adj.): indivíduo que tem título nobi-

liárquico; nobre; generoso, galhardo, gentil, leal.

Límpido (adj.): puro, transparente, imaculado, diáfano, cristalino.

Longínquo (adj.): distante, remoto, afastado, apartado.

Mácula (subst.): mancha, nódoa; labéu, ferrete; desar, desdoiro, infâmia.

Remanso (subst.): quietação, sossêgo, paragem, lugar retirado e quieto, água estagnada.

Solitário (adj.): êrmo, deserto, vazio, insulado; (subst.): o que vive no êrmo, ermitão, eremita, monje; joia em que só há engastada uma pedra.

Soturno (adj.): tristonho; pavoroso; tôrvo, medonho no aspeto; sombrio; desagradável.

Trompa (subst.): instrumento de sôpro, curvo e afunilado, buzina.

QUESTIONÁRIO. Que descreve o poeta? Como está a estrada e que há nela? Que é que se ouve além aproximando-se? Que cavalgada é essa? Como veem os fidalgos? Que tocam? Que fazem as trompas? E o bosque? Que acontece com o estrepito da cavalgada? Que sucede depois? Qual o mérito do soneto?

ORTOGRAFIA. Nomes terminados em *s* e *z*. Grafam-se com *z* final: 1.º) os monossílabos fortes: *paz, vez, giz, voz, luz*, excéto *nós* e *vós* (pronomes) *bis, cós, crás, grés, gris, lis* (= lírio: *flor-de-lis*), pus (verbo pôr e substantivo), *jus, mês, quís* verbo *querer*), *rás* (arrás: *pano de rás*), *rés* (*ao-rés-de*), *sus* (interj.), *tês*, três e os plurais dos monossílabos com vogal acentuada: *pá-pás, pé-pés, dó-dós, nu-nus*. 2.º) terminam tambem em *z* os oxítonos de duas ou mais sílabas: *rapaz, rudez, feliz, atroz, lapuz, Tomaz, Garcez, Taiz, Queiroz, Queluz*.

Exceções: a) escrevem-se com — *s* os nomes gentílicos e os adjetivos que indicam origem ou lugar de morada terminados em — *ês*: *francês, japonês, camponês, cortês, montanhês, montês, pedrês*, assim como *freguês;* b) os nomes próprios *Jesús* e *Paris*; c) os oxítonos com a terminação — *és* (com *é* aberto): *através, envés, convés, revés;* d) os vocábulos: *aliás, ananás, atrás, após, arnês, detrás, gilvás, obús, país;* e) as 2.as pessoas do futuro imperfeito do indicativo: *amarás, verás*, etc.

HOMÓNIMOS. *Banha* (subst.) e *banha* (v.); *silêncio* (substantivo) e *silencio* (v.); *além* (adv.) e *alem* (v.); *vão* (subst.), *vão* (adj.) e *vão* (v.); *estrépito* (subst.) e *estrepito* (v.).

PARÓNIMOS. *Estalar, estralar* o *estrelar*.

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *solitário, confuso, longínquo, aproximar, agitar, remanso, centro, silêncio.*

COGNATOS. Dar os das palavras: *cavalgada, luz, solitário, som, estranho, fidalgo, remanso, estrépito, silêncio.*

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar substantivos qualificáveis por: *solitário, confuso, brando, longínquo, estranho, alegre, soturno, límpido, alvacento.* Procurar adjetivos aplicáveis aos substantivos: *lua, estrada, silêncio, cavalgada, caçada, trompa, bosque.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *galopar, cantar, soar, agitar, estalar, estremecer, aumentar, perder, banhar.*

ANÁLISE. Indicar os advérbios e as locuções verbais. Analisar sintaticamente o 1º e o 2.º quartetos.

COMPOSIÇÃO. Descrever uma caçada.

V — PAISAGEM ALPESTRE

AFONSO ARINOS

A estrada corre a meia encosta, e, de um lado e do outro, vê-se a natureza convulsionada: enormes penhas escuras, espalhadas a-cavaleiro do caminho, parecem avançar ameaçadoras; algumas já ruíram no meio do horroroso fracasso, e outras caminham lentamente, para ganhar impulso que as precipite no algar ao fundo

Pequenos troncos enfezados, retorcidos, parecem em desespêro aos aproches da luta pavorosa.

Nas suturas das rochas, pelas brechas dos lançantes, esorrem teimosos fios d'água que vão delindo a rigidez

dos blocos e filtrando-lhes no imo a fúria com que arremetem uns contra os outros.

.....

Os líquenes (1) e os fetos bravos riem-se das pobres árvores amedrontadas; trepam pela escama dos penedos, agarram-se a êles como insetos daninhos e viçam e triunfam e desafiam a ira dos pétreos monstros, certos de que, ainda quando esmagados, crescerão de novo, de novo receberão o orvalho da noite.

(Pelo Sertão)

Afonso Arinos de Melo Franco. Nasceu em Paracatú (Minas Gerais), a 1 de maio de 1868 e faleceu em Barcelona, a 19 de novembro de 1916. Doutorou-se na Faculdade de direito de S. Paulo em 1889. Naquela capital dirigiu o *Comércio de São Paulo*, de 1889 a 1898. Foi membro da Academia Brasileira de Letras e professor do Ginásio Mineiro. A sua obra-prima — *Pelo Sertão* — é uma coleção de contos e de quadros, onde pinta, com estílo colorido e forte, o interior brasileiro. A êle também pertencem *Os Jagunços*, novela sertaneja, em que narra a campanha de Canudos, e *O Mestre de Campo*. Sôbre Arinos assim se exprime Ronald de Carvalho: "E' um sertanista admirável, que em meia dúzia de novelas disse mais e melhor das cousas e dos homens do interior brasileiro, do que uma consideravel porção de obras científicas e históricas, penosamente arrancadas a arquivos esquecidos." Merece ser lido o ensaio de Tristão de Ataíde sôbre a obra de Afonso Arinos.

---

(1) Os nomes terminados em *-en*, pronunciado *-ene*, tomam *-es* no plural; *certamen, certâmenes, canon, cânones, espécimen, especímenes, líquen, líquenes.*

VOCABULÁRIO

A-cavaleiro (loc. adv.) em lugar eminente, acima.

Algar (subst.): precipício, despenhadeiro, abismo; caverna, gruta.

Alpestre (adj.): relativo aos Alpes ou às montanhas; (fig.): áspero, bravio, escabroso.

Ameaçador (adj.): que promete perigo, minaz.

Aproches (subst.): aproximação. Nêsse sentido é galicismo escusado, mas no de "trabalhos de entrincheiramento para facilitar aos sitiantes o aproximar-se da praça assediada" foi usado por Vieira, Bernardes e outros clássicos" Os *aproches* se apertam com grandissimo rigor" (Vieira, Cartas); "Permitiu Deus... tal instância dos *aproches* do tentador contra êste solitário" (Bern., N. Fl., V, 36).

Arremeter (v.): atacar com fúria, investir, acometer. Usa-se êste verbo ou como transitivo direto ou como relativo, regido de *a, com, contra*.

Bloco (subst.): penedo, barrôco, maciço, mole. E' galicismo.

Brecha (subst.): rotura, fenda; depressão, quebrada.

Convulsionado (part. pas. de *convulsionar*): subvertido, abalado, deslocado.

Daninho (adj.): nocivo, prejudicial, danoso.

Delir (v.): apagar, desfazer, destruir.

Desafiar (v.): chamar a combate, provocar, arrostar, reptar.

Encosta (subst.) vertente de monte, pendor, declive, ladeira.

Enfezado (adj. e part. pas.): raquítico, atrofiado, que não se desenvolveu.

Esmagar (v.): quebrar, triturar, moer, despedaçar.

Feto (subst.): planta criptogâmica foliácea, da qual a samambaia é tipo.

Fracasso (subst.): estrondo de cousa que se despedaça ou rue, fragor, ruína; desastre, mau êxito, malôgro.

Imo (subst.): o íntimo, o âmago, o mais fundo de alguma cousa.

Impulso (subst.): ímpeto, aceleração, empurrão; estímulo, incentivo.

Lançante (subst. Brasileirismo): declive de monte, cochilha ou cêrro.

Líquen (subst.): planta criptogâmica, intermediária entre as algas e os cogumelos.

Monstro (subst.): ser anômalo, prodígio, assombro; colosso; pessoa muito má; animal muito grande e feroz.

Pavoroso (adj.): que faz mêdo, medonho, tremendo, horrível.

Penedo (subst.): pedra grande, penhasco; fraga, pedregulho, calhau.

Penha (subst.): rochedo, penhasco.

Pétreo (adj.): de pedra; duro como pedra.

Precipitar (v.): arrojar, lançar do alto; apressar; —*se*: atirar-se a um precipício; apressar-se.

Rigidez (subst.): dureza, rijeza, aspereza.

Ruir (v.): cair com ímpeto, desmoronar-se, despenhar-se, desabar.

Sutura (subst): junção, juntura; articulação de dois ossos que se engranzam.

Triunfar (v.): vencer pelas armas; gloriar-se; alcançar vitória, ficar vencedor.

Viçar (v.): crescer, desenvolver-se, vicejar; medrar; mostrar fôrça e pujança.

QUESTIONÁRIO. De que trata o escritor? Onde corre a estrada e que se nota de cada lado? Como são as penhas? Que fazem algumas delas? Que mais se observa? Que é que escorre nas suturas das rochas? Que fazem êsses fios d'água? Por quê diz o escritor que os fetos e os líquenes se riem das árvores amedrontadas? Que mais fazem êles?

ORTOGRAFIA. Palavras em que existe o grupo medial — sc: *ascender, asceta, ascensão, ascídia, crescer, descegar, descender, descentralizar, descentrar, descepar, descer, descercar, decifrar, descingir, discente, disceptação, discernir, disciplina, discípulo, discissão, fasces, fasciculo, fascinar, fescenino, fiscela, florescer, fuscina, lascivo, miscelânea, miscível, muscíneo, nascer, obsceno, oscilar, pascer, pascigo, pisceo, piscicultura, piscina, poscênio, proscênio, suscitar, susceptível,* etc., e todos os cognatos dêsses vocábulos. O sufixo incoativo — *escer*, ora aparece com *sc*, ora só com *c*: *aparecer* e *turgescer*. Dever-se-ia uniformizá-lo, escrevendo sempre — *ecer*: *florecer, verdecer, enriquecer,* etc.

HOMÔNIMOS. *Encosta* (substant.) e *encosta* (v.); *meia* (subst.) e *meia* (adj.); *desespêro* (subst.) e *desespero* (v.); *luta* (subst.) e *luta* (v.).

PARÔNIMOS. *Lado* e *lato; espalhar* e *espelhar; certo* e *cerdo*.

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *convulsionado, escuro, avançar, ameaçador, enfezado, luta, delir, rigidez, daninho*.

COGNATOS. Dar os das palavras: *natureza, escuro, ruir, horroso, fundo, luta, rocha, fúria, viçar, ira, certo, novo*.

ANÁLISE. Citar os pronomes pessoais, relativos e indefinitos existentes no trecho, assim como os verbos transitivos e intransitivos. Analisar sintaticamente o 1.º período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar adjetivos aplicáveis aos substantivos:

encosta, penha, impulso, algar, luta, fúria, monstro. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *escuro, enfezado, teimoso, bravo, pétreo.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *avançar, ruir, ganhar, delir, arremeter, desafiar.* Indicar alguns advérbios e locuções adverbiais que convenham a êsses mesmos verbos.

COMPOSIÇÃO. Descrever uma excursão a uma serra ou a um sítio alpestre.

VI — VILA-RICA

OLAVO BILAC

O ouro fulvo do ocaso as velhas casas cobre;
Sangram, em laivos de ouro, as minas que a ambição
Na torturada entranha abriu da terra nobre:
E cada cicatriz brilha como um brasão.

O ângelus plange ao-longe em doloroso dobre.
O último ouro do sol morre na cerração.
E austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,
O crepúsculo cai como uma extrema-unção.

Agora, para além do cêrro, o céu parece
Feito de um ouro ancião que o tempo enegreceu...
A neblina, roçando o chão, cicía em prece,

Como uma procissão espectral que se move...
Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...
Sôbre a triste Ouro Preto o ouro dos astros chove.

(Tarde)

Olavo Bilac, considerado com razão o príncipe dos poetas brasileiros, viu a luz no Rio de Janeiro, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu na mesma cidade, aos 28 de dezembro de 1918. Freqüentou a Faculdade de Medicina do Rio e depois a Faculdade de Direito de S. Paulo. Foi inspetor escolar no Distrito Federal e depois funcionário do Ministério do Exterior. Bilac é um dos artistas mais perfeitos da nossa raça, que cinzelava os seus versos com o primor requintado de um joalheiro. De uma emotividade exquisita e de uma inspiração genial, logrou em todas as suas poesias naturalidade, singeleza e correção. Como prosador não são menos apreciáveis os seus dotes de estílo. Colaborou em vários jornais e revistas — *Gazeta de Notícias, O Combate, A Cigarra, A Bruxa* etc. Como orador era fluente e fascinante. Escreveu em verso: *Panóplias, Via Láctea, Sarças de Fogo* e *Poesias Infantis, Tarde* (obra póstuma), e em prosa: *Crítica e Fantasía, Conferências Literárias, Ultimas conferências e discursos, Ironia e Piedade*, e de colaboração com Coelho Neto, *Contos Pátrios, Teatro Infantil* e *Patria Brasileira*. Alguns anos antes de sua morte, encetou, com ardor de apóstolo, a obra da *Defesa Nacional*, realizando notáveis conferências em que manifestava o seu férvido patriotismo. Foi membro da Academia Brasileira.

VOCABULÁRIO

Ambição (subst.): desejo imoderado de riqueza, de glória, de poder; aspiração, avidez, cobiça.

Amortalhar (v.): vestir o cadaver; cobrir com alguma cousa semelhante a mortalha ou sudário.

Ancião (subst.): pessoa de idade avançada, homem velho e venerando; (adj.): antigo, velho, falando-se de cousa (arcaismo neste caso). Plural: modernamente *anciãos* e *anciães*.

Angelus (subst. E' palavra latina): as Ave-Marias, as Trindades, prece que se faz à Virgem, de-manhã, ao meio-dia e à tardinha.

Astro (subst.): corpo celeste em geral, estrêla; (fig.): pessoa notável pelo talento, saber, virtude, formosura.

Austero (adj.): severo, duro de caráter; sério, grave; sombrio, escuro, carregado.

Brasão (subst.): insígnias das famílias nobres, distintivos de fidalguia.

Cerração (subst.): nevoeiro denso.

Cêrro (subst.): colina, têso, outeiro.

Cicatriz (subst.): sinal ou vestígio de ferida que se fechou, gilvaz.

Ciciar (v.): sussurrar brandamente (como a rama das árvores); sibilar ou falar baixinho, murmurar, segredar.

Dirceu (subst. próprio): pseudônimo de Tomaz Antônio Gonzaga, o apaixonado cantor de Marília.

Dobre (subst.): toque de sino; (adj.): dobrado, fingido.

Doloroso (adj.): dorido, que causa dôr, mágoa, tristeza; magoado.

Entranha (subst., mais usado no plural: *entranhas*): víscera; a parte interior, as profundezas (da terra e do mar); índole, caráter.

Espectral (adj.): de fantasmas, de sombras, de espectros; o que pertence ou se refere aos espectros.

Extrema-unção (subst. comp.): o 5.º sacramento da Igreja, a unção feita aos moribundos.

Fulvo (adj.): de côr amarela tostada; louro, dourado.

Glorioso (adj.): insigne, assinalado, célebre, famoso.

Laivo (subst.): veio, pinta, mancha, nódoa.

Mina (subst.): excavação no seio da terra para se extraírem minerais; manancial de riquezas; cavidade com pólvora para que, explodindo, destrua o que está em cima; galeria subterrânea, principalmente a que é aberta pelos sitiantes de uma praça.

Neblina ou nebrina (subst.): nevoeiro, névoa espêssa e baixa, garoa.

Nobre (adj.): ilustre; gentil; majestoso, elevado, digno de estima, famoso.

Ocaso (subst.): o poente, o declinar do dia; (fig.): declínio, decadência.

Planger (v.): soar com voz lamentosa e triste.

Prece (subst.): oração, reza, súplica.

Procissão (subst.): desfile, série de pessoas caminhando umas atrás das outras, principalmente em manifestação do culto externo.

Roçar (v.) cortar rente; passar junto de, resvalar de leve; (Brasil): abater mato.

Sangrar (v.): extrair sangue; verter sangue; (fig.): extrair qualquer líquido, qualquer produto natural líquido (— uma árvore); (intransitivamente): verter sangue; dilacerar-se.

Soluçar (v.): dar ou soltar soluços; dizer por entre soluços; suspirar. Ver pag. 41.

Torturar (v.): atormentar, afligir; rasgar, lacerar.

Urbe (subst.): cidade. E' termo poético.

Verso (subst.): reünião de sílabas dispostas segundo certa medida e cadência; composição poética; poesia.

Vila-Rica (subst. prop.): antigo nome de Ouro Preto, capital da capitania e depois da província de Minas-Gerais, e centro importante de mineração aurífera.

QUESTIONÁRIO. Que descreve o poeta? Que diz êle no 1.º quarteto? E no 2.º? Por quê compara êle o crepúsculo com uma extrema-unção? Que dá a entender em cada um dos dois tercetos? Quais as imagens mais belas do soneto? Que idéa geral ressalta dêle?

ORTOGRAFIA. Palavras iniciadas com *ce-* e com **ci-**: *ceia, cebola, ceder, cêdo* (adv.), *cedro, cédula, cego, cegonha, celeste, celeuma, ceifa, ceitil, célebre, célere, celha, celibato, cela* (*cubículo*), *celeiro* (granel), *celso, celerado, celta, cem, cena, cenáculo, cenário, cenho, cênico, cenóbio, cenoura, cênso, censura centi...* (prefixo), *centro, céptico cepticismo, céu, céfalo* — (elem. grego), *cêpo, cera, cerâmica, cérebro, cêrca, cercar, cerce, cerda, cereal, cereja, cerne, cerração, cerrar, cêrvo, certo, cervo* (*veado*), *cerveja, Cesar, cessar, cêsto, cesto, cesta, cétro, cevar, cibório, cicatriz, Cicero, ciciar, cicuta, cidade, cidra, ciência, cifra, cigano, cigarra, cigarro, cilada, cilha, cilhar, ciliar, cilício, cima, cimeira, cimo, cimalha, cimento, cimitarra, cinábrio, cincar, cincerro, cinco cindir, cinema, cinerário, cingir, cíngulo, cinta, cintilar, cinza, cinzel, cioso, cipó, cipo, ciranda, circo, circúito, circum-* (prefixo), *cirio, cirro, cirurgia, cis-* (prefixo), *cisão, cisco, cisma, citar, citerior, ciume, civil, cizânia, cisne.* Todos os cognatos dessas palavras conservam o *c* dos primitivos.

HOMÔNIMOS. *Casas* (subst.) e *casas* (v.); *cobre* (subst.) e *cobre* (v.); *entranha* (substant.) e *entranha* (v.): *minas* (subst.) e *minas* (v.); *dobre* (subst.), *dobre* (adj.) e *dobre* (v.); *cêrro* (subst.), *cerro* (v.) e *serro* (v.); *cerração* (subst.) e *serração* (subst.); *extrema* (subst.), *extrema* (adj. fem.) e *extrema* (v.).

PARÔNIMOS. *Cecear* e *ciciar*.

NOTA. Os vocábulos com o mesmo sentido que variam ligeiramente na fórma chamam-se *sincréticos*, como *neblina* e *nebrina, ouro* e *oiro, taverna* e *taberna*.

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *ambição, entranha, velho, nobre, doloroso, austero, glorioso, pobre, torturar, abrir planger, enegrecer, mover-se*.

COGNATOS. Dar os de: *nobre, amortalhar, glorioso,*

crepúsculo, tempo, verso, astro.

ANÁLISE. Indicar todos os proparoxítonos, todos os verbos e conjunções que há no soneto. Analisar sintàticamente os dois quartetos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar adjetivos aplicáveis aos substantivos: *ouro, ambição, cicatriz, dobre, crepúsculo, cêrro, neblina, procissão, astro.* Procurar substantivos qualificáveis por: *fulvo, nobre, austero, glorioso, espectral.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *sangrar, planger, cair, enegrecer, roçar, ciciar, dobrar, abrir.*

COMPOSIÇÃO. Descrever uma cidade.

VII — MATA VIRGEM

COELHO NETO

Selva augusta! de velhos troncos intactos, jamais feridos pelo gume dos ferros. Galhos caíam encanecidos de musgos, folhas acumulavam-se no solo macio e fôfo, amarelecidas, encarquilhadas, sob a proteção da imensa abóbada dos ramos sempre verdes, e a vida continuava, num renovamento perene, a podridão fecundava a primavera; a fôlha que se convertia em lama ressurgia em seiva; um flúido vital corria ininterruptamente, rejuvenescendo a floresta.

Brotavam flores em árvores centenárias, e pelos troncos vetustos, quási apodrecidos, renovos apontavam de fôlhas tenras, já abotoando, lianas cruzavam-se, em cordoalhas grossas, de uma árvore a outra, filandras caíam, em chuvas de ouro, franjando garridamente os galhos, e parasitas em flor arrecamavam jequitibás severos. À-tona-de uma lagoa, coalhada de mururé, insetos

voavam em lúcido bando, e nimbos de luz fulguravam n'água dormente, como nelumbos de ouro. Aves penserosas, tristonhas, num pé só, miravam a lagoa imóvel. Nos altos ramos, araçarís chocarreiros taralhavam, e de quando em quando, num vôo pesado, uma arara atravessava o labirinto da folhagem com um grito agudo que repercutia.

(Sertão)

Henrique Maximiano Coelho Neto. Nasceu no Maranhão em 1864. Estudou humanidades no colégio de Pedro II, cursando em seguida a Faculdade de Medicina do Rio e três anos da Faculdade de Direito de S. Paulo. Foi professor de literatura no Ginásio de Campinas (S. Paulo) e depois do Colégio de Pedro II, a que ainda pertence como professor em disponibilidade. Já representou o seu Estado natal na Câmara dos Deputados. Coelho Neto é um dos escritores mais notáveis do Brasil contemporâneo, assim pela sua fecundidade e imaginação como pelas suas raras aptidões artísticas. Sua prosa é castigada, servida por vocabulário opulentissimo, sonora e viva. Filiado á escola naturalista, de cujos defeitos ás-vezes se ressente, Coelho Neto é um paisagista exímio de nossa terra e um analista arguto da nossa gente e da nossa vida, mòrmente do sertanejo humilde e desdenhado. Tem escrito romances, novelas, contos, peças teatrais, crônicas. Entre as suas principais obras citam-se: *Sertão, Água de Juventa, Inverno em flor, A bico de pena, A Tormenta, Rei Negro, Romanceiro, Fabulário, Jardim das Oliveiras, Esfinge, A Conquista, Treva, Banzo, Turbilhão, O meu dia, As Sete Dores de N. Senhora, Baladilhas, Pastoral, Ás Quintas, Vida Mundana, Capital Federal, Seara de Rute, Saldunes, Rapsódias, Apólogos* e *Mistérios do Natal* (contos para crianças) e de colaboração com Olavo Bilac, *Teatro Infantil, Contos Pátrios, Pátria Brasileira*, etc. E' membro da Academia Brasileira.

VOCABULÁRIO

A'-tona-de (loc. prep.): á-flor-de, na superfície de.

Abóbada (subst.): teto arqueado, cobertura côncava no interior e convexa no exterior.

Araçarí (subst.): ave trepadora da América.

Arrecamar ou recamar (v.): bordar em relêvo; ornamentar, revestir ornando.

Augusto (adj.): respeitável, grandioso, majestoso, venerando.

Centenário (adj.): de cem anos, secular; (subst.): período ou transcurso de cem anos; pessoa com cem anos.

Chocarreiro (subst.): o que diz chocarrices, bobo, truão, bufão; (adj.): chalaceador, que provoca o riso, ridículo.

Cordoalha (subst. coletivo): conjunto de cordas de várias espécies, cordame; cordoaria.

Dormente (adj.): que dorme, quieto; parado, estagnado; entorpecido; (subst.): travessa em que se assentam os trilhos ou carris.

Encanecido (part. pas. de *encanecer*): embranquecido (falando do cabelo); que tem cãs; grisalho; velho, branco (cabelo, barba, etc.).

Encarquilhado (part. pas. de *encarquilhar*): enrugado, engelhado.

Fecundar (v.): tornar produtivo; vitalizar, fertilizar.

Filandra (subst.): fios compridos e finos.

Flúido (subst.): corpo cujas moléculas tendem a separar-se, como os líquidos e os gazes; (adj.): que corre como os líquidos e os gazes; (adj.): que corre como líquido fluente; claro, brando.

Fulgurar (v.): brilhar intensamente (como o raio), fulgir, relampejar, fuzilar.

Garrido (adj.): vistoso, de côres vivas, loução, alegre; janota, casquilho, taful. *Garridamente* (adv.): de modo garrido, com garridice.

Gume (subst.): o lado cortante de um ferro, (espada, faca, foice, etc.).

Jequitibá (subst.): grande árvore americana.

Labirinto (subst.): construção inextricável, repartida de tal modo que é difícil dela sair, dédalo; confusão, tumulto, caos.

Liana (subst. Galicismo inútil): cipó, enrediça, planta trepadeira ou sarmentosa.

Lúcido (adj.): que luz ou brilha, brilhante, luzente; claro, luminoso (falando-se do espírito ou da inteligência).

Mirar (v.): fitar em, olhar, contemplar; aspirar a, colimar; — *se*: ver-se no espêlho, rever-se.

Mururé (subst.): planta aquática, parecida com o nenúfar.

Nelumbo (subst.): planta ninfeácea da Ásia e da América, do tipo do nenúfar.

Nimbo (subst.): chuva leve; nuvem pluviosa; auréola, resplandor.

Penseroso (adj. Italianismo escusado): pensativo, meditativo.

Perene (adj.): perenal, perpétuo, contínuo, eterno, que dura sempre.

Rejuvenescer (adj.): tornar outra vez jovem, remoçar; renovar (-se).

Renôvo (subst.): brôto, rebento, gomo, vergôntea.

Repercutir (v.): refletir, reenviar (o som), ecoar.

Seiva (subst.): líquido que as raízes sorvem no solo para nutrir a planta; sangue; elemento vital; fôrça, vigor, viço.

Selva (subst.): floresta, mata, brenha; grande quantidade de cousas.

Severo (adj.): rígido, austero, sóbrio; grave, sério.

Taralhar (v.): pipilar, piar.

Tenro (adj.): novo, delicado, macio, viçoso.

Vetusto (adj.): muito velho, anoso; respeitável pela idade.

Vital (adj.): que se refere à vida, que serve para a vida: fundamental, essencial.

QUESTIONÁRIO. De quê se trata? Como eram os galhos, os troncos, as fôlhas caídas? Onde se acumulavam estas? Que cousa continuava num renovamento perene? Por quê? Que se diz da podridão das fôlhas? Onde brotavam flores e apontavam renovos? Que se diz dos cipós e das filandras? Que se via à tona de uma lagoa? A quê se compáram os nimbos de luz? Que é que mirava a lagoa? Como estavam essas aves? Que havia nos altos ramos? Que é que atravessava o labirinto da folhagem? Que idéia geral se tira do trecho lido?

ORTOGRAFIA. Citar 20 pavras usuais em que haja o grupo *sc*.

HOMÔNIMOS. *Augusto* (subst prop.) e *augusto* (adj.); *Vital* (subst prop.) e *vital* (adj.); *vôo* (subst.) e *vôo* (v.); *grito* (subst.) e *grito* (v.).

PARÔNIMOS. *Augusto* e *angusto*, *selva* e *silva*, *gume* e *cume*.

ANTÔNIMOS. Dar os das pavras: *augusto*, *jámais*, *acumular*, *macio*, *fôfo*, *imenso*, *continuar*, *renovamento*, *perene fecundar*, *vetusto*, *pensativo*, *chocarreiro*.

COGNATOS. Dar os de: *selva*, *encanecer*, *ramo*, *verde*, *luz*, *ave*, *mirar agudo*.

ANÁLISE. Indicar os monossílabos tônicos e atônicos; todos os substantivos concretos, adjetivos qualificativos, adverbios e locuções adverbiais. Analisar sintàticamente o 1.º e o 2.º períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar adjetivos aplicáveis a: *selva*, *tronco*, *gume*, *abóbada*, *primavera*, *fôlha*, *grito*. Achar substan-

tivos qualificáveis por: *intacto, encanecido, perene, vital, vetusto, lúcido, tristonho, agudo*. Formar frases diversas com cada um dos verbos: *fecundar, brotar, cruzar, cair, franjar, fulgurar, mirar, repercutir*.

COMPOSIÇÃO. Descrever uma floresta.

VIII — INFANTILIDADE

ARTUR AZEVEDO

Que reboliço vai em casa de Marieta!
E' que fugiu Mignonne, (1) a gata favorita,
E tanto chora e chora a pobre pequenita,
Que o papai manda pôr anúncio na gazeta

Da vizinhança alguêm, com ôlho na gorjeta,
A trânsfuga encontrou, que andava de visita
Ao demo de um maltês filósofo que habita
De um canto de fogão a cálida saleta.

Marieta, ao ver Mignonne, estende-lhe os bracinhos,
Dá-lhe um banho de amor em beijos e carinhos,
Nervosa, a soluçar, e, ao mesmo tempo, a rir.

E entre afagos lhe diz: "Senhora, foi preciso
Pôr um anúncio! Veja o que é não ter juizo!"
E todo o anúncio lê para Mignonne ouvir...

Artur Azevedo nasceu em S. Luíz do Maranhão em 1855 e faleceu no Rio de Janeiro em 1908. Foi alto funcionário

(1) Pronuncie-se *Minhone*.

do Ministério da Agricultura. De talento fácil e fecundo, desenvolveu larga atividade literária, escrevendo em prosa e verso, como jornalista, contista e principalmente comediógrafo. Cultivou, porêm, de preferência o gênero dramático, legando-nos dramas — *Anjo de vingança, O escravocrata* (êste de colaboração com Urbano Duarte) —, comédias — *O Badejo, Amor por anexins, Casa de Orates, A Vespera de Reis, A pele do lobo, O Dote, A Joia, A Almanjarra,* etc., nas quais pinta, com verdade e fino humorismo, os costumes populares. Além disso compôs operetas, paródias (*A donzela Teodora, A Princesa dos Cajueiros, A Filha de Madama Angu*) e introduziu entre nós a *revista,* novo gênero teatral, em que, com um entrecho jocoso, se criticam os sucessos do ano: *O Mandarim* (de colaboração com Moreira Sampaio), *O Major* e outras. Traduziu do francês *Sganarelo* e *Escola dos Maridos,* de Molière, e também *Niniche, Primeiras proezas de Richelieu, Casadinha de fresco,* etc. *Contos fora da moda, Contos possíveis* e *Contos efêmeros* são os três volumes que encerram as historietas dêste autor. Deixou também dois livros de versos, líricos e sátiricos. Foi grande crítico teatral e pertenceu à Academia Brasileira de Letras.

VOCABULÁRIO

Afago (subst.): veja-se abaixo *carinho*.

Cálido (adj.): quente (temperatura); ardente, sanguíneo, (temperamento); ardoroso, caloroso.

Carinho (subst.): carícia, meiguice, mimo, afago.

Favorito (adj. e subst.): predileto, preferido, o mais estimado; valído.

Filósofo (subst.): amante da sabedoria; o que estuda os princípios e as causas gerais e supremas das cousas; incrédulo, livre-pensador; o que se retira do mundo e o despreza; homem desleixado ou sereno.

Gazeta (subst.): publicação periódica de notícias, políticas, literárias, científicas, sociais; jornal.

Gorjeta (subst.): dinheiro dado para beber, remuneração que se dá, além do prêço ajustado, a quem serviu.

Infantilidade (subst.): criancice, cousa própria de criança, ingenuidade, simplicidade.

Juízo (subst.): capacidade intelectual, siso, bom senso; ato de julgar; tribunal em que se decidem litígios; modo de pensar, prognóstico.

Maltês (adj.): natural da ilha de Malta, no Mediterrâneo, ou a ela relativo. *Gato* —: gato cinzento grande.

Reboliço (subst.): agitação, alvoroço, movimento, balbúrdia.

Soluçar (v.): dar ou soltar soluços; dizer por entre soluços. *Soluço* é uma contração espasmódica do diafragma, seguida de um movimento distensivo, pelo qual o pouco ar entrado é expelido ruïdosamente.

Trânsfuga (subst.) aquele que na guerra se bandeia para o inimigo; desertor; (fig.): fugitivo, fujão.

QUESTIONÁRIO. Que há em casa de Marieta? Por quê êsse reboliço? Que faz a pequenita? E o pai dela? E alguêm da vizinhança? Por quê êsse alguêm encontrou a fugitiva? Por quê fugira a gatinha? Que fez Marieta ao vê-la de-novo? Que impressão geral dá o soneto?

ORTOGRAFIA. Em geral, grafam-se com *ç* as palavras terminadas em *-iça, -iço, -uço*: *cobiça, dobradiça, justiça, preguiça, rabiça, assustadiço, enfermiço, fugidiço, reboliço, buço, chuço, dentuço*, etc. Exceções: *missa, pitonisa, isso, comisso, compromisso, remisso, submisso, inconcusso, russo* (da Rússia).

HOMÔNIMOS. *Canto* (subst.) e *canto* (v.); *banho* (subst.) e *banho* (v.); *anúncio* (substant.) e *anuncio* (v.); *soluço* (subst.) e *soluço* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *chorar, cálido, dar, amor, carinho, ser preciso, juízo*.

ANÁLISE. Citar todos os trissílabos proparoxitônicos e paroxitônicos, todos os pronomes e preposições existentes no soneto. Analisar sintàticamente o 1.º e 2.º quartetos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar adjetivos aplicáveis a: *gato, gazeta, visita, filósofo, afago, juízo*. Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *favorito, maltês, cálido, nervoso*. Formar frases diversas com cada um dos verbos: *fugir, chorar, estender, dar, dizer*. Achar advérbios e locuções adverbiais que possam modificar esses mesmos verbos.

COMPOSIÇÃO. Desenvolver em prosa, sob forma de historieta, a narração contida no soneto estudado.

IX — ENTARDECER

JOSÉ DE ALENCAR

O sol tramontava.

As sombras das colinas do poente desdobravam-se pelos campos e várzeas e cobriam a rechã com êsse candor da tarde, que, em vez da alegria da alva matutina, tem o desmaio, a languidez e a melancolia da luz que expira.

Por aquelas devesas já envoltas no umbroso manto, só se destacam as copas das árvores altaneiras, ainda imergidas nos fogos do arrebol e que, de-longe, parecem as chamas de um incêndio, rompendo, aquí e alí, do seio da mata.

O gado espalhado pelas várzeas solta os profundos mugidos com que se despede do sol e que se propagam pelo êrmo, como os carpidos da natureza ao sepultar-se nas trevas.

Respondem as vacas nos currais, e os bezerros misturam os seus berros descompassados com os balidos das ovelhas e borregos, também já recolhidos ao aprisco.

E das matas reboa o surdo estridor em que se condensam os cantos de todos os pássaros e o grito de todos os animais, para formar a grande voz da floresta, que se exala, sobretudo nessa hora abafada e sombria, das espêssas abóbadas de verdura.

No meio, porém, dêsse concêrto e do borborinho que ainda levanta a labutação diária, atravessava o espaço uma nota dorida, plangente, ressumbro de saudade infinita. Si a alma da solidão se fizesse mulher, ela não tiraria do seu mavioso seio um suspiro tão melancólico e tocante como o arrulho da jurití ao cair da noite.

(O Sertanejo)

José Martiniano de Alencar nasceu em Fortaleza (Ceará) em 1829. Freqüentou a Faculdade de Direito de S. Paulo e a de Olinda. Professou *Direito mercantil* no Instituto Comercial, foi deputado em várias legislaturas e fez parte do gabinete de 18 de julho de 1868 como ministro da Justiça. Jurisconsulto, poeta, jornalista, parlamentar, romancista e dramaturgo, Alencar é uma das figuras mais relevantes da literatura brasileira. Dotado de estilo admirável, de extraordinário poder expressional, de fina sensibilidade estética, excelliu como pintor da natureza brasílica e como intérprete da corrente idianista. Grande conhecedor do vernáculo, foi, todavia, censurado de não saber português, ao que retrucou mostrando que a língua lusitana trazida para a América, devia transformar-se, originando o dialeto brasileiro. Suas obras principais são: *O Guaraní, Iracema, As minas de prata, Ubirajara, Os filhos de Tupã, Tronco do Ipê, Senhora, Lucíola, Diva,* etc. (romances); *O demônio familiar, Verso e reverso, Mãe* (dramas). Como jornalista, colaborou Alencar no *Jornal do Comércio* e no *Correio Mercantil,* tendo dirigido também, algum tempo, o *Diário do Rio de Janeiro.* Êste grande homem de letras faleceu no Rio de Janeiro, aos 12 de dezembro de 1887.

VOCABULÁRIO

Altaneiro (adj.): muito elevado, sobranceiro; altivo, orgulhoso, altanado, arrogante.

Alva (subst.): primeira claridade da manhã, que precede a aurora; vestimenta eclesiástica de tecido branco; vestidura branca dos condenados.

Aprisco (subst.): curral, redil, malhada, lugar onde se recolhe o gado.

Arrebol (subst.): côr rubra do céu ao nascer e ao pôr do sol.

Arrulho (subst.): canto das rôlas e dos pombos.

Balido (subst.): balado, grito das ovelhas.

Borrego (subst.): cordeiro, carneiro até um ano.

Candor (subst.): candura, alvura, pureza; limpidez.

Carpido (subst.): gemido, pranto, lamento.

Condensar-se (v.): fundir-se, unir-se, reünir-se.

Concêrto (subst.): consonância de vozes ou de instrumentos: composição musical destina-

da a fazer sobressair certo instrumento; sessão musical.

Desmaio (subst.): perda da côr, dos sentidos; palidez, esmaecimento, delíquio.

Destacar (v.): realçar, pôr em relêvo, distinguir; enviar ou fazer partir (um destacamento).

Devesa (subst.): tapada, mata ou arvoredo, souto.

Êrmo (subst.): lugar solitário, despovoado; descampado, deserto, solidão; (adj.): despovoado, deserto.

Estridor (subst.): som agudo e áspero, silvo.

Exalar (v.): lançar de si, expandir, efundir, soltar, evolar-se.

Imergido (part. pas. de *imergir*): mergulhado, banhado, afundado, abismado.

Juriti (subst.: espécie de rôla brasileira.

Labutação (subst.): labuta, trabalho penoso, lida, faina, afã.

Languidez (subst.): enfraquecimento mórbido, definhamento, frouxidão, abatimento, morbidez.

Matutino (adj.): relativo á manhã, matinal.

Mavioso (adj.): afetuoso, terno, suave, brando, agradável aos sentidos, principalmente ao ouvido.

Melancolia (subst.): tristeza; hipocondria.

Propagar (v.): multiplicar reproduzindo; espalhar, difundir, disseminar; aumentar, dilatar; — *se*: multiplicar-se, generalisar-se, comunicar-se por contágio.

Rechã (subst.): planura, chapada.

Ressumbro (subst.): ato de ressumbrar ou ressumar, gotejamento; exalação; revelação.

Tocante (adj.): comovente, enternecedor (Neste sentido é galicismo; no sentido vernáculo significa: *relativo a, concernente a*).

Tramontar (v.): esconder-se além dos montes (os astros).

Umbroso (adj.): cheio de sombras, escuro, sombrio

Várzea (subst.): vargem, campina, chã, planície cultivada, veiga.

QUESTIONÁRIO. Que é que se descreve? Que se estende pelos campos e varzeas? Que diz o escritor do "candor da tarde"? Que é que se realça nas devesas já envoltas na sombra? Que se diz do gado nas varzeas? E do gado recolhido nos currais? Que reboa nas matas? Que é que formam o canto dos pássaros e o grito dos animais? Que se ouve mais? Que diz o escritor do canto da juriti? Que impressão geral nos dá o trecho lido?

ORTOGRAFIA. Recordar as regras dadas sôbre acentuação gráfica.

HOMÔNIMOS. *Desmaio* (substantivo) e *desmaio* (verbo); *copa* (v.) e *copa* (subst.); *êrmo* (subst.), *êrmo* (adj.) e *ermo* (v.): *solta* (v.) e *sôl-*

ta (adj. e part. pas.); *concertar* (v.) e *consertar* (*reparar, remendar*, etc); *nota* (subst.) e *nota* (v.); *concêrto* (subst.) e *concerto* (v.) e *conserto* (v.).

PARÔNIMOS. *Defesa* e *devesa*; *borrego* e *burrego*; *emergir* e *imergir*; *fogo* e *foco*.

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *tramontar, candor, alva, matutino, altaneiro, trevas*.

COGNATOS. Dar os de: *sol, sombra, campo, manto, profundo, êrmo, hora, noite*.

ANÁLISE. Indicar todos os verbos transitivos, intransitivos e irregulares que há no trecho. Analisar sintàticamente o 1.º e o 2.º períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos aplicáveis a: *colina, várzea, árvore, arrebol, chama, incêndio, voz, labutação*. Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *profundo, surdo, abafado, infinito, melancólico*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *desdobrar, romper, propagar, exalar, tirar*.

COMPOSIÇÃO. Descrever uma bela tarde.

X — A TEMPESTADE

GONÇALVES DIAS

. . . . . .

II

Os sons da tempestade ao longe escuto!
Concentra a natureza os seus esforços
Primeiro que entre em luta; não lampeja
Invio fogo nos céus; não sopra o vento.
E' tudo escuridão, silêncio e trevas!
Sòmente o mar de soluçar não cessa,
Nem de rugir as ramas buliçosas,
Nem de soar confuso borborinho,
Incompreensível, como que sem causa,
Imenso como o éco de mil vozes
No céu de extensa gruta repulsando.

Silêncio! perto vem a tempestade!
Grávidas nuvens de fatais coriscos,
Sem rumo, como nau em mar desfeito,
Em muda escuridão negros fantasmas,
Indistintos, sem forma, — ondulam, jogam.
Logo poder oculto impele as nuvens,
Atraem-se os castelos tenebrosos,
Embatem-se nos ares, — brilha o raio,
E o ronco do trovão após ribomba.

III

Ruge e brame, sublime tempestade!
Desprende as asas do trovão que enfreias,
Despega os élos do feroz corisco
E as nuvens rasga em rúbidas crateras.
Os fuzís da cadeia temerosa
Desfaze e quebra; e o espaço e as nuvens
Do teu açoite aos látegos bramindo,
Ocupem de pavor o céu e a terra.
Ruge, e o teu poder mostra rugindo;
Que assim por teu influxo me comoves,
Que todo me eletrizas e arroubas!

.....

IV

Enfim descendo, a chuva copiosa
Nuvens, bulcões desfaz; os rios crescem,
De pérolas a relva se matiza,
O céu de puro azul todo se arreia,
Sorrí-se a natureza, e o sol rutila!

(Hinos)

Antônio Gonçalves Dias nasceu em Caxias, Estado do Maranhão, em 10 de agosto de 1823. Cursou humanidades no *Colégio das Artes*, onde logo se extremou de todos os condiscípulos, e formou-se em direito na Universidade de Coímbra. Professou latim e história do Brasil no Colégio de Pedro II, foi oficial da secretaria de estado dos negócios estrangeiros e desempenhou várias comissões importantes na Europa. Cultivou com êxito diversos gêneros literários: o drama em *Boadil, Beatrice de Cenci, Leonor de Mendonça;* a literatura didática (história, etnologia) em *Amazonas, Descobrimento do Brasil, Resposta á Religião, Brasil e Oceania, Dicionário da língua tupí*, e a poesia, que lhe conferiu os louros da imortalidade. Gonçalves Dias é um dos iniciadores do movimento romântico no Brasil e do chamado *indianismo*, cantando o nosso selvagem e a sua vida e os cenários deslumbrantes da nossa natureza. "Foi êle, sem dúvida, a primeira voz definitiva da nossa poesia, aquele que nos integrou na própria conciência nacional, que nos deu a oportunidade venturosa de olharmos, rosto a rosto, nossos cenários físicos e morais" (Ronald de Carvalho). Possuïdor de ampla cultura, Gonçalves Dias manejava, com rara proficiência, o vernáculo, e hoje pode considerar-se um dos nossos clássicos. Deixou em verso: *Primeiros, Segundos* e *Últimos Cantos, Os Timbiras, As Sextilhas de Frei Antão*. Entre as suas composições mais afamadas cita-se *I-Juca-Pirama, Marabá, Mãe-d'-Água, O Gigante de Pedra, A Canção do Tamoio*, etc. Êste grande poeta morreu no dia 3 de novembro de 1864, no naufrágio do navio francês "Ville de Boulogne", o qual ocorreu nos baixos dos Astins, nas vizinhanças do farol de Itacolomí.

VOCABULÁRIO

Açoite (subst.): instrumento feito de tiras de coiro para bater, azorrague.

Arrear (v.): ataviar, ornar, enfeitar, adereçar; pôr arreios ou jaezes, ajaezar, selar; mobiliar; amainar, desviar; baixar por meio de cabos, etc.

Arroubar (v.): arrebatar, enlevar, extasiar.

Atrair (v.): trazer para si, aliciar, seduzir; conciliar, granjear.

Bramir (v.): rugir, estrondear; dar gritos de cólera; retumbar.

Bulcão (v.): nevoeiro denso que pressagia tempestade; nimbo, remoínho, trevas.

Castelo (subst.): habitação senhorial fortificada; acumulação de nuvens.

Céu *de gruta, de mina, de galeria* é a sua abóbada, a sua parte superior.

Concentrar (v.): fazer convergir para um centro; reünir; condensar, espessar.

Copioso (adj.): abundante, farto, longo, grande.

Corisco (subst.): faísca elétrica não seguida de trovão; pequeno raio.

Éco (subst.): repetição de um som refletido; repetição de um som; pessoa que repete; bom acolhimento; recordação.

Élo (subst.) anel de cadeia; gavinha; prisão.

Embater (-se) (v.): chofrar (-se), chocar (-se), encontroar (-se).

Fatal (adj.): ordenado pelo fado ou destino, irrevogável, inevitável, inelutável; funesto, sinistro; decisivo.

Feroz (adj.): que tem índole de fera, ferino, perverso, cruel, bravio; impetuoso, violento.

Fuzil (subst.): peça de aço com que se fere lume na pederneira; clarão; élo de metal, anel de cadeia.

Impelir (v.): arremessar com fôrça, empurrar; instigar, coagir, estimular.

Influxo (subst.): influência, influição, poder ou ação exercida sôbre alguêm.

Ínvio (adj.): que não dá caminho, intransitável. *Fogo ínvio* quer dizer *fogo erradio, errante, que não segue caminho certo.*

Lampejar (v.): cintilar, fuzilar, brilhar como relâmpago.

Látego (subst.): chicote, tira de coiro que compõe o azorrague, correia.

Luta (substant.) combate, pelêja, contenda, porfia.

Mar desfeito (subst. e adj.): mar proceloso, grosso, encapelado, agitado.

Matizar (v.): variar de côr, variegar, cambiar, adornar.

Nuvens grávidas de coriscos: nuvens carregadas de coriscos.

Ondular (v.): formar pequenas ondas, ondear.

Pavor (subst.): grande mêdo, terror.

Relva (subst.): erva rasteira e fina que cobre um terreno; grama.

Repulsar (v.): repercutir; repelir, empurrar; rejeitar, recusar, negar.

Rumo (subst.) ponto ou linha que figura na rosa dos ventos; direção do navio; direção, norma.

Rutilar (v.): brilhar, resplender, cintilar.

Sublime (adj.): muito alto, excelso, majestoso; muito perfeito; esplêndido, extraordinário.

Temeroso (adj.): que sente ou que inspira temor, mêdo.

Tenebroso (adj.): cheio de trevas, muito escuro, negro, atro; horrível.

QUESTIONÁRIO. Que escuta o poéta ao longe? Que diz êle da natureza, do mar, das ramas buliçosas, de confuso borborinho? Que há no céu? Que diz da tempestade? Por quê a qualifica de sublime? Como descreve o fim do temporal? Qual a idéa geral sugerida pelo trecho lido?

ORTOGRAFÍA. Recordar os casos em que se emprega o hífen.

HOMÔNIMOS. *Luta* (subst.) e *luta* (v.); *silêncio* (subst.) e *silencio* (v.); *causa* (subst.) e *causa* (v.); *forma* (subst. e v.) e *fôrma* (subst.); *sublime* (adj.) e *sublime* (v.); *rútila* (adj. fem. sing.) e *rutila* (v.); *muda* (subst.), *muda* (adj. fem. sing.) e *muda* (v.).

PARÔNIMOS. *Arrouba* (v.) e *arrôba* (subst.), *invio* (adj.) e *envio* (v.); *bulcão, vulcão* e *balcão*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *concentrar, vento, escuridão, cessar, buliçoso, confuso, extenso, repulsar, pavor, copioso*.

COGNATOS. Dar os de: *tempestade, invio, castelo, ar, relva, rutilar*.

ANÁLISE. Citar todos os advérbios e locuções adverbiais, preposições e conjunções que se encontram no trecho. Conjugar os verbos *vir, impelir, desfazer* e *sorrir*. Analizar sintàticamente os tres primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos aplicáveis a: *tempestade, luta, trevas, raio, influxo, relva*. Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *buliçoso, extenso, fatal, tenebroso, sublime, temeroso*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *lutar, rugir, ondular, embater, rasgar, eletrizar, matizar*. Citar advérbios e locuções adverbiais aplicáveis a cada um dêsses verbos.

COMPOSIÇÃO. Depois de confrontar esta descrição com a da página 22 (Tempestade no sertão), procure descrever o mesmo fenômeno com impressões próprias.

XI — PAISAGEM

BERNARDO GUIMARÃES

O vargedo era terminado por uma estreita orla, por baixo de cujas moitas despidas, um córrego escondia o seu curso sereno e preguiçoso.

Um estreito caminho, partindo da porta da casa, cortava o vargedo e ia atravessar o capão e o córrego por uma pontesinha de madeira, fechada do outro lado por uma tranqueira de varas.

Junto à ponte, de um lado e outro do caminho, viam-se duas belas e corpulentas paineiras, cujos galhos, entrelaçando-se, formavam linda arcada de verdura, que dava entrada, para além da ponte, a um extenso rincão, coberto de suculenta e vistosa pastagem.

Lá no fundo do valado, onde ia morrer o rincão, entre duas linhas de espigões, desenhavam-se ao-longe, em fundo luminoso e pitoresco, as casas, os currais e os tufados pomares de uma linda fazenda.

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães nasceu em Ouro Preto, aos 15 de agosto de 1825 e faleceu na mesma cidade, em 10 de março de 1884. Formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, tendo sido amigo e contemporâneo de Alvares de Azevedo e Aureliano José Lessa. Acadêmico, colaborou em diversos jornais e revistas. Serviu como juiz municipal de Catalão (Goiaz) e foi professor de filosofia e retórica no Liceu Mineiro, em Ouro Preto. Em 1859, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde foi dirigir "A Atualidade", jornal político mantido por Flavio Farnese e Lafayette Rodrigues Pereira, regressando depois a Minas. Bernardo Guimarães, o maior romancista mineiro, escreveu: *Cantos da Solidão, Poe-*

sias, Novas Poesias, Inspirações da Tarde, Fôlhas do Outono (verso), e *Ermitão de Muquem, Lendas e Romances, O Seminarista, O Indio Afonso, A escrava Isaura, O Pão de ouro, A Ilha Maldita, O Garimpeiro, Maurício, Rosaura, Histórias e Tradições, O Bandido do Rio das Mortes.* Bernardo, num estílo agradavel, fluente, singelo, é um dos nossos melhores paisagistas, pintando, com emoção e verdade, os quadros variados e formosos do sertão. Menos feliz nos tipos que ideou, nem por isso deixa de ser uma das individualidades mais assinaladas das letras brasileiras.

VOCABULÁRIO

Arcada (subst.) sucessão de arcos, arcaria; abóbada arqueada

Capão (subst.): pequeno bosque no meio de um descampado (E' palavra tupí composta de *caá* = *mato, pãu* = *ilha,* ilha de mato).

Córrego (subst.): ribeiro, regato, arroio; regueiro, carril.

Curso (subst.): ato de correr, corrida; caminho, direção de rio; leito de rio; conjunto de lições sôbre certa matéria; tratado; voga, circulação; sucessão, seqüência.

Despir (v.): tirar as vestes; tirar a coberta ou o invólucro de; largar, abandonar; — *a casca;* despojar, espoliar, esbulhar, privar.

Entrelaçar (v.): entrançar, entretecer, enastrar.

Espigão (v.): aresta; série de montes que divide os cursos dágua (Brasileirismo).

Fazenda (subst.): bens, haveres, cabedais; propriedade rústica para plantação ou criação, herdade, granja; tecido, pano; mercadorias.

Moita (subst.): mata de plantas arborescentes ou rasteiras.

Orla (subst.): bordo, margem, cercadura, fímbria.

Paineira (subst.): árvore do Brasil.

Paisagem (subst.): espaço de terra abrangido num lance de vista.

Pitoresco (adj. Italianismo): pintoresco, digno de ser pintado.

Pomar (subst.): arvoredo de fruto, plantação de árvores frutíferas.

Rincão (subst.): porção de campo rodeado de mato; lugar oculto e afastado, recanto, recesso, retiro; tacaniça.

Suculento (adj.): que tem suco, substancial, nutriente, alimentício.

Tranqueira (subst.): cêrca num caminho com paus horizon-

U. OF ILL. LIB.

tais e móveis apoiados em estacas laterais; estacada para fortificar, trincheira.

Tufar (v.): dispôr em tufo, tomar a forma de tufo. *Tufo* (subst.): porção de plantas, flores, penas, muito juntas. Tem outros sentidos.

Valado (subst.): terreno cercado com valas ou sebes.

Vargedo (subst.): série de vargens.

Vistoso (adj.): que dá na vista, aparatoso; garrido, agradável de ver.

QUESTIONÁRIO. Onde termina o vargedo? Que é que o cortava, atravessando o capão e o córrego? Que havia sôbre êste? Que fechava a ponte? Onde se viam duas paineiras? Como eram elas? Que formavam os seus galhos? Para onde dava entrada essa arcada de verdura? Que é que se desenhava ao longe, no fundo do valado?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras iniciadas por *ce-*.

HOMÔNIMOS. *Fundo* (subst.), *fundo* (adj.) e *fundo* (v.); *baixo* (subst.), *baixo* (adj.), *baixo* (v.) e *baixo* (adv.); *curso* (subst.) e *curso* (v.); *além* (adv.) e *alem* (v.).

PARÔNIMOS. *Tufar* e *trufar; cabucho* e *capucho, cacha* e *caixa, cachão* e *caixão.*

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *terminar, despir, estreito, sereno, preguiçoso, partir, belo, corpulento, suculento, luminoso.*

COGNATOS. Dar os de *paisagem, terminar, caminho, corpulento, gali x, arcada, pastagem.*

ANÁLISE. Analisar lèxicamente o 1.º período e sintàticamente o 3.º.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos aplicáveis aos substantivos: *paisagem, moita, córrego, casa, vargedo, ponte, espigão, pomar.* Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *sereno preguiçoso, belo, corpulento, suculento, vistoso.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *terminar, esconder, partir, morrer, desenhar* e *despir.*

COMPOSIÇÃO. Descrever uma paisagem ou uma vivenda rústicas.

XII — A QUEIMADA

CASTRO ALVES

. . . . . .

Eis, súbito, da barra do ocidente
Dôido, rubro, veloz, incandescente
O incêndio que acordou!

A floresta, rugindo, as comas curva,
As asas fôscas o gavião recurva,
Espantado a gritar.
O estampido estupendo das queimadas
Se enrola de quebradas em quebradas,
Galopando no ar.

E a chama lavra qual gibóia informe,
Que, no espaço vibrando a cauda enorme,
Ferra os dentes no chão.
Nas rubras rôscas estortega as matas...
Que espadanam o sangue das cascatas
Do rôto coração!...

O incêndio — leão ruivo, ensanguentado —
A juba, a crina atira desgrenhado
Aos pampeiros dos céus!...
Travou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado... retorcendo na hecatomba
Os braços para Deus.

A queimada! A queimada é uma fornalha!
A irara pula! o cascavel chocalha...
Raiva, espuma o tapir!
E às-vezes, sôbre o cume de um rochedo,
A corça e o tigre, — náufragos do mêdo —,
Vão trêmulos se unir!

Então passa-se alí um drama augusto...
No último ramo do pau-d'arco adusto
O jaguar se abrigou...
Mas rubro é o céu... Recresce o fogo em mares,
E após tombam as selvas seculares...
E tudo se acabou!...

(Espumas Flutuantes)

Antônio de Castro Alves nasceu em Cachoeira (Baía), em 14 de março de 1847 e faleceu em 6 de julho de 1871. Freqüentou as Faculdades de Direito de Recife e S. Paulo, não chegando a concluir o curso, que interrompeu em conseqüência de um acidente de caça. Grande foi a sua influência na mocidade de seu tempo. Pregou ardorosamente o abolicionismo, dando à sua poesia sentido humanitário e social. Vitor Hugo foi o seu modêlo, e Castro Alves torna-se o corifeu da chamada *escola hugoana* ou *condoreira*, caracterizada pelos seus arrôjos e hipérboles, muita vez carecedoras de arte. Não se pode, porêm, negar a êste poeta notável talento e fina sensibilidade lírica. Sua linguagem, nem sempre correta, é, todavia, eloqüente, nervosa e opulenta. Deixou: *Espumas Flutuantes*, *Poema dos Escravos* (verso) e *Gonzaga* ou *A Revolução de Minas* (drama).

VOCABULÁRIO

Abrigar (v.): recolher, proteger dar abrigo a; — *se*: refugiar-se, recolher-se.

Adusto (adj.): queimado, ardente, esbraseado; enegrecido pelo calor, tostado.

Chocalhar (v.): agitar ou tocar chocalho.

Coma (subst.): cabelo abundante, cabeleira; copa, ramagens (de árvore); sonolência em que recai o doente em certas enfermidades graves.

Côrça (subst.): espécie de antílope, menor do que a cerva.

Desgrenhado (part. pas. de *desgrenhar*): desguedelhado, despenteado, que está com os cabelos em desalinho.

Drama (subst.): composição teatral de caráter sério, peça teatral; acontecimento triste, funesto ou comovente; narrativa de fatos comoventes.

Espadanar (v.): jorrar, sair em borbotões.

Espumar (v.): escumar, espumejar, deitar espuma.

Estampido (subst.): som forte e repentino; fragor, estridor.

Estortegar ou estorcegar (v.): torcer com violência, retorcer, estorcer.

Estupendo (adj.): espantoso, pasmoso, surpreendente.

Ferrar (v.): pôr ferro ou ferradura em; marcar com ferro quente; cravar, morder, picar; — *velas*: dobrá-las e enrolá-las.

Fôsco (adj.): pardacento, embaciado, não brunido nem translúcido.

Hecatombe (e não *hecatomba*). Conquanto se encontre esta última forma em alguns bons autores, não é correta, como o indica a sua etimologia ἑκατόμβη. Em latim, todavia, existe a forma *hecatomba*, rara e encontradiça em Trebélio Polião. (Subst.): antigo sacrifício em que se imolavam cem bois; morticínio, mortandade, matança, carnificina.

Incandescente (adj.): pôsto em brasa, candente, flamejante.

Informe (adj.): monstruoso, colossal; muito feio; que não tem forma definida.

Irara (subst.): mamífero carnívoro brasileiro.

Jaguar (subst.): tigre americano.

Juba (subst.): crina de leão.

Lavrar (v.): trabalhar a terra, laborar; cinzelar; estender-se, alastrar-se, propagar-se; escrever.

Náufrago (subst. e adj.): que naufragou; indivíduo escapo de naufrágio; (fig.): arruinado, perdido.

Pau-d'arco (subst. comp.): árvore do Brasil.

Pugilato (subst.): luta a socos ou murros; contenda, disputa, porfia.

Raivar (v.): enfurecer-se, assanhar-se.

Recrescer (v.): rebentar de novo; aumentar.

Rubro (adj.): vermelho intenso, afogueado, esbraseado.

Ruivo (adj.): amarelo avermelhado, fulvo, vermelho escuro.

Tapir (subst.): anta, mamífero americano.

Travar (v.): parar com travão, pear, refrear; começar, iniciar; entabolar; ter sabor adstringente ou amargo.

Vibrar (v.): agitar com ímpeto, fazer oscilar ou tremular; fazer soar, tanger; estremecer; ter som claro.

QUESTIONÁRIO. Que se nota no ocidente? Que faz a floresta? E o gavião? Que se ouve? Onde e como se ouve êsse estampido? A quê compara o poeta a chama? Que faz ela com as matas? E que acontece com estas? Que faz o incêndio? Por quê o compara o poeta a *"um leão rúivo, ensanguentado"*? Que faz o cedro? Que se diz da queimada, da irara, do cascavel, do tapir? Que é que se observa às-vezes no cume dos rochedos? Que se passa no último ramo adusto do pau-d'-arco? Que exprime o poeta nos três ultimos versos? Qual a idéia geral da poesia lida?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras iniciadas por *ci-*.

HOMÓNIMOS. *Comas* (subst.) e *comas* (v.); *lavra* (subst.) e *lavra* (v.); *informe* (substant.), *informe* (adj.) e *informe* (v.); *raiva* (subst.) e *raiva* (v.); *espuma* (subst.) e *espuma* (v.); *náufrago* (subst e adj.) e *naufrago* (v.).

PARÓNIMOS. *Súbito* e *súpito*, *coma* e *goma*, *fôsco* e *fusco*, *arara* e *irara*.

ANTÓNIMOS. Dar os de: *veloz, estupendo, enorme, rôto, cume, trêmulo, augusto, recrescer*.

COGNATOS. Dar os das palavras: *rubro, floresta, lavrar, informe, vibrar, travar, raivar, espumar, drama, náufrago*.

ANÁLISE. Indicar todos os adjetivos qualificativos, particípios, pronomes, advérbios e locuções adverbiais que há no trecho. Analisar sintàticamente os doze primeiros versos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos aplicáveis a: *queimada, incêndio, coma, estampido, cascata, cedro, pampeiro, hecatombe, fornalha*. Achar alguns substantivos qualificáveis-por: *veloz, fôsco informe, ruivo, augusto, adusto*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *acordar, galopar, lavrar, vibrar, tombar, espumar, abrigar, recrescer*.

COMPOSIÇÃO. Descrever uma queimada ou um incêndio.

XIII — AS ANDORINHAS DE CAMPINAS

RUI BARBOSA

Pelo límpido azul já sem sol, antes que se lhe esvaia de todo o ouro de seus átomos de luz, mas quando o crepúsculo entra a desmaiar do seu brilho a safira celeste, um ponto retinto, perdido nos longes mais remotos, se acentúa em negro na cúpula do firmamento, lá bem alto, bem de-cima, como si a ponta de uma seta, desfechada perpendicularmente de alêm, varasse alí a redondeza anilada.

Era um; e, logo após, já são muitos, já veem surdindo inumeráveis, já parecem infinitos; já se cruzam e recruzam, já se encontram e circulam; já se condensam e escurecem.

Eram um grupo e já formam um bando, já veem crescendo em longas revoadas, já refervem em enxames e enxames, já se estendem numa vasta nuvem agitada. Toldaram o céu, encheram o ar, veem-nos ondeando sôbre as cabeças. Agora, afinal, como os movimentos de uma grande vaga sombria, pontuada de branco, a librar-se entre a terra e a imensidade, baixa a massa inquieta, rumorejando, oscilando, flutuando, rasga-se na coroa das palmeiras, açoita os fios telegráficos, resvala pelos tetos do casario, e, ao cabo, arfando e remoinhando, turbilhando e resturgindo com o estrépito de uma cascata argentina, de uma cachoeira de cristais que se despedaçam, chilreada imensa de vozes e grasnidos às dezenas de milhares, pendem, mergulham e desaparecem, numa imensa curva borbulhante, por sôbre

o largo telheiro abandonado que essa aéria multidão erradia elegeu entre nós para abrigo do seu descanso nas cálidas noites de verão.

Rui Barbosa. (Baía, 1849). Um dos maiores intelectuais brasileiros. Político, jurisconsulto, jornalista, crítico, historiador, filólogo, Rui foi notável em todos os departamentos de atividade mental que perlustrou. Doutorou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo e foi deputado várias vezes durante a monarquia. Assinalou-se como um dos mais indefessos propugnadores da Abolição e um dos propagandistas da República. Ocupou a pasta da Fazenda do Governo Provisório e foi o principal autor da Constituição de 24 de fevereiro, das leis orgânicas, etc. Na ditadura de Floriano, teve de exilar-se em Londres. Voltando para o Brasil, dá largas ao seu temperamento combativo na imprensa, no tribunal e no parlamento. Em 1907, representou o Brasil na Conferência Internacional de Haia, onde levou de vencida as maiores culminâncias que participaram da célebre junta, impondo-se à admiração do mundo pelo seu talento, cultura e destemor. Em 1910, apresentado candidato à presidência da República, iniciou, com raro brilho e intrepidez cívica, a campanha contra o militarismo, produzindo então uma série de notáveis conferências políticas.

Rui era um orador empolgante e eloqüentissimo, um dos mais profundos sabedores do vernáculo, humanista de alto quilate e escritor esmeradissimo, formado nos melhores modêlos clássicos. E' vasta a sua produção literária, e dentre as suas obras principais são de citar: *Discuros e Conferências, Lições de Cousas* (tradução da obra de *Calkins*), *O Estado de Sítio, Atos Inconstitucionais, Eleição direta, Anistia inversa, Cartas de Inglaterra, A liberdade religiosa. O Papa e o Concílio, Quéda do Império, Réplica à defesa da redação do Código Civil*, etc. Redigiu o *Diário de Notícias*, a *Imprensa*, o *Jornal do Brasil*. Após a morte de Machado de Assis, foi o presidente da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no Rio de Janeiro, em março de 1923.

VOCABULÁRIO

Acentuar (v.): tornar mais visível, salientar, realçar, pôr em relêvo; pronunciar ou escrever com todos os acentos.

Anilado (adj.): côr de anil, azul.

Arfar (v.): respirar com dificuldade, ofegar, arquejar; oscilar, andular, baloiçar-se

Argentino (adj.): o mesmo que *argênteo*, feito de prata, que tem o timbre ou o som da prata; natural do Rio da Prata.

Átomo (subst.): última divisão da matéria, parte mínima, cousa infinitamente pequena.

Borbulhante (adj.): que borbulha, escachoante, que sai em borbotões ou magotes.

Casario (subst. col.): série ou lanço de casas, casaria.

Circular (v.): mover-se em círculo, girar, passar de mão em mão; transitar pelas ruas, estradas, etc.; divulgar-se, propalar-se.

Cúpula (subst.): parte côncava e superior de alguns edifícios, zimbório, abóbada.

Desfechar (v.): desferir, disparar, descarregar (arma); tirar o fêcho a; saltar; concluir.

Enxame (subst.): todas as abelhas de uma colméia; multidão, chusma, grande quantidade.

Erradio (adj.): errante, vagueante, vagabundo.

Esvair (v.): esvaecer, evaporar, dissipar; (intr. e pron.): evaporar-se; desmaiar, ter tontura.

Grasnido (substant.): crocito, grasno, grasnada (voz do corvo, do pato e de outras aves); vozearia, vozeio.

Librar (-se) (v.): pairar, estar suspenso.

Pender (v.): estar suspenso, inclinar-se.

Pontuar (v.): marcar com pontos; pôr sinais ortográficos.

Referver (v.): ferver de-novo; tumultuar, agitar-se; fervilhar, Borbotar.

Remoinhar (v.): revolutear, andar à volta, em círculos ou espirais.

Restrugir (v.): ecoar, retumbar, estrugir amiúde ou com intensidade.

Resvalar (v.): deslizar, escorregar; cair por um declive.

Retinto (adj.): de côr carregada, muito escuro.

Revoada (substant.): bando de aves revoando.

Safira (subst.): pedra preciosa azul.

Surdir (v.): sair, surgir, aparecer, vir à-tona da água.

Telheiro (subst.): lugar coberto de têlhas para abrigar carros, animais, etc.; alpendre.

Toldar (v.): cobrir com tôldo; encobrir, anuviar, turvar; escurecer-se, carregar-se, ensombrar-se.

Turbilhar (v.): torvelinhar, remoinhar, rodopiar.

Vaga (subst.): onda grande; multidão agitada; lugar ou emprêgo vacante, vazio, para ser preenchido ou provido.

Varar (v.): atravessar, furar, trespassar; bater com vara; pôr em sêco; passar além; dar em sêco, encalhar (embarcação).

Verão (subst.): estío, a estação mais quente do ano.

QUESTIONÁRIO. Que se nota no céu? Em que momento? A quê se assemelha êsse ponto retinto? Que se observa em seguida? Que fazem êsses pontos infinitos? Que se tornam êles? Que fazem com o céu e com o ar? Com quê se parecem por fim? Como é essa vaga sombria e que faz ela? Que sons lembra ela? Onde desaparece? Qual a impressão produzida por esta descrição?

ORTOGRAFIA. Recordar as palavras escritas com *s* e *z* finais.

HOMÓNIMOS. *Circular* (adj.) e *circular* (v.); *vaga* (substant.), *vaga* (adj. fem.) e *vaga* (v.); *baixa* (subst.), *baixa* (adj. fem.) e *baixa* (v.); *massa* (subst.) e *maça* (subst. e v.); *inquieta* (adj. fem.) e *inquieta* (v.); *descanso* (subst.) e *descanso* (v.); *verão* (subst.) e *verão* (3.ª p. do futuro do indic. do v. ver).

PARÓNIMOS. *Surdir* e *surgir*.

ANTÓNIMOS. Dar os de: *límpido, esvair, celeste, de-cima, perpendicularmente, inumerável, condenar, agitado, toldar, librar-se, erradio, verão* e *cálido*.

COGNATOS. Dar os das palavras: *alto, varar, redondeza, circular, escurecer, cabeça, argentino, cachoeira, aério*.

ANÁLISE. Indicar todos os adjetivos determinativos, pronomes, advérbios, preposições e conjunções e todas as locuções adverbiais, prepositivas e conjuncionais. Analisar sintàticamente o 1.º período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos apropriados para: *sol, cúpula, seta, bando, revoada, casario, multidão, verão*. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *celeste, retinto, infinito, sombrio, inquieto, erradio*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *esvair acentuar, desfechar, varar, surdir, cruzar, toldar, resvalar, eleger*. Indicar advérbios e locuções adverbiais que possam convir a alguns dêstes verbos.

COMPOSIÇÃO. Descrever um bando de andorinhas em revoada.

XIV — MATER DOLOROSA

GONÇALVES CRESPO

Quando se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspeto figurando
A lacrimosa estátua da amargura.

Dos céus a curva era tranqüila e pura;
Das gementes alcíones o bando
Via-se ao longe, em círculos voando
Dos mares sôbre a cérula planura.

Nas ondas se atufara o sol radioso,
E a lua sucedera, astro mavioso,
De alvor banhando os alcantís das fragas.

E aquela pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrera e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas.

(Noturnos)

Antônio Cândido Gonçalves Crespo, nascido no Rio de Janeiro, em 11 de março de 1846, passou a residir em Portugal desde 14 anos de idade, sem mais voltar para o Brasil. Bacharelou-se em direito na Universidade de Coímbra em 1875 e foi deputado nas legislaturas de 1877 e 1882-1889. Em 1890 foi nomeado redator do *Diário das Câmaras*. Jornalista, colaborou em diversos periódicos, principalmente no *Jornal do Comércio*, de Lisbôa, na *Fôlha* e no *Instituto* (Coímbra), na *Harpa*, na *Renascença* e no *Ocidente*. Desposado com a eminente escritora D. Maria Amália Vaz de Car-

valho, escreveu de colaboração com ela o livro intitulado *Contos para nossos filhos*. Parnasiano delicado, deixou dois livros de versos muito primorosos: *Miniaturas* e *Noturnos*. Gonçalves Crespo é um artista requintado, possuïdor de fina emotividade lírica, expressa numa linguagem musical e tersa. Pela sua formação mental, puramente lusitana, muitos críticos o incluem entre os poetas portugueses. Faleceu G. Crespo em 11 de junho de 1893.

VOCABULÁRIO

Alcantil (subst.): rocha talhada a-pique, talude, margem íngreme; cocoruto, cume.

Alcíone (substant.): maçarico, ave aquática pernalta.

Alvor (subst.): alvura, claridade, brilho.

Amargura (subst.): angústia, dor, pena, aflição, mágoa.

Amplidão (subst.): extensão, vastidão, largueza, imensidade, qualidade do que é amplo.

Aspeto (subst.): aparência externa das cousas, o que se vê; parecer, semblante; ponto de vista, relação. Há uma forma poética e arcaica dêste vocábulo: *aspeito*.

Atufar (-se)): (v.): mergulhar (-se), lançar (-se) dentro, imergir (-se).

Cérulo ou cerúleo (adj.): azul-escuro, azulado, verde-mar; glauco.

Dar conta de alguma cousa (locução): perceber notar alg. cousa, ou também ser obrigado a restituir alguma cousa, ser responsavel por ela.

Despontar (v.): começar a aparecer, assomar, nascer (falando-se de um astro, do dia, etc.).

Doloroso (adj.): cheio de dôr, dorido, angustiado, triste, maguado, aflito.

Embeber (v.): ensopar, infiltrar, molhar; mergulhar; fixar; cravar; embutir; enlevar(-se), engolfar(-se).

Fazer-se ao largo (locução): ganhar o mar alto, zarpar, empègar-se.

Figurar (v.): representar, imitar, imaginar.

Fraga (subst.): penhasco, pedregulho, rochedo.

Gemente (adj.): que geme, gemebundo, lamentoso, magoado.

Lacrimoso (adj.): banhado em lágrimas, choroso.

Mater (subst.): palavra latina que significa *mãe*.

Nave (subst.): forma poética de *nau;* navio; parte do templo desde a entrada até o santuário.

Planura (substant.): planalto elevado, planície, chapada.

Radioso (adj.): fulgente, esplendoroso, magnífico.

QUESTIONÁRIO. Que aconteceu quando a nave se fez ao largo? Que figurava essa mulher? Como era a curva dos céus? Por quê? Que se via ao longe? Que fez o sol? E a lua? Que diz o poeta no último terceto? Que sentimento procurou pintar no soneto? Foi feliz nessa pintura? Por quê?

ORTOGRAFIA. Citar algumas palavras terminadas em *-iço, -iça, -oço, -uço.*

HOMÔNIMOS. *Estátua* (substant.) e *estatúa* (v. *estatuir*); *amargura* (subst.) e *amargura* (subst.) e *amargura* (v.); *curva* (subst.), *curva* (adj. fem.) e *curva* (v.).

PARÔNIMOS. *Fraga* e *frágua.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *escuro, chorar, doloroso, lacrimoso, amargura, tranqüilo, mavioso, alvor, despontar, amplidão.*

COGNATOS. Dar os das palavras: *largo, mar, nave, praia, estátua, lacrimoso, puro, bando, sol, fraga.*

ANÁLISE. Fazer a análise léxica e sintática do 1.º quarteto. Conjugar os verbos *fazer, ver* e *dar.*

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *doloroso, lacrimoso, gemente, cerúleo, radioso, mavioso.* Procurar alguns adjetivos aplicáveis a: *nau, praia, aspeto, estátua, astro, fraga, luar.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *chorar, voar, morrer, figurar, embeber.*

COMPOSIÇÃO. Inventar um conto sôbre o assunto do soneto, ou escrever uma carta, narrando a angústia de uma mãe, cujo filho partiu para longe afim de ganhar a vida.

XV — A PÊNDULA

MACHADO DE ASSIS

Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal: êsse tic-tac soturno, vagaroso

e sêco parecia dizer, a cada golpe, que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte e a contá-las assim:

— Outra de menos...
— Outra de menos...
— Outra de menos...

O mais singular é que, si o relógio parava, eu dava-lhe corda para que êle não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos.

Invenções há que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem: o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira para saber a hora exata em que morre.

Joaquim Maria Machado de Assis. Iniciando a vida na pobreza, como simples tipógrafo, logrou Machado de Assis o merecido renome de um dos mais notáveis literatos brasileiros, não só como poeta, mas também como prosador. Linguagem castiça e singela, estílo original e agradavel, sensibilidade delicada e viva, tais são os caracteristicos principais dêste consumado escritor. Sem se filiar nitidamente a nenhuma escola, a obra de Machado possue cunho muito pessoal, salientando-se nela principalmente a análise psicológica, o estudo meticuloso e sereno da alma humana, envôlto quási sempre num humorismo suave, numa ironia indulgente, mas penetrante. E' vasta a sua produção: *Teatro, Crisálidas, Americanas* e *Falenas* (poesia); *Contos Fluminenses, Histórias da meia-noite, Papeis avulsos, Histórias sem data, Várias Histórias, Páginas Recolhidas, Relíquias de casa velha* (contos); *Ressurreição, Helena, Iaiá Garcia, Memórias póstumas de Brás Cubas, Quincas Borba, D. Casmurro, Esaú e Jacó, Memorial de Aires* (romances); *Os deuses de casaca, A Mão e a Luva, Tu, só tú, puro Amor, Quási ministro, Não consulte*

médico (comédias); *Os trabalhadores do mar* (tradução do romance de Vitor Hugo). Colaborou fartamente em muitas revistas e jornais. Machado foi funcionário da Imprensa Nacional e do Ministério da Agricultura. Nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e faleceu na mesma cidade, em agosto de 1908, e até morrer foi presidente da Academia Brasileira de Letras.

VOCABULÁRIO

Definitivo (adj.): decisivo, tal qual deve ser ou ficar.

Derradeiro (adj.): último, final, extremo.

Estirar (v.): estender puxando ou esticando, alongar; deitar ao comprido; estender os limites de; — *se*: alongar-se, deitar-se ao comprido, espreguiçar-se.

Exato (adj.): rigoroso, certo; honesto, pontual, cumpridor de deveres; idêntico, conforme ao original.

Instituições (subst. pl.): leis e princípios fundamentais de uma sociedade.

Pêndula (subst.): relógio de pêndulo.

Perpétuo (adj.): que dura sempre, constante, eterno, contínuo.

Sêco (adj.) falto de umidade ou de água; árido, sem vegetação; severo, áspero.

Singular (adj.): que pertence a um só; individual, único, extraordinário; privativo, especial; distinto, excêntrico, estranho.

Transformar (v.): dar forma nova a; transfigurar, metamorfosear, converter, alterar, transmudar-se, tornar-se outro, evolver-se, mudar de forma.

Usualmente (adv.): habitualmente, comumente, segundo o costume.

Vagaroso (adj.): lento, tardo: tardio, lerdo, ronceiro.

QUESTIONÁRIO. Que aconteceu ao narrador? Que ouviu êle? Que impressão lhe dava o bater da pêndula? Que imaginava êle? Que fazia, si o relógio parava? Para quê lhe dava corda? Que considerações expende acêrca do relógio?

ORTOGRAFIA. Palavras escritas com *x* pronunciado como *z*: *exabundante, exação, exacerbar, exagerar, exagitar, exalar, exalçar, exaltar, exame, exarar, exarcado, exasperar, exato, exautorar, executar, exegese, exemplo, exeqüente, exeqüível, exéquias, exercer, exercício, exercitar, exército, exhaurir, exhausto, exherdar, exibir, exício, exigência, exigir, exiguo, exi-*

lar, exílio, exímio, eximir, existir, êxito, êxodo, oxonerar, oxorcismo, exorcizar, exorbitar, exórdio, exornar, exortar, exótico, exouvir, exuberar, exular, exulcerar, êxule (= eísule), *exultar, exumar* e todos os cognatos destas palavras.

HOMÔNIMOS. *Perpétuo* (adj.) e *perpetúo* (v.); *gasto* (substant. e adj.) e *gasto* (v.); *sêco* (adj.) e *seco* (v.); *hora* (subst.), *ora* (v.), *ora* (adv.), *ora* (conj.) e *ora!* (interj.).

PARÔNIMOS. *Parar* e *pairar, saco* e *saque.*

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *dormir, sono, transformar-se, definitivo, perpétuo, derradeiro, exato, morrer.*

COGNATOS. Dar os de: *dormir, cama, noite* (radicais *noit-* e *not-* e *noct-*), *sêco, vida* (radical *vit-* e *viv-*), *moeda* (tambem o radical *monet-*), *morte, invenção, frio.*

ANÁLISE. Indicar os adjetivos determinativos, pronomes, advérbios e preposições. Conjugar os verbos *dormir, ouvir, perder, despedir-se, saber.* Analisar sintàticamente os três primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *sêco, soturno, singular, perpétuo, frio, exato.* Procurar alguns adjetivos aplicáveis a: *sono, vida, morte, moeda, relógio, invenção, instituição.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *dormir, perder, dar, contar, morrer, saber.*

COMPOSIÇÃO. Dissertar sôbre o valor do tempo.

XVI — O NINHO

ALBERTO DE OLIVEIRA

O musgo mais sedoso, a úsnea mais leve
Trouxe de-longe o alegre passarinho,
E um dia inteiro ao sol paciente esteve
Com o destro bico a arquitetar o ninho.

Da paina os vagos flocos côr de neve
Colhe, e por dentro o alfombra com carinho;
E armado, pronto enfim, suspenso, em breve,
Ei-lo, balouça à beira do caminho.

E a ave sôbre êle as asas multicores
Estende e sonha. Sonha que o aureo polen
E o nectar suga às mais brilhantes flores;

Sonha... Porêm, de-súbito, a violento
Abalo acorda. Em-tôrno as fôlhas bolem...
E' o vento! E o ninho lhe arrebata o vento!

(Terra Natal)

Alberto de Oliveira nasceu em Saquarema (Estado do Rio), aos 28 de abril de 1859. Foi inspetor geral da instrução no Estado do Rio e professor de português da Escola Normal e da Escola Dramática da Capital Federal. Alberto de Oliveira é uma das figuras mais representativas do parnasianismo nacional. Temperamento terno e contemplativo, artista raro e consumado, revela na sua poesia, às-vezes levemente melancólica, o vigor da sua imaginação, a delicadeza da sua sensibilidade, o seu enlêvo ante a natureza e a perfeição da sua técnica. Votando grande amor ao vernáculo, a sua linguagem é corretissima, rica e harmoniosa. Sôbre êle assim se exprimiu Bilac: "Tú, tão meticuloso na métrica, tão zeloso do vernáculo, tão escorreito no estílo, tão inimigo dos desmandos e tão amigo do apuro, és o poeta da ternura e da piedade". Já publicou: *Canções românticas, Versos e Rimas, Sonetos e Poemas, Meridionais, O livro de Ema, Por amor de uma lágrima, Poesias,* com *Alma livre, Terra Natal, Flores da Serra* e *Versos de Saudade* e *Poesia* (3.ª série); *Páginas de ouro da poesia brasileira, Céu, Terra e Mar.* Pertence á Academia Brasileira.

VOCABULÁRIO

Abalo (subst.): sacudidela, comoção, arranco.

Alfombrar (v.): cobrir com alfombra, alcatifar, atapetar, tapizar; arrelvar.

Arquitetar (v.): edificar, construir; armar; planear, conceber, imaginar, idear.

Arrebatar (v.): arrancar, tirar com violência ou ímpeto; maravilhar, extasiar; — *se*: enfurecer-se, exaltar-se; extasiar-se.

Áureo (adj.): feito de ouro, côr de ouro; que atingiu o período de perfeição ou de glória máximas.

Balouçar ou baloiçar (v.): mover para um e outro lado, sacudir, abanar, oscilar, balançar.

Beira (subst.): margem, borda, orla.

De-súbito (loc. adv.): repentinamente, de-repente.

Destro ou dextro (adj.): direito, que fica ao lado direito; ágil, rápido, jeitoso, hábil, lijeiro.

Floco (subst.): conjunto de filamentos sutís que se separam e esvoaçam à menor aragem. Tem outros sentidos.

Multicor ou multicolor (adj.): de muitas côres, variegado, matizado, irisado.

Néctar (subst.): suco segregado por certas flores; bebida dos deuses; bebida deliciosa; delícia.

Paina ou **panha** (subst.): espécie de algodão produzido por certas plantas trepadeiras ou arbóreas do Brasil.

Polen (subst.): substância fecundante dos vegetais contida na antera.

Sedoso (adj.): semelhante á sêda; macio como sêda; que tem sêdas.

Sugar (v.): chupar, sorver.

Úsnea (subst.): espécie de líquen; penugem.

Vago (adj.): vagueante, errante; voejante, que está voando; vazio, desocupado.

Violento (adj.): impetuoso; colérico; intenso; que demanda fôrça; contrário à razão ou à justiça.

QUESTIONÁRIO. Que é que se descreve? Que trouxe delonge o alegre passarinho? Que fez um dia inteiro ao sol? Que colheu? Em quê empregou os flocos da paina? Que faz o ninho à-beira do caminho? E a ave? Que sonha ela? Que aconteceu depois? Que idéia geral ressalta do soneto?

ORTOGRAFÍA. Palavras em que existe obrigatoriamente o grupo *ct*: *acteácea, acteão, actinico, actinimorfo, actino, bactéria, bacteriologia, cáctea, cacto, caracteres* (pl. de *carácter* ou *caráter*), *convicto, dúctil, ductilidade, ducto, erectil, erecto, espectador, espectativa, espectável,*

estalactífero, estalactite, estalactítico, factotum, fictício, ficto, fictor, intáctil, intactibilidade, intacto, intelectível, intelectivo, intelecto, intelectual, intelectualidade, intelectualismo, intelectualizar, introspectivo, intuspectivo, intuspecto, jactação, jactância, jactanciar, jactancioso, jactar, jacto, jactura, lactação, lactante, lactar, lactário, lactente, lacteo, lacticínio, lácteo, lectorato, luctífero, luctífico, luctísono, mactra, mictório, nectarina, nectar, nectáreo, nectário, néctico, nictação, nictante, nicto, nictóbata, nictofobia, noctambular, noctâmbulo, noctílio, noctívago, octacórdio, octaedro, octandro, octingentésimo, octodonte, octogenário, octogésimo (e todos os compostos de *octo-oito*), *pactar, pactário, pactear, pacto, pactuário, pactuar, pectar, pectato, pectina, pectoral, pectoriloquia, pectose, pictografia, pictorial, pictórico, pictural, picturato, plectro, retrospectividade, retrospectivo, retrospecto, ricto ou rictus, sectário, sectarismo, séctil, sectório, sectura, sucto, vectação, vector.*

HOMÔNIMOS. *Leve* (adj.) e *leve* (v.); *alegre* (adj.) e *alegre* (v.); *inteiro* (adj.) e *inteiro* (v.); *alfombra* (sub.) e *alfombra* (v.); *abalo* (subst.) e *abalo* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de *leve, de-longe, paciente, déstro, multicor, brilhante, de-subito.*

COGNATOS. Dar os de: *ninho,* (rad. *ninh-* e *nid-*), *longe, destro, arquitetar, neve, colher, flor, vento.*

ANÁLISE. Indicar todos os paroxítonos e proparoxítonos, substantivos, adjetivos qualificativos, verbos transitivos e intransitivos. Analisar sintàticamente os dois tercetos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos que convenham a: *ninho, musgo, úsnea, caminho, asa, flor, fôlha, vento.* Procurar alguns substantivos modificáveis por: *leve, destro, multicor, violento, brilhante.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *trazer, arquitetar, colher, estender, sugar, arrebatar.*

COMPOSIÇÃO. Descrever o trabalho das aves no construirem os ninhos.

XVII — O CÊRCO DE LEIDE

LUIZ GUIMARÃES FILHO

Aí vem o general Váldez bloquear a cidade de Leide! Aí vem a guerra mais carniceira, mais deshumana e mais daninha de que há memória nos séculos dos séculos!

Ora, a cidade de Leide fez frente aos espanhóis. Resistiu até à morte, até ao delírio, até à falta absoluta de munições — munição de bôca e munição de fogo — na esperança talvez de um soccorro prometido. Mas os dias esquivavam-se monótonos, o cêrco apertava e o socorro não vinha... Então, no extremo das fôrças, os habitantes de Leide apelaram para o último recurso, o trágico, o espantoso recurso da pátria em périgo: soltar os diques... E os diques foram soltos! E o Mar do Norte, alegre e sinistro, saltou para a terra com a braveza dos touros que saltam na arena quando se lhes abre o curral, e, em funestas e bramantes catadupas, despenhou-se nas luzentes searas, nos risonhos moinhos, nas abastecidas planícies, nos abrolhados arvoredos, nas choças dos camponezes, nas eiras dos lavradores, tudo devastando, tudo arrebatando, afogando tudo na guéla das suas ondas! Em breves horas, o exército espanhol sumiu, engolfado nas borrascas impetuosas... Parte da Holanda ficou em ruínas, mas a honra da Holanda ficou imaculada!

Luiz Guimarães Filho, cujo pai é o eminente poeta do mesmo nome, nasceu no Rio de Janeiro em 1878. Formou-se em filosofia na Universidade de Coímbra, redigiu algum tempo a *Gazeta de Noticias*, dando-se depois à diplomacia. Publicou: *Versos íntimos, Livro da minha alma, A aranha e*

a môsca, Idílios chineses, Ave-Maria, Pedras preciosas, Samurais e Mandarins. E' poeta de mavioso lirismo e prosador elegante e agradavel.

VOCABULÁRIO

Abastecido (part. pas. de *abastecer*): provído, farto.

Abrolhado (part. pas. de *abrolhar*): coberto de brotos ou rebentos.

Afogar (v.): submergir; engulir, tragar; sufocar, asfixiar; apagar, esquecer.

Apelar (v.): valer-se de, recorrer a, chamar em auxílio: — *para um amigo*.

Apertar (v.): comprimir estreitar; perseguir; tornar-se mais rigoroso.

Arena (subst.): antigamente, parte do anfiteatro em que combatiam os gladiadores, feras, etc.; terreno circular fechado onde se correm touros; lugar de luta, campo de discussão; liça.

Bloquear (v.): sitiar, assediar, cercar, pôr bloqueio a, cortar as comunicações de uma praça, de um forte, de um pôrto, etc.

Borrasca (subst.): tempestade marítima de pouca duração, temporal.

Bramante (adj.): retumbante estrondejante, fremente.

Carniceiro (adj.): que se alimenta de carne; sanguinário, cruel; (subst.): o que vende carne, açougueiro.

Catadupa (subst.): quéda d'água, catarata, cachoeira.

Cêrco (subst.): sítio, assédio, bloqueio, o rodear uma cidade ou praça com tropas para tomá-la.

Delírio (subst.): alucinação, entusiasmo, insânia, loucura.

Deshumano (adj.): inhumano, cruel, ferino, atroz.

Devastar (v.): assolar, arruïnar, destruir, despovoar.

Dique (v.): construção forte para suster ou encaminhar as águas correntes; reservatório ou muro de represa com comporta. *Comporta* é o tapume que sustêm as águas do dique, fosso, açude, etc., e que se abre quando convêm soltál-as.

Eira (subst.): pedaço de terreno duro e liso onde se secam, limpam e debulham cereais.

Engolfar (v.): abismar, anegar; afogar, tornar absorto, enlevar.

Espantoso (adj.): que horroriza, tremendo, pavoroso.

Esquivar-se (v.): desviar-se, afastar-se; fugir, transcorrer.

Extremo (subst.): o último ponto ou grau, auge, fim, termo, esgotamento.

Fazer frente (loc.): fazer ou ter rosto, fazer face, enfrentar, não recuar, resistir.

Funesto (adj.): que produz morte ou ruína; destruidor; que prenuncia desgraça; nefasto, desastroso.

Honra (subst.): sentimento da própria dignidade; boa fama, reputação limpa.

Imaculado (adj.): puro, limpo, sem mácula, impoluto, intemerato.

Leide (subst. próprio): cidade da Holanda meridional, sôbre o Velho Rheno, séde de célebre universidade.

Luzente (adj.): que luz, luzidio, brilhante, luminoso.

Munições (subst. pl.): provisão de tudo o que é necessário a um exército ou a uma praça de guerra.

Recurso (subst.): meio de vencer uma dificuldade; remédio, expediente.

Sinistro (adj.): esquerdo; funesto, agourento; ameaçador; (subst.): desastre, ruína, grande prejuizo material.

Socorro (subst.): auxílio, assistência, refôrço, de tropas ou de munições.

Trágico (adj.): relativo à tragédia; funesto, calamitoso; (subst.): o que compõe ou representa tragédias.

QUESTIONÁRIO. Qual o assunto do excerpto? Como resistiu Leide aos espanhóis? Que esperava talvez? Veio o socorro prometido? A que recorreu então a cidade cercada? Que fez o Mar do Norte? Que aconteceu ao exército espanhol? E a Holanda sofreu alguma calamidade? Qual? Salvou ela a sua honra? Por quê? Qual a idéia geral?

ORTOGRAFÍA. Escreve-se com ç a última sílaba dos substantivos terminados em *-aça, -aço, -óça -ôça, -ôço*: *barcaça, caraça, aço, braço*, menos *assa* (verbo *assar*) *carcassa, argamassa, devassa, massa* (pasta, mistura de farinha ou outro pó com um líquido), *potassa, compasso, devasso, fracasso, passo; palhoça, choça, moça, poça, caroço, troço*, exceto *móssa, fossa, endôsso, colosso, fôsso, osso*.

HOMÔNIMOS. *Cêrco* (subst.) e *cerco* (v.); *socorro* (substant.) e *socorro* (v.); *vinha* subst.) e *vinha* (v.); *último* (adj.) e *ultimo* (v.); *sôlto* (part. pas. e adj.) e *solto* (v.); *parte* (subst.) e *pârte* (v.); *honra* (subst.) e *honra* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *resistir, esperança, prometer, apertar, soltar, braveza, funesto, breve, imaculado*.

COGNATOS: Dar os de: *cêrco, bloquear, guerra, esquivar, fôrça, bravo, seara, exército, borrasca*.

ANÁLISE. Indicar no texto os substantivos próprios e os coletivos, as preposições e as conjunções. Conjugar *ir, vir* e seus compostos e *sumir-se*. Analisar sintàticamente o período: "E o Mar do Norte... na guela de suas ondas".

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns ad-

jetivos apropriados para: *cêrco, guerra, memória, esperança, perigo, dique*. Procurar substantivos qualificáveis por: *deshumano, trágico, funesto, impetuoso, luzente, monótono, imaculado*. Formar frases diversas com cada um dos verbos: *resistir, apertar, afogar, engolfar, devastar*.

COMPOSIÇÃO. Contar, em linguagem própria e por escrito, o fato narrado acima, tirando dêle alguma conclusão moral (Veja-se o trecho).

XVIII — O HOMEM FORTE

GONÇALVES DIAS

O modesto varão constante e justo
Pensa e medita na lição dos sábios,
E nos caminhos da justiça eterna
Gradúa firme os passos.

O brilho da sua alma não mareia
A luz do sol, nem do carvão se tisna;
Morre pelo dever, austero e crente,
Confessando a virtude.

Pode a calúnia denegrir seus feitos,
Negar-lhe a enveja o mérito subido;
Pode em seu dano conspirar-se o mundo
E renegá-lo a pátria!

Tão modesto no paço de Luculo
Como encerrado no tonel do Grego,
Nem o transtorna a aragem da ventura
Nem a desgraça o abate.

A tiranos preceitos não se humilha,
Ante o ferro do algoz não curva a fronte,
Não faz calar da conciência o grito,
Não nega os seus princípios.

Antes seguro e firme e confiado
No tempo, vingador das injustiças,
Co'os pés no cadafalso e a vista erguida
Se mostra imperturbável.

Sofre mártir e expira! A pátria em-tôrno
Do seu sepulcro chora, onde a virtude, (1)
Afeita ao luto e à dor, de-novo carpe.
Do justo a flébil morte!

(Saudades)

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 47.

VOCABULÁRIO

Afeito (part. pas. de *afazer*): acostumado, habituado.
Algoz (subst.): verdugo, carrasco; o que atormenta.
Aragem (subst.): vento brando, bafejo; briza, aura.
Cadafalso (subst.): estrado ou tablado eminente em que se executam os condenados.
Calúnia (subst.): imputação de ato criminoso a alguem, imputação falsa contra a honra e o crédito de alguem; difamação.
Carpir (v.): lamentar, lastimar, chorar, deplorar, prantear.
Confessar (v.): declarar (êrro, culpa, crime); proclamar; professar, publicar, dizer publicamente.
Constante (adj.): perseverante, firme, inconcusso, inabalável em suas opiniões: contínuo, incessante.
Denegrir (v.), tornar negro; enodoar, macular, poluir.

(1) "A Virtude", isto-é, *as pessoas virtuosas*. E' uma *sinédoque*, figura pela qual se toma o abstrato pelo concreto.

Desgraça (subst.): infelicidade, infortúnio, desdita, desventura adversidade.

Feito (subst.): ato, obra, ação, fato; sucesso; processo, demanda, lide.

Flébil (adj): lacrimoso, plangente; digno de lamentar-se ou chorar-se.

Graduar (v.): dispor em graus, regular, proporcionar.

Grego (adj. substantívado): no texto significa, por antonomásia, o filósofo cínico Diógenes, que morava dentro de um tonel.

Imperturbável (adj.): plácido, sereno, tranqüilo.

Justo (adj.): reto, virtuoso, íntegro, que segue a justiça e o direito.

Luculo (subst. próprio): general romano, célebre pelo seu fausto e opulência, e orador brilhante. Combateu principalmente contra Mitridates, rei do Ponto. (109 A. C. e 57 D. C.). Na linguagem comum passou a significar gastrônomo fino, sibarita, indivíduo que se trata com extremo luxo: *F. é um luculo.*

Marear (v.): governar navio; andar no mar; orientar; deslustrar, oxidar, manchar.

Mártir (subst.): o que sofre pela fé ou em defesa de suas idéias; vítima, pessoa sofredora.

Meditar (v.): pensar em, considerar, refletir, ponderar.

Mérito (subst.): qualidades ou serviços que suscitam para alguêm estima ou prêmio; merecimento.

Modesto (adj.): moderado, comedido nos desejos e costumes; simples, singelo; humilde; pudíco, recatado.

Paço (subst.): palácio, residência ordinária dos reis e prelados; residência principesca.

Preceito (subst.): ensinamento, doutrina, norma de proceder; ordem, regra.

Princípios (subst. pl.): elementos fundamentais; regras de proceder; opiniões.

Renegar (v.): desprezar, abandonar, olvidar; deixar (um partido, uma religião, uma opinião por outra).

Sepulcro (subst.): lugar onde se enterram cadáveres, túmulo, sepultura.

Subido (part. pas. de *subir* e adj.): elevado, alto; sublime, eminente; excessivo.

Tirano (subst.): o que governa desprezando as leis, déspota; pessoa arbitrária e cruel; (adj.): tirânico, despótico, injusto.

Tisnar (v.): tostar enegrecer pelo calor; manchar, macular, enodoar; — *se*: enegrecer-se, macular-se.

Varão (subst.): indivíduo do sexo masculino; homem esforçado ou respeitável.

Ventura (subst.): sorte próspera, felicidade, dita.

Vista (subst.): ato ou efeito de ver; o órgão visual, os olhos, o olhar; panorama, quadro; modo de ver. Tem outros sentidos.

QUESTIONÁRIO. Em quê medita o homem justo? Por on-

de guia os passos? Que diz o poeta da alma dêle? Por quê e como morre? Que podem fazer contra êle a calúnia e o mundo? Como procede tanto nos palácios como nas choupanas? Que lhe causam a ventura ou a desgraça? Obedece às ordens tirânicas, curva-se diante do algoz ou abafa os gritos da conciência? Como se mostra no cadafalso? Que fazem a pátria e as pessoas virtuosas em-tôrno do seu sepulcro? Que nos ensina o poeta?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras com o grupo *ct*.

HOMÔNIMOS. *Varão* (subst.: *homem*) e *varão* (subst: *vara grossa de ferro*); *firme* (adj.) e *firme* (v.); *tisna* (subst.) e *tisna* (v.); *feito* subst.) e *feito* (part. pas de *fazer*); *pàço* (*palácio*, substant.) e *passo* (subst.: *ato de passar*) e *passo* (v.); *mostra* (subst.) e *mostra* (v.); *afeita* (part. pas. fem. de *afazer*) e *afeita* (v. *afeitar*); *luto* (subst.: *tristeza*), *luto* (subst.: *massa*) e *luto* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *forte, modesto, constante, sábio, eterno, austero, crente, denegrir, mérito, paço, ventura, abater, afeito.*

COGNATOS. Dar os de: *justo, meditar, eterno, denegrir, mérito, firme, tempo.*

ANÁLISE. Analisar léxica e sintàticamente a 3.ª e a 4.ª estrofes. Conjugar: *marear, denegrir* e *afazer.*

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos aplicáveis a: *lição, caminho, paço, passo, feito* (subst.), *preceito, algoz, sepulcro.* Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *modesto, constante, vingador, imperturbável, flébil.* Formar frases diversas com cada um dos verbos: *graduar, marear, conspirar, renegar, transformar, abater.*

COMPOSIÇÃO. Aproveitando as idéias ministradas na poesia lida, traçar o retrato do varão forte.

XIX — MEIO-DIA

ALCIDES MAIA

Eram horas de meio-dia. O sol quási a-pino, magnífico, reverberava num céu azul sem nuvens, implacável. Do terreiro, que a guazuma invadira bastamente, vinha um calor incômodo, sufocante, sem o menor lenitivo de

aragem. A poucas quadras, em meio da faïscação hostil das pradarias, êrmas à canícula, um velho umbú solitário, arredondava, imota, a sua fronde verde sobranceira. O gado fugira, em-demanda-de sombra, para restingas e capões. Nas varzeas circunjacentes, mosqueadas, cá e lá, de nódoas negras de macegal crestado, com borrifos de mato ralo, nenhuma forma quebrava, movediça, a suspensa melancolia da paragem. O silêncio parecia dilatar as lhanuras, engrandecer as colinas, prolongar, ilimitada, na atmosfera luminosa, toda a vasta perspectiva pampeana; e, a-despeito da limpidez do céu, pairava indefinível, sôbre a terra aletargada, uma incerta ameaça de tormenta próxima.

Dentro do rancho, ao-longo dos vigotes da cumieira, betados a intervalos pelos raios de luz que os feixes de santa-fé, rasgados, transfundiam, uma abelha esvoaçava, a zumbir, em giro tardo, às-vezes bruna, nos escuros da linha, às-vezes fulva, numa réstia de ouro.

(Ruínas vivas)

Alcides Maia nasceu em S. Gabriel (Rio Grande do Sul), a 15 de outubro de 1878. Fixando-se no Rio de Janeiro, aí exerceu o cargo de bibliotecário do Pedagogium. Em setembro de 1913, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras para substituir Aluizio de Azevedo.

Suas obras principais são: *Ruínas Vivas* e *Ocaso* (romances), *Tapera* e *Nos fogões* (contos) e *Machado de Assís* (crítica). Colaborou também na imprensa.

Alcides Maia é escritor brilhante e original, que, amando a sua terra e conhecendo-a como poucos, no-la pinta com emoção e fidelidade. A sua linguagem, fluente e alinhada, interessa-nos principalmente pelo grande número de expressões regionais que contêm.

No prefácio de *Tapera* assim se exprimiu Coelho Neto: "O teu livro é bem nosso, no assunto e na linguagem — ressu-

ma seiva, e por êle, na abastosa païsagem de campo, o clima, a luz, as vozes, os costumes são nossos." E mais adiante: "O teu livro, Alcides, é amplo, claro, vívido, bem nosso, desde o título".

VOCABULÁRIO

Aletargado (part. pas. de *aletargar*): pôsto em letargo ou sono profundo, entorpecido, adormecido profundamente.

A-pino (loc. adv.): verticalmente.

Betar (v.): listar de côres variegadas, matizar.

Borrifo (subst.): gota de chuva, salpico; pinta, malha imitando gota.

Bruno (adj. Galicismo): escuro.

Canícula (subst.), estação calmosa em que o Sol e Sírio se acham em conjunção; calor intenso.

Circunjacente (adj.): que jaz em-redor, próximo, vizinho.

Crestar (v.): queimar superficialmente, tostar; tornar sêco pelo calor ou pelo frio; tornar trigueiro; colher o mel das colméias, tirando apenas parte dos favos; saquear, desfalcar.

Cumieira ou **cumeeira** (subst.) a parte mais alta da montanha ou do telhado.

Dilatar (v.): alargar, ampliar, estender, aumentar.

Em-demanda-de (loc. prep.): em-busca, em-procura-de.

Faïscação (subst.): cintilação, rutilação.

Fronde (subst.): copa, rama, ramada.

Guazuma (subst.): planta erbácea americana.

Hostil (adj.): inimigo, infenso, nocivo.

Inóto (adj.): imóvel, quêdo, parado.

Implacável (adj.): que não se pode aplacar ou abrandar, rigoroso.

Lenitivo (subst.): alívio, refrigério.

Lhanura (subst.): chão, planície.

Macegal (subst): terreno onde viça muita macega.

Magnífico (adj.): esplêndido, pomposo, faustuoso.

Mosquear (v.): salpicar de pintas ou manchas, pintalgar, sarapintar.

Pampeano (adj. Neologismo): que pertence ou se refere aos pampas.

Paragem (subst.): ação de parar, pausa; parte de mar navegável; sítio, lugar.

Perspectiva (subst.): aspeto em que se representam os objetos vistos de-longe; panorama; aparência; esperança, expectativa.

Pradaria (subst.) série de prados, planície extensa.

Quadra (substant.): compartimento em forma de quadrado; estância de 4 versos; ocasião, época, sazão, (Brasil

meridional): superfície de terreno com cêrca de 132 metros quadrados.

Réstia (subst.): corda de juncos ou de caules entrançados, feixes de luz.

Restinga (subst.): mato à beira de rio ou regato.

Reverberar (v.): dardejar, brilhar, resplandecer; refletir luz ou calor.

Santa-fé (subst. comp.): gramínea que, depois de sêca, serve para cobrir choças.

Sobranceiro (adj.): alto, elevado, eminente; altivo, altanado.

Suspenso (part. pas. e adj.): pendente; hesitante, perplexo; parado, adormecido.

Tardo (adj.): vagaroso, lento, demorado.

Transfundir (v.) fazer passar um líquido de um vaso para outro; esparzir, difundir através.

Umbú (subst.): grande árvore americana.

Vigote ou Vigota (substant.): pequena viga ou trave, ripa, sarrafo.

ORTOGRAFIA. Palavras em que *x* sôa com *ss*: *axioma, auxílio, defluxo, máxima, máximo, maximalismo, proximal, proximidade, próximo, sintaxe, trouxe* (pret. perf. do v. *trazer*). Palavras em que o *x* tem o som de *s* reverso, como em *estar*: *bissexto, contexto, justa-* (prefixo), *mixto* (melhor *misto*), *sexto, texto*.

HOMÔNIMOS. *Incômodo* (adj. e subst.) e *incomodo* (v.); *quadra* (subst.) e *quadra* (v.); *êrma* (adj. fem.), *herma* (subst.) e *erma* (v.); *giro* (subst.) e *giro* (v.).

PARÔNIMOS. *Dilatar* e *delatar, fronde* e *fronte*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *a-pino, bastamente, incômodo, hastil, imoto, sobranceiro, ralo, dilatar, aletargado, tardo, prolongar*.

COGNATOS. Dar os de: *calor, quadra, hostil, quebrar, movediço, luminoso, terra, tormenta, tarde*.

ANÁLISE. Indicar todos os verbos intransitivos e irregulares, os adjetivos determinativos, as preposições e locuções prepositivas existentes no trecho. Fazer a análise sintática dos três primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar substantivos qualificáveis por: *magnífico, implacável, sufocante, hostil, crestado, movediço, fulvo*. Procurar alguns adjetivos adequados a: *calor, aragem, sombra, paragem, colina, atmosfera, tormenta*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *reverberar, invadir, arredondar, quebrar, dilatar, engrandecer, pairar* e *transfundir*.

COMPOSIÇÃO. Descrever um dia calmoso.

XX — A PARTIDA DA MONÇÃO

VICENTE DE CARVALHO

I

Ei-las, as tôscas naus de bordas rastejantes
À-flor das águas, naus de estreitos rios quietos;
Ei-las, prestes a abrir para o sertão distante
O seu vôo arrastado e sem glória, de insetos.

Nem o porte arrogante, o sobranceiro aprumo
— Altivo no descanso e ousado nos tufões —
Dessas águias que vão bordejando sem rumo
Pelo acaso do mar, feito de turbilhões;

Nem a airosa altivez das velas desfraldadas
Fugindo ao sol, ao vento abroquelando o bôjo;
Nem proas a romper ondas e espumaradas,
Pelos parceis em fúria arroteando o rebôjo.

Nada disso que faz o petulante orgulho
De afoitos bergantins e galeras reais:
Calcar a onda, rompê-la, ouvindo no marulho
A comemoração dos seus passos triunfais;

Nem adiante, acirrando o desejo atrevido
De aventura e perigo, ânsias de glória em suma,
— A infinita extensão do mar êrmo, perdido
Nos confins do horizonte amortalhado em bruma;

Nem o arroubo, a poesia, a esperança fogosa
De ir ao-longe, através das ondas, conquistar
A nudeza pagã e a virgindade ociosa
De êrmas ilhas em flor na solidão do mar...

II

Humildes, tôscas naus de borda rastejante
À-tona-d'água, naus de estreitos rios quietos,
Vão apenas abrir para o sertão distante
O seu vôo, arrastado e sem glória, de insetos.

Levadas no pendor macio da corrente,
Irão seguindo, irão seguindo sem rumor
E sem vontade, mole e resignadamente,
Por um rumo servil, forçado e encantador.

A raiva dos tufões (como a grita afastada
De eco em eco se adoça em suspiro de mágoas)
Esvaída, a morrer de quebrada em quebrada,
Mal roçará de-leve a face azul das águas.

Em todo o curso, a terra ao lado, seio amigo,
Companheira constante e proteção fiel,
Pondo o socorro à mão, nas ânsias do perigo,
Dando ao gôzo do olhar delícias de um vergel.

E o rio manso, manso... a ondular murmurando,
O seu murmúrio igual, monótono estribilho,
Morosa cantilena, em voz baixa e em tom brando,
De mãe que embala o berço onde repousa o filho.

E o rio manso, manso... a embalá-las, descendo
No balanço sutil da mole ondulação,
E a arrastá-las, de-leve assim, para o tremendo,
Para o longínquo, vago, infinito sertão...

(Poemas e Canções)

Vicente de Carvalho nasceu em Santos (S. Paulo), em 6 de abril de 1866. Formou-se em direito pela Faculdade do seu Estado natal. Exerceu vários cargos de relevância: presidente da câmara municipal de Santos, deputado estadual, secretário do Interior e da Justiça do Estado de S. Paulo e magistrado. Dirigiu o importante jornal político — *Cidade de Santos*. Vicente de Carvalho é dos nossos mais mimosos líricos, autor de maravilhosos versos, cinzelados com requintadada arte e impregnados de doce lirismo. Escreveu: *Ardentias, Poemas e Canções, Rosa, Rosa de amor*. Filia-se à escola parnasiana. Pertenceu à Academia Brasileira, ocupando a cadeira de Martins Pena. Faleceu em abril de 1924.

VOCABULÁRIO

Abroquelar (v.): proteger com broquel, que é um escudo pequeno.

Acirrar (v.): incitar ou açular (os cães); incitar, estimular, aguilhoar.

Afoito (adj.): audaz, arrojado, ousado, temerário, que não teme os perigos, corajoso.

Ânsia (subst.): desejo ardente, aflição; perturbação causada pela incerteza, ansiedade.

Aprumo (subst.): majestade, altivez, sobranceria.

Arrastado (part. pas. de *arrastar* e adj.): tardo, lento, pesado.

Arrogante (adj.): soberbo, altivo, altaneiro.

Arrotear (v.): desbravar, limpar de mato; limpar.

Arroubo (subst.): enlêvo, arrebatamento, êxtase.

Aventura (subst.): acontecimento imprevisto ou extraordinário; ação ou transe arriscado; acaso, sorte.

Bergantim (subst.): embarcação de dois mastros que armam em brique; galeota com camarim em que se transportavam as pessoas reais.

Bordejar (v.): navegar mudando de rumo freqüentemente, quando o vento é desfavorável á derrota; andar pelas bordas; cambalear, arfar.

Bruma (subst).: nevoeiro, mormente no mar; obscuridade, incerteza, dubiedade.

Cantilena (substant.): cantiga, canto suave e terno.

Comemoração (subst.): solenização, celebração.

Conquistar (v.): vencer, ganhar pelas armas; cativar pelo amor, bondade, talento, etc.

Desfraldar (v.): soltar ao vento.

Estribilho (subst.): verso ou versos que se repetem no fim das estâncias de uma poesia; trecho de música que

se repete em intervalos iguais; frase repetida, trilhada.

Galera (subst.): antiga embarcação de vela e remo, com dois ou três mastros, galé.

Marulho (subst.): agitação das ondas ou das águas; barulho, tumulto, agitação, alvoroto; enjôo no mar.

Monção (subst.): época ou vento favoravel à navegação; oportunidade, ensejo; (Brasil): expedição para a conquista do sertão, bandeira.

Moroso (adj.): lento, demorado, arrastado.

Pagão (adj. e subst.): que não é batizado, gentío.

Parcel (subst.): recife, baixel, escôlho, cachopo.

Petulante (adj.): ousado, insolente, protervo, atrevido.

Porte (subst.): ação de conduzir ou trazer; transporte, carga; preço de um transporte; aspeto, modo de apresentar-se; tonelagem, capacidade.

Proa (substant.): extremidade dianteira do navio.

Quebrada (subst.): declive, ladeira; excavação feita pelas águas.

Servil (adj.): próprio de servo ou escravo; obscuro, insignificante.

Sutil (adj.): suave, leve, macio, tênue.

Tôsco (adj.): grosseiro, mal acabado, achavascado, imperfeito .

Vergel (subst.): pomar, jardim, horto.

QUESTIONÁRIO. Que é que se descreve? Como são as naus? Que vão fazer? Assemelham-se às naus do mar? Por quê não? Que diz destas o poeta? Para onde vão as naus da monção? Como e por onde seguirão? Que se diz da raiva dos tufões? E da terra adjacente? E do rio? A quê se compara o seu murmúrio? Como e para onde leva o rio as naus? Qual a impressão geral que dá êste trecho?

ORTOGRAFÍA. Palavras que se escrevem com *s* e não com *c*: *ânsia, cansar, dansa, descansar, descanso, dossel, coser* (ligar com pontos) *dossel essa* (catafalco), *farsa, pêssego, pretensão, sossegar, sossêgo, seara*. Ao contrário, grafam-se com *c* (*ç*): *açucar, almoço, Escócia, Suiça*. Escrevem-se com *j* e não com *g*: *ajeitar, brejeiro, estranjeiro, majestade, manjericão, manjerona, manjil* e seus cognatos, e bem assim todas as palavras em que o *j* é etimológico: *lisonjear, lisonjeiro, gorjear, gorjeio, gorjeta* (de gorja), *jeito* (de *jactu-*), *objeto, objetivo, objeção*, etc., e todos os vocábulos terminados em *-jeção, -jeição, -jeto* (*-jecto*) e *-jeito*: *objeção, sujeição, projeto* (*projecto*), *projeção* e seus cognatos.

HOMÔNIMOS. *Prestes* (adj.), *prestes* (v.) e *prestes* (adv.); *aprumo* (subst.), *aprumo*

(v.) e *a-prumo* (loc. adv.); *balanço* (subst.) e *balanço* (v.); *tremendo* (adj.) e *tremendo* (gerúndio e part. pres. de *tremer*).

PARÔNIMOS. *Ânsia* e *ansa*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *fôsco, distante, arrogante, humilde, ousado, airoso, desfraldar, conquistar, ocioso, servil.*

COGNATOS. Dar os de: *borda, rumor, servil, roçar, lado, ânsia, sertão, curso, manso.*

ANÁLISE. Citar todos os adjetivos qualificativos, pronomes pessoais, preposições e conjunções que se encontram no texto. Analisar sintàticamente as três primeiras estrofes.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos aplicáveis a: *nau, rio, porte, altivez, perigo, cantilena, ondulação, sertão.* Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *tôsco, sobranceiro, airoso, petulante, triunfal, fogoso, servil, moroso.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *desfraldar, abroquelar, romper, acirrar, conquistar, embalar.*

COMPOSIÇÃO. Dissertar sôbre as expedições dos bandeirantes.

XXI — O BRASIL

VISCONDE DE PORTO-SEGURO

A terra do Brasil dilata-se desde as cabeceiras mais setentrionais do caudaloso Amazonas até quási às margens do Prata, alargando-se muito mais para as bandas do norte, à feição do continente meridional a que pertence e do qual constitue quási a metade.

Por toda a extensão que abraçam êsses dois grandes rios, se erguem serranias que produzem variegados vales, por cujos leitos correm outros tantos rios caudalosos.

Metade aproximadamente do território mais a noroeste é retalhado, em todos os sentidos, pelas águas do

mencionado Amazonas e seus possantes braços. Essas águas vão com tanta fúria arrojar-se ao mar, quási debaixo da equinocial que, durante certa distância da costa, deixam as ondas dêle de ser salgadas.

Os grandes tributários da margem direita do Amazonas procedem de serras e chapadões, que se erguem numa paragem proximamente central a todo o território, do qual vão ao Atlântico pelo Prata, outras vertentes, depois de continuarem e banharem com suas águas os distritos do sul. Dessa mesma paragem central, de ameno clima em todos os meses do ano, baixam para o lado oriental outras vertentes, sendo ela, assim, a que melhor se presta para ligar entre si todo o sistema de comunicações fluviais no Império, e a que a própria natureza está indicando como a mais adequada para constituir o grande e poderoso núcleo da futura união, segurança e independência do Estado, oferecendo para o estabelecimento de uma grande capital quer o chapadão do Urucuia, quer o de Santa Maria.

(História Geral do Brasil)

Francisco Adolfo de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, filho de um alemão, nasceu em Sorocaba, S. Paulo (1816) e faleceu em Viena (1876). Acompanhando sua família para Portugal (1823), Varnhagen serviu na milícia e cursou a Real Academia de Fortificação. Tanto se distinguiu pelas suas investigações e estudos históricos que foi recebido por membro da Academia das Ciências de Lisboa. Em 1841, fez-se declarar cidadão brasileiro, e seguiu então a diplomacia, sendo nosso representante em Espanha, Chile, Perú, Equador e Austria-Hungria. Historiador, crítico, filólogo, assinalou-se pelo ardor incansavel em suas pesquisas e pela largueza da sua erudição. Escreveu: *História Geral do Brasil*, sua obra mais notável, e várias memórias (*O descobrimento da América, Cristóvão Colombo, Vespúcio, História*

completa das lutas dos holandeses no Brasil, História da Independência do Brasil, etc.), recolhidas na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Deu-nos ainda interessantes estudos críticos sôbre o *Livro das Cantigas do Conde de Barcelos,* sôbre os *Épicos brasileiros* (*Caramuru e Uruguai* respectivamente de Santa Rita Durão e Basílio da Gama) *Cancioneiros,* etc.). Sua linguagem em geral correta, não é das mais elegante: Varnhagen era mais um expositor do que um estilista.

VOCABULÁRIO

Adequado (adj.): apropriado, acomodado, adaptado.

À feição de (loc. prep.): em feitio ou em forma de.

Ameno (adj.): aprazível, deleitoso, agradável; brando; delicado, afável, lhano, cortês.

Cabeceiras (subst. pl.): região vizinha das nascentes de um rio.

Caudaloso (adj.): abundante em águas, caudal, copioso.

Chapadão (subst. Brasil): chapada ou planura elevada e extensa, planalto.

Distrito (subst.): área de uma jurisdição; divisão administrativa de um município.

Equinocial (adj.): relativo ao equinócio, que é o momento em que o Sol, no seu movimento anual, corta o equador, igualando a duração do dia com a da noite em todos os pontos do globo; equatorial.

Fluvial (adj.): relativo aos rios, próprio dêles; que vive nos rios.

Mencionar (v.) referir, citar, nomear.

Meridional (adj.): situado no sul ou a êle relativo.

Núcleo (subst.): ponto central, centro; séde; miôlo da noz e de certos frutos; parte mais densa da cabeça de um cometa; parte interior da célula; ponto essencial; a nata, a flor, o escol, o melhor de qualquer cousa.

Possante (adj.): forte, robusto, vigoroso, majestoso.

Retalhar (v.): cortar em pedaços, sulcar, dividir.

Setentrional (adj.): situado no norte ou referente a êle.

Sistema (subst.): conjunto de partes ligadas entre si; forma de govêrno; plano; coordenação dos princípios, noções, regras pertinentes a uma ciência, arte, etc.; conjunto de leis; método, uso, hábito.

Tributário (subst.) o que paga tributo ou imposto, contribuinte; afluente; vassalo.

Vertente (subst.): declive, a inclinação de um monte, montanha ou região por onde correm as águas que se di-

rigem para um rio, mar, lago, etc.

QUESTIONÁRIO. Quais os extremos do Brasil? Onde é êle mais largo? Que é que existe em toda a extensão abraçada pelos dois rios, Amazonas e Prata? Qual a parte mais retalhada de rios? Quais são êsses rios? Que se diz das suas águas? E dos tributários da margem direita do Amazonas? E das outras vertentes? Qual o clima dessa paragem central? Que vantagem oferece ela? Para quê a está indicando a natureza?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras em que *x* soa como *ss* e como *s* reverso.

HOMÔNIMOS. *Distância* (substant.) e *distancia* (v.); *cerra* (v. *cerrar*), *serra* (subst.) e *serra* (v.).

PARÔNIMOS. *Distrito* e *detrito*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *setentrional, noroeste, possante, fúria, central, continuar, ameno, adequado*.

COGNATOS. Dar os de: *Brasil, margem, abraçar, possante, arrojar, tributário, central, ameno, clima, sistema, capital*.

ANÁLISE. Indicar todos os pronomes relativos existentes no trecho. Analisar sintàticamente o 1.º período. Dar todos os graus de significação dos adjetivos *caudaloso, grande, pequeno, bom* e *mau*.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar adjetivos adequados para: *terra, feição, vertente, serra, território, chapadão*. Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *variegado, possante, ameno, oriental, poderoso*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *alargar, constituir, abraçar, produzir, arrojar, proceder, oferecer*.

COMPOSIÇÃO. Descrever geogràficamente o Brasil.

XXII — MINHA MÃE

CASIMIRO DE ABREU

Da pátria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:
— Minha Mãe!

Nas horas caladas das noites de estio,
Sentado sosinho, co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— "O' filho querido do meu coração!"
— Minha Mãe!

No berço pendente dos ramos floridos
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que êsse berço com todo o cuidado,
Cantando cantigas, alegre, embalava?
— Minha Mãe!

De noite, alta noite, quando eu já dormia,
Sonhando êsses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus lábios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sôpro de Deus?
— Minha Mãe!

Feliz o bom filho que pode contente
Na casa paterna, de noite e de dia,
Sentir as carícias do anjo de amores,
Da estrêla brilhante que a vida nos guia!
— Uma Mamãe!

Por isso, eu agora, na terra do exílio,
Sentado sosinho, co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
— "O' filho querido do meu coração!"
— Minha Mãe!

(Obras Completas, edição Garnier)

Casimiro José Marques de Abreu nasceu em Barra de S. João (Estado do Rio), aos 4 de janeiro de 1837 e morreu em Nova Friburgo em 18 de outubro de 1860. Estudou no

Colégio Freese (Nova Friburgo). Seu pai, homem utilitarista, destinava-o ao comércio, para o qual nenhum pendor sentia. Depois de trabalhar no escritório comercial daquêle, no Rio de Janeiro, foi mandado para Portugal em 1853, regressando para o Brasil quatro anos depois, atacado de uma tuberculose, que em pouco tempo o arrebatou à vida, com 23 anos de idade.

Casimiro de Abreu é um dos nossos poetas mais populares pela sua linguagem singela e até incorreta às-vezes, mas partida do coração, sem artifícios, sem revoltas, sem blasfêmias. Êle efunde, num lirismo melancólico e doce, as saudades da pátria, as ternuras de filho e os sonhos de um amor puro de adolescente. "Sua vida era um desejo constante de felicidade íntima e sossegada, feita de sereno bucolismo, entre os pássaros, as águas e as árvores do bom Deus, sem grandes torturas de espírito nem outras cogitações que não fossem a família e a poesia" (Ronald de Carvalho). Deixou um livro de versos *Primaveras*. J. Norberto de Sousa coligiu suas *Obras Completas*, com um juizo crítico e anotações.

VOCABULÁRIO

Calado (adj.): silente, silencioso.

Cantiga (subst.): poesia cantada e geralmente composta de estrofes iguais ou coplas; ária; história pouco verissímil contada para enganar; léria, balela, lábia.

Carícia (subst.): carinho, mimo, afago, ternura, meiguice.

Cuidado (subst.): solicitude, desvelo, zêlo.

Dormitar (v.): dormir levemente, descansar.

Exílio (subst.): o morar forçadamente fora da pátria, destêrro, o sítio em que alguêm se acha expatriado.

Imágem (subst.): idéia, representação, símbolo; figura que representa uma pessoa ou cousa; reflexo, reprodução; impressão de um objeto no espírito.

Lábio (subst.): a parte exterior da bôca que cobre os dentes, beiço; rebordo de uma ferida; bôca; linguagem, palavras.

QUESTIONÁRIO. Onde se acha o poeta? Que guarda êle no peito? Quando lhe vem essa imagem ao espírito? Por quem chora e soluça? Quando? Como lhe chamava sua mãe? Como

era o berço dêle e que fazia no mesmo? Como é que sua mãe embalava o berço? Que sonhava êle alta noite? Que acontecia quando já dormia? A quê compara êle sua mãe? Que diz do bom filho? Que faz na terra do exílio? Qual a idéia geral do trecho?

ORTOGRAFIA. Recordar as palavras em que há *x* soando *z*.

HOMÔNIMOS. *Canto* (subst.) e *canto* (v.); *chôro* (subst.) e *choro* (v.); *flórido* (adj.) e *florido* (part. pas. de *florir*); *cuidado* (subs.) e *cuidado* (part. pas. de *cuidar*); *sôpro* (subst.) e *sopro* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *formoso, dor, verdadeiro, amor, calado, berço, cuidado, céu, carícia, anjo, dormir, brilhante.*

COGNATOS. Dar os de: *pátria, distante, canto, dor* (rad. *dol-*), *peito.*

ANÁLISE. Indicar os pronomes pessoais, relativos e indefinitos. Conjugar: *querer, dormir* e *sentir.* Analisar sintàticamente a 3.ª e a 4.ª estrofes.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjectivos aplicáveis a: *pátria, canto, dor, peito, imagem, amor, horas, cantiga, sonho, estrêla, carícia.* Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *saudoso, santo, florido, dormente, paterno, brilhante.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *gemer, guardar, embalar, sonhar, roçar, sentir, suspirar, chamar.*

COMPOSIÇÃO. Dissertar sôbre o amor materno.

XXIII — A FESTA DE S. JOÃO

DR. MELO MORAES FILHO

E' fora dos centros adiantados que a soberba festa adquiriu o máximo esplendor, a partir dos arrabaldes, em que os moradores gozavam de liberdade plena no amplo das estradas e na fartura do indispensável às comezainas lautas, ao feérico da comemoração.

Apenas escurecia, as vivendas do engenho destacavam-se (1) no alêm como palácios encantados, ao brilho das luzes, ao fantástico dos vultos que tumultuavam, às cascatas de fogo e de pedrarias líquidas das pistolas e dos craveiros, que espanadavam das janelas lenços faïscantes, alastrando o chão do mastro e os longes do caminho. A música preludiava lá dentro, as violas tiniam na estrada, vibradas por tabaréus, rufando a caixa de guerra dos negros da roça, que, roncando nos batuques, fazendo mungangas, cantando suas toadas, acordavam os ecos com os seus alaridos bárbaros.

E as bombas estouravam, os foguetes de lágrimas desfiavam, no ar noturno, diademas e colares de rubís, esmeraldas, crisólitas fundidas, aos gritos de "Viva S. João!" dos grupos festivos, em vários pontos do engenho. Aumentando o bizarro efeito do céu e da terra, os balões nadavam no éter, formando o todo dêsse espetáculo um mundo sublunar, um domínio verdadeiramente imaginário e encantado.

Nas brasas das fogueiras, assavam-se canas, carás, milhos e batatas, distribuídos em profusão pelos agregados e escravos.

Na mesa, sempre posta, viam-se os manauês, a saborosíssima cangica de milho verde, as pamonhas, as pipocas, os carás com melado, as batatas e as canas, os famosos bôlos de S. João e várias bebidas, cousa em que consistiam as tradicionais ceias da noite.

Por volta das dez horas, a festança recrudescia, organizando-se, nos terreiros, verdadeiros combates a busca-pés, facheados na mão calçada de luvas de coiro. Pessoas havia que festejavam com tiros de bacamarte. As moças tocavam pistolas e chuveiros, os rapazes, rojões

(1) *Destacar* no sentido de *distinguir, discernir, salientar*, não é bom vernáculo.

e roqueiras; os meninos e as meninas, bichas corredeiras, rodilhas e carteiras, fogos que não os arriscavam a imprevistos desastres.

De certa hora em diante, as superstições abriam seus solares de sêres fabulosos, de augúrios propícios e funestos.

(Festas e Tradições Populares do Brasil)

Alexandre José de Melo Morais (filho) é natural da Baía, onde nasceu aos 23 de fevereiro de 1844. Fez seus estudos preliminares no Seminário de S. José (Rio de Janeiro), chegando a tomar ordens menores e a prègar. Passou depois a residir na Europa, e em Londres redigiu o *Eco Americano*. Depois de graduar-se em medicina na Bélgica, tornou para o Brasil, dando-se ao jornalismo e à literatura. Dirigiu o Arquivo Público Municipal e foi um estudioso incansável dos nossos costumes, lendas e tradições. Seus estudos sôbre os ciganos constituem valioso subsídio para a nossa etnografia. Melo Morais não prima pela vernaculidade, mas ainda assim tem colorido e vibração, quando evoca e descreve as festas e usanças da nossa terra. Escreveu: *Cantos do Equador, Mitos e Poemas, Festas e Tradições populares do Brasil, Quadros e Crônicas, Patria Selvagem, Fatos e Memórias, Artistas do meu tempo, Os ciganos no Brasil, Cancioneiros dos Ciganos, Cancioneiros do Brasil, História e Costumes, Serenatas e Saraus, Curso de Literatura Brasileira, Parnaso Brasileiro,* etc. Já é falecido.

VOCABULARIO

Agregado (part. pas. substantivado): indivíduo incorporado numa família. Veja os outros sentidos.

Arrabaldes (subst. pl.): cercanias, arredores, subúrbios.

Augúrio (subst.): prognóstico, vaticínio, agoiro, sinal com

que se pretende conhecer o futuro.

Bacamarte (subst.): arma de fogo antiga com cano grosso e curto.

Bárbaro (adj.): rude, selvagem, grosseiro; bruto, cruel.

Batuque (subst.): dansa de negros; baile popular.

Bizarro (adj.): gentil, nobre, generoso, valente, galhardo. No sentido de *excêntrico, estranho, exquisito*, que lhe dá o autor, é galicismo censurável.

Chuveiro (subst.): fogo de artifício que cai em forma de chuva ou de lágrimas luminosas.

Crisólita (subst.): pedra preciosa côr de ouro. A forma correta desta palavra é *crisólito* (masculino), segundo a sua etimologia: do grego *chrysólithos*.

Diadema (subst. m.): coroa, estema real.

Éter (subst.): as regiões superiores da atmosfera, o céu, o espaço celeste, etc.

Fabuloso (adj.): que não existe realmente, inventado, fictício; mítico; extraordinário, maravilhoso.

Fachear (v. Brasil do Norte): quebrar, partir.

Feérico (adjetivo. Galicismo inútil): esplendente, esplendoroso, deslumbrante, encantador, etc.

Imprevisto (adj.): não-previsto, inopinado, inesperado.

Lauto (adj.): magnífico, rico; opíparo.

Manauê (subst.): espécie de bôlo feito de fubá, mel, etc.

Mastro (subst.): peça comprida de madeira que sustenta as velas dos barcos e navios; madeiro esguio que se levanta para comemorar festas religiosas.

Munganga (subst. Brasil): careta, esgares, momice, gatimônia.

Pamonha (subst.): outra espécie de bôlo, assado em fôlha de bananeira.

Preludiar (v.): ensaiar a voz ou o instrumento antes de cantar ou tocar; marcar o início de; estrear.

Profusão (substant.): fartura, abundância, cópia.

Propício (adj.): que protege, que auxilia; benévolo; oportuno, favorável, apropriado.

Recrudescer (v.): vir com mais fôrça (falando-se de um mal); aumentar, agravar-se. No texto está mal empregado.

Rojão (subst.): dardo, arma de arremêsso; (Brasil): foguete.

Roqueira (subst.): peça de artilharia antiga, que lançava peloiros de pedra. (Baía): espécie de canhão com que se dão tiros na festa de S. João (Caldas Aulete).

Rubí (subst.): pedra preciosa transparente e de um vermelho vivo; côr muito vermelha.

Rufar (v.): bater no tambor ou no pandeiro, produzindo som trêmulo e compassado. Vêr os outros significados.

Solar (subst.): herdade ou palácio de família nobre e antiga.

Sublunar (adj.): situado entre a Terra e a Lua ou abaixo da Lua. Diz-se da Terra e de tudo o que lhe pertence.

Superstição (subst.): crendice, abusão, preconceito.

Tabaréu (subst.): matuto, caipira.

Tocar (v.): pôr a mão em; tactear; tanger, fazer soar; dizer respeito, referir-se; pertencer, ser da atribuição de; excitar; soltar, lançar para o ar; — *se*: ter contacto, melindrar-se; embriagar-se um pouco.

Tradicional (adj.): relativo à tradição. *Tradição* é a transmissão, de idade em idade, de fatos, lendas, costumes, etc.

Tumultuar (v.): agitar-se, mover-se em tumulto, desordem ou confusão; amotinar-se, alvoroçar-se.

Vivenda (subst.): casa, morada, habitação.

QUESTIONÁRIO. Onde tinha a festa de S. João maior esplendor e animação? Que havia, ao escurecer, nas vivendas do engenho? Que se ouvia lá dentro? E na estrada? Que mais se observava? Que faziam os balões? Que é que se assava no brasido das fogueiras? Como e por quem eram distribuidos? Que se via na mesa sempre posta? Que acontecia, por volta das dez horas? E depois?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras que se escrevem com *s* e não com *c*, com *j* e não com *g*.

HOMÔNIMOS. *Brilho* (subst.) e *brilho* (v.); *líquidas* (adj. fem. pl.) e *líquidas* (v.); *chão* (subst.) e *chão* (adj.); *música* (subst.) e *musica* (v.); *imaginário* (adj.) e *imaginário* (subst.: *santeiro*); *bôlo* (subst.) e *bolo* (v.).

PARÔNIMOS. *Rufar* e *ruflar*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *adiantado, liberdade, amplo, fartura, guerra*.

COGNATOS. Dar os de: *festa, pleno, engenho, palácio, brilho, pedraria, música*.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos aplicáveis a: *festa, música, bomba, espectáculo, fogueira, mesa*. Achar substantivos qualificáveis por: *fantástico, faiscante, bárbaro, festivo, bizarro, tradicional*. Formar frases diversas usando cada um dos verbos: *adquirir, tumultuar, preludiar, rufar, estourar, distribuir, recrudescer, tocar*.

ANÁLISE. Analisar lèxicamente o 1.º período e sintàticamente o 2.º.

COMPOSIÇÃO. Descrever uma festa tradicional (S. João, S. Pedro, Sto. Antônio, Natal, Páscoa, etc.).

XXIV — HINO DA CRIAÇÃO

AURELIANO JOSÉ LESSA

Que mão misteriosa me conduz?
Vai pelo espaço o globo rodeando
Acelerado, infrene...
Trevas medonhas, lâmpadas de luz
Sôbre a minha cabeça vão rolando
Em giro perene...

O' terra, ó sol, ó noite, ó céus e mares!
Quem sou? quem sois? que mão misteriosa,
Que fôrça sempiterna
Fabricou e sustenta sôbre os ares
Esta máquina imensa e majestosa?
Que sábio a governa?

A TERRA

Seja a Terra, Êle mandou,
E eu fui no profundo espaço;
Impeliu-me com o seu braço,
E meu giro começou:
O meu primitivo passo
Ao veloz tempo marcou
A orígem da sua idade;
Eu rasguei a imensidade,
E Êle da eternidade
O imóvel seio rasgou.

O SOL

Seja a luz, disse o Senhor,
E eu no abismo rutilei,
Longe as trevas arrojei,
Que ocultam dos céus a côr;
E eu, que sou do espaço rei,
Co'a luz dos olhares meus
A vida aos mortais dardejo.
São estrêlas meu cortejo,
Do universo as molas rejo,
Mas regem-me as mãos de Deus!

O MAR

A minha informe amplidão
Do infinito é tôsca imagem;
O brado é minha linguagem
No hino da criação!
P'ra render minha homenagem
Tento aos astros me arrojar,
E, sôbre mil escarcéus,
Louvar ao Senhor nos céus...
Mas quebra os arrojos meus
Do Senhor um só olhar!...

A NOITE

Eu sou a mãe do repouso,
Que na terra o sono espalho,
E com lágrimas orvalho
O hemisfério sequioso;
O sol protege o trabalho,

Eu sou a sócia do amor;
Mas visto estrelado manto
Para alçar perene canto
Ao nome três vezes santo,
Ao nome do Creador.

O HOMEM

Eu sou um raio finito
Da infinita inteligência,
Que no livro da existência
Leio em toda a parte escrito
O nome da Providência,
Do Deus, do Senhor, do Pai!
Eia, ó céus! ó terra! ó dia!
O' mar! ó noite sombria!
Juntemos nossa harmonia
Para louvar Adonai!...
Nós, ó Senhor, te louvamos,
Nós, Senhor, te bendizemos,
E a fonte donde descemos,
Perpètuamente adoramos!
Hosana, hosana entoemos
Ao Deus, ao Pai, ao Senhor!
Hosana de noite e dia,
No céu, na terra, à porfia
E em toda a parte harmonia
Ao Deus, ao Creador!

(Poesias Póstumas)

Aureliano José Lessa nasceu em Diamanantina (Minas Gerais) em 1828 e faleceu em 1861. Formou-se em direito no Recife, tendo estudado também na Faculdade de S. Paulo,

onde teve por amigos e companheiros Bernardo Guimarães e Alvares de Azevedo. Concluido o seu curso, passou a advogar na sua cidade natal. Aureliano Lessa foi poeta espontâneo, mas as suas produções exalam certa melancolia, que as aproxima das de Alvares de Azevedo. Além disso, eram nêle muito acentuadas as tendências filosóficas, sob a forma de um panteismo disfarsado, tal qual se rastreia em alguns dos seus hinos — *A Criação, O Sol*, etc. Suas poesias foram enfeixadas num volume, em 1873, sob o título de *Poesias póstumas*. Faleceu no Sêrro (Minas), em 1861. Era irmão do eminente jurista e filósofo Ministro Pedro Lessa.

VOCABULÁRIO

Abismo (subst.): cavidade muito grande ou funda; o oceano; o espaço; voragem, pêgo, perdição.

Adonai (subst. próprio. E' vocábulo hebraico que significa *Senhor Supremo*). E' o nome usado no Antigo Testamento para donotar Deus, o Senhor, o Altíssimo.

Arrojar (v.): levar de rôjo ou de rastos; arremessar, lançar; — *se*: lançar-se com violência; ousar, atrever-se; andar de rôgo.

Brado (subst.): grito, clamor.

Cortejo (subst.): comitiva, séquito, acompanhamento, procissão; cumprimentos solenes.

Criação (subst.): o conjunto das cousas criadas, o universo.

Dardejar (v.): atirar dardo, exepelir, lançar; cintilar.

Escarcéu (subst.): encapeladura das ondas; ralho, alarido, tormenta doméstica.

Finito (adj.): que tem fim, limitado, transitório.

Hosana (subst. Termo siríaco): hino que se canta no domingo de Ramos, o qual começa por êsse vocábulo; (fig.): canto de triunfo, hino de louvor, loa, glorificação.

Infrene (adj.): desenfreado, incontido, impetuoso.

Mola (subst.): lâmina de aço que serve para dar impulso ou fazer resistência a uma peça. Tudo o que produz movimento de uma cousa ou concorre para êle.

Orígem (subst.): começo, causa, princípio, nascimento.

Porfia (subst.): contenda, luta, teima; *à* —: em-competência, à-compita, cada qual mais.

Render homenagem (loc.): render ou fazer preito, dar

mostras de respeito ou cortesia; reconhecer a superioridade de.

Rodear (v.): andar em volta, circundar, girar, rolar, revolutear.

Sempiterno (adj.): eterno, perpétuo, infinito.

Sequioso (adj.): que está com sêde, sedento, ávido, muito desejoso.

Ser (v.) ter um modo de existir (indicado num predicativo); existir; estar; pertencer; ter existência real; acontecer, suceder; consistir em: Forma inúmeras frases.

Universo (subst.): conjunto de todos os corpos ou astros no espaço ilimitado; o mundo, o sistema solar; a terra e o que ela contêm.

QUESTIONÁRIO. Que diz o poeta em cada uma das estrofes? Que sentimento procurou êle despertar? Qual a idéia geral da poesia estudada?

ORTOGRAFIA. Palavras escritas com *h* inicial: *hábil, habilidade, hálito, hangár, harêm, harto, harmonia, harpa, harpia, haste, haurir, hausto, haver, hebdomadário, hebraico, hectare, hético, hediondo, hegemonia, hégira, hélice, heleno, heráldico, herbáceo, herbívoro, herborizar, herbário, Hércules, hercúleo, herdade, herdar, hereditário, herança, hereje, heresia, hernia, heróí, herpes, hermético, hesitar, hiato, hiate, hiena, higiene, hino, hilare, hirto, hispido, hispano, história, histrião, hodierno, hoje, Holanda, homem, Homero, homenagem, homicídio, homilia, honesto, honor, honorário, honorífico, honra, hora, horizonte, horoscopo, horror, horrendo, hórrido, horta, horto, hosana, hóspede, hospital, hoste, hóstia, hostil, hucha, hulha, humano, humilde, híbrido, hidra, himeneu, hífen, hipnose, hissope, histeria*, etc. e todos os cognatos destas palavras.

HOMÔNIMOS. *Livro* (subst.) e *livro* (v.); *giro* (subst.) e *giro* (v.); *profundo* (adj. e subst.) e *profundo* (v.); *abismo* (subst.) e *abismo* (v.); *fôrça* (subst.) e *força* (v.); *tento* (subst.) e *tento* (v.); *arrôjo* (subst.) e *arrojo* (v.); *repoiso* (subst.) e *repoiso* (v.); *máquina* (subst.) e *maquina* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *misterioso, acelerado, infrene, perene, impelir, veloz, origem.*

COGNATOS. Dar os de *criação, espaço, acelerado, lâmpada, cabeça, rolar, fabricar, máquina.*

ANÁLISE. Indicar todos os substantivos concretos, abstratos e próprios, assim como todos os verbos transitivos e ligativos existentes no trecho. Analisar sintàticamente a 2.ª estrofe e os quatro primeiros versos da 3.ª.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos adequados a: *hino, lâmpada, giro, fôrça, má-*

quina, idade, abismo, brado, inteligência. Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *misterioso, medonho, sempiterno, primitivo, sequioso, finito.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *conduzir, rodear, rasgar, arrojar, reger, render, alçar.*

COMPOSIÇÃO. Discorrer sôbre as maravilhas da criação.

XXV — NEVOEIRO (1)

RAUL POMPÉIA

Tudo tinha desaparecido em névoas alvacentas. Às dez horas do dia, reinava apenas no ar um clarão fraco como uma simples demora da alvorada.

As têlhas em tôrno da casa lacrimejavam com um barulho monótono de adormentar. As fôlhas do arvoredo gotejavam igualmente, as mais altas sôbre as mais baixas, produzindo um murmúrio de crepitação branda. Sob a minha janela, que ficava exatamente por cima da porta de entrada, o pingar das goteiras levantava do alpendre de zinco um rumor de tambores ao-longe. Por volta do meio-dia, a chuva cessou, ficando o nevoeiro somente.

O nevoeiro chuvoso fecha-nos de todo como uma parede. Dentro aí não há pássaros. Todos os cânticos das selvas parecem afogados no dilúvio das grossas nuvens... Agora, prestando muita atenção, percebo um pássaro que canta. Um pássaro em gaiola, sem dúvida em alguma choupana. Único? Não. Ouço também, a distância, o grito de ferro de uma araponga. Um beija-flor chega violentamente, nascido da cerração, e vem,

(1) Este trecho foi abreviado por ser muito extenso no original.

com um zumbido de besouro, **voejar** por entre as madresilvas do terraço. A **peitica** melancólica solta, a tempos iguais, o seu pio **agourento**.

Raul d'Avila Pompéia. (Rio de Janeiro, 1863-1895). Estudou humanidades no Colégio de Pedro II e doutorou-se em direito na Faculdade de S. Paulo. Desde muito jovem deu mostras do seu talento com as suas produções em prosa e verso. Foi secretário da Escola Nacional de Belas Artes e sucessivamente diretor da repartição da estatística, do Diário Oficial e da Biblioteca Nacional. E' autor dos romances *O Ateneu* e *Agonia*, prefaciou o livro de Rodrigo Otávio — *Festas Nacionais*, além de vasta colaboração avulsa nos jornais. Seus versos vieram a lume após a sua morte num livro intitulado *Canções sem metro*. Fundou uma gazeta literária — *A Rua*, que teve curta duração. Pompéia pode incluir-se entre os naturalistas, sem se lhe notar, porêm, extremado apêgo aos princípios da escola. Num estílo singelo e numa linguagem às-vezes um pouco afrancesada, êle se mostra colorista de mérito e analista arguto.

VOCABULÁRIO

Adormentar (v.): tornar dormente, causar sono; embalar, abrandar (p. ex. uma dor).

Agourento ou agoirento (adj.): que envolve agoiro ou presságio, pressago.

Alpendre (subst.): telheiro, teto saliente suspenso por colunas ou pilastras, pelo menos de um lado; teto saliente que, com caráter mais ou menos ornamental, cobre a entrada de um edifício.

Choupana (subst): casa rústica de madeira, coberta de ramos ou de côlmo.

Crepitação (subst.): estalido, estalo.

Dilúvio (subst.): grande inundação; grande quantidade de; inundação que, segundo a Bíblia, afogou o mundo na sua primeira idade para castigar os pecados dos homens.

Lacrimejar ou lagrimejar (v.): deitar ou verter lágrimas; gotejar, estilar.

Peitica (subst.): ave do Brasil.
Voejar (v.): esvoaçar, volitar, dar pequenos e repetidos vôos.

QUESTIONÁRIO. De quê é que se trata? Que havia às dez horas? Que faziam as têlhas em-tôrno da casa? E as fôlhas do arvoredo? Que ouviu o escritor sob a sua janela? Que aconteceu por volta do meio-dia? Que diz o autor sôbre o nevoeiro chuvoso? Que percebe êle? É o único pássaro? Quais outros se ouvem?

ORTOGRAFIA. Continuação das palavras com *h* inicial. Começam por *h* os seguintes elementos gregos: *hal-* e *halo-* (sal), *hecto-* (cem), *hel-* e *helio-* (sol), *hema-* e *hemato-* (sangue), *hemi-* (meio), *hendeca-* (onze), *hepato-* (fígado), *hept-* e *hepta-* (sete), *hetero-* (diferente), *hex-* e *hexa-* (seis), *hiero-* (sagrado), *hipo-* (cavalo) *hipo-* (sob, menos, pouco), *hial-* e *hialo-* (vidro), *hidr-* e *hidro-* (água), *higr-* *higro-* (úmido), *hilo-* (matéria), *hiper-* (sôbre, muito, além), *hipso-* (altura), *histo-* (tecido), *holo-* (inteiro), *homo-* (o mesmo, igual) *horo-* (hora), etc.

HOMÔNIMOS. *Tinha* (subst.) e *tinha* (v.), *demora* (subst.) e *demora* (v.); *árvore* (subst.) e *arvore* (v.); *cerração* e *serração* (substants.); *dúvida* (subst.) e *duvida* (v.).

PARÔNIMOS. *Murmúrio* e *múrmuro.*

SINCRÉTICOS. *Agourento* e *agoirento, lacrimejar* e *lagrimejar.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *demora, barulho, monótono, brando, exatamente, ao-longe, crescer, agourento.*

COGNATOS: Dar os de: *névoa. reinar, clarão, demora, casa, lacrimejar, fôlha, alto, brando.*

ANÁLISE. Indicar todos os pronomes, preposições, locuções preposicionais e particípios existentes no trecho. Analisar sintàticamente os quatro primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos apropriados para: *névoa, alvorada, barulho, fôlha, crepitação, chuva, choupana.* Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *alvacento, brando, agourento, melancólico, monótono.* Formar frases diversas com cada um dos verbos: *reinar, lacrimejar, adormentar, fechar, perceber, soltar.*

COMPOSIÇÃO. Descrever um dia chuvoso ou nevoento.

XXVI — A PRISÃO DE JESÚS

FAGUNDES VARELA

Era, porêm, bem tarde. As tôrvas horas
Da negra provação tinham passado;
O mistério do Horto se cumprira,
E como o lavrador que os prados rega,
Onde deve lançar vivas sementes,
Jesus regára a terra; então se ergueu,
Dizendo aos sonolentos companheiros:
— "Tudo está preparado! E, pois, agora
Podeis dormir em paz; mas vos afirmo
Que não tarda o momento da vergonha!
O traïdor anda perto: o Filho do Homem
Vai ser entregue aos ímpios! Vêde, amigos!
Dolorosa verdade!" As largas fôlhas
Das viçosas solâneas refletiram,
Como em noites de fúnebres agoiros,
Mil vacilantes fogos; os arbustos
Estalaram ao pêso das passadas
De cautelosos, pérfidos magotes;
E, assustados, os tenros passarinhos
Por tão estranhos lumes, se arrancaram,
Tomados de pavor, dos ninhos quentes,
Sacudindo, das frondes do arvoredo,
Uma chuva de orvalho. A curto espaço,
Assomavam, por entre os leves ramos,
As finas pontas de lustrosas lanças,
Compridas alabardas, longas varas
E rubros fogaréus; depois... Opróbrio!...
A figura satânica de Judas
Apareceu à frente dos sequazes
Dos inimigos pérfidos de Cristo!

Manso como um irmão, como um amigo,
Aproximou-se o monstro, as mãos impuras
Da vítima infeliz lançou aos ombros,
Beijou-lhe o branco rosto, e com voz firme
Disse e afastou-se: — "Deus te salve, Mestre!"
"— Judas, exclamou o Salvador, não basta
Que me houvesses traído? E é por um beijo,
E' por um beijo que me entregas, ímpio?..."
E voltando-se ao povo que o cercava:
— "Quem procurais?" — "Jesús, o Nazareno,"
Responde o chefe da sinistra escolta.
— "Eu sou!" diz o Senhor. A malta infame
Recuou assombrada. Então, de-nôvo
Interrogou Jesús com voz severa:
— "Quem procurais aqui?" "Jesús, o Cristo,"
Repete a multidão. — "Sou eu, prendei-me:
Conheço vosso intento e vossos planos;
Livres, porêm, deixai meus companheiros,
Que nenhum seduzi, nem fiz culpado!"
Calou-se o Redentor, mas Simão Pedro
Simão Pedro, o singelo e franco amigo,
O lhano sócio, o dedicado servo,
As afrontas prevendo e os vís insultos
Que o Mestre ameaçavam, se enfurece,
Puxa da espada que trazia e, lesto,
Como a chispa sutil da pederneira,
Corta uma orelha a desgraçado assecla
Dos sanhudos tiranos. — "Pedro, Pedro,
Exclama o Salvador, triste e sentido,
Cumpre esgotar o cálice de angústias
Que me ofertou meu Pai! Guarda essa espada.
Que o sangue me horroriza!" E a mão levando
Ao lugar da ferida, uniu a orelha,
E o servo ficou são qual dantes era.
Então feroz tribuno e vil coorte,

Rudes e miseráveis **quadrilheiros,**
Bando voraz de pérfidos **abutres,**
Lançaram-se ao Senhor, com duras cordas
Arrocharam-lhe os pulsos. Seus amigos,
Tomados de terror, se dispersaram...

(O Evangelho nas selvas)

Luiz Nicolau Fagundes Varela nasceu em Rio Claro (Estado do Rio), a 17 de agosto de 1841. Estudou primeiras letras e humanidades em Catalão (Goiaz), matriculando-se na Faculdade de Direito de S. Paulo (1862) e transferindo-se depois para a de Recife (1866); mas não chegou a formar-se, talvez por causa do seu temperamento boêmio e volúvel. Poeta inspirado e natural, é um dos nossos maiores líricos e principalmente um poderoso pintor da nossa natureza, cujos aspetos descreve com vigor e movimento. Seus versos são harmoniosos e sonoros e traduzem, com viveza e fidelidade, o subjetivismo dolente e terno do seu autor. Embora suas primeiras produções se ressintam bastante da influência de Goethe, Heine, Byron, Zorilla, Lamartine e Vitor Hugo, as posteriores afirmaram-lhe nitidamente a autonomia da personalidade literária. Deixou: *Noturnas, Pendão auriverde, Vozes da América, Cantos e fantasias, Cantos meridionais, Cantos do êrmo e da cidade, Anchieta ou o Evangelho nas selvas, Diário de Lázaro*, etc. Todas estas poesias foram editoradas por B. L. Garnier, Rio. Fagundes Varela morreu em Niterói aos 18 de fevereiro de 1875.

VOCABULÁRIO

Abutre (subst.): ave de rapina diurna.
Alabarda (subst.): arma composta de uma haste longa, terminada em ferro largo e pontiagudo atravessado por outro em forma de meia-lua.
Arrochar (v.): apertar com arrôcho, comprimir fortemente.

Assécla (subst. pouco usado. Mandam alguns pronunciar *ássecla*, mas esta prosódia, pôsto que etimológica, é forçada e pouco freqüente): sequaz, partidário.

Chispa (subst.): faísca, fagulha, fragmento de matéria incandescente, centelha.

Coorte (subst. coletivo): uma das divisões do antigo exército romano, trôço de gente armada; multidão.

Dispersar (v.); espalhar, pôr em debandada, tomar direções diferentes.

Escolta (subst. coletivo): trôço de tropa para acompanhar pessoa ou cousa.

Fogaréu (subst.): tigela em geral de ferro e com haste, na qual se acendem matérias oleosas ou inflamáveis; fogueira, lume; archote, facho.

Horto (subst.): jardim, vergel, pomar. O Horto: o Jardim das Oliveiras em Jerusalêm, onde Jesús orou e suou sangue.

Ímpio (adj.): que não é pio, que despreza a Deus e a religião, herege, blasfemo; cruel, deshumano.

Infame (adj.): que tem má fama, torpe, baixo, abjeto, vil, ignóbil, desprezível, refece.

Insulto (subst.): ofensa, afronta, ultraje, injúria grave.

Lança (subst.): arma ofensiva formada de uma haste terminada numa lâmina pontiaguda; varal de carruagem; antena náutica.

Lesto (adj.): ligeiro, ágil, desembaraçado, destro.

Lhano (adj.): sincero, franco, simples, chão, afável.

Magote (subst. coletivo): rancho de gente, grupo.

Malta (subst. col.): gente de má condição, súcia, bando de celerados.

Opróbrio (subst.): vergonha, infâmia, torpeza, ignomínia.

Pederneira (substant.): pedra muito dura que, ferida pelo fuzil, dá fogo.

Pérfido (adj.): falso, traiçoeiro, aleivoso, infiel.

Provação (subst.): transe, situação angustiosa.

Quadrilheiro (subst.): aquele que faz parte de uma quadrilha de ladrões, salteador; esbirro, beleguim.

Sanhudo (adj.): raivoso, enfurecido, furioso.

Satânico (adj.): próprio de Satã ou Satanaz, o espírito do mal; diabólico, demoníaco.

Seduzir (v.): desviar do bom caminho, levar ao mal, deshonrar; aliciar, engodar, atrair, cativar.

Sequaz (subst.): seguidor, partidário, prossélito, assecla.

Sócio (subst.): companheiro; membro de uma sociedade.

Solâneas (subst. pl.): família vegetal cujo tipo é o solano. a batateira, o tabaco, etc.

Traidor (subst.): o que atraiçoa a outrem, o que denuncia outro, faltando à amizade, à gratidão, confiança, etc.

Tribuno (subst.): antigo magistrado romano que defendia

os interêsses do povo; espécie de comandante militar no antigo exército romano; (fig.): orador popular e político.

Vacilante (adj.): trêmulo, incerto; hesitante, perplexo.

Vítima (subst.): criatura viva sacrificada em honra ou favor de uma divindade ou de uma pessoa; pessoa assassinada ou que foi alvo de uma ação criminosa; a pessoa que sofre uma desgraça ou a quem aconteceu um desastre; pesoa que sofre por outrem; tudo o que sofre qualquer dano.

Voraz (adj.): que devora, que come avidamente, sôfrego.

QUESTIONÁRIO. Que é que tinha passado? Que é que se cumprira? A quê é Jesús comparado? Que disse êle aos companheiros? Que refletiram as fôlhas das solâneas? Que fizeram os arbustos? E os passarinhos? Que é que assomou por entre os ramos? Quem é que apareceu à frente dos sequazes dos inimigos de Cristo? Quê fez e quê disse Judas? Qual a resposta de Jesús e quê perguntou êle ao povo que o cercava? Que lhe respondeu o chefe da escolta? Quais as palavras de Jesus e que efeito tiveram? Que outras palavras trocaram Jesús e a multidão? Que exclamou o Salvador e que fez em seguida? Que praticou o feroz tribuno e a vil coorte? Que diz dêles o poeta? Como procederam os amigos do Senhor? Qual a impressão que deixa o trecho lido?

ORTOGRAFIA. Recordar as palavras iniciadas por *h*.

HOMÔNIMOS. *Tôrvas* (adj. fem. pl.) e *torvas* (v.); *rega* (subst.) e *rega* (adj.); *vitima* (subst.) e *vitima* (v.); *arrochar* (v.: *apertar*) e *arroxar* (v.: *tornar rôxo*); *pêso* (subst.) e *peso* (v.); *afrontas* (subs.) e *afrontas* (v.).

PARÔNIMOS. *Torvar, turvar* e *turbar; sonolento* e *sonarento; malta* e *marta* (animal); *lesto* e *leste*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *erguer, tardar, ímpio, vacilante, pavor, satânico, pérfido, lhano, lesto*.

COGNATOS. Dar os de: *horto, semente, lança, opróbrio, vítima, rosto, mestre, sócio, tribuno*.

ANÁLISE. Indicar todos os vocativos, pronomes e conjunções existentes no trecho. Analisar sintàticamente os tres primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos próprios para: *provação, prado, magote, lume, opróbrio, vítima, tirano malta, tribuno*. Procurar substantivos qualificáveis por: *tôrvo, turvo, viçoso, vacilante, cauteloso, pérfido, rubro, satânico, sinistro, lesto, sanhudo*. Formar frases diversas com cada um dos ver-

bos: *regar, refletir, estalar, assomar, trair, cercar, arrochar.*

COMPOSIÇÃO. Narrar, em linguagem singela, a prisão de Jesus.

XXVII — O CAFÉ

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Começava a declinar a tarde.

Uma voz reüniu todas as senhoras e senhores em um só ponto: servia-se o café num belo **caramanchão**; mas, como fosse êle pouco espaçoso para conter tão numerosa **sociedade**, aí só se abrigaram as **senhoras**, enquanto os homens se conservavam da parte de fora.

Escravas decentemente vestidas ofereciam **chávenas** de café fora do caramanchão, e, apesar disso, D. Carolina se dirigiu com uma para o Fabrício, que **praticava** com Augusto.

— Eu quero fazer as pazes, Sr. Fabrício. Vejo que deve estar muito **agastado** comigo, e venho trazer-lhe uma **chávena** de café temperado pela minha mão.

Fabrício recuou um passo e colocou-se à **ilharga** de Augusto: êle desconfiava das **tenções** da menina. Sua primeira idéia foi esta: — o café não tem açúcar.

Então começou entre os dois um **duelo** de **ceremônias**, que durou alguns instantes; finalmente o homem teve de ceder à mulher. Fabrício ia receber a **chávena**, quando esta estremeceu no pires... D. Carolina, temendo que sôbre êle se entornasse o café, recuou um pouco... Fabrício fez outro tanto: a chávena, da mal tomada, tombou, o café derramou-se **inopinadamente**;

Fabrício recuou ainda mais, com vivacidade; mas, encontrando a raiz de um chorão, que sombreava o caramanchão, perdeu o equilíbrio e caiu redondamente na relva. Uma gargalhada geral aplaudiu o sucesso.

— Fabrício espichou-se completamente! exclamou Felipe.

O pobre estudante ergueu-se com ligeireza, mas na verdade corrido do que acabava de sobrevir-lhe. As risadas continuavam, as terríveis consolações o atormentavam; todas as senhoras tinham saído do caramanchão e riam-se por sua vez desapiedadamente. Fabrício daria muito para se livrar dos apuros em que se achava, quando, de-repente, soltou também a sua risada e exclamou:

— Vivam as calças de Augusto!...

Todos olharam. Com-efeito, Fabrício tinha encontrado um companheiro na desgraça: Augusto estava de calças brancas, e a maior porção de café entornado havia caído nelas.

Continuaram as risadas, redobraram os motejos. Duas eram as vítimas.

(A Moreninha)

Joaquim Manoel de Macedo nasceu em Itaboraí (Estado do Rio) em 1820 e faleceu no Rio de Janeiro em 1882. Formou-se em medicina, mas deu-se principalmente às letras e ao ensino, lecionando no Colégio de Pedro II. Macedo é o mais popular dos nossos romancistas. Sua linguagem é simples e corrente, posto que nem sempre escorreita. Em seus romances e dramas, Macedo se nos apresenta como um pintor assaz exato dos costumes urbanos brasileiros na primeira metade do século XIX. Faltam-lhe arroubos de imaginação nem tenta êle devassar os reconditos da conciência humana e examinar-lhe o mecanismo complexo e fugidio; todavia, traça com firmeza suas personagens e decora com graça os

seus cenários. E' um gracioso narrador de namoricos, de cenas domésticas, de intrigas de familia com felizes desenlaces de casamentos honestos. Escreveu: *A Moreninha, Rosa, O Moço Louro, Vicentina, Os dois amores, A Namoradeira*, etc. (romances), *O Cégo* (drama), *O Fantasma Branco* (opereta), *Torre em concurso* (comédia), *A Nebulosa* (poema-romance), *Lições de História do Brasil, Lições de Corografia do Brasil*, etc.

VOCABULÁRIO

Agastado (part. pas. de *agastar*): irado, colérico, zangado.

Caramanchão (subst.): casinha feita de ripas, de caniçado, etc., e revestida de trepadeiras para, nos jardins, abrigar do sol, caramanchel.

Cerimônia (subst.): conjunto de regras de civilidade entre particulares, etiqueta; pragmática; fórma exterior do culto religioso; pompas de festa pública; solenidade pública ou privada; formalidades entre pessoas bem educadas.

Chávena (subst.): chícara.

Chorão (subst.): espécie de salgueiro de ramos pendentes; nome de várias espécies de plantas, cujas hastes pendem das paredes, vasos, etc; (adj.): que chora fàcilmente, choramingas.

Corrido (part. pas. de *correr*): vexado, envergonhado, pejado.

Duelo (subst.): combate singular, de homem contra homem; porfia, contenda; embate.

Ilharga (subst.): cada uma das partes laterais e inferiores do baixo ventre; lado de um corpo, flanco. *À ilharga* (loc. adv.): ao lado.

Inopinadamente (adv.): sem se esperar, inesperadamente, improvisamente.

Motêjo (subst.): zombaria, escárneo, chufa, chalaça, chacota, caçoada.

Praticar (v.): exercitar, exercer, realizar, cometer; *praticar com*: conversar, palestrar.

Sobrevir (v.): acontecer, suceder inesperadamente.

Sociedade (subst.): reünião de homens que teem a mesma origem, os mesmos costumes, as mesmas leis; a comunidade humana ou nacional; agrupamento de indivíduos para atingirem um fim comum; parceria, associação, grêmio; companhia de pessoas que se reünem para conversar, divertir-se, etc.

Sucesso (subst.): acontecimento, fato, ocurrência; acidente; êxito.

Tenção (subst.): propósito, intento, intuito, desígnio, plano.

Vivacidade (subst.): esperteza, atividade, finura, animação.

QUESTIONÁRIO. De quê se trata? Que horas eram? Que fez uma voz? Que é que se servia? Quem se abrigou no caramanchão? E por quê só as senhoras? Que faziam as escravas? Como estavam elas? A quem se dirigiu D. Carolina? Que fazia Fabrício? Que lhe disse D. Carolina? Que movimento fez êle? Que idéia lhe veio? Que se seguiu? Que aconteceu quando Fabrício ia receber a chávena? Por que recuou D. Carolina? Que sucedeu a Fabrício? Que houve após a sua quéda? Que exclamou Felipe? Que fez e como ficou o pobre estudante? Que fizeram as senhoras? Que viu Fabrício e que disse? Qual o efeito da sua exclamação?

ORTOGRAFIA. Palavras iniciadas pelo prefixo *ex-* seguido de consoante: *excarcerar, excavar, exceder, excelente, excelso, excêntrico, exceção, excetuar, excer(p)to, excesso, excídio, excisão, excitar, exclamar, excluir, excomungar, excoriar, excorticar, excremento, excrescer, excretar, excruciar, excursão, excútir, expandir, expatriar, expectativa, expectorar, expedir, expedição, expediente, expelir, expender, expensas, experiência, experimentar, expiar* (não se confunda com esplar), *espirar, explanar, expletivo, explicar, explícito, explodir, explorar, expoente, expor, exportar, expressão, exprimir, exprobrar, expropriar, expugnar, expulsar, expungir, expurgar, exquisito, êxtase, extemporâneo, extensão, extenso, extremar, extenuar, exterior, exterminar, externo, extinguir, extinto, extirpar, extorquir, extração, extrair, extremo, extrínseco,* etc. Também se escrevem com *x*, na primeira sílaba, as palavras cognatas destas e aquelas em que entra o prefixo *extra-*: *excavação, excedente, excentricidade, extradição, extrafino, extraordinário, extralegal, extravagante* e seus cognatos.

HOMÔNIMOS. *apuro* (subst.) e *apuro* (v.); *desgraça* (substant.) e *desgraça* (v.); *motêjo* (subst.) e *motejo* (v.); *calças* (subst. pl.) e *calças* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *reünir, espaçoso, numeroso, paz, recuar, vivacidade, espichar.*

COGNATOS. Dar os de: *declinar, tarde, praticar, agastado, ideal, cerimônia, gargalhada, apuro.*

ANÁLISE. Analizar léxica e sintàticamente o 2.º período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar adjetivos próprios para: *caramanchão, sociedade, idéia, duelo, cerimonia, chorão, sucesso.* Achar alguns subs-

tantivos qualificáveis por: *numeroso, inopinado, pobre, terrível.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *reünir, praticar, abrigar, recuar, ceder, aplaudir.*

COMPOSIÇÃO. Narrar um incidente cômico passado em família.

XXVIII — A' BEIRA-MAR

LUIZ GUIMARÃES

O sol sem raios sôbre o mar desmaia:
A tarde, meigamente surpreendida,
Desdobra o manto... A vaga **entorpecida**
Rola na areia **túmida** da praia.

O céu é como fúlgida **cambraia**
Que envolve a Terra — noiva adormecida —;
Ouvem-se ao-longe os sinos de uma **ermida,**
E a lua nova no horizonte raia.

Tudo se acalma: — as **virginais** estrêlas
Rebentam como um **turbilhão** de flores,
Destacadas de angélicas **capelas:**

E, através dêsses **magos** resplendores,
Veem **aproando** à terra as **largas velas,**
Ao som da voz dos tardos pescadores.

Luiz Caetano Pereira Guimarães Junior nasceu no Rio de Janeiro, a 17 de fevereiro de 1847 e morreu em Lisbôa a 20 de maio de 1898. Tendo se formado em direito na Faculdade de S. Paulo, seguiu a carreira diplomática, servindo

como secretário de legação no Chile, em Roma e em Lisboa e como plenipotenciário na Venezuela. Colaborou como folhetinista no *Diário do Rio* e escreveu vários livros em prosa: *Histórias para gente alegre, Filigranas, Contos sem pretensão, Noturnos, Curvas e zig-zags, Biografias de Pedro Américo* e *Carlos Gomes*. Mas sua maior fama foi-lhe granjeada por seus dois livros de versos: *Corimbos* e principalmente *Sonetos e Rimas*. Luiz Guimarães, intermediário entre românticos e parnasianos, é artista de aguda sensibilidade, mavioso e terno, apaixonado pelos quadros da natureza e pelos tons exóticos. Seus metros são variados e caprichosos, suas rimas sonoras e ricas, sua forma em geral aprimorada. E', segundo o juizo de Fialho de Almeida, um requintado e um modernista. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras.

VOCABULÁRIO

Aproar (v.): aproejar, proejar, dirigir a proa em certo rumo; chegar à barra, ao porto.

Cambraia (subst.): tecido finíssimo de linho ou de algodão, fabricado originariamente em Cambraia, na França.

Capela (subst.): pequena igreja; santuário; vão nos templos com altar; grupo de músicos que tocam ou cantam numa igreja; grinalda de flores ou de fôlhas, etc.

Entorpecido (part. pas. de *entorpecer*): desfalecido, lânguido, frouxo, dormente.

Ermida (subst.): igrejinha ou capela fora do povoado.

Mago (subst.): antigo sacerdote entre os Medos; (adj): encantador, delicioso, belo, fascinante.

Túmido (adj.): inchado, entumecido.

Turbilhão (subst.): redemoinho, torvelinho, torvelino; tropel, multidão.

Vela (subst.): ato de velar ou estar desperto, vigília, vigia, sentinela; combustível que tem no centro um pavio; pano preso ao mastro ou às vêrgas para, sob o impulso do vento, fazer andar a embarcação; navio, nau; à —: com as velas desfraldadas; peça de pano nos braços dos moinhos.

Virginal (adj.): relativo a virgem, próprio de virgem, virgíneo, puro, imaculado; inocente, ingênuo; casto.

QUESTIONÁRIO. Que se diz do sol? E da tarde? Que faz a vaga entorpecida? A que se compara o céu? E a terra? Que se ouve ao-longe? Que se observa no horizonte? Que diz ainda o poeta? A

que assemelha êle as estrêlas? Que é que aproa à terra? Que som então se ouve? Qual a impressão deixada pela poesia lida?

ORTOGRAFIA. Recordar as palavras começadas pelo prefixo *ex-* seguido de consoante e pelo prefixo *extra-*.

HOMÔNIMOS. *Vaga* (subst.), *vaga* (adj. fem.) e *vaga* (v.); *rôla* (subst.) e *rola* (v.); *fúlgido* (adj.) e *fulgido* (part. pas. de *fulgir*); *raia* (subst.) e *raia* (v.) *velas* (subst. pl.) e *velas* (v.). *tardo* (adj.) e *tardo* (v.).

PARÔNIMOS. *Túmido* e *tímido, sino* e *signo.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *desmaiar, entorpecer, túmido, fúlgido, envolver, acalmar, angélico, tardo, ao-longe.*

COGNATOS. Dar os de: *meigamente, surpreendida, desdobrar, vaga, tímido, ermida, acalmar, flor, vela voz* (radicais *voz- voc-* e *vog-*), *pescador* (rad. *pisc-*).

ANÁLISE. Citar todos os adjetivos qualificativos, particípios, pronomes, verbos transitivos e intransitivos. Analisar sintàticamente os dois quartetos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *meigo entorpecido, túmido, virginal, angélico, mago, tardo.* Procurar alguns adjetivos aplicáveis a: *raio, mar, vaga, praia, ermida, sino, estrêla, turbilhão, capela, voz.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *desmaiar, desdobrar, rolar, envolver, raiar, acalmar, rebentar.*

COMPOSIÇÃO. Descrever uma paisagem ou cena marinhas.

XXIX — O UMBUSEIRO

EUCLIDES DA CUNHA

E' a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros. Representa o mais frisante exemplo de adaptação da flora sertaneja. Foi, talvez, de talhe mais vigoroso e alto — e

veio descaindo, pouco a pouco, numa **intercadência** de estios **flamívomos** e **invernos** torrenciais; modificando-se à-feição do **meio**, desinvoluindo (1), até se preparar para a resistência, e reagindo por fim, desafiando as sêcas duradouras, sustentando-se nas quadras **miseráveis** mercê da **energia vital** que **economiza** nas estações **benéficas**, das **reservas** guardadas em grande cópia nas raizes.

E reparte-as com o **homem**. Si não existisse o umbuseiro, aquelle trato de sertão, tão estéril que nêle escasseiam os **carnaübais** tão providencialmente **dispersos** nos que o **convizinham** até o Ceará, estaria despovoado. O umbuseiro é para o infeliz matuto que alí vive o mesmo que a **mauritia** para os **garranos** dos **llanos**.

Alimenta-o e mitiga-lhe a sêde. Abre-lhe o seio acariciador e amigo, onde os ramos recurvos e entrelaçados parecem de-propósito feitos para a armação das redes **bamboantes**. E ao chegarem os tempos felizes, dá-lhes os frutos de sabor **exquisito** para o preparo da **umbusada** tradicional.

O gado, ainda mesmo nos dias de abastança, cobiça o sumo acidulado das suas folhas. Realça-lhe então o porte, levantada em recorte firme, a copa, arredondada, num plano perfeito sôbre o chão, à altura atingida pelos bois mais altos, ao-modo-de plantas **ornamentais** entregues à solicitude de práticos jardineiros.

(Os Sertões)

Veja-se a notícia bibliográfica à pag. 21.

(1) *Desinvoluir* é um neologismo mal formado e errôneo. Talvez quisesse o autor formar "*desevoluir*", vocábulo também desnecessário, pois temos *retrogradar, regredir, desmedrar*...

VOCABULÁRIO

Abastança (subst.) abundância, fartura.

Acidulado (adj.): ligeiramente azêdo.

Adaptação (subst.): ato de afazer-se às condições do meio, acomodação.

Amargo (adjet.): angustioso, amargurado, penoso, aflito.

Atingir (v.): alcançar, chegar a; conseguir, obter.

Bamboante (adj.): o mesmo que *bamboleante*, que meneia, balançando o corpo, que balança, oscilante.

Benéfico (adj.): bem-fazejo, que faz bem; propício, favorável.

Carnaúbal (subst col.): sítio onde há carnaúbeiras, utilíssimas palmeiras do Brasil.

Cobiçar (v.) desejar avidamente, ambicionar.

Convizinhar (v.): ser convizinho de ou com, ou adjacente a, entestar, raiar, confinar com. Êste verbo é relativo e de ordinário regido da presição *com*. Seria mais correto dizer: "nos que *com êle* convizinham..."

Copa (subst.): fronde, rama, ramagem, ramada.

Disperso (part. pas. irreg. de *dispersar*): esparso, espalhado, disseminado.

Economizar (verbo): poupar, acumular por parcimônia.

Energia (subst.): vigor, atividade, fôrça; faculdade que teem os corpos de fornecer trabalho.

Escassear (v.): tornar-se pouco, ir diminuindo ou acabando, rarear, fazer-se escasso.

Estéril (adj.): improdutivo, que não dá fruto, sáfaro.

Exquisito (adj.): que não é comum, raro. primoroso, elegante; excêntrico, maníaco, original.

Flamívomo (adj.): que deita chamas, ardente, abrasador.

Flora (substant.): conjunto de plantas próprias de um país ou região.

Frisante (adj.): característico, expressivo, típico; exato.

Garrano (subst.) cavalo pequeno, mas robusto.

Intercadência (subst.): alternativa, sucessão interrompida.

Inverno (subst.): a estação do ano imediata ao outono; tempo chuvoso; estação das águas.

Llano (subst. Pronuncia-se *lhano*. Palavra espanhola que significa *plano*): savana, planície coberta de vegetação herbácea, na Colombia e Venezuela.

Mauritia (pronuncie-se *máurícia* Subst.): gênero de palmeiras da América tropical de fôlhas flabeladas. De seu miôlo se extrai uma fécula alimentícia e da sua seiva se faz vinho e alcool.

Meio (subst.): conjunto de condições físicas, morais e

sociais, ambiente. Tem muitas outras acepções.

Mercê-de (loc. prep.): graças-a.

Miserável (adj.): digno de compaixão, lastimoso; desprezível, avarento. (subst.): pessoa desgraçada; infame.

Mitigar (v.): aplacar, aliviar, abrandar.

Ornamental (adj.): relativo a ornamento, adôrno ou enfeite, que serve para ornar, decorativo.

Prático (adj.): exercitado, experimentado, perito, destro, hábil; não teórico, empírico, que se refere à aplicação concreta e imediata.

Rápido (adj.): fugaz, efêmero, que dura pouco; veloz, que corre muito.

Realçar (v.): pôr em relêvo, fazer sobressair, tornar saliente; elevar.

Reserva (subst.): o que se poupa para casos imprevistos; classe de militares fora do serviço ativo, que podem ser a êle chamado, quando necessário; tropas de refôrço; retraimento, ressalva, discreção.

Solicitude (subst.): cuidado, desvelo, carinho.

Sumo (subst.): suco, líquido que se extrai de certos vegetais.

Talhe (subst.): estatura; feição; conformação do corpo; ação de talhar, córte; talho, talha.

Torrencial (adj.): relativo a torrente; copioso, abundante.

Trato (subst.): espaço de terra ou região. Tem muitos outros sentidos.

Umbusada (substant.): iguaria feita de leite e sumo de umbú.

Umbuseiro (substant.): árvore brasileira, família das terebintáceas (*spondias tuberosa*). Diz-se ainda *imbuseiro, imbú*, etc.

Vigoroso (adj.): robusto, forte, sólido.

Vital (adj.): relativo à vida, que tem vida. Tem outras significações.

QUESTIONÁRIO. Por quê é o umbuseiro a árvore sagrada do sertão? Que representa êle? Como foi outrora e como chegou ao feitio atual? Que reparte êle com o homem? Que aconteceria àquele trato de sertão si não existisse o umbuseiro? Que benefícios faz ao matuto? Que é que o gado cobiça dêle? Que forma toma então a árvore, quando os bois lhe comem as fôlhas?

ORTOGRAFIA. Palavras nas quais existe o grupo *pt; abrupto, abruptela, aceptuar, adaptação, adaptar, adaptável, adepto, apéptico, apteira, aptéria, áptero, apterologia, aptidão, apto asséptico, captação, captador, captar, captor, captura, capturar, céptico, cepticismo, cleptomania, cleptômano, dispéptico, gliptica, gliptognosia, gliptoteca, ineptidão, inepto, inupto, lepto, leptocéfalo, lep-*

todonte, optação, óptante, optar, optativo, peptona, peptonizar, peptagogo, peptico, perempto, peremptório, raptar, rapto, raptor, reptação, reptante, reptar, réptil, reptiário, repto, rúptil, ruptibilidade, ruptura, ruptório, septa, septicemia séptico, septífero, septífrago, séptil, septo, séptula, voluptade, voluptário, voluptuário, voluptuosidade, voluptuoso. Tem ainda *pt* os cognatos dêsses vocábulos e os seguintes elementos gregos: *cripto-* (oculto), *glipto-* (pedra preciosa), *hepto-* (sete), *lepto-* (pequeno, miúdo).

HOMÔNIMOS. *Sêca* (subst.), *sêca*, (adj. fem.) e *seca* (v.) e *séca* (substant.); *reservas* (subst. pl.) e *reservas* (v.); *preparo* (subst.) e *preparo* (v.); *sumo* (subst.): *sumo* adj.) e *sumo* (v.).

PARÔNIMOS. *Talhe* e *talho, descair*, e *decair*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *sagrado, amargo, frisante, resistência, estéril, mitigar, abastança*.

COGNATOS. Dar os de: *árvore, amargo, flora, homem* (radicais *hom-, hum-*), *recurvo, sumo, jardineiro*.

ANÁLISE. Dar os graus de significação dos adjetivos: *rápido, longo, miserável*. Indicar no trecho os substantivos e advérbios. Analisar sintàticamente os três primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar álguns adjetivos aplicáveis a: *árvore, exemplo, talhe, resistência, estação, planta, copa*. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *fiel, amargo, flamívomo, torrencial, vital, benéfico*. Formar frases com cada um dos verbos: *representar, preparar, escassear, repartir, abrir, alimentar, realçar, atingir*.

COMPOSIÇÃO. Dissertar sôbre os benefícios que recemos das árvores ou descrever alguma árvore conhecida.

XXX — A CARIDADE

MACHADO DE ASSIS

Ela tinha no rosto uma expressão tão calma
Como o sono inocente e primeiro de uma alma
Donde não se afastou ainda o olhar de Deus;
Uma serena graça, uma graça dos céus,

Era-lhe o casto, o brando, o delicado andar,
E nas asas da brisa iam-lhe a **ondear,**
Sôbre o gracioso **colo,** as delicadas tranças.
Levava pelas mãos duas **gentís** crianças.
Ia caminho. A um lado ouve **magoado pranto.**
Parou. E na ansiedade ainda o mesmo **encanto**...
Descia-lhe às feições. Procurou. Na calçada,
Á chuva, ao ar, ao sol, despida, abandonada,
A infância lacrimosa, a infância **desvalida,**
Pedia leite e pão, **amparo,** amor, **guarida.**
E tu, ó **Caridade,** ó Virgem do Senhor,
No amoroso seio as crianças tomaste,
E entre beijos — só teus — o pranto lhes secaste,
Dando-lhes leite e pão, guarida e amor...

(Americanas)

Ver a notícia bibliográfica à pag. 64.

VOCABULARIO

Amparo (subst.): abrigo, agasalho, proteção, defesa, apoio.
Caridade (subst.): uma das virtudes teologais; amor ao próximo, filantropia, beneficência.
Colo (subst.): pescoço; regaço; embocadura estreita; gargalo; desfiladeiro, passagem estreita entre montanhas, garganta.
Desvalido (adj.): desprotegido, pobre miserável.
Encanto (subst.): sedução, enlêvo; qualidade que agrada muito, que arrebata os sentidos, fascinação.
Expressão (subst.): modo ou ato de exprimir ou manifestar (idéias, sentimentos, etc.); caráter; significação, personificação; aparência.
Feições (subst. pl.): traços fisionômicos, lineamentos do rosto humano.
Gentil (adj.): nobre, fidalgo, cortês; esbelto, formoso, lindo, gracioso.
Graça (subst.): agrado, aparência agradável; airosidade, donaire; favor, mercê; dom concedido por Deus para conduzir os homens à salvação e ao bem; facilidade e

elegância no dizer, no escrever, no pintar, etc.; chiste, pilhéria, facécia.

Guarida (subst.): refúgio, abrigo, asilo, valhacouto.

Magoado (adj.): triste, dorido, lamentoso.

Ondear (v.): mover-se como onda, fazer ondas, ondular, flutuar, tremular.

Pranto (subst.): chôro, lamentação, lágrimas abundantes.

Sereno (adj.): limpo de nuvens, calmo, límpido, tranqüilo; plácido, inalterável; (subst.): vapor atmosférico que às-vezes se resolve em gotinhas d'água; relento.

QUESTIONÁRIO. Que é que figura o poeta? Como era a expressão da virgem? e o seu andar? Que é que lhe ondeava? Que levava ela pelas mãos? Que ouviu e que fez? Que mostrava ela ainda mesmo na ansiedade? Que procurou e que achou? Como achou a infância lacrimosa e desvalida? E que fez a virgem? Qual a idéia geral desta poesia?

ORTOGRAFIA. Escrevem-se com *ç* as terminações *-ança, -anço, -ença, -enço, -inça, -onça*: *criança, trança, perseverança, picanço, doença, licença, lenço, pinça, cainça, onça, geringonça*. Exceções: *dansa, defensa, despensa, dispensa, expensas, imprensa, ofensa, prensa, recompensa, descanso, ganso, manso, remanso, esconso, tonso, intonso*. Recordar as outras terminações em que há *ç*.

HOMÔNIMOS. *Calma* (subst.), *calma* (adj.) e *calma* (v.); *alma* (subst.) e *alma* (adj., fem. de *almo*); *serena* (adj. fem.) e *serena* (v.); *colo* (subst.) e *colo* (v.); *tranças* (subst. pl.) e *tranças* (v.); *ouve* (v. *ouvir*) e *houve* (v. *haver*); *encanto* subst.) e *encanto* (v.); *amparo* (subst.) e *amparo* (v.).

PARÔNIMOS. *Graça* e *garça*, *alma* e *arma*, *guarida* e *guarita*.

COGNATOS. Dar os de: *caridade, rosto, sono, sereno, graça, casto, andar, ondear, colo, trança, mão, gentil, pranto, amor*.

ANÁLISE. Indicar no texto os adjetivos qualificativos, preposições e conjunções. Analisar sintàticamente a 1.ª estrofe.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *inocente, sereno, casto, brando, gracioso, gentil, lacrimoso*. Procurar alguns adjetivos próprios para: *rosto, expressão, sono, alma, olhar, graça, andar, pranto, amor*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *ter, afastar, levar, ouvir, parar, descer, procurar, despir, pedir* e *dar*.

COMPOSIÇÃO. Dissertar sôbre a caridade.

XXXI — ENTRE RUÍNAS

OLAVO BILAC

Sôbre os rosais silvestres, abertos em flores, nas faixas de ouro dos últimos raios do sol, dansa o vôo leve das abelhas; e apenas o seu sussurro povoa a solidão dêstes sítios ermos.

As gameleiras — as amigas de todas as ruínas — estão quietas e mudas, sem uma só palpitação de fôlhas, com a ramaria dura irrompendo dos escombros desta rua fantástica e deserta, como uma rua de sonho, cujo calçamento antigo, de grandes lájeas avermelhadas, quasi desaparece sob um tapête espêsso de mato curto.

Estamos entre as ruínas de Água Doce, em Ouro Preto, artéria principal da vida de há duas centenas de anos, longa avenida, que sóbe em declive suave desde o centro do bairro do Padre Faria até perto das Águas Ferreas, de onde já se avista a estrada de Mariana.

De todas as ruínas entre as quais a minha extravagância andou passeando, por sete meses de solidão, é esta a mais triste e, ao mesmo tempo, a mais bela.

Nos outros pontos em que se amontoam destroços de habitações, as massas de pedra aparecem de espaço a espaço, deixando ver que entre as casas havia quintais, pastos, roças, campos incultos. Mas aquí a construção é compacta e cerrada: os alicerces de uma casa encostam-se áos alicerces de outra, as paredes tocam-se, e, em quási uma hora de marcha, segue-se por uma verdadeira rua central da cidade, como a rua do Ouvidor. A diferença é que, desta rua do Ouvidor dos bandeirantes, somente as paredes das casas subsistem.

O mato cobre as calçadas de banda a banda. E si alguma cousa, alêm do sussurro das abelhas que revoam

sôbre os rosais silvestres, quebra o silêncio profundo que pesa sôbre estes lugares, é o rumor surdo dos nossos passos, abafado pelas ervas que pisamos.

(Crítica e Fantasia)

Ver a notícia bibliográfica à pag. 32.

VOCABULÁRIO

Alicerces (subst. pl.): parte inferior das paredes enterradas no cavouco; excavação feita para se assentarem as paredes; fundamentos, base.

Artéria (subst.): cada um dos vasos que transportam o sangue do coração a todas as partes do corpo; via de comunicação, rua.

Avistar (v.): ver ou distinguir ao-longe, divisar, entrever.

Bairro (subst.): cada uma das partes principais de uma localidade.

Bandeirante (subst.): o que fazia parte de uma bandeira, expedição armada para explorar o sertão ou cativar os índios.

Cerrado (part. pas. de *cerrar* e adj): fechado, unido, ininterrupto, denso.

Compacto (adj.): que tem as partes muito unidas, denso, espêsso.

Escombros (subst. pl. Galicismo): entulhos, destroços.

Fantástico (adj.): que existe na fantasia ou imaginação, imaginário, maravilhoso, inverissímil, fabuloso.

Gameleira (substant.): árvore brasileira do gênero *ficus*.

Irromper (v.): entrar ou sair com ímpeto, surgir de-repente; brotar, rebentar, surdir com pujança.

Quintal (substant.): pequena quinta; pequeno terreno com horta junto a uma morada; antiga medida de pêso; — *métrico*: pêso de cem quilos.

Roça (subst.): terreno de lavoura. Tem outros significados.

Rosal (subst.): roseiral, terreno onde crescem roseiras.

Silvestre (adj.): bravio, selvático.

Subsistir (v.): continuar a existir ou ser, restar, permanecer, perdurar.

Tapête (subst.): alfombra, alcatifa, tapiz.

QUESTIONÁRIO. Que é que se descreve? Que se diz do vôo leve das abelhas? Que faz o seu sussurro? Que se

diz das gameleiras? E da rua fantástica e deserta? Onde são as ruínas aquí descritas? Que diz delas o escritor? Que diferença faz notar entre estas e as outras ruínas? Há silêncio? Quebra-o algum rumor? Por quê é surdo o rumor dos passos?

ORTOGRAFÍA. Recordar as regras sôbre o uso dos acentos.

HOMÔNIMOS. *Vôo* (subst.) e *vôo* (v.); *deserta* (adj. fem.) e *deserta* (v.); *sonho* (subst.) e *sonho* (v.); *dura* (subst.), *dura* (adj. fem.) e *dura* (v.).

PARÔNIMOS. *Facha* e *faixa*, *tocar* e *toucar*, *ramaria* e *romaria*.

SINCRÉTICOS. *Lájea* e *laje*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *silvestre, leve, vôo, povoar, solidão, quieto, mudo, palpitação, fantástico, sonho, espêsso, principal, centro, compacto, abafado*.

COGNATOS. Dar os de: *rosal, faixa, leve, povoar, amigo, fantástico, rua, antigo, curto*.

ANÁLISE. Analisar léxica e sintàticamente o 1.º período.

EXERCÍCIO DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos a que convenham os epítetos: *silvestre, leve, fantástico, profundo, surdo, abafado*. Procurar alguns adjetivos adequados a: *ruína, vão, sítio, romaria, rua, alicerces, cidade, silêncio*. Construir frases diferentes usando cada um dos verbos: *povoar, dansar, irromper, subir, amontoar, tocar, subsistir, cobrir*.

COMPOSIÇÃO. Descrever umas ruínas e o seu poder evocativo.

XXXII — A MORTE DO JANGADEIRO

PADRE ANTÔNIO TOMAZ

Ao sôpro do terral abrindo a vela,
Na esteira azul das águas arrastada,
Segue veloz a intrépida jangada,
Entre os uivos do mar que se encapela.

Prudente o jangadeiro se acastela
Contra os mil incidentes da jornada;
Fazem-lhe, entanto, guerra encarniçada
O vento, a chuva, os raios, a procela.

Súbito, um raio o prostra e, furioso,
Da jangada o despeja n'água escura:
E em brancos véus de espuma o **desditoso**

Envolve e **traga** a onda **entumecida**,
Dando-lhe, assim, **mortalha** e sepultura
O mesmo mar que o pão lhe dera em vida.

Padre Antônio Tomaz de Sales nasceu na cidade de Acaraú, (Estado do Ceará), a 14 de setembro de 1868. E' vigário da sua cidade natal. Poeta de rara sensibilidade, metrificador hábil e mavioso, tem numerosas composições esparsas, que, pela sua modéstia evangélica, até hoje não consentiu fossem reünidas em volume. Todas elas recendem um misticismo terno e confiante, uma fé robusta, mas serena e compassiva.

VOCABULÁRIO

Acastelar (v.): construir em forma de castelo; fortificar.
Desditoso (adj.): desgraçado, infortunado, infeliz.
Encapelar (v.): alvorotar, encrespar, formar ondas.
Encarniçado (part. pas. de *encarniçar* e adj.): assanhado, enfurecido, raivoso, enraivecido.
Entumecido (part. pas. de *entumecer*): túmido, inchado, avolumado; ensoberbecido, empavonado.
Esteira (subst.): sulco feito pelo barco ou navio quando navegam, rastro; vestígio, sinal; tecido de junco, taquara, tábua ou palha.
Incidente (subst.): circunstância ou fato que sobrevem acidentalmente, episódio.
Intrépido (adj.): corajoso, audaz, denodado, que não trepida ou teme, destemido.
Jangada (subst.): construção em forma de grade de madeira, constituindo uma espécie de barco de transporte, sôbre o qual costuma assentar-se tabuado e levantar-se mastro e vela.
Jangadeiro (subst.): dono ou condutor de jangada.
Jornada (subst.): marcha ou viagem de um dia; viagem por terra; ação militar, expedição.
Mortalha (subst.): vestidura em que se envolve o cadáver, para ser enterrado.
Procela (subst.): tempestade marítima; agitação; exaltação de ânimos.

Terral (subst.): vento que sopra da terra.

Tragar (v.): engulir sem mastigar, devorar; absorver, consumir.

QUESTIONÁRIO. Como segue a intrépida jangada? Que faz, prudente, o jangadeiro? Valem-lhe as suas precauções? Por quê? Que acontece de-repente? Qual a idéia central dêste soneto?

ORTOGRAFIA. Teem *-ce* medial, dentre outas, as seguintes palavras e todos os seus cognatos: 1.º) *acêrca, acercar, acenar, acender, aceder, acédia, acéfalo, aceitar, acelerar, acentuar, acepção, acepige, acerar, acerbo, acertar, acervo, acesso, bacelo, cócegas, conceber, conceder, conceição, concepção, concernir, concertar, concessão, decência, decênio, decepar, decepção, esborcelar, doce, encetar, escocês, face, fecécia, faceto, faceiro, incêndio, incenso, jacente, lacerar, licença, liceu, necedade, necessário, oceano, parcel, prece, precedente, preceder, precessão, preceito, preceptar, procella, recear, receita, receber, recender, receptáculo, receptar, recente, sincero, tecer, torcer, vencer*, etc.; 2.º) os prefixos: *arce-, decem-, recêm-* e *vice-*: *arcebispo, decemplicar, recém-nascido, vice-rei.* 3.º) as terminações: *-á c e a, -áceo: liliáceo, coriáceo.*

HOMÔNIMOS. *Sôpro* (subst.) e *sopro* (v.); *vela* (subst.) e *vela* (v.); *traga* (v. *tragar*) e *traga* (v. *trazer*); *esteira* (subst.) e *esteira* (v.); *espuma* (subst.) e *espuma* (v.).

SINCRÉTICOS. *Sùbito* e *súpito, espuma* e *escuma.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *terral, veloz, intrépido, mar, encapelar, prudente, guerra, desditoso, entumecido.*

COGNATOS. Dar os de: *vela, azul, intrépido, acastelar, acidente, jornada, encarniçado, vento, procela, furioso, escuro, mortalha.*

ANÁLISE. Formar os graus de comparação de: *azul, veloz, prudente.* Indicar no texto os pronomes pessoais e relativos e as preposições. Conjugar: *dar, fazer* e *seguir.* Analisar, sintàticamente os dois tercetos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *veloz, intrépido, prudente, encarniçado, escuro.* Procurar adjetivos próprios para: *jangada, mar, procela, véu, onda, sepultura, vida.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *abrir, arrastar, prostrar, envolver, tragar* e *dar.*

COMPOSIÇÃO. Tecer uma pequena narração em tôrno do soneto lido.

XXXIII — AS ENCHENTES NO SERTAO NORDESTINO

GUSTAVO BARROSO

Chove um dia inteiro; às-vezes chove sem intermitência dois, três e mais dias. Ouve-se ao-longe um marulho gigantesco, um ulular de ressaca, um rugir, um como escachoar de imensa roda d'água, que se vai aproximando ràpidamente. Todo o mundo corre para os cerros próximos ao listão de areia do rio sêco. Os animais abandonam as várzeas que o margeiam. É o rio que "desce".

Lá vem a água, a roncar, sertão abaixo. Na frente, na "cabeça" acachoada, turbilhonam madeiros, garranchos, arbustos, troncos que se abarreiram de encontro às pedras do leito, ribanceiras a diluir-se sustidas por entretecimentos de raízes de uma solidez de taipa, estacas pontudas de cêrcas, longos "paus de bebedouro", cadáveres de animais; tudo entre grossos frocos de espuma suja, borbulhas barrentas, ondas, cachões, redemoinhos, torvelinhando de encontro a balseiros enormes, que param instantes, resistindo à correnteza; correndo, numa velocidade espantosa, adquirida no descer dos mananciais da serra e aumentada pela declividade do terreno; indo rebentar em grossas vagas moles nos troncos das carnaúbas, salpicando-os de espuma. Esbarrondam-se as barreiras íngremes, resvaladias; diluem-se as "croas" de aluvião, e a cheia passa.

Horas após, um estendal líquido, amansado e baço, cobre as várzeas, beijando o tronco dos carnaübais, afogando as altas e enrodilhadas moitas de mofumbo. Depois a água vai baixando de nivel, sensivelmente, a olhos vistos; quatro horas mais tarde, o rio está no

seu leito normal; à noite é um fio pêco, que se arrasta com preguiça; e, ao outro dia, de manhã, "corta", ficando sòmente os poços fúlgidos e lisos a mosquear o leito enlameado. Si as chuvas continúam, mantem-se a correr; si as chuvas param, pára também. A velocidade da correnteza, a natureza do terreno em rampa para o mar, a escassez da chuva com estiagens intermédias, fazem-no assim. Quando o inverno é bom, dá duas, três quatro e mais cheias, porêm não corre constantemente. Não há um só rio perene, nenhum que corra durante todo o inverno, por maior que seja. As cheias são súbitas; as vazantes mais súbitas ainda. O sertanejo jamais disse: — "o rio correu"; diz: — "o rio desceu".

(Terra de Sol)

Gustavo Dodt Barroso (Fortaleza, Ceará, 1888). Depois de concluir o curso secundário no Liceu do Ceará, matriculou-se na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, na qual se bacharelou. Foi secretário do Interior do seu Estado natal, que também representou na Câmara dos Deputados. E' atualmente diretor do Museu Histórico e redator-chefe do *Fon-Fon*. Além de vasta colaboração nos principais jornais do Rio, S. Paulo, Rio G. do Sul, Ceará, etc., já tem publicados 54 livros, entre os quais se salientam: *Terra de Sol, Heróis e Bandidos, Almas de lama e de aço, Praias e Várzeas, Alma sertaneja, Mapirunga, A ronda dos séculos, En el tiempo de los zares, Livro dos milagres, O bracelete de safiras, A Senhora de Pangin, Tradições militares, O Brasil em face do Prata, O únel das maravilhas, Apólogos orientais, O integralismo em marcha, Mulheres de Paris*, etc. E' membro da Academia Brasileira de Letras, à qual presidiu, e bem assim do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de várias outras corporações cientificas e literárias nacionais e estranjeiras. Depresente, está percorrendo vários pontos do país e realizando conferências em prol do integralismo, do qual se fez o apóstolo entre nós.

VOCABULÁRIO

Acachoado (adj.): em que há cachões, borbotões ou borbulhas.

Aluvião (subst.): depósitos deixados pelas águas, pelas cheias, pelas enxurradas; inundação, enxurrada; grande quantidade ou grande número.

Balseiro (subst.): balsa, matagal, silvado denso; dorna ou balsa em que se pisam uvas. (Adj.): que vive ou cresce nas balsas, silvestre; que se mete (o cão) na balsa para levantar a caça.

Barreira (subst.): terreno argiloso donde se extrai barro; trincheira, estacada, limite; obstáculo, estôrvo.

Borbulha (subst.): bôlha que se forma num líquido fervendo ou de que se desprende um gás; vesícula na pele contendo umor aquoso ou purulento; mancha na honra, defeito, balda; rebento, renôvo, brôto de árvore.

Cheia (subst.): enchente de rio.

Cortar (v.): está no trecho com o sentido regional de *"interromper-se, ajuntar-se aquí e alí"*, falando-se de um curso d'água.

Declividade (subst.): pendor, inclinação, declive.

Diluir (v.): derreter, dissolver, desfazer, desmanchar.

Entretecimento (subst.): entrelaçamento.

Esbarrondar (v.): desmoronar, esboroar.

Escachoar (v.): ferver em cachão, borbotar.

Estendal (subst.): superfície extensa e dilatada, estendedouro, tendal, lugar onde se estende roupa.

Estiagem (subst.): o máximo abaixamento das águas de um rio, de um lago, de um canal, etc.; tempo sêco após chuva ou trovoada, estiada.

Garrancho (substant.): arbusto tortuoso; letra torta e mal traçada, gatafunho, garatuja; garaveto.

Intermitência (subst.): interrupção, intervalo, intermissão; acesso mais ou menos intervalado.

Listão (subst.): lista comprida e larga, faixa.

Manancial (subst.): fonte, caudal, nascente d'água; (adj.): que corre ou mana sempre.

Mofumbo (subst.): planta leguminosa que viça à margem dos rios.

Pêco (adj.): que não medrou. mofino, insignificante, escasso; falto de inteligência, tôlo, idiota, parvo.

Rampa (subst.): declive, pendor, vertente, ladeira.

Ressaca (subst.): movimento de recúo das ondas; fluxo e refluxo; inconstância, versatilidade.

Resvaladio (adj.): escorregadio, resvaladiço.

Taipa (subst.): parede feita de barro amassado e calçado entre dois tabuões.

Torvelinhar (v.): redemoinhar, turbilhonar.

Ulular (v.): uivar como as aves noturnas; gritar, exclamar com gritos lamentosos; bramir.

Vazante (subst.): vazão, escoamento ou abaixamento das águas.

QUESTIONÁRIO. De que é que se trata? Que acontece um ou mais dias? Que é que se ouve ao-longe? A quê se assemelha êsse marulho? Para onde corre toda a gente? Que fazem os animais? Por quê se passa tudo isso? Como vem a água? Como passa ela? Que sucede horas depois? E à noite e na manhã seguinte? Que se observa si a chuva continúa ou pára? Que causas concorrem para êsse regímen dos rios sertanejos? Há rios perenes no sertão? Como são as cheias e as vazantes? Como se exprime o sertanejo para caracterizar êsse regímen fluvial?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras mais comuns em que existe *-ce-* medial.

HOMÔNIMOS. *Roda* (subst). e *roda* (v.); *estacas* (subst. pl.) e *estacas* (v.); *cêrca* (subst.) e *cerca* (v.); *terreno* (subst.) e *terreno* (v.); *mole* (adj.) e *mole* (subst.); *cheia* (subst.) e *cheia* (adj. fem.); *pêco* (adj.) e *peco* (v.); *baço* (adj.) e *baço* (subst.).

PARÔNIMOS. *Barulho* e *marulho, mole* e *molhe, taipa* e *tapa, inverno* e *inferno.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *gigantesco, aproximar, rapidamente, abandonar, abarreirar, pontudo, resistir, velocidade, adquirir, normal, pêco.*

COGNATOS. Dar os de: *inteiro, longe, marulho, sêco, madeiro, raiz, declividade, liso, natureza.*

ANÁLISE. Analisar sintàticamente o 1.º e o 2.º períodos e lexicamente o 3.º.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos adequados para *intermitência, marulho, borbulha, balseiro, manancial, cheia, estiagem.* Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *enorme, ingreme, resvaladio, fúlgido, pêco, perene.* Formar frases com cada um dos verbos: *margear, abarreirar, torvelinhar, rebentar, esbarrondar, diluir, arrastar.*

COMPOSIÇÃO. Descrever uma enchente ou uma inundação.

XXXIV — SERENATA

AUGUSTO DE LIMA

Plenilúnio de maio em montanhas de Minas!
Canta ao-longe uma flauta e um violoncelo chora,
Perfuma-se o luar nas flores das campinas,
Sutiliza-se o aroma em languidez sonora.

Ao doce encantamento azul das cavatinas,
Nessas noites de luz mais belas do que a aurora,
As errantes visões das almas peregrinas
Vão voando a cantar pela amplidão afora...

E chora o violoncelo e a flauta ao-longe canta,
Das montanhas, cantando, a névoa se levanta,
Banhada de luar, de sonhos, de harmonia.

Com profano rumor, porêm, desponta o dia,
E, na última porção da névoa transparente,
A flauta e o violoncelo expiram lentamente.

Antônio Augusto de Lima nasceu em Congonhas de Sabará (hoje Vila Nova de Lima), a 7 de abril de 1858. Formou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo em 1882. Notável e brilhantissima tem sido a atividade mental dêste preclaro mineiro: magistrado, jornalista, professor, parlamentar, músico, historiador e poeta. Governou interinamente o seu Estado logo após a proclamação da República e representou-o, em várias legislaturas, como deputado federal. Dirigiu o Arquivo Público Mineiro e é fundador e catedrático da Faculdade Livre de Direito de Minas. Redigiu muitos jornais e revistas, mormente a *Revista do Arquivo Público Mineiro* e o *Diário*, de Minas. Augusto de Lima é um dos talentos mais fulgurantes e plásticos da sua geração. Sua poesia, expressa numa forma aprimorada e maviosa, mostra preferência aos temas filosóficos e sociais. Já escreveu:

Manhãs Serenas, *Parnaso da Paulicéa*, *Símbolos*, *Contemporâneas* e recentemente *S. Francisco de Assis*, que recende, em versos admiráveis, o mais puro lirismo místico, *Tiradentes* (drama em verso, posto em música pelo maestro mineiro Manuel Macedo). Além disso tem vasta produção em prosa: artigos, discursos e conferências e outros trabalhos de valor. Pertence à Academia Brasileira, à Academia Mineira de Letras, aos Institutos Historicos e Geográficos Brasileiros, de Minas e de S. Paulo. E' atualmente deputado á Constituinte.

VOCABULÁRIO

Aroma (subst.): fragrância, perfume.

Cavatina (substant.): pequena ária composta num recitativo.

Errante (adj.): que vagueia, erradio, vagabundo, vagante, incerto.

Expirar (v.): expelir ar dos pulmões; acabar aos poucos, morrer; terminar; vencer-se (p. ex. um prazo).

Harmonia (subst.): sucessão de sons combinados e consoantes agradáveis ao ouvido; disposição perfeita entre as partes de um todo, tendentes ao mesmo fim; acôrdo, paz e amizade entre pessoas, conformidade, concórdia.

Peregrino (adj.): estranho, estranjeiro; raro, extraordinário. (Subst.): o que vai de viagem, viajante, itinerante.

Perfumar (v.): aromatizar, embalsamar.

Plenilúnio (subst.): lua-cheia.

Profano (adj.): estranho ou contrario à religião, leigo; sacrílego; que ignora determinado assunto.

Serenata (subst.): concêrto musical de-noite e ao ar livre; gênero musical.

Sonoro (adj.) que produz som, que soa bem; melódico, harmonioso.

Sutilizar ou **subtilizar** (v.): tornar(-se) sutil; eterificar (-se), exalar(-se), valatilizar(-se).

Violoncelo (subst.): instrumento musical de arco, com quatro cordas, maior que o violino.

Visão (subst.): ato ou efeito de ver; o sentido da vista; aparição, imagem vista em sonho ou produzida por mêdo ou delírio, fastasma: fantasia, quiméra.

QUESTIONÁRIO. Que é que se descreve? Onde e quando se realiza a serenata? Que é que canta e chora? De que é que se perfuma o luar? Que quer exprimir o poeta na frase: "Sutiliza-se o aroma em languidez sonora"?. Que pensamento pretende traduzir no 2.º quarteto? Que diz ainda da flauta e do violoncelo? E da né-

voa? Como desponta o dia? Por que se diz *profano rumor*? Onde e como expiram a flauta e o violoncelo?

ORTOGRAFIA. Citar 30 palavras usuais com *h* inicial.

HOMÔNIMOS. *Peregrinas* (adj. fem. pl.), *peregrinas* (subst. fem. pl.) e *peregrinas* (v.); *névoa* (subst.) e *nevoa* (v.); *profano* (adj) e *profano* (v.); *luz* (subst.) e *luz* (v.).

PARÔNIMOS. *Aspirar* e *expirar*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *plenilúnio, montanha, chorar, sutilizar, aroma, sonoro, luz, aurora, profano, transparente, errante, voar, despontar, lentamente*.

COGNATOS. Dar os de: *plenilúnio, montanha, flauta, luar, campina, aroma, sonoro, errante, visão, voar, profano, peregrino*.

ANÁLISE. Analisar lexica e sintàticamente o 1.º quarteto. Conjugar o verbo *vir* e seus principais compostos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos próprios para: *plenilúnio, montanha, flauta, campina, cavatina, aurora, visão, sonho, harmonia*. Procurar substantivos qualificáveis por: *sonoro, doce, errante, profano, transparente*. Formar frases diversas com cada um dos verbos: *cantar, sutilizar, voar, chorar, despontar, expirar*.

COMPOSIÇÃO. Descrever uma serenata numa linda noite de luar.

XXXV — A LIÇÃO DO MAR

RUI BARBOSA

O mar é o grande avisador. Pô-lo Deus a bramir junto ao nosso sono para nos prègar que não durmamos. Por ora a sua proteção nos sorrí, antes de se trocar em severidade. As raças nascidas à-beira-mar não teem licença de ser míopes; e enxergar no espaço corresponde a antever no futuro. A retina exercida nas distâncias marinhas habitua-se a sondar o infinito, como a do marinheiro e do albatroz. Não se admitem surpresas para o nauta: há de adivinhar a atmosfera como o barômetro, e pressentir a tormenta, quando ela pinta apenas como uma môsca pequenina e longínqua na transparência da imensidade.

O mar é um curso de fôrça e uma escola de **previdência**. Todos os seus **espetáculos** são lições: não os **contemplemos frivolamente.**

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 58.

VOCABULÁRIO

Albatroz (subst.): palmípede da família dos macrópteros.
Avisador (subst.): o que ensina ou adverte, admoestador.
Barômetro (subst.): instrumento com que se mede a pressão atmosférica.
Contemplar (v.): olhar com atenção, atender; meditar, considerar; remunerar; deixar bens, legados, esmolas; tratar com benevolência; — *se*: mirar-se.
Espetáculo (subst.): tudo aquilo que atrai a vista ou a atenção; representação teatral; escândalo, cena ridícula.
Exercido (part. pas. de *exercer*): exercitado, adestrado, traquejado.
Frìvolamente (adv.): fùtilmente, vãmente, inconsideradamente.
Imensidade (subst.): qualidade do que é imenso ou desmedido; o espaço imenso, o infinito, o firmamento, o céu.
Míope (adj.): que tem a vista curta; pouco perspicaz, curto de inteligência.
Nauta (substant.): marinheiro, navegante, marujo, mareante.
Pintar (v. intrasit.): começar a colorir-se, a aparecer.
Prègar (v.): preconizar, apregoar, bradar, clamar.
Pressentir (v.): sentir antecipadamente, prever, pressagiar, suspeitar.
Previdência (subst.): vista ou visão do futuro, previsão, precaução.
Retina (subst.): membrana interior do ôlho na qual se formam as imagens.
Severidade (subst.): austeridade, inflexibilidade, rigidez, seriedade.
Surpresa (subst.): ato ou fato de surpreender; sucesso imprevisto e pasmoso; sôbresalto, espanto, pasmo.

QUESTIONÁRIO. Que título dá o autor ao mar? Por quê o pôs Deus a bramir junto ao nosso sono? Que faz atualmente a sua proteção? E depois? Por quê diz isso o escritor? Que diz das raças nascidas à-beira-mar? Por quê afirma êle isso? Que diz do marinheiro? Como chama êle ainda ao mar? Que conselho dá no fim do trecho? e por quê não devemos contemplar frivolamente tais espetáculos?

ORTOGRAFIA. Palavras em que existe a sílaba *-ci- me-*

dial: 1.º) *acicate, acidular, ácido, acima, acingir, acinte, acinzeirar, acinzelar, acionar, acirrar, alcião, alcione, aliciar, agraciar, alucinar, bacia, cacique, caciz, caricia, ciciar, concílio, coincidir, coincidência, conciso, cruciar, decidir, decisão, decisivo, denunciar, depreciar, divórcio, enciclica, enciclopédia, esborcinar, especial, estacionar, espicilégio, exército, facécia, fácil, febricitar, felicitar, grácil, gracioso, incidente, incidir, incinerar, incisão, incisivo, incitar, lícito, lúcido, macio, maciço, marcial, núpcias, ócio, paciência, pacífico, palácio, parcial, parcimônia, plácido, precioso, precipício, precisar, precindir, preciso, príncipe, recíproco, recindir, recisão, rócio, rocim, sócio, tácito, vacilar, velocidade, vociferar*, etc., e todos os cognatos de tais palavras; 2.º) teem, outrossim, *-ci-* medial as terminações seguintes: *-ância, -encia, -cida, -cídio -cínio, -ácia, -ícia, -ócia, -úcia, ício, -císsimo: infância, previdência, regicida, regicídio, patrocínio, audácia, Felícia, ferócia, astúcia, flagício, suplício, audacíssimo, felicíssimo, atrocíssimo, velocíssimo*.

HOMÔNIMOS. *Prègar* (v.) e *pregar* (v.); *maravilhas* (substant.) e *maravilhas* (v.); *marinhas* (subst. fem. pl.), *marinhas* (adj. fem. pl.) e *marinhas* (v.); *pinta* (substant.) e *pinta* (v.); *curso* (subst.) e *curso* (v.); *surpresa* (subst.) e *surpresa* (part. pas. irreg. fem. de *surpreender*).

PARÔNIMOS. *Previdência* e *providência*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *sono, dormir, proteção, severidade, marinho, tormenta, transparência, previdência, frivolamente*.

COGNATOS. Dar os de: *sono, prègar, distância, nauta, adivinhar, tormenta, pintar, curso, espetáculo*.

ANÁLISE. Indicar no texto todos os advérbios, preposições e conjunções e respectivas locuções. Conjugar os compostos de *pôr* e de *ver*. Fazer a análise sintática dos tres primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar adjetivos próprios para: *avisador, lição, sono, proteção, nauta, raça, atmosfera*. Achar substantivos qualificáveis por: *marinho, longínquo, frívolo*. Formar frases diversas com cada um dos verbos: *pôr, prègar, sorrir, exercer, bramir, pintar, contemplar*. Encontrar alguns advérbios e locuções adverbiais que convenham a êsses mesmos verbos.

COMPOSIÇÃO. Dissertar sobre a majestade, a poesia, ou a utilidade do mar.

XXXVI — O LAVRADOR E SEUS FILHOS

LAFONTAINE

Tradução do Barão de Paranapiacaba

Não vos poupeis ao trabalho,
Vivei sempre a labutar;
Forma o trabalho a riqueza
Que menos póde falhar.

Um lavrador abastado,
Vendo próximo seu fim,
Aos filhos, sem testemunhas,
Do leito falou assim:

"Não vendais o campo herdado
De avós a pais transmitido;
Pois nêle (não sei o sítio),
Jaz um tesouro escondido.

Com valor e persistência
Conseguireis descobrí-lo;
Cavando o chão, revolvendo-o,
Lhe arrancareis o sigilo.

Não haja um palmo de campo
Que escape ao córte da enxada;
Fique a paterna courela
De fundos sulcos rasgada".

Morto o velho, eis, presto, os filhos
Procedem à excavação,
Crivam de covas o solo,
Solapando todo o chão.

E tanto a terra mexeram
Daquí, dalêm, dacolá,
Que, ao cabo de um ano, o campo
Maior colheita lhes dá.

Tesouro oculto? Nem sombra;
Mas o pai mostrar-lhes quis
Ser o trabalho o tesouro
Que torna a gente feliz.

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 18.

VOCABULÁRIO

Abastado (adj.): que possue o necessário com folga, provido de haveres suficientes, rico.

Courela ou **coirela** (subst.): porção de terra cultivável comprida e estreita.

Cova (subst.): abertura ou excavação na terra; sepultura; depressão profunda de terreno.

Crivar (v.): furar em muitos pontos; cravejar; encher de pintas; passar por crivo; espetar.

Falhar (v.): não se realizar, abortar; faltar, não acertar (um tiro, um golpe, etc.), negar fogo; (transitivo): fender, lascar.

Fim (subst.): termo, remate, conclusão; intento, intúito, desígnio, intenção, alvo, escopo, objetivo, propósito; morte.

Herdar (v.): receber ou obter por herança, isto é, por direito de sucessão; adquirir por parentesco ou hereditariedade.

Labutar (v.): trabalhar penosamente, mourejar, lidar, esforçar-se.

Persistência (subst.): pertinácia, constância, perseverança, qualidade que nos leva a não desanimar de uma cousa, a não abandoná-la.

Proceder (v.): dar começo a, principiar.

Presto (adverbialmente): o mesmo que *prestes*: depressa, sem demora, sem tardança, com prontidão.

Resolver (v.): volver muitas vezes, remexer, agitar; ama-

nhar; passar pelo espírito com insistência.

Sigilo (subst.): segrêdo, mistério, reserva.

Solapar (v.): formar lapa em, minar, cavar; arruinar.

Sulco (subst.): rêgo aberto pelo arado; ruga, vinco; depressão formada na água por um navio em marcha.

Tesouro (subst.): cópia de dinheiro, moedas, objetos preciosos; erário, lugar onde se guardam ou escondem cousas de grande valor; cousa de alto preço.

Testemunha (subst.): pessoa que viu, ouviu ou presenciou alguma cousa.

Transmitir (v.): fazer passar para outrem; fazer chegar; propagar, comunicar.

Valor (subst.): preço, valia; proporção entre uma cousa que se dá e outra que se recebe; coragem, valentia; préstimo, mérito; significação de um termo.

QUESTIONÁRIO. A quê nos exorta o fabulista na 1.ª quadra? Que disse a seus filhos o lavrador moribundo? Que aconteceu após a morte do velho? Que sucedeu ao cabo de uma ano? Por quê? Acharam os filhos o tesouro oculto? Qual então o tesouro a que o pai aludira? Qual o ensino que nos ministra esta fábula?

ORTOGRAFIA. Esvreve-se *x* chiante - palatal: 1.º) depois dos ditongos *ai, ei, oi* (*ou*) e da sílaba inicial *en*: *baixo, ameixa, froixo* ou *frouxo, enxada*, exceto *encher;* 2.º) dentre outras, nas palavras seguintes: *abacaxi, abexim, anexim, broxa, bruxa, buxo* (planta), *cartuxo* (monge), *coaxar, corixa, côxo* (manco), *dixe, debuxo, fixe, gaxeta, graxa, gueixa* (palavra japonesa), *haxixe, laxar, laxo, lexívia* ou *lixívia, lixa, lixo, luxo, luxúria, maxixe mexer, mexilhão, mexerico, mexilho, México, mixira, mixórdia, moxana, muxiba, praxe, puxar, quixotada, quixotice, repuxo, rixa, rôxo, xadrez, xairel, xácara, xeque, xarope, xiquexique, xofrango, xisto, Xisto, xucro, xagüão*, etc., e seus cognatos. As demais palavras portuguesas em que aparece o som de *x* chiante-palatal grafam-se em geral com *ch*: *chapéu, chefe, chispa, machucar*, etc.

Nota. Devem-se distinguir pelo sentido os seguintes homofônos: *bucho* e *buxo, cartucho* e *cartuxo, côcho* e *côxo, chácara* e *xácara, cheque* e *xeque* (em vez do espúrio *cheik*), *chá* e *xá, tacha* e *taxa, tachar* e *taxar, arrochar* e *arroxar.*

HOMÔNIMOS. *Trabalho* (substant.) e *trabalho* (v.); *forma* (subst.), *fôrma* (subst.) e *forma* (v.); *testemunhas* (subst. pl.) e *testemunhas* (v.); *vendais* (subjuntivo de *vender*) e *vendais* (indicativo de *vendar*); *chão* (substant.) e *chão* (adj.); *esca-*

pe (subst.) e *escape* (v.); *corte* (subst. masc.), *corte* subst. fem.), *corte* (v.) e *côrte* (subst.); *fundo* (substant.), *fundo* (adj.) e *fundo* (v.); *oculto* (part. pas. irr. de *ocultar* e adj.) e *oculto* (v.); *torna* (subst.) e *torna* (v.); *revólver* (subst.) e *revolver* (v.).

PARÔNIMOS. *Testemunha* e *testemunho, cova* e *cava, crivar* e *cravar.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *poupar, trabalho, labutar, riqueza, abastado, valor, persistência, fundo, oculto, vender, próximo.*

COGNATOS. Dar os de: *poupar, lavrador, abastado, fim, vender, herdar, valor, cavar, revolver, palmo, fundo, ano, tesouro.*

ANÁLISE. Analisar lèxicamente a 1.ª quadra e sintàticamente a 2.ª e a 3.ª. Conjugar *saber, fazer* e *querer.*

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *abastado, próximo, fundo, paterno, oculto, feliz.* Procurar adjetivos que sirvam para: *lavrador, trabalho, riqueza, tesouro, campo, sulco, solo, colheita.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *falhar, poupar, transmitir, revolver, arrancar, proceder, solapar.*

COMPOSIÇÃO. Escrever uma narração com o assunto da fábula.

XXXVII — A CARIDADE DO PADRE ANTONIO VIEIRA (1)

JOÃO FRANCISCO LISBOA

Encerrado na cela estreita e nua do seu convento, êste homem extraordinário se despojava das roupas e móveis mais indispensáveis para acudir à pobreza, e por vezes reduziu-se a dormir em uma esteira de tábua em

(1) Pe. Antônio Vieira, célebre jesuita português, um dos maiores pregadores do mundo e mestre respeitável da nossa língua. A ele muito deve o Brasil. Nasceu em Lisboa em 1608 e faleceu na Baía em 1697.

vez de cama, vestindo uma **roupeta esfarrapada** de pano grosseiro, tinto na lama, e calçando sapatos de pele de porco **montês**. A mesma **parcimônia** usava na comida e bebida, e não raro se **privava** da ceia para mandá-la de presente a alguma família necessitada. Nenhum pobre lhe batia à porta que não voltasse **remediado** e **consolado**; e, além destas, fazia muitas esmolas ocultas e mais **crescidas**, segundo o requeria a qualidade dos que as **haviam mister**. Com presentes aos índios de **drogas** e **bagatelas** agradáveis e pequenos **utensílios**, gastava quanto podia haver ou poupar. Foi por êste modo e em levantar igrejas que **dissipou piedosamente** mais de cincoenta **mil cruzados**, fruto da admiração e **liberalidade** de seus amigos e da impressão das suas obras.

(Vida do Padre Antônio Vieira)

João Francisco Lisboa nasceu em Itapicurú-mirim, no Maranhão, aos 22 de maio de 1812 e morreu em Lisboa a 26 de abril de 1863. Estudou humanidades graças aos seus próprios esforços, dando-se ao jornalismo, à advocacia e à política na sua província. Indo em 1855 ao Rio de Janeiro, foi encarregado pelo govêrno imperial de ir a Portugal coligir documentos concernentes à nossa história. Lisboa é tido com razão por um dos mais corretos e elegantes prosadores brasileiros. Seus trabalhos tanto históricos como políticos e sociais testemunham-lhe o fino senso crítico e a análise penetrante dos fatos e dos homens, às-vezes envolta em aveludada ironia. Escreveu: *Jornal de Timon, Apontamentos, notícias e observações para servirem à história do Maranhão, Vida do Padre Antônio Vieira, Biografia de Manuel Odorico Mendes*. Redigiu: *O Brasileiro* (1832), *Farol Maranhense* (1832 a 33), *Eco do Norte* (1834 a 36) e *Crônica Maranhense* (1838 a 40). Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

VOCABULÁRIO

Acudir (v.): correr em socorro; valer; corresponder a um chamado, obedecer a uma ordem, sinal ou prescrição.

Bagatela (subst.): cousa sem valor ou inútil; frivolidade, ninharia, bugiganga, bufarinha, etc.

Cela (subst.): aposento de religioso num convento; cubículo, alcôva.

Consolar (v.): aliviar a pena ou sofrimento de; suavizar, confortar.

Convento (subst.): habitação de comunidade religiosa, cenóbio, mosteiro.

Crescido (part. pas. de *crescer* e adj.): adulto, que medrou ou se desenvolveu; aumentado; grande, avultado, importante.

Cruzado (subst.): antiga moeda portuguesa que valia cêrca de $400; aquele que fazia parte de uma cruzada ou guerra santa contra os muçulmanos na Palestina ou contra os herejes na Europa.

Despojar (v.): privar, desapossar, esbulhar; — *se*: privar-se.

Dissipar (v.) gastar, despender, desbaratar; consumir; espalhar, dispersar, desvanecer.

Droga (subst.): qualquer substância ou ingrediente utilizado em farmácia, tinturaria, etc.; (pop.): cousa ruim.

Esfarrapado (adj.): pôsto em farrapos, rôto, rasgado.

Extraordinário (adj.): que sai fora do comum, excepcional, raro, admirável, singular.

Haver mister (locução com valor de verbo transitivo): ter necessidade de, precisar de: *haver mister alguma cousa*.

Liberalidade (subst.): generosidade, largueza de ânimo, prazer em dar.

Montês (adj.): que cresce ou vive nos montes, montanhês, serrano; rústico, grosseiro, bravio.

Parcimônia (subst.): poupança, economia, moderação nos gastos.

Piedosamente (adv.): santamente, devotamente, piamente.

Privar (v.): tirar (alg. cousa a alguem), desapossar, esbulhar, despojar, espoliar; (intrans.): viver na intimidade de alguem, ter valimento junto de (— *com alguem*); — *se*: abster-se de, tirar a si próprio.

Remediar (v.): dar remédio a, atalhar, obstar, prover do necessário.

Roupeta (subst.): batina, hábito talar dos sacerdotes.

Utensílio ou **utensil** (subst.): todo o instrumento empregado no exercício de uma arte ou indústria, no fabrico de um produto ou para fazer uma cousa.

QUESTIONÁRIO. Que fazia o padre Vieira? A que ponto chagava a sua abnegação?

Como era êle na comida e na bebida? Para que se privava às-vezes da ceia? Que acontecia aos pobres que o procuravam? Fazia êle esmolas? Como eram tais esmolas? Em que despendia êle o que ganhava ou poupava? Em que dissipou mais de 50.000 cruzados? Donde lhe proveio essa importância?

ORTOGRAFIA. Recordar as palavras em que existe a sílaba *-ci-* medial.

HOMÔNIMOS. *Cela* (substant.: aposento), *sela* (subst.: *arreio*) e *sela* (v.); *estreita* (adj. fem.) e *estreita* (v.); *móveis* (subst. e adj. pl.) e *moveis* (v.); *presente* (substant.), *presente* (adj.) e *presente* (v.); *esmolas* (substant. pl.) e *esmolas* (v.).

PARÔNIMOS. *Despojar* e *despejar, privar* e *provar.*

SINORÉTICOS: *mester* e *mister.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *estreito, extraordinário, despojar, indispensável, acudir, grosseiro, parcimônia, necessitado, oculto, crescido, dissipar, liberalidade.*

COGNATOS. Dar os de: *cela, convento, roupa, lama, pele, parcimônia, família, portaria, fruto, liberalidade.*

ANÁLISE. Indicar no texto os adjetivos determinativos, pronomes e verbos de predicação incompleta, especificando cada um dêles. Analisar sintàticamente o 3.º período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos para: *homem, roupa, móvel, pobreza, família, esmola, presente, igreja, liberalidade, impressão.* Procurar substantivos qualificáveis por: *extraordinário, grosseiro, oculto, crescido, piedoso.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *despojar, acudir, usar, remediar, poupar, dissipar.*

COMPOSIÇÃO. Fazer o retrato de uma pessoa caridosa.

XXXVIII — A FOZ DO AMAZONAS

GONÇALVES DE MAGALHÃES

O Amazonas c'o Oceano furioso
Luta renhida trava interminável
Para roubar-lhe o leito; e ronca e espuma
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco.
Feroz sucuriuba hórrida ronca,
Quando sente mover-se à flor das águas
Lontra ligeira ou anta descuidada,

E, inchando as fauces, a caLeça eleva,
Os queixos escancara, a língua solta,
Para de uma só vez tragar o anfíbio:
Tal no pleito c'o Oceano o Amazonas
Para sorvê-lo a larga foz medonha
Léguas abre setenta! A ingente língua
Estende de três vezes trinta milhas,
Como uma longa espada que se embebe
Ao través do Atlântico iracundo,
Que gemendo recúa no arremêsso,
E em montes alquebrado o dorso enruga.
Armas que jóga ao mar são grossos troncos,
Arrancados na fúria, são pedaços
De esboroadas montanhas que êle mina.
Seus gritos são trovões tão horrorosos
Que alí parece submergir-se o mundo.
Quando se incha o seu corpo desmedido,
Equórea, espêssa nuvem se levanta,
Como uma chuva contra o céu erguida,
Refletindo do sol os sete raios (1):
Tal o conquistador que c'os despojos
Dos reis destronizados se opulenta,
Ou c'os tributos dos vencidos povos,
Em pé, firme no carro de combate,
Envolto numa nuvem de poeira,
Na frente vai levando, debandada,
Ingente aluvião de imigas hostes,
E, ante as portas de bronze do castelo,
Nova vitória alterca porfiosa.

(A Confederação dos Tamóios)

(1) As côres do íris.

Domingos José Gonçalves de Magalhães, *visconde de Araguaia*, nasceu no Rio de Janeiro, a 13 de agosto de 1811 e faleceu em Roma a 10 de junho de 1882. Formou-se em medicina pela Faculdade de sua cidade natal, regeu a cadeira de filosofia do Colégio de Pedro II e entrou depois na diplomacia, já tendo antes representado o Rio Grande do Sul na Câmara dos Deputados. Gonçalves de Magalhães é considerado o iniciador do movimento romântico no Brasil e o seu livro de versos — *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836) traçou as novas diretrizes da poesia nacional, na sua tendência religiosa, sendo a tendência americanista representada por G. Dias e a campestre ou costumeira por Araujo Porto Alegre. Magalhães antes de tudo se preocupa com o pensamento religioso, pois êle era mais filósofo do que poeta. Escreveu, além do livro já citado, *A Confederação dos Tamóios* (poema épico), *Olgiato*, *Antônio José* e *Otelo* (tragédias), *Urânia* e *Cânticos Fúnebres*, *Fatos do Espírito Humano*, *Opúsculos históricos e literários*, *A alma e o cérebro*, *Comentários e pensamentos*. Redigiu em Paris a revista *Niterói* e colaborou em vários jornais. Fez parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

VOCABULÁRIO

À-flor-de (loc. prep.): à-tona de, à-superfície-de.

Alquebrar (v.): sofrer curvatura na espinha dorsal; enfraquecer; render (-se), cansar (-se); render pelas cintas do costado (o navio) *Alquebrado*: curvado; exhausto.

Altercar (v.): disputar, discutir com ardor; contender, lutar, combater; provocar polêmica.

Anfíbio (subst.): que vive na terra e na água; que sustenta opiniões ou crenças diversas.

Arremêso (subst.): ato de arremessar; arma ou objeto que se atira, rojão; arremetida, assalto.

Conquistador (subst.): aquele que vence, subjuga ou alcança pela fôrça das armas; (fig.): homem feliz em amores, sedutor, D. Juan.

Debandar (v.): pôr em fuga precipitada; (intr. e pron.): fugir desordenadamente e às pressas.

Despôjo (subst.): ato de despojar; tudo o que se toma ao inimigo), presa, tomadia.

Equóreo (adj.): relativo ao alto mar.

Esboroar (v.): esterroar, desmoronar, converter em pó; esbarrondar ou esbarrocar.

Escancarar (v.): abrir completamente ou de par em par; patentear.

Fauces (subst. pl.): guéla de animal, garganta.

Hórrido (adj. poético): horrendo, que causa horror ou mêdo, muito feio, horroroso, tremendo, medonho.

Hoste (subst.): trôço de exército, tropa; bando, multidão.

Iracundo (adj.): que se agasta facilmente, irascível, raivoso.

Lontra (subst.): pequeno quadrúpede carnívoro da família das martas.

Milha (subst.): medida itinerária de comprimento variável segundo os países; *milha marítima*: extensão de 1.852 metros.

Minar (v.): excavar para extrair metais, líquidos, etc.; cavar, consumir; (intr.): difundir-se, espalhar-se, lavrar (p. ex. o fogo).

Opulentar (v.): tornar opulento, enriquecer; engrandecer.

Pleito (subst.): demanda, litígio, questão judicial, porfia, luta, contenda.

Porfioso (adj.): em que há obstinação e contenda; renhido, trabalhoso; canstante, contínuo, perseverante.

Renhido (adj.): sangrento, truculento, feroz.

Sorver (v.): beber aspirando; subverter, afundar, submergir; aspirar.

Sucuriuba ou sucuriú (subst.): variedade de cobra do Brasil.

Travar (v.): fazer parar com travão; agarrar, segurar com fôrça; entabolar; começar; (intr.): causar travo, ter sabor amargo ou adstringente.

Tributo (subst.): contribuïção, imposto; contribuïção de guerra; o que um estado paga a outro; homenagem, preito.

QUESTIONÁRIO. Que faz o Amazonas ao entrar no Oceano? Para quê trava essa luta? A quê o compara o poeta? Quantas léguas tem a sua foz? A quantas milhas se estendem as suas águas no oceano? Que faz o Atlântico iracundo? Que armas lança o Amazonas no mar? A quê se assemelham os seus gritos? Que acontece quando se incha o seu corpo desmedido? Por quê o compara o poeta com um conquistador? Como figura êle êsse conquistador? Que faz ante as portas do castelo? E' expressiva essa comparação? Por quê? Que idéia geral ressalta dêste trecho?

ORTOGRAFIA. Citar 30 palavras com *h* inicial e 20 com o prefixo *ex-* seguido de consoante.

HOMÔNIMOS. *Trava* (subst.) e *trava* (v.); *escâncara* (subs-

tant. na locução *à escâncara* ou *às escâncaras*) e *escancara* (v.); *sôlta* (part. pas. irr. de *soltar* e adj.) e *solta* (v.); *récua* (subst.) e *recua* (v.); *arremêsso* (substant.) e *arremesso* (v.); *mina* (subst.) e *mina* (v.); *espêssa* (adj fem. sing.) e *espessa* (v.); *opulenta* (adj. fem. sing.) e *opulenta* (v.).

PARÔNIMOS. *Foz* e *voz*, *pleito* e *preito*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *foz*, *luta*, *renhido*, *feroz*, *descuidado*, *elevar*, *escancarar*, *iracundo*, *submergir*, *destronizar*.

COGNATOS. Dar os de: *luta*, *cauda*, *tronco*, *hórrido*, *mover*, *elevar*, *espada*, *gemer*, *monte*, *arma*, *vencer*, *castelo*, *firme*.

ANÁLISE. Indicar e especificar os substantivos, adjetivos, preposições e conjunções existentes no trecho. Analisar sintàticamente o 1º período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *feroz*, *hórrido*, *ligeiro*, *ingente*, *grosso*, *desmedido*, *firme*, *porfioso*. Achar alguns adjetivos que convenham aos substantivos: *luta*, *leite*, *lago*, *língua*, *pleito*, *espada*, *corpo*, *tributo*, *rei*, *vitória*. Formar frases diversas com cada um dos verbos: *travar*, *morrer*, *tragar*, *sorver*, *embeber*, *recuar*, *minar*, *refletir*, *vencer*, *jogar*.

COMPOSIÇÃO. Depois de alguma leitura subsidiária e com elementos dados pelo professor, escrever sôbre o Amazonas.

XXXIX — UM ENTÊRRO EM MINAS

CARLOS DE LAET

Foi neste cemitério que, pela primeira vez, assistimos a um entêrro em S. João (del Rei). Era de criança.

O representante da família veio em caleça de aluguel, acolchoada de flores, e trazia consigo o fúnebre caxãozinho e mais quatro meninas, de cinco a seis anos

de idade, com a tradicional vestimenta de anjinhos de procissão. Os convidados para a ceremônia aguardavam o saïmento à porta da igreja, e, com tochas acesas, receberam o féretro, que do carro foi conduzido a mão pelas quatro crianças até o interior do templo, onde foi depositado sôbre uma éssa toda enflorada. Celebrou-se a encomendação com a orquestra e cânticos, e em seguida se procedeu ao depósito na catacumba.

Confessamos que êste ceremonial onde tão piedosamente se aproximavam os vívidos sorrisos da infância e a gelidez da morte, o horror da separação e a crença na imortalidade, constitue um dos episódios que mais nos teem impressionado.

(Em Minas)

Carlos Maximiano Pimenta de Laet (Rio de Janeiro, n. 3-X-1847 e morreu em 1927). Bacharelou-se em letras no Colégio de Pedro II e formou-se na Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Foi catedrático de português e reitor daquele estabelecimento, e, na monarquia, representou, na Câmara dos Deputados, Goiaz e a Paraíba. Carlos de Laet, versadissimo nas letras clássicas e exímio vernaculista, celebrizou-se como um dos nossos maiores jornalistas e polemistas, tratando, com surpreendente proficiência, cintilante estílo e acerada ironia, os assuntos mais variados. Escreveu: *Em Minas*, *Antologia Nacional* (de colaboração com Fausto Barreto), *Minha História Sagrada*, *Minha primeira viagem à volta do mundo*, *Vida da bem-aventurada S. Rita de Cássia*, *O frade estranjeiro* (conferência), *Ferri, sua construção científica* (idem). Redigiu diversos periódicos: *Tribuna Liberal*, *Liberdade*, *O Brasil*, e colaborou no *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio*, *País*. Carlos de Laet era católico convicto e monarquista intransigente. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

VOCABULÁRIO

Acolchoar (v.): forrar ou encher à maneira de colchão; lavrar ou tecer como colcha.

Aguardar (v.): esperar com paciência ou respeito; vigiar.

Caleça (subst.): sege própria para viagem.

Catacumba (subst.): abertura arqueada e profunda nas paredes dos cemitérios para nela se sepultarem os mortos. (No pl.): extensas excavações subterrâneas em que os primitivos cristãos enterravam os seus mortos e se refugiavam durante as perseguições movidas contra êles.

Celebrar (v.): realizar com solenidade, comemorar; publicar com louvor, exaltar, engrandecer, sublimar; (introd.): dizer missa.

Cerimonial (v.): conjunto de formalidades e preceitos que se observam nas solenidades; livro que os contêm; regras de civilidade.

Encomendação (subst.): as orações feitas junto do morto antes do saïmento e da inumação.

Enflorar (v.): ornar de flores fazer florescer; tornar próspero; (intr.): criar flores.

Entêrro (subst.): cortejo fúnebre, fúneral, saïmento.

Episódio (subst.): incidente, fato insulado; digressão, ação acessória ou acidental ligada à ação principal de uma narrativa, romance, poema, etc.

Éssa (e não *eça*. subst.): catafalco, estrado onde se coloca o caixão com o cadáver.

Féretro (subst.): caixão mortuário; ataúde, tumba.

Fúnebre (adj.): que se refere à morte, mortuário, lúgubre, funéreo.

Gelidez (subst.): estado ou qualidade do que está gélido, gelado; excessiva frialdade, enregelamento, paralisia.

Saïmento (substant): funeral, entêrro.

Tocha (subst.): vela grande de cera, brandão, facho.

Vívido (adj.): que tem muita vivacidade, animação ou ardor; ardente, animado; que tem côres vivas; expressivo.

QUESTIONARIO. Onde assistiu o autor ao entêrro? De quem era? Onde se fez conduzir o representante da família? Que levava êle? Por quem ia acompanhado? Como estavam vestidas as meninas? Que faziam os convidados? Como receberam o féretro? Como, por quem e para onde foi êste conduzido? Onde o depositaram? Que houve em seguida? Que sentimentos despertou essa ceremônia no autor? Por quê o impressionou tanto?

ORTOGRAFIA. Escrevem-se com *ss*: 1.º) as palavras terminadas em *-ésso, -êsso*: *acesso, congresso, avêsso, arremêsso*, excetuando-se *aderêço, começo, enderêço, peço* (v. *pedir*), *tropêço, preço* e *cognatos*; 2.º) a maioria das palavras iniciadas por *assa-, asse-, assi-, asso-* e *assu-*: *assaltar, assanhar, assédio, asseio, assíduo, assinar, assolar, assombrar, assumir, assustar*, menos *açafate, açafrão, açambarcar, açamo, açor, Açores,, açougue, açucar, açucena, açude, açular*, etc.; 3.º) o pretérito imperfeito do subj. de todos os verbos: *amasse, amasses, amássemos, amásseis, amassem, vendesse, partisse, pudesse, viesse;* 4.º terminação *-íssimo* do superlativo: *fortíssimo, estudiosíssimo, larguíssimo, amabilíssimo, atrocíssimo;* 5.º) os vocábulos acabados em *-cessão, -missão, -gressão, -fissão* e *-pressão*: *concessão, intercessão, comissão, demissão, agressão, regressão, confissão, profissão, compressão, impressão*; e todos os cognatos: *concessivo, profissional*, etc.; 6.º) dentre outras as palvras seguintes e suas afins: *abadessa, atassalhar, cassa* (tecido), *cassar* (anular), *cássia, classe, colosso, crasso, dissabor, disseminar, dissertar, dissentir, dissidente, dissídio, dissimular, dissipar, dissociar, dissolver, dissonante, dossel, escasso, espessar, espêsso, fossa, fôsso, fóssil, fracasso, fressura, glossário, glossite, grosso, hussardo, hussita, inconcusso, indefesso, lasso* (cansado, fraco), *massa, missão, missionário, messe, Messias, molosso, missanga, missa, mossa, musselina, mussitação, mussitar, necessário, necessidade* e cognatos, *nosso, osso, passar, possante, posse, posso* (v. *poder*), *pressão remessa, remisso, sessão, vassoura, vossemecê, Prússia, Rússia, sessenta*, etc.

HOMÔNIMOS. *Entêrro* (substant.) e *enterro* (v.); *depósito* (subst.) e *deposito* (v.); *vivido* (adj.) e *vivido* (part. pas. de *viver*); *consigo* (prep. + variação pron.) e *consigo* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *entêrro, criança, aceso, aproximar, sorriso, infância, gelidez, separação, crença.*

COGNATOS. Dar os de: *entêrro, criança, representante, família, ceremônia, tocha, orquestra, cântico, vivido, sorriso, imortalidade, impressionar.*

ANÁLISE. Analise lèxicamente o 1.º período e sintàticamente o último.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *fúnebre, tradicional, aceso* e *vívido*. Procurar alguns adjetivos apropriados para: *vestimenta, ceremônia, igre-*

ja, carro, orquestra, sorriso, crença. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *assistir, aguardar, recolher, depositar, aproximar, impressionar.*

COMPOSIÇAO. Descrever uma cerimônia fúnebre.

XL — O DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA

MANUEL ARAUJO DE PORTO ALEGRE

Mais uma hora **velou.** (1) Deu meia-noite.
Rendeu-se o quarto no maior silêncio.
Acalmada a emoção e mais **convicto,**
Fez sinal, e a esquadra **pôs à capa,**
Sem que alguêm da **manobra** visse a causa.
Sentado e enfraquecido por **vigílias,**
Ainda olhava; mas, cedendo ao corpo,
Alí mesmo dormiu, té que de um salto
Erguido, ao trom de festival **bombarda**
E da grita dos seus, que repetiam
Com Bermejo, (2) na **Pinta:** (3) — "Terra! Terra!"...
Sem olhar, convencido da verdade,
Por grato impulso ajoelhou-se orando,
Antes que a terra lhe alegrasse a vista!
Vinha o dia rompendo e descobrindo,
Sôbre a linha do mar, a terra ansiada!

(1) O sujeito de *velou* é *Colombo.*
(2) Um dos marinheiros da frota do célebre almirante.
(3) Uma das caravelas que lhe compunham a esquadra.

Como ao empaste das fecundas tintas,
A natura e a luz na tela fulgem,
Assim fulgia o ondulado aspeto
De frondente floresta, e, pouco a pouco,
Ao sorriso das horas fugitivas,
No ar se abriam graciosas palmas,
Como guerreiros de emplumados elmos,
Vindos à plaga a festejar as naves.
Com o prumo na mão, sondando a costa,
Entrou numa abra que no fundo tinha
Surgidouro seguro. Manda o chefe
A manobra da paz! e a um tempo viu-se
Cair o pano, atravessar a frota,
Morder o ferro a desejada areia.
Os descrentes então se convenceram
De que um homem de Deus vê mais que os outros.

(Colombo)

Manuel de Araujo Porto Alegre, *Barão de S. Ângelo,* nasceu em Rio Pardo (Rio Grande do Sul), a 29 de novembro de 1806, e faleceu na Europa, em 29 de dezembro de 1879. Começou a vida como humilde relojoeiro e, indo para o Rio, estudou na Academia das Belas Artes, da qual foi, em 1854, nomeado diretor. Em 1859, foi despachado como consul geral em Berlim, passando daí em diante a morar na Europa, onde conviveu com Gonçalves de Magalhães e Torres Homem e com êles redigiu em Paris a célebre revista *Niterói*. Porto Alegre foi pintor, arquiteto, poeta, dramaturgo e crítico, e a êle cabe lugar de relêvo, ao lado de Magalhães e Gonçalves Dias, na implantação do romantismo brasileiro. De imaginação exuberante e vasta erudição, Porto Alegre é poeta de mérito, principalmente como descritivo, si bem que em geral enfático, palavroso e prolixo. Escreveu: *A Voz da Natureza, Brasilianas* (poesias), *Angélica e Firmino* e *Colombo*, sua

obra-prima, poema épico em quarenta cantos, onde há páginas reveladoras de real genialidade e também certa turgidez de forma e excesso de imagens que prejudicam o conjunto da epopéia.

VOCABULÁRIO

Abra (subst.): angra, enseada, baía pequena.

Acalmar (v.): seremar, sossegar, aquietar, aplacar.

Ansiado (part. pas. de *ansiar*): desejado com ardor, almejado, anelado; nauseado, aflito, angustiado.

Atravessar (v.): como termo náutico significa "dar o costado (o navio) ao vento e ondas, sem surdir avante" (Morais), pôr à capa.

Bombarda (substant.): antiga máquina bélica que lançava pedras; canhão que arremessava pelouros.

Convicto (part. pas. irr. de *convencer*): convencido, persuadido, crente, firme.

Elmo (subst.): espécie de capacete.

Emoção (subst. Galicismo hoje generalizado): comoção, abalo moral, agitação de ânimo, alvoroço, perturbação, turbação, enleio, torvação.

Empaste (subst.): camada das primeiras tintas num quadro.

Ferro (subst.): no texto está no sentido particular de *âncora*, que é um instrumento de ferro, o qual, lançado no fundo d'água, segura as embarcações por um cabo.

Frondente (adj.): cheio de rama ou ramagem, frondoso, frondejante, copado.

Frota (subst.): certo número de navios de guerra ou mercantes comboiados êstes por vasos de guerra; armada, esquadra.

Fulgir (v.): brilhar, resplandecer, sobressair.

Manobra (subst.): ato de dirigir a andadura das embarcações, faina de marinheiro; exercício militar; ardil, artimanha; manêjo, manejamento.

Morder a areia: lançar a âncora, deitar ferro, prender o navio.

Natura (subst. Termo poético): natureza, que é o conjunto de todos os seres que constituem o universo, das leis que o regem e das fôrças que lhe manteem a ordem e o equilíbrio; propriedade de um ser, caráter, índole, qualidades ingênitas.

Plaga (subst. poético): país, região. No texto foi impropriamente tomado no sentido de *praia*.

Pôr-se à capa (espressão náutica): diz-se do navio que, no mar largo e com vento contrário, está com as velas

dispostas de tal modo que não anda ou anda de-vagar. *Pôr o navio à capa*: ferrar-lhe as velas para que suspenda ou diminua a marcha.

Quarto (substant.): espaço de tempo em que os marinheiros ou militares velam para os outros repousarem; as pessoas que estão de vela. Dar os outros sentidos.

Render (v.): substituir (o quarto); sujeitar, vencer; alquebrar; mover à piedade; produzir lucro; *render(-se)*: dar de si; entregar-se, dar-se por vencido.

Surgidouro (substant.): lugar onde surgem ou fundeiam os navios, ancoradouro.

Tela (subst.): tecido, teia; pano grosso, revestido de tinta, para nêle se pintar; quadro, pintura, painel.

Velar (v.): ficar acordado, vigiar; ter cuidado com; encobrir com véu, tapar, anuviar.

Vigília (subst.): ato de velar vela, estado de quem fica acordado; lucubração; véspera de festa eclesiástica.

QUESTIONÁRIO. Que fez Colombo? Que ocorreu, dada meia-noite? Por quê adormeceu o Almirante? Que é que o despertou? Que fez êle, ouvindo anunciar terra? Que horas já eram? Que espetáculo se ofereceu no horizonte? Onde entrou o Almirante e como entrou? Que mandou o chefe? Qual era a manobra da paz? Por quê *da paz?* De que se convenceram os descrentes?

ORTOGRAFIA. Recordar as palavras escritas com *ss*.

HOMÔNIMOS. *Quarto* (num. ord.) e *quarto* (subst.); *manobra* (subst.) e *manobra* (v.); *salto* (subst.) e *salto* (v.); *olhar* (subst.) e *olhar* (v.); *vinha* (subst.) e *vinha* (v.); *empaste* (subst.) e *empaste* (v.); *abra* (subst.) e *abra* (v.); *ferro* (subst.) e *ferro* (v.).

PARÔNIMOS. *Trom* e *tom*, *plaga* e *praga*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *velar, silêncio, acalmar, convicto, enfraquecido, vigília, festival, ansiado, fecundo, fugitivo, frondente, gracioso, seguro*.

COGNATOS. Dar os de: *render, sinal, capa, manobra, causa, bombarda, grita, ansiado, natura, prumo, surgidouro, ferro, descrente, Deus*.

ANALISE. Indicar no trecho todos os verbos transitivos com os seus objetos diretos, todos os verbos intransitivos, assim como os advérbios e locuções adverbiais. Analisar sintàticamente os tres últimos períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos adequados a: *esquadra, manobra, vigília, bombarda, grita, tela aspeto, obra*. Procurar alguns substantivos qualificáveis por:

festival, grato, ansiado, fecundo, frondente, seguro. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *velar, render, acalmar, olhar, ceder, romper, descobrir.*

COMPOSIÇÃO. Com elementos ministrados pelo professor e com leituras feitas em outros livros, narrar a chegada de Colombo ao Novo Mundo.

XLI — OS JESUITAS

AFONSO CELSO

Os **Jesuitas** eram o **elemento moral** da primitiva sociedade brasileira, cujos costumes buscaram elevar, não transigindo com os **potentados**. As primeiras escolas havidas no Brasil, construiram-nas e dirigiram-nas **êles**. Edificaram a primeira igreja, amassando êles próprios o barro, cortando as madeiras, executando todo o trabalho **material**.

Celebraram o **sacrifício** divino muita vez em capelas **improvisadas**, cobertas de fôlhas de palmeira. Ensinavam em humildes **choças** ao ar livre.

Na guerra **revelaram** alta **bravura**. Nóbrega auxiliou os soldados que **expeliram** os franceses do Rio de Janeiro. Animava-os nos combates, colocando-se-lhes na frente, **empunhando** um crucifixo. Êle e Anchieta salvaram Piratininga do assalto dos Tamóios **confederados**. Eram vinte mil índios armados, furiosos, prontos a invadir e destruir a nascente povoação. Os dois jesuitas partem sosinhos para **negociar** a paz. Ficam como **reféns** no seio do **exército selvagem**. Anchieta fala-lhes no idioma dêles,

êles, mais uma vez, querem trucidar os dois audazes missionários. Mas cedem à eloquência, à força moral de ambos, cuja santidade os assombra. A par dêste, quantos outros exemplos de heroismo obscuro, de sacrifício mudo, de trabalho sem prêmio, de desconhecida dedicação!

Estudaram a nossa terra com inteligência e amor. Muitos dos seus manuscritos perderam-se nos motins de que foram vítimas e na ocasião da expulsão. Os escritos que restam constituem preciosa fonte para conhecimento do nosso passado. Organizaram cartas e roteiros, investigaram os dialetos e hábitos dos nossos indígenas, descobriram e apregoaram as riquezas e belezas do nosso país. Foram incontestavelmente grandes amigos nossos. Mal de nós, si lhes não tributássemos respeito e gratidão.

(Porque me ufano do meu País)

Afonso Celso de Ouro Preto (Conde de) nasceu em Ouro Preto, a 31 de março de 1860. Doutorou-se em direito na Faculdade de S. Paulo em 1881, e nêsse mesmo ano foi eleito deputado geral por Minas. Vindo a República, deixou a política e deu-se à advocacia e ao magistério superior. Foi diretor da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Escreveu: *Um capricho do Dr. Ox, Prelúdios, Devaneios, Telas sonantes, Poemetos, Exposições industriais, Camões* (drama), *Direito e letras, Uma família da moda, Porque me ufano do meu país, Vultos e Fatos, Lupe, Mês do Rosário*, etc. Tem colaborado em muitos jornais, principalmente no *Jornal do Brasil*. É presidente do Instituto Histórico Brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras.

Afonso Celso é dos mais apreciados escritores nacionais. Como poeta é delicado e espontâneo e como prosador é agradável e correto.

VOCABULÁRIO

Bravura (substant.): valentia coragem, destemor, galhardia.

Choça (substant.): cabana, choupana, casebre ou habitação, rústica e pobre.

Confederar (v.): unir por aliança ou confederação, aliar.

Dedicação (subst.): afeto excessivo, devoção para com alguêm ou alg. cousa, sacrifício feito por alguêm; abnegação; consagração de um edifício ou monumento.

Dialeto (subst.): linguagem própria de certa região.

Elemento (subst.): cada uma das partes que fórmam um todo; matéria-prima; corpo simples; — *s*: rudimentos, primeiras noções de uma ciência ou arte.

Eloqüência (subst.): faculdade de impressionar e persuadir pela palavra; o conjunto das regras de bem dizer.

Empunhar (v.): segurar pelo cabo ou pelo punho, suster.

Exército (subst.): conjunto das fôrças de um país; tropas preparadas para a guerra; legião, grande quantidade.

Expelir (v.): lançar fora com violência, expulsar, f a z e r sair.

Heroísmo (subst.): ato que revela grandeza de caráter ou de coração; bravura ou arrôjo extraordinário.

Idioma (substant.): língua de um povo considerada no que tem de particular.

Improvisar (v.): fazer ou dizer de-repente e às pressas.

Investigar (v.): buscar os vestígios de, indagar, pesquisar, estudar aprofundamente.

Jesuíta (subst.): membro da Companhia de Jesus, ordem religiosa fundada por Santo Inácio de Loiola em 1534.

Manuscrito (substant.): o que é escrito a mão.

Material (adj.): que se refere á matéria, não espiritual, corporal; grosseiro, animal, sensual.

Moral (adjet.): relativo aos bons costumes.

Motim (substant.): desordem, tumulto, sedição, revolta, agitação popular; barulho, alvorôço, agitação.

Negociar (v.): fazer negócio, comerciar; agenciar, pactuar ajustar; estabelecer convenção entre duas ou mais nações.

Potentado (subst.): indivíduo que dispõe de grande poder ou influência; magnata.

Refêm subst.): possoa em poder do inimigo para assegurar a execução de um fato, promessa ou tratado.

Revelar (v.): tirar o véu, descobrir, mostrar, patentear, denunciar.

Roteiro (subst.): descrição de todos os acidentes geográfi-

cos de uma região marítima, cujo conhecimento é necessario à navegação; descrição de viagem marítima ou terrestre, itinerário.

Sacrifício (subst.): abnegação, renúncia; privação a que alguêm se sujeita com fim religioso ou em benefício de outrem.

Transigir (v.): condescender, concordar, anuir.

Trucidar (v.): matar com crueldade.

QUESTIONÁRIO. Por quê eram os Jesuitas o elemento moral da primitiva sociedade brasileira? Que fizeram êles? Como celebravam muitas vezes? Onde ensinavam? Como procediam nas guerras? Que fez Nóbrega primeiro só e depois em companhia de Anchieta? Quantos eram os Tamóios e em que disposição estavam? Como se portaram os dois jesuitas? Que perigos correram? Como lograram aplacar os selvagens? Que outros serviços devemos aos jesuitas? Que sentimentos devemos ter para com êles?

ORTOGRAFIA. Recordar as palavras em que há os grupos *ct* e *pt*.

HOMÔNIMOS. *Moral* (subst.) e *moral* (adj.); *costumes* (subst.) e *costumes* (v.); *livre* (adj.) e *livre* (v.); *combates* (subst. pl.) e *combates* (v.); *exército* (subst.) e *exercito* (v.); *vitimas* (subst.) e *vitimas* (v.).

PARÔNIMOS. *Dirigir* e *digerir*, *revelar* e *relevar*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *moral*, *primitivo*, *elevar*, *edificar*, *divino*, *revelar*, *expelir*, *selvagem*, *eloqüência*, *prêmio*, *gratidão*, *respeito*.

COGNATOS. Dar os de: *moral*, *escola*, *material*, *divino*, *bravura*, *assalto*, *confederado*, *idioma*, *roteiro*.

ANÁLISE. Analisar léxica e sintàticamente o 1.º período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos para: *sociedade*, *costume*, *trabalho*, *combate*, *exército*, *motim*. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *primitivo*, *material*, *humilde*, *obscuro*. Construir frases com cada um dos verbos: *transigir*, *executar*, *revelar*, *assombrar*, *investigar*, *apregoar*, *tributar*.

COMPOSIÇÃO. Dissertar sôbre a ação civilizadora dos Jesuitas no Brasil.

XLII — ESTIO

PAULO BRANDÃO

E' chegada a sazão das louras searas,
Que ondeiam, longe, em flavas ondas de ouro,
A êste retiro, em que se escuta em côro
Das aves, concertando, as vozes claras...

O sol no céu cintila, ardente e louro...
Já dentre as fôlhas, últimas e raras,
Se expande, à luz, das árvores avaras
O sazonado e púrpuro tesouro...

Sob estas velhas árvores descanso
O corpo, ouvindo os pássaros e o manso
Mugir dos bois, enquanto morre o dia...

Enche-me a paz ignota que as domina,
E a luz contemplo e a esfera cristalina,
Que de altos frutos de ouro se atavia.

(Alma Antiga)

Paulo Emílio da Silva Brandão nasceu em Ouro Preto (Minas), a 11 de outubro de 1883 e faleceu em Belo Horizonte, a 2 de setembro de 1928. Estudou humanidades em sua cidade natal, formando-se em direito pela Faculdade de Minas Gerais (B. Horizonte). Dedicou-se à advocacia, ao magistério e ao jornalismo. Redigiu em Ouro Preto "O Radical" e "O Correio da Noite", colaborando em vários jornais e revistas do seu e de outros Estados. Publicou: *Poentes do Inverno, Poemas do Sonho e da Saudade, Alma Antiga*, e deixou inéditos *L'Ennui des Heures* (em francês), *Contos de Farol*, diversos discursos e conferências e um compêndio de *"Direito Comercial"*. pertenceu à Academia Mineira de Letras.

VOCABULÁRIO

Ataviar (v.): adornar, ornar, enfeitar, adereçar.

Avaro (adj.): avarento, que tem a paixão de ajuntar, que não dá ou não gasta, mesquinho, sôrdido.

Concertar (v.): ajustar, combinar, harmonizar; tocar ou cantar em conjunto. Não confundir êste verbo com *consertar*, que significa *coser, remendar, refazer, reparar, emendar*.

Esfera cristalina (perífrase): o céu, o firmamento.

Expandir (v.): tornar pando ou enfumado, aberto, largo; dilatar, difundir, desenvolver; mostrar-se muito; desabafar, desafogar.

Flavo (adj.): louro, dourado, côr de ouro; fulvo.

Ignoto (adj.): desconhecido, ignorado; humilde, obscuro.

Púrpuro (adjt. Neologismo): purpúreo, purpurino, escuro.

Retiro (subst.): solidão, lugar solitário, remanso, recesso. (Brasil): fazenda pequena.

Sazão (subst.): estação do ano, quadra; oportunidade, ensejo, ocasião.

Sazonado ou sazoado (adj.): que chegou à sazão de ser colhido, maduro; experimentado; ponderado.

Seara (subst.): terreno plantado de cereais; campo cultivado. *Messe* é a seára já madura, em ponto de ceifar-se.

QUESTIONÁRIO. Que estação descreve o poeta? Aonde chegou ela? Como ondeiam as searas? Que é que se escuta? Que é que cintila no céu? Como cintila o sol? Por quê ardente e louro? Que é que se mostra à luz, entre as fôlhas últimas e raras? Por quê qualifica o poeta as árvores com o epíteto de *avaras?* Que faz êle? Que ouve? Em que hora? Que é que lhe enche a alma? Que contempla? Quais são os *altos frutos de ouro?*

ORTOGRAFIA. Recordar as palavras em que há *x* chiante-palatal.

HOMÔNIMOS. *Claras* (subst. pl.) e *claras* (adj. fem. pl.); *retiro* (subst.) e *retiro* (v.); *escuta* (subst.) e *escuta* (v.); *côro* (subst.) e *coro* (v).; *concertar* (v.) e *conseriar* (v.); *cintila* (subst. = *centelha*) e *cintila* (v.); *louro* (subs.) e *louro* (adj.); *últimas* (adj. fem. pl.) e *últimas* (v.); *descanso* (subst.) e *descanso* (v.).

PARÔNIMOS. *Côro* e *couro* ou *coiro; mugir* e *mungir*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *estio, retiro, claro, céu, ardente, último, raro, expandir, sazonado, manso, ignoto*.

COGNATOS. Dar os de: *estio, louro, longe, flava, côro, ave, claro, cintilar, avaro, fôlha, raro, expandir, manso, boi, dominar*.

ANÁLISE. Analisar léxica e sintàticamente o 1.º quarteto. Conjugar os verbos *ouvir, mugir, morrer* e *ataviar-se*. Indicar no texto os pronomes e preposições.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos a que convenham os seguintes adjetivos: *louro* e *flavo, claro, ardente, raro, avaro, purpúreo, ignoto, cristalino*. Achar alguns adjetivos próprios para: *estio, sazão, seara, onda, côro, voz, fôlha, luz, árvore, tesouro*. Formar frases diversas com cada um das verbos: *chegar, ondear, concertar, consertar, expandir, dominar, contemplar, ataviar*.

COMPOSIÇÃO. Descrever o estio.

XLIII — NA MONTANHA

ARTUR LOBO

Para se chegar ao alto da montanha, segue-se por uma estrada que ora atravessa matas, cheia de troncos, de cipós e de trepadeiras; ora surge nos campos, serpeando pela encosta, deixando, de um e de outro lado, os fios de água, que deslizam sôbre leitos de cascalhos. No alto, como que no momento de comoção geológica, a montanha fendeu-se de meio a meio, e, na vertente oposta, a natureza muda de aspeto: a vegetação desaparece; os monólitos sucedem-se formidáveis e colossais, à-flor do solo, cobertos de musgo; como que a natureza marcou aí uma fronteira para o domínio do reino mineral, e os veieiros riquissimos de ouro são o único atrativo dêste sítio, cujos horizontes se abrem a uma imensa distância, numa linha acidentada de montanhas longínquas.

Mas a beleza da montanha é cá em baixo, a meio da encosta, onde a vegetação ainda abunda, e as águas marulham docemente à sombra fresca das árvores. Há especialmente uma choça hospitaleira, que é o meu prin-

cipal **paradeiro** nas viagens a pé pelos montes. Coberta de **sapé**, construida sôbre quatro esteios apenas, sem paredes, como os ranchos abertos, um **pau-d'-óleo** projetando fresca sombra à frente, é deliciosa assim mesmo, invadida pela erva que se alastra pelo interior, animada pelo abandono da casa e sonorizada pelos grilos, que estão, dia e noite, clarinando à sombra das ramadas de maracujás e dos capinzais que a cercam.

Uma flauta de cana, um cajado, uma ovelha, e eis que ter-me-ia feito pastor, tal como no tempo em que as éclogas celebravam a vida dos pegureiros.

Artur Lobo nasceu em Coração de Jesus de Montes Claros, a 9 de setembro de 1869 e faleceu em Belo Horizonte, a 25 de setembro de 1901. Estudou engenharia na Escola de Minas de Ouro Preto. Conquistou, por brilhante concurso, a cadeira de português e literatura da escola normal de Uberaba, e, quando morreu, era tesoureiro da Prefeitura de Belo Horizonte. Fundou e dirigiu em Sabará o *Contemporâneo* e colaborou em diversos jornais e revistas. Escreveu: *Lei universal*, *Rítmos e Rimas*, *Evangelhos*, *Kermesse* (verso); *Um escândalo*, *Rosais*, *O outro* (romances); *Gregório* e *A Volta do Gregório* (revistas de costumes); *Serão e Lazeres* (obra póstuma) e o *Livro de Zezé* (de colaboração com Azevedo Junior). O seu romance *Rosais* foi traduzido em espanhol por Clemente Vega para a revista *Lira Chilena*.

Artur Lobo é um poeta delicado e um prosador fluente e agradável. Considera-se com razão um dos vultos primaciais das letras mineiras, mormente pelos seus dotes de païsagista.

VOCABULÁRIO

Acidentado (adj.): que não é uniforme nem igual; variado, cheio de altos e baixos.

Atrativo (substant.): encanto, sedução; — *s*: formosura, graça, donaire; (adj.): que tem a propriedade de atrair, sedutor.

Cajado (subst.): bordão com a extremidade superior re

curvada, de que se servem principalmente os pastores; báculo episcopal.

Cascalho (subst.): lascas de pedra, pedra britada; mistura de areia e seixos.

Clarinar (v.): tocar clarim; produzir som agudo e alegre.

Comoção (subst.): abalo, agitação; motim, revolta.

Écloga (subst.): poesia pastoril, geralmente dialogada.

Esteio (subst.): peça de madeira, ferro, pedra, que serve para segurar ou escorar alguma cousa; amparo, proteção, arrimo, sustentáculo.

Fender (v.): rachar, rasgar, separar, partir, gretar.

Geológico (adj.): que se refere à geologia, à historia e formação da Terra.

Hospitaleiro (adj.): que dá hospedagem ou agasalho, que se franqueia, acolhedor.

Maracujá (substant.): planta passiflórea do Brasil; fruto do maracujazeiro.

Marulhar (v.): agitar-se (o mar), formar vagas, produzir ruído como o das vagas.

Monólito (subst.): pedra de grandes dimensões, construção feita com um só maciço de pedra. (Do grego: *monos*, uma só, *lithos*, pedra).

Paradeiro (substant.): lugar, termo ou sítio onde uma cousa está ou vai parar.

Pau-d'-óleo (subst. comp.): árvore brasileira.

Pegureiro (subst.): guardador de gado, pastor, zagal.

Sapé (subst.): gramínea brasileira empregada para cobrir ranchos, choças, etc.

Serpear (v.): andar de rastos como a serpente; mover-se sinuosamente, ondular, colear.

Sonorizar (v. Neol.): tornar sonoro, fazer soar ou ressoar.

Veieiro (subst.): veio metalífero, filão, bêta.

QUESTIONÁRIO. Por onde se chega ao alto da mantanha? Como se desenvolve a estrada? Que se observa no alto? E na vertente oposta? Onde é mais bela a montanha? Por quê? Que é que existe em baixo? Como é essa choça? Que era preciso ao escritor para se tornar pastor?

ORTOGRAFIA. Escrevem-se com *z* intervocálico dentre outras as seguintes palavras e seus cognatos: 1.º) os substantivos derivados de adjetivos e terminados em *-eza*: *agudo* › *agudeza*, *rude* › *rudeza*; 2.º) os verbos acabados em *-duzir*, *-luzir* e *-izar* (causativo): *aduzir*, *conduzir*, *reluzir*, *concretizar*, *sonorizar*, exceto *analisar*, *avisar*, *catequisar*, *electrolisar*, *guisar*, *pisar*, etc; 3.º) as palavras derivadas de outras em que ha *z*: *cruz* › *cruzar*, *cruzeiro*, *cruzador*; *raiz* › *enraizar*; *prazo* › *aprazar*; 4.º) os vocábulos seguintes: *azêdo*, *azeite*, *azêmola*, *azeviche*, *azia*, *azinha*, *azevinho*, *azourrague*, *azougue*, *azul*, *bezerro*, *buzina*, *búzio*, *cizânia*, *cozer* (prepa-

rar alimento ao fogo, etc.), *cozinha, guizo, gaze, gazeta, fazer, jazer, luzir, mazurca, mèzinha* (*remedio*) *mazela, nazareno, prazo, prezar, razão, rezar, sazão, trazer, topázio, vazio, vizinho;* 5.°) os cardinais *doze, treze, dezesseis, dezessete, dezoito e dezenove.*

HOMÔNIMOS. *Alto* (substant.), *alto* (adj.), *alto* (adv.) e *alto* (interj.); *ora* (v.), *ora* (adv. e conj.), *hora* (substant.): *pela* comb. de *per* + *la*), *péla* (subst.) e *péla* (v.); *sitio* (subst.) e *sitio* (v.); *montes* (subst.) e *montes* (v.).

PARÔNIMOS. *Lado* e *lato*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *cheio, encosta, comoção, colossal, atrativo, distância, acidentado, longínquo, hospitaleiro, delicioso.*

COGNATOS. Dar os de: *serpear, cascalho, vertente, fronteira, reino, pastar.*

ANÁLISE. Indicar no texto os pronomes, verbos, advérbios e conjunções com todas as especificações. Analisar sintàticamente o 1.° período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *geológico, formidável, acidentado, hospitaleiro, fresco, delicioso.* Achar alguns adjetivos que convenham a *estrada, árvore, tronco, vegetação, choça, erva, flauta, écloga.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *atravessar, serpear, fender, suceder, alastrar, cercar, celebrar.*

COMPOSIÇÃO. Descrever uma paisagem montanhesa (Ver o trecho V).

XLIV — AS FÉRIAS DO NATAL

SÍLVIO ROMERO

O' tempo amado das férias!...
Os escolares garbosos
Dão, nos trajos mais vistosos,
Ponto final às lições.
Levam palmas, flores, risos,
As *bandeiras* dos partidos;
Pelos combates havidos
Enastram belos **festões**.

O povo recorda ufano
Seus festejos seculares;
E volta ditoso aos lares
Dos marujos o folgar.

. . . . . .

Tudo é festa: a vila inteira
Extravasa em alegrias;
As auras são mais macias
Nas devesas o no val.
A natureza flutua
Num desperdício de sonhos,
Os campos são mais risonhos
Nos bons dias do Natal.

Geme a viola sentida;
O *baiano* impera altivo;
Das belas o olhar mais vivo
Nos vaza no coração.
Da morena o requebrado,
Da cantiga o som mavioso
Morre suave, mimoso,
Nas auras da solidão

As noites são companheiras
Que emprestam aos seus luzeiros
O cheiro dos jasmineiros,
Seus silêncios, seu luar....
As moças trazem à festa
Seus sorrisos dulçorosos,
Os seus cantares saudosos,
Os brilhos do seu olhar.

As almas teem mais perfume
Os segredos mais candura,
A vida sorri mais pura,
A rosa mais virginal; —
A natureza flutua
Num desperdício de sonhos;
Os campos são mais risonhos
Nos bons dias do Natal.

Sílvio Romero nasceu em Lagarto (Sergipe), a 20 de abril de 1851 e faleceu no Rio de Janeiro, a 19 de julho de 1914. Estudou direito na Faculdade de Recife, onde se formou. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, dedicou-se à advocacia e ao magistério, conquistando em concurso a cadeira de filosofia do Colégio de Pedro II e lecionando também na Faculdade de Direito. Foi deputado federal pelo Sergipe de 1899 a 1902. Era membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico.

Sílvio Romero é dos espíritos mais lúcidos e robustos da sua época. Foi crítico, historiador, filósofo e poeta. Estudou com fino senso crítico a nossa literatura e legou valiosas contribuições para o conhecimento do *folk-lore* nacional. É vasta a sua produção e dentre as suas obras de maior vulto citam-se: *A literatura brasileira e a crítica moderna, Contos populares do Brasil, Estudos de literatura contemporânea, Estudos sôbre a poesia popular do Brasil, História da literatura brasileira, A História do Brasil, Parlamentarismo e Presidencialismo, Ensaios de filosofia do direito, Machado de Assis, Ensaios de sociologia e literatura, Evolução do lirismo brasileiro* e muitos outros trabalhos.

VOCABULÁRIO

Altivo (adj.): que se ergue ou se eleva; orgulhoso, brioso; sublime; arrogante, soberbo, enfatuado.

Aura (subst.): vento brando, aragem, brisa; popularidade; fama, rumor; — *popular*: aplauso ou favor público.

Candura (subst.): alvura; pureza; ingenuidade, inocência; credulidade.

Dulçuroso (adjt. pouco usado): que tem doçura, meiguice.

Enastrar (v.): atar com fitas ou nastros; enlaçar, entrançar.

Festão (subst.): ramalhete, grinalda; ornato em forma de grinalda.

Flutuar (v.): andar sôbre as ondas; sobrenadar, boiar; pairar; tremular ao vento; tumultuar; agitar-se; hesitar, vacilar.

Folgar (v.): pôr à vontade alargar; (intrans.): ter descanso ou folga, divertir-se; ter prazer ou satisfação.

Garboso (adj.): que tem garbo, donairoso, bizarro, galhardo; elegante.

Imperar (v.): mandar, governar com autoridade suprema; dominar, exercer o poder supremo.

Luzeiro (subst.): coisa que dá luz; clarão, brilho; astro; luminar, homem notável; — *s*: os olhos.

Marujo (subst.) o que trabalha a bordo, marinheiro.

Ufano (adj.): que se orgulha ou se vangloria, vaidoso.

QUESTIONÁRIO. De que tempo fala o poeta? Que fazem então os escolares? E o povo? Que é que volta aos lares? Qual o aspeto de tudo? Que se vê na vila? Que diz o poeta das auras, da natureza e dos campos? Que é que geme? Que faz o *batano*? E o olhar mais vivo das belas? Que é que morre suave e mimoso nas auras da solidão? Que diz das noites o poeta? E das moças, das almas, dos segrêdos, da vida e da rosa? Repete êle algum pensamento já expresso? Qual?

ORTOGRAFIA. Em geral escreve-se *c* depois de um ditongo: *fauces, coice, foice*.

HOMÔNIMOS. *Férias* (substant.) e *ferias* (v.); *ufano* (adj.) e *ufano* (v.); *volta* (subst.) e *volta* (v.); *inteira* (adj. fem. sing.) e *inteira* (v.); *vivo* (adj.) e *vivo* (v.); *vasa* (subst.) e *vasa* (v.); *cheiro* (subst.) e *cheiro* (v.); *segrêdo* (substant.) e *segredo* (v.).

PARÔNIMOS. *Aula* e *aura*.

SINCRÉTICOS. *Val* e *vale*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *férias, amado, garboso, final, ufano, ditoso, folgar, desperdício, risonho, mimoso, candura*.

COGNATOS. Dar os de: *férias, natal, escolar, final, ufano, festêjo, folgar*.

ANÁLISE. Analisar léxica e sintàticamente a 1.ª oitava.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos próprios para: *férias, natal, escolar, trajo, riso, festão, festêjo, vila, aura, olhar, cantiga*. Procurar substantivos qualificáveis por: *garboso, vistoso, ufano, macio, altivo, mimoso, dulçoroso, virginal*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos:

levar, enastrar, recordar, extravasar, flutuar, vazar, sorrir.

COMPOSIÇÃO. Descrever as festas do Natal.

XLV — ANCHIETA EM UBATUBA

BRASÍLIO MACHADO

Nóbrega e Anchieta, num rasgo de **temeridade,** dispuseram-se ao lance de sacrificar a própria vida, levando às tabas inimigas, com as palavras da fé, as propostas da paz. E ei-los, em maio de 1564, singrando a rumo de Ubatuba, portadores de uma **missão** que, no terreno das causas humanas, se **antolhava irremissivelmente** condenada e perdida. O antigo rancor que dividia as **tríbus** do litoral, rancor nutrido pela guerra em que viviam travadas; o natural orgulho **refractário** a concessões quando imploradas pelo vencido; os incitamentos que os restos da colônia **huguenote** não se fartariam de **insuflar** no ânimo tamóio, agora que ao interêsse **tinha** acrescido o **despeito,** as próprias pessoas dos **legados** — jesuitas odiados pelos **calvinistas** — jesuitas missionários de S. Vicente... tudo indispunha as conclusões da paz.

Foi longa e angustiosa a missão de Anchieta, que, detido com refêm entre os **tamóios inimigos,** recebia paciente o fluxo e o **refluxo das composições e rompimentos** em que se debatia o gentio trabalhado por impulsos contraditórios. Suavíssimo no trato, humilde, mas dessa humildade que dignifica, sofria contradições, injúrias e ameaças, contrapondo brandura a cóleras,

antes persuadindo que disputando. Quando tudo exalava o sôpro quente das vinganças, no meio de suas tabas surgia, quási por encanto, um legado de inimigos que, com as mãos vazias de armas, apenas sabia murmurar a súplica das **reconciliações**; — quando a avareza do colono ansiava por tudo devorar, chegava inesperadamente a suas praias um homem, da raça odiada e do sangue interesseiro, que se propunha antes servir que dominar, buscando, por toda a parte, o refúgio para os perseguidos, até mesmo nas dobras de uma pobre e gasta roupeta de jesuita. — Mas a caridade venceu. As tribus trocaram o ósculo da paz. Anchieta acabara de salvar as colônias portuguesas.

Brasílio Augusto Machado de Oliveira (Barão de Brasílio Machado) nasceu em S. Paulo em 1848. Fez os seus estudos preparatórios no Seminário Episcopal da cidade natal, e, terminando-os, matriculou-se na Faculdade de Direito, onde se doutorou em 1875 e da qual se tornou logo um dos mais ilustres professores. Exerceu vários cargos administrativos: inspetor do Tesouro de S. Paulo, presidente do Paraná (1884 a 1885). Foi também presidente do Conselho Superior do Ensino e presidente perpétuo da Academia Paulista de Letras. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de S. Paulo, à Sociedade de Geografia do Brasil, ao Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros e foi honrado com o título de professor honorário da Universidade de S. Paulo. Homem de caráter purissimo, monarquista e católico, o Barão de Brasílio Machado era um dos vultos mais respeitáveis do seu tempo. Possuidor de peregrinos dotes oratórios, afamou-se na tribuna judiciária e acadêmica. O seu estilo correto e sóbrio e a sua ampla cultura dão-lhe lugar de relêvo na literatura pátria. Foi jurista, historiador, jornalista e filósofo de largo fôlego. Escreveu: *Custas judiciárias, A lei do domingo, Slatus no direito romano, Da organização do poder judiciário, Dias de imprensa, Da unificação do direito pri-*

vado, A instabilidade da família perante o projeto do Código Civil brasileiro, Obras avulsas, discursos, O Código Comercial do Brasil na sua formação histórica; Um dispautério de Ernesto Haeckel, Uma recepção acadêmica, O casamento como contrato natural, Anchieta, Pela Igreja. Colaborou na *Tribuna Liberal, Constituinte, Diário da Manhã, Pátria.* De poesias escreveu *Madre-silvas* e *Perpétuas.* E' falecido.

VOCABULÁRIO

Antolhar e antojar (v. A última forma é castelhana): pôr à vista, figurar, ter a aparência de; desejar, apetecer.

Calvinista (subst.): sectário do sistema religioso pregado por João Calvino, reformador protestante francês (1509-1564).

Causa (subst.): aquilo que dá existência a alguma cousa, motivo razão; ação, demanda, lide, litígio; interêsse, partido.

Composição (subst.): ato ou efeito de compor; produção literária artística, científica, etc.; acôrdo, conciliação, transação.

Despeito (subst.): pesar, desgosto, mau-grado, ressentimento por qualquer ofensa ou desconsideração.

Fluxo (subst.): enchente fluvial; preamar; curso, corrente, vicissitude, movimento contrário, alternativa; corrimento de humores; abundância, e, nesta accepção, diz-se tambem *flux* (*flús*), mormente na locução adverbial — à *flux* — em abundância.

Huguenote (substant.): nome pelo qual se designavam, na Suiça, os protestantes conjurados (em alemão *Eidgenossen,* confederados sob juramento). Por extensão, calvinista. (Adj.): que pertence aos huguenotes.

Insuflar (v.) soprar para dentro, encher de ar, soprando; insinuar, sugerir.

Irremissível (adj.): não perdoável, insusceptível de remissão; irremediável, inevitável.

Legado (subst.): embaixador ou enviado que trata dos negócios do seu país em país estranjeiro; núncio pontifício; qualquer embaixador; aquilo que se deixa por testamento a quem não é o principal herdeiro.

Missão (subst.): ação de enviar ou mandar; incumbência; encargo; sermão em que se expõe a doutrina evangélica; o conjunto dos

padres enviados para converterem os gentios ou instruirem os católicos.

Ósculo (subst.): o mesmo que *beijo*, mas num sentido mais elevado.

Reconciliação (subst.): ato ou efeito de reconciliar (-se); reatamento de boas relações, congraçamento.

Refluxo (subst.): ato de refluir, retroceder ou correr de-nôvo para o lugar primitivo (principalmente um líquido); movimento da maré vazando, maré descendente; movimento em sentido contrário.

Refractário (adj.): rebelde, resistente.

Rompimento (subst.): ato ou efeito de romper; rotura, ruptura; quebra de relações.

Singrar (v.): navegar à vela, velejar.

Taba (subst.): habitação ou aldeamento de índios na América do Sul.

Temeridade (subst.): ousadia, risco, afoiteza, imprudência.

Tribu (subst.): divisão de um povo; aglomeração mais ou menos numerosa de famílias que, procedendo de um tronco comum, vivem na mesma região, sob a autoridade do mesmo chefe.

QUESTIONÁRIO. Que resolução tomaram Nóbrega e Anchieta? Quando e com que fim se dirigiram para Ubatuba? Que dificuldades encontraram no desempenho da sua missão? Como procedeu Anchieta entre os inimigos? Como conseguiu vencer a animosidade do gentio? Que resultado teve a sua abnegação?

ORTOGRAFIA. Recordar as palavras escritas com *z* intervocálico.

HOMÔNIMOS, *rasgo* (subst.) e *rasgo* (v.); *lance* (subst.) e *lance* (v.); *rumo* (subst.) e *rumo* (v.); *causas* (subst. pl.) e *causas* (v.); *ânimo* (subst.) e *animo* (v.); *injúrias* (subst. pl.) e *injurias* (v.); *dobras* (subst. pl.) e *dobras* (v.); *ósculo* subst.) e *osculo* (v.); *súplica* (subst.) e *suplica* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *temeridade, sacrificar, fé, paz, humano, irremissível, dividir, rancor, natural, orgulho, refractário, humilde, súplica, avareza, interesseiro, salvar.*

COGNATOS. Dar os de: *próprio, palavra, terreno, causa, antigo, colônia, injúria, quente, servir, dobra, tribu.*

ANÁLISE. Dar todos os advérbios, preposições e conjunções e respectivas locuções que existam no trecho. Analisar sintàticamente os dois primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos apropriados para: *rasgo, lance, missão, causa, rancor, colônia, humildade, arma, avareza, tribu.* Procurar substantivos qualificáveis por: *angustioso, quente, vazio, interesseiro, gas-*

to. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *dispor, sacrificar, singrar, antolhar, travar, insuflar, debater, exalar, murmurar, dominar, salvar*.

COMPOSIÇÃO. Com subsídios dados pelo professor ou ministrados pela leitura, traçar o retrato de Anchieta ou mostrar o seu papel na nossa história.

XLVI — O GAROTO

CELINA AZEVEDO

Ei-lo em pé na calçada mui **lampeiro**,
A ponta de um charuto **apreciando**:
Tem nos lábios um riso **prazenteiro**,
Enquanto a **baforada** vai tragando.

Não tem pai, não tem mãe, não tem dinheiro;
Trabalha pouco e vai assim... vagando,
Sem **destino**, na rua, o dia inteiro,
A fome e a **privação acalentando**.

Rôto o chapéu, as calças remendadas,
Fundas **olheiras**, faces **encovadas**,
Dorme na pedra e sempre a rir o vejo.

Mas, muitas vezes, chora o garotinho,
Quando, alta noite, a tiritar sosinho,
Sente saudades do materno beijo!

Celina Azevedo de Castro Santos nasceu na cidade de São Paulo, em 1892, sendo oriunda de tradicional família do vale do Paraíba. E' autora de poesias esparsas, muitas delas publicadas em jornais e revistas, e bem assim de um livro — "Scenas e Comedias" — (São

Paulo, 1928, Comp. Melhoramentos), onde reuniu pequenas peças para teatro. Por diversas vezes, suas comédias foram levadas à cena na cidade do Rio de Janeiro, em espetáculos de beneficência realizados no Teatro Municipal, no Instituto Nacional de Música e no teatro da Feira de Amostras.

VOCABULÁRIO

Acalentar (v.) animar, sossegar; adormecer as crianças embalando-as e cantando-lhes à meia-voz; mitigar, consolar, aliviar; favorecer, lisonjear

Apreciar (v.): estimar, prezar; avaliar, dar merecimento; desfrutar, gozar, saborear.

Baforada (subst.): bafo forte; hálito desagradável.

Destino (subst.): sorte, fado; acontecimento fatal; emprêgo, aplicação; direção, têrmo, fim; lugar para onde alguêm se dirige.

Encovado (adj. e part. pas.): metido em cova ou buraco; sumido, cavado; que forma covas.

Garoto (subst.): rapaz vadio e brejeiro, que anda brincando pela rua; (brasileirismo): gaiato.

Lampeiro (adj.): apressurado, espivitado, esperto.

Olheiras (subst. pl.): manchas lívidas ou azuladas que circundam os olhos em conseqüência de algum incômodo físico ou moral.

Prazenteiro (adj.): que mostra prazer, alegre, jovial, afável simpático.

Privação (subst.): ação ou efeito de privar ou de privar-se de alguma cousa; falta, penúria, míngua.

Rôto (adj. e part. pas. irr. de *romper*): rasgado, rompido; quebrado, violado; desbaratado, destruído.

Tiritar (v.) tremer de frio.

Vagar (v.): estar ou ficar vago, livre, desocupado; dar-se a, ocupar-se em: *vagar às coisas de Deus;* andar errante, vaguear; espalhar-se, circular (p. ex. uma notícia); correr, percorrer, vagando, etc.

QUESTIONÁRIO. Que pinta a poetisa? Como e onde está o garoto? Que faz êle? Que lhe falta? Como vive? Qual o seu aspeto? Onde dorme? Que faz muitas vezes? Quando e por quê chora?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras iniciadas por *ch* e por *x*.

HOMÔNIMOS. *Destino* (substant.) e *destino* (v.); *calças* subst. fem. pl.) e *calças* (v.); *fundas* (subst. fem. pl.), *fundas* (adj. fem. pl.) e *fundas* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *lampeiro, apreciar, sorriso, pra-*

zenteiro, trabalho, fome, privação, rôto, dormir.

COGNATOS. Dar os de: *calçada, ponta, cigarro, apreciar, sorriso, baforada, dinheiro, trabalhar, inteiro, fome, privação, materno.*

ANÁLISE. Indicar no texto os substantivos, adjetivos, pronomes e verbos. Analisar sintàticamente os dois tercetos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *lampeiro, prazenteiro, inteiro, rôto, fundo, encovado, materno.* Achar adjetivos aplicáveis a: *garoto, calçada, cigarro, lábios, sorriso, dinheiro, destino, fome, chapéu, calça, face.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *apreciar, tragar, trabalhar, vagar, acalentar, dormir, chorar, sentir.*

COMPOSIÇÃO. Fazer o retrato de um garôto conhecido.

XLVII — O ESCORIAL

TOMAZ LOPES

No centro da planura castelhana, árida como uma tristeza sem saudades, o Escorial avulta imenso e lúgubre, como si por encanto saisse da terra. E' uma colossal mole de pedra, geométrica como uma fortaleza, imponente como uma catedral, lôbrega como um cárcere.

A païsagem e o monumento juntos são de uma grandeza selvática, porque uma faz parte do outro, e naquele deserto só êles se combinam, uma com a mágoa da natureza, o outro com o maravilhoso espantalho das recordações.

As tôrres, os torreões, as cúpulas, os terraços, as platibandas, as portas, os nichos, dispostos com uma simetria de granito, são como a alma viva de uma obra eterna, sôbre a qual em vão passaram seis grandes incêndios (e um durou quinze dias), e campeou a devastação dos exércitos inimigos, e as suas mil cento e dez janelas são

como outros tantos olhos de um **Argos** fantástico, iluminando as pupilas com a luz das estrêlas.

O Escorial é cinzento, é côr de pó, côr do que passa, côr do mistério, côr do nada... Vendo-o erguido e triunfante, a fantasia imagina-o como uma nuvem de poeira que se eleva e se abate, mas que se desfaz e desaparece.

O Escorial dá, ao mesmo tempo, as **sensações** opostas de eterno e **efêmero**, de divino e profano, de blasfemo e devoto...

(Païsagens de Espanha)

Tomaz Pompeu Lopes Ferreira (Fortaleza — 1879; Suiça — 1913). Formou-se em direito em Recife, dedicando-se à advocacia e ao jornalismo. Publicou: *Sonho* (versos). *História da vida e da morte, Corpo e alma de París, Terras de França, Païsagens de Espanha, Caras e Corações; Sete sóis* (crônicas) e *A vida*. Tomaz Lopes, sem ser um escritor de nomeada, é, não obstante, um estilista ameno que se lê com interêsse.

VOCABULARIO

Argos (subst. próprio): segundo a mitologia, era um príncipe argivo que tinha cem olhos, dos quais cinco enta ficavam sempre abertos. A deusa Juno confiou-lhe a guarda de Io, transformada em novilha. Figuradamente: pessoa clarividente e vigilante, fiscal importuno.

Avultar (v.): sobressair, crescer; formar grande volume; realçar, surgir; dar vulto a, exagerar.

Blasfemo (adj.): que diz blasfêmias, que profere palavras ultrajantes da religião, ímpio.

Cárcere (subst.): lugar ou casa em que se prende alguêm; cadeira, prisão; lugar nos circos antigos de onde saíam os cavalos para o espetáculo, obstáculo, laço, óbice, estôrvo, prisão.

Castelhano (adj.): natural de Castela, província da Espanha ou relativo a ela; espanhol.

Catedral (subst.): igreja principal de um bispado ou arcebispado, onde a autorida-

de eclesiástica tem a sua séde; sé; matriz.

Cúpula (Vêr o trecho XIII, pag. 59).

Devastação (subst.): ato ou efeito de devastar, assolação, destruïção.

Devoto (adj.): muito religioso, pio, piedoso.

Efêmero (adj.): transitorio, passageiro; que dura um dia só.

Escorial ou **Escurial** (subst. próprio): palácio - mosteiro construido perto de Madrid por Felipe II, rei da Espanha, em memória da batalha de S. Quentino, por êle ganha contra os franceses, em 10 de agosto de 1557, dia de S. Lourenço, mártir.

Espantalho (subst.): qualquer objeto que se põe junto de uma cultura para afugentar as aves; tudo o que espanta ou intimida.

Granito (subst.): rocha cristalina composta de grãos de quartzo, feldspato e mica.

Imponente (adjet. Os puristas em geral rejeitam êste termo, tendo-o por galicismo): que impõe, que se arroga importância ou autoridade; majestoso, grandioso, magnífico, faustuoso, pomposo; arrogante, altivo, sobranceiro.

Lúgubre (adj.): relativo a luto; escuro, triste; medonho; sombrio, funesto; lôbrego.

Lôbrego (adj.): tôrvo, negro, lúbubre, atro, tétrico, medonho, pavoroso.

Mole (subst.): grande volume ou massa; construção de proporções desmedidas.

Monumento (subst.): qualquer obra erigida em honra de alguêm ou em comemoração de um fato notável; edifício grandioso; qualquer obra intelectual de alto valor; — *s*: documentos, fragmentos de obras literárias, científicas, artísticas dos séculos passados.

Nicho (subst.): cavidade ou vão numa parede para colocar estátua, busto, vaso, etc.

Platibanda (subst.): grade ou muro que circunda a plataforma de um edifício; grade que rodeia um terraço ou um telhado; moldura chata mais larga que saliente; bordadura dos canteiros num jardim.

Sensação (subst.): impressão recebida pelos sentidos; impressão; comoção moral.

Simetria (subst.): disposição idêntica de partes semelhantes; harmonia resultante de certas combinações regulares, da observância de certas proporções; regularidade.

Terraço (subst.) coberta ou plataforma de um edifício; eirado, terrado.

Torreão (subst.) tôrre larga e ameiada num castelo; eirado no ângulo de um edifício.

QUESTIONÁRIO. Onde se ergue o Escorial? Que é o Escorial? Como é êle? Que diz o escritor da paisagem e do monumento juntos? Como

salienta êle a solidez do edifício? Que comparação lhe sugere o aspeto arquitetônico do mesmo? Qual a côr do Escorial? Como o imagina a fantasia, quando o vê erguido e triunfante? Que impressões opostas produz?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras em que ha *x* soando como *z*.

HOMÔNIMOS. *Encanto* (substantivo) e *encanto* (v.); *mole* (subst.) e *mole* (adj.); *deserto* (subst.), *deserto* (adj.) e *deserto* (v.); *obra* (subst.) e *obra* (v.); *vão* (subst.), *vão* (adj.) e *vão* (v. *ir*); *blasfemo* (adj.) e *blasfemo* (v.); *devoto* (adj.) e *devoto* (v.).

PARÔNIMOS. *Monumento* e *moimento*, *mole* e *molhe*, *tocar* e *toucar*, *deserto* e *diserto*.

ANTÔNIMOS. Dar os de *centro*, *árido*, *avultar*, *lúgubre*, *colossal*, *imponente*, *lôbrego*, *mágoa*, *simetria*, *iluminar*, *erguido*, *triunfante*, *blasfemo*, *eterno*, *devoto*.

COGNATOS. Dar os de: *centro*, *planura*, *mole*, *fortaleza*, *cárcere*, *natureza*, *espantalho*, *tôrre*, *incêndio*, *eterno*, *triunfante*, *blasfemo*, *divino*, *devoto*.

ANÁLISE. Indicar no texto todos os adjetivos, pronomes, preposições e conjunções. Analisar sintàticamente os dois primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos que possam qualificar: *planura*, *mole*, *tôrre*, *fortaleza*, *catedral*, *cárcere*, *monumento*, *cúpula*, *pupila*. Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *árido*, *lúgubre*, *colossal*, *lôbrego*, *fantástico*, *triunfante*, *eterno*, *efêmero*, *blasfemo*. Formar frases diversas com cada um dos verbos: *avultar*, *combinar*, *passar*, *iluminar*, *erguer*, *abater*, *tocar*, *desfazer*.

COMPOSIÇÃO. Descrever um palácio ou um edifício importante que se haja visitado e observado.

XLVIII — O CHÔRO DAS VAGAS

ALBERTO DE OLIVEIRA

Não é de águas apenas e de ventos,
No rude som, formada a voz do Oceano:
Em seu clamor — ouço um clamor humano,
Em seus lamentos — todos os lamentos,

São de náufragos mil êstes acentos,
Êstes gemidos, êste aiar insano;
Agarrados a um mastro, ou tábua ou pano,
Vejo-os varridos de tufões violentos;

Vejo-os, na escuridão da noite, aflitos,
Bracejando, ou já mortos e de-bruços,
Largados das marés, em êrmas praias...

Oh! que são dêles êstes surdos gritos,
Êste rumor de preces e soluços
E' o chôro de saudade destas vagas!

(Ramo de árvore)

Ver a notícia biobibliográfica à pag. 67.

VOCABULÁRIO

Acento (subst.): tom de voz; sinal que indica o timbre das vogais ou a tonicidade dos vocábulos; elevação da voz em certas sílabas; expressão, linguagem; sotaque, modo de pronunciar. Êste último significado teem-no alguns puristas por galicismo.

Aiar (v. tomado no texto como substant. Neol.): soltar ais, gemer, dar gritos de dor.

Bracejar (v): agitar ou mover os braços, mover-se como braços; estender-se para um e outro lado.

Clamor (subst.): vozes ou súplicas dos que clamam ou bradam, queixume.

De-bruços (loc. adv.): horizontalmente e com o peito para baixo.

Insano (adj.): demente, delirante, dôido; insensato, estulto, louco; excessivo, custoso.

Lamento (substant.): queixa, pranto, chôro, lamentação, lástima.

Rude (adj.): grosseiro, inculto bruto; ignorante; áspero, duro; violento, impetuoso.

Rumor (substant.): murmúrio, ruído confuso (p. ex. de vozes); sussuro; fama, boato.

Soluço (subst.): contração espasmódica do diafragma com expulsão ruïdosa de ar; suspiro ou pranto acompanhado de soluço; o arfar do navio ou do mar.

Tufão (subst.): vento muito forte, furacão; tormenta causada pelo tufão.

QUESTIONÁRIO. Que ouve o poeta no clamor e nos lamentos do Oceano? A que atribue êle a voz do mar? Como vê êle os náufragos? Com que idéia fecha o soneto?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras escritas com *-ce-* e *-ci-* mediais.

HOMÔNIMOS. *Acento* (substantivo), *assento* (subst.) e *assento* (v.); *gemido* (substantivo) e *gemido* (part. pas. de *gemer*); *chôro* (substant.) e *choro* (v.); *êrmas* (adj. fem. pl.), *ermas* (v.) e *hermas* (subst. fem. pl.); *vagas* (subst. pl.); *vagas* (adj. fem. pl.) e *vagas* (v.).

PARÔNIMOS. *Ouço* (v. *ouvir*) e *osso* (subst.).

ANTÔNIMOS. Dar os das palavras: *chôro, vento, rude, oceano, insano, violento, escuridão, noite, de-bruços, êrmo, surdo, rumor.*

COGNATOS. Dar os de: *vento, rude, som, voz, oceano, clamor, humano, lamento, náufrago, insano, mastro, tábua, maré, rumor.*

ANÁLISE. Indicar no texto os substantivos concretos e abstratos, os verbos transitivos, intransitivos e ligativos. Analisar sintàticamente os dois quartetos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns adjetivos próprios para: *vento, som, voz, clamor, lamento, náufrago, escuridão, praia, rumor, prece, soluço.* Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *humano, rude, insano, violento, êrmo, surdo.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *formar, ouvir, agarrar, varrer, bracejar, largar.*

COMPOSIÇÃO. Descrever um naufrágio.

XLIX — OS BANDEIRANTES

TOMAZ BRANDÃO

Ao expirar do século décimo-sétimo, o território mineiro, até então deserto e quási desconhecido, começou a ser lustrado e povoado por bandos de aventureiros, atraídos pela fama das riquezas descobertas em seu subsolo. Impelidos pela cobiça a embrenhar-se em ignotos sertões, onde, alêm de outros males, tinham de afrontar as frechadas dos selvícolas e os assaltos dos animais

ferozes, **arrebanhavam**-se em **troços**, capitaneados por um ou mais **caudilhos**, à sombra de uma bandeira, da qual lhes veio a denominação de **bandeirantes**.

Atravessando matas e ermos por ninguêm inda trilhados, serras e rios por outrem nunca passados, e, às vezes, alimentando-se de caças e frutas **selváticas**, armavam as suas choças onde encontravam abundância de ouro, ou incorporam-se a outras bandeiras já **estanciadas** em algum sítio. Estas **aglomerações contínuas** e sempre crescentes foram formando, já num, já noutro ponto, povoações mais ou menos estáveis, que com o correr do tempo, se tornaram em vilas e cidades.

(O Sentimento)

Tomaz da Silva Brandão nasceu em Ouro Preto, a 22 de abril de 1853. Estudou humanidades no Seminário Episcopal de Mariana e no Colégio de Congonhas do Campo. Bacharelou-se em direito na Faculdade de S. Paulo. Desde muito moço dedicou-se ao magistério, tendo sido íntimo amigo e colaborador de Abílio Cesar Borges, barão de Macaúbas, de cujo colégio em Barbacena foi professor e vice-diretor. Regressando a sua cidade natal, instalou banca de advogado, sendo então nomeado inspetor geral da instrução pública de Minas e logo depois diretor da Escola Normal. Foi um dos fundadores da Faculdade Livre de Direito de Minas, do Ginásio de Ouro Preto e, em 1910, criou a Escola normal anexa a este último estabelecimento, cuja instituição se deve exclusivamente aos seus esforços. Serviu o cargo de reitor do Ginásio Mineiro da Capital, no qual se aposentou. Em moço escreveu muitas poesias esparsas em jornais, e bem assim artigos literários e críticos e crônicas. Fundou e redigiu em Ouro Preto a *Revista do Ensino* e colaborou na *Revista da Faculdade de Direito*. Publicou: *Gramática infantil*, *Sintaxe e Construção da Lingua Portuguesa*, *Lições de Pedagogia*, *Instrução moral e cívica*, *O Sentimento* (contos morais), *Marília de Dirceu* (estudo histórico e crítico). E' escritor cor-

reto e fluente. Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas.

VOCABULÁRIO

Afrontar (v.) encontrar defrente ou cara-a-cara, arrostar, fazer rosto ou frente; defrontar com; acometer; ultrajar por atos ou palavras, desprezar, injuriar.

Aglomeração (subst.): ato ou efeito de aglomerar, ajuntamento, reünião.

Arrebanhar (v.): juntar ou reünir em bandos ou rebanhos; amontoar; apinhar-se; meter-se em rebanho.

Aventureiro (subst.): amigo de aventuras, aquele que as procura; que vagueia buscando modo de vida ou riquezas; o que não tem meios certos de vida e espera tudo da sorte ou do acaso.

Bandeirante (subst.): veja-se o trecho XXXI, pag. 121).

Caudilho (subst.): chefe militar; chefe de bando ou facção.

Contínuo (adj.): cujas partes não são separadas umas das outras; constante, sucessivo, ininterrupto, incessante.

Embrenhar(-se) v. esconder-(-se) em brenha ou mato; meter(-se) ou internar(-se) pelos matos ou brenhas; meter(-se) em estudos difíceis ou altas cogitações.

Estanciar (v.): fazer estância, residir, parar, demorar-se, deter-se.

Estável (adj.): firme, solido; fixo, permanente, duradoiro.

Lustrar (v.): dar lustre ou brilho a; polir; envernizar, engraxar; esclarecer; resplandecer, brilhar; purificar; percorrer, palmilhar; visitar; examinar.

Selvático (adj.): que nasce nas selvas, inculto; bravio, selvagem, selvagíneo.

Silvícola (subst.): pessoa que nasceu ou vive nas selvas ou matas.

Subsolo (subst.): camada de terra abaixo da superfície.

Território (subst.): área ou região ocupada por um país, uma província, uma vila, uma cidade, um município; área jurisdicional de uma autoridade; comarca.

Trilhar (v.) moer, desfazer, pisar, tributar; percorrer deixando vestígios; seguir (um caminho, uma regra, etc.); sulcar, abrir.

Troço (subst.): corpo de tropa; grupo, magote, rancho; pedaço de pau tôsco e roliço.

QUESTIONÁRIO. Que aconteceu ao expirar do século XVII? Como se chamavam êsses aventureiros e os bandos que formavam? Que é que os levava a embrenhar-se pelo sertão ignoto? Que males tinham de arrostar? Como faziam a sua derrota? Onde armavam as suas choças? Costumavam incor-

porar-se a outras bandeiras? E quando o faziam? Que resultou dessas aglomerações contínuas e sempre crescentes?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras iniciadas pelo prefixo *ex-* seguido de consoante.

HOMÔNIMOS. *Deserto* (substant.), *deserto* (adj.) e *deserto* (v.); *cobiça* (subst.) e *cobiça* (v.), *assalto* (substant.) e *assalto* (v.), *serras* (subst.), *serras* e *cerras* (v.); *caças* (subst. pl.), *caças* (v.), *cassas* (subst.) e *cassas* (v.), *contínuas* (adj. fem. plural) e *contínuas* (v.).

PARÔNIMOS. *Deserto* e *désserto, arrebanhar* e *arrepanhar* (*enrugar, engelhar; arrebatar; guardar com sovinaria*).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *expirar, deserto, atrair, subsolo, cobiça, assalto, feroz, selvático, abundância, contínuo, estável.*

COGNATOS. Dar os de: *expirar, território, mineiro, aventureiro, bando, embrenhar, silvícola, caudilho, fruta, incorporar, estanciar, cidade, tempo.*

ANÁLISE. Indicar no texto os particípios passados, os gerúndios, os advérbios e locuções advérbiais. Mostrar as palavras compostas e derivadas, dando o sentido dos principais prefixos e sufixos. Analisar sintàticamente o último período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos aos quais se adaptem os adjetivos: *ignoto, feroz, selvático, contínuo, estável.* Procurar alguns adjetivos adequados a: *século, território, sertão, cobiça, assalto, serra, rio, fruta, povoação.* Formar frases diversas com cada um dos verbos: *expirar, lustrar, atrair, impelir, embrenhar, afrontar, arrebanhar, transpor, armar, estanciar.*

COMPOSIÇÃO. Dissertar sôbre o papel histórico dos *bandeirantes* (Vejam-se os trechos XX, XXXI e LXIX).

L — A ABELHA E A FORMIGA

JOÃO RIBEIRO

Numa pétala perfumada
De linda rosa vermelha,
Travaram prosa animada
Uma formiga e uma abelha.

Conversam. Diz a formiga:
"Como somos diferentes!
Quão diversos são, amiga,
Os destinos dos viventes!

"Enquanto das estimadas
Abelhas se faz cultura,
As formigas maltratadas
São da humana criatura!

"Ao extermínio votadas,
Para nós outras, a morte!
E vós? vós sois procuradas:
Desigualdades da sorte!"

Responde a abelha zumbindo
As asas: "E' que viveis
Roças, campos destruindo;
Sem razão não vos queixeis!

"Não fazeis sinão o mal!
Nós prestamos bom serviço
A' indústria nacional...
Somos queridas por isso!

"Adejando pelos ramos,
Entre boninas e rosas,
O doce mel fabricamos:
Somos úteis, proveitosas!"

E termina a abelha assim,
Voando para a colméia:
"Cada um, — diz velho anexim —,
"Colhe conforme semeia".

João Ribeiro (Laranjeiras, Sergipe — 24 de abril de 1860). Filólogo e publicista dos mais ilustres que tem conhecido o Brasil. Fixando-se no Rio, consagrou-se ao ensino e foi funcionário da Biblioteca Nacional. Em 1887 concorreu á cadeira de português do Colégio de Pedro II e em 1890 foi nomeado para a cadeira de história dêsse estabelecimento. Foi comissionado pelo govêrno federal para estudar a instrução pública na Alemanha e em outros países (1895), tendo então representado o Brasil na Convenção de Dresda sôbre a propriedade literária e, no ano seguinte, no Congresso de Londres para a organização do Catálogo Internacional. E' formado em direito, membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico. João Ribeiro é talento cintilante, humanista de ampla erudição, exímio conhecedor da língua e poeta de bons quilates. Tem publicadas entre outras estas obras: *Idílios modernos*, *Tenebrosa Luz*, *Dias de sol*, *Estudos filológicos*, *Avena e Cítara*, *Morfologia e colocação dos pronomes*; *Gramática portuguesa*, *Dicionário gramatical*, *História antiga*, *Oriente e Grecia*, *Autores Contemporâneos*, *História do Brasil* (curso primário e superior), *Seleta Clássica*, *Frases feitas*, *Páginas de Estética*, *Fabordão*, *Curiosidades verbais*, *A inquietação do casamento*, etc. Traduziu *Coração* de Edmundo de Amicis. Tem colaborado em *Revista Brasileira*, *A Semana*, *O Globo*, *Gazeta da Tarde*, *Novidades*, *A Época*, *O País*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio*, *Correio da Manhã*, *O Comércio de S. Paulo*, etc.

VOCABULÁRIO

Adejar (v.): agitar as asas para voar, pairar, voejar, esvoaçar.

Animado (part. pas. e adj.): que tem vida, vivacidade, movimento; agitado, caloroso, movimentado, vivo, expansivo; corajoso.

Anexim (subst.): dito sentencioso e breve, sentença, popular e breve, rifão, adágio, ditado, provérbio, refrão.

Colméia (subst.): cortiço de abelhas; acumulação de pessoas ou cousas em atividade, enxame, turba.

Cultura (subst.): ato, processo ou arte de cultivar; aplicação do espírito, estudo; soma de conhecimentos de um

indivíduo; elegância, esmero; civilização.

Extermínio (subst.): ato de exterminar, destruição ou assolação com mortandade; aniqüilamento, ruína.

Indústria (subst.): destreza, habilidade para fazer alguma cousa; traça, invenção, artifício, manha, astúcia; o conjunto das operações que concorrem para a produção da riqueza; o complexo das artes manuais, menos a agricultura; a totalidade das artes de produção. *De —* (loc. adv.): de-propósito, adrede.

Prosa (subst.): linguagem falada ou escrita não sujeita a medida certa; o que não é dito em verso; vulgaridade, trivialidade; conversa, palestra; lábia, basófia; (subst. masc.): falador, pedante.

Sorte (subst.): destino, fortuna, fado; quinhão; casta, classe, espécie; pequena esfera nas rifas, loterias, etc.; sortimento.

Vivente (subst.): aquele que vive, criatura, ser vivo; mortal, homem; (adj.): que tem vida, vivo.

Votar (v.): aprovar mediante voto, eleger por votos; consagrar, dedicar; conceder, conferir; sacrificar, destinar; *— se*: dedicar-se.

Zumbir (v.): produzir sussurro esvoaçando, sussurrar, zunir; sentirem os ouvidos um ruído ou crepitação particular.

QUESTIONÁRIO. — Que fizeram uma abelha e uma formiga? Onde? Que disse a formiga? Que respondeu a abelha? E como resumiu esta a sua réplica à formiga? Que idéia geral quis o autor salientar nesta fábula?

ORTOGRAFÍA. Usa-se *s* ou (ss) e não *c* ou *ç*: 1.º) na última sílaba dos substantivos e adjetivos acabados em *-sor*: *ascensor, defensor, professor,* exceto *açor;* 2.º) nos nomes terminados em *-ense, -enso, -onso*: *cearense, parisiense, consenso, imenso, esconso, responso,* excetuando *lenço, leicenço, engonço, vasconço;* 3.ª) a última sílaba dos substantivos e adjetivos que acabam em *-erso, -ulso, -urso*: *adverso, emerso, expulso, convulso, curso, discurso;* 4.º) as palavras *falso, excelso, bôlsa, bôlso, manso, remanso,* etc. E' escusado dizer que todos os cognatos dos vocábulos aquí apontados guardam a grafia dos derivantes: *professoral, responsório, desengonçar, convulsão,* etc.

HOMÔNIMOS. *São* (adj.): e *são* (v.); *nós* (pron.) e *noz* (subst.); *roças* (subst.) e *roças* (v.), *mal* (subst.) e *voz* (subst.); *indústria* (subs- *mal* (v.); *vós* (pron.) e tant.) e *industria* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *perfumado, lindo, travar, diferente, vivente, estimar, maltratar, extermínio, destruir, querido, doce.*

COGNATOS. Dar os de: *abelha, formiga, lindo, travar, prosa, diverso, cultura, extermínio, sorte, prestar, serviço, indústria.*

ANÁLISE. Indicar no texto os substantivos, pronomes pessoais e todas as contrações. Conjugar: *dizer, fazer, destruir* e *semear.* Analisar sintàticamente as três primeiras quadras.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *perfumado, animado, humano, nacional, velho.* Achar alguns adjetivos apropriados para: *abelha, formiga, pétala, cultura, desigualdade, sorte, serviço, indústria, bonina, rosa, mel, colméia.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *travar, conversar, estimar, votar, responder, destruir, prestar, fabricar, colher, nomear.*

COMPOSIÇÃO. Narrar, em prosa e com maior desenvolvimento, a fábula acima.

LI — OS LIVROS

RAMIZ GALVÃO

A **biblioteca** é para o homem de letras o jardim de delícias, nem compreendo que haja espírito culto capaz de trocar as doçuras **inefáveis** que nela se gozam pelas honras mais **aparatosas** do mundo, a menos que obrigações particulares e deveres de outra ordem não imponham êste sacrifício.

Que se pode comparar na terra ao suave **comércio** com os livros? — estes mestres que nos instruem sem castigo, veneráveis anciãos que nos abrem, a cada hora, o tesouro da sua **experiência**, ou virgens graciosas que nos oferecem todo o encanto das suas galas — amigos de todos os dias, que, si os chamamos, acodem, si os interrogamos, não se calam, si caimos em êrro, ajudam-nos, si **os importunamos, não murmuram** nem se negam.

Sempre juntos de quem os ama, sempre fontes de consolação ou de alegria, os livros tanto deleitam ao homem feliz, como suavizam as mágoas do que padece os embates da fortuna: àquele dirigem e desviam da torrente vertiginosa dos prazeres mundanos; a êste desanuviam o espírito e confortam o coração, ou seja atraindo-o a cogitações de outra ordem, ou seja robustecendo-o na resignação e na própria dor, pelas lições da moral e pelos ensinamentos da história.

. . . . . .

O devotado amador dos livros tem a seus pés o universo inteiro, o passado e o presente, o visível e o invisível: as formas da natureza tangível e os inúmeros sóis da imensidade, as belezas da criação e todos os inventos humanos, os cálculos e as fórmulas, os sistemas de todas as escolas e as grandes verdades de toda a filosofia — em uma palavra o escrínio de todas as joias amontoadas pelos séculos, á-custa do labor de milhares de sábios.

Que prazer se pode equiparar no mundo á contemplação dessa infinita riqueza, ao uso quotidiano dêste manancial imenso, que concretiza os esforços da inteligência humana, ao cavar, noite e dia, nesta mina insondável, que produz á-saciedade a gema preciosíssima e inapreciável do saber.

(Biografia de Fr. Camilo de Monserrate)

Benjamin Franklin de Ramiz (*Barão de Ramiz Galvão*) nasceu no Rio Grande do Sul, a 16 de junho de 1846. Bacharelou-se no Colégio de Pedro II e, em 1866, recebeu o grau de doutor na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da qual veio a ser professor de botânica. Lecionou grego no

Colégio de Pedro II e foi diretor da Biblioteca Nacional, Inspetor Geral da Instrução Pública, preceptor dos príncipes imperiais, filhos da Princesa Isabel, Condessa d'Eu, e diretor do Asilo Gonçalves de Araujo. Pertence à Academia Brasileira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Ramiz Galvão é um dos espíritos mais luminosos do intelectualismo nacional. Cientista, filólogo, historiador, humanista, tem sempre revelado nos seus escritos as invejáveis qualidades da sua inteligência e o largo âmbito da sua erudição. Publicou: *O púlpito no Brasil*, *Tese de doutoramento*, *Apontamentos para a história do mosteiro de N. S. do Monserrate*, *Galeria da História Brasileira*, *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas vindas do grego*. Traduziu a parte da *Géographic Générale*, de Eliseu Reclus; que trata do Brasil, escrita pelo Barão do Rio Branco; a *Retraite de Laguna* (*Retirada da Laguna*) de Taunay, *A Novena da Candelária* de Carlos Nodier e vários livros didáticos. E' o atual presidente da Academia Brasileira.

VOCABULÁRIO

Aparatoso (adj.): suntuoso, faustoso, pomposo, magnífico.

Biblioteca (subst.): coleção de livros; o cômodo e as estantes onde se colocam os livros.

Cogitação (subst.): ato de cogitar, meditação, concentração do espírito, reflexão.

Comércio (subst.): permuta ou troca de produtos ou de valores; relações, convivência, convívio, trato.

Concretizar (v).: tornar concreto ou real; condensar, solidificar; corporificar; determinar, particularizar.

Confortar (v.): dar fôrças a, fortificar; aliviar, consolar, acalentar, animar, alentar, fortalecer.

Consolação (subst.): ato de consolar; palavras de alívio; lenitivo, consôlo, confôrto.

Delícia (subst.): deleite, prazer suave, cousa muito agradável.

Desanuviar (v.): dissipar as nuvens, limpar; desassombrar, desabafar, desafogar.

Embate (subst.): pancada, choque, encontrão, percussão violenta; revés, vicissitude.

Equiparar (v.): igualar comparando, tornar(-se) igual, comparar(-se), emparelhar (-se).

Escrínio (subst.): escrivaninha; guarda-joias; cofre pequeno.

Experiência (subst.): ato de experimentar; conhecimento derivado da prática; tentativa, tentame, experimento, ensaio, prova.

Filosofia (subst.): ciência geral dos seres, dos princípios e das causas; sistema de princípios grupados para explicar certa ordem de fatos; a doutrina ou sistema de cada escola, ou seita de filósofos; serenidade de ânimo; elevação de espírito que nos leva a desprezar os acidentes da vida, os preconceitos e as opiniões falsas do público; placidez de espírito, etc.

Fórmula (subst.): preceito estabelecido para regular qualquer ato; modêlo; expressão de uma regra geral; praxe; receita.

Fortuna (subst.): sorte, destino, fado. Na significação de *riqueza, bens, cabedais, fazenda, haveres* é galicismo inútil.

Gala (subst.): traje para atos solenes; ornamentos ou enfeites ricos e preciosos; riqueza, pompa, ostentação.

Gema (subst.): pedraria, pedra preciosa. Outros significados.

Hercúleo (adj.): de Hércules, herói mitológico, célebre pelo seu porte agigantado e pela sua fôrça. Figuradamente: muito robusto ou possante, valente, que tem fôrça descomunal: *porte hercúleo, fôrça hercúlea.*

Importunar (v.): incomodar com instâncias ou súplicas reiteradas; molestar, enfadar, causar transtôrno a; serrazinar.

Inefável (adj.): que não se póde exprimir por palavras, indizível.

Labor (subst.): trabalho, lavor, faina, tarefa, afã.

Murmurar (v.): emitir som leve, sussurar; segredar; queixar-se; falar mal de, mal-dizer ou detrair de.

Quotidiano (adj.): diário, que sucede cada dia, que acontece habitualmente.

Tangível (adj.): em que se póde tocar, sensível, material, corpóreo.

Torrente (subst.): corrente de água rápida e impetuosa; abundância.

Vertiginoso (adj.): que tem ou causa vertigem; rápido, muito veloz; tumultuoso; que gira velozmente; que agita ou conturba o espírito.

QUESTIONÁRIO. Que é a biblioteca para o homem de letras? Como salienta o escritor a sua afirmação? A que compara êle os livros? Que são os livros para quem os ama? Por quê? Que tem aos pés o amador dos livros? Como termina o autor o seu elogio dos livros?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras escritas com *s* ou *ss* na última sílaba (Ver o trecho antecedente).

HOMÔNIMOS. *Delícias* (subst. pl.) e *delicias* (v.); *culto* (subst.) e *culto* (adj.); *comércio* (subst.) e *comercio* (v., mas há tambem a forma *comerceio*); *encanto* (subst.) e *encanto* (v.); *embates* (subst. masc. pl.) e *embates* (v.); *história* (substant.) e *historia* (v.).

PARÔNIMOS. *Cala* e *gala*, *calha* e *galha*; *saciedade* e *sociedade*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *delícia, inefável, sacrifício, instruir, castigar, gala, importunar, desviar, mundano, robustecer, tangível.*

COGNATOS Dar os de: *jardim, espírito, ordem, mestre, livro, virgem, embate, fórmula, labor.*

ANÁLISE. Indicar no texto os pronomes demonstrativos, relativos e indefinitos; formar os graus de comparação de *capaz, vertiginoso* e *tangível.* Analisar sintàticamente o primeiro período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos próprios para: *biblioteca, honra, sacrifício, comércio, galas, alegria, joia, inteligência.* Achar alguns substantivos qualificáveis por: *inefável, aparatoso, gracioso, tangível, insondável.* Formar frases diversas com cada um dos verbos: *compreender, acudir, importunar, desanuviar, confortar, equiparar, concretizar.*

COMPOSIÇÃO. Discorrer sôbre o livro, benefícios e males que pode produzir.

LII — A TORRENTE E O RIO

SILVA RAMOS

Com ruído e com fragor
Tombava da montanha uma torrente,
Espalhando o terror
Nos corações da campesina gente.
E nenhum caminhante
Se atrevia a passar
Barreira tão gigante.
Eis que um vê ladrões e, sem parar,
Mete de meio a onda sussurrante.

Era bulha e mais nada; pelo custo
O pobre do homem só tirava o susto.
Ganhando então coragem,
E os ladrões continuando a perseguí-lo,
Encontra na passagem
Um rio ameno, plácido e tranqüilo,
Que, como um sonho, caricioso, ondeia
Por entre margens de luzente areia:
Procura atravessá-lo,
Entra...; mas o cavalo,
Livrando-o à caça dos ladrões, dirige-o
Da onda escura ao seio negrejante,
E ambos foram dalí, no mesmo instante,
Beber ao lago Estígio.
No inferno tenebroso,
Por outros rios navegando vão.
O homem que não fala é perigoso;
Os outros, êsses não.

José Júlio da Silva Ramos, nascido a 6 de março de 1853, é natural de Pernambuco, onde fez os seus primeiros estudos. Cursou a Universidade de Coimbra, onde se bacharelou. Alí foi companheiro de alguns notáveis escritores portugueses, entre os quais Guerra Junqueiro e Macedo Papança. Regressando ao Brasil, tornou-se catedrático de português do Colégio de Pedro II. Silva Ramos é poeta esmerado, prosador correctíssimo e filólogo autorizado. Escreveu: *Adejos* (versos), *Pecado venial* (tradução da comédia de Millaud). Tem numerosos trabalhos filológicos, assim como lindas poesias, dispersas em vários jornais e revistas: *Renascença, Revista Brasileira, Revista da Academia Brasileira de Letras*. Sob o pseudônimo de Júlio Valmor, publicou em *A Semana* crônicas e versos. Já é falecido e ocupou na Academia Brasileira a cadeira de Tomaz Antônio Gonzaga.

VOCABULÁRIO

Atrever-se (v. pron.): ousar, afoitar-se, arrostar, afrontar.

Bulha (subst.): gritaria confusa, barulho, estrondo, ruído, estrépito; desordem, motim, tumulto.

Caminhante (substant.): aquele que caminha, viandante, transeunte.

Campesino (adj.): campestre, rústico, próprio do campo.

Estígio (adj.): relativo à Estige, célebre rio do inferno pagão, que, segundo a mitologia grego-romana, êle rodeava sete vezes. Camões diz: "A muitos mandam ver o *Estígio lago*" (c. IV, 40); "Por quem no *Estígio lago* jura a fama" (c. VIII, 11).

Fragor (subst.): estrondo, estampido; ruído forte como de cousa que se quebra ou chofra.

Meter-se de meio, em meio ou **de permeio** (loc.): atravessar, cortar, atalhar, interromper.

Negrejante (adj.): escuro, caliginoso, sombrio, fúnebre.

Plácido (adj.): sereno, pacífico, tranqüilo, sossegado, brando.

Terror (subst.): grande susto, mêdo excessivo, pavor.

Tombar (v.): deitar ao chão, derrubar, derribar; cair no chão, ruir, despenhar-se; — *se*: cair para o lado, virar-se; inventariar, registar, assentar.

QUESTIONÁRIO. Que fazia a torrente? Que efeito provocava isso nos cominhantes? Que aconteceu, porêm, a um dêles? Que resolução tomou êle? Que encontrou na passagem? Que fez então? Que fim tiveram o cavaleiro e o cavalo? Que quer dizer: "foram beber ao Estígio lago"? Que ensino nos quís dar o autor?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras oxitônicas escritas com *-s* e com *-z* finais.

HOMÔNIMOS. *Nada* (pron. ind.), *nada* (v.) e *nada* (adv.); *custo* (substant.) e *custo* (v.), *susto* (subst.) e *susto* (v. *sustar*); *sonho* (subst.) e *sonho* (v.); *procura* (subst.) e *procura* (v.); *instante* (subst.) e *instante* (v.); *caça* e *cassa* (subst.) e *caça* e *cassa* (verbos).

PARÔNIMOS. *Torrente* e *corrente; gigante* e *gingante; inferno* e *inverno*.

ANTÔNIMOS. Dar os de: *ruído, montanha, terror; campesino, atrever-se, gigante, continuar, ameno, plácido, caricioso, negrejante*.

COGNATOS. Dar os de: *fragor, terror, campesino, gigante, onda, susto, passagem, ameno, luzente, negrejante, lago, navegar*.

ANÁLISE. Mostrar no texto os advérbios, preposições, conjunções e respectivas locuções; indicar as palavras

derivadas, dando o sentido de cada sufixo. Conjugar: *atrever-se, perseguir* e *ir*. Fazer a análise sintática dos três primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *campesimo, gigante, sussurrante, ameno, plácido, tenebroso*. Procurar alguns adjetivos apropriados para: *torrente, coração, barreira, bulha, sonho, areia, lago*. Formar frases diversas com cada um dos verbos: *tombar, passar, meter, ganhar, atravessar, dirigir, beber, navegar*.

COMPOSIÇÃO. Escrever, em prosa e com palavras próprias, a fábula lida.

LIII — O ABOIO

JOSÉ DE ALENCAR

Ainda retiniam as últimas badaladas das **trindades**, quando, longe, pela várzea além, começaram a ressoar as **modulações** afetuosas e tocantes de uma voz que vinha **aboiando**.

Quem nunca ouviu essa **ária** rude, improvisada pelos nossos vaqueiros do sertão, não imagina o encanto que produzem os seus **arpejos** maviosos, quando se derramam pela solidão, ao pôr do sol, nessa hora **mística** do crepúsculo, em que o céu tem vibrações **crebras** e profundas.

Não se distinguem palavras na **canção** do boiadeiro, nem êle as articula, pois fala ao seu gado com essa outra linguagem do coração, que enternece os animais e os **cativa**. Arrebatado pela **inspiração**, o **bardo** sertanejo fere as cordas mais afetuosas de sua alma, e vai soltando às auras da tarde, em estrofes ignotas, o seu hino agreste.

(O Sertanejo)

Ver a notícia biobibliográfica à pag. 43.

VOCABULÁRIO

Aboiar (v. Brasil): falar ou cantar aos bois.

Aboio (subst.): ato de aboiar, canto de vaqueiro.

Agreste (adj.): relativo ao campo ou agro, campesino, rústico; silvestre, áspero; grosseiro; pouco ou nada sociável.

Ária (subst.): peça musical para uma só voz, cantiga.

Arpêjo (subst.): acorde de sons sucessivos como na harpa e em outros instrumentos de corda.

Articular (v.) modificar a voz, pronunciar (sílabas, palavras); colocar as articulações dos ossos no seu lugar; ligar, unir por meio de aneis de cadeia ou fuzís; expor em artigos ou parágrafos os fundamentos de uma causa.

Bardo (subst.): poeta épico ou lírico entre os celtas; poeta em geral, vate.

Canção (subst.): canto, cantiga, composição poética destinada a ser cantada.

Cativar (v.): tornar cativo, capturar; seduzir, ganhar o afeto, a simpatia, a estima: prender

Crebro (adj. poético): freqüente, amiüdado, reiterado.

Estrofe (subst.): estância de ode ou hino.

Inspiração (subst.): ação de inspirar, de fazer entrar o ar nos pulmões; estado da alma quando influenciada por um poder sobrenatural; idéia, sentimento, pensamento que parece nascer espontaneamente no espírito e que se considera sugerido pelo gênio ou pela divindade; caráter de qualquer produção artística ou literária: fôrça inspiradora, estro; sugestão, insinuação, conselho.

Místico (adj.) misterioso; relativo à vida espiritual, devoto, ascético; alegórico (falando-se de cousas religiosas).

Modulação (subst.): ato ou efeito de modular; entoação, passagem de um tom para outro; melodia, suavidade no cantar.

Retinir (v.): ressoar, ecoar; dar som muito vibrante ou agudo (como vidro, metal, etc.).

Trindades (subst. pl.): as Ave-Marias, o Ângelus.

QUESTIONÁRIO. Que é que se descreve? Que é que ainda retinia? Que é que começou a ressoar? Onde? Como é a ária dos vaqueiros sertanejos? Que impressão produz? Em que hora tem ela maior encanto? Por quê? Distinguem-se palavras na canção do boiadeiro ou as articula êle? Por quê? Que faz o bardo sertanejo arrebatado pela inspiração?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras que se escrevem com *j* seguidas de *e* e *i*.

HOMÔNIMOS. *Últimas* (adj. fem. pl.) e *ultimas* (v.); *vinha* (subst.) e *vinha* (v.); *articular* (adj.) e *articular* (v.); *hora* (subst.) e *ora* (v., adv., conj. e interj.); *cativa* (adj. fem.) e *cativa* (v.); *pôr* (v.) e *por* (prep.); *tarde* (subst.) e *tarde* (v. e adv.).

PARÔNIMOS. *Varga, varge, vargem, vargea, varzea; gado* e *gato; área* e *ária; enternecer* e *enternecer.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *ressoar, afetuoso, rude, improvisado, encanto, mavioso, crebro, distinguir, enternecer, agreste.*

COGNATOS. Dar os de: *aboio, modulação, afetuoso, voz, rude, solidão, místico, canção, enternecer, cativo, corda, hino.*

ANÁLISE. Apontar todos os adjetivos qualificativos e determinativos, todos os verbos transitivos e intransitivos e as locuções verbais que há no trecho. Analisar sintàticamente o 2.º período.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos próprios para: *badalada, varzea, modulação, ária, arpêjo, solidão, eco, vibração, hino.* Achar alguns substantivos modificáveis por: *afetuoso, rude mavioso, crebro, profundo, ignoto, agreste.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *retinir, ressoar, derramar, distinguir, articular, cativar, ferir, soltar.*

COMPOSIÇÃO. Descrevei a impressão que em vós produz um aboio.

LIV — S. FRANCISCO DE ASSIS, LIBERTADOR DAS AVES

AUGUSTO DE LIMA

Apanhadas de surpresa,
contra as leis da natureza,
as pobres rôlas sem sorte,
lá vão, lá vão conduzidas
ao cativeiro ou à morte.

As pobres rôlas... coitadas!
perninhas e asas atadas,
não soltam siquer um pio.
Foram roubadas dos ninhos,
onde a prole sem carinhos,
ficou de fome e frio,
tiritando...
chorando...

Leva-as um adolescente,
único, mas inconciente
autor de tanta maldade.
Si a mãe perdesse algum dia,
só então aprenderia
o que é sofrer na orfandade.

Fosse o filho quem morresse,
e a mãe chorava por êsse,
como a mãe dos passarinhos.
— Filho ou órfão, não prossigas!
Por quê, menino, castigas
os inocentes dos ninhos?

Mas, eis que na estrada assoma
Francisco, que vem de Roma,
e, aproximando-se, ao vê-las,
as pobres rôlas, coitadas,
perninhas e asas atadas,
enternece-se por elas,
rezando...
chorando...

As pobresinhas fitaram
o Pobrezinho, e choraram,
e o menino também chora.
No capuz, como em sacola,
Francisco recebe a esmola
das aves, livres agora!

Sufocado pelo pranto,
o menino, aos pés do Santo,
redime o crime nefando,
e corre em-busca dos ninhos,
a salvar os passarinhos,
chorando...

Ao chegar ao seu aprisco
em frente à porta, Francisco
finca no chão o cajado.
Êste enraíza-se, viça
fôlhas e galhos eriça,
e faz-se roble copado.

Do milagre para prova,
nos galhos da árvore nova,
das rôlas o alegre bando
acharam os próprios ninhos
e nêles os seus pombinhos
cantando!

(S. Francisco de Assis — poema)

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 130.

VOCABULÁRIO

Capuz (subst.): cobertura de pano para resguardar a cabeça, preso à capa, ao hábito ou ao casaco; capelo.

Enternecer (v.): tornar terno ou amoroso; — *se*: comover-se, sensibilizar-se.

Eriçar (v.) encrespar; ouriçar, arripiar, riçar.

Fitar (v.): fixar (a vista, a atenção); endireitar as orelhas (falando-se de certos animais). Diz-se também *fitar em*.

Milagre (subst.): suspensão das leis naturais por vontade divina; aquilo que é sobrenatral; coisa digna de admiração; prodígio, maravilha.

Nefando (adj.): indigno de se nomear; sacrílego; perverso, execrável; depravado.

Prole (subst.): progênie, geração, descendência; o filho ou os filhos de um indivíduo, sucessão.

Redimir ou **remir** (v.): adquirir de-nôvo; resgatar; salvar do mal; livrar do cativeiro; exonerar; — *se*: resgatar-se, rehabilitar-se.

Roble (substant.): carvalho, grande árvore da família das cupulíferas, que produz as glandes ou bolotas; (fig. e em linguagem poética): árvore grande e robusta.

Sufocar (v.): impedir a respiração de, abafar, afogar, asfixiar.

QUESTIONÁRIO. Que aconteceu às pobres rôlas? Como e por quem eram conduzidas? Que consideração faz o poeta? Que pergunta ao menino? Que sucedeu depois? Que fez S. Francisco? e as rôlas? e o menino? Que aconteceu quando S. Francisco chegou ao seu convento? Que é que confirmou o milagre?

ORTOGRAFÍA. Recordar as regras relativas ao emprêgo dos acentos e do hífen.

HOMÔNIMOS. *Rôlas* (subst. fem. pl.) e *rolas* (v.); *pio* subst.), *Pio* (subst. prop.), *pio* (adj.) e *pio* (v.); *esmola* (subst.) e *esmola* (v.); *livres* (adj. plural) e *livres* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *cativeiro, atar, fome, sofrer, prosseguir, assomar, sufocar, pranto, redimir, viçar, copado*.

COGNATOS. Dar os de: *lei* (rad. *leg-*), *natureza* (rad. *na-, nat-* e *nac-*), *morte, fome, enternecer, esmola, crime, bando*.

ANÁLISE. Indicar no texto os verbos transitivos e intransitivos, os gerúndios e pronomes pessoais. Conjugar os verbos: *perder, vir* e *redimir*. Fazer a análise sintática das duas primeiras estrofes.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns ad-

jetivos apropriados para: *lei, sorte, fome, frio, esmola, pranto, galho, árvore*. Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *inocente, nefando, inconciente*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *apanhar, conduzir, roubar, assomar-(se), fitar, sufocar, redimir, enraizar(se)*.

COMPOSIÇÃO. Narrar em prosa o assunto da poesia lida.

LV — A MISSÃO SOCIAL DO PADRE

FR. FRANCISCO DE MONTE ALVERNE

Enquanto a filosofia esbraveja e barafusta, ia o padre seguindo em seu caminho e operando êsses milagres que espantam a redondeza. Que formosa obra não foi a de arrancar à ignorância e ao embrutecimento tantos pobres entes inúteis à sociedade e a si mesmos! Os padres L'Épée (1) e Sicardi (2) entregaram à sociedade milhares de desvalidos, que pareciam condenados pelos homens e pela natureza: deram olhos a cegos, deram ouvidos a surdos. Realizaram aquela profecia: "Quando virdes que os surdos ouvem e que os mudos falam, é vindo o **Messias**".

Comparai com essas as obras dos filósofos. O chefe dos ímpios (3), no século XVIII, que mais fez do que destruir? E sabeis o que fazia a filosofia do padre? Eu

---

(1) *Padre de L'Espée*, fundador da instituição dos surdos-mudos aos quais ensinou a se fazerem compreender mediante uma linguagem de sinais convencionais. Nasceu em Versalhes em 1712 e morreu em 1789.

(2) *Sicardi*, padre francês, instrutor de surdos-mudos (1742-1822).

(3) O chefe dos ímpios a que se refere o autor é *Voltaire*, célebre poeta e prosador francês e um dos grandes inimigos da Igreja Católica (1694-1778).

vo-lo digo: Vicente de Paula (4) realizava só, sem fôrças, sem exércitos, sem livros, sem corifeus, sem auxiliares, maravilhas que nem o poder dos reis teria fôrça para imitar, porque essas maravilhas emanavam de impulsos que a terra não dá. Percorria as ruas e praças de Paris, cercava-se de crianças da plebe e perguntava-lhes: "Quem vos educa?" E elas respondiam: "Nossos pais e nossas mães nos abandonaram". E logo Vicente os adotava. Essas meninas desvalidas, êsses inocentes vasos, onde a sorte lançara germens de corrupção, essas futuras víboras da sociedade reuniam-se alegres, espontaneamente, em-tôrno-de um padre sem trono, sem haveres, sem grandeza e sem fortuna. Êsse batalhão de virgens por êle comandado empregava-se em debelar todas as dores e misérias da humanidade. Vão aos últimos andares das casas, às àguas-furtadas, dar caldos aos moribundos; aos asilos, dar instrução ao órfão; aos lugares de aflição, dar alívio às penas; aos campos de batalha, erguer, no meio das balas, os feridos; derramar bálsamo em toda a parte onde aparece uma dor, uma opressão, um padecimento.

Faria a filosofia jamais aquilo? Não, que ela esteriliza e petrifica a alma. Não, que tais sacrifícios demandam fervor no coração, entusiasmo em bem servir e amar a Deus. Não, porque é condição de sacrifícios tais que o homem por êles se não ensoberbeça.

(Prédica feita na casa das irmãs do Coração de Maria, em Niterói, a 2 de janeiro de 1857).

---

(4) *S. Vicente de Paulo*, padre francês, fundador da congregação dos Padres da missão ou lazaristas e das irmãs de caridade. Foi um exemplo extraordinário de caridade cristã, orientado por um zêlo incansável e um raro senso de organização pratica e de ação. Entre as muitas obras que realizou sobrelevam o resgate dos galés, a educação dos enjeitados, a instrução dos camponeses ignorantes, a instituição dos hospitais, etc. (1576-1660).

Frei Francisco do Monte Alverne, no século Francisco José de Carvalho, nasceu no Rio de Janeiro, a 9 de agosto de 1784 e faleceu em Niterói, a 2 de dezembro de 1858. Em 1802 professou na ordem de S. Francisco. Lecionou filosofia, teologia e retórica. Monte Alverne, conquanto às-vezes incorreto e demasiadamente pomposo, pode ombrear com os grandes oradores de qualquer país. Sua eloqüência arrebatava os ouvintes, fascinados com a fulgurância do seu talento e a magia da sua palavra. Em 1832 cegou e desde então até 1854 deixou o púlpito, ao qual voltou nesse ano — 19 de outubro —, a pedido do imperador, para prègar na festa de S. Pedro de Alcântara: êsse seu sermão foi um triunfo. Dêle há publicados os seguintes volumes: *Obras oratórias, Compêndio de Filosofia* e *Trabalhos oratórios e literários,* coligidos êstes por Camara Bittencourt (1863). Alguns filiam Monte Alverne à escola dos pregadores do século XVIII.

VOCABULÁRIO

Adotar (v.) tomar conta de uma criança e tratá-la como filho; perfilhar; admitir como filho; escolher, seguir, aprovar.

Águas-furtadas (subst. comp. pl.): último andar de uma casa, quando as janelas dão para o telhado.

Asilo (subst.): lugar de refúgio; guarida, amparo; recolhimento; hospício para sustento e educação de pobres; hospício para inválidos; homizio, valhacouto.

Bálsamo (subst.): substância, resinosa e aromática que ressuma de certas plantas; eflúvio, aroma, perfume; medicamento com odor balsâmico; alívio, lenitivo, confôrto, consolação, refrigério.

Barafustar (v.): agitar-se, debater-se, bracejar; dizer impropérios; afanar-se.

Corrupção ou **corrução** (substant.): perversão, depravação, devassidão; putrefação, infeção.

Corifeu (subst.): chefe, mestre, caudilho.

Debelar (v.): vencer, extinguir, dominar, subjugar.

Educar (v.): instruir e doutrinar, formando a inteligência, o caráter, o coração; avigorar os organismos pelos meios que a arte ministra; criar e adestrar animais; aclimar, plantar, cultivar com perícia e proveito.

Emanar (v.): provir, sair de, proceder, originar-se; disseminar-se em partículas impalpáveis.

Embrutecimento (subst.): estado de quem se embrutece ou embruteceu, estupidez, animalização.

Entusiasmo (subst.): exaltação da alma; exultação; fervor divino; júbilo intenso.

Esbravejar (v.): enfurecer-se, gritar com fúria, exprimir-se com fúria.

Fervor (subst.): fervura, ebulição, calor veemente; ardor, grande zêlo, atividade, entusiasmo; fé viva.

Filósofo (subst.): veja-se o trecho VIII, pag. 40.

Germe ou **germen** (subst.): rudimento de um nôvo ser, embrião; princípio, causa, origem, estado rudimentar de alg. cousa.

Haveres (subst. pl.): fazenda, cabedais, riqueza, bens, propriedade.

Messias (subst. próprio, derivado do siríaco *mesiha*, que significa *ungido*, correspondente ao grego *christos*). Salvador enviado por Deus e prometido pelos profetas, que os cristãos reconhecem e adoram em Jesus Cristo. (Figuradamente): homem providencial ardentemente esperado.

Opressão (subst.): ato ou efeito de oprimir, vexame, tirania, humilhação; dificuldade de respirar, sensação de pêso no peito, ânsia, angústia.

Petrificar (v.): converter em pedra, empedernir.

Plebe (subst.): última classe do povo; povo; o populacho, o povinho, o poviléu, a arraia-miúda.

Profecia (subst.): predição do futuro, vaticínio, prognóstico.

Redondeza (subst.): qualidade do que é redondo, esfericidade; região; o mundo, o orbe; — *s*: cercanias, arrabaldes, localidades próximas, adjacências.

Trono (subst.): assento elevado ou sólio que os soberanos ou prelados ocupam em certas solenidades; poder real; poder, soberania, autoridade soberana.

QUESTIONÁRIO. Qual o assunto do trecho? Que faz o padre, enquanto a filosofia esbraveja e barafusta? Que obra realizaram os padres L'Épée e Sicardi? Que fez o chefe dos ímpios no século XVIII? E Vicente de Paulo? Quais os frutos da sua obra? Por quê não realizou a filosofia prodígios iguais? Qual a idéia central do trecho?

ORTOGRAFÍA. Recordar os nomes terminados em *-ssão* e os verbos acabados em *-isar* e *-izar*.

HOMÔNIMOS. *Fôrças* (subst. pl.) e *forças* (v.); *maravilhas* (subst. fem. pl.) e *maravilhas* (v.); *vaso* (substant.) e *vazo* (v. *vazar*); *andar* (subst.) e *andar* (v.); *alívio* (subst.) e *alivio* (v.) *torno* (subst.) e *torno* (v.); *cego* (adj.) *cego* (v.) e *sego* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *ignorância, embrutecimento, desvalido, cego, surdo, mudo, destruir, plebe, educar, adotar, desvalido, inocente, reünir, debelar, miséria.*

COGNATOS. Dar os de: *filosofia, padre, embrutecimento, desvalido, profecia, surdo, mudo, cego, germen, trono, plebe, educar, debelar, adotar, bálsamo.*

ANÁLISE. Indicar no texto os adjetivos demonstrativos, possessivos e indefinitos, todos os verbos transitivos e transitivos-relativos, e citar algumas preposições. Analisar sintàticamente os dois primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos convenientes para: *missão, milagre, ente, profecia, exército, rua, praça, batalha, dor, alma.* Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *cego, surdo, mudo, ímpio.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *esbravejar, operar, arrancar, realizar, imitar, adotar, petrificar, demandar.*

COMPOSIÇÃO. Dissertar sôbre o sacerdócio.

LVI — O SALTO DO GUAÍRA

EMÍLIO DE MENEZES

Largo oceano azul, ora margeando
Campina extensa, ora frondosa mata,
Léguas e léguas, marulhoso e brando,
O rio enorme todo o céu retrata.

Súbito, as águas, brusco, represando,
Em torvelins de espumas se desata;
Vertiginoso, indômito, raivando,
Ruge, fracassa e tomba em catarata.

Tomba, e de-nôvo em arco se levanta,
Nada a brancura esplêndida lhe turva,
Em tanto esplendor e glória tanta,

E na apoteose em que a caudal se expande
Do sol aos raios, multicor se encurva
Rútilo arco-iris, luminoso e grande...

Emílio de Menezes (Curitiba, 4 de julho de 1867 — Rio de Janeiro, 6 de junho de 1918) é um dos grandes poetas nacionais pela forma aprimorada. Inclinado a princípio para o decadentismo, seguindo a corrente estética de Cruz e Souza e Bernardino Lopes, filiou-se depois ao parnasianismo, de que se tornou uma das figuras culminantes entre nós. Distinguiu-se também como satírico e epigramatico. Publicou: *Marcha Fúnebre, Poemas da Morte, Poesias* (*Símbolo, Poemas da Morte, Versos antigos, Dies irae*), *Últimas rimas, Mortalhas* (sátiras). Era formado em farmácia. Colaborou em vários jornais e revistas, principalmente na seção humorística. Pertencia à Academia Brasileira de Letras.

VOCABULÁRIO

Apoteose (subst.): deificação, inclusão no número dos deuses; glorificação, magnificência, esplendor.

Brusco (adj.): escuro, fusco, nublado, sombrio, carregado (o tempo); áspero, rude, desabrido, desagradável. Significando *imprevisto, inesperado, súbito* é galicismo.

Catarata (substantivo): quéda de água precipitando-se de grande altura; catadupa.

Caudal (subst. masc. e fem.): torrente, cachoeira, cópia de água.

Esplendor (subst.): fulgor, brilho intenso; magnificência, luxo, pompa, fausto.

Fracassar (v.): despedaçar com estrépito, quebrar, arruïnar; falhar, malograr-se, não chegar a bom termo.

Indômito (adj.): que não se pode domar, submeter ou conter, indomável, valente; esforçado; bravio, feroz.

Margear (v.) ir pela margem, andar ao-longo ou ao-lado-de, estar na margem, marginar.

Marulhoso (adj.): em que há marulho ou agitação de águas, agitado ou alvorotado.

Raivar (v.) raivecer ou enraivecer, ter raiva, enfurecer-se, assanhar-se, agitar-se com violência.

Represar (v.): fazer parar, suspender o curso de, deter a saída de, estorvar, refrear, conter; fazer presa, apoderar-se de.

Retratar (v.): fazer o retrato de, pintar, desenhar, reproduzir a imagem de, refletir; descrever bem, mostrar, deixar transparecer.

Rútilo (adj): rutilante, côr de ouro muito vivo, brilhante.

Salto (subst.): ação ou efeito de saltar, catadupa, catarata, quéda de água. *De* — (loc. adv.): de-súbito, de-repente, de-improviso.

Torvelim (subst. Os bons léxicos só registram *torvelinho* e *torvelino*): redemoinho, ou remoinho, encontro de ondas ou ventos opostos.

Turvar (v.) tornar turvo ou opaco, sujar; perturbar, transtornar; toldar-se; tornar-se tôrvo, carrancudo, sombrio.

QUESTIONÁRIO. Que é que se descreve? A que compara o poeta o rio? Que é que êste margeia e retrata e em que extensão? Que faz súbito? Como tomba? Como se levanta? Que acontece com a brancura esplêndida da cachoeira? Que é que se encurva na apoteose em que a caudal se expande aos raios do sol? Como é êsse arco-íris?

ORTOGRAFÍA. Recordar as regras referentes à grafia dos verbos em *-ear* e *-iar* e as palavras em que há o prefixo *ex-* seguido de consoante.

HOMÔNIMOS. *Salto* (susbst.) e *salto* (v.); *largo* (subst.), *largo* (adj.) e *largo* (v.); *matas* (subst. pl.) e *matas* (v.); *turva* (adj. fem. singgular) e *turva* (v.); *glória* (subst.) e *gloria* (v.); *caudal* (subst.) e *caudal* adj.); *rútilo* (adj.) e *rutilo* (v.).

PARÔNIMOS. *Margear* e *marginar, turvar, torvar e turbar.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *largo, extenso, frondoso, brando, marulhoso, súbito, indômito, tombar, levantar, brancura, turvar.*

COGNATOS. Dar os de: *oceano, margear, campina, frondoso, brando, espuma, arco, brancura, turvar, gloria* e *rútilo.*

ANÁLISE. Indicar no soneto os oxítonos e proparoxítonos, os substantivos concretos e abstratos, assim como os adjetivos qualificativos. Analisar sintaticamente os dois tercetos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos próprios para: *salto, campina, rio, torvelino, catarata, esplendor, glória, apoteoso.* Achar alguns (subs-

tantivos qualificáveis por: *marulhoso, brando, brusco, vertiginoso, esplêndido, multicor, rútilo*. Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *margear, retratar, represar, desatar, rugir, tombar, expandir.*

COMPOSIÇÃO. Descrever uma cachoeira.

LVII — UM ANTIGO ENGENHO EM PERNAMBUCO

JOAQUIM NABUCO

A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer **ingerência** de fora, como todos os feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da **senzala**, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de **rendeiros**, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou da pequena cultura que lhes consentia em suas terras.

No centro do pequeno **cantão** de escravos, levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem e tendo por trás, em uma **ondulação** do terreno, a capela sob a **invocação** de S. Mateus. Pelo declive do pasto, árvores isoladas abrigavam, sob a sua **umbela** impenetrável, grupos de gado sonolento. Na planície estendiam-se os canaviais, cortados pela **alameda** tortuosa de antigos **ingás**, carregados de musgos e cipós, que sombreavam, de lado a lado, o pequeno rio Ipojuca. Era por essa água quási dormente, sôbre os seus largos bancos de areia, que se embarcava o açúcar para o Recife; ela alimentava perto de casa um grande **viveiro**, rondado pelos jacarés, a que os negros davam caça, e nomeado pelas suas **pescarias**. Mais longe começavam os **mangues**, que chegavam até a costa de **Nazaré**...

Durante o dia, pelos grandes calores, dormia-se à sesta, respirando o aroma, espalhado por toda a parte, das grandes tachas em que cozia o mel. O declinar do sol era deslumbrante: pedaços inteiros de planície transformavam-se em uma poeira de ouro; a bôca da noite, hora das boninas e dos bacuraus, era agradável e balsâmica; depois o silêncio dos céus estrelados, majestoso e profundo.

De todas essas impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos dos pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias e ouvirão o ruído da vaga. Eu por vezes acredito pisar a espêssa camada de canas que cercava o engenho, e escuto o rangido longínquo dos grandes carros de bois...

(Minha Formação)

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araujo (Recife, 19 de agosto de 1849; Washington, 17 de janeiro de 1910). Bacharel em letras pelo Colégio de Pedro II, formou-se em direito na Faculdade do Recife. Ainda nos tempos de acadêmico, Nabuco já se salientára com brilho singular na imprensa e na tribuna. Deputado em várias legislaturas durante a monarquia, bateu-se com ardor pela abolição do cativeiro. Com o advento da República, Nabuco retirou-se da política, mantendo-se fiel às idéias monárquicas, que, com galhardia, sustentou pela imprensa. Após dez anos de retraïmento político, foi solicitado pelo govêrno para defender, como enviado extraordinário e plenipotenciario em Londres, os direitos do Brasil na questão de limites com a Güiana Inglesa, incumbência de que se desobrigou com zêlo e brilho, apesar de ter sido contra nós o laudo arbitral do rei da Itália. Em seguida, foi nosso embaixador nos Estados Unidos, cargo em que faleceu. Nabuco foi orador fascinante, jornalista de fôlego, historiador, filósofo e poeta, sendo um dos vultos mais gloriosos da literatura nacional. Seu estilo é límpido, origi-

nal e gracioso. Além da língua pátria, manejava, com facilidade e proficiência, o francês e o inglês. Suas obras principais são: *Camões e os Lusíadas*, *Le droit au meurtre* (em francês), *Amour et Dieu* (poesias em francês), *O abolicionismo* e *Campanha abolicionista no Recife* (discursos), *O dever dos monarquistas* (1895), *Balmaceda e a guerra civil no Chile* (1895), *A intervenção estranjeira durante a revolta* (1896), *D. Pedro II* (de colaboração com o conselheiro Dantas), *Um estadista do Império* (estudo sôbre a personalidade e a atuação política do seu pae, senador José Tomaz Nabuco de Araujo); *Minha Formação* (auto-biografia), *Escritos e discursos literários*, *Pensées detachées et souvenirs* (em francês), *Discursos e Conferências nos Estados Unidos* (em inglês, traduzidos em português por Artur Bomilcar), *L'option* (em francês, obra póstuma) etc. Colaborou em: *A Reforma*, *O Globo*, *O País*, *Jornal do Comércio*, *Jornal do Brasil*, *Revista Brasileira* e jornais de S. Paulo e Recife. Era membro da Academia Brasileira, da qual foi um dos fundadores e secretário geral, e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

VOCABULÁRIO

Alameda (subst.): lugar plantado de álamos; rua marginada de árvores; bosque, parque.

Bacurau (subst.): ave noturna do Brasil.

Cantão (subst.): divisão territorial em certos países europeus, p. ex. a Suiça; qualquer divisão territorial.

Domínio (subst.): dominação, faculdade de usar, gozar e dispor de uma cousa como senhor dela; território extenso; esfera de ação; o que é abrangido por uma ciência ou arte; poderio, influência.

Engenho (subst.): gênio, talento; invenção; máquina de moer cana, tirar água, etc.; estabelecimento agrícola onde se cultiva cana e fabrica açúcar.

Feudo (subst.): bens rústicos concedidos pelo senhor de certos domínios, sob condição de vassalagem e prestação de certos serviços ou rendas.

Ingá (subst.): fruto do ingazeiro, árvore leguminosa da América.

Ingerência (subst.): intervenção, interferência, intromissão.

Invocação (subst.): ato de chamar em socorro, implorar o auxílio ou a proteção de; súplica, alegação.

Mangue (subst.): margem lamacenta de portos ou rios aonde chega a água salgada; vegetação que cresce nessas margens.

Mel (subst.): substância doce fabricada pelas abelhas com o suco das flores; cousa muito doce; (Brasil): calda de açucar. Faz no plural *meles* ou *méis*.

Ondulação (subst.): movimento das ondas pouco agitadas; movimento semelhante ao das ondas; depressões e elevações alternadas num terreno.

Pescaria (subst.): pesca, o ato ou arte de pescar; quantidade de peixe; o produto da pesca.

Rendeiro (subst.): aquele que, mediante certo preço e por certo tempo, se utiliza de prédio alheio.

Senzala (subst.): habitação ou povoação de pretos, em geral escravos.

Sesta (subst.): hora de repouso depois do jantar (na Europa); hora de calor, durante o dia, na qual se dorme, a hora mais calmosa do estío.

Umbela (subst.): guarda-sol; pequeno pálio redondo; gênero de inflorescência cujos eixos chegam à mesma altura, formando um como guarda-sol; sombra, abrigo.

Viveiro (subst.): lugar em que se conservam e reproduzem animais e plantas; canteiro para vegetais que vão ser transportados; tanque para peixes; grande porção, enxame.

QUESTIONÁRIO. Que é que se descreve? De que se compunha a população do pequeno domínio? Como era êsse domínio? Que é que se levantava no centro do pequeno cantão de escravos? Que tinha ela à frente e por trás? Que havia no declive do pasto? Que é que se estendia pela planície? Como eram êles? Que havia às margens do rio Ipojuca? Que utilidade tinha êste? Que se notava mais longe? Que se fazia durante o dia? Como era o declinar do sol? Por quê? E o cair da noite? Por quê era agradável e balsâmica? Que havia depois? Que consideração faz o escritor no fim do trecho?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras que se escrevem com *j* seguido de *e* e de *i*.

HOMÔNIMOS. Engenho (substant.) e *engenho* (v.); *areia* (subst.) e *areia* (v.); *mangues* (subst. pl.) e *mangues* (v.); *tacha* (subst.) e *tacha* (v.), *taxa* (subst.) e *taxa* (v.); *cozer* (v.) e *coser* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *ingerência, escravo, rendeiro, benefício, agasalhar, consentir, declive, isolado, abrigar, tortuoso, dormente, aroma, gelado, espêsso.*

COGNATOS. Dar os de: *população, feudo, escravo, rendeiro, benefício, moagem, on-*

dulação, declive, dormente, calor, cozer, roçar, carro, boi.

ANÁLISE. Mostrar no texto os monossílabos tônicos e atônicos, os advérbios, preposições, conjunções e respectivas locuções. Analisar sintàticamente os dois últimos períodos. Conjugar: *compor* e *ouvir*.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos próprios para: *população, cantão, capela, declive, alameda, sésta, canavial, rangido*. Procurar alguns substantivos qualificáveis por: *isolado, impenetrável, tortuoso, dormente, deslumbrante, balsamico, majestoso, longínquo*. Formar frases diversas com cada um dos verbos: *distribuir, agasalhar, abrigar, estender, sombrear alimentar, morrer,* e *pisar*.

COMPOSIÇÃO. Descrever um estabelecimento agrícola (um engenho, uma fazenda de criação ou de cultura, etc.).

LVIII — EXPERIÊNCIA

LÚCIO DE MENDONÇA

Conta a fábula que um dia
No monte estava um pastor.
Era de-tarde; fazia
Um tempo esplêndido; a côr
Do ocaso punha vermelhas
As águas lisas do mar.
Na relva, as brancas ovelhas
Pastavam manso pastar.
Lá na extrema do horizonte,
Que bem longe se avistava,
Nesse momento passava
Uma vela peregrina...
O pastor viu-a do monte...
E alí pôs-se a meditar
Na sua mísera sina

De levar a vida inteira
Nesse pobre apascentar
Os seus rebanhos, enquanto
Que essa vela aventureira
Ia ganhar tanto, tanto!
E era tão manso o mar!
Ei-lo que rápido se ergue,
A ambição todo o acende...
Já sem mais demora vende
O rebanho, o campo, o **albergue**.
Que sonhos grandes que tem!
Que de visões sedutoras!
Ás verdes ondas traïdoras
Aventura-se também.
Cedo voltou abatido,
Pobre náufrago, sem nada!
Chorava o albergue perdido
E a pacífica **manada**...
Mas trabalha e **recupera**
Os calmos bens que tivera.
E quando, à-tarde, no monte,
Foi sentar-se como dantes
E viu límpido o horizonte
E velas brancas distantes,
E as ondas verdes e planas,
Disse, lembrando e sorrindo:
— "O' mar, que estás muito lindo,
Mas a mim já não me enganas!"

Lúcio de Drummond Furtado de Mendonça nasceu em Piraí, Estado do Rio, a 10 de março de 1854. Bacharelou-se em direito na Faculdade de S. Paulo (1877), e serviu vários cargos na magistratura e na administração no Rio e em Minas, onde também advogou, até que foi nomeado, em 1895, ministro do Supremo Tribunal Federal. Poeta e prosador de mé-

rito pela linguagem castigada e elegante, além de peritíssimo jurisconsulto, Lúcio de Mendonça ressalta, em assinalado relêvo, entre os homens de letras da sua época. Foi também jornalista fecundo, redigindo várias fôlhas e colaborando noutras, por exemplo: *O Rebate, A República, A Província de S. Paulo, Diário de Minas, O Farol, Gazeta de Notícias, O País, Correio da Manhã, Tribuna, Jornal do Brasil, A Semana, Revista Brasileira*, etc. Dentre seus livros tem-se: *Névoas Matutinas, Alvoradas, Vergastas, Murmúrios e Clamores* (poesia); *O marido da adúltera* (romance), *Esboços e Perfis* (contos), *Horas de bom tempo* (memórias e fantasias), *Estudos de Direito Constitucional* (trad. de Boutmy), *Lições de Política Positiva* (trad. de Lastarria), *Recurso Extraordinário* (monografia jurídica), *Páginas Jurídicas*, etc. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, na qual era titular da cadeira patrocinada por Fagundes Varela. Lúcio de Mendonça faleceu no Rio, aos 23 de novembro de 1909.

VOCABULÁRIO

Albergue (subst.): lugar onde alguêm se recolhe ou agasalha; hospício onde se recolhe alguêm por caridade; habitação, abrigo.

Apascentar (v.): pastorear, trazer a pasto, criar no pasto; doutrinar, instruir; — *se*: nutrir-se, instruir-se.

Extrema ou **estrema** (subst.): limite de terras ou territórios, raia, confim, sulco artificial que demarca uma terra; diferença.

Fábula (subst.): narração de cousas inventadas; pequena narração de um fato alegórico; a história dos deuses e heróis mitológicos, mitologia; mentira, conto mentiroso; entrecho ou urdidura de conto, romance, poema, etc.

Manada (subst.): rebanho de gado grosso.

Mísero (adj.): desgraçado, infeliz, miserável, avarento.

Pastor (subst.): guardador de gado, pegureiro, zagal; o que guia o gado ao pasto; pároco, cura de almas.

Recuperar (v.): recobrar, rehaver, readquirir, tornar a ter ou possuir; — *se*: ser indemnizado ou ressarcido.

Sina (subst.): fado, sorte, destino; bandeira, pendão.

QUESTIONÁRIO. Por quê se intitula a poesia "Experiência? Que conta a fábula? Como estava o tempo? Que faziam as ovelhas? Que

passou ao-longe, na estrema do horizonte? Que idéias trouxe a vela peregrina ao pastor? Que sentimento o dominou? Que fez êle levado pela ambição? Em que estado regressou a sua terra? Como procedeu depois? Que disse vendo o mar sereno? Que lição colhemos desta fábula?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras escritas com *x* soando *z*, *ss* e *cs*.

HOMÔNIMOS. *Fábula* (substant) e *fabula* (v.); *monte* (subst.) e *monte* (v.); *estrema* (substant) e *estrema* (v.); *vela* (substant.) e *vela* (v.); *peregrina* (adj. fem. sing.) e *peregrina* (v.); *demora* (substant.) e *demora* (v.); *albergue* (subst.) e *albergue* (v.); *cedo* (v.) e *cedo* (adv.); *náufrago* (substant.) e *naufrago* (v.); *pacífica* (adj. fem. sing) e *pacifica* (v.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *fábula, ocaso, liso, manso, peregrino, mísero, rápido, erguer, ambição, demora, seductor, traïdor, recuperar, distante.*

COGNATOS. Dar os de: *fábula, pastor, monte, estrema, peregrino, mísero, vela, manso, ambição, acender, albergue, visão, náufrago, plano, lindo.*

ANÁLISE. Indicar no texto os vocábulos poroxitônicos, os pronomes pessoais, relativos e indefinidos e todas as conjunções de 2.ª classe. Analisar sintàticamente os quatro primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos qualificáveis por: *liso, manso, peregrino, mísero, aventureiro, sedutor, pacífico.* Achar alguns adjetivos adequados a: *fábula, pastor, ocaso, ovelha, sina rebanho, ambição, albergue, visão, manada, mar, onda.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *contar, pôr, apascentar, acender, aventurar(se), voltar* e *recuperar.*

COMPOSIÇÃO. Escrever um pequeno conto com o assunto da poesia acima.

LIX — A VIDA HUMANA

GRAÇA ARANHA

A vida do homem sôbre a terra é como a daquelas plantas sôbre a pedra. O cume da montanha era uma laje estéril e sôbre ela não frutificavam as sementes de

árvores e de grandes plantas trazidas pelos pássaros e pelos ventos. Um dia, enfim, trouxeram êles sementes de algas e vegetais primitivos, para os quais o mineral da terra é um alimento. Muito tempo passado, quando aquelas sementes primeiro rejeitadas foram de-nôvo para alí carregadas, já encontraram a terra formada pelas algas e sôbre ela medraram, espalhando pelo chão a sombra, protegendo os primitivos moradores da pedra que então ousaram crescer, entrelaçando-se nos troncos das árvores, no corpo de suas filhas. Do muito amor, da solidariedade infinita e íntima surgiu aquilo que nós admiramos: — um jardim tropical, expandindo-se em luz, em côr, em aromas, no alto da montanha nua, que êle engrinalda como uma coroa de triunfo...

A vida humana deve ser também assim. Os seres são desiguais, mas, para chegarmos à unidade, cada um tem de contribuir com uma porção de amor.

(Canaan)

José Pereira da Graça Aranha é do Maranhão, onde nasceu aos 21 de junho de 1869. Formou-se em direito, com 18 anos apenas, na Faculdade do Recife, onde foi discípulo de Tobias Barreto. Entrou logo na magistratura, que abandonou, passando a advogar. Foi professor de direito e depois procurador seccional do Distrito Federal. Entre 1899 a 1904 serviu como secretário das missões diplomáticas especiais de Londres e Roma, chefiadas por Joaquim Nabuco. Foi ainda ministro do Brasil em Cuba. Graça Aranha é dos máximos representantes do nacionalismo literário do nosso século. Estuda os problemas étnicos e antropológicos do nosso país, empregando um estilo pessoal e nervoso, fruto de intensa sensibilidade estética. Escreveu um romance notável — *Canaan* — que "revela os grandes problemas da nossa formação futura. E' o poema das raças novas, que se veem fundir com a nacionalidade já esboçada. Milkau e Lentz representam a ideologia européia em face do tumulto ame-

ricano" (Ronald de Carvalho). Além dêsse livro, publicou *Malasarte* (teatro), discursos e artigos, e *Estética da Vida*. Graça Aranha se tornou nos seus últimos anos um dos propugnadores do futurismo. Foi sócio fundador da Academia Brasileira. Já é falecido.

VOCABULÁRIO

Alga (subst.): planta criptogâmica que se cria no fundo ou na superfície das águas. São plantas de estrutura rudimentar, que ocupam o último lugar na série vegetal.

Contribuir (v.): concorrer para certa cousa; pagar uma parte; cooperar; ter parte em despesa comum; ajudar.

Cume (substant.): ponto mais alto, cimo; coruto ou coruta; auge, apogeu.

Engrinaldar (v.): enfeitar com grinaldas ou coroas; adornar, ornamentar; premiar, galardoar.

Frutificar (v.): produzir frutos; ter resultados vantajosos; ser útil ou proveitoso.

Íntimo (adj.): que está muito dentro, muito no interior; muito estreito, intrínseco; doméstico, familiar, cordial.

Medrar (v.): fazer crescer; desenvolver-se; melhorar; aumentar a fortuna de.

Primitivo (adj.): que apareceu em primeiro lugar, que foi o primeiro em existir; que se refere aos primeiros tempos, primordial, primevo originário; antiquado; rude, não civilizado.

Rejeitar (v.): atirar, lançar fora, repelir; negar, recusar; expelir vomitar.

Solidariedade (subst.): laço ou ligação mútua entre pessoas ou cousas; responsabilidade ou dependência recíproca que se estabelece entre duas ou mais pessoas; união.

QUESTIONÁRIO. A que compara o autor a vida dos homens sôbre a Terra? Por quê não frutificavam no cume da montanha as sementes de árvores e de grandes plantas? Como chegaram ali tais sementes? Que aconteceu um dia? E depois que é que se deu com as sementes novamente transportadas para alí? Que surgiu dêsse muito amor, dessa solidariedade das plantas? Por que assim também deve ser a vida humana? Que idéia quís o autor traduzir nessa imagem?

ORTOGRAFÍA. Palavras terminadas em *-ção*: *afecção, cocção, confecção, convicção, decocção, defecção, ficção, fricção, intersecção, intuspecção, retrospecção, introspecção, secção, sucção.*

HOMÔNIMOS. *Sementes* (substant. pl.), *sementes* (v. *sementar*) e *cementes* (v. *cementar*); *plantas* (subst. pl.) e *plantas* (v.); *vegetais* (subst. e adj. pl.) e *vegetais* (v.); *íntima* (adj. f. sing.) e *intima* (v.); *luz* (subst.) e *luz* (v.); *coroa* (subst.) e *coroa* (v.); *triunfo* (substant.) e *triunfo* (v.).

PARÔNIMOS. *Semente, cimento e cemento.*

SINCRÉTICOS. *Lajea, laje* e *lajem.*

ANTÔNIMOS. Dar os de: *vida, terra, cume, montanha, estéril, frutificar, primitivo, rejeitar, medrar, sombra, proteger, tropical, triunfo, unidade, amor.*

COGNATOS. Dar os de: *vida* rad.: *vit-*), *homem, semente, mineral, alimento, medrar, pedra, crescer, tronco, jardim, unidade, amor.*

ANÁLISE. Indicar no texto todos os pronomes, verbos transitivos e ligativos. Analisar sintàticamente o 2.º e o 3.º períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Procurar alguns adjetivos próprios para: *planta, pedra, laje, semente, alimento, tronco, corpo, jardim.* Achar alguns substantivos qualificáveis por: *estéril, primitivo, infinito, íntimo, tropical.* Formar frases diversas com cada um dos verbos: *frutificar, rejeitar, medrar, espalhar, proteger, entrelaçar, expandir, engrinaldar, contribuir.*

COMPOSIÇÃO. Aproveitando a idéia geral sugerida pelo trecho, dissertar sôbre a solidariedade humana, sôbre a necessidade de se unirem os esforços de cada um para o bem de todos.

LX — O JURAMENTO DO ÁRABE

GONÇALVES CRESPO

Baçús, mulher de Alí, pastora de camelas,
Viu de-noite, ao fulgor das rútilas estrêlas,
Vail, chefe minaz de bárbara pujança,
Matar-lhe um animal. Baçús jurou vingança:
Corre, célere, voa, entra na tenda e conta
A um hóspede de Alí a grave e inulta afronta.

"Baçús, disse tranqüilo o hóspede gentil,
"Vingar-te-ei com meu braço, eu matarei Vail".

Disse e cumpriu.

Foi esta a causa verdadeira
Da guerra pertinaz, horrível, carniceira
Que as tríbus dividiu. Na luta fratricida
Osmar, filho de Amrú, perdera o alento e a vida.

Amrú, que lanças mil aos rudes prélios leva.
E que em sangue inimigo, irado, os ódios ceva,
Incansável procura, e é sempre embalde, o vil
Matador de seu filho, o tredo Mulhalhil.

Uma noite, na tenda, a um moço prisioneiro,
Recêm-colhido em campo, o indômito guerreiro
Falou, severo, assim:
"Escravo, atende e escuta:
"Aponta-me a região, o monte, o plaino, a gruta,
"Em que vive o traïdor Mulhalhil, dize a verdade;
"Dá-me que o alcance vivo, e é tua a liberdade".
E o moço perguntou:
"É por Alá que o juras?"
— "Juro", o chefe lhe tornou:
"Sou o homem que procuras!
Mulhalhil é o meu nome, eu fui que espedacei
A lança de teu filho e aos pés o subjuguei!"

E, intrépido, fitava o atônito inimigo.

Amrú volveu: — "És livre, Alá seja contigo!"

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 61.

VOCABULÁRIO

Alá (subst. próprio): palavra arabe que significa *Deus* (Literalmente: "digno de ser adorado").

Atônito (adj.): espantado, pasmado, estupefacto; admirado, assombrado; enlevado, perturbado.

Célere (adj.): veloz, ligeiro, rápido; fugaz.

Cevar (v.): tornar gordo, nutrir, engordar; saciar; enriquecer, fomentar; — *se*: nutrir-se, saciar-se.

Fratricida (subs.): o assassino do irmão ou da irmã; (adj.): que concorre para a morte de irmãos ou de pessoas do mesmo sangue; relativo a guerras civis.

Inulto (adj.): não vingado, que não se desforrou.

Minaz (adj. poético): ameaçador.

Pertinaz (adj.): tenaz, teimoso, obstinado, que não desanima.

Prélio (subst. poético): batalha, luta, combate.

Tenda (subst.): barraca militar de campanha; barraca de feira; abrigo de tela ou coiro para servir de habitação, principalmente entre os povos nômades; oficina de oficial mecânico.

Tornar (v.): voltar, volver, virar; transformar em; restituir; replicar, retrucar; — *se*: regressar, voltar; converter-se, transformar-se, mudar-se em.

Trédo (adj.): falso, traidor, traiçoeiro, pérfido, aleivoso.

QUESTIONÁRIO. Quem era Baçús? Que viu ela, denoite? Que fez em conseqüência? Que lhe disse o hóspede de Alí? E cumpriu essa promessa? Que resultou de tal vingança? Quem morreu na luta fratricida? Que fazia Amrú? A quem procurava êle? E achou-o? Quando? Que disse o guerreiro ao prisioneiro? Qual a resposta dêste? Que juramento fez Amrú? E que lhe revelou Mulhalhil? E como procedeu o chefe? Qual o ensinamento que se colhe da poesia lida?

ORTOGRAFÍA. Recordar as palavras em que há *ct* e *-ção*. Antes de *b* e de *p* não se escreve *n* e sim *m*: *ambição, imperio*. Em alguns vocábulos compostos, nos quais o prefixo termina em *m*, conserva-se esta letra, mas separam-se por hifen os elementos vocabulares: *bem-aventurança, alêm-túmulo, bem-criado, bem-estar, bem-que, bem-soância, bem-soante, circum-adjacente, circum-ambiente, circummurado, recêm-colhido, recem-nascido, sem-cerimônia*, Em todos os outros casos, escreve-se *n*: *enquanto, enfim, consigo, convosco, sensaboria*, etc.

HOMÔNIMOS. *Rútilas* (adj. f. pl.) e *rutilas* (v.): *conta* (subst.) e *conta* (v.); *hóspede* (subst.) e *hospede* (v.); *luta* (subst.) e *luta* (v.); *leva* (subst.) e *leva* (v.); *ceva* (subst.) e *ceva* (v.) e *seva* (adj. fem. sing); *jura* (subst.) e *jura* (v.).

PARÔNIMOS. *Prélio* e *prelo*, *tenda* e *tenta* (subst.).

ANTÔNIMOS. Dar os de: *rútilo, bárbaro, vingança, célere, grave, pertinaz, perder, ódio, vil, guerreiro, trédo, liberdade, atônito, intrépido, livre.*

COGNATOS. Dar os de: *bárbaro, animal, jurar, correr, hóspede, grave, afrontar, guerra, pertinaz, região, vivo, subjugar.*

ANÁLISE. Indicar no texto os pronomes relativos, os verbos intransitivos, os advérbios e as preposições. Analisar sintàticamente os três primeiros períodos.

EXERCÍCIOS DE VOCABULÁRIO. Achar alguns substantivos que possam ser qualificados por: *bárbaro, célere, gentil, pertinaz, rude, vil, indômito, trédo, atônito.* Achar alguns adjetivos apropriados para: *estrêla, pastora, chefe, vingança, afronta, guerra, luta, ódio, tenda, monte juramento.* Formar frases diferentes com cada um dos verbos: *matar, correr, cumprir, dividir, cevar, apontar, alcançar, tornar(se), volver.*

COMPOSIÇÃO. Servindo-se dos elementos ministrados na poesia estudada, amplificá-los, formando um pequeno conto.

LXI — MANHÃ NA ROÇA

VIRGÍLIO VÁRZEA

É pleno inverno.

Aqui e alêm, galos acordam cantando à aproximação do dia. Uma tênue mancha de claridade argêntea recorta em laca a linha ondulada das colinas verdes. Pouco a pouco, uma poeira de ocre transparente, que se esbate para o alto, cobre todo o horizonte, e o sol aponta, deslumbradoramente, como uma gema de ouro flamante. Vapores diáfanos diluem-se lentamente, em meio dos listrões vivos que purpureiam o nascente. Fundem-se no

ar tons delicados de azul e rosa, e eleva-se da floresta uma orquestração triunfal.

Despertam de-súbito, ao alargamento **tépido** da luz, as culturas adormecidas.

Abrem-se as casas.

Pelos terreiros, úmidos da serenada da noite, homens **de-cócoras**, em camisa, de **cangirão** na mão, brancos de frio, ordenham as grossas tetas das pacientes e mugidoras vacas, que criam amarradas aos finos paus das parreiras, e que, expelindo fumaça no ar frígido, ruminam ainda restos de grama, numa mansidão ingênua de animal digno.

Mulheres de chale pela cabeça chamam as galinhas, com um ruído sêco de beiço tremido, fazendo *brúrr* e sacudindo-lhes mãos cheias de milho e pirão esfarelado.

Um carro atopetado de raízes de mandioca, arrancadas de-fresco, empoeiradas de areia, compridas, tortas, com o aspeto e a côr exquisita das plantas que se avolumam e **vegetalizam** enterradas, chia monòtonamente, em-direitura ao engenho, solavancado pela aspereza do caminho, chilreante e aromatizado por **florações** vigorosas e germinantivas, pelas emanações do gado e pelo cheiro **acre** das laranjas vermelhas, que caem de maturidade.

Cantigas rústicas, amorosas, de uma sinceridade ingênua, com toadas prolongadas e vibrantes, misturam-se à **alacridade** do campo.

E pela compridão majestosa e verde dos **alagados** e das pastagens, o colorido **movimentoso** e variado das reses.

(Mares e Campos)

Vírgilio Varzea nasceu a 6 de janeiro de 1865, em Canavieiras (Sta. Catarina). Encetou o curso da Escola Naval

do Rio, o qual abandonou, seguindo para as Antilhas, como praticante de pilôto. De regresso para a terra natal, dedicou-se ao jornalismo, sendo depois oficial de gabinete do presidente Gama Rosa, promotor público de S. José e deputado à constituinte catarinense. Fixando-se no Rio, aí exerceu o magistério e foi inspetor de ensino no Distrito Federal. V. Várzea é poeta e novelista, possuïdor de um estílo fácil e vivo. Sabe evocar, com rara fidelidade, as paisagens e cousas da sua terra e sempre encanta, quando fala do mar. Escreveu: *Traços azues* (versos), *Tropos e fantasias* (contos, de colaboração com Cruz e Sousa), *Rose Castle* (novela), *Mares e Campos, Sta. Catarina, Contos de Amor, George Marcial* (romance), *Histórias rústicas* (contos), *Em viagem* (novela), *O brigue flibusteiro* (romance), *Ondas, Os Argonautas*. Fundou, em 1880, o semanário *Colombo*, publicado em Florianópolis. Colaborou em vários jornais do Rio e dos Estados.

VOCABULÁRIO (*)

Argênteo (adj.): feito de prata; brilhante como prata; argentino, que sôa como prata.

Acre (adj.): azêdo, de sabor picante; que tem travo levemente corrosivo, áspero.

Alacridade (subst.): vivacidade alegre, jovialidade, alegria, satisfação.

Alagado (part. pas. de *alagar*): convertido em lago, inundado; (subst. Brasil): alagadiço, lugar coberto de água, paúl.

Cangirão (subst.): vaso grande de bôca larga com um bico pequeno e sem pé, para beber vinho, cerveja, etc.

Cócoras (subst. fem. pl.) usado na locução *de-cócoras*: sentado no chão sôbre os calcanhares.

Diáfano (adj.): transparente, que se deixa atravessar pela luz.

Esbater (v.): dar às sombras claro-escuro, a graduação necessária.

Flamante (adj.): chamejante, brilhante; ardente, esplendoroso.

Floração (subst.): inflorescência, desenvolvimento da flor; estado das plantas em flor; florescência.

Laca (subst.): resina que se extrai das sementes de certas

(*) Daquí em diante só daremos o vocabulário pertencente a cada trecho.

leguminosas; verniz da China; incrustação resinosa produzida, em certas árvores, pela picada do inseto chamado *cocus laca*. O mesmo que *lacre*.

Movimentoso (adj. Neol.): animado, agitado, boliçoso.

Ocre (subst.): terra argilosa ou argila colorida pela presença de um óxido de ferro, que tem várias aplicações: preparo de tintas, fabrico de lapis encarnados, de papeis pintados, etc.

Purpurear (v.): dar a côr de purpura a; avermelhar, tornar purpureo; — *se*: tomar a côr da púrpura (vermelha-escura), tornar-se vermelho.

Tépido (adj.): morno, que tem calor moderado, nem quente nem frio; tíbio, frouxo.

Vegetalizar (v. Neol.): dar forma de vegtal a, tomar forma de planta.

LXII — A CORRENTE

ALPHONSUS DE GUIMARAENS

Todos vós que me ouvis, fazei reparo:
Assentai-vos à-beira da corrente.
Prestai ouvido. Ei-la que vai, **silente**,
Por sôbre os **seixos** do seu leito claro.

Si alegre estais, cantai o vosso canto
De amor; si triste sois, chorai agora:
Que a alva corrente cantará canora
E há-de chorar convosco o vosso pranto.

Si a alma tiverdes cheia de queixumes,
Que dor nas águas sentireis! Mas, quando
Irado estais, ei-las que vão escoando
Todo o vosso clamor de ira e de ciumes...

Oh! não creiais no marulhar das águas,
Almas ledas, e vós, almas **sombrias**:
Elas riem com as vossas alegrias,
Elas choram também com as vossas **mágoas**.

(Pastoral aos crentes do amor e da morte)

Alphonsus de Guimaraens nasceu a 24 de julho de 1872, em Ouro Preto. Bacharelou-se em ciências sociais na Faculdade de Direito de S. Paulo e em ciências jurídicas pela Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais, iniciando logo a carreira de magistrado, a qual não mais deixou, colhendo-o a morte quando juiz municipal de Mariana. Alphonsus é, no competente parecer de Júlio Dantas, um dos maiores simbolistas da língua portuguesa, comparável a Eugênio de Castro. E', de-fato, um dos poetas mais sensíveis, mais delicados, mais encantadores das letras luso-brasileiras. Publicou: *Setenário das Dores de Nossa Senhora, Câmara ardente, Dona Mystica, Kiriale, Pastoral aos crentes do amor e da morte, Escada de Jacó, Pauvre Lyre, Púlvis* (últimos versos), *Nova Primavera* (tradução de Heine) — poesia; *Mendigos* (contos). Foi também jornalista cintilante. Faleceu em Mariana, a 15 de julho de 1921.

VOCABULÁRIO

Mágoa (subst.): tristeza, dor de alma, pesar, pena; pêsame.

Seixo (subst.): calhau, pedra dura e tôsca.

Silente (adj. poético.): silencioso, calado.

Sombrio (adj.): que faz sombra, em que há sombra; não exposto ao sol, não batido de sol; sombroso, escuro; triste, melancólico; fúnebre; tristonho; carrancudo, severo; desalentador, desanimador; (subst.): lugar não exposto ao sol: *não farás horta em sombrio nem edificarás a par do rio* (Provérbio).

LXIII — O DRAMA DA GEADA

MONTEIRO LOBATO

À mesa a conversa girou em-tôrno da geada.

"— É o mês perigoso êste, disse o major. O mês da aflição. Por maior firmeza que tenha um homem, treme nesta época. A geada é um eterno pesadelo. Felizmente a geada não é mais o que era dantes. Já nos permite aproveitar muita terra baixa em que os antigos nem por sombra plantavam um só pé de café. Mas, apesar disso, um que facilitou, como eu, está sempre com a pulga atrás da orelha. Virá? Não virá? Deus sabe..."

Seu olhar mergulhou pela janela, numa **sondagem** profunda ao céu límpido.

. . . . . .

E a geada veio. Não geadinha mansa de todos os anos, mas **calamitosa, geada cíclica,** trazida em ondas da Argentina.

O sol da tarde, mortiço, dera luz sem luminosidade, e raios sem calor nenhum. Sol **boreal,** tiritante. E a noite caira rápida, sem preâmbulos.

O relento estava de cortar as carnes — mas que maravilhoso espetáculo! Brancuras por toda a parte. Chão, árvores, gramados e pastos eram, de-ponta-a-ponta, um só atoalhado branco. As árvores imóveis, inteiriçadas de frio, pareciam emersas de um banho de cal. Rebrilhos de gêlo pelo chão! Águas envidradas. As roupas dos **varais,** têsas, como endurecidas em goma forte. As palhas dos terreiros, os sabugos de-ao-pé do **cocho,** a têlha dos muros, o tôpo dos **moirões,** a vara das cêrcas, o rebordo das tábuas — tudo polvilhado de brancuras, **lactescente,** como chovido por um saco de farinha. Maravilhoso quadro!

Por algum tempo caminhei **a-esmo**, arrastado pelo esplendor da cena. O maravilhoso quadro de sonho breve morreria, apagado da tela pela esponja de ouro do sol. Já pelos topes e faces da batedeira andavam-lhes os raios na faina de **restaurar** a verdura. Abriam manchas verdes no branco da geada, dilatavam-nas, entremostrando nesgas do verde submerso.

Só nas baixadas, encostas **noruegas** ou sítios sombreados pelas árvores é que a brancura persistia ainda, contrastando sua nítida frialdade com os tons quentes ressurrectos. Vencera a vida, guiada pelo sol. Mas a intervenção do fogoso **Febo**, apressada demais, transformara em desastre horroroso a **nevada** daquele ano — a maior de quantas deixaram marca nas **embaübeiras** de S. Paulo.

A ressureição do verde fôra aparente: estava morta a vegetação. Dias depois, por toda a parte, a vestimenta do solo era um **burel** imenso, onde a **sépia** exibia a gama inteira dos seus tons ressecos. Pontilhava-o apenas, cá e lá, o verde sujo dos eucaliptos, o invencível verde-negro das laranjeiras e o esmeraldino sem-vergonha da vassourinha.

(Negrinha)

José Bento Monteiro Lobato (Taubaté, Estado de S. Paulo, 18 de abril de 1882). Estudou preparatórios no Instituto de Ciências e Letras de S. Paulo e, em 1905, bacharelou-se em direito na Faculdade da mesma cidade. Exerceu os cargos de promotor público e de adido comercial nos Estados Unidos, dedicando-se depois à agricultura e à indústria, fundando várias empresas, ou só ou com outros: Casa Editora Monteiro Lobato, Companhia Gráfico-Editora M. Lobato, Companhia Editora Nacional, a Brazilian Enterprizes Company (Nova York), Companhia de Petróleos do Brasil

(S. Paulo), Sindicato Nacional de Indústria e Comércio. Dirigiu e editou a *Revista do Brasil* e tem colaborado no *Estado de S. Paulo, Correio da Manhã, O Jornal, A Manha*, etc.

Publicou: *Urupês, Cidades Mortas, Negrinha, O Macaco que se fez Homem* (contos); *Idéias de Jeca Tatú, Onda Verde, Problema Vital, Mundo da Lua* (impressionismo e crítica); *Ferro* (novos horizontes da Siderurgia no Brasil), *Mr. Slang e o Brasil* (crítica social), *América* (impressão dos E. Unidos), *Na Antevéspera* (jornalismo e crítica) e para crianças: *Reinações de Narizinho, Viagem ao Céu, As Caçadas de Pedrinho, O Sací, Fábulas, História do Mundo, Emílio no País da Gramática* e *Aventuras de Hans Staden*.

Monteiro Lobato é um prosador original e vibrante, que apreende e traduz com finura e emoção os aspetos das cousas e a alma dos indivíduos, através de um humorismo chistoso, mas que no fundo contêm alguma cousa de pessimista e de amargo.

VOCABULÁRIO

Boreal (adj.): situado ao norte, que vem do norte, relativo a êle, setentrional, ártico.

Burel (adj.): tecido grosseiro e simples de lã, cujos fios se contam facilmente; hábito de frade ou de freira, feito de burel; luto.

Calamitoso (adjt.): funesto, desgraçado, nefasto, desastroso, danoso, infausto.

Cíclico (adj.): relativo a um ciclo. *Ciclo* é um período ou revolução igual de certo número de anos, após os quais devem repetir-se, na mesma ordem, os fenomenos astronômicos.

Cocho (subst. Brasil): vasilha em que se põe água ou comida para o gado.

Embaúda (subst.: O mesmo que *imbaíba, imbaúba, imbaúva* e *embaúba*): árvore da família das urticáceas (*cecropia palmata*). *Umbaúba do mato*: árvore da mesma família (*cecropia concolar*). *Embaúbeira*: é a árvore, o pé de umbaúba. Do tupí: *emba-iba*: a árvore de ôco ou cujo tronco é cheio de câmaras ou vazios. E' árvore da mata, vulgarmente chamada *imbaúba* (Teodoro Sampaio).

Esmo (subst.): ato de esmar ou de calcular por alto; *a-êsmo* (loc. adv.): sem conta; ao-acaso.

Faina (subst.): serviço a-bordo de navios; trabalho aturado, tarefa, lida.

Febo (subst. próprio): nome de Apolo enquanto guia do carro do Sol e deus da luz. Por extensão, o próprio sol, em linguagem poética.

Gama (subst.): sucessão de sons ascendentes ou descendentes de uma oitava musical, escala; gradação, passagem de uma côr a outra.

Lactescente (adj.): que tem côr de leite; que tem suco leitoso.

Moirão (subst.): vara grossa e vertical usada nas estacadas, nas cêrcas, etc., esteio, estaca; empa para videira.

Nevada (subst.): a queda da neve, a quantidade de neve caída.

Noruega (subst. Brasil do Rio e S. Paulo): encosta de montanha do lado do sul; lugar sombrio. *Encosta* —: que não é batida de sol.

Restaurar (v.): fazer voltar ao primeiro estado, reparar, refazer, consertar; pôr em vigor; restituir ao poder supremo; reconquistar, recuperar; — *se*: refazer, readquirir o antigo vigor ou saúde, restabelecer-se.

Sépia (subst.): substância negra empregada em pintura.

Sondagem (subst.): ato de sondar; exame, perscrutação, indagação.

Varal (subst.): cada uma das varas entre as quais se atrela o animal que puxa uma viatura; vara dos andores, esquifes, etc.; varas em que se estende a roupa lavada para secar.

LXIV — CROMO

BERNARDINO LOPES

Pitangueiras, arreando, carregadas
—Esmeralda e rubim que a luz feria —
Cintilavam, em pleno meio-dia,
Na argêntea praia de um fulgor de espadas.

Sob o largo frondel eram risadas,
Toda uma festa, um chalro, a vozeria
De um rancho alegre e simples que colhia:
Moças — frutas, e moços — namoradas.

Em cima outra aluvião, por todo o mangue,
De sanhaçús, saís e tiês-sangue,
Policromia musical da mata.

E através da folhagem miúda e cheia
Bordava o sol, ao-pino, sôbre a areia
Um crivo de oiro num sendal de prata!

(Helenos)

Bernardino da Costa Lopes (Rio Bonito, Estado do Rio, 19 de janeiro de 1859; Rio, 18 de setembro de 1916). Foi funcionário federal. Bernardino Lopes é considerado pelos críticos um dos poetas mais notáveis do nosso tempo. Formado sob o influxo do romantismo e do parnasianismo, filiou-se posteriormente, à escola simbolista. O traço mais frisante da personalidade artística de B. Lopes é o seu sentimento vivo da natureza, o seu bucolismo encantador, as suas deliciosas pinturas da vida simples do interior, nas quais revela o seu raro poder descritivo, num estilo natural e animado. Na sua segunda fase, B. Lopes sacrificou bastante a graça que o distingue nas suas primeiras produções, mas ainda assim não se lhe podem desconhecer dotes de cintilante poeta. Publicou: *Cromos, Pizzicatos, D. Carmen, Brazões, Sinhá Flor, Val de Lírios, Helenos, Plumário.* Colaborou em vários jornais e revistas: *Gazeta de Notícias, O País, Gazeta da Tarde, O Cruzeiro,* etc.

VOCABULÁRIO

Arrear (v.): baixar por meio de cabos, roldanas, etc.; desviar, inclinar, amainar; cansar, não poder mais; desanimar; vergar; ceder ao pêso.

Chalro (substant.): chalreada, chalreio, gralhada, chilreada, o ruído de muitas vozes juntas.

Crivo (subst.): peneira de arame; ralo; coador; parte do regador cheia de buraquinhos para borrifar as plantas; bordado com orifícios; lamina perfurada nas portas para se ver quem está fóra.

Frondel (subst. Neol., formado talvez por influência analó-

gica de *dossel*): o pálio da folhagem, a fronde, a copa.

Fulgor (subst.): brilho, esplendor, clarão, fulgência; luzeiro.

Policromia (subst.): estado de um corpo que apresenta várias côres, variação de côres, irisação.

Rubí (subst.): pedra preciosa vermelha; côr muito vermelha. A forma *rubim* é popular.

Saí (subst.): pássaro do Brasil.

Sanhaçú ou sanhaço (subst.): passarinho brasileiro, de peito azul.

Sendal (subst.): tecido muito fino e transparente; véu.

Tiê-sangue (substant. comp.): pássaro brasileiro de côr vermelha.

LXV — O PODER DA ORAÇÃO

JÚLIO RIBEIRO

Só desconhece o poder da oração quem desconhece grandes amarguras.

A oração é a alavanca do espírito.

Quando o fardo do viver pesa como chumbo sôbre a alma quási asfixiada, quando o círculo de ferro dos dissabores estreita-se, estreita-se, envolvendo-a, tocando-a, parecendo prestes a aniquilá-la, o homem prostra-se e volve um olhar para Deus... As frases que mal traduzem o pensamento atribulado rompem-lhe dos lábios **múrmuras e inconexas...**

E um bálsamo suavíssimo de esperanças percorre-lhe as veias ressequidas; na escuridão que o rodeia esboça-se um **albor** tênue, difunde-se, tinge de rosicler o horizonte alargado; sopram auras de vida: é um alvorecer.

E o homem levanta-se revigorado, atira-se à luta, derriba obstáculos, vence, triunfa.

(Padre Belchior de Pontes)

Júlio Ribeiro nasceu em Sabará (Minas), a 16 de abril de 1845 e faleceu em Santos, a 1.º de novembro de 1890. Estudou na Escola Militar do Rio de Janeiro, e, passando a residir em S. Paulo, aí dedicou-se ao magistério e ao jornalismo. Redigiu a *Gazeta do Povo*, *A Procelaria* e o *Rebate*. Publicou no *Diário Mercantil*, de Santos, as *"Cartas Sertanejas"*. Foi filólogo de renome, e a sua *Gramática portuguesa*, elogiada pelo linguista francês Eugênio Lefèvre, merece o conceito que lhe votam os conhecedores da língua. Como romancista, escreveu dois livros: *Padre Belchior de Pontes* e *A Carne*, êste último de um realismo muito crú e escandaloso, escrito em linguagem às-vezes grosseira e inconveniente. Tirando o seu exagêro de escola, Júlio Ribeiro é um estilista apreciável, tem poder descritivo e opulência expressional, apesar de uns tantos pecadilhos de vernaculidade, injustificáveis num gramático da sua notoriedade. Sôbre êle assim se exprime Ronald de Carvalho: "A inteligência era nêle menos forte que a sensibilidade, porquanto, apesar da sua nada comum leitura, sempre se revelou pouco discreto nos conceitos, desequilibrado na composição dos seus trabalhos e derramado no estilo. Possuía, entretanto, um verdadeiro instinto da vida que nem todas as preocupações científicas, nem todas as teorias literárias conseguiram dominar".

VOCABULÁRIO

Albor (subst. poético): o mesmo que *alvor*: alva, a primeira luz da manhã; alvura; brilho.

Aniquilar (v.): reduzir a nada; abater, prostrar, humilhar; destruir.

Dissabor (subst.): desgôsto, descontentamento, mágoa, desprazer, aborrecimento.

Inconexo (adj.): o mesmo que *desconexo*: sem ligação, sem seqüência, incoerente, sem nexo.

Múrmuro (adj. poético): murmurante, murmuroso, que produz ruído semelhante ao da água corrente ou de muitas vozes juntas e confusas, sussurante.

Obstáculo (subst.): dificuldade, empecilho, estôrvo, óbice, barreira, embaraço.

LXVI — A SAÍDA

LUIZ DELFINO

O galo canta; o ar, que freme, é quente;
Desce ruflando pelo vale o vento;
Ha no horizonte os rolos de uma enchente
Do mar que invade e doura o firmamento.

Toca a sineta: vem saindo a gente
Da senzala num jôrro sonolento:
Depois da reza, a passo tardo e lento,
Enxada ao ombro, dois a dois de frente.

Ao eito vão pelo carreiro aberto;
O mato cheira, rumorejam ninhos
No cafezal, de branca flor coberto;

Há um grande chilrear de passarinhos...
E enquanto o escravo vai, segue-o de perto
A risada da luz pelos caminhos...

O Dr. Luiz Delfino dos Santos, natural de Santa Catarina, viu a luz aos 25 de agosto de 1834. Formou-se em medicina na Faculdade do Rio e notabilizou-se como clínico. Tomou parte na Constituinte como representante do seu Estado natal.

Luiz Delfino é dos nossos melhores líricos. A despeito da sua fecundidade, nenhum livro publicou: suas poesias acham-se esparsas em jornais e revistas. Só recentemente o seu filho Dr. Tomaz Delfino enfeixou em volume — *Algas e Musgos* — algumas das suas produções. Luiz Delfino, pelo arrôjo do éstro e pela exuberância do estilo, pode incluir-se na escola condoreira, embora possua também alguns caracte-

rísticos de parnasiano. Colaborou em *A Semana*, *A Estação*, *Jornal das Famílias*, *Revista Popular*, *Vida Moderna*, etc. Faleceu no Rio, a 31 de janeiro de 1910.

VOCABULÁRIO

Carreiro (subst.): aquele que conduz um carro de bois; atalho, trilho, veredo, caminho estreito.

Eito (subst.): sucessão, série, seguimento de cousas; *a-eito* (loc. adv.): a-fio, seguidamente. (Brasil): roça onde trabalhavam escravos.

Fremir (v.): bramir; bramar; rugir; agitar-se, estremecer; vibrar.

Jôrro (subst.): grande jacto; saída impetuosa de um líquido; fluência.

Rôlo (subst.) cilindro; pavio de cera; embrulho; cabelo enrolado; riço; vaga, redemoinho; multidão; (Brasil): briga, motim, tumulto, rixa. Outros sentidos.

Ruflar (v.): voar, vibrando as asas; agitar-se produzindo rumor semelhante ao da ave voando; fazer ruge-ruge.

LXVII — UM HOMEM LEAL

MACHADO DE ASSIS

Apaguemos a lanterna de Diógenes: achei um homem. Não é príncipe, nem eclesiástico, nem filósofo, não pintou uma grande tela, não escreveu um belo livro, não descobriu nenhuma lei científica. Não, o homem que achei não é nada disso. É um barbeiro, mas tal barbeiro que, sendo barbeiro, não é exatamente barbeiro. Perdoai esta logomaquia: o estilo ressente-se da exaltação da minha alma. Achei um homem. Si aquele cínico Diógenes pode ouvir, do lugar onde está, as vozes cá de cima, deve cobrir-se de vergonha e de tristeza: achei um homem. E importa notar que não andei atrás dêle.

Estava em casa muito sossegado, com os olhos nos jornais e o pensamento nas estrêlas, quando um pequenino anúncio me deu rebate ao pensamento, e êste desceu mais rápido que o raio até o papel. Então li isto: "Vende-se uma casa de barbeiro fora da cidade, o ponto é bom e o capital diminuto; o dono vende por não entender".

Eis aí o homem! Não lhe ponho o nome, por não vir no anúncio, mas a própria falta dêle faz crescer a pessoa. O ato sobra. Essa nobre confissão de ignorância é um modêlo único de lealdade, de veracidade, de humanidade. Não penseis que vendo a loja (parece dizer naquelas poucas palavras do anúncio) por estar rico, para ir passear à Europa ou por qualquer outro motivo que *à vista se dirá*, como é uso escrever em convites dêstes. Não, senhor; vendo a minha loja de barbeiro por não entender do ofício. Parecia-me fácil a-princípio: sabão, uma navalha, uma cara, cuidei que não era preciso mais escola que o uso, e foi a minha ilusão, a minha grande ilusão. Vivi nela barbeando os homens. Pela sua parte, os homens vieram vindo, ajudando o meu êrro; entravam mansos e saíam pacíficos. Agora, porêm, reconheço que não sou absolutamente barbeiro, e a vista do sangue que derramei faz-me enfim recuar. Basta, Carvalho (êste nome é necessário à prosopopéia), basta Carvalho! É tempo de abandonar o que não sabes. Que outros mais capazes tomem a tua freguesia...

A grandeza dêste homem (escusado é dizê-lo) está em ser único. Si outros barbeiros vendessem as lojas por falta de vocação, o merecimento seria pouco ou nenhum. Assim os dentistas. Assim os farmacêuticos. Assim toda a casta de oficiais dêste mundo, que preferem ir cavando as caras, as bôcas e as covas, a vir dizer chãmente que não entendem do ofício. Êsse ato seria a retificação da sociedade. Um mau barbeiro pode dar um

bom guarda-livros, um excelente pilôto, um banqueiro, um magistrado, um químico, um teólogo. Cada homem seria, assim, devolvido ao lugar próprio e determinado.

(A Semana)

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 64.

VOCABULÁRIO

Casta (subst.): variedade de um animal ou de um vegetal; raça; geração; linhagem; gênero; natureza; qualidade; espécie; sorte.

Cínico (adj.) que se refere ao cinismo ou aos filósofos cínicos (Ver o trecho CLII, pag. 453), (fig.): imprudente, desavergonhado, deslavado, licencioso, obsceno, imoral, descarado.

Diógenes (subst. próprio): Ver o trecho CLII, pag. 454.

Estilo (subst.): haste metálica com que os antigos escreviam em taboinhas enceradas, tendo uma das extremidades aguçada para gravar os caracteres, e a outra chata para apagá-los quando preciso; (fig.): maneira própria de exprimir o pensamento, falando ou escrevendo; esmero na linguagem; feição, carater das produções artísticas; uso, costume, praxe, pragmática; estilete.

Exaltação (substant.): ato ou efeito de exaltar; perturbação mental com excitação, agitação de ânimo; entronização, glorificação, louvor entusiástico.

Lealdade (subst.): fidelidade, franqueza, sinceridade, dignidade, probidade.

Logomaquia (subst.): briga de palavras, confusão de palavras (do grego: *logomachia*, composto de *logos*, discurso, palavra e *maché*, combate).

Prosopopeia (subst.): figura de retórica pela qual se faz falar a uma pessoa ausente ou morta, a um ser personificado, concreto ou abstrato; (fig.): discurso veemente e enfático.

Teólogo (subst.): o que é versado em teologia, que é a ciência das coisas divinas; (por ext.): estudante de teologia.

Veracidade (subst.): conformidade com a verdade; verdade; veridicidade.

Vocação (subst.): ato de chamar; inclinação, pendor, tendência para certo estudo, certa arte, certa profissão, certo estado; jeito, talento.

LXVIII — TERRA DE MINAS

ARDUINO BOLIVAR

Caro berço natal! Salve, Terra de Minas!
País descomunal, cujas belas montanhas
São como esculturais, ciclópicas peanhas,
Donde, erguida, um porvir glorioso descortinas.

Os ventos do sertão, em quérulas surdinas,
Cantam do Bandeirante as épicas façanhas
E os tesouros que, a-flux, nas fúlgidas entranhas
Guardas: o ouro, a esmeralda, as gemas diamantinas.

Tens belezas sem par (e tantas e tamanhas!)
Com que o Brasil e o Mundo assombras e fascinas:
O Itatiaia, o São Francisco em que te banhas.

Tens Vila-Rica, a anciã das lendas e ruínas,
Povoadas de visões olímpicas, estranhas:
Dirceu, Cláudio, Xavier... Salve, Terra de Minas!

Arduino Bolivar nasceu em Viçosa. Fez seus estudos propedêuticos no Colégio do Caraça e em Ouro Preto, formando-se em direito na Faculdade de S. Paulo. Após a sua formatura, foi nomeado promotor público de Carangola e depois juiz municipal de Ubá, onde, com raro brilho, lecionou no Ginásio S. José. Serviu como oficial de gabinete do Secretário da Agricultura e em seguida passou a diretor da Escola Normal Modêlo, cargo em que revelou grande proficiência e zêlo. Deixado êste, continuou como professor de português do mesmo estabelecimento.

Arduino Bolivar, talento cintilante e literato de alto mérito, possue vasta cultura clássica, e é latinista profundo e

consumado sabedor do vernáculo, que estuda com amor e maneja com maestria. E' poeta fecundo, espontâneo e primoroso. Suas poesias correm esparsas em jornais e revistas. Fundou em Carangola *O Progressista* e redigiu em Belo Horizonte o *Diário de Minas*. Colaborou no *Comércio de S. Paulo* e em outros jornais daquele e do seu Estado. Tem várias obras escritas, guardadas no ineditismo pela modéstia excessiva do autor. Entre estas são de citar duas traduções em verso, uma das *Odes de Horácio* e outra das *Bucólicas de* Vergílio, ambas trasladadas com escrupulosa fidelidade e singular elegância. Arduino Bolivar pertence à Academia Mineira de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Minas.

VOCABULÁRIO

A-flux (loc. adv.): em-abundância, em-profusão.

Ciclópico (adj.): relativo aos Ciclopes; (fig.): gigantesco, de grandes dimensões; muito sólido, muito resistente, muito durável. Os *Ciclopes*, segundo a mitologia, eram gigantes sicilianos, que tinham um só ôlho no meio da testa. Eram ferreiros, ou pastores, mas antropófagos. Fabricavam os raios de Jupiter ou Zeus nas forjas do Etna, sob a direção de Vulcano ou Hefaistos. Eram também considerados construtores sobrehumanos, a quem se atribuia a construção das muralhas chamadas *ciclópicas*, principalmente as de Micenas e Tirinto, na Grécia. O mito dos Ciclopes varia entre os poetas antigos, de Homero a Vergílio.

Descortinar (v.): patentear abir, mostrar retirando a cortina; divisar, avistar, descobrir ao-longe.

Épico (adj.): relativo à epopéia, heroico, digno de ser cantado ou exaltado, glorioso, grandioso, heroico. *Epopéia* é o poema em que se celebram as ações gloriosas de um herói ou de um povo.

Façanha (subst.): feito assinalado, ação galharda ou prodigiosa, proeza; (fig): ato censurável ou indecoroso.

Fascinar (v.): enfeitiçar, dominar por encantamento; dominar, encantar; enlevar, arrastar, deslumbrar.

Lenda (subst.): tradição popular; versão fantasiosa de um fato, fábula; narração de sucessos fantásticos; narrativa escrita; (fig.): mentira.

Olímpico (adj.): referente ao Olimpo (Olympos) ou aos seus habitantes; (fig.): nobre, majestoso, venerando; sereno ou belo como um imortal. O *Olimpo*, segundo a mitologia, era a mansão dos deuses, o céu. Era uma montanha da Tessália.

Peanha (subst.): pequeno pedestal, em que se coloca uma imagem, uma cruz, uma estátua; peça do tear em que o tecelão assenta os pés.

Quérulo (adj. poético): lamentoso, queixoso, plangente.

Surdina (subst.): peça que se coloca nos instrumentos para lhes enfraquecer ou abafar o som; som abafado ou sumido, *À* — ou *pela* — (loc. adv.): sem ruído, pela calada; *em* — (loc. adv.): com o som abafado pela surdina.

LXIX — PAIS LEME

João Ribeiro

Um ricaço de S. Paulo tomou a si a exploração regular do interior; a êle se deve o conhecimento do vasto sertão das Minas Gerais, como ao-depois se chamou. Era êste homem já muito maduro, porêm de ânimo juvenil — **Fernando Dias Pais Leme**, experimentado em empresas de igual ordem como eram as bandeiras de caça aos índios. Após a morte de Bezerra, (*) resolveu pessoalmente e à própria custa organizar a empresa de descobrimento, pelo que o Govêrno lhe concedeu por antecipação (1672) o título de Capitão-mór das minas de esmeraldas. No ano seguinte partia a bandeira de Pais Leme (1673) para longa e extrema jornada; de-espaço-

(*) Barbalho Bezerra, a quem o govêrno da Metrópole confiou uma ex-expedição que não se realizou (Nota de J. Ribeiro).

a-espaço, lavravam plantações e formavam estações que deviam ser intemediárias entre o têrmo da expedição e o ponto de partida. Depois de penosas marchas, atingiram a terra deserta, situada entre as cabeceiras do Rio Doce e do S. Francisco, no lugar que é hoje o Sêrro; aí fez quartel o aventureiro, e por quatro anos destacou sortidas para todos os pontos. Ouro ou pedras preciosas não se acharam.

Provações sofreram, incalculáveis: na maior parte os companheiros esmoreceram, e outros, conspirando contra o chefe inflexível, desligaram-se dêle e tomaram o caminho da Pátria. Pais Leme conservou-se indiferente e inacessível ao desânimo. Cheio de seus próprios sonhos, o espírito seu havia-se endurecido, tornando-se alheio à mobilidade das paixões dos que o cercavam e aos rigores e às inclemências do deserto. Despachou um correio à mulher para mandar-lhe de tudo quanto necessitava, e, vindo as suas provisões que a espôsa preparou, não poupando as joias "e os adornos das filhas", internou-se mais pelas florestas ainda hoje ínvias e quase desconhecidas, e atingiu as terras pantanosas de Vupabussú (depois **Lagoa Encantada**).

Aí dizia a lenda que eram em montões as esmeraldas; e aí permaneceu com louca temeridade o ousado bandeirante, mau-grado as febres, a insalubridade da região e o descontentamento dos seus. À sua vontade de ferro tudo se dobrava ou havia de quebrar-se. Numa rebelião deu o duro exemplo de enforcar na primeira árvore um seu filho natural que surpreendera entre os rebeldes. Com êsse castigo, a que a sua louca rudeza emprestava estranha autoridade, todos voltaram à obediência. E afinal, após tantos trabalhos, conseguiram êsses aventureiros achar as pedras preciosas que pesquisavam. Carregados de montões delas, voltaram a S. Paulo, que Pais Leme não conseguiu tornar a ver, por-

que, esfalfado e desfalecido, expirou nas margens do Rio das Velhas. Não teve ao-menos a decepção de verificar, como se verificou, que as pedras que descobrira não eram esmeraldas. O seu genro Manuel Borba Gato, que veio com um novo bando depois nas suas pègadas, chegou ainda a tempo de dar um adeus ao moribundo e de receber-lhe das mãos o ilusório tesouro.

(História do Brasil, curso superior, 1918)

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 182.

VOCABULÁRIO

Empresa (subst.): empreendimento; associação para explorar o comércio; a indústria, etc.; cometimento arriscado, etc.

Esfalfado (part. pas. de *esfalfar* e adj.): tornar fraco por trabalho excessivo, exhaurir as fôrças, cansar muito, fatigar; — *se*: trabalhar em demasia, fatigar-se.

Expedição (subst.): ato de expedir, de enviar, de remeter, de despachar, de resolver; remessa de homens ou de tropas para certo fim; excursão; o conjunto dos que vão na expedição ou expedicionários; desembaraço, despacho, solução; expediente.

Ilusório (adj.): que ilude ou engana, falaz, falacioso, enganoso; falso, vão, irreal.

Inacessível (adj.) que não dá acesso ou entrada a, a que não se pode chegar ou que não se pode alcançar, inatingível; incompreensível; insociável.

Inclemência (subst.): falta de clemência, aspereza, rudeza, dureza; rigor, severidade.

Inflexível (adj.) que não se pode dobrar, inexorável, implacável, austero; impassível, indiferente, firme nas resoluções ou nos princípios, intransigente; sereno.

Pesquizar (v.): procurar com trabalho e diligência, investigar, perquirir; indagar, inquirir; sondar, explorar (um terreno).

Rebelião (subst.): ato de rebelar-se ou revoltar-se; levante, insurreição, revolta.

Sertão (subst.): lugar inculto longe dos centros povoados; florestas e terras distantes da costa; o interior em geral inculto e pouco ou não povoado de um país.

Sortida ou melhor **surtida** (subst.): saída de sitiados contra sitiantes; investida, arrancada.

Têrmo (subst.): balisa, marco, linde, confins, raia, limite; fim, remate; prazo; expressão, palavra; declaração, exarado em documento; área; praia; circunvizinhança; divisão de comarca; etc.

LXX — PARÁFRASES

FONTOURA XAVIER

Sondai a terra... no seu ventre aflito
Revolvei-lhe o **recôndito** tesouro;
E, envolto nas **agruras** do granito,
Encontrareis o ouro...

Sondai o mar... no seu profundo **arcano**
Agita-se a tremer a vaga quérula;
E fundo, bem no fundo do oceano,
Encontrareis a pérola...

Sondai o céu... a noite o **sobreleva**
De treva espessa, que não há rompê-la;
E fundo, bem no fundo dessa treva,
Encontrareis a estrêla...

Sondai o coração... no paroxismo
Ou no **transporte** entrai, mergulhador!
E à-tona ou bem no fundo dêsse abismo
Encontrareis a Dor...

Antônio de Fontoura Xavier é natural do Rio Grande do Sul. Nasceu a 7 de junho de 1856. Fez o curso da Escola Central e bacharelou-se em direito na Faculdade de S. Paulo. Seguiu a carreira consular e diplomática, tendo sido nosso ministro em Guatemala e em Portugal. Fontoura Xavier é poeta de valia, original e aprimorado. Sua poesia é principalmente de fundo filosófico e sócial. Já publicou *Opalas*, *O Regio Saltimbanco* e numerosas traduções de poetas ingleses, americanos, franceses, espanhóis. Tem-se dado também ao jornalismo e redigiu *A Semana* de 1893 a 1895.

VOCABULÁRIO

Agrura (subst.): qualidade do que é agro; aspereza; acerbidade; desgôsto, mágoa, dor.

Arcano (subst.): segrêdo profundo, grande mistério; (adjetivo): oculto; misterioso.

Paráfrase (subst.): explicação ou tradução que tem maior desenvolvimento que o texto; imitação em verso de um passo da Sagrada Escritura; tradução muito extensa; escrito ou discurso longo e difuso; ampliação verbal de um tema.

Recôndito (adj.): escondido, oculto encerrado muito no fundo; (subst.): recanto, esconso; escaninho, lugar muito escondido.

Sobrelevar (v.): ser mais que (outros); suplantar, vencer, levar vantagem a; sobressair.

Transporte (subst.): condução, ato de transportar; barco para transportar; soma que de uma página passa para outra; mudança de tom; êxtase, rapto dos sentidos, arroubo, enlêvo.

LXXI — A PALMEIRA

ALBERTO RANGEL

Palmeira que forneces o mourão do cercado, as talas dos parís com que se constroem os cacurís e outras tapagens dos currais de peixe; e, desde a viga, a ripa e o caibro da casa à talisca da gaiola; que produzes

a fécula, o vinagre, a manteiga, o leite, o alcool, a cortiça, o óleo, o legume, o açucar, a cera, o remédio, o fruto para alimento, refrigério, utensílio, combustível e fumigação; e mais a mobília essencial, a fibra das redes e das cordas, a palha dos chapéus, dos samburás, dos titipís, das vassouras, dos abanos, das peneiras, das toldas das barquetas e das cobertas e paredes dos ranchos mais ou menos transitórios, e até a máquina que puxa água no poço do nordeste. Palmas à palmeira!

Vegetal remanescente das priscas eras da terra, ao qual Linneu (*) outorgou a coroa de príncipe soberano de todo um reino, caule reto e poupa repuxada e farfalhosa de leques e ventarolas. Mastro virente da amplidão, farolão do deserto! Palmas à palmeira!

Sentinela eternal das alturas e baixadas, índice da aridez e padrão da umidade. Raínha do farfalho e do céu aberto, mereceste que um legítimo Rei de duas coroas (**) se dignasse plantar-te no seu hôrto carioca de maravilhas exóticas. Palmas à palmeira!

Acaricia-te a grenha a brisa mareira; arripia-te a coma o vento do sertão onde verdeias. O céu brochado do Cruzeiro é um zimbório que se ampara nos teus capiteis ornamentais. Palmas à palmeira!

Jandaias, arapongas e guaches poisam-te na fronte, que é ninho de palhas bronzeas enterrado no tope de um fuste colunar mergulhado no azul. Amores romannescos de Alencar, saudades de exílio de Gonçalves Dias, entusiasmo e confiança de Arinos, em ti se juntam e estremecem todas as cordas da poesia natal. Palmas à palmeira!

(*) Carlos de Linneu, naturalista e médico sueco (1707-1778), autor de várias obras sôbre botânica e do sistema de classificação das plantas que guarda o seu nome.

(**) Alusão a D. João VI, que elevou o Brasil a reino, formando o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve e que plantou a célebre alameda das palmeiras no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, fundado por êle.

Estaca da vida fincada nas solidões em que pasmas, majestosa e hirta e mesmo inclinada e rasteira, é teu diadema de fôlhas um **canitar de tapuio**; marca solene ou graciosa do seio das valadas, do infinito dos chapadões; bizarra e airosa nas enredaduras do cipoal da mata e na chateza dos campos mais desnudos. Palmas à palmeira!

És harmonia e firmeza, graça e desempeno, retidão e altura! Orgulho do Brasil que levanta no horizonte o seu exército fiel e ardente, firme e inumerável de lanças e penachos. Palmas á palmeira!

(Lume e Cinza)

Alberto do Rêgo Rangel nasceu em Recife, em 1871. Fez o curso de engenharia na Escola Militar do Rio de Janeiro. Oficial reformado do exército, foi diretor de Terras e Colonização e depois secretário de Estado no Amazonas. Alberto Rangel, imaginoso e exuberante, tem um estilo muito pessoal, posto que às-vezes arrevesado. E', todavia, escritor de exata observação, romancista atraente e historiador de mérito. Tem diversas obras publicadas: *Fóra de forma* (panfleto), *Inferno Verde, Sombras n'água, Rumos e Perpectivas, Euclides da Cunha, Quinzena de Campo e Guerra, D. Pedro I e a Marquesa de Santos, Heliogramas, Quando o Brasil amanhecia, Livro de Figuras, Lume e Cinza*, etc. Tem colaborado em vários jornais e revistas do país. E' membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e sócio correspondente do Instituto Histórico de S. Paulo e do Grêmio de Ciências e Artes de Campinas.

VOCABULÁRIO

Aridez (subst): falta de umidade, secura; esterilidade; aspereza; falta de graça, de sedução, de atrativos.

Brochado (p. pas. de *brochar*): pregado com brochas, cravejado. *Brocha* é um prego curto de cabeça chata e larga.

Cacurí (subst.): jiquí, especie de massa feita de varas finas, isto é, um como cesti-

nho afunilado para pescar. (Do tupí).

Canitar (subst.): o mesmo que *cangatar*, ornato ou enfeite da cabeça, espécie de penacho (Palavra tupí).

Exótico (adj.): que provêm de país extranho; extranjeiro; exquisito, fora do comum; desajeitado, achavascado, achamboado, mal-acabado.

Fécula (subst.): amido de batata, amido.

Fuste (subst.): haste de madeira; conto de lança; parte da coluna compreendida entre o capitel e a base; etc.

Guache (subst.): ave brasileira do tamanho de uma pomba. E' de côr negra e tem cauda amarela.

Índice (subst.): dedo indicador, ponteiro; indício; lista de capítulos, paragrafos, etc., de um livro; lista alfabética.

Jandaia (subst.): ave brasileira, espécie de papagaio pequeno, de cabeça, peito e encontros amarelos (Teodoro Sampaio).

Outorgar (v.): conceder; anuir a; dar; declarar em escritura pública.

Padrão (subst.): monumento de pedra erigido pelos portugueses em terras que descobriam; marco; indício.

Parí (substant.): cercado para apanhar peixe, a caniçada ou curral de peixe, tapume de varas para colher peixe.

Prisco (adj. poético.): antigo, remoto, prístino, primevo.

Talisca (subst.): fenda, greta, estilha; veriedade de terreno xistoso e esboroável; pequena lasca. No texto está no sentido de haste muito delgada, varinha.

Tapuio (subst.): indígena do Brasil sujeito aos brancos.

Zimbório (subst.): parte que remata ou cobre externamente a cúpula das grandes igrejas e dos edifícios monumentais.

LXXII — CÍRCULO VICIOSO

MACHADO DE ASSIS

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:
— "Quem me dera que fosse aquela loura estrêla,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!"
Mas a estrêla, fitando a lua com ciúme:

— "Pudesse eu copiar o transparente **lume**,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!"
Mas a lua, fitando o sol com **azedume:**

— "Mísera! Tivesse eu aquela enorme, aquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!"
Mas, o sol, inclinando a rútila capela:

— "Pesa-me esta brilhante auréola de **nume**...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...
Por quê não nasci eu um simples vagalume?"

(Poesias completas. Ocidentais)

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 64.

VOCABULÁRIO

Azedume (subst.): sabor azêdo ou ácido, acidez; azia, acidez do estômago; acrimônia, agastamento, azedúme, irritação, má disposição moral.

Bailar (v.): dansar; oscilar, tremer; andar em afã.

Gótico (adj.): no sentido próprio é o que pertence ou vem dos Godos, uma das tríbus germânicas que invadiram o império romano, por ex. *língua gótica*. Em belas-artes, diz-se da pintura ou da escultura caracterizada pela minúcia da execução e a naturalidade da expressão: *quadro, estátua gótica*. Diz-se também da arquitetura ogival, que sucedeu à romana: *igreja gótica, janela gótica*. E' denominação impróprla, mas consagrada. *Gótico*. (subst.): a língua dos Godos; o estilo, a arte ogival.

Lume (subst.): fogo, desenvolvimento de calor e luz; substância ardendo; luz, clarão, brilho. *Dar* ou *tirar a lume* (loc.): publicar; *fazer lume*: acender fogo; *ferir lume*, fazer sair chispas, apressar-se; *trazer a lume*: revelar, manifestar; *vir a lume*: ser publicado; realizar-se.

Nume (subst.): divindade, poder celeste; deus do paganismo; gênio, espírito sobrenatural; influxo, inspiração superior; *nume tutelar*: espírito, gênio protetor.

LXXIII — A MENINICE

BENTO ERNESTO JUNIOR

A meninice — nesga de azul imaculado no céu da vida — passei-a eu — quantos anos lá vão! — ao vosso lado, alí, naquele pitoresco retalho de terra — vale fresco e verde, todo cortado de águas murmurosas, com chácaras espalhadas nos serros e vinhedos verdejando nas quintas.

As barrancas do pequeno rio, que se desdobra através do povoado à feição de uma grande fita branca de aço reluzente, portos e quintalejos, carreiros e grotões, viram-nos sempre juntos, descuidosos, risos francos nas bôcas infantís, alegrias dôidas no olhar sem névoas, em pescarias, à caça de ninhos nos moitais folhudos ou à colheita de frutos nos campos, lá pelo alto dos espigões ou no baixio das várzeas, entre os tufos verdes do rosmaninho cheiroso.

Muita vez, ficávamos, à sombra dos ipês floridos, a brincar, esquecidos de todo o mundo restante, ocupados em estancar a água dos córregos ou, numa grita grande, selvagem, lançando fogo às moitas escuras do samambaial ressequido, que rebuçava a terra vermelha dos lavrados.

Debalde o sino grande da matriz, do alto da tôrre branca, chamava-nos para a escola, ao-pé da ponte, despedindo badaladas sonoras, vibradas pela mão calosa do Benedito Sacristão.

Ficávamos por alí horas e horas, enlevados nos brinquedos, e, quando, ao outro dia, chegavamos à escola, para nós a aula transcorria toda num mêdo grande, a tremer no banco, receiosos do castigo.

De tudo isso me lembro — dos irmãos, dos companheiros de brinquedos das festas na igreja lá do alto,

do Natal, dos presepes cheios de frutos e pastorinhas de miôlo de pita sêca, de todos aqueles pequeninos nadas encantadores da doce vida **provinciana**, aquele viver pitoresco dos campos, passado na convivência com a alma simples dos **campônios**, lado a lado constantemente com as belezas mais arrebatadoras da natureza, em sua primitiva e cativante simplicidade — os animais e as árvores, as águas dormentes das lagoas e o contôrno fantástico dos serros enevoados, as madrugadas claras, barradas de pétalas de rosas e **palhetas** de ouro fôsco, cantos de pássaros, marulhos de fontes e zumbir de abelhas, na **azáfama** rendosa da colheita do mel, as flores silvestres pendendo em festões orvalhados de sôbre os muros brancos das chácaras.

Bento Ernesto Junior nasceu em Itapecerica (Minas), a 25 de agosto de 1866. Deu-se ao jornalismo, colaborando ativamente em jornais e revistas. Durante muitos anos exerceu, com singular proficiência, o cargo de inspetor técnico do ensino. Bento Ernesto é, antes de tudo, poeta e como tal se distingue pela espontaneidade da inspiração e pelo lirismo delicadissimo de suas poesias, algumas perfumadas de um misticismo sincero e confiante. Sua linguagem agrada pela simplicidade e pela limpidez. Tais qualidades consagraram-lhe o nome nos círculos literários tanto do Brasil como de Portugal. Tem publicados: *Átomos líricos* e *Frondes* (verso) e *Vida Aldeã* (contos), além de numerosas produções esparsas. Pertence â Academia Mineira de Letras.

VOCABULÁRIO

Azáfama (subst.): multidão de pessoas atarefadas; afluência de negócios; pressa, afã, atividade.

Baixio (subst.): banco de areia, rochedo sob a água perigoso à navegação, escolho; estôrvo, perigo. No texto está o vocábulo tomado no sentido de *baixada*.

Campônio (subst.): o que vive ou trabalha no campo, camponês, rústiço, roceiro.

Grotão (subst.): grota grande, terreno levemente inclinado na intersecção de duas montanhas.

Ipê (subst.): gênero de árvores bignoniáceas do Brasil (*Tecoma ipê*), que dá lindas flores de um amarelo vivo como ouro.

Lavrado (subst.): terra lavrada ou arada; lavor de agulha, bordado; (Brasil): contas de ouro que formam colar; adornos de ouro e prata.

Moital (subst.): série ou seqüência de moitas, extensão coberta de plantas rasteiras ou arborescentes.

Palheta (subst.): lâmina de metal ou de madeira existente em certos instrumentos de sôpro; peça em que tocam os dentes da roda menor dos relógios; propulsor de rodas hidráulicas; pau de jogar a péla; lâmina de madeira para modelar obras de gesso, etc.

Provinciano (adj.): que habita na província, no interior, que não tem os hábitos da capital; (subst.): morador na província ou natural dela.

Rebuçar (v.): cobrir com capa ou com rebuço; ocultar, esconder, velar; disfarçar, dissimular.

Vinhedo (subst.): terreno onde crescem videiras, vinha, vinhal.

LXXIV — SALMO I (*)

FAGUNDES VARELA

Ditoso o justo que afastado vive
Do concílio dos maus e do caminho
Trilhado por perversos pecadores!
E que nunca ensinou, bem como o ímpio,
Do negro vício as máximas corruptas!

(*) Chamam-se *salmos* os poemas sacros da Bíblia, os quais se destinavam a ser cantados com acompanhamento de harpa. Contam-se de ordinário cento e cincoenta, a metade dos quais é da autoria de Davi, rei de Israel. Os demais pertencem a Asaf, um dos principais músicos de Davi, aos filhos de Coré e a outros. A poesia dos salmos, escritos em versos hebraicos, é de arrebatadora grandiosidade, de um lirismo religioso férvido e comovente. Êles celebram Deus, a sua magestade, sabedoria, misericórdia, e o homem com sua franqueza, suas misérias, sua confiança. O trecho acima é uma paráfrase do salmo I, atribuido a Davi. São notáveis as paráfrases do poeta fluminense Padre Antônio de Sousa Caldas (1762-1814), o maior poeta sacro da nossa língua.

Ditoso o homem que fiel concentra
De seu Deus Criador na lei divina
Todo o seu pensamento e o seu afeto,
E nela só medita noite e dia!

Êle será qual árvore frondosa,
Banhada por arroios cristalinos,
Que bons frutos produz na quadra própria
E nunca perde o viço e a louçania.

Quanto a sorte do ímpio é diferente!
Brinco do acaso, das paixões joguete,
Assemelha-se ao pó que o vento agita
E sôbre a terra desdenhoso espalha.

No dia, pois, do santo julgamento
Perante o Deus severo, confundido,
Fulminado será, deixando ao justo
O prêmio prometido: — a glória eterna!

(Obras completas — Cantos religiosos)

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 105.

VOCABULÁRIO

Afeto (subst.): amizade terna, simpatia para com alguêm, sentimento; (adj.): afeiçoado, dedicado; pertencente à alçada de; entregue ao julgamento ou apreciação de.

Arroio (subst.): regato, ribeiro, córrego; pequeno curso de água não permanente.

Brinco (subst.): ato de brincar; objeto que serve às crianças para brincarem; brinquedo; brincadeira; dito engraçado, gracejo, galhofa; enfeite para as orêlhas, arrecada.

Concílio (subst.): junta, reünião, assembléia de prelados

católicos para decidirem pontos de doutrina ou disciplina eclesiástica; (por ext.): reünião, concurso, assembléia; — *ecumênico*: reünião dos bispos de toda a cristandade convocados e presididos pelo Papa.

Desdenhoso (adj.): que revela desdêm ou desprezo para, sobranceiro, altivo.

Ditoso (adj.): feliz, afortunado, venturoso, bem-aventurado.

Fulminar (v.): lançar raios contra, ferir com raios; atacar ou ferir subitamente; aniquilar; invectivar; (int.): despedir raios, fulgurar.

Joguete (subst.): aquele ou aquilo que serve de brinquedo ou de ludíbrio; brinco, brinquedo; pretexto para troça.

Lei (subst.): preceito emanado da autoridade soberana para ser obrigatoriamente obedecido por todos; obrigação, norma, moral; relação constante entre fenômenos, fatos; conjunto de normas, de preceitos, de prescrições, etc.

Louçania (subst.): qualidade do que é loução, garridice, garbosidade, elegância, enfeites vistosos, garridos, louçainha; galas de expressão, de estilo, etc.

Máxima (subst.): sentença ou preceito moral; conceito, apotegma: axioma.

LXXV — CORAGEM EVANGÉLICA DE UM SACERDOTE

JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS

O **tronco** da cadeia do arraial (*) ficava constantemente cheio de presos, que muitas vezes aí pereciam na miséria pelo mau tratamento que recebiam: eram algumas pessoas que, por espírito de **filantropia** ou caridade, socorriam êsses desgraçados, o que faziam às ocultas com receio de serem consideradas suspeitas.

(*) Arraial do Tijuco, hoje Diamantina, assim chamado por causa do arroio em cujas margens se fundou a povoação, o qual tinha o nome de *Tijuco*, palavra tupi com a significação de *lama*. Achava-se situado em terrenos auríferos e diamantíferos muito ricos, que logo atraíram inúmeros aventureiros sedentos de enriquecer-se, apesar das severas proibições da Metrópole.

No ano de 1785 viera ao Tijuco o dr. Brandão, vigário da vila do Príncipe, (*) célebre orador do púlpito, convidado a prègar em uma festa que se ia celebrar com grande pompa na igreja do Carmo. Era o dr. Brandão um dos raros sacerdotes daquele tempo que sabiam compreender sua missão: de vida exemplar, caridoso, intrépido que faria recordar as virtudes dos antigos mártires, pronto em socorrer os oprimidos e disposto a todos os sacrifícios a bem da humanidade.

Logo que os desgraçados presos (**) do Tijuco, muitos dos quais jaziam no tronco sem culpa alguma, souberam de sua chegada, mandaram implorar-lhe a proteção: os sentenciados para se lhes melhorar a condição, e os inocentes para obterem a liberdade de que se viam privados injustamente. O digno sacerdote foi visitá-los e ficou horrorizado do estado lastimoso e da miséria em que os viu. Procurou consolá-los, esmolou aos mais necessitados, aconselhou-lhes a resignação e prometeu interceder por êles com o intendente (***). Nada, porêm, pôde conseguir do inflexível magistrado.

Era chegado o dia da festa. Reünido um numeroso auditório na igreja do Carmo, o dr. Brandão, compenetrado do sagrado ministério de que estava revestido, com a coragem que lhe inspiravam suas virtudes evan-

---

(*) *Vila do Príncipe* é o primitivo nome da atual cidade do *Sêrro*.

(**) Esses presos eram *garimpeiros*, isto é, aqueles que se davam à mineração clandestina dos diamantes, a qual era proïbida pela legislação colonial, sob graves penas; degrêdo, confisco, açoite, prisão, etc. As patrulhas del rei vigiavam e impediam o mais que podiam o contrabando, travando-se muitas vezes, entre êles e os garimpeiros renhidos combates. Os contrabandistas capturados eram severamente punidos.

(***) O intendente fiscalizava as minerações, instaurava processos, etc. com alçada no cível e no crime. O intendente a que se refere o autor é o famoso José Antônio de Meireles Freire, cognomidado o *Cabeça de ferro* pela sua obstinação e dureza. Não admitia a minima contradição ao que ordenava, ainda que reconhecesse o absurdo da ordem dada. Foi cruel e acérrimo perseguidor dos garimpeiros, aos quais votou guerra de extermínio.

gélicas, prègou um eloqüente sermão, que possuimos manuscrito como uma preciosidade. Ocupou-se quási exclusivamente da obrigação que devem ter os magistrados de usar de **indulgência** na aplicação das leis penais, não devendo a punição ser inspirada por ódio ou vingança, e sim pelo espirito de justiça e eqüidade. Depois de apresentar o quadro tocante dos sofrimentos dos povos da demarcação diamantina e das perseguições de que eram vítimas, passou a falar da cadeia: então **apostrofando** o intendente; que se achava presente, no meio do pasmo e admiração geral, exclamou:

"**Ministro** de Satanaz! como aferrolhas míseros inocentes nesse horrível **calabouço**, cujo único crime foi terem cavado na terra os tesouros que a Providência aí ocultou para sustentarem a vida? Um dia, talvez em breve, a inocência clamará contra ti no **tribunal** divino, longe das paixões do mundo; e a maldição de Deus pesará sôbre tua cabeça!"

Terminado o sermão, julgou-se que o intendente trataria de vingar-se da apostólica ousadia do ministro; mas, pelo contrário, mandou logo pôr em liberdade todos os que estavam presos injustamente e suavizar a sorte dos criminosos, mandando tirá-los do tronco.

Dize que, dêsse dia em-diante, o intendente tornara-se mais **humano** com os povos da demarcação (*).

(Memórias do Distrito Diamantino)

Dr. Joaquim Felício dos Santos nasceu no Serro, a 1.º de fevereiro de 1828. Estudou preparatórios em Congonhas do Campo, no afamado colégio dirigido pelos padres lazaristas. Em 1850, com 22 anos de idade, formou-se em ciências jurídicas e sociais na Faculdade de S. Paulo, indo advogar

(*) *Demarcação diamantina* era a área demarcada dentro da qual era proïbida a mineração do ouro e dos diamantes, monopólio da corôa.

em Diamantina, onde teve ocasião de se revelar um profundo conhecedor do direito. Foi deputado geral na monarquia e tomou parte, como senador, na Constituinte de 1890. Dedicou-se também ao jornalismo, fundando em Diamantina *O Jequitinhonha*, bissemanal "político, literário, comercial e noticioso", de feição liberal. Neste periódico, Joaquim Felício propugnou por alevantados ideais políticos e sociais, inclusive a abolição do cativeiro. Durante o govêrno provisório, presidiu a uma comissão de três juristas encarregada de elaborar a *lei eleitoral*, tendo sido rejeitado o projeto que ela apresentou por *"ser bom demais"*.

Joaquim Felício é uma individualidade que honra Minas, já pelo seu talento e ilustração, já pelo seu caráter elevado e puro, já pelo seu civismo ardente e intrépido. Foi jornalista, jurisconsulto, historiador e romancista. Estilo ático e fluente, descrições felizes, narrações animadas, tais são os dotes de Joaquim Felício como escritor. Como historiador é imparcial e escrupuloso. Escreveu: *Acaiaca* (romance indígena), *Os Invisíveis* (novela), *Braz* (idem), *O Inferno, Fragmentos de um manuscrito, Um manuscrito velho, Cenas da vida de um garimpeiro, O acaba mundo, O capitão Mendonça, O Brasil no ano 2000* (trabalho crítico-humorístico-histórico), *John Bull, O intendente dos diamantes, Os importunos* (peças de teatro), *Memórias do Distrito Diamantino* (obra histórica de grande valor), *Apontamentos para o Código Civil*, de alto mérito jurídico.

Joaquim Felício morreu no Beriberi, perto de Diamantina, aos 21 de outubro de 1895.

VOCABULÁRIO

Apostrofar (v.): dirigir apóstrofe a. *Apóstrofe* é a interrupção que o orador faz no discurso para dirigir-se a pessoas ou cousas, reais ou fictícias; interpelação direta e imprevista; dito mordaz contra alguem.

Auditorio (subst.): reunião de pessoas para ouvirem oradores ou para ouvirem os debates de uma audiência ou sessão; lugar onde tais pessoas se reünem.

Calabouço (subst.): prisão subterrânea; cárcere sombrio, masmorra.

Esmolar (v.): dar esmola ou como esmola: Um velho soldado de Aljubarrota achará

sempre quem lhe *esmole* (= lhe dê de esmola) uma mealha (Herc., apud Aulete); pedir de esmola: E os filhos do varão ilustre teriam de *esmolar* (= mendigar) ás portas (Garret apud Aulete).

Filantropia (subst.): amor aos homens, sentimento que leva os homens a buscar-se e a amar-se uns aos outros como entes que pertencem á mesma espécie (E' palavra composta de dois elementos gregos: *phílos*, amigo, *ánthropos*, homem).

Humano (adj.): relativo ao homem ou próprio dêle; humanitário, compassivo.

Indulgência (subst.): qualidade de quem tende a perdoar ou desculpar; clemência, tolerância; remissão de pecados: — *plenária*.

Interceder (v): pedir em favor de alguêm, ser medianeiro ou intermediário.

Lastimoso (adj.): que faz lástima, que inspira dó ou compaixão; miserando, desgraçado.

Ministro (subst.): o que exerce um cargo ou uma função; executor; membro de um ministério ou chefe de uma secretaria de estado; enviado de um govêrno junto ao govêrno de outra nação; sacerdote, padre.

Tribunal (subst.): cadeira de juiz; casa em que se decidem litígios ou demandas; fôro, juizo.

Tronco (subst.): caule; parte da árvore entre a rama e a raiz; corpo humano excetuados os membros e a cabeça; cepo; mastro de navio; família, origem, estirpe; (ant.) cárcere; parte de um sólido geométrico cortado por um plano perpendicular ou oblíquo a eixo do mesmo sólido; tapume para ferrar ou pensar o gado.

LXXVI — A LíNGUA PORTUGUESA

OLAVO BILAC

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrôlo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouví: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 32.

VOCABULÁRIO

Arrôlo (subst.): cantilena para adormecer as crianças.

Camões (subst. próprio). Luiz Vaz de Camões (1524-1580), célebre poeta épico e lírico português, autor de *Os Lusíadas*, de formosos sonetos, canções, odes, elegias, éclogas, do *Auto del rei Seleuco*, *Filodemo*, *Os Anfitriões*, etc. E' o maior vulto literário de Portugal, durante o Renascimento e o seu maior poeta.

Clangor (subst.): o som das trombetas.

Ganga (subst.): substância mineral que contêm metais com ela misturados.

Gênio (subst.) espírito bom ou mau que, segundo acreditavam os antigos, presidia aos destinos de cada homem; espírito; grande talento; índole, aptidão especial, temperamento; índole irascível, irritabilidade, natural agastadiço.

Lácio (subst. próprio): antiga região da Itália central, situada ao-longo do mar Tirrênio, entre a Etrúria ao N. e a Campâna ao S.E. Era habitado pelos *latinos*, que ficaram sob a dominação de Roma. Falavam o *latim*, primitivamente simples dialeto itálico em uso no vale do Tibre. Com a dilatação do poderio romano, o latim se expandiu, diferenciando-se em diversos dialetos, dentre os quais o português, o castelhano, o provençal, o franco-provençal, o francez, o rético, o rumeno, etc.

Lira (subst.): instrumento músico de cordas, que se feriam ora com os dedos, ora com um plectro; (fig.): talento poético, poesia. Tem outros significados.

Nativo adj.): que nasce; natural; produzido só por ação da natureza; congênito.

Silvo (subst.): síbilo, sibilação, assobio.

Tuba (subst. poético): trombeta, instrumento de sôpro, feito de metal, de forma afunilada.

Trom (subst.): som do canhão; espécie de catapulta. E' vocábulo onomatopaico.

LXXVII — A ÁRVORE

COELHO NETO

Ninguêm sabia explicar como, em tão árido deserto, conseguira medrar a árvore propícia.

Fora da sombra ameníssima da sua copa tudo era esterilidade adusta — areias amarelas, sem erva, sem sulco de riacho, esbraseando ao sol.

Os viajantes respiravam aliviados quando, de-longe, avistavam o vulto frondoso da árvore; os animais amiüdavam os passos e, sob a densa e derramada folhagem, impenetrável aos raios caniculares, juntavam-se as caravanas, e, como havia uma cisterna no diversório virente, todos bebiam à-farta e renovavam a provisão dos odres.

A providência daquela árvore não era apreciada, mal lhe prestavam atenção os viajantes e muitos, por passatempo, escorchavam-lhe o tronco com as facas, detoravam-lhe os ramos ou acendiam fogueiras sôbre as suas robustas raízes.

Certo ancião, abrigando-se à sombra da árvore, descobriu que um mal roaz a consumia e logo, piedosamente, pôs-se a tratá-la com o desvelo carinhoso com que se dedicaria a um ser humano. Mofaram da sua paciência

os homens da caravana, e o velho, sem agastar-se, assim lhes falou: — Rides de mim porque pratico o bem; talvez venhais a arrepender-vos da vossa descuidosa ingratidão, quando, de-regresso, não achardes sombra que vos acolha. A árvore sucumbe, nada há mais a fazer-lhe.

Foram-se os caminheiros.

Certa tarde, a um rijo golpe de vento, a árvore, cuja folhagem amarelecera, rolou, com fragor, ao solo.

Vinha de-volta a caravana, e os homens antegozavam a delícia de um lento repouso à sombra, quando passmaram do encontro: **ruïnaria** — fôlhas sêcas, ramos quebrados e o tronco **desconforme** meio coberto pelas areias.

A cisterna ficara entulhada, e a **alfombra** verde morrera ressequida.

Foi então que os homens compreenderam o valor da árvore e a fortuna que haviam perdido.

Pobre árvore! enquanto viveu, foi sempre desprezada, sofrendo toda a sorte de maus tratos; morta, porêm, deixando o vazio, eis todos lamentando a sombra agasalhadora que ela, sempre generosa, oferecia, as flores de perfume suave que se abriam nos seus ramos, os pássaros que nêles se juntavam, alegrando a região com os seus cantos concertados, a água que parecia brotar das suas fundas raízes.

Ainda hoje, os que trilham o deserto **inóspito**, mostrando um **toro** que aparece acima das areias, param e, tristemente, murmuram:

— Era aquí que a grande árvore, coberta de flores e de passarinhos, abria às caravanas a sua sombra hospitaleira.

(Fabulário)

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 36.

VOCABULÁRIO

Alfrombra (subst.): alcatifa, tapête, tapiz; campo coberto de relva ou de grama.

Canicular (adj.): relativo à canícula; calmoso.

Caravana (subst.): reünião de mercadores, de peregrinos, de viajantes, que se juntam para atravessar com segurança os desertos; (fig.), grupos de viajantes que andam juntos.

Cisterna (subst.): pôço estreito aberto para tirar-se água.

Desconforme (adj.): não conforme com, oposto; enorme, desmedido, desmarcado; desporcionado; desmesurado.

Detorar (v. Neol.): decepar, cortar.

Diversório (substant. Neol. de significação): desvio, recanto; volta, sinuosidade de caminho. Melhor teria dito o autor *deversório* (do lat. *deversorium*, lugar onde se pára para pousar, pousada, estalagem, albergue; asilo, retiro).

Escorchar (v.): tirar a corcha (casca de árvore, cortiça) a; descascar, excorticar, descortiçar; esfolar, tirar a pele ou o coiro; excoriar; crestar (colméias); estropiar; falar (mal uma língua); tratar com erros (um assunto); roubar, despojar, levando tudo o que se acha, etc.

Inóspito (adj.): que não dá hospitalidade, que não acolhe; em que não se pode viver, aspero, desabrido, desagasalhado (sitio, regiões, etc).

Mofar (v.): motejar, chasquear, zombar de, troçar, caçoar de. Dar môfo, criar mofo.

Roaz (adj.): que rói; devorador, destruïdor. que tem bom apetite.

Ruïnaria (subst.): conjunto de ruínas; restos de construções desmoronadas.

Toro (subst.): tronco de árvore sem rama; cêpo; pedaço de cabo náutico, etc.

LXXVIII — A LEOA

RAIMUNDO CORREIA

Não há quem a emoção não dobre e vença,
Lendo o episódio da leoa brava,
Que, sedenta e famélica, bramava,
Vagando pelas ruas de **Florença**.

Foge a população **espavorida**,
E na cidade deplorável e êrma
Topa a leoa só, quási sem vida
Uma infeliz mulher débil e enfêrma.

Em-frente à fera, um estupor de assombro,
Não já por si tremia, ela, a **mesquinha**,
Porêm, porque era mãe e o pêso tinha,
Sempre caro p'r'as mães, de um filho ao ombro.

Cegava-a o pranto, enrouquecia-a o chôro,
Desvairava-a o pavor!... e entanto, o lindo,
O tenro infante, pequenino e louro,
Plácido estava nos seus braços rindo.

E o olhar desfeito em pérolas celestes
Crava a mãe no animal, que pára e hesita,
Aquele olhar de súplica infinita,
Que é só próprio das mães em transes dêstes.

Mas a leoa, como si entendesse
O amor de mãe, incólume deixou-a...
É que êsse amor até nas feras vê-se!
E é que era mãe talvez essa leoa!

(Poesias, *edição portuguesa*, 1906)

Ver a notícia biobibliográfica à pag. 24.

VOCABULÁRIO

Débil (adj.): fraco, sem fôrças, sem energia; pouco forte, pouco perceptível; diminuto, pouco, mingado.

Espavorido (p. pas. de *espavorir* e adj.): apavorado, amedrontado, aterrado, assustado; espantado.

Estupor (substant.): entorpecimento das faculdades inteletuais, acompanhado de uma espécie de imobilidade e de uma expressão de espanto ou indiferença na fisionomia; imobilidade causada por espanto, surpresa, etc.

Famélico (adj.): faminto, esfaimado, esfomeado, ávido, insaciável.

Florença (subst. próprio): cidade da Itália, capital da Toscana.

Incólume (adj.): livre de dano, são e salvo, ileso.

Mesquinho (adj.): pobre, indigente, que não tem o necessário; desditoso, infeliz; pouco primoroso, falto de graça, imperfeito, mediocre; avarento, sovina; pequeno, pouco.

Transe (substant.): conjuntura aflitiva ou perigosa, momento crítico, perigo, lance; ato ou efeito arriscado; duelo, combate; aflição, lance, dor. *A-todo-o-transe* (loc. adv.): a-todo-o-custo, por mais que custe, pertinazmente, sem desanimar.

LXXIX — O BARÃO DO RIO BRANCO

EDUARDO PRADO

No Barão do Rio Branco encontra-se esta rara superioridade: a de ser, por herança e por educação, um homem votado, exclusivamente, às cousas da Pátria. Por êsse lado, o Barão do Rio Branco, vivendo numa época em que, em toda parte, o interêsse coletivo e nacional parece diminuir, cada dia mais, diante das paixões e das comodidades de cada um, constitue uma individualidade fora do seu tempo.

O fim da sua vida, fim que não conseguiu sem longos anos de um sacrifício aturado e ignorado, foi conhecer o Brasil, no seu solo, nos seus produtos, no seu céu, nas suas raças, na sua vida no passado, nas condições de sua existência no presente e na sua capacidade de crescimento e de grandeza no futuro. A erudição que conseguiu ter a respeito do Brasil é, por assim dizer, salomônica. O rei de Judá conhecia, segundo a Bíblia,

desde o hissope ou musgo apegado às pedras das muralhas, até o cedro do Líbano, desde o inseto que se esconde na relva até o leviatã dos mares. O que o Barão do Rio Branco sabe sôbre o Brasil é uma cousa vertiginosa. É capaz de escrever, sem esquecer uma minúcia, como eram feitas as naus de Pedro Alvares Cabral, de que tecido vinham vestidos os seus marinheiros e os nomes das plantas mais vulgares na praia de Porto Seguro, onde ancoraram aquelas naus. Leu tudo quanto há impresso, copiou ou fez copiar todos os manuscritos, fez dêles extratos, distribuiu êsses extratos, em forma de notas, pelas páginas de todos os livros que tratam do Brasil; retificou, esclareceu, corrigiu, explicou, emendou e ampliou êsses livros; e, com o mundo das suas notas, poderá êle um dia publicar uma história e uma descrição geral do Brasil, que será um monumento.

Sôbre qualquer assunto brasileiro o Barão do Rio Branco tem sempre, nalguma gaveta, a última palavra.

Quando, em 1893, o govêrno brasileiro o encarregou de ir a Washington, na qualidade de ministro, em missão especial, defender perante o árbitro, presidente Cleveland, os direitos do Brasil ao território de Palmas, impropriamente chamado de Missões e contestado pela República Argentina, o Barão do Rio Branco tirou da sua estante algumas das suas famosas pastas de documentos acumulados e anotados de há longos anos, e os mapas, as memórias comparadas começaram a surgir. Os documentos que não possuia, êle sabia com exatidão onde estavam, e foram prontamente copiados nos arquivos e nas bibliotecas. Com êles e sôbre êles pôde escrever a sua Memória, que é um modêlo no gênero.

. . . . . .

Na modesta casa em que vive, no seu retiro de Auteuil, o pitoresco subúrbio que ainda hoje prestigiam

as sombras de **Molière**, do meigo **La Fontaine** e dos **Goncourt**, na sua imensa biblioteca, no meio da desordem apenas aparente, dos seus documentos e dos seus mapas, poucas são, das vinte e quatro horas do dia, as que o Barão do Rio Branco não consagra às suas pesquisas e às suas leituras.

Em todos êsses trabalhos é guiado por um grande espírito de verdade e de rigor de observação. As mais árduas verificações de fatos desenterrados das crônicas obscuras e da confusão dos documentos, a retificação mais longa dos cálculos astronômicos, tudo isto seria uma tarefa pouco interessante, si não fosse presidida pelo sentimento. No Barão do Rio Branco, porêm, há o sentimento que vivifica e nobilita. Não é o orgulho de uma erudição estéril: é o desejo de servir a sua terra. A maior prova de amor que se pode dar às pessoas é nunca as esquecer. E êle nunca esquece a sua pátria. A sua divisa é: *Ubique patriae memor!* (*Em toda a parte lembrado da pátria!*)

(*Colectâneas*, S. Paulo — 1904)

Eduardo da Silva Prado (S. Paulo, 27 de novembro de 1860; S. Paulo, 30 de agosto de 1901). Estudou algum tempo no Seminário da sua cidade natal e em 1881 formou-se em direito na Faculdade da mesma. Percorreu o mundo em interessantes viagens. Em Lisboa e em Paris travou relações com intelectualidades de renome universal, entre os quais Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Antero do Quental, etc., fazendo-se de todos admirar pelo seu talento, ilustração e aprimorada cultura artística. Patriota sincero e ardoroso, inteligência diáfana e poderosa, temperamento combativo e carater puro, empregou todos êsses predicados na defesa dos seus princípios e no amor à sua terra. O seu estilo é nervoso, ático e brilhante, e, ainda mesmo nas críticas mais aceradas, a sua linguagem é comedida e cortês.

Realça-a vasta erudição adquirida nas suas viagens e demoradas visitas às bibliotecas dos países estranjeiros. Eduardo Prado era monarquista de-coração e como tal combateu com veemência as instituições republicanas no nosso país. Dirigiu (1896-1899) o *Comércio de S. Paulo*, tendo também colaborado em diversos jornais e revistas: *Revista de Portugal*, o *Constitucional* (S. Paulo), *Comédia*, *Correio Paulistano*, *Gazeta de Notícias*. Deixou publicados os livros: *Fastos da Ditadura Militar no Brasil*, *A Ilusão Americana*, *A Bandeira Nacional*, *Viagens à Sicília, Malta e Egito*, *Viagens na América*, *Oceania e Ásia*, *Do Estudo do Passado Brasileiro*, *Colectâneas* (4 vols.), *O Catolicismo*, a *Companhia de Jesus e a Colonização do Brasil* (no tricentenário de Anchieta). Eduardo Prado pertenceu ao Instituto Histórico de S. Paulo, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e à Academia Brasileira de Letras, na qual ocupava a cadeira Visconde do Rio Branco.

VOCABULÁRIO

Árbitro (subst.): juiz nomeado para decidir uma contenda, uma questão; o que decide segundo a sua opinião; louvado; perito; avaliador.

Árduo (adj.): escarpado, de acesso difícil; trabalhoso, penoso, custoso, difícil.

Arquivo (subst.): depósito em que se guardam diplomas, documentos, escrituras, papéis, etc.; cartório; pessoa dotada de boa memória; certas publicações periódicas.

Áturado (part. pas. de *aturar* e adj.): seguido, persistente perseverante, contínuo, sustentado, tenaz.

Bíblia (subst.): o conjunto dos livros do Antigo e do Novo Testamento, a Sagrada Escritura. O Antigo Testamento abrange os livros sagrados dos Judeus e são anteriores a Jesus Cristo, a saber: I) o Gênese, o Êxodo, o Levítico, os Números o Deuteronômio; II) os Profetas (Josué, Juizes, Samuel, Reis, Isaias, Jeremias, Ezequiel, Oséas, Joel, etc.); III) Os Salmos, os Provérbios, Job, o Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações de Jeremias, Eclesiastes, o Livro da Sabedoria, Ester, Daniel, etc. O texto primitivo dêsses livros é em hebraico. Foram vertidos em grego pelos *Setenta* (versão dos Setenta), por ordem de Ptolomeu II, Filadelfo, em Alexandria, no século III A. C., e em latim por S. Jerô-

nimo (*Vulgata*), entre 390 e 463 depois de Cristo. O Novo Testamento abrange os livros cristãos, a saber: os Evangelhos (S. Mateus, S. Lucas, S. Marcos e S. João Evangelista), as Epistolas (S. Paulo, S. Pedro, S. João, S. Tiago), os Atos dos Apóstolos e o Apocalipse.

Coletivo (adj.): que se refere à coletividade, social; que abrange muitas pessoas ou cousas ou que pertence a elas.

Crônica (subst.): narração histórica segundo a sucessão dos tempos; noticiário dos jornais; vida particular de cada pessoa.

Divisa (subst.): marca, limite; distintivo de um pôsto, de um cargo; emblema; frase simbólica que indica a idéia principal de um partido, de uma corporação, a norma de proceder de um indíviduo. etc.

Documento (subst.): aquilo que ensina ou que serve de exemplo ou de prova; declaração escrita para servir de prova; título.

Erudição (subst.): conhecimentos amplos, saber vasto, instrução larga e variada.

Extrato (subst.): coisa extraída; produto da evaporação de uma substância; trecho, fragmento tirado de uma obra; resumo, sinopse, síntese.

Goncourt (Edmundo Luiz Antônio e Júlio Alfredo Hout de): romancistas franceses do século XIX.

Hissopo (subst.): gênero de plantas, família das labiadas. Há várias espécies na Europa e na Ásia. Daí é que deriva *hissope*, instrumento formado de um cabo de madeira ou de metal terminado numa bola com orifícios, em que há ou não pêlos, para fazer-se aspersão de água benta, aspersório.

La-Fontaine (subst. próprio. *João de*): célebre poeta francês (1621-1695), autor de conhecidas fábulas e de muitas outras composições poéticas.

Leviatã (subst.): animal monstruoso de que se fala em vários passos da Bíblia. E' talvez o crocodilo do Egito ou a baleia. Por extensão: grande monstro marinho.

Líbano (subst. próprio): cadeia montanhosa da Síria, paralela ao mediterrâneo, Outrora, frondejavam no Líbano soberbos cedros (hoje rareados), muito citados na Bíblia.

Memória (subst.): faculdade de reter idéias, imagem, noções, etc.; lembrança, reminicescência; fama, reputação, renome que fica de alguêm ou de alguma cousa; dissertação sôbre um assunto; exposição sumária; relação, memorial, etc. No plural: narração de fatos presenciados pelo narrador ou nos quais êle tomou parte.

Minúcia (subst.): minudência, coisa miúda, particularidade,

pormenor: Substitue o espúrio *detalhe*, galicismo escusado.

Molière (subst. próprio): João Batista Poquelin, dito): o maior poeta cômico francês (1622-1673).

Prestigiar (v.): dar prestígio a; tornar prestigioso, influente; fascinar, enfeitiçar.

Retificação (subst.): ato ou efeito de retificar; correção, emenda.

Salomônico (adj.): relativo a Salomão, rei de Israel, morto no ano de 975 antes de Cristo. Era filho de Davi e celebrizou-se pela sua magnificência e sabedoria Construiu o templo de Jerusalêm e um opulento palácio na colina de Ofel, ao Sul do Templo. Levantou, nas fronteiras do seu reino, numerosas fortalezas e criou uma frota com marinheiros fenícios, a qual, partindo de Eziongáber, no mar Vermelho, ia buscar em Ofir os produtos do Oriente. A tradição judaica, adotada pela Igreja Católica, lhe atribue a composição de tres dos livros canônicos da Bíblia: *Provérbios, Eclesiastes* e o *Cântico dos Cânticos*. Por extensão: rei que se recomenda pela sua sabedoria.

LXXX — MARINHA

Sopra o terral. A noite é calma e faz luar.
Intercadente
Soa na praia, mansamente,
A voz do mar.

Os homens dormem; dorme a terra, e no ar sereno
Nenhum ruído
Perturba o encanto recolhido
Do luar pleno.

No azul profundo a lua branca pelo céu
Sem nuvens vaga
E cobre o mar, vaga por vaga,
De um branco véu.

Longe, à-mercê da branda aragem, vai passando
Tarda falua;
Nas pandas velas bate a lua
De-quando-em-quando.

Sôbre a falua alguêm, de amor talvez, lá vai
Cantando, e o vento
Traz para a terra o sonolento
Som que se esvai;

Som que se esvai no espaço e ao qual o rumor d'água,
Como um gemido,
Faz estribilho indefinido
De inquieta mágoa.

Algum marujo vai talvez do coração
As brandas queixas
Dizendo assim nessas endechas
À viração.

Enquanto lá no azul profundo em que flutua,
Indiferente
À terra, ao mar, à humana gente
Abre-se a lua.

Mário de Alencar, filho do grande romancista José de Alencar, nasceu no Rio de Janeiro, a 30 de janeiro de 1872. Bacharelou-se em letras no Colégio de Pedro II e em ciências sociais numa das faculdades de sua cidade natal. Foi bibliotecário da Câmara dos Deputados. Escreveu em diversos jornais e em revistas literárias: *A Imprensa, Gazeta de Notícias, Revista Brasileira, Revista da Academia Brasileira, Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes,* de Campinas.

Deixou publicados: *Lágrimas, Versos, Alguns escritos, Si eu fosse político, Dicionário de rimas portuguesas*, etc.

Mário de Alencar é um dos poetas mais assinalados e apreciados da nova geração. Falecido. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras.

VOCABULÁRIO

Endecha (subst.): composição poética, de carater triste, composta, em-geral, de estâncias de quatro versos pentassílabos.

Falua (subst.): embarcação de velas, semelhante ao bote, porêm em ponto grande.

Indefinido (adjet.): indeciso, vago, indeterminado; que não tem limites.

Intercadente (adj.): alternado, interrupto, intervalado; irregular.

Marinha (subst.): beira-mar; serviço de marinheiros; conjunto de navios de guerra ou mercantes; lugar em que se recolhe a água do mar para fazer sal, salina; pintura que representa o mar ou objetos e cenas marinhas.

Mercê (subst.): retribuição de um trabalho; provimento em cargo público; concessão de título honorífico; graça, favor, benefício; benignidade, indulgência; perdão, remissão de culpa, indulto. *A-mercê-de*: à-vontade-de segundo o capricho, o belprazer de, à-discreção de.

Pando (adj.): inflado, bojudo, aberto e encurvado, enfunado, inchado.

SEGUNDA PARTE

Prosadores portugueses

LXXXI — A CHARNECA

ALMEIDA GARRET (*)

Eram dadas cinco da tarde, a calma declinava; montámos a-cavalo e cortámos por entre os viçosos pâmpanos que são a glória e a beleza do Cartaxo: as mulinhas tinham refrescado e tomado ânimo; breve nos achámos em plena charneca.

Bela e vasta planície! Desafogada dos raios do sol, como ela se desenha aí no horizonte tão suave! que delicioso aroma selvagem exalam estas plantas, acres e tenazes de vida, que a cobrem e que resistem, verdes e viçosas, a um sol português de julho!

A doçura que mete na alma a vista refrigerante de uma jovem seara do Ribatejo, nos primeiros dias de abril, ondulando lascivamente com a brisa temperada da primavera, — a amenidade bucólica de um campo minhoto de milho, à hora da rega, por meados de agosto, a ver-se-lhe pular os caules com a água que lhe anda por pé, e à-roda as carvalheiras clàssicamente desposadas com a vide coberta de racimos pretos, —. são ambos êsses quadros de uma poesia tão graciosa e cheia de mimos, que nunca a dei por bem traduzida

(*) Pronuncie-se *Garrête* e não *Garré*.

nos melhores versos de Teócrito ou de Vergílio, nas melhores prosas de Gesner ou de Rodrigues Lobo.

A majestade sombria e solene de um bosque antigo e copado, o silêncio e a escuridão de suas moitas mais fechadas, o abrigo solitário de suas clareiras, tudo é grandioso, sublime, inspirador de elevados pensamentos. Medita-se alí por fôrça; isola-se a alma dos sentidos pelo suave adormecimento em que êles caem... e Deus, a eternidade — as primitivas e inatas idéias do homem — ficam únicas no seu pensamento...

É assim. Mas um rochedo em que me sente, ao pôr do sol, na gandra êrma e selvagem, vestida apenas de pastio bravo, baixo e tosquiado rente da bôca do gado — diz-me coisas da terra e do céu que nenhum outro espetáculo me diz na natureza. Há um vago, um indeciso, um vaporoso naquele quadro que não tem nenhum outro.

Não é o sublime da montanha, nem o augusto do bosque, nem o ameno do vale. Não há aí nada que se determine bem, que se possa definir positivamente. Há a solidão, que é uma idéia negativa.

(*Viagens na minha terra*)

VOCABULÁRIO

Bucólico (adj.): pastoril, pastoral; relativo a vida campestre; singelo; gracioso.

Calma (subst.): calor atmosférico; hora do dia em que há mais calor; calmaria, cessação do vento e do movimento das ondas no mar; bonança; quietação, serenidade; acalmação; inação.

Charneca (subst.): terreno inculto e sáfaro onde crescem plantas silvestres.

Gândara ou **gandra** (subst.): terreno arenoso, pouco ou nada produtivo, charneca.

Gesner (Salomão. Subst. próp.): poeta e païsagista suiço, autor de *Idílios* e de *Morte de Abel* (1730-1788).

Pâmpano ou pâmpino (subst.): ramo de videira com fôlhas; parra.

Racimo (subst.): cacho de uvas ou de qualquer flor; fruto em forma de cacho.

Rodrigues Lobo (Francisco. Subst. próprio): poeta e prosador clássico português, autor de *Côrte na Aldeia, Éclogas, O Pastor Peregrino*, o *Condestabre*, etc. (1580-1622).

Teócrito (subst. próprio): poeta grego de Siracusa, autor dos *Idílios* (III séc. A. C.).

Vergílio ou Virgílio (Publio — Marão. Subst. prop.): célebre poeta latino, autor da *Eneida*, das *Éclogas* ou *Bucólicas*, das *Geórgicas* e de outras obras de menor valor (70-19 A. C.).

LXXXII — O VALE DE SANTARÊM

ALMEIDA GARRET

O vale de Santarêm é um dêstes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos, em que as plantas, o ar, a situação tudo está numa harmonia suavissima e perfeita: não há alí nada grandioso nem sublime, mas há uma como simetria de côres, de sons, de disposição em tudo quanto se vê e se sente, que não parece sinão que a paz, a saúde, o sossêgo do espírito e o repouso do coração devem viver alí, reinar alí um reinado de amor e de benevolência. As paixões más, os sentimentos mesquinhos, os pesarés e as vilezas da vida não podem sinão fugir para longe. Imagine-se por aquí o Éden que o primeiro homem habitou com a sua inocência e com a virgindade do seu coração.

À esquerda do vale e abrigado do norte pela montanha que alí se corta quase a-pique, está um maciço de verdura do mais belo viço e variedade. A faia, o freixo, o álamo entrelaçam os ramos amigos; a madressilva, a musqueta penduram de um a outro grinaldas e fes-

tões; a **congossa**, os fetos, a malva-rosa do valado vestem e **alcatifam** o chão.

Para mais realçar a beleza do quadro, vê-se, por entre um claro de árvores, a janela meia aberta de uma habitação antiga, mas não dilapidada — com certo ar de **confôrto** grosseiro e carregada na côr pelo tempo e pelos vendavais do sul a que está exposta. A janela é larga e baixa; parece mais ornada e também mais antiga que o resto do edifício, que, todavia, mal se vê...

(*Viagens na minha terra*)

VOCABULÁRIO

Álamo ou álemo (subst.): árvore, espécie de choupo, família das salicíneas.

Alcatifar (v): cobrir com alcatifa, tapête grande com que se reveste ou orna o pavimento; atapetar, alfombrar.

Confôrto (subst.): consôlo, alívio nas aflições. Conchego, agasalho, comodidades da vida, tudo o que constitue o bem-estar material. Nesta última acepção é anglicismo, mas já muito generalizado.

Congossa (subst.): planta herbácea. Também se diz *congórsa*.

Dilapidar (v.): dissipar, arruïnar; desperdiçar; esbanjar. Também se diz menos corretamente *delapidar*, cujo sentido etimológico (do latim *delapidare*) é *tirar as pedras de, desempedrar* e ainda *calçar pavimentar, revestir de pedras. Dilapidare*, na significação própria, é *dispersar as pedras de* e daí *dissipar, afastar*, etc. (Cf. o francês *dilapider*, o italiano *dilapidare*, o espanhol *dilapidar*, o inglês *to dilapidate*).

Éden (subst.): o paraíso terreal; lugar de delícias.

Faia (subst.): árvore amentácea, alta e frondosa.

Freixo (subst.): grande árvore, família das oleagíneas.

Privilegiado (part. pas. de *privilegiar* e adj.): que tem privilégio, isto é, vantagem exclusiva de uma cousa, regalia prerrogativa; distinto, singular.

Santarêm (subst. próprio): cidade de Portugal, patriarcado de Lisboa.

Vendaval (subst.): vento do sul; vento forte e impetuoso.

João Batista da Silva Leitão de Almeida Garret (Visconde de Almeida Garret) nasceu no Pôrto, a 4 de fevereiro de 1799 e descendia de família irlandesa. Muito novo, revelou o seu insigne talento, lendo com prazer Homero, Vergílio, Horácio, Camões e Racine e os principais clássicos das línguas cultas. Estudante ainda, compôs a tragédia *Merope* e o poema didático *Retrato de Venus*. Foi revolucionário em 1820, tendo sido obrigado a emigrar duas vezes para a Inglaterra por causa de suas opiniões políticas. A sua permanência fora da pátria teve decidido influxo na sua formação mental e literária. Com o triunfo do regimen liberal, Garret subiu aos postos mais eminentes: deputado, par do reino, ministro, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, enviado extraordinário e ministro plenipotenciário. Era formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Garret forma com Castilho e Herculano a tríade romântica de Portugal. Espírito luminoso e renovador, iniciou a reação contra o arcadismo gasto e estéril. Poeta, orador, romancista e dramaturgo, deixou obra ampla e valiosa, em que sobressai a sua linguagem correta e elegante, o seu estilo ático e gracioso. Escreveu: *O Retrato de Venus, Catão, Camões, D. Branca, Adosinda, Lírica de João Mínimo, Flores sem fruto, Frei Luiz de Sousa, Um Auto de Gil Vicente, O Alfageme de Santarêm, Viagem na minha terra, Fôlhas caídas, Discursos Parlamentares, O Arco de Sant'Ana, Memórias Biográficas, O Romanceiro*, etc. Morreu em Lisboa, a 9 de dezembro de 1854.

LXXXIII — NA PLACIDEZ DA NOITE

ALEXANDRE HERCULANO

Nos paços de Azzahrat, (*) o magnífico alcáçar dos califas de Córdova, há muitas horas que cessou o estrépito de uma grande festa.

(*) Azzahrat, palácio edificado, perto de Córdova, por Abdur-r-rahman III.

O luar de noite serena de abril bate pelos jardins, que se dilatam desde o alcáçar até o Gualdaquivir, e alveja trêmulo pelas fitas cinzentas dos caminhos tortuosos, em que parecem enredados os bosquezinhos de arbustos, os maciços de árvores silvestres, as veigas de boninas, os vergéis embalsamados, onde a laranjeira, o limoeiro e as demais árvores frutíferas, trazidas da Pérsia, da Síria e do Catai, espalham os aromas variados das suas flores. Lá ao-longe, Córdova, a capital da Espanha muçulmana, repousa da lida diurna, porque sabe que Abdur-r-rahman III, o ilustre califa, vela pela segurança do Império. A vasta cidade repousa profundamente, e o ruído mal distinto que parece revoar por cima dela é apenas o respiro lento dos seus largos pulmões, o bater regular das suas robustas artérias. Das almádenas de seiscentas mesquitas não soa uma única voz de almuádem, e os sinos das igrejas mosárabes guardam também silêncio. As ruas, as praças, os azoques ou mercados estão desertos. Sòmente o murmúrio das novecentas fontes ou banhos públicos, destinados às abluções dos crentes, ajuda o zumbido noturno da suntuosa rival de Bagdad.

(*Lendas e Narrativas*)

VOCABULÁRIO

Ablução (subst.): ato ou efeito de abluir ou purificar lavando; lavagem, purificação; banho com esponja ou toalha embedida em água.

Alcáçar ou **Alcácer** (substant): castelo, fortaleza; palácio afortalezado; alcáçova; habitação nobre e suntuosa.

Almádena ou almadena (substantivo): tôrre nas mesquitas donde se chamam os muçulmanos à oração, minarete, alcorão.

Almuádem (subst.): o indivíduo a quem cabe chamar, da almádena, os fiéis às rezas diárias.

Bagdad (subst. próp.): cidade da Mesopotâmia, sôbre o rio Tigre, capital dos antigos califas.

Califa (subst.): chefe ou soberano muçulmano, título que, após a morte de Maomete, tomaram os seus sucessores.
Catai (subst. próp.): nome com que os viajantes da Idade-Média designavam a China.
Córdova (subst.) cidade da Espanha, banhada pelo Guadaquivir, antiga capital dos califas Omíadas.
Mesquita (subst.): templo dos muçulmanos.
Mosárabes (subst.): cristãos que viviam sob a autoridade dos muçulmanos; (adj.): relativo ou próprio dos mosárabes.
Muçulmano (subst.): sectário de Maomete, fundador do Islamismo; (adj.): relativo aos muçulmanos.
Veiga (subst.): várzea, planície fertil e em geral cultivada.

LXXXIV — O SÁLIA

ALEXANDRE HERCULANO

A hora de amanhecer aproximava-se: o crepúsculo matutino alumiava frouxamente as margens do rio malassombrado, que corria turvo e caudal com as torrentes do inverno. Apertado entre ribas fragosas e escarpadas, sentia-se mugir ao-longe com incessante ruído. A-espaços, destorcendo-se em milhões de fios, despenhava-se das catadupas em fundos pegos, onde refervia, escumava e, golfando em olheirões, atirava-se maciço e atropelando-se a si mesmo, pelo seu leito de rochas, até de-nôvo ruir e despedaçar-se no próximo despenhadeiro. Era o Sália, que, de queda em queda, rompia dentre as montanhas e se encaminhava para o mar cantábrico. Perto ainda das suas fontes, o estio via-o passar pobre e límpido, murmurando à sombra dos choupos e dos salgueiros, ora por meio das balsas e silvados, que se debruçavam. aquí e acolá, sôbre a sua corrente; ora por entre penedias calvas ou córregos estéreis, onde em-vão tentava, estrepitando, recordar-se do seu bramido do inverno. Mas quando as águas do céu começavam, nos fins do outono,

a fustigar as faces pálidas dos cabeços, a ossada nua das serras e a unir-se em torrentes pelas gargantas e vales, ou quando o sol vivo e o ar tépido de um dia formoso derretiam as orlas de neve que pousava eterna nos picos inacessíveis das montanhas mais elevadas, o Sália precipitava-se como uma bêsta-fera raivosa e, impaciente na sua soberba, arrancava os penedos, aluia as raízes das árvores seculares e rebramia com som medonho, até chegar às planícies, onde o solo o não comprimia e o deixava espraiar-se pelos paúes e juncais, correndo ao mar, onde, enfim, repousava, como um homem completamente ébrio que adormece, depois do bracejar e lidar da embriaguez.

(*Eurico*)

VOCABULÁRIO

Aluir (v.): fazer cair pouco-a-pouco; arruïnar; abalar (intrans.): desmoronar-se, ameaçar ruína; — *se*: dobrar-se, vergar.

Balsa (subst.): mata de arbustos espinhosos; tapume de arbustos de espinho; engaço ou folhelho das uvas que fermenta com o mosto na dorna; a dorna em que fermentam as uvas; funil de madeira para baldear os vinhos; paus atados em forma de jangada; barril mais largo no fundo que na bôca para guardar carnes conservadas; estandarte dos antigos templários.

Fragoso (adj.): cheio de fragas, de penedias; áspero, escabroso, agreste; difícil de transpor, de vencer, de conseguir; árduo.

Olheirão (subst.): grande nascente de água.

Paul (subst.): pantano, porção de água estagnada; alagadiço, charco, terrada alagadiça.

Pego (subst.): o ponto mais fundo de um rio, lago, mar etc.; pélago, mar alto; abismo, voragem.

Salgueiro (subst.): árvore da família das salicíneas, que em geral cresce nas margens dos rios; chorão.

Sália (subst. próp.): nome de um rio da Espanha Tarraconense, hoje, o Sela, nas Astúrias.

Silvado (subst.): silvedo, moita de silvas ou sebe feita de silvas, que são plantas rosáceas, das quais a framboesa é uma espécie.

Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo nasceu em Lisboa a 28 de março de 1810. Estudou humanidades no Colégio do Espírito Santo, dos padres oratorianos. Dificuldades financeiras não lhe permitiram a continuação regular dos estudos, mas, ainda assim, não se desalentou e procurou instruir-se convenientemente no conhecimento das línguas e de outras disciplinas. Em 1830 freqüentou o curso de Paleografia e Diplomática professado na Tôrre do Tombo, o que o habilitou para a carreira de historiador. Muito lhe valeu no cultivo das letras a proteção da Marquesa de Alorna. Tendo-se envolvido na revolta de 1831, emigrou para a França e dali para os Açores, onde, em 1832, se incorporou no exército de D. Pedro IV, distinguindo-se então como bravo soldado, no cêrco do Pôrto. Em 1833, deixando a milícia, foi incumbido de organizar os livros do Paço Episcopal do Pôrto, e em seguida a Câmara dessa cidade o nomeou para 2.º bibliotecário, cargo que abandonou em 1836 por incompabilidades políticas com o Setembrismo. Em 1839, D. Fernando o designou para bibliotecário da Ajuda. Carater rigido, de têmpera antiga e profundamente honesto, Herculano não transigia com o que se desviava da sua trajetória moral, e daí o incompatibilizar-se freqüentemente com os homens, e assim, desde 1869, recolheu-se à sua quinta de Val de Lobos, perto de Santarêm, até morrer em 1877.

Herculano é o maior historiador contemporâneo de Portugal. Escrevia a história segundo os processos mais rigorosos e científicos de pesquisa e de crítica, desnudando os fatos que narrava do seu elemento lendário e reduzindo-os à sua realidade lógica. Êste proceder suscitou-lhe acesas polêmicas, que, segundo parece, o desgostaram bastante. O seu patriotismo inspirou-lhe o panfleto político *Voz do Profeta*, assim como a *Harpa do crente*. É vasta a sua obra: além dos dois livros já citados, deixou ainda: *O Bobo, Eurico, o presbítero, O Monge de Cister* (romances históricos), *Lendas e Narrativas* (contos e novelas históricas e impressões de viagem), *Poesias, História de Portugal* (até o reinado de Afonso III), *História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal, Opúsculos* (estudos vários). Organizou a

publicação dos *Portugaliae Monumenta Histórica* e fundou o *Panorama* (1839). Herculano é dos primeiros escritores da língua. Seu estilo é severo, majestoso e de modelar correção. Como descritivo, aproxima-se muito dos realistas pela exatidão e pela vida. Enfim, pode-se dizer que Herculano é o vulto mais agigantado do romanticismo lusitano e uma das individualidades de maior refulgência na história literária de Portugal.

LXXXV — A BATALHA DE OURIQUE

A. F. DE CASTILHO

. . . . . .

Alvorotados os Sarracenos com êste súbito alarido, entenderam de-primeiro que seria chegado bom socorro aos portugueses; mas, avizinhando-se mais e vendo que nenhuma novidade destas havia, não acabavam de entender o como e o porquê assim vitoriavam e se incendiam em júbilo homens a quem tudo estava ameaçando ser êste o seu último dia; e tal saüdar de gente moribunda à luz suprema lhes parecia escárneo e demência de desesperados.

Já toda a sua hoste ondeia, se despega; adianta-se. Já se podem numerar as "batalhas" ou exércitos que lá veem; por doze no-los conta a fama; para mais, e sem medida, era a chusma.

Firmes como rochedos de costa, aguardarão os de Cristo estas ondas, que de lá rebentam e crescem, ru-

morejando como trovoada, té que venham nêles embater, espedaçar-se e caír umas após outras? Não: por-cima delas se arremessarão como tufão que as curve, as rasgue, as atormente, remoínhe, atropele e desfaça. Êste é o pensamento del-Rei; ao pensamento seguiu o feito; ao feito, as maravilhas.

Da parte do poente, donde hoje é **Ourique**, vinha o temporal; para aí se arroja. Já por ordem sua, a Sina (estandarte) Real se desfralda. A êste sinal do costume, todas as mais sinas da hoste se despem das suas fundas e se tendem pelos ares. Os balsões, ou bandeiras dos diversos senhores, iam sempre soltos e largados ao vento.

Garcia Mendes, o alferes del-Rei, como arcanjo que leva pelos seus, diante-de si, cometa de destruïção, se atira com aquela Sina Real ao meio da dianteira inimiga, arrôjo para os desconcertar a êles, inflamar e atrair os nossos. Desaçaimaram-se os leões.

Na frente da sua "batalha", voa D. Afonso com Santiago nas vozes, Portugal no coração, no rosto as fúrias, a vitória na alma, e a lança fatal feita e bem cerrada na mão de bronze. Logo no primeiro encontro, fada o resto da jornada: derruba morto a um dos reis sarracenos e de todos o belicosíssimo, que assim ousava de se afrontar com êle.

Dentro em pouco não havia, em todo o campo, braço vivo que não obrasse extremos. Corpo por corpo era já o pelejar: peleja de cem mil pelejas a um tempo, espetáculo estranho e soberbo, si para êle houvera espectador. Dianteiras, sagas, costaneiras, tudo se descompôs e derramou. Os dois campos são um campo; os dois exércitos, uma só voragem de vidas; as meias-luas se tecem com as cruzes; os capelhares e albornozes de mil côres com os corpos negros de malhas de ferro; as palavras da nossa ainda rude e já formosa língua com as árabes altivas e

sonoras; o nome do **Apóstolo** com o de Mafoma; o de Deus com o de Alá; a tudo revolve e baralha o espírito de destruïção.

. . . . . .

Ao cabo de largas horas de porfioso e acérrimo lidar, quando veio pelo fim da tarde, eram vales e montes de cadáveres carrancudos, quanto largo espaço por terrenos ondeados se desenrola desde o lado de Ourique até Cabeças de Reis, onde a tradição nos aponta que os Reis Moiros acabaram degolados, e com êles a batalha, e com a batalha o dia, e com o dia o Império futuro dos Sarracenos em **Lusitânia**.

(*Quadros Históricos de Portugal*)

VOCABULÁRIO

Albornoz (subst.): capote ou capa fechada e com mangas e capuz; casaco largo com capuz e grande gola.

Apóstolo (subst.): no trecho está por Santiago, o padroeiro dos exércitos cristãos nas Espanhas (Antonomásia).

Capelhar (subst.): vestidura mourisca que se traz sobre a vestimenta a que chamam marlota e se usa em funções como jogos, justas, etc. (Morais e Domingos Vieira).

Costaneira (subst.): ala direita dos antigos exércitos.

Demência (subst.): perda ou falta do juizo, loucura; insensatez.

Desconcertar (v.): pôr em boa ordem, descompor, desordenar; disparatar, desconchavar-se; discordar; discrepar, desmanchar; pôr em debandada. No sentido de *embaraçar, enlear, tornar perplexo* não é de bom cunho.

Dianteira (subst.): a parte do exército que vem à frente, vanguarda.

Escárneo (subst.): mofa, chacota, motejo, zombaria, menos preço, chufa.

Fadar (v.): destinar, regular ou determinar a sorte de; agoirar bem, tornar auspicioso.

Funda (subst.): instrumento ou aparelho de corda ou de coiro com que se arremessam pedras ou balas.

Lusitânia (subst. próp.): antigo nome de Portugal.

Mafoma (subst. próprio): uma das formas vernáculas do nome de Mahomed, o fun-

dador do Islamismo (570-632 d. C.). Há ainda as variantes: Mafamede, Maamede, Mafoma, Maomede, Maomete e Maomé.

Ourique (subst. próp.): vila de Portugal, onde as crônicas afirmam ter-se ferido a célebre batalha que consolidou a autoridade real portuguesa.

Pelejar (v.): batalhar, lutar, combater pugnar, brigar, contender, porfiar; lidar, trabalhar; estar em desacôrdo, desavir-se, discordar, colidir.

Saga (subst.): a retaguarda nos antigos exércitos; bruxa ou feiticeira entre os romanos; lenda escandinava ou canção sobre ela.

Sarraceno (subst. e adj.): diz-se dos árabes que dominaram na Espanha, Sicília e África; (por extensão): árabe, mouro.

Antônio Feliciano de Castilho (Visconde de Castilho) nasceu em Lisboa, a 28 de janeiro de 1800. Cego aos seis anos, nem por isso deixou de adquirir vastíssima cultura. Conhecia diversos idiomas, mòrmente o latim. Muito o auxiliou nos seus estudos a dedicação de seu irmão Augusto, quatro anos mais moço, o qual o acompanhou para Coimbra, em cuja Universidade se graduou em cânones (1817). Desde novo, revelou o seu grande talento. As suas primeiras produções *Cartas de Eco e Narciso* e a *Primavera* (1821 e 1822) teem feição clássica e arcádica, conquanto já tendam levemente para o romantismo, o qual se torna decisivo nas obras subseqüentes, e assim Castilho figura, ao lado de Garret e de Herculano, como um dos inovadores literários de Portugal. Empenhado em difundir a instrução popular no seu país, encetou e sustentou verdadeira campanha para realizar êsse ideal e empreendeu várias publicações nêsse sentido: fundou a *Revista Universal Lisbonense*, organizou, de colaboração com seu irmão José, a *Livraria Clássica Portuguesa*, colectânea dos melhores escritores portugueses; instituiu a *Sociedade dos Amigos das Letras e Artes* e deu a lume *A felicidade pela agricultura, Tratado de metrificação, Estudo poético-histórico de Camões, Leitura repentina*. Essa atividade em benefício da instrução popular faz incluir Castilho entre os mais insignes e operosos pedagogistas lusitanos. Para defesa do seu método de leitura escreveu êle os tres

opúsculos: *Ou eu ou êles, Tosquia dum camelo* e *Ajuste de contas*. Em 1854 visitou o Brasil, onde escreveu a conhecida *Epístola à Imperatriz*. Ainda públicou várias obras: *O Outono, Amor e Melancolia, Excavações poéticas, Novas excavações poéticas, A noite do Castelo, Os ciúmes de Bardo, Quadros Históricos de Portugal, O Presbitério da Montanha*, etc. Castilho trasladou para nossa língua diversas obras-primas antigas e modernas: *Os Fastos, Os Amores* e *As Metamorfoses*, de Ovídio; *As Geórgicas* de Vergílio; *A Lírica* de Anacreonte, *O Tartufo, O Misantropo, O Avarento, As Sabichonas, O medico à fôrça, O doente de cisma*, de Molière; *O Sonho de uma noite de S. João*, de Shakespeare; o *Fausto*, de Goethe, etc. Todas essas traduções atestam a perícia do tradutor, parecendo verdadeiras criações originais.

Castilho é o escritor mais vernáculo, mais puro e mais clássico do século XIX, e o seu mérito maior está na prosa esmerada e harmônica que soube manejar.

Faleceu a 18 de junho de 1875, em Lisboa.

LXXXVI — O CALIFA E O PLANTADOR DE ÁRVORES

LATINO COELHO

Ia o califa **Harum-al-Raschid** por um campo, aonde andava a folgar à caça, quando sucedeu de passar por pé de um homem já mui velho, que estava a plantar uma nogueirinha.

Então disse o califa aos do seu séquito:

— Em verdade, bem louco deve ser êste homem em estar a plantar agora esta nogueira, como si estivesse ainda no vigor da mocidade e contasse como certo vir a gastar dos frutos desta planta.

Indo-se então o califa em direitura ao velho, perguntou-lhe quantos anos tinha.

— Para cima de oitenta, respondeu o velho; mas, Deus seja louvado, sinto-me ainda tão robusto e saudável como si tivera apenas trinta.

— Sendo assim, redargüiu o califa, quanto pensas tu que ainda hás de viver, pois que nessa idade já tão adiantada estás a plantar uma árvore, que, por natureza, só daquí a largos anos dará frutos?

— Senhor, disse o velho, tenho grande contentamento em a estar plantando, sem inquirir si serei eu ou outros depois de mim quem lhe colherá os frutos.

Assim como nossos pais trabalharam para nos legar árvores que nós hoje desfrutamos, assim é justo que deixemos outras novas, com que nossos filhos e netos venham a utilizar-se e a enriquecer-se. E si hoje nos sustentamos de frutos do seu trabalho, e si foram nossos pais tão cuidadosos do futuro, como havemos de retribuir em desamor aos nossos o que de nossos pais recebemos em carinho e providência? Assim, semeia o pai para que o filho possa vir a colher.

Caíram tão em graça as palavras do ancião no ânimo do generoso califa, que logo alí foi presenteado com uma bôlsa cheia de oiro. Então o velho, depois dos agradecimentos que lhe ditou a sua piedade, tomou argumento para reforçar o que havia pouco dissera, exclamando:

— Quem poderá agora dizer que não foi bem galardoado o meu trabalho de hoje, si esta àrvorizinha que eu plantei há pouco, logo ao primeiro dia, me deu frutos sazonados e valiosos?

Tomai daquí exemplo, meus meninos, e não vos desgosteis do trabalho que fizerdes, só porque as nogueiras que plantardes vos não possam lisonjear a gulodice, logo ao segundo dia de as haverdes enraïzado na

terra; nem vos tome nunca a tentação de largardes as vossas tarefas úteis, com dizer que os frutos do vosso esfôrço e trabalho outros os hão de colher e não vós. Aprendei a haver por irmãos a todos os homens que Deus pôs na terra para o servirem e se amarem e auxiliarem mutuamente. Trazei sempre bem vivo nos vossos corações o amor ao próximo, seja daquele que vós vêdes, e vive a par de vós, seja do que ainda nascer; porque o que está aqui vivo tem direito a que o ajudeis para que vos retribua; e o que ainda há de vir, há de conhecer-vos pela herança que lhe deixardes, e abençoar-vos, si a herança for de bem, e amaldiçoar-vos si for de mal.

VOCABULÁRIO

Argumento (subst.): raciocínio que, de uma ou mais proposições, tira uma conseqüência ou conclusão; exposição resumida de uma obra, de um assunto; prova; contenda, discussão.

Desfrutar (v.): lograr, gosar os frutos de; viver à-custa de; zombar de.

Galardoar (v.): recompensar, premiar, remunerar.

Harum-al-Raschid (subst. próprio): famoso califa de Bagdad, grande protetor das letras, dos poetas, dos sábios e artistas (765-809).

Inquirir (v.): investigar, indagar, perquirir, procurar saber, colher informações; interrogar (testemunhas).

Lisonjear (v.): elogiar com excesso e interêsse; adular, agradar a; — *se*: deleitar-se recebendo lisonjas, deleitar-se.

LXXXVII — A HÉLADE

LATINO COELHO

Imaginemos uma região peninsular, um clima doce e amorável. A gleba nem torrada pelo ardor dos trópicos, nem congelada pelos frios **hiperbóreos**. Alternando a

cada passo com os vales e com as planuras os cerros e as montanhas, entre as quais o Olimpo e o **Parnaso**, rompem com os seus picos alterosos a região das nuvens, e arremessam as suas **cristas** à etérea limpidez de um céu meridional. Os contornos da terra firme, como que recortados em numerosas curvaturas, onde as águas veem formar remansadas e quietas, o abrigo das **angras** e o **recesso** das enseadas. Os rios, nem tão caudais que transbordem pelas searas, nem tão pobres que não humedeçam e fecundem as veigas e as campinas. O **Peneu**, refrigerando a deliciosa païsagem de **Tempe** e deslizando até ao mar entre o **Ossa** e o Olimpo. O **Espérquio**, descendo dos poéticos fraguedos do Pindo, serpeando entre o **Oeta** e o **Ótris**, num vale ameno e aprazível; o **Aqueloo**, em volta do qual, no dizer de **Homero**, as **ninfas** divinas enlaçam as suas **coréias**, o Aqueloo, o mais longo dentre todos os rios da Grécia, fertilizando o **Epiro**, e regando um dilatado vale entre a **Etólia** e a **Acarnânia**. Não longe do litoral, um labirinto de ilhas, que fazem cortejo ao continente. Nos vales bem frescos e ensombrados uma alfombra de arbustos e de relva. No recôsto das colinas e dos outeiros, os pâmpanos, torcendo a vara com o pêso dos racimos sazonados. Circundando a terra a água cerúlea do mar Egeu. Por dossel a êste ridente e formosíssimo **painel** o azul de um firmamento, onde a poesia, brincando infantil com a severidade da ciência, **trasladou** nos caprichosos debuxos das **constelações** boreais as lendas e os **mitos** da história e do culto nacional.

Si o território helênico tem encantos e formosuras, em muitas de suas regiões o solo é ingrato, e a natureza **refusa** a sua gratúita fecundidade aos descendentes de **Pelasgo** e de **Erecteu**. A terra da **Ática** é árida e pedregosa, e o mito de **Deuralião**, derivando dos seixos os primitivos moradores da **Hélade**, por ventura intentou sig-

nificar que da aspereza do terreno podem brotar, com a indústria e o trabalho, as cidades populosas e os campos arados com primor.

(A Oração da Coroa)

VOCABULÁRIO

Acarnânia (subst. próprio): região da Grécia antiga, situada entre o mar Jónio, o golfo de Arta e a Etólia, cap. *Stratos*, sôbre o Aqueloo.

Angra (subst.): baía pequena, abra, enseada.

Aqueloo (subst. próprio): rio do Epiro, entre a Etólia e a Acarnânia, hoje *Aspro-Pótamo*. (Em grego *Akhelôos*).

Ática (subst. próprio): região da Grécia antiga, limitada ao N. pela Beócia e o monte Parnés (*Ozéa*), ao O. pela Megárida e o golfo de Egina, ao S. pelo mar de Mirtos e a L. pelo mar Egeu. Cap. *Atenas*.

Constelação (subst.): grupo de estrêlas que formam uma figura imaginária, designado por um nome convencional: constelação do Cisne, da Águia, de Andrômeda, de Perseu, etc.; grupo de cousas brilhantes.

Corêia (subst).: nome de uma dansa grega; dansa, bailado.

Crista (substant.): excrescência carnosa na cabeça do galo e de outros galináceos; penacho, poupa, que adorna a cabeça de certas aves; proeminência na cabeça de alguns répteis; ornato em forma de crista; viso, espinhaço de um monte, cume; *erguer as — s*: mostrar arrogância; *jogar as — s*: brigar, ter rixa com alguêm.

Deucalião (subst. prop.): filho de Prometeu e da Pandora. Tendo Zeus (Júpiter), irritado com os crimes dos homens, inundado a terra para destruí-los, só Deucalião e Pirra, sua mulher, conseguiram salvar-se num barco. Aconselhados então pelo oráculo de Temis, êles repovoaram a terra, lançando pedras por-detrás-de si: as lançadas por Deucalião tornavam-se em homens e as atiradas por Pirra transformavam-se em mulheres.

Epiro (subst. próprio): região montanhosa que acompanha o litoral do mar Adriático.

Erecteu (subst. próp.): herói ateniense, filho de Hefaisto (Vulcano) e de Géa (a Terra) e, segundo outros, de Erictônio ou de Pandião. Foi rei de Atenas, a qual êle defendeu contra os Eleu-

sinios, comandados por Eumolpo. Foi sepultado na Acrópole, no sítio onde, em honra sua, se elevou o templo chamado o Erectélo. E' às-vezes confundido com Erectônio.

Espérquio (subst. próp.): rio da Grécia antiga (hoje o *Helada*), no sul da Tessália, o qual, nascendo no Pindo, desaguava no mar Egeu. Em grego Esperkheiós).

Etéreo (adj.): que se refere ao éter, às camadas superiores da atmosfera; extremamente sutil, delicado, fugitivo; aéreo; muito elevado, muito nôbre: *alma etérea, amor etéreo;* celeste.

Etólia (subst. próp.): província da antiga Grécia, situada entre a Tessália e o Epiro, ao N.; a Lócrida, a L.; o golfo de Corinto, ao S.; a Acarnânia a O.

Gleba (subst.): terreno cultivável, torrão; qualquer torrão ou porção de terra; herdade, terreno a que os servos, no regímen feudal, estavam adstritos.

Hélade (subst. próp.): antigamente, nome dado às procias centrais da Grécia, em contraposição com o Peloponeso; por ext., a Grécia em geral.

Hiperbóreo (adj.): que pertence ao norte ou está nêle situado, setentrional, ártico, boreal.

Homero (subt. próp.): o mais antigo e ilustre dos poetas épicos da Grécia, ao qual se atribue a composição das duas epopéias a *Ilíada* e a *Odisseia*. Há uma corrente de críticos que consideram Homero apenas a representação mítica de uma série de cantores ou *aedos* de Quios, os *Homéridas* chamados, negando-lhe, assim, existência real.

Mito (subst.): narração fabulosa, simbólica ou alegórica de um fato físico, moral ou social; coisa que não tem existência real; quimera, utopia; fábula.

Ninfa (subst.): divindades femininas dos rios, montes, bosques, na mitologia, greco-romana; mulher jovem e formosa.

Oeta ou melhor Eta (subst. próprio): maciço montanhoso da Grécia central antiga (hoje *Katavothra*), entre a Tessália e a Fócida. Ao pé do Eta encontra-se o desfiladeiro das *Termópilas*, célebre na história grega.

Ossa (subst. próprio): maciço montanhoso da Grécia oriental (hoje *Kissoro*). Segundo a mitologia, os Titães, querendo escalar o Olimpo para destronarem Zeus, sobrepuseram o Pelio ao Ossa. Hoje a expressão *sobrepor o Pelio ao Ossa* tornou-se proverbial, com o sentido de se acumularem todos os grandes meios para superar uma dificuldade.

Otris (subst. próp. Em grego *Othrís*): monte da Tessália,

ramificação do Pindo e parte do Eta.

Painel (subst.): quadro sôbre tela ou pano; retábulo; almofada de portas ou janelas; relêvo em obras arquitetônicas; os panos que formam a vela do navio; espetáculo.

Parnaso (subst. próp.): montanha da Grécia antiga, na Fócida, perto da cidade de Delfos. Entre os seus dois cumes principais, o Nisa e o Cirra, corre a fonte de Castália, próxima ao santuário de Apolo, cujas águas, segundo a crença dos Romanos, inspiravam os poetas. O Parnaso era a morada de Apolo e das Musas. Por extensão: a Poesia. Daí derivam os vocábulos *parnasiano, parnasianismo*. (Hoje o monte *Liakura*).

Pelasgo (subst. próp.): herói epônimo da raça dos Pelasgos, primitivos habitantes da Grécia. Havia diversas personagens com tal nome, sendo a mais conhecida um rei da Arcádia, avoengo dos Licaônides.

Peneu (subst. próp.): rio da antiga Tessália, que regava o vale de Tempe (veja abaixo esta palavra), banhava Larissa e desembocava no golfo Termaico (atual Solonica). Hoje o Salanvria.

Pindo (subst. próp.): cadeia montanhosa da antiga Grécia (hoje *Montes Agrafa* ou *Mezovo*), entre o Epiro a O. e a Tessália a L. Estende-se desde os montes Cambunios (hoje *Volutza*) até o Otris. O Pindo, assim como o Parnaso e o Helicão, eram consagrados a Apolo e às Musas.

Recesso (subst.): lugar afastado, retiro, recanto, recato; afastamento de um astro: *acesso* e *recesso do sol*.

Refusar (v.): recusar, negar; rejeitar, não aceitar, não dar.

Ridente (adj. poét.): risonho, alegre, vicejante, florido.

Tempe (subst. próp.): nome com que, na antigüidade, se designava o vale inferior do Peneu (Salanvria), notável pela sua fecundidade e doçura do seu clima. Por extensão: vale decioso.

José Maria Latino Coelho (Lisboa, 29 de novembro de 1825; Lisboa, 29 de agosto de 1891). Já em verdes anos mostrou a pujança do seu talento, aprendendo fácil e ràpidamente o grego e o latim, assim como quási todos os idiomas europeus. Formou-se na Escola Politécnica, da qual foi professor com 21 anos, após famoso concurso. Depois matriculou-se na Escola do Exército. Teve assento na Câmara dos Pares, como um dos chefes do partido republicano.

Latino foi um dos cérebros mais poderosos de Portugal e um de seus literatos mais fúlgidos e acatados. Orador eloqüentíssimo, jornalista de raro brilho, erudito, historiador, êle se fazia admirar sempre pela opulência, correção e harmonia da linguagem, pelos dotes singulares do seu estilo, exuberante, flexível e vigoroso. Póde-se considerar Latino um dos clássicos contemporâneos de maior autoridade e um dos prosadores mais prímorosos da nossa língua. Deixou muitas obras e numerosas produções esparsas, que últimamente se teem coligido. São de citar: *Escritos literarios e políticos*, que conteem os elogios de D. Fr. Francisco de S. Luiz (Cardeal Saraiva), de Rodrigo da Fonseca Magalhães, do Barão de Humboldt, de José Bonifácio; *Luiz de Camões, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães, Cervantes, Garret e Castilho, Tipos Nacionais, Arte e Natureza, Apreciações literárias, Discursos Parlamentares, História Política e Militar de Portugal, A República e a Monarquia*. Verteu do grego *A Oração da Coroa*, de Demóstenes, precedendo-a de uma introdução sôbre a cultura helênica, um dos trabalhos mais notáveis, pela forma e pela erudição, que há escritos em português. Traduziu do alemão *O Gladiador de Ravena*. Pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa, da qual foi secretário geral, e ao exército português, morrendo com o pôsto de general.

LXXXVIII — O PRESBITÉRIO

REBÊLO DA SILVA

A casa do presbitério não era grande nem espaçosa, mas sorria, de-longe, à vista, caiada por fora e rodeada de canteiros de flores. Vestia-se com um tal ar de festa que namorava pela beleza rústica, e logo a-distância prometia a hospitalidade que, nos dias do prior, estava convidando de-longe, com os braços abertos, a quantos lhe batiam à porta.

Situada na coroa de um oiterinho, alvejava por entre a folhagem pontiaguda das faias, cujos troncos

lisos e direitos o vento meneava graciosamente. O pátio ajardinado, cercado de alegretes, era todo viço e frescura, e três cêpas enroscadas e colossais cobriam com a sombra de seus pâmpanos, as parreiras, onde amadureciam na estação os mais formosos cachos de moscatel e de ferral-tâmara.

Em-volta da risonha morada, penduravam-se as vinhas pelas encostas das colinas até as margens de um ribeiro, toldado de salgueiros e chorões, que se torciam para beijar a água. Por-entre as vinhas, aparecia em malhas o verde mais fechado das hortas, metidas entre valados de piteiras, enquanto ao-lado sussurrava a levada correndo pelas regueiras. Os pomares, copando-se, encantavam, de-espaço-a-espaço, os olhos, oferecendo-lhes bosques cerrados e embalsamando tudo em-roda com a sua fragrância. Subindo pelos oiteiros que ondeavam desde a planície até as montanhas torreadas no extremo do horizonte, os troncos nodosos e robustos das oliveiras trepavam, de socalco em socalco, até à cortina dos pinheiros, cujas cabeças, de um verde triste, a viração balouçava lá em-cima, meneado-as entre murmúrios ao cair da tarde.

A ribeira vinha de-cima e, ora rebentando entalada, ora espraiando, quási adormecida, na areia alva e fina do leito, despenhava-se abaixo com estrépito, entrando no lugar opulenta com as águas recebidas.

Aqueles pâmpanos cingidos de arvoredos; aqueles vales viçosos de hortas e pomares; os variados tons que zebravam as encostas dos montes e colinas, desde a esmeralda viva dos prados até ao louro cendrado das paveias; os rosmaninhos e as boninas esmaltando as veigas; o rio precipitando-se aquí, mais adiante correndo manso e límpido e depois espreguiçando-se sôbre as relvas; de-dia, o sol inundando de luz dourada todo o quadro, de-noite, o clarão da lua tocando-o de meiga

melancolia, compunham um espetáculo de tanto enlêvo que a vista fugia com a vontade e com o coração para aqueles casais debruçados das colinas, fazendo nascer desejos de pedir pousada em alguns dêles para ver romper o luar por entre o arvoredo e ouvir brincar a aragem com os ramos, aos primeiros raios brancos do alvor matutino.

(*Contos e lendas*)

VOCABULÁRIO

Alegrete (subst.): espécie de canteiro estreito fechado por pedra, tijôlo ou madeira em que se cultivam plantas ornamentais.

Casal (subst.): pequeno povoado, lugarejo; casa e terras no campo. Tem outros sentidos.

Cendrado (adj.): côr de cinza, acinzentado; acendrado. Como indicativo de côr não parece de bom cunho; não assim, quando tem a significação de *acendrado*, isto é, *depurado, purificado pelo fogo* (p. ex. um metal), *acrisolado*, e figuradamente *purificado*.

Cêpa (subst.): tronco de videira; parte inferior das árvores com as raízes.

Ferral-tâmara (subst. comp.): variedade de uva ferral, própria para latadas.

Levada (subst.): corrente de água que dá movimento a moinhos, fábricas, engenhos; ato de levar; cascata; etc.

Menear (v.): mover de um lado para outro; saracotear; acenar; sacudir; manejar; executar com o auxílio das mãos; dirigir, governar; empunhar, brandir; exercitar, praticar, administrar.

Paveia (subst.): mólho de palha ou de feno; montículo de mato roçado para ser reduzido a cinza que adubará o terreno.

Presbitério (subst.): casa ou residência do pároco ou vigário; capela-mór; igreja paroquial, matriz.

Presbítero (subst.): padre, sacerdote.

Prior (subst.): pároco em certas freguesias de Portugal; superior de convento; (ant.): dignidade de ordem militar.

Regueira (subst.): sulco por onde a água se escoa; pequena porção de água corrente.

Rosmaninho (subst.): planta arómática labiada; a flor dessa planta. Diz-se também *rosmano*.

Socalco (subst.) porção plana de terreno num monte ou encosta, sustida por muro.

Luiz Augusto Rebêlo da Silva nasceu em Lisboa, a 2 de abril de 1821 e faleceu na mesma cidade a 19 de setembro de 1871. Matriculou-se na Universidade de Coimbra, sem ter, porêm, concluido o curso. Foi deputado, secretário do Conselho de Estado, membro do Conselho de Instrução Pública, redator do *Diário do Govêrno*, professor do Curso Superior de Letras, ministro da marinha e sócio da Academia de Ciências. Distinguiu-se como parlamentar, romancista, dramaturgo e historiador. É um dos mais notáveis vultos da escola romântica, escritor de bons quilates, assim pela correção da linguagem como pelo estilo elegante, natural e colorido. Suas obras principais são: *Rausso por homizio, ódio velho não cansa, A mocidade de D. João V, Lágrimas e Tesouros, A casa dos fantasmas* (romances); *Contos e lendas*, em que figura a comovente narração *Última corrida de touros em Salvaterra*, episódio do reinado de D. José I; *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII, Fastos da Igreja, Varões ilustres das três épocas constitucionais*, etc.

LXXXIX — PADRÕES DA TEIXEIRA

CAMILO CASTELO BRANCO

Acaso falávamos um dia nas estradas pitorescas, ladeadas de abismos alcantilados, da província de Trás-os-Montes, e perguntou-me Valentim si eu conhecia os Padrões da Teixeira, na entrada que vai de Amarante à Régoa. Depois, escutando com a sua atenção muito enlevada de surdo que era, as minhas reminiscências daquele espinhaço da serra do Marão, disse-me que seus pais e avós por alí tinham vivido e morrido em uma casa que está às-cavaleiras do fraguedo nos espigões da montanha onde chamam Padrões da Teixeira. Eu sabia onde

era. Está alí a poesia dos pavores supersticiosos. Resvalam umas escarpas crespas de rochas sovacadas pelos córregos. Sôbre essas barrocas dependuram-se penedias acasteladas, que parecem ir rolando da espinha das cordilheiras. Os carvalhos hirtos, desfolhados e retorcidos, que vegetam das fisgas do penhascal, reverdecem quando o ardor do estio os desabrocha e queima com a mesma lufada de fogo. No inverno, a torrente do rio Teixeira, lá no côncavo fundo, referve, cachoa e estorce-se como uma serpente em cujas escamas verde-escuras não rutila uma flecha de sol. A torrente galga o penedio das margens, rugindo a-espaços, como trovoadas longínquas. Aquelas solidões são como um pedaço do globo em que se estão germinando, num silêncio pavoroso, criações monstruosas. Eu passara por alí uma vez, em uma noite elétrica de agosto, quando as faíscas se cruzavam debaixo de meus pés, na voragem, onde abriam cavernas luminosas, e os trovões pareciam o estampido daqueles morros que se despedaçavam uns de-encontro aos outros. Lembra-me ver então, no tôpo da serra, uma casa enormemente grande ao lampejo de um relâmpago que lhe dava projeções de sombras enormes. Era a casa dos avós de Valentim de Mascarenhas.

(*Perfil do Marquês de Pombal*)

VOCABULÁRIO

Amarante (subst. próp.): vila de Portugal, sede de conselho, distrito do Porto. Construída à margem direita do rio Tâmega.

Escarpa (subst.): alcantil, encosta ou ladeira íngreme; talude do fôsso; córte oblíquo.

Fisga (subst.): pequena abertura, fenda, grêta, fissura; pequeno arpão de apanhar peixe.

Hirto (adj.): inteiriçado, têso, retesado; hirsuto.
Lufada (subst.): rajada de vento, impetuoso, mas intermitente.
Penhascal ou **penhasqueira** (subst. col.): série, sucessão de penhascos.
Régoa ou **Pêso da Régoa** (substant. próp.): vila e cabeça de concelho de Portugal, comarca de Vila Real. Está no centro da região vinícola duriense (do Douro).
Sovacado (p. pas. Neol.): cavado, minado por baixo.

XC — QUADRO RÚSTICO

CAMILO CASTELO BRANCO

Guilherme ficou a cismar nas ironias do padre e adormeceu, acalentado pelo chilrear das andorinhas que papeavam na cornija da casa.

A ramada suspensa em esteios de pedra formava o enfolhado dossel do tanque. Pendiam já dourados os enormes cachos de ferral. Alguma fôlha escarlate, outra amarelida pelo queimar do sol, realçavam, variegando as côres, a abóbada afestoada. Nos rebordos da bica rústica por onde a água derivava, grogolejando nas algas, verdejavam vegetações filamentosas pendentes como meadas de esmeraldas, e miniaturas de relvedos, onde os insetos se pousavam num ruflar deleitoso de asas, no regalo da frescura, oscilando as antenas. Duas galinhas com as suas ninhadas esgaravatavam na leiva úmida, a cacarejarem a cada grânulo ou inseto que bicavam, o deixavam cair e retomavam de-nôvo, com umas negaças, para ensinar os pintaínhos que se disputavam a posse do cibato em corrimaças impetuosas azoratadas. De-vez-em-quando, à-tona da água, rente com o combro de cantaria afofado de musgos verdes, emergia a cabeça glauca de uma rã, que pinchava para a alfombra, coaxava o seu diálogo interrompido com outra rã do beiral fronteiro, e

ambas a um tempo, mergulhavam **de-pincho**, quando Cacilda batia a roupa na pedra esconsa do lavadouro. Estava o sol a-pino; mas pela densidade folhuda do parreiral apenas coavam umas **lucilações** a laminarem trèmulamente a água ondulosa e escumada de sabão.

Guilherme, da janela do seu quarto, via a prima, ora ensaboando, ora estendendo sôbre o ervaçal tosado a roupa a corar.

(*Serões de S. Miguel de Seide*)

VOCABULÁRIO

Antena (subst.): vêrga comprida e flexível a que se prende a vela latina; apêndice móvel, mais ou menos longo, na cabeça dos articulados.

Azoratado (adj.): estouvado, doidivanas, leviano, amalucado; estroina.

Beiral (subst.): beira do telhado; beirado; fileira de têlhas salientes da prumada da casa; água que cai de uma têlha do beirado; beira ou borda de qualquer coisa.

Cantaria (subst.): pedra mui dura, que esquadriada, se usa em construções, pedra lavrada.

Cibato ou cibalho (substant.): alimento que buscam as aves bravas; alimento das aves, dos pintaínhos.

Combro (subst.) pequena elevação do solo, cômoro, montículo, outeiro.

Cornija (subst.): parte superior do entablamento, formando saliência sobre o plano dêste; moldura ou ornato saliente sôbre uma porta, parede, etc.

Entablamento é a última ordem de pedras salientes colocadas no alto das paredes de um edifício, constituindo-lhe o remate.

Corrimaça (subst.): assuada, apupada; corrida.

Emergir (v.): sair de onde estava mergulhado, aparecer à-tona surgir; manifestar-se; acontecer, ocorrer; resultado; advir.

Ferral (adj. e subst. fem.): que é côr de ferro; diz-se de certas variedades de uvas próprias para latadas.

Grogolejar ou melhor **gorgolejar** (v.): produzir ruído como de gargarejo, bebendo; beber gorgolejando. Não se confunda com *grugulejar*.

que significa "cantar o perú ou imitar-se-lhe a voz".

Leiva (subst.): elevação ou manta de terra entre dois sulcos; sulco rasgado pelo arado; torrão que se tira de uma vez com a enxada; gleba.

Lucilação (subst.): ato de lucilar, brilho escasso, cintilação amortecida.

Negaça (subst.): engôdo, isca, chamariz; engano, ardil; provocação; aceno ilusório.

Pinchar (v.): fazer saltar; empurrar; (intr.): dar pinchos, trepar.

Pincho (subst.): ato de pinchar; salto, pulo, cabriola; *de-pincho* (loc. adv.): de-salto.

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, a 16 de março de 1825. Órfão de pai e mãe ainda em tenros anos, recebeu a sua educação inicial do padre Antônio de Azevedo, prosseguindo, mui irregularmente, os seus estudos no Pôrto e em Coimbra. Com vinte anos, estreou-se no jornalismo, e desde logo revelou o seu temperamento pugnaz, travando cálidas polêmicas com os mais aplaudidos homens de letras do seu país. Sua atividade literária é prodiçiosa, elevando-se a 262 o número das suas obras, que compreendem o romance, o conto, o drama, os estudos críticos e históricos, páginas polemísticas, traduções, poesia, etc. Em obra tão vasta, seriam inevitáveis as imperfeições, as desigualdades, resultantes as mais vezes da composição improvisada e apressada que era habitual ao insigne escritor. Elas, porêm, não diminuem a valia do seu talento, nem empanam o brilho da sua glória. Camilo é uma das mentes mais vigorosas e caraterísticas da sua época, de genialidade incontestável e peregrina. Romântico e subjetivo por índole, não desconheceu os processos realísticos, os quais caricaturou em *Eusébio Macário*, na *Corja*, em *Vulcões de lama*, adotando-os, porêm, com seriedade em muitas de suas páginas. Com igual e fina perspicuidade, apreendia e traduzia os lances trágicos ou as situações cômicas da vida, fazendo chorar ou rir. É exímio quando pinta os tipos da sociedade em que viveu, sobretudo os do norte de Portugal, e quando descreve os grandes impulsos

passionais e os violentos dramas de conciência. Não lhe falta também o senso claro do pitoresco e da paisagem. Como polemista era acerado e de uma causticidade ás-vezes cruel. A-pesar-de algumas negligências ocasionais de gramática, de alguns desculpáveis lapsos de linguagem, Camilo é um dos escritores mais vernáculos, mais genuinamente portuguêses que temos. O seu estilo encanta pela clareza, pelo movimento, pelo sainete clássico, pela opulência vocabular, pela variedade fraseal. Não fôra a vida torturada, física e moralmente, dos seus últimos anos, a cegueira, as dores íntimas que lhe corroiam a alma, e teria sido muito mais considerável e perfeita a obra do ínclito escritor, que tão decisiva influência exerceu na evolução literária de Portugal e do Brasil. Camilo suicidou-se em S. Miguel de Seide, a 1 de junho de 1890. Por muito numerosas, citaremos apenas algumas de suas produções: *Amor de perdição, Amor de salvação, O Senhor do Paço de Ninães, A Bruxa do Monte Córdova, A Brasileira de Prazins, Mistérios de Lisboa, A Corja, Eusébio Macário, Novelas do Minho, Os Brilhantes do Brasileiro, O Regicida, A filha do Regicida, Sereia, Livro Negro, A Filha do Arcediago, A Neta do Arcediago, A Enjeitada, Vulcões de Lama,* etc. (romances, novelas); *Abençoadas lágrimas, Agostinho de Ceuta, Condenado, Justiça, O Morgado de Tafe em Lisboa, Morgado de Tafe amoroso, Marquês de Torres Novas etc.* (teatro); *Ao anoitecer da vida, Inspirações, Duas épocas da vida, Um livro, Nas trevas* (poesia); *Amores do Diabo* (Carotte), *Fanny* (Feydeau), *Gênio do Cristianismo, Os Mártires* (Chateaubriand), *O Inferno* (Calet), *Romance dum rapaz pobre* (Otávio Feuillet) etc. (traduções); *Serões de S. Miguel de Seide, Cancioneiro Alegre, Críticos do Cancioneiro, Senhora Ratazzi, Cavalaria da Sebenta, Boêmia do Espírito,* etc. (crítica, polêmica, etc.).

XCI — UM CARNAVAL NO PÔRTO

JÚLIO DINIZ

Era uma das últimas noites do carnaval de 1855. Havia menos estrêlas no céu do que máscaras nas ruas. Fevereiro, êsse mês inconstante como uma mulher nervosa, estava nos seus momentos de mau humor; mas embora; o folgasão entrudo ria-se de tais severidades e dansava ao som do vento e da chuva e sob o dossel de nuvens negras, que se levantavam do sul. Graças à cheia do Douro, a cidade baixa podia bem prestar-se naquela época a uma paródia do carnaval veneziano.

À porta dos teatros apinhava-se a multidão; os altos brados dos vendedores de senhas e os agudos falsetes dos mercadores atordoavam os ouvidos. Dos cabides dos guarda-roupas provisoriamente armados nas lojas circunvizinhas aos principais salões de baile, pendiam vestuários correspondentes a todas as épocas e a todas as nações e alguns aos quais não era possível assinar época, nação, classe ou condição social conhecida.

Numerosos grupos de espectadores paravam diante das exposições de máscaras à-venda e tornavam o trânsito naquelas ruas quási impraticável. Era uma fascinação análoga à que produz um conto de Hoffmann em imaginações excitáveis a exercida por tantas máscaras enfileiradas, cuja diversidade cômica de expressão e de gesto lembrava um enxame de cabeças mefistofélicas, surgindo à luz para se rirem das loucuras da humanidade.

Êstes absortos contempladores a cada passo vinham a si, desagradàvelmente acordados pelas pragas enérgicas dos condutores de carruagens, prestes a atropelá-los, ou

pelo interjeição pouco harmoniosa dos cadeirinhas obrigados por causa dêles a irregularidades no andamento da sua grave e benéfica tarefa. Só então, e ainda a-custo, se dispersavam para, alguns passos mais adiante, se aglomerarem de-nôvo.

A animação era geral na cidade.

Todos corriam com ânsia... a enfastiarem-se, fingindo que se divertiam.

(*Uma Família Inglesa*)

VOCABULÁRIO

Absorto (part. pas. ir. de *absorver* e adj.): extático, enlevado, distraído.

Cadeirinha (subs. fem.) liteira para uma pessoa ser conduzida às costas ou a braços de homem; (subst. m.): o que correga a cadeirinha.

Dossel (subst.): armação de madeira e uma fazenda preciosa que se coloca sôbre os altares, tronos, cadeiras, etc., sôbre-céu.

Falsete (subst.): voz forçada com que se imita o tiple ou soprano; voz esganiçada.

Fascinação (subst.): ato de fascinar, encanto, feitiço, enfeitiçamento, deslumbramento, fascínio.

Hoffmann (Ernesto): escritor e músico alemão (1776-1822).

Mefistofélico (adj.): relativo a Mefistófeles, personagem do *Fausto* de Goethe. Era um demônio, sábio, irônico e folgasão, que veio ao mundo para satisfazer as paixões de Fausto. Por extensão: diabólico; sarcástico.

Paródia (substant.): imitação burlesca de obra literária; arremêdo, qualquer imitação burlesca; pândega.

Praga (substant.): imprecação, ato de imprecar males contra alguêm; impropério; maldição; calamidade, abundância de cousas perniciosas.

Senha (subst.): sinal, gesto ou palavra combinada entre pessoas para se reconhecerem; bilhete para ser admitido a um espetáculo; recibo.

XCII — O CEMITÉRIO DA ALDEIA

JÚLIO DINIZ

Era uma perspectiva profundamente melancólica a do cemitério da aldeia por aquela tarde de inverno!

Imagine-se um campo plano e raso, onde vegetam algumas roseiras de toda a estação, e a murta e a alfazema, vivendo a-custo naquele solo ingrato, que havia pouco alimentava apenas urzes, tojeiras e pinheirais. No centro dêste espaço, elevava-se, singelo, mas elegante, o túmulo da família do Mosteiro, sôbre o mármore do qual poisavam tristemente os ramos flexíveis de um salgueiro chorão, e nos cantos principiavam a erguer-se, como obeliscos funerários, quatro jovens ciprestes pontiagudos. Para alêm do muro que circundava êste terreno, estendia-se um vasto pinheiral, através de cujos troncos, confusamente cruzados, se podia ainda divisar ao-longe uma ou outra casa da aldeia e o verdor dos campos e pomares. A igreja paroquial erguia, a pequena distância dalí, a grimpa do campanário, e o sussurrar dos álamos despidos do adro, agitados pelo vento, ainda chegava àquela estância mortuária.

(*A Morgadinha dos Canaviais*)

VOCABULARIO

Alfazema (subst.): arbusto odorífero, família das labiadas.

Campanário (subst.): tôrre com sino; parte da tôrre em que se colocam os sinos; (fig.): freguesia, localidade.

Estância (subst.): lugar onde alguêm ou alguma cousa está ou permanece; morada, mansão; paragem; lugar, sítio; recinto; ancoradoiro; depósito de lenha, madeira, etc.; cada uma das divisões de uma composição poética, tendo numero igual de versos e idêntica disposição de rimas; (Brasil): fazenda de criação.

Flexível (adj.): que se pode dobrar ou curvar, dobradiço; maleável, suave, dócil, submisso.

Murta (substant.): gênero de plantas, de que a jaboticabeira é uma espécie, família das mirtáceas.

Obelisco (subst.): monumento quadrangular, em forma de agulha, ordinariamente monolítico.

Tojeira (subst.): tôjo, planta espinhosa que cresce em geral nos sítios áridos e dá flores amarelas; tojal, lugar onde crescem tôjos.

Urze (subst.): planta da família das ericíneas, que dá nos terrenos incultos.

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, cujo pseudônimo é *Júlio Diniz*, nasceu a 14 de novembro de 1839, no Pôrto, onde também faleceu a 12 de setembro de 1871. Formou-se em medicina na Escola Médico-Cirúrgica da sua cidade natal, chegando a professor da mesma, mediante concurso.

Júlio Diniz tinha mais pendor para as letras que para a ciência, e por isso, ainda estudante, publicou poesias e pequenos romances, que constituem o seu livro *Serões da Província*. É um observador escrupuloso da realidade, um analista exato da alma. Os seus quadros são de um colorido discreto e agradável, os seus tipos são em-geral simpáticos e bem traçados. Gomes Coelho é um realista no bom sentido, porque a sua arte procura retratar com fidelidade a vida, mas no que ela tem de honesto e suave, e isto o aproxima dos realistas ingleses, sobretudo Dickens. Seus romances, escritos numa linguagem singela e fluente e urdidos com perícia e naturalidade, deixam sempre uma impressão grata e duradoura. Como poeta, era espontâneo e equilibrado, e a ternura melancólica de suas poesias liga-o à escola de Soares Passos. Escreveu: *As Pupilas do Sr. Reitor*, que Herculano conceituou o primeiro romance português do século XIX, *A Morgadinha dos Canaviais*, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, *Uma Família Inglesa* (romances) e um volume de versos — *Poesias*. Foi pena que a sua morte prematura não lhe permitisse legar à literatura portuguesa obra mais vasta.

XCIII — O CASTELO DO BALIADO DE LEÇA

ARNALDO GAMA

Os dois peregrinos caminharam hora e meia sem dizerem palavra, ora através de espêssos e cerrados bosques, ora por entre extensos campos cultivados, no meio dos quais branquejavam, aquí e alí, as **póvoas** e as **vilares**. Por fim pararam. Haviam chegado ao tôpo de uma alta colina, que abraçava, de sul a poente, um extenso e dilatado vale, dividido em campinas verdejantes e franjadas por copado arvoredo, por entre os quais se deslizava em caprichosos **meandros** a apressada corrente de um pequeno rio.

Quási a meio dêste vale, via-se um poderoso e bem afortalecido castelo senhorial. A forte e grossa muralha ou *cêrca*, que o rodeava, toda dentilhada de **ameias**, era flanqueada por quatro grandes tôrres, cobertas de **seteiras**. Em cada uma das **quadrelas** do muro viam-se abertas umas poucas de **balhesteiras**, dispostas de forma que ninguêm podia aproximar-se, sem que fosse imediatamente encravado pelas setas e **virotões** dos defensores, que de-dentro delas os despediam sem perigo. A cava era larga e funda; e a **barbacã**, que a parapeitava, grossa e forte, e ademais defendida por pequenos **cubelos** ou **caramanchões**, que aquí e alí se erguiam sôbre ela. O alcácer fortificado, a que a cêrca servia de cinto, era uma alta e fortíssima tôrre, rodeada de um vasto edifício, ou antes de uma grande aglomeração de edifícios, uns mais altos e outros mais baixos, mas todos sòlidamente construidos e capazes de duradoura defesa. Do meio dêles, destacava meio corpo para a frente uma pequena igreja gótica, com a porta voltada para o vasto **patim** do castelo. Sôbre os muros dêste edifício abriam-se aquí e alí, irregularmente,

um sem-número de frestas e janelas ogivadas, algumas delas defendidas por grossos varões de ferro. Sôbre a frontaria da igreja e no cimo do muro pontiagudo do campanário gótico, campeava a cruz de oito pontas dos cavaleiros da Ordem militar do Hospital de S. João Batista de Jerusalêm, conhecida séculos depois pelo nome de Ordem de Malta. A mesma cruz via-se esculpida sôbre a frontaria da tôrre de menagem ou alcácer fortificado e sôbre outros diferentes lugares dos muros.

Aquela fortaleza era o castelo do baliado ou *balia* de Leça, primeira residência dos hospitalários em Portugal, primitiva casa capitular da Ordem e a mais rica de todas as comendas que êles então possuiam entre nós.

(*O Balio de Leça*)

VOCABULÁRIO

Ameia (subst.): cada um dos dentes ou pequenos parapeitos separados por abertas, os quais guarnecem o alto dos muros de tôrre ou castelo.

Balhesteira (subst. arcaico): diz-se mais comumente *balestreiro*, que era um pequeno vão ou abertura feito na saliência de uma cornija das tôrres medievais para se lançarem béstas, pelouros, matérias inflamadas, quaisquer projécteis sôbre os assaltantes. Há também a forma *balhestreira*. (Em francês *mâchicoulis*).

Baliado (substant.): o mesmo que *bailiado*: dignidade, território e jurisdição do *bailio* ou *balio*, que era o comendador nas antigas ordens militares, e também uma espécie de magistrado provincial. A sua comenda era a *balia* ou *bailia*.

Barbacã (subst.): muro por-fora das muralhas e mais abaixo delas; fresta ou seteira nas muralhas, donde os soldados vigiavam ou atiravam.

Caramanchão (subst.): construção de madeira (ripas, tábuas) que se estabelecia no cimo das muralhas, formando em saliência uma espécie de miradouro ou eirado; tôrre alta num castelo.

Comenda (subst.): benefício concedido, por serviços ou outros títulos, aos cavaleiros

das ordens militares, ou a eclesiásticos; terra dada aos comendeiros ou comendadores para êles as defenderem dos inimigos ou malfeitores e nelas manterem a paz e a justiça; insígnia dos comendadores; distinção honorífica correspondente a um grau de ordem militar.

Cubelo (subst.): torreão quadrado, redondo ou oitavado nos castelos e fortificações antigas, postos em geral nas extremidades dos muros.

Hospitalário (subst.): cavaleiro da Ordem do Hospital ou de Malta (veja abaixo esta palavra).

Leça (subst. prop.): vila de Portugal, concelho de Bouças (Porto) e rio do mesmo país. A vila chama-se *Leça do Bailio*, e nela está a igreja e o mosteiro doados pelo conde D. Henrique à Ordem do Hospital.

Malta (Ordem de): ordem religiosa e militar fundada no tempo das cruzadas (século XII).

Meandro (subst.): sinuosidade, volta, rodeio de um curso de água, de um caminho. O vocábulo deriva de *Meandros*, rio da Ásia Menor, de curso muito sinuoso. Hoje o *Menderes*.

Ogivado (adj.): terminado em ogiva, isto é, num ângulo agudo formado por dois arcos que se cortam.

Patim (subst.): pequeno patamar. *Patamar* é um espaço mais ou menos largo no tôpo de uma escada ou de cada lanço de escadas.

Póvoa (subst.): pequena povoação ou povo; casal; lugarejo.

Quadrela (subst.): lanço de edifício em construção; lanço, face de muro, parede; coirela, pequeno campo cultivado, belga.

Seteira (substant.): abertura muito estreita nas muralhas por onde se disparavam setas contra os sitiantes; fresta nas paredes de um edifício para dar luz.

Tôrre-de-menagem (substant. comp.): tôrre principal de uma fortaleza ou castelo, onde o castelão ou governador recebia a sua investidura e jurava fidelidade ao seu senhor ou suzerano.

Vilar (subst. arc.): lugarejo, aldeola.

Virotão (subst.): virote grande. *Virote* era uma seta curta.

Arnaldo de Sousa Dantas da Gama (Pôrto, 1 de agosto de 1828; Pôrto, 29 de agosto de 1869). Formou-se em direito na Universidade de Coimbra, era sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa. Espirito culto e investigador escrupuloso do passado, deu-se principalmente ao ro-

mance histórico, no qual soube evocar, com verdade e erudição, os fatos que narrava. Não era, porêm, um artista: seu estilo é denso, sua frase pouco elegante. Seus escritos antes instruem do que deleitam; mas, ainda assim, não lhes faltam belezas e tópicos interessantes. Deixou as seguintes obras: *O Gênio do Mal, Verdades e Ficções, Um motim de há cem anos, O Sargento-mór de Vilar, A última dona de S. Nicolau, O Segrêdo do Abade, O filho do Baldaia, A Caldeira de Pero Botelho, O Balio de Leça, Honra ou loucura, El-rei Dinheiro, O Satanaz de Coura* (incompleto). Redigiu vários jornais e foi proprietário-diretor do *Jornal do Norte*.

XCIV — A PASSAGEM DO BOJADOR (*)

PINHEIRO CHAGAS

— Deus tenha piedade das nossas almas, disse enfim Lourenço Dias. Invistamos com o Bojador.

O navio continuava a correr, impelido pelo vento, com a mesma velocidade; o costado gemia, quando a barca se inclinava toda, obedecendo à pressão da vela.

— Ânimo, meus bravos companheiros! exclamou Gil Eanes. (**) Deus é conosco. Todos a postos.

Os marinheiros chegaram para a manobra. O ruído do mar, quebrando ao-longe com fúria, era cada vez mais distinto; o referver das ondas indicava a aproximação do promontório; a barca jogava com violência.

(*) Cabo na costa ocidental da Africa.

(**) Famoso navegador português, que foi o primeiro em dobrar o cabo Bojador (1434).

Ouviu-se o murmúrio das orações que todos rezavam nêste momento supremo. Gil Eanes, pálido, mas firme, encostado ao mastro da barca, preparava-se para montar o cabo.

De-súbito, divisa-se ao-longe uma enorme língua de terra, que entra pelo mar a grande distância; as ondas refervem num vórtice medonho; ouve-se o estampido do Oceano, quebrando com fúria nos rochedos, e vê-se uma nuvem de espuma que tolda ao-longe a fronte pouco elevada das dunas de areia.

— O Bojador! O Bojador! exclamam todos pávidos, caíndo de joelhos.

— Coragem, amigos! brada a voz sonora de Gil Eanes, dominando o rugir do Oceano e o sibilar do vento. Coragem! o nosso nome será grande no futuro, e nossos netos hão de se gloriar de terem por antepassados os companheiros de Gil Eanes!

E, excitado por uma verdadeira febre de entusiasmo, o bravo marinheiro comanda a manobra. Muda de rumo para oeste e segue longo tempo essa direção, coisa que sempre assustava os mareantes dêsse tempo. A sua voz, em que não se conhece a mínima alteração e que vibra, cheia e sonora, no meio dos rumores do Oceano, infunde ânimo em todos os marujos.

Está-se já próximo da extrema ponta ocidental do cabo. Reina silêncio absoluto na embarcação. À luz dúbia da madrugada, parece mais desmaiada ainda a palidez de todas as fisionomias.

Gil Eanes descobre-se vagarosamente.

— Senhor, diz êle com voz grave, é só para mais longe plantarmos a árvore da Cruz que ousamos devassar os mistérios do Oceano. Si vos agrada a nossa tentativa, protegei-nos, Senhor; mas, si involutariamente vos ofendemos, acolhei-nos na vossa misericórdia, Deus Onipotente!

— Misericórdia, Senhor! bradou a companhia, caindo de joelhos. Um último impulso do leme quebrara o velho encanto: estava dobrado o cabo Bojador! Todos se ergueram soltando um grito de entusiasmo.

O sol surgira afinal do oriente, e o seu alegre resplendor mostrava aos espantados marinheiros a terra ondulada e arenosa que seguia para o sul do famoso promontório; até onde a vista podia alcançar para o lado do Oceano, viam-se espumar as ondas alegres e luminosas; na terra nem sombra de estátuas, no mar nem vestígios de negras vagas. O sol banhava-se com delícias no seio esverdeado das águas, e os seus raios brincavam à-flor da espuma como cintilantes golfinhos.

— Graças vos sejam dadas, Senhor! exclamou Gil Eanes, enquanto a barca, aplacada a velocidade da corrente, seguia, embalando-se airosa, para ir fundear num ancoradoiro próximo.

E ajoelhou. Um rio de lágrimas corria-lhe pelas faces bronzeadas.

De tantos marinheiros rudes que o acompanhavam, não houve um só que não chorasse: mas eram prantos de alegria.

(*Brancos, Vermelhos e Azues*)

VOCABULÁRIO

Costado (subst.): costas; pranchas exteriores das cavernas do navio; flanco; cada um dos quatro avós de uma pessoa; o dorso do corpo, a região dorsal.

Devassar (v.): invadir o que é vedado ou defeso, penetrar; divulgar, publicar; tornar lasso, licencioso ou relaxado.

Dunas (subst.): montículos de areia à beira-mar, seguidos como cordilheira.

Fundear (v.): tocar no fundo; dar fundo o navio; ancorar.

Golfinho (subst.): mamífero da família dos cetáceos, delfim.

Investir (v.): atacar, acometer; atirar-se com ímpeto;

motejar, escarnecer; dar posse a, empossar. Pode empregar-se transitivamente ou, no sentido de *atacar*, regido da preposição *com*.

Leme (subst.): aparelho com que se dirigem as embarcações, timão; govêrno, direção.

Montar o cabo (expressão náutica). chegar à ponta dêle.

Pávido (adj.): cheio de pavor, apavorado, aterrorizado, amedrontado; tímido, medroso.

Vórtice (substant.): voragem, sorvedouro ou remoínho no mar, que sorve tudo quanto se lhe lança.

Manuel Pinheiro Chagas nasceu em Lisboa em 1842 e nessa cidade faleceu em 1895. É uma das figuras culminantes das letras lusitanas. Foi jornalista, historiador, parlamentar, romancista, dramaturgo, poeta e crítico, patenteando em todos os gêneros que cultivou os seus dotes singulares de imaginação e de emotividade estética. Admira-se-lhe com razão a fecundidade e a erudição. Seu esilo é correto, natural e plástico. Pinheiro Chagas distinguiu-se como orador pelo brilho e pela facilidade de improvisar e de versar, com proficiência, os assuntos mais diversos, graças ao seu poder verbal e à sua cultura quási enciclopédica. Geriu, com notável critério administrativo, a pasta da marinha. Colaborou em muitos jornais e dirigiu a publicação do *Dicionário Popular*. Suas obras mais conhecidas e apreciadas são: *Poema da Mocidade* (versos), *A Judia*, *A Morgadinha de Val de Flor*, que ainda hoje se aplaude com entusiasmo, *O Drama do Povo*, *A Roca de Hércules*, *Madalena* (teatro); *A flor sêca*, *O juramento da Duquesa*, *As duas flores de sangue*, *A mantilha de Beatriz*, *Tristezas à-beira-mar*, *A máscara vermelha*, *Os Guerrilheiros da Morte*, *A côrte de D. João V*, etc. (romances); *História de Portugal*, *História alegre de Portugal*, *As colônias portuguesas*, *Brasileiros ilustres*, *Portugueses ilustres*, etc. (história), além de artigos políticos, literários e críticos, crônicas, folhetins e traduções (*Nossa Senhora de Paris*, *de Vitor Hugo*).

XCV — SUAVE MILAGRE

EÇA DE QUEIROZ

Entre Enganim e Cesaréia, num casebre desgarrado, sumido na prega de um cêrro, vivia uma viuva, mais desgraçada mulher que todas as mulheres de Israel. O seu filho único, todo aleijado, passara do magro peito a que ela o criara para os farrapos da enxêrga apodrecida, onde jazera, sete anos passados, mirrando e gemendo. Também a ela a doença a engelhara, dentro dos trapos nunca mudados, mais escura e torcida que uma cêpa arrancada.

E sôbre ambos espessamente a miséria cresceu, como bolor sôbre cacos perdidos num êrmo. Até na lâmpada de barro vermelho secara, havia muito, o azeite. Dentro da arca pintada não restava grão de côdea. No estio, sem pasto, a cabra morrera. Depois, no quinteiro, secara a figueira. Tão longe do povoado nunca esmola de pão ou mel entrava o portal. E só ervas apanhadas nas fendas das rochas, cozidas sem sal, nutriam aquelas criaturas de Deus na Terra Escolhida, onde até às aves maléficas sobrava o sustento!

Um dia, um mendigo entrou no casebre, repartiu do seu farnel com a mãe amargurada e um momento sentado na pedra da lareira, coçando as feridas das pernas, contou dessa grande esperança dos tristes, êsse Rabí que aparecera na Galiléia, e de um pão no mesmo cêsto fazia sete, e amava todas as criancinhas, e enxugava todos os prantos, e prometia aos pobres um grande e luminoso reino, de abundância maior que a Côrte de Salomão. A mulher escutava com olhos famintos. E êsse doce Rabí, esperança dos tristes, onde se encontrava?

O mendigo suspirou. Ah! êsse doce Rabí! quantos o desejavam que se desesperançavam! A sua fama andava por toda a Judéia como o sol, que até por qualquer velho muro se estende e se goza; mas para enxergar a claridade do seu rosto, só aqueles ditosos que o seu desejo escolhia. Obed, tão rico, mandara os seus servos por toda a Galiléia para que procurassem Jesús, o chamassem com promessas a Enganim; Séptimo, tão soberano, destacara os seus soldados até à costa do mar para que buscassem Jesús, o conduzissem por seu mando a Cesaréia. Errando, esmolando por tantas estradas, êle topara os servos de Obed, depois os legionários de Séptimo. E todos voltavam como derrotados, com as sandálias rôtas, sem ter descoberto em que mato ou cidade, em que local ou palácio, se escondia Jesús.

A tarde caía. O mendigo apanhou o seu bordão, desceu pelo duro trilho, entre a urze e a rocha. A mãe reformou o seu canto, a mãe mais vergada, mais abandonada. E então, o filhinho, num murmúrio mais débil que o roçar de uma asa, pediu à mãe que lhe trouxesse êsse Rabí que amava as criancinhas ainda as mais pobres, sarava os males ainda os mais antigos. A mãe apertou a cabeça esguedelhada:

— Oh! filho! e como queres que te deixe e me meta aos caminhos à-procura do Rabí de Galiléia? Obed é rico e tem servos, e debalde buscaram Jesús por areias e colinas, desde Corazim até o país de Moab. Séptimo é forte e tem soldados, e debalde correram por Jesús, desde o Hebron até ao mar! Como queres que te deixe? Jesús anda por muito longe, e a nossa dor mora conosco dentro destas paredes e dentro delas nos prende. E ainda mesmo que o encontrasse, como convenceria eu o Rabí tão desejado, por quem ricos e fortes suspiram, a que descesse através das cidades até

êste êrmo, para sarar um entrevadinho, tão pobre, sôbre enxêrga tão rôta?

A criança, com duas longas lágrimas na face magrinha, murmurou:

— Oh! mãe! Jesús ama todos os pequeninos. E eu ainda tão pequeno e com um mal tão pesado, e que tanto queria sarar!...

— Oh meu filho, como te posso deixar? Longas são as estradas da Galiléia, e curta a piedade dos homens. Tão rôta, tão trôpega, tão triste, até os cães ladrariam entre a porta dos casais. Ninguêm atenderia o meu recado e me apontaria a morada do doce Rabí. Oh filho! talvez Jesús morresse... Nem mesmo os ricos e os fortes o encontram. O céu o trouxe, o céu o levou. E com êle para sempre morreu a esperança dos tristes.

Dentre os negros trapos, erguendo as suas pobres mãozinhas que tremiam, a criança murmurou:

— Mamãe, eu queria ver Jesús...

E logo, abrindo de vagar a porta e sorrindo, Jesús disse à criança:

— Aquí estou.

(*Suave Milagre*)

VOCABULÁRIO

Arca (substant.): caixa para guardar roupas ou outros objetos; cofre para dinheiro; tesouro, erário; caixa do peito, torax; navio construido por Nóe para escapar, por ordem de Deus, ao dilúvio.

Cesaréia (subst. próp.): cidade antiga da Palestina.

Côdea (subst.): casca, crosta, parte externa endurecida.

Engelhar (v.): enrugar, encarquilhar.

Enxêrga (subst.): colchão pequeno e grosseiro de palha, cama pobre.

Esguedelhar (v.): pôr os cabelos em desordem, despentear, desgrenhar, desguedelhar.

Galiléia (subst. próp.): uma das quatro partes da Palestina (veja abaixo esta palavra), região próspera, pitoresca e povoada, da qual fez Jesús o centro principal de suas pregações e nela procurou os seus principais discípulos. Cidades: Ptolemais, Seforis, Nazaré, Caná, Betúlia, Cafarnaúm.

Hebron (subst. próp.): cidade da Palestina, da tribu de Judá.

Israel (subst. próp.): um dos dois reinos que se formaram na Palestina após a morte de Salomão, e que compreendia dez tribus.

Judéia (subst. próp.): parte da Palestina, entre o mar Morto e o Mediterrâneo. Por extensão: a Palestina.

Lareira (subst.): laje em que se acende fogo, lar.

Legionário (subst.): soldado que, na antiga milícia romana, fazia parte de uma legião, sendo esta, no tempo de Cesar e do Império, um corpo de tropas constituido de 6.000 homens mais ou menos.

Mirrar (verbo): definhar, secar, encolher, sumir-se, atrofiar-se.

Palestina (subst. próp.): região da Síria, entre a Fenícia ao N., o mar Morto ao S., o Líbano a L. e o Mediterrâneo a O. E' atravessada pelo rio Jordão, que desemboca no mar Morto. Pertenceu aos Judeus, depois sucessivamente aos Romanos, aos Arabes, aos Turcos, etc. Tambêm se denomina *Terra de Canaã* ou da *Promissão* e *Judéia*.

Quinteiro (subst.): eido; pequeno quintal, horta murada; aquele que guarda uma quinta ou trata dela; caseiro, abegão; aquele que vive na quinta.

Rabí (subst.): assim se intitula entre os judeus o sacerdote que explica a Lei; mestre, doutor.

Salomão (veja-se o trecho LXXIX, palavra *salomônico*).

Trôpego (adj.): que anda com dificuldade, que move a-custo os membros.

XCVI — O SOLAR DE D. RUI DE VALADARES

EÇA DE QUEIROZ

O solar de D. Rui de Valadares, senhor de Mortágua e Gonfalim, era a duas léguas duras de Vouzela, numa colina, por onde descia, espalhada até ao rio, entre olivais e vinhedos, a aldeia de Gonfalim. Um

fôsso, uma muralha delgada e simples como um muro de herdade, uma tôrre construida em tempos da Senhora Rainha. D. Tareja, defendiam a casa térrea, a capela, os celeiros, o forno, o pátio, bem lajeado, onde dois chorões davam frescura e sombra a uma fonte de bronze. Para alêm, um alto silvado coberto de amoras pelo S. João, envolvia a abegoaria, a eira clara, o redil, um pomar bem regado e o campo de tavolagem: — e depois, por todo o outro pendor do outeiro, lento e suave, verdejavam os pastios de gado.

No fundo do vale, o ribeiro, frio e límpido, toldado de arvoredo, saltava e espumava entre grossas pedras claras: um mosteiro rico de Domínicos ocupava toda a colina fronteira a Gonfalim, com a sua vasta e frondosa cêrca: — as duas margens eram ligadas por uma velha ponte romana de um só arco, onde o bom senhor, para purificar a obra e a pedra pagã, mandara erguer um cruzeiro.

Desde muito, naquelas terras, os anos tinham sido de paz; as correntes da ponte levadiça, que se não levantava, estavam perras e cobertas de ferrugem; as ervas bravas cresciam nos fossos secos; na velha tôrre, donde se retirára até o besteiro, que lá costumava dormitar, havia agora um pombal: — e o bom senhor D. Rui engordara tanto que nem saía à serra com os seus falcões, nem mesmo cavalgava o seu bom ginete *Almansor*, muito gordo também e para sempre ocioso diante da manjedoura cheia.

(*Últimas Páginas*)

VOCABULÁRIO

Abegoaria (subst.): recinto onde se guardam gados, utensílios de lavoura ou carros.

Besteiro (subst.): soldado armado de besta, a qual era uma arma antiga que disparava peloiros ou setas.

Celeiro (subst.): casa em que se ajuntam ou guardam cereais; granel; depósito de provisões.

Cêrca (subst.): obra com que se fecha um terreno; terreno fechado por muro, sebe ou valado em-volta; quinta ou quintal murado.

Domínico (subst.): frade da ordem de S. Domingos, dominicano.

Falcão (subst.): ave de rapina empregada na caça.

Fôsso (subst.): cavidade na terra em-redor das fortificações; vala, valeta; cova, covão, barranco.

Ginete (subst.): cavalo de boa raça, fino e bem adestrado.

Herdade (subst.): propriedade rústica constante de montados e terras de semeadura; granja, fazenda; herança.

Perro (adj.) que não se abre nem fecha bem; teimoso, duro; (subst.): cão; homem vil, canalha.

Ponte levadiça (subst. + adj.): ponte que dava entrada nos castelos e fortalezas e que se podia levantar e abaixar.

Redil (subst.): curral, abrigo ou pátio onde se recolhe o gado; malhada; aprisco.

Tavolagem ou **tabulagem** (substant.): casa em que há jogo de tábulas, que são peças circulares de madeira, osso ou marfim; casa de jôgo.

José Maria de Eça de Queiroz nasceu na Póvoa de Varzim, a 25 de novembro de 1843, e faleceu em Neuilly-sôbre-o-Sena (perto de París), a 17 de agosto de 1900. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra, foi administrador do concelho de Leiria, servindo depois como cônsul em Cuba, Bristol e París. Pertenceu a uma cintilante geração de intelectuais e literatos: Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Antero do Quental, Guerra Junqueiro. Com o primeiro dêstes colaborou nas *Farpas* e no *Mistério da Estrada de Sintra*.

A personalidade literária de Eça define-se e firma-se nos seus folhetins escritos na *Gazeta de Portugal*, reünidos num livro póstumo sob o título de *Prosas bárbaras*. Desde então emancipa-se dos velhos cânones literários e cria para si um estilo original, flexível, de uma policromia surpreendente, de um brilho excepcional. É de lamentar que a sua linguagem, de-ordinário tão elegante, se mareie de alguns peregrinismos intencionais e escusados. Eça seguiu decididamente a escola naturalista, sendo Flaubert o seu principal modêlo; mas, na sua última fase, sem renunciar à exatidão realística, entra no

domínio da fantasia e do ideal. É extraordinária nêste escritor a agudeza da observação e o poder de ánalise, aliados a uma delicada sensibilidade em-face da natureza: seus tipos são bem retratados, suas païsagens teem um colorido delicioso, seus diálogos uma naturalidade encantadora. A par de tão apreciáveis dotes, uma das caracteristicas de Eça é o humorismo irônico, a caricatura expressiva, o riso céptico. É pena que um artista de tal mérito, sob pretexto de crítica social, haja maculado o seu invejável talento em algumas páginas de tão crua nudez. Deixou as seguintes obras, alêm das já citadas nesta ligeira notícia: *O Crime do Padre Amaro, A Ilustre Casa de Ramires, O Primo Basílio, A Cidade e as Serras, Os Maias, A Relíquia, A Correspondência de Fradique Mendes, Cartas de Inglaterra, Notas Contemporâneas, Últimas Páginas, Cartas Familiares e bilhetes de París, Ecos de París, A Capital, O Conde d'Abranhos, Alves & Cia., O Egito, Correspondência.* Muitas dessas obras são póstumas.

XCVII — NA RÉGOA

RAMALHO ORTIGÃO

Seis horas da manhã. Levanto-me acordado pela mais alegre alvorada que melros teem jamais assobiado na fresca ramaria das veigas. Abro a janela. Um deslumbramento!

Debaixo da varanda, voltada ao norte, estende-se, em doce declive, um largo talhão de vinha baixa, cerrada, espêssa, em todos os tons do verde, desde o mais vivo ao mais escuro, rajado das tintas maduras do outono em manchas côr de âmbar e côr de fogo, louras,

vermelhas, calcinadas. Em-baixo, o Rio Douro, espraiado, descreve um enorme S em toda a extensão do vale, reluzindo entre rasgões de olivedos e de pomares, portrás das ramas viçosas dos choupos e dos amieiros. Uma cortina de montanhas fecha o horizonte, de todos os lados. No plano mais alto, em-frente, ao fundo, alteia-se a cordilheira do Marão, cujos cabeços calvos, de uma côr térrea banhada em sol, parecem pintar, sob a transparência do céu, o dorso imenso de um fantástico boi.

Por todas as encostas do primeiro plano, descem os vinhedos em largos degraus de verdura, desde o alto dos montes salpicados de pinhais até à beira do rio. Em todas as quebradas, alvejam as casas caiadas de branco, cintilantes ao sol nascente. Na chã, por baixo da minha janela, um grupo de mulheres e raparigas vindimam; e os seus chapéus de palha, os seus lenços azues e vermelhos vistos de-longe, entre a verdura da vinha, trepidam na polvilhação luminosa como enormes borboletas.

Na água do rio, refletindo-se nela como um espêlho, passa devagar, levado na corrente, um grande barco esguio, da côr da madeira por pintar, um pouco dourado pela luz. A' popa, imóvel, um pé sôbre a apegada em forma de quiosque quadrado e de teto chato, o timoneiro empunha a longa espadela que serve de leme à embarcação, enquanto, à proa, junto ao abrigo da chilreira pontiaguda, quatro remadores, as pás recolhidas, os braços cruzados, se deixam ir ao som da água.

No lagar, sob o soalho do meu quarto, ouço correr o vinho como uma fonte de jardim; um picante cheiro de mosto, subindo no ar, parece encher todo o vale; e ao-longe, entre as vindimadeiras, uma voz de soprano rija, metálica, entoa uma das dolentes e arrastadas

cantigas, ao-mesmo-tempo tristes e zombeteiras, *de cima do Douro.*

É a bacia da **Régoa**, — a mais rica, a mais fértil, a mais abundante região agrícola de Portugal, de que o **pingue** e risonho Vale de Jugueiros é a expressão superlativa e culminante.

(*As Farpas*)

VOCABULÁRIO

Âmbar (subst.): substância sólida, da consistência da cera e de cheiro semelhante ao do almíscar; resina fóssil, de côr amarela, de que se fazem boquilhas, piteiras, rosários, etc.

Amieiro (subst.): planta betulácea, espécie de salgueiro.

Apegada ou melhor **apegadas** (subst.): tablado, nas embarcações, no qual se colocam os barqueiros do Douro para mover o leme.

Calcinado (part. pas. de *calcinar* e adj.): transformado em cal pelo calor; aquecido em excesso, queimado, abrasado, reduzido a cinzas ou a carvão.

Choupo (subst.): nome comum a várias árvores da família das salicíneas, que em geral crescem nos lugares úmidos.

Douro (subst. próp.): rio que, nascendo na Espanha (na serra de Urbion), serve em parte de limite entre êste país e Portugal, atravessa o território português de L. a O. e entra no Atlântico, um pouco abaixo da cidade do Porto.

Esguio (adj.): alto e fino; esgaivotado; comprido e delgado.

Espadela (subst.): instrumento de madeira para bater o linho; remo comprido dos barcos rabelos do Douro. Outros sentidos.

Lagar (subst.): tanque onde se espremem certos frutos, como uvas, azeitonas, etc.; o estabelecimento em que fica êsse tanque.

Marão (subst. próp.): serra de Portugal, província de Trás-os-Montes.

Mosto (substant.): sumo das uvas; suco em fermentação de qualquer fruta que contenha açúcar.

Pingue (adj.): gordo; farto, abundante; lucrativo.

Popa (subst.): parte posterior do navio; ré.
Soprano (subst.): a voz mais aguda, tiple; pessoa que tem essa voz.
Talhão (subst.): terreno cultivado ou para cultivar entre dois regos nas hortas, tabuleiro.
Timoneiro ou **temoneiro** (substant.): o que governa o temão ou leme nas embarcações, patrão; guia; pilôto.
Trepidar (v.): tremer com susto ou mêdo; vacilar, tremer.
Vindimar (v.): colher as uvas para fazer vinho.

XCVIII — UM EPISÓDIO DO CÊRCO DE LEIDE

RAMALHO ORTIGÃO

O cêrco fechara-se no fim de junho, e era preciso que viessem as marés vivas de setembro para que pudessem calar até Leide as embarcações de Zalândia, tripuladas por êsses invencíveis lobos-do-mar, fatais à Espanha e às baleias, armados de machados e trazendo no chapéu a famosa divisa — "antes turcos que papistas".

Mas os dias sucediam-se, sucediam-se as covas dos que iam morrendo a fome, e a esquadrilha não chegava.

Houve uma revolta.

Não! Uma cidade inteira não podia ficar assim, estrangulando-se a si mesma. Os de Espanha ofereciam uma provisão de víveres para negociar as **tréguas**. Era preciso aceitar. Uma onda de povo encarregou-se de o ir dizer ao burgo-mestre de Leide, Pieter Adrianszoon von der Werff.

O magistrado respondeu:

— Jurei defender Leide até o último momento da minha vida. Não me renderei nunca. É-me, porêm, indiferente morrer amanhã ou morrer hoje. Faço presente da minha vida aos fracos e dou a carne do meu

corpo aos famintos. Podeis repartí-la entre vós, matando-me no dever.

E, arrancando a espada da bainha, atirou-a à multidão.

Houve um momento de recúo, um instante de silêncio, e logo depois um grito uníssono de entusiasmo patético.

O povo, de-joelhos, restituiu ao burgo-mestre essa espada, que na mão dêle não era somente a expressão de uma honra militar, mas uma glória humana.

Muitos populares, ébrios de valor comunicado, subiram ao alto das trincheiras e gritaram aos soldados espanhóis os mais provocadores e os mais infamantes insultos.

Muitos castelhanos escutavam. Houve um silêncio, e uma voz da trincheira de Leide, interpretando os sentimentos de todos os sitiados, disse:

— Quando para nos alimentarmos faltar a erva das ruas e faltar a casca nas árvores, havemos de cortar o braço esquerdo e comê-lo. Fica-nos ainda o braço direito para defender as nossas mulheres, a nossa religião e a nossa liberdade. E nunca nos vencereis, sabei-o! Porquê, quando não pudermos mais para resistir, deitaremos fogo à nossa cidadela de Leide e dentro dela morreremos todos, sem exceção — homens, mulheres e crianças.

(*A Holanda*)

VOCABULÁRIO

Burgo-mestre (subst. comp.): magistrado principal de algumas cidades da Alemanha, Bélgica e Holanda.

Cidadela (subst.): castelo forte, fortaleza que domina uma cidade ou praça de armas.

Ébrio (adj.): embriagado, bêbado.

Lobo-do-mar (loc. subst.): marinheiro velho e experimentado.

Patético (adj.): comovente, enternecedor; que produz

grandes afetos ou sentimentos.

Tréguas (subst. pl.): suspensão temporária de hostilidade, armistício; cessação passageira de trabalho, incômodo, dor, etc. Férias.

Tripular (v.): prover uma embarcação de pessoal para manobrá-la, equipar ou esquipar; governar, guiar, dirigir embarcação.

Uníssono (adj.): que tem o mesmo som que outro; que soa ao - mesmo - tempo que outro; concorde, que sente do mesmo modo que outro.

Víveres (subst. pl.): mantimentos, vitualhas, gêneros alimentícios, provisões de bôca. *Víveres* não é palavra de bom cunho, é francesismo desnecessário.

Zelândia (subst. prôp.): província dos Países-Baixos, situada na foz do Mosa e quasi toda insular. Sua capital é *Midelburgo*.

José Duarte Ramalho Ortigão (Pôrto, 24 de novembro de 1836). Estudou preparatórios na cidade natal, e, dedicando-se ao professorado, lecionou no Colégio da Lapa, dirigido por seu pai.

A sua vocação para as letras logo o atraíu para o jornalismo, entrando êle para o *Jornal do Pôrto*, onde escrevia folhetins e uma parte do noticiário. Tranferindo-se para Lisboa, colaborou alí na *Revolução de Setembro*, no *Diário de Notícias*, no *Diário Popular*, no *Jornal do Comércio*, no *Diário da Manhã* e em vários periódicos brasileiros. De colaboração com Eça de Queiroz escreveu *O Mistério da Estrada de Cintra* e os primeiros numeros das *Farpas*, mensário que fundou em 1871, no qual criticava, com firmeza e elegância, questões de ordem geral e de caráter social, econômico, estético e religioso, continuando a redigí-lo só, quando o seu colaborador seguiu para Cuba na qualidade de cônsul.

Ramalho estudou com carinho a sua língua nos melhores modêlos clássicos, mas criou para si uma prosa pessoal, robusta, moderna, dotada de intensa expressividade e colorido. É um descritivo magistral, apreendendo com exatidão perfeita os aspetos das cousas, as pessoas, os fatos, que pinta e analisa num estilo límpido, movimentado e conciso. Encanta quando põe diante do leitor as païsagens, os tipos, as usanças, as festas da sua terra e das alheias. Além disso, perpassa pela sua obra um humorismo equilibrado e muito português, um

tom faceto que diverte sem causticar e um ideal sincero de bondade e de justiça, ao qual consagrou a sua brilhante e benéfica atividade de homem de letras, prestigioso e aplaudido.

Publicou, além do que acima se declarou: *Histórias côr-de-rosa, Em Paris, As Praias de Portugal, A Holanda, Literatura de hoje, O culto da Arte em Portugal, John Bull.* A obra, porêm, que retrata melhor a personalidade artística e moral de Ramalho são *As Farpas*. Faleceu em 1915.

XCIX — A EMBAIXADA DE D. MANUEL AO PAPA LEÃO X

OLIVEIRA MARTINS

A embaixada, confiada a Tristão da Cunha, partiu de Lisboa em janeiro (1514) e foi recebida em Roma em março. Era uma procissão magnífica, e o fausto espetaculoso do rei português conseguiu deslumbrar essa côrte de Leão X, onde se reüniam os primores da civilização da Europa.

Partiram, primeiro, da porta del Populo, trezentos cavaleiros guiados à rédea por outros tantos azemeis, vestidos de sêda, e os cavalos cobertos por mantos de brocado com franjas de oiro. Seguia logo a turba da criadagem e após ela os portugueses de Roma, seculares e eclesiásticos. Depois iam os parentes dos embaixadores, ostentando o luxo desvairado dêsse tempo: chapéus de plumas bordados de pérolas e alfôfar, grossos colares e cadeias de ouro cravejado de pedras preciosas, armas tauxiadas com embutidos e lavores, sêdas, veludos, rendas, anéis; montando cavalos de raça, ornados de fitas e jaezes de prêço. Eram mais de cincoenta os fidalgos; e atrás do brilhante esqua-

drão, via-se, primeiro, uma companhia de besteiros, depois os oficiais da casa do papa, com a sua guarda de honra de archeiros suíços e lanceiros gregos, a-pé.

A-cavalo, os músicos da embaixada portuguesa e trombeteiros e charameleiros do papa, reünidos, abriam a segunda metade, mais regular, do préstito, capitaneado pelo estribeiro do rei, Nicolau de Faria, que montava um cavalo cujos arreios eram esmaltados de ouro cravejados de pérolas.

Um elefante, recamado de xairéis preciosos, levava, na sua tôrre, o cofre onde ia o pontifical oferecido por D. Manuel ao papa; e um naire da Índia, vestindo os seus trajes de sêda, ia governando o animal dócil "tão formoso, sendo mui feio, que era coisa gentil ver". Depois do elefante, num cavalo da Pérsia, montado por um caçador de Ormuz, ia deitada na anca uma onça domesticada. Êstes animais, dois leopardos em carros, encerrados em gaiolas, e o pontifical magnífico eram as páreas que, dos seus domínios orientais, o rei enviava ao papa. Morreu noutra viagem o rinoceronte destinado a representar a África, mas foi depois empalhado para Roma; não chegando, porêm, lá as quintaladas de cravo, de pimenta, de canela, de gengibre, de malagueta, carregação da nau que naufragou em Gênova.

Depois das páreas a embaixada formava um grupo deslumbrante de riqueza. Gárcia de Resende, o secretário, era seguido pelo rei-d'-armas de Portugal, com a sua cota vestida, e pelos maceiros do papa, que precediam os embaixadores Tristão da Cunha, a-cavalo, "tão pôsto e tão poderoso com seu chapéu de pérolas que matava todos de gentileza", vinha entre o duque de Bari e o governador de Roma; Diogo Pacheco, entre o bispo de Nicósia e o embaixador de Alemanha, o conde Alberto Cáspio; e João de Faria, entre o bispo de Nápoles e o sábio Guilherme Budeu, embaixador do rei de França.

Depois seguiam os embaixadores de Castela e de Inglaterra, da Polônia, de Veneza e de Milão, de Luca e de Bolonha, cada um com seu bispo ao-lado, e marchando em coluna, aos pares.

Havia séculos, desde o antigo Império, que a Itália não via um elefante, e a novidade espantosa, correndo por toda a Península, trouxera gente de muito longe. Havia quem estivesse em Roma desde meses, esperando o grande dia, e as ondas do povo alastravam o chão ansiosas: "Não sei contar a V. A. por onde vim, que eu não via outra cousa sinão gente, sempre gente". O dia amanhecera chuvoso, mas aclarou depois, e nas ruas, nos palanques, nos telhados das casas, nos balcões, por toda a parte, o negrume do povo se estendia a perder de vista.

Boa têrça parte da população de Roma, por trinta mil pessoas, andava nas ruas para ver o desfilar do préstito; e ao rumor, aos vivas, às exclamações do povo, juntavam-se o estrondo das salvas de artilharia, e o cântico metálico dos sinos de todas as igrejas, repicando e dobrando com furor. Chegada a procissão em frente do castelo de Sant'Ângelo, o papa, com os seus cardiais, apareceu na varanda a recebê-la; e o elefante, molhando a tromba como hissope, numa bacia de água perfumada, aspergiu por tres vezes, primeiro o papa, depois o povo. Singular cerimônia, extravagante sacerdote!

(*História de Portugal*)

VOCABULÁRIO

Archeiro (subst.): soldado armado de archa, arma antiga semelhante a machado de carniceiro, usada pelos guardas do paço; o que usa arco e flecha.

Aspergir (v.): espargir líquido em pequenas gotas, bor-

rifar, orvalhar com hissope.

Azemel (subst.): almocreve, recoveiro, portador, o que tem por ofício fazer transporte em bêsta de carga.

Balcão (subst.): varanda larga. Tem outros significados assaz conhecidos.

Bari (subst. próp.): cidade da Itália meridional, cap. da província do mesmo nome e pôrto no mar Adriático

Bolonha (subst. prop.): cidade universitária da Itália, cap. da província do mesmo nome. No Renascimento foi séde de célebre escola de pintura.

Brocado (subst.): estôfo de sêda entretecido de ouro ou prata, com flores e figuras em relêvo.

Budeu (Guilherme): célebre filólogo e erudito (1467-1540), vulto proeminente do humanismo em França. Pelo seu mérito desempenhou cargos importantes (secretário e bibliotecário do rei, embaixador junto a Leão X, etc.). Seu prestígio com Francisde I determinou êste monarca a fundar o Colégio de França. Deixou vários escritos de erudição.

Charameleiro (subst.): músico que faz parte de charamela, que é uma banda de música na qual predominam os instrumentos de metal, charanga. *Charamela* significa também *pífaro, flauta rústica sem chaves,* e *charameleiro* é aquele que a toca.

Cota (subst.): saia ou saiote apertado na cintura e que chega até aos joelhos. Outros sentidos.

Embaixada (subst.): deputação ou pessoal enviado em missão diplomática junto a um Estado soberano; missão e residência do embaixador.

Embutido (part. pas. substantivado): obra feita com várias peças de madeira, marfim, metais embebidos noutra obra também de madeira, metal, etc.; marchetaria, mosaico.

Fausto (subst.): grande pompa, grande luxo, magnificência; (adj.): próspero, feliz, venturoso.

Jaez (subst.): arreio; espécie, gênero, qualidade.

Lanceiro (subst.): cavaleiro armado com lança; fabricante de lanças; armeiro. *Lanceiros* (pl.): antiga dança espécie de quadrilha.

Leão X (João de Médicis), foi eleito e sagrado papa em 1513. De viva inteligência e rara cultura, distinguiu-se não só como político arguto, mas também como grande protetor das letras e das artes (1477-1521).

Luca (subst. próp.): cidade da Itália, na Toscana. Foi na Idade - Média república florescente.

Maceiro (subst.): porta-maça. *Maça* é um pau pesado, mais grosso numa das extremidades, clava.

Naire (subst.): militar nobre entre os índios de Malabar.

Ormuz (subst. próp.): ilha no golfo Pérsico, no estreito que comunica êste golfo com o mar de Omã. Foi tomada, em 1514, por Afonso de Albuquerque.

Páreas (subst. fem. pl.): tributo pago antigamente em reconhecimento de vassalagem.

Pontifical (subst.): livro que contêm as orações, ritos e cerimôniais que o papa e os bispos devem observar no exercício de sua dignidade, mòrmente ao administrarem os sacramentos da ordem e da confirmação; (adj.): pertencente ou relativo ao pontífice, ao papa.

Recamar (v.): bordar a relêvo; ornamentar; revestir.

Rei-d'-armas (subst. comp.): antigamente, oficial público que tinha a seu cargo escrever as genealogias dos nobres, explicar os brasões ou referir-se a êles e dar as cartas de nobreza.

Tauxiar (v.): ornar ou lavrar com tauxia, que é uma obra de embutidos em aço, ferro, etc.

Xairel (subst.): cobertura da bêsta, sôbre a qual se põe a albarda ou o selim.

C — A ACRÓPOLE DE CARTAGO

OLIVEIRA MARTINS

Desde o bairro de Malqua, na raiz interior da colina de Cartago, a cidade vinha subindo em socalcos e terraços até à Acrópole, no bairro de Birsa (byrtha, cidadela), que era o ponto culminante; daí, olhando-se para um lado, via-se desenrolar a campina verde; olhando-se para o oposto, via-se a-pique, lá em-baixo, a duzentos pés, a onda glauca da baía vir beijar docemente o trono de rocha onde se levantava, sôbre uma base de sessenta degraus, o templo de Esculápio (Eschmun) no seu bosque viçoso de ciprestes, por meio do qual pastavam os cavalos sagrados. Birsa era o Capitólio de Cartago: aí a multidão dos monumentos fazia vergar o solo. Eram templos, como o de Melcarte, com colunas espirais e capiteis de bronze; eram pirâmides raiadas de azul, cúpulas de cobre reluzente. obeliscos, colunatas, está-

tuas: todas as arquiteturas e todas as artes do Egito, da Síria, da Grécia, num pandemônio de formas, numa orgia policrômica, em pleno céu azul, ao sol de um dia deslumbrante. Era o poema triunfante do comércio, fundindo todos os países, amontoando riquezas e artes, formas, côres, metais, mármores, árvores — e um milhão de homens de todas as côres e raças.

(*História da República Romana*)

VOCABULÁRIO

Acrópole (subst.): cidadela na parte mais elevada de uma cidade, particularmente a cidadela da antiga Atenas.

Capitel (subst.): parte superior de uma coluna, acima do fuste e da coroa. Outras significações.

Capitólio (subst. próp.): fortaleza e templo de Júpiter em Roma, no monte Capitolino; (fig.) edifício suntuoso; triunfo, posição elevada.

Cartago (subst. próp.): famosa cidade do norte da África, que disputou a Roma o império do mundo. Foi destruída pelos Árabes em 698. Seu local fica perto de Tunes.

Colunata (subst.): série ou enfiada de colunas simétricas.

Eschmun (subst. próp.): deus fenício que os gregos assimilaram ao seu Asclépios e os romanos a Esculápio, que era o deus da medicina.

Glauco (adj.): verde-mar, esverdeado, esverdinhado; garço.

Melcarte (**Melkarth**, substant. próp.): divindade fenícia, representada sob os traços de um guerreiro vitorioso. Os gregos o identificaram com Heracles (Hércules).

Pandemônio (subst.): assembléia dos demônios e o lugar onde se reúnem; (figurado): reünião tumultuosa: confusão, balbúrdia, caos; reünião de indivíduos que se associam para praticar o mal, promover desordens, etc.

Policrômico (adj.): que tem muitas côres, multicor, multicolor.

Joaquim Pedro de Oliveira Martins (Lisboa, 30 de abril de 1845; Lisboa, 24 de agosto de 1904). Encetou os seus estudos no Liceu e na Escola de Belas-Artes, interrompidos com

a morte do pai, a qual o fez tomar sôbre si os encargos da família. Dedicou-se ao comércio e à indústria, indo aos 24 anos administrar na Espanha as minas de Santa Eufêmia. Mais tarde tornou para Portugal (1874), como alto empregado de uma companhia de estrada de ferro, chegando depois a deputado e a ministro da Fazenda.

De uma inteligência luminosa e possante, Oliveira Martins, por um esfôrço pessoal e indefesso, alcançou larga e sólida cultura, que o tornou uma das individualidades mais assinaladas da sua época e uma das glórias mais legítimas da sua pátria. Estreou-se nas letras com um romance histórico — *Febo Muniz* —, recebido com frieza. Seu espírito era mais de pensador e sociólogo do que de romancista. Assim, foram aparecendo sucessivamente as obras de sociologia, história, crítica, econômia, política, que lhe granjearam o renome literário: *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal, O Helenismo e a Civilização Cristã, Sistema dos mitos religiosos, Elementos de antropologia, As raças humanas, Quadro das Instituições Primitivas, História da República Romana, História da Civilização Ibérica, História de Portugal, Portugal Contemporâneo, O Regimen das Riquezas, A vida de Nun'Alvares, Os Filhos de D. João I, O Príncipe Perfeito* (inacabado), *Inglaterra de hoje, Cartas peninsulares*, etc.

Oliveira Martins não era, como Herculano, um historiador com vistas próprias: servia-se dos subsídios ministrados por outros historiadores. Entretanto, aplicando à história os processos realistas, à imitação de Michelet, de Taine, de Rénan, de Carlyle, êle se tornou em nossos dias o maior *artista histórico* da Península, como o qualificou Menendez y Pelaio. E, de-feito, o seu estilo, mòrmente nas últimas obras, é nervoso, faiscante, vivo, imaginoso. As personagens ressurgem cheias de vida e de vibração, os quadros e as cenas do passado animam-se e movimentam-se sob a magia da sua pena magistral, os fatos encadeiam-se e explicam-se com a rígida lógica do seu perspicaz analista. Podemos resumir as caracteristicas mentais de Oliveira Martins, afirmando que foi um pensador e um esteta do mais fino quilate.

CI — A PROCISSÃO DA SAÚDE

TRINDADE COELHO

Senhora da Saúde! Senhora da Saúde!

Que formigueiro por essas ruas! Convergem de toda banda para a linha anunciada do teu itinerário os bandos alegres das mulheres, trajando de galas... E vê-se pelo porte, pelo êxtase de certa introversão que se lhes adivinha, que é novidade aquele chapéu, que é novidade aquele vestido, que é novo, sob a fímbria baixa, o breve sapatinho...

Senhora da Saúde! Senhora da Saúde!

Que imensa, infinita galeria de caras ao longo dos passeios, pelas janelas, nas escadas, aguardando a tua passagem... Ao ar fresco da manhã, tremulam nas ruas do préstito as bandeiras; sôbre a calçada, aquí, além, acolá, a areia vermelha lembra as alegrias da sorte grande... E há ramos de buxo fazendo tapête em certos pontos, e já, no parapeito das janelas, assomam os tabuleiros das pétalas...

Ouve-se a música... veem soldados a-cavalo... debruçam-se nos balcões os vultos das ragarigas...

Senhora da Saúde! Senhora da Saúde!

Vem garrida a tua festa, luzida e brilhante a guarda avançada do teu andor, que ao-longe adivinho, juncado de flores, entre as alas douradas das lanternas...

Passam cavalos, que artilheiros montam... gente com opas azues e brancas... uma banda marcial... a fileira de *anjos*... música... tropa.... soldados com opas sôbre as fardas e velas em vez de espingardas... outra banda... mais tropa... agora o andor de S. Sebastião mártir e, logo atrás dêle, em tropel, a chusma dos

que lhe fizeram promessas... três filas de marinheiros... continúa a legião dos teus confrades... passam *anjos*... chovem flores...

Senhora da Saúde! Senhora da Saúde!

Eis-te, sorrindo, no alto do teu belo andor que parece um enorme "bouquet", belo viçoso, primaveril, como o não tens melhor lá no céu...

Salve Rainha... É da côr do mar o teu manto... Mãe de misericórdia... juncado todo de estrêlas, bordado todo de flores... vida, doçura, esperança nossa...

Senhora da Saúde! Senhora da Saúde!

Salve!

(*No "Branco e Negro"* de 26 de abril de 1896)

VOCABULÁRIO

Buxo (subst.): arbusto semelhante à murta, havendo duas espécies, uma arborescente, outra rasteira. Usa-se para ornamentação dos jardins.

Bouquet (subst.): palavra francesa, que não se deve adotar, pois há dela o correspondente vernaculo exato em *ramalhete* ou *ramilhete*, que é um pequeno feixo ou mólho de flores reünidas pelas hastes.

Itinerário (subst.): percurso, caminho; descrição de caminho ou viagem, roteiro; (adj.): relativo a caminho.

Introversão (subst.): qualidade ou estado do que é introverso ou introrso, isto é, voltado para dentro; concentração do espírito ou da conciência.

Marcial (adj.): bélico; guerreiro; militar.

Opa (subst.): espécie de capa sem mangas e com aberturas por onde passam os braços, usada em cerimônias pelos irmãos de certas confrarias religiosas.

CII — AO CAIR DA TARDE

TRINDADE COELHO

A tarde descaía límpida. Na vasta cúpula do céu, penachos de nuvens alvejavam, imóveis. Acesas naquela explosão rubra do ocaso, as arestas dos montes franjavam-se de púrpura e ouro, na decoração mágica dos poentes. Começava de cair sôbre os campos a larga paz tranqüila dos crepúsculos, e uma quietação dulcíssima e vagamente melancólica entrava de adormecer a natureza para o grande sono reparador de toda a noite.

... E a tarde ia descaíndo, cada vez mais límpida. Naquela luz indecisa do crepúsculo que mansamente se ia acentuando, os montes do sul tomavam um tôrvo aspeto de sombras gigantescas, imobilizados num fundo em que se iam apagando ao-de-leve todos os cambiantes da luz. Os pormenores da paisagem perdiam-se naquela indecisão vaga da noite que vinha descendo, e uma espécie de silêncio confrangedor dominava a natureza toda, recolhida num como espasmo amedrontador e sinistro que dentro de nós evoca a essa hora não sei que vagos receios ou mêdos inconcientes que fazem com que na imaginação as coisas criem vulto, e no mundo exterior obriguem a retina a exagerar as formas das coisas...

Muda de gorjeios, atravessando o espaço em vôos muito rápidos, a passarada demandava os ninhos onde se acoitasse do frio que acordava. Caíam já pesadas sôbre os vales as sombras das montanhas, e um fumozito sutilmente azulado nadava à-flor das coisas, velando-as para o tranqüilo sono em que iam adormecer.

(*Os meus Amores*)

VOCABULÁRIO

Acoitar (v.): acolher, agasalhar, proteger.

Cambiante (subst.): mudança gradual de côres, furta-côr; pequena diferença; (adj.): que passa de uma para outra côr, furta-côr, irisado.

Confrangedor (adj.): que confrange, que aperta ou angustia.

Espasmo (subst.): contração convulsiva dos músculos, mòrmente dos que escapam à ação da vontade; rapto, êxtase.

José Francisco Trindade Coelho (Vila do Mogadouro, 1861; suicidou-se em 1908). Estudou preparatórios no Colégio de S. Carlos (Pôrto) e em 1885 formou-se em direito na Universidade de Coimbra, entrando na magistratura, que, por motivos políticos, teve de abandonar em 1907. Colaborou ativamente em diversos jornais e revistas. É contista exímio e um crítico de fino senso. O seu formoso livro — *Os meus Amores* — revela-lhe as qualidades de estilista consumado e o temperamento sentimental e puro, através de uma linguagem singela e atraente. Além dêste livro publicou ainda: *Manual político do cidadão português, Roteiro dos processos especiais, In illo tempore* (recordações da vida acadêmica).

CIII — NA AZENHA

MARCELINO DE MESQUITA

Quando agosto chega...

Muito ao-longe, o eucalipto gigante, cujas raízes abraçam os alicerces da azenha, indica-me a tebaida. Do alto do cabeço, a longa fila de salgueiros e choupos, quando me vê, dobra-se em cumprimentos prolongados e há um sussurro de ramagem, que lembra o zumbir da multidão quando aparece a pessoa ou coisa esperada. Conheço-os a todos: os que se erguem firmes como prumos; os que se dobram sôbre o rio, arqueados como

velhos; os de fôlhas miúdas como pequenas choupas de lanças; os de folhagem verde-negra, buliçosa, em ramilhetes de ventarolas de bronze velho.

Mal passo a ponte, o rir alegre da água, caíndo, aos soluços, dos cubos da azenha, mistura-se ao ruído das mós, suave e monótono como o rancor dolente de um grande gato. A água espelhenta do açude, bordado de ervagens rasteiras, sombreado de cabeleiras de limos, espelha em tremuras as árvores dos combros, as figueiras de fôlha bíblica, os deliciosos marmeleiros de frutos d'oiro. A vinha atapeta a encosta, e, lá no alto, os pinheiros mansos erguem-se como colossais umbelas, que o sol franja de esmeraldas, envolvendo os matagais rasteiros em túnèis de sombra; enquanto os pinheiros bravos — cones movediços de agulhas — roçando os vértices, em longos haustos, dão ao ouvido a ilusão do mar batendo, ao-longe, os rochedos da costa.

Reconheço a paisagem e sinto dentro de mim uma grande emoção, uma ternura pueril por todo êste mundo inconciente, por toda esta natureza acariciadora, cheia de trilos de aves e de águas que cantam.

E o olhar perde-se ao-longe, galgando as quebradas, pela charneca ampla, cheia de luz, manchada pelas estevas, onde os palmitos amarelos de tojo florido debicam as urzes empenachadas de turquesas e donde o vento traz, com o chocalhar do rebanho invisível, o aroma agreste do trevo e do rosmaninho.

Ao estrupido das ferraduras do cavalo sôbre as pedras, o moleiro apruma-se na soleira da porta.

— Por cá outra vez?

Apeio-me e entro.

É uma curiosa vivenda o meu moinho. Uma casita escondida no vale, cercada de canaviais e de macieiras, rumorosa como uma colméia e empoada de branco como um casquilho antigo. A porta é baixa e o teto;

escalonados de-encontro às paredes caiadas, os farnéis vazios, de trigo e de milho, esperam a vez.

Pelo centro da casa, em alcofas de esparto, rasteiras, há montes de grão, sôbre que descansam os crivos de arame e de coiro, e, encostados a pequenos bancos de pinho, reclinam-se as bandejas de carvalho, chanfradas no rebôrdo, a permitir a fuga do trigo limpo, quando percutidas sôbre os joelhos do moleiro. Suspensos de pregos ou em prateleiras, vê-se a pá, o rôdo, as medidas, o azeiteiro e o saleiro, cilíndricos, de chifre claro, em camaradagem com a vassoura e a candeia. Tudo isto branqueado pela farinha que se desloca à passagem, em pequenas nuvens, de um cheiro acre e são. Ao fundo, iguais como irmãs gêmeas, envoltas cada uma num cilindro de madeira — o cadelo, — aberto na frente, trabalham as mós. Todos as conhecem, semelhantes a dois grandes queijos de pedra: a de baixo fixa, a de cima girante, com uma abertura ao centro. Sôbre elas, suspensas do teto por cordas, duas pirâmides de madeira, truncadas e invertidas, abarrotam de grão. São os tegões. Sob a abertura inferior, uma calha inclinada liga-se a uma alavanca apoiada sôbre a mó, que, ao rodar, a agita num tremor contínuo, rumor que, transmitido à calha faz descer lentamente o grão. Êste, arrastado por entre as pedras, esboroa-se, pulveriza-se, corre no interior do cadelo num movimento circular até à abertura, onde um farrapo de linhagem, em bandolina, o ampara e abate.

(*Na azenha*)

VOCABULÁRIO

Alcofa (subst.): cêsto flexível de vime, esparto ou palma, côvo.

Azenha (subst.): moinho movido por água.

Bandolina (subst.): óleo perfumado feito de ordinário com mucilagem de marmelo para lustrar e unir o cabelo.

Casquilho (subst.): janota, pelintra, taful, homem muito apurado no trajar-se.

Choupa (subst.): ponta de aço comprida e afiada que se encaba numa vara; ferro de dois gumes, de cabo curto com que se abatem reses no matadouro.

Debicar (v.): picar com o bico; comer pouco de cada vez; motejar, escarnecer de, mofar de.

Escalonar (v.): dispor em escalão ou degrau, dar forma de escada a.

Esparto (subst.): gramínea de cujos caules se fabricam cordas, capachos, cêstas, etc; esparteira.

Estêva (subst.): planta comum, família das cistíneas, cisto, xara.

Mó (subst.): pedra redonda e chata com que se tritura o grão nos moinhos e a azeitona nos lagares; pedra de amolar.

Rôdo (subst.): utensílio em fórma de pá para juntar sal nas marinhas ou cereais nas eiras; utensílio para puxar cinza do forno; instrumento análogo para aproximar e recolher dinheiro nas mesas de jôgo. Tem outros sentidos, alguns regionais.

Tebaida (subst.): retiro, recesso, solidão, êrmo.

Túnel (substant.): passagem, subterrânea; (por ext.): abóbada arqueada e longa, arcada. E' palavra importada do inglês.

Marcelino de Mesquita nasceu no Cartaxo em 1856 e ali faleceu em 1919. Formou-se em medicina. É um dos mais notáveis dramaturgos portugueses, conhecedor profundo da arte teatral em todos os seus segredos e recursos. Suas peças são originais e vigorosas, cheias de lances empolgantes, com as personagens magistralmente caracterizadas. Dotado de talento plástico e de imaginação poderosa, Marcelino de Mesquita dominava as platéias pela habilidade e tino com que urdia as suas composições dramáticas. Manejou com igual perícia o trágico e o cômico, produzindo, assim, obra vasta e duradoura. Ainda estudante, escreveu o drama em verso *Leonor Teles* e a seguir as demais peças: *Dor Suprema*, *Peraltas e Sécias*, que muitos julgam a sua obra prima, *O Regente*, a sua melhor tragédia, *Pérola*, *Frinéia*, *Velho tema*, *Almas doentes*, *Pedro, o Cruel*, *Envelhecer*, *Sempre noiva*, *etc.* Além das suas colaborações em vários jornais e revistas, deixou um romance — *Quatro reis impostores* —, um livro

de contos — *Na azenha* — e um volume de poesias — *As Meridionais*. Os seus últimos anos passou-os no granjeio das suas propriedades agrícolas no Cartaxo.

CIV — NUM JARDIM

O químico passeava entre os canteiros com os olhos pardos vagueando. O monte de cravos garridos defrontava-se com o das aristocráticas rosas; as azáleas, desde o branco puro ao escarlate, sorriam de um canto, como grupos de meninas contentes e irônicas, protegidas pela trepadeira Reine des Belges, de fôlhas espêssas e curtas, bela espata floral côr de pele de criança, caíndo o cacho da larga bôca de um cálice, como escádeas de uvas brancas tocadas de sol poente. Manuel sorria e imaginava. A um maciço de brincos de princesa, vermelhos e roxos, inclinados à terra com modéstia, deu alguns segundos do seu olhar; mas logo uma assembléia de pequenos vasos com variados jacintos brancos, lilases, azues, violetas e vermelhos, lhe chamou apreciação mais atenta. Rivalizavam com os narcisos que lhes faziam frente, os amarelos, os incomparáveis narcisos côr de enxôfre, tão delicados e tão belos. Ao-pé dêles, esmoreciam os modestos e recatados junquilhos, de timidez feminina, e até as pretensiosas açucenas, em que o *lilium candidum*, albapleno deslumbrante, se diminuia na sua beleza tão apregoada. A variedade de lírios dourados, pétalas côr dêsse rico metal brunido, sôbre fundo alvíssimo, e com perfume inebriante, é oriunda do Japão; a sua florescência arrebatadora, ao ar livre no nosso clima, realça como no seu meigo país de origem.

(*A Grande Quimera*)

VOCABULÁRIO

Azálea (subst.): gênero de plantas ericíneas, cujas flores são muito belas.
Escádea (subst.): esgalho de caixo de uva.
Espata (subst.): espécie de cálice que envolve e protege a espiga que forma inflorescência.
Jacinto (subst.): planta liliácea, da qual há várias espécies; pedra preciosa de diversas côres, principalmente alaranjada.
Junquilho (substant.): planta amarilídea semelhante ao narciso.
Narciso (subst.): gênero de plantas amarilídeas em geral odoríferas.

Francisco Teixeira de Queiroz (1849-1919), que, durante algum tempo, usou o pseudônimo de Bento Moreno, é um dos grandes escritores contemporâneos de Portugal, pelo estilo elegante, correto e esmerado, pela linguagem vernácula e vibrante, pela emotividade equilibrada e profunda. Sem ambicionar popularidade, era um artista conciencioso, que, buscando sempre a perfeição, refundia e burilava com esmero os seus escritos. Publicou: *A Comédia do Campo* (contos e novelas), *Os Noivos, Salústio Nogueira, O ilustre Galrão, A morte de D. Agostinho, Caridade em Lisboa, Cartas de Amor, A Grande Quimera,* e para o teatro escreveu *O grande homem* Era médico.

CV — AO DESPERTAR

FIALHO D'ALMEIDA

Agora no verão é já dia às três e meia. Sôbre as cristas da serra, o céu engasta a sua cúpula num aro de cambiantes metalúrgicos côr de fogo a nascente, côr de névoa ao poente, rosa e lilás nos outros pontos. A primeira andorinha singrou nos ares, soando o *angelus*

que as cotovias, há muito, no restolho, bem dizendo estiveram em casquinadas joviais. Um ventinho traz dos campos o cheiro das espigas esmagadas nas eiras, e arrasta sôbre as vinhas o refrigerante orvalho da *brandura*, que amadurece os figos lampos e, ao mesmo tempo, ingurgita os cachos, entre a decoração dos pâmpanos, festiva e rubenesca. Esta neblina parece que vem por entre as fendas da cordilheira, lentamente, como um fumo de sulfatara sucessivamente aspirado do fundo de uma cratera para espargir-se, alma benigna da cultura, sôbre os vergéis estancados por tantas horas de siroco. Pouco-a-pouco o dia ascende, com uma graça paradisíaca, na vitalidade ainda preguiçosa das coisas. No aro da cúpula, ao nascente, a linha de oiro esbraseia-se e cintila, dimanando tons que mancham de rosa as arestas francas de cada forma: tôrres, casas, árvores, mirantes e cabeços. Eis o preciso instante d'eu abrir um pano à minha velha gelosia. No pequenino largo que desafoga das mais casas a frontaria da minha velha habitação, já o velho Zé Felix tem pigarreado a sua velha catarreira, sentado em mangas de camisa nos degraus do velho adro e rolando os polegares num moto contínuo satisfeito.

— Ora bons dias!

O velho Laurentim, que está à espera que a loja se abra, vai descerrando o postigo da porta e cumprimenta. E duas ou três velhas mulheres, começam a varruscar, sôbre as soleiras, hipotéticos grãos de pó que pela noite devem ter vindo macular a escrupulosa pintura d'almagre, que elas renovam em todas as manhãs de Noss' Senhor. Entretanto, o Antônio Manuel abriu a loja, veem ao feijão dois rapazelhos: e outros postigos de casebres vão entreabrindo, na simplicidade rústica da vida, os seus mesquinhos olhos sonolentos. Entram a passar trabalhadores para a labuta dos campos,

na larga rua contornada irregularmente de casinholos caiados e com a chaminé saliente ao-pé da porta. Velhos campônios levam os seus alforjes atrás dos jumentos carregados d'utensílios; grandes rapazes trigueiros caminham aos pares, de jaqueta ao ombro e chapéus de palha grosseira; e dos casebres, agora um, agora outro, toda essa humilde gente vai saíndo, a completar os últimos amanhos da vinha, no intervalo d'alguns dias que medeiam entre a ceifa e a debulha.

Quatro horas da manhã. É dia claro. Já as primeiras fímbrias de sol ourelam de oiro os cunhais das velhas casas, e as andorinhas, em pelotão sôbre as cimalhas, "smorzam" queixumes de uma *ave-maria* sinfónica e matinal. Pela estrada engrossam ranchos, dando bons dias, trocando chufas, começando cantigas; ceifeiras requebram a marcha, num dengoso meneio de quadrís; moleiros com suas récuas de machos, todos cobertos de farinha; carrejões trazendo espigas de courelas ou carreteando a palha das eiras...

A luz do céu vibra de intensa, palpita, jorra, com uma tonalidade clara, sob que a pupila trepida. Muito alto, os melharucos passam, castanho e azul, com um rrr característico. Os primeiros fumos d'almôço saem das chaminés quási a direito; os hortelões apregoam na rua feijão verde e pepinos novos: à esquina da igreja o pregoeiro avisa o povo que se perdeu a burrinha branca do Pisco, quem a achar deve ir restituí-la a seu dono. E sùbitamente a rua anima-se, a grande rua fidalga da vila, que até se chama *rua de Lisboa*, quando ao portelo da forja surge o Patana em mangas de camisa, o maior homem da terra, espreguiçando a sua corpulência de carvalho e troando o vozeirão, num bocejar de fazer tremer a casaria.

(*O País das Uvas*)

VOCABULÁRIO

Almagra ou **almagre** (subst.): terra avermelhada que se emprega em pinturas grosseiras.

Brandura (subst.). No texto está com o sentido que, no Alentejo e no Algarve, lhe dão de "umidade da manhã, chuvinha, cacimba, garoa".

Casquinada (subst.): gargalhada infantil, carcachada, cachinada, cascalhada.

Cunhal (subst.): ângulo saliente formado por duas paredes convergentes, esquina.

Estancar (v.): não deixar correr (um líquido), exhaurir, esgotar; pôr fim; fatigar.

Gelosia (subst.): grade de fasquias de madeira em geral encruzada e ocupando o vão da janela; janela de rótula, rótula.

Ingurgitar (v.): devorar; obstruir; (intr. e pron.): encher-se muito; distender-se; turgescer, entumecer.

Lampo (adj.): temporão (especialmente falando-se de certa variedade de figos brancos).

Melharuco ou **abelharuco** (substant.): abelheiro, ave que se alimenta de abelhas.

Metalúrgico (adj.): relativo à metalurgia, que é a arte de extrair os metais da terra e de purificá-los. No texto está com o sentido, aliás forçado, de *metálico* ou *metalino*.

Portelo (subst. Prov.): porta de um cercado ou terreno murado; pequena porta ou portal; pequena portela.

Postigo (subst.): pequena portinhola quadrada; abertura pequena ou portinha em porta grande; fresta em porta ou janela com portinhola.

Rubenesco (adj. Neol.): próprio de Rubens, pintor flamengo mui fecundo (1577-1640).

Siroco (subst.): vento quente que no Mediterrâneo sopra do sueste. Tambem se diz *xaroco*.

"Smorzar" (v.): palavra italiana, empregada em música, que significa "enfraquecer gradualmente um som".

Soleira (subst.): peça quadrilonga de pedra ou de madeira sôbre a qual se assentam os umbrais da porta, limiar. Tem várias outras acepções.

Sulfatara (substant.): terreno donde se desprendem gases sulfurosos ou em que se deposita enxôfre, enxofreira.

José Valentim Fialho d'Almeida (n. em Vila de Frades, a 7 de maio de 1857; m. em Cuba, no Alentejo, a 4 de março de 1911). Médico pelá Escola Medico-Cirúrgica de Lisboa, alcançou com razão a nomeada de um dos maiores escritores

da sua geração, pelo talento fulgurante, finura da observação, originalidade de estilo, energia da linguagem e intensidade do colorido. Sua prosa, opulenta e forte, é às-vezes irregular e eivada de pebleismos e peregrinismos, que lhe prejudicam o tom geral de sabor muito português. Um dos característicos de Fialho é a crítica mordaz e não raro ferina com que vergasta os homens e as cousas. Era, porêm, um artista genial, de um realismo minucioso e impressivo, e muitas das suas páginas se podem considerar verdadeiros primores, não apenas da literatura portuguesa, mas da literatura universal. Deixou impressas as seguintes obras: *À esquina, Contos, Os Gatos, Vida irônica, A cidade do vício, Pasquinadas, Lisboa galante, O País das Uvas, Estâncias d'Arte e de Saüdade, Saibam quantos..., Aves migradoras, Barbear, pentear* (póstumo).

CVI — A CATEDRAL DE S. PAULO EM LONDRES

JÚLIO CESAR MACHADO

Diante de S. Paulo pára-se, pasma-se, admira-se, mas não se extasia a gente: é enorme sem ser belo.

Está a igreja de S. Paulo entre *London Bridge* (Ponte de Londres) e a porta da cidade, isto é, no sítio mais animado e ruïdoso de Londres. A vista amedronta-se ao fixar aquela montanha, que parece estar desafiando a basílica de S. Pedro, em Roma. O cicerone, explicando a monstruosidade, faz-nos revelações curiosas e diz-nos quanto custou, *penny* por *penny*, vintêm por vintêm, a edificação dessa obra gigantesca, que parece agüentar sem esfôrço a fria majestade da cúpula. O interior do templo é uma série de maravilhas; as pinturas da cúpula, que representam diversas cenas da vida de S. Paulo, são com justiça consideradas em Ingla-

terra como a expressão da sua melhor pintura. Dos lados tudo é cheio de capelas com monumentos fúnebres: são mais de cem túmulos em que há para notar excelentes trabalhos de esculturas de uma concepção fecunda e original.

O *cicerone* conta alguns casos históricos relativos à igreja, que não são destituidos de interêsse. Diz êle, por exemplo, que o autor das pinturas da cúpula, que é um pintor arrevesado e pouco sabido, estava pintando, suspenso no ar, em-cima de umas tábuas sem costas. Ao terminar a cabeça de S. Paulo, em companhia de um amigo, quís julgar do efeito que já produzia o seu trabalho e, segundo o costume dos artistas, recuou para observar em distância. O amigo vê-o recuar, recuar e estar a ponto de cair, porque chegara à extremidade da última tábua; então, sem soltar uma palavra, foi-se à cabeça do santo e deu-lhe umas poucas de pinceladas. O pintor cresceu para êle a segurar-lhe a mão, e o outro respondeu sorrindo:

— Estavas morto, sinão fosse isto.

(*Recordações de Paris e Londres*)

VOCABULÁRIO

Basílica (subst.): templo real, igreja principal. Antigamente palácio real ou edifício público onde funcionavam os tribunais.

Cicerone (subst. Palavra italiana): guia que mostra e explica aos estranjeiros as curiosidades de uma localidade.

Crescer para ou sôbre alguêm: investir contra êle, atacá-lo.

Júlio Cesar Machado nasceu em Lisboa, em 1835, falecendo em 1890. Deu-se desde moço ao jornalismo, tornando-se muito conhecido e apreciado pelos seus folhetins. Seu estilo

é singelo e faceto, e seus livros, além de recrearem, dão interessantes informações sôbre o movimento literário e a vida das diferentes classes durante o período compreendido entre 1850 e 1880. Particularmente sedutores são os seus livros de viagens. Colaborou em vários jornais e revistas, e entre outros, no *Jornal do Comércio*. Deixou publicados os seguintes volumes: *Apontamentos dum folhetinista, A vida em Lisboa, Cenas da minha terra, Contos ao luar, Recordações de Paris e de Londres, Em Espanha, Do Chiado a Veneza, À lareira, A vida alegre*. Traduziu a *História de Gil Braz de Santilhana*, de Lesage.

CVII — O PAMPEIRO

PADRE SENA FREITAS

Ao chegar ao Rosário, o horizonte pesava negro, como uma tempestade iminente, sôbre o perímetro da cidade. Todo o céu tingia-se, lá no fundo, de uma côr pardacenta e suja, que nem o céu de Londres, encarvoiçado pela bruma e pela atmosfera artificial dos seus milhões de chaminés e das suas gargantas de fábricas. Sôbre a cidade de Rosário, à proporção que nos íamos aproximando mais, as nuvens variavam do aspeto sinistro da fuligem a um amarelo de oca, esbatido, sem beleza nem luz, como aguarelista que prova uma combinação de côres numa fôlha de papel.

Por-detrás da oca parecia que estava ardendo uma *queimada* do sertão do Brasil, quando os clarões rubros já começavam a amortecer nas derradeiras incinerações das árvores tombadas. E o combóio apontava rápido na direção do Rosário, como si lhe tardasse chegar a tempo de não ser colhido pelo próximo vendaval.

Mas eu nunca tinha visto um espetáculo desta ordem, um cromo tão horrível de céu e de atmosfera. "Que será isto? ruminava comigo; as próprias tempestades não se anunciam por esta forma". O vento ao mesmo tempo uivava implacàvelmente; o velho Éolo abrira todos os odres. A poeira, mas uma poeira côr de tijolo e brasa pulverizada, fustigava-me a cara.

Por-vezes tive de pôr um lenço no nariz, para não asfixiar. De-súbito caí em mim; recordei-me de qual era o fenômeno. Era o pampeiro, o vento terrível, o mistral da América do Sul, que me fazia a sua apresentação sem apresentante e com todo o seu cortejo dramático de negrumes, de reflexos sinistros, de prismas infernais, de rugidos leoninos. Que potência, quando chega a desencadear-se, como sucede por-vezes na República Argentina! Surge lá do fundo dos pampas como um exército aério. E parte em ordem de batalha, cerrado e irresistível. Leva diante-de si montanhas e colunas enormes de uma pulverização asfixiante, dardejadas pelo sol. Não é então mais o vento, é o ciclone, o irmão do raio, o déspota da atmosfera. Para êle esgalhar uma árvore, desraizar um tronco, aluir e abater uma casa, transportar um telhado ou um homem a-distância, não passa de um brinco. É a fúria condensada no vento, o vento requintado no pampeiro, o pampeiro desesperado no ciclone.

O que soprou nêsse dia à nossa chegada ao Rosário não foi tão formidável e malfazejo; mas, ainda assim, tinha um aspeto de cenário verdadeiramente sinistro. Produzia em mim a sensação opressiva que se experimenta ao respirar o ambiente de um quarto onde está trabalhando o maquinismo de uma grande fábrica a vapor. Ainda bem não tinha apeado na estação destrombava a chuva, mas uma chuva diluviana, do seio daquelas nuvens de sangue e de cinzas, que o pampeiro,

mais rápido do que nós, impelira adiante-de si até à cidade provinciana de Buenos-Aires.

Meia hora depois tinha passado o vendaval. Almocei com sincero apetite. Quando saí do hotel, por volta de uma hora, o dia estava lindo e a terra quási enxuta.

(Do *"Branco e Negro"*, de 7 de fevereiro de 1897)

VOCABULÁRIO

Déspota (subst.): príncipe que exerce poder arbitrário e absoluto, tirano; dominador absoluto.

Éolo (subst. próp.): filho de Júpiter e da ninfa Menalipe. Segundo a mitologia grega e romana, dominava os ventos e desencadeava as tempestades.

Fustigar (v.): açoitar com vara, varejar; bater; maltratar.

Incineração (subst.): ato ou efeito de incinerar, transformação em cinzas, redução a cinzas.

Mistral (subst.): vento do nordeste no Mediterrâneo, principalmente no sul da França.

Odre (subst.): vasilha de coiro ou de peles para transporte de líquido; pessoa gorda; beberrão, borracho.

Pampeiro (subst.): vento forte que domina nos pampas e sopra do sudoeste.

Perímetro (subst.): linha que contorna ou limita uma superfície, contôrno, circúito.

Rosário (subst. próp): cidade da República Argentina, na província de Santa-Fé.

Ruminar (v.): tornar a mastigar, remascar, remoer; repassar no espírito, considerar, pesar, meditar longamente (uma idéia, um plano, etc.

Padre José Joaquim de Sena Freitas (Ponta Delgada, 1840; Rio de Janeiro, 1914). Estudou no Seminário de Santarêm, bacharelou-se em teologia na Universidade de Coimbra e completou seus estudos no Seminário de S. Lázaro em París. Depois de viajar pelo Brasil como missionário, tornou para Portugal, onde foi cônego da Sé Patriacal de Lisboa, professor de filosofia e línguas no Colégio de Santa Quitéria em Fil-

gueiras. etc. Pregador e conferencista eloqüente e erudito, foi também dado ao jornalismo, colaborando em diversas fôlhas: *A Palavra, Comércio do Minho, A Nação*, etc. Escreveu também alguns livros: *No presbitério e no templo, Os exemplos católicos, A tenda do mestre Lucas, A palavra do semeador, Por água e por terra, Stambul* (impressões de viagem) e vários opúsculos de polêmica contra Antônio Ennes, Emílio Bossi e outros: *Os Lazaristas, A Crítica à critica, Historicidade da existência humana de Jesús*, etc. Sua linguagem é elegante e vernácula e o estilo imaginoso e fluente.

CVIII — ALMADA

CONDE DE SABUGOSA

Entre os quadros que Lisboa, a linda Lisboa, *Lisbon the fair*, como lhe chamou um escritor americano, oferece para regalo dos olhos dos seus habitantes figura o panorama da Outra Banda. Na sinuosa linha que além do Tejo corre desde as indecisas planuras do Montijo, subindo longe ao altivo castelo de Palmela, e dobrando pelo Barreiro e Seixal, vem quebrar-se no Pontal de Cacilhas, para, depois de uma ascenção rápida, se prolongar, com acidentes vários, ao largo, até às costas da Trafaria, e alcançar o isolamento do Bugio; nessa linha, que traça uma das mais belas païsagens do mundo, o olhar de quem sente o que olha descansa docemente dos refegos da encosta, onde se aninha a casaria branca de Almada.

Ou seja nas tardes claras em que a umidade serve de lente e aproxima de nós as minuciosidades do quadro, mostrando-nos nitidamente as fachadas das casitas claras, os campanários graciosos de Santa Maria e S.

Tiago, o castelo, as copas verdes e ramalhudas das árvores e, mais para a direita do espectador, em contraste com a risonha vila, o severo e sisudo convento de S. Paulo; ou seja nas manhãs de outono, em que a paisagem se distancia mais, e uma tênue neblina esbate os contornos, dando aos objetos fantásticos formas cheias de indeciso e de mistério; ou seja nas noites de plenilúnio, em que, batidas de luar claro, as casas, a tôrre e o castelo tomam o ar de um cenário de balada, e dominam com poesia severa a prata líquida do Tejo; Almada, a loureira vizinha de Lisboa, tem sempre um encanto a que só se escapa o paladar embotado do espectador alfacinha que nasceu a ver a Outra-Banda e que, distraido, nela não atenta.

(*Embrechados*)

VOCABULÁRIO

Alfacinha (subst. e adj.): alcunha dos lisboetas, habitante de Lisboa.

Almada (subst.): concelho, vila e freguesia de Portugal, à margem esquerda do rio Tejo, no distrito de Lisboa.

Balada (subst.): antigo canto, acompanhado de música; poesia narrativa que reproduz tradições ou lendas.

Cenário (subst.): decoração teatral; bastidores e vistas relativas a certa peça teatral; vista, paisagem, panorama.

Loureira (adj. e subst.): diz-se da mulher que quer agradar a todos, sedutora, provocante.

Refego (subst.): dobra, prega usada no vestuário; dobra na pele das pessoas nutridas.

Sinuoso (adjet.): ondulado, curvo, tortuoso, irregular.

D. Antônio Vasco de Melo, Conde de Sabugosa, nasceu em Lisboa, a 13 de novembro de 1854, alí falecendo aos 13 de maio de 1913. Fidalgo da mais alta linhagem, entrou na diplomacia, chegando a plenipotenciário. Foi veador da

rainha D. Amélia e o último mordomo-mor da casa real. Foi também par do reino.

O Conde de Sabugosa é um escritor ático, de uma correção quási clássica. Pesquisador de assuntos históricos, narra-os com fina graça, ainda que um pouco romanceados. De colaboração com o Conde de Arnoso escreveu um livro de contos — *De braço dado*, e além disso publicou: *O Minuete* (comédia), *O Paço de Cintra*, *Na guela do leão*, *Embrachados*, *Donas de tempos idos*, *Gente d'Algo*, *A Rainha D. Leonor*, *Poemetos*, *Auto da Festa*, de Gil Vicente, *Auto da natural invenção*, de Antônio Ribeiro Chiado, e, em edição póstuma, *Bobos na Côrte*. Pertencia à Academia das Ciências de Lisboa.

CIX — MÃE!

ALVES MENDES

Disse o príncipe dos poetas castelhanos que, "si o homem é um mundo abreviado, a mulher é o céu dêste mundo". Devemos acrescentar — e a mãe é o sol dêste céu.

Como o sol, ela é luz, calor, fecundidade. Como o sol, alumia, aquece, alegra, move, alenta, expande, acaricia, seduz, fascina, atrai. O que é o sol perante os astros, é — o a mãe perante os povos — o ponto cêntrico da vida, a fonte da família, a chave da sociedade.

Cooperadora da Providência e complemento do homem, a mãe gera, nutre, educa; dá forma, brilho e esmalte à existência; é a autora maravilhosa e a destra escultora dos seres. Não houve ainda e não haverá jamais criatura mais adorável do que ela é.

Que coração mais terno, que amor mais pulcro, que ministério mais perfeito do que o ministério, o amor, o

coração de mãe? Onde desponta um sorrir que seja ligeiramente comparável ao doce sorrir de uma bôa mãe? Onde um olhar que se pareça ao seu olhar? Onde um suspiro como êsse suspiro materno, que é como um suspiro da alma, que só póde assemelhar-se à voz dos espíritos? Onde um canto igual a êsse canto melancólico, plangentíssimo, cujas notas caem sôbre o berço como gotas de luz, como lágrimas de fogo, quando a mãe embala e arrulha seu filho? Que verbo mais eloqüente, que eloqüência mais sublime, que sublimidade mais angélica que a sua, quando fala de Deus, do homem, do mundo, do céu e da terra, da morte e da imortalidade, das eternas esperanças e dos infinitos amores? Que beijo como os seus beijos? Que abraço como os seus abraços? Que afago como os seus afagos? Que desvelo como os seus desvelos? Que abnegação como as suas abnegações? Que ensino, que alimento, como os seus alimentos e ensinos?

Por isso nada mais repungente que o desamparo materno, nada mais áspero, nada mais duro do que as provações da orfandade. Figure-se um espêlho sem luz, uma lâmpada sem óleo, um jardim sem água, uma flor sem haste, uma haste sem raiz e uma raiz sem suco — eis a imagem de um filho sem mãe. Abrolha-se derepente aquele ser mimoso que era todo um paraíso de venturas. Anuvia-se logo aquele belo ente, que era todo um céu de resplendores. Suas graças tão simpáticas, tão aprazíveis aos seus, quanto são tediosas, aborrecidas aos estranhos! seus pedidos, que impertinentes! seus brinquedos, que molestos! seus choros, que irritantes! seus desmandos, que incomportáveis! suas doenças, que horríveis! Em vez do carinho a repulsa, em vez do zêlo a indiferença, em vez do aviso o castigo, em vez do cuidado o desprêzo, ou quiçá sôbre o desprêzo, a fome! Haverá infortúnio maior, realidade mais

cruel na quadra das ilusões, perda mais acerba na idade da inocência?

(*Discursos e Conferências*)

VOCABULÁRIO

Abrolhar (v.): pôr abrolhos em; (intr. e pron.): cobrir-se de abrolhos ou espinhos; lançar gomos ou rebentos.

Arrulhar (v.): cantar como as rôlas e os pombos; dirigir requebros a alguém; acalentar crianças.

Desvelo (subst.): cuidado carinhoso, dedicação; vigilância, solicitude; objeto de cuidados.

Incomportável (adj.): intolerável, insuportável.

Ministério (substant.): mister, ofício, função; secretaria de estado; o conjunto dos ministros de estado.

Pulcro (adj. poético): belo, formoso, gentil.

Verbo (subst.): palavra; tom, voz; a 2.ª pessoa da Santíssima Trindade; etc.

Antônio Alves Mendes da Silva Ribeiro (Penácova, 19 de outubro de 1838; Pôrto, 4 de julho de 1904). Formando-se em teologia na Universidade de Coimbra, ordenou-se, foi vigário de Vale de Remígio, depois cônego da Sé do Pôrto, professor de eloqüência sagrada e teologia pastoral e por fim arcediágo de Oliveira.

Orador de grande eloqüência, cuja linguagem vernácula e opulenta é um modêlo de elegância e de sonoridade, Alves Mendes burilava os seus discursos com o esmero de um cinzelador meticuloso, dando-lhes mais brilho acadêmico do que austeridade religiosa. Foi também escritor de mérito e polemista caloroso. Publicou um livro de viagens — *Itália* —, que os seus detratores acoimaram de plágio das Recordações da Itália, de Castelar. Alves Mendes rebateu-os com um opúsculo — *Os meus plágios*. Escreveu ainda dois panfletos notáveis a propósito de uma discussão sôbre a filosofia de Santo Tomaz: *Um quadrupedonte a desfilada* e *Tomista ou tolista?* As suas

produções oratórias acham-se enfeixadas num volume — *Discursos e Conferências* —, salientando-se dentre elas pela cintilância da forma *Pátria, Crença e Caráter* e *Herculano*, elogio fúnebre do grande historiador, na trasladação das suas cinzas para o mosteiro dos Jerônimos.

CX — NOS ALPES SUÍÇOS

JUSTINO DE MONTALVÃO

Entre as escarpadas montanhas alpinas que os pinheiros, os álamos e as faias eriçam, esfumados na névoa láctea da manhã, a natureza desenrola, ao-longo da via férrea, uma bucólica paisagem d'écloga.

Nos planturosos prados verdes pastam as manadas, em manchas esparsas e movediças. Dos rústicos chalés de varandas de madeira, pintadas, todas floridas de trepadeiras, sob os enormes telhados de lousas seguras com pedras para que o vento as não leve, dobradas em ângulo para que a neve os não abata, o fumo ascende das chaminés esguias, em espirais azuladas. Pelas estradas retas, através dos campos cultivados, sôbre as altas pontes galgando abismos, em que as cascatas, espumando, refervem em jorros de prata fundida, correm aos centos pequenas carripanas ligeiras, atreladas a mulas guizalhantes, carregadas de legumes, de frutas, de vasilhas de leite para os doentes dos sanatórios.

Ainda mesmo as casas mais humildes teem cortinas imaculadas e vasos de flores nas janelas de persianas verdes. Bem alinhadas e limpas, entre hortas fartas, sob latadas viçosas, nenhuma dessas aldeiazinhas de pastores dá a impressão de pobréza, de miséria trágica

dos sombrios povoados da Beira, do Douro e de Trás-os-Montes, de rudes casebres de lapas tisnadas pelo fumo, em que os cabreiros e os cavadores vivem esfarrapados e famintos, como os troglóditas ou os santos nas suas cavernas. Nem uma leira por semear, nem um torrão que não dê pão, nestas montanhas alpestres donde o fisco e a miséria não obrigam a emigrar os filhos e cujos cumes gelados se perdem nas nuvens.

Por toda a parte, a natureza agreste revela a atividade de um povo feliz, que sem-cessar luta contra ela e a vence.

(*Itália coroada de rosas*)

VOCABULÁRIO

Alpes (subst. próp. pl.): nome da principal cordilheira da Europa, que se estende ao norte da Itália, na França, na Suíça e na Áustria.

Carripana (subst. depreciativo e popular): diligência reles; carruagem velha e ordinária.

Fisco (subst.): fazenda pública; erário; administração a que compete a cobrança dos impostos.

Leira (subst.): sulco de terra; geira; belga; gleba; alfôbre; elevação de terra entre dois sulcos.

Persiana (subst.): caixilho de taboinhas móveis, na janela para resguardar do sol o interior da casa.

Planturoso (adj.): volumoso, rechonchudo, crescido; pingue, abundante, viçoso, seivoso, suculento, gordo, farto, ubere, ubertoso, pujante, exuberante, luxuriante. E' galicismo escusado.

Troglodita (subst.): aquele que vive sob a terra ou nas cavernas.

Justino de Montalvão nasceu em Chaves, em 1872. Escritor de merecido nome pelo estilo imaginoso, cristalino e elegante. É pena que a sua linguagem não seja mais castiça, pois nela se deparam não poucos peregrinismos. Tirando

êsse deslustre, aliás comum nos escritores de nosso dias, Justino de Montalvão é um esteta delicado, que sabe ver e pintar como os melhores païsagistas da língua. É membro da Academia das Ciências de Lisboa. Publicou: *Os Destinos* (novelas), *Poeira de París* (crônica), *Itália coroada de rosas*, *A terra encantada*, *A missa profana*, *França de dor e de glória*, *O País de Fado*, *Na luz d'oiro do Brasil* (viagens), *A mulher da máscara* (romance) e tres traduções de Anatólio France: *A sombra do olmo*, *O manequim* e *O lírio vermelho*.

CXI — O PRIOR DO HOSPITAL

JÚLIO DANTAS

O sangue tingia as ervas do campo. As azes moiras da cunha e do curral, frescas ainda, ferindo lume, caíram com fragor sôbre a cavalaria portuguesa. Os cristãos estavam perdidos. Atavaques moiros, ressoantes de coiro e de cobre, batiam já a vitória dos emires de Marrocos e de Granada. Nisto, o prior do Hospital, Alvaro Gonçalves Pereira, gigante da lide, as rédeas nos dentes, as lágrimas nos olhos, relanceou o olhar em busca da vera-cruz. Não a viu — "Deus poderoso, Deus vencedor, por quê faleces tu à cristandade, que vestiu a terra de igrejas por amor de tí?". E a-galope, mordendo sangue e poeira, o prior, a caminho do arraial cristão, foi à busca da relíquia do santo lenho. Encontrou-a no fim do campo, nas mãos do clérigo, que tremia, abrigado nos troncos de umas carvalheiras; tomou-a nos braços, depois de a beijar; e envolto no seu manto vermelho, a cruz de prata erguida a resplandecer ao sol, atirou-se, como um leão bravo, para o meio dos inimigos:

— "Santiago! Santiago, pela vera-cruz!"

Abriu-se no campo de batalha um rasto luminoso. Perante aquele gigante vermelho, que bradava e resplandecia, os árabes, por um momento, recuaram de assombro; nos cavaleiros cristãos, extenuados, estropiados, prestes a deixarem-se matar para acabar mais depressa, cresceu uma alma nova; e olhando a relíquia, iluminados de fé, possessos de extermínio, como si uma legião invisível de arcanjos combatesse por êles, caíram como feras sôbre os moiros, numa arrancada brava, um para dez, um para vinte, tresmalhando, dispersando, ensangüentando, despedaçando. Um momento mais, — e diante dos cavaleiros portugueses, os magotes de Granada, cintilantes de aço, e as cabildas tumultuosas de Fez e de Marrocos fugiam, grunhindo, como manadas de porcos.

No alto de um cêrro, o velho Almofacêm, arrancando as barbas brancas e batendo punhadas na cabeça, chorava a perda dos seus exércitos. O rei de Granada fugira, trôpego, arrastando nas pedras os borzeguins de coiro dourado. A perseguição começou...

(*Pátria Portuguesa*)

VOCABULÁRIO

Álvaro Gonçalves Pereira, filho de D. Gonçalo Pereira. Tal valor provou nas guerras contra os turcos que foi nomeado prior dos hospitaleiros em Portugal. Morreu em 1375.

Arraial (subst.): acampamento, campo militar; aglomeração de povo em festa; (Brasil): aldeola, lugarejo.

Atabaque ou **atavaque** (substant.): espécie de antigo tambor, ainda hoje em uso na costa africana e asiática.

Az (subst. arcaico): ala do exército, esquadrão, arraial.

Cabilda ou cabila (subst.): nome genérico de varias tríbus da África setentrional.

Clérigo (subst.): aquele que tem alguma ou todas as or-

dens sacras; por ext.: padre.

Cunha (subst.): está tomado o vocábulo em sentido especial: antigamente, corpo de infantaria disposto em triângulo muito alongado com o vértice voltado para o inimigo.

Emir (subst.): título dos descendentes de Maomé; governador-chefe de algumas tribus árabes.

Hospital (subst. próp.): nome com que designam em geral as ordens religiosas e militares, fundadas na Idade-Média, e em especial as ordens de S. João de Jerusalêm e de Malta. Como substantivo comum significa: estabelecimento onde se recolhem e tratam doentes.

Tresmalhar (v.): trocar as malhas de; dispersar; deixar fugir; (intr. e pron.): fugir em desordem; extraviar-se, desgarrar-se.

Vera-cruz (subst. comp.): o Santo-Lenho, cruz feita com pedaços de própria cruz em que morreu Jesús-Cristo ou que, pelo menos, tem dela algum fragmento.

CXII — MARINHA

JÚLIO DANTAS

O sol já ia em alto. O mar imenso, alongando-se para o ocidente, transparente e límpido à beira do galeão, verde e argênteo a-distância, roxo, espêsso e nevoento na curva do horizonte, cintalava, ondulava, refervia espuma. Ouviam-se, na manobra, as vozes do pilôto e do timoneiro. Planando, (*) rastejando, o voo dos calcamares seguia a armada, cujas fustas, cujas taforéias, cujas galés bastardas, cujas naus mochas se dispersavam agora na imensidade do mar, confundidas com as asas rasteiras das gaivotas brancas.

(*Pátria Portuguesa*)

(*) *Planar* não é termo vernáculo, é puro galicismo. Deve dizer-se *pairar librar-se*.

VOCABULÁRIO

Calcamar (subst): ave aquática da África; certo pássaro brasileiro.

Fusta (subst.): embarcação longa e chata, de vela latina e remo.

Gaivota (subst.): ave palmípide da família láridas, que vive principalmente no mar.

Galé (subst.): antiga embarcação de remos e velas, galera; *galés* (pl.): pena dos condenados a remar nas galés; trabalhos públicos forçados; (subst. m.): indivíduo condenado às galés.

Bastardo (adj.): diz-se do filho que não é do matrimônio, natural, espúrio; que diverge do tipo ordinário ou primitivo, que sofreu modificação: *galé bastarda, sela bastarda*. Degenerado.

Galeão (subst.): antigo navio de alto bordo; náu antiga de guerra; aparelho de pesca de cêrco, etc.

Mocho (subst.): ave noturna (*strix otus*); banco sem encôsto para uma só pessoa, etc.; (adj.): diz-se do animal que não tem cornos; por ext.: que tem falta de algum membro; que não tem grãos, ramos, mastros, etc.; *nau mocha*, nau sem mastros; taciturno, misantropo.

Taforéia (subst): antiga embarcação portuguesa, de guerra, para transportar animais, mormente cavalos.

Júlio Dantas (Lisboa, 19 de maio de 1876). Doutorou-se na Escola Medico-Cirúrgica de Lisboa e é professor do Conservatório, inspetor das Bibliotecas e sócio efetivo da Academia das Ciências. Sôbre êle assim se exprime um crítico português, Joaquim Costa: "Poeta, dramaturgo, cronista, erudito e acadêmico, a sua obra impõe-se por um recorte de forma e um sabor literário muito original. É um pintor exuberante e rico de tonalidades, comprazendo-se na reprodução dos grandes cenários, e olhando a vida através de uma concepção de arte que não é vulgar. Ás-vezes, tem a preocupação do arcaïsmo, do termo científico, do pormenor erudito: mas salva-o da banalidade um talento vitorioso. Até nas crônicas mundanas mais ligeiras o escritor deixa sempre uma nota interessante e rara".

Dentre as suas numerosas produções salientam-se as seguintes: *Nada, Sonetos, Outros Tempos, Figuras de ontem*

e de hoje, Pátria Portuguesa, Ao ouvido de Mme. X, O amor em Portugal no século XVIII, Espadas e rosas, Como elas amam, Abelhas doiradas, Os galos d'Apolo, Arte de amar, etc., e também peças teatrais: *O que morreu de amor, Viriato trágico, A Severa, Crucificados, A ceia dos Cardeais, D. Beltrão de Figueirôa, Paço de Veiros, Um serão nas Laranjeiras, Rosas de todo o ano*, etc., além de algumas traduções.

CXIII — GRANADA

ANSELMO DE ANDRADE

Ao sopé da Serra Nevada, sôbre duas altas colinas cortadas por um vale profundo, reclina-se a bela **Granada**, como uma sultana indolente e preguiçosa. As casas, estendidas pelos declives das encostas, parecem a cauda desdobrada de um comprido manto branco. Dois rios banham as faldas daquelas colinas, abraçando a cidade em curvas graciosas como asas de uma **ânfora**. Depois, mais adiante, o Darro encontra-se com o Jenil, unem-se e serpenteiam juntos, num vasto campo denominado a Veiga, *la Vega*, doirado ou prateado pelo fruto ou pela flor dos laranjais e esmaltado de vermelho ou de verde pelos vinhedos ou pelas romeiras.

Ao norte fica o bairro de Albaicin. Ao sul, **Alhambra** e **Generalife**. Na extremidade ocidental, sobressaem aos carvalhos e aos ciprestes as tôrres da cidade. Na extremidade oriental, recreia-se a vista nas sombras dos rochedos, nos campanários dos conventos, nas grimpas das ermidas, nas ruínas da antiga **Iliberi**, e, mais ao-longe, nos cumes azulados da Serra Nevada, que se alevanta como uma **Anfitrite** gigantesca, para despejar no Mediterrâneo, de dentro de suas **urnas**

abundantes, uns poucos de rios. As águas correm sôbre leitos cortados de moinhos, de cascatas ruïdosas, de pontes arruïnadas, de arcos já meio quebrados, de antigos aquedutos romanos, ou de velhas pontes mouriscas.

Em Granada tudo relembra velhos acontecimentos. Tudo fala da opulência mourisca ou da intrépida cavalaria cristã. De todos os lugares saem suspiros do passado; todas as pedras contam lendas de amor ou de batalhas; todas as velhas árvores soluçam, no rumorejar das suas franças, saudades de poéticas aventuras de cavaleiros. Antes, porêm, de escutar todos os gemidos e todos os trenos da encantadora Moura que se chama Granada, a primeira cousa que o viajante faz é ir depressa ver a Alhambra. Não há ninguêm que não tenha alevantado êsse castelo na sua fantasia, que não tenha sonhado com essa maravilha e que não tenha sentido estremecimentos ao ouvir êsse nome terrestre do paraíso. Quando se chega a Granada... corre-se logo à Alhambra.

(*Viagem na Espanha*)

VOCABULÁRIO

Alhambra (subst. próp.): antigo palácio dos reis mouros em Granada, verdadeiro primor de arquitetura.

Anfitrite (subst. próp.): filha de Nereu e de Dóris, esposa de Poseidon ou Netuno e deusa do mar.

Ânfora (subst.): vaso grande de duas asas para líquidos.

Aqueduto (subst.): comp.): canal ou encanamento destinado a conduzir água.

Falda ou **fralda** (subst.): parte inferior da camisa, do vestido, da saia; cueiro; saia; aba, sopé (de monte, serra etc.). *Fralda do mar*: praia.

Generalife (subst. próp): palácio dos reis mouros de Granada e sua residência de verão.

Granada (subst. próp.): cidade da Andaluzia, na Espanha, ao-pé da Serra Neva-

da e na confluência do Darro com o Xenil ou Jenil, afluente do Gualdaquivir. Teve grande esplendor durante a dominação árabe, tornando-se um famoso centro intelectual e artístico. Foi capital do reino mouro do mesmo nome, que desapareceu em 1492, com a tomada da cidade por Fernando e Isabel, após cêrco memóravel.

Grimpa (subst.): lâmina em geral metálica que gira em tôrno de um eixo; cataveno; coruto; (figurado): altanaria; presunção; cume, cumeada, a parte ou linha mais alta.

Iliberi (subst. próp.): antiga cidade da Espanha Bética, substituida por Granada.

Mourisco ou **moirisco** (adj.): moiresco, pertencente aos Mouros, povo que habitava a Mauritânia, região correspondente ao Marrocos atual.

Sultana (subst.): título dado á mulher ou ás filhas do sultão, que era o imperador da Turquia, e de outros príncipes maometanos.

Treno (subst.): canto plangente, lamentação, elegia; nênia, canto fúnebre.

Urna (subst.): antigamente, grande vaso para água; vaso com tampa em que se recolhem as cinzas dos mortos; vaso ou caixa em que se lançam os votos de um escrutínio ou os numeros numa rifa, num exame, etc.

Anselmo José Franco Assis de Andrade (Lisboa, 20 de junho de 1844). Formado em direito pela Universidade de Coimbra, desempenhou papel ativo na política monárquica, tendo sido deputado em várias legislaturas, bem como ministro da Fazenda mais de uma vez.

Dedicando-se principalmente aos estudos de economia nacional, neles revelou largo descortínio e erudição. É um prosador notável, cujo estilo, imaginoso, sóbrio, claro, sempre agrada. Dirigiu o *Correio da Noite* e colaborou na revista *Portugal-Brasil* e no *Dia*, tratando em-geral de assuntos econômicos. Publicou, além de outras, estas obras: *Epopéias da história, Ciência prehistórica, Paleontologia humana, As populações lacustres, Viagem na Espanha, A Terra, Portugal econômico, Relatórios e propostas de Fazenda.*

CXIV — UM CÃO DIPLOMATA

VISCONDE DE SANTO TIRSO

Um dia um diplomata estranjeiro em Lisboa, quando estava compondo um despacho ponderoso e inútil, viu com surprêsa entrar-lhe no gabinete um tropel, a cuja frente vinha um cãozito amarelo, que não era de raça nem de estimação, e atrás o escudeiro, dois lacaios, a criada dos quartos e o guarda-portão. O cão agachou-se-lhe aos pés, agitando o rabo em tom suplicante, e a criadagem formou em semi-círculo respeitoso. O diplomata, com o espírito inquisitivo da sua profissão, perguntou o que motivara aquela violação do sagrado recinto onde habitualmente se jogava a sorte dos Estados. O guarda-portão explicou que passava na rua a carroça municipal de apanhar cães vadios. Ao vê-la, o rafeiro tratou de se escapulir; os funcionários da carroça perseguiram-no; mas um cão geralmente corre mais do que um funcionário, e êste, vendo aberta a porta da legação, enfiou por ela a-dentro, sem que lho pudesse impedir o funcionário diplomático encarregado de a guardar. Subia a-galope a larga escada, seguido inùtilmente por quantos criados encontrou no caminho, e só parou aos pés do embaixador atônito. Êste, cioso dos seus privilégios diplomáticos, estendeu ao fugitivo o direito de asilo. Mais tarde adotou-o e deu-lhe uma coleira. O cão foi-lhe sempre dedicado e grato, coisa que não sucederia, si êle fosse uma pessoa. Só uma coisa o diplomata nunca obteve dêle — foi que o acompanhasse à rua. Seguia-o até à porta, dava ao rabo e voltava para cima. Passeava no jardim. Mas nunca mais se aventurou fora de casa, onde há carroças e funcionários municipais que apanham cães para os matarem.

Quero crer que êste rafeiro conhecia, como qualquer gaiato de Lisboa, as imunidades diplomáticas e o princípio da exterritorialidade garantido pelo Congresso de Viena. E passou a ser a pessoa mais inteligente do pessoal da embaixada e chegou a ladrar em francês.

(*De Rebus Pluribus*)

VOCABULÁRIO

Diplomata (subst.): funcionário que representa um govêrno junto de outro govêrno; homem hábil ou astuto em tratar negócios melindrosos; homem circunspecto e observador de todas as conveniências sociais.

Escudeiro (subst.): homem armado de lança e escudo que fazia guarda aos antigos imperadores; criado que acompanhava o cavaleiro; criado particular e grave; título honorífico de certos funcionarios da casa real portuguesa.

Exterritorialidade (substant.): em direito internacional público, significa a prerrogativa de que gozam os representantes de potências estranjeiras de se regerem pelas leis e regulamentos de seu país e não pelos do país em que se acham.

Imunidade (subst.): liberdade, isenção, privilégio, qualidade de não ser sujeito a algum onus ou encargo; predisposição orgânica para não ser atacado por certas moléstias. *Imunidades diplomáticas* são certas prerrogativas, exorbitantes do direito comum, reconhecidas aos agentes diplomáticos, para garantir-lhes a necessária independência no exercício das suas funções, tais como: inviolabilidade de sua pessoa, morada, papeis; isenção da jurisdição criminal e civil e de impostos, etc.

Inquisitivo (adj.): inquiridor, interrogativo, indagador.

Lacaio (subst.): criado que acompanha o amo com libré ou sem ela; tratante, homem desprezível, biltre, patife.

Rafeiro (subst.): cão de guardar gado; (fig.): o que acompanha sempre outro em vigilância.

Tropel (subst.): ruído ou tumulto de muita gente andando; estrondo feito com os pés; balbúrdia, grande confusão; tropeada de cavalos.

Cirilo Machado, *Visconde de Santo Tirso*, é um dos mais eminentes jornalistas portugueses. O seu fino humorismo, a sua ampla e variada cultura e o seu estilo fácil e gracioso conferiram-lhe lugar assinalado entre os mais ilustres literatos do seu país. Foi secretário de legação em Londres e ministro em Washington e Bruxelas. Colaborou em vários jornais de Portugal e do Brasil, e entre êstes no *País*, e no *Estado de S. Paulo*. Deixou publicados três livros: *De Rebus Pluribus*, *Cartas de algures* e *Cartas Constitucionais*. Faleceu em 1919.

CXV — CAMINHO DE PAMPLONA

ANTERO DE FIGUEIREDO

Avista-se pela direita um morro formidável, frente a frente de outro igualmente alto, ambos a pique. O combóio vai passar entre êles, nessa garganta — **pórtico** aberto na luz clara que enche uma extensíssima várzea, avistada lá em-baixo e lá ao-longe.

Outro cenário.

Daquí de Irurzun, onde parámos, vê-se a tal campina toda verde de tratos de ervaçais e amarelenta de restevas de centeios, longa, longa até às serranias lilases do fundo, floridas, postas no azul sem luz dos céus distantes.

Esgueiram-se as estradinhas estreitas, planas e retas, nesta chã a perder de vista. Linhas de choupo pautam e param a campina. Casas sôltas, e, além, al-

deias branquejadas em-volta de um corpo mais alto, com a sua tôrre: — a igreja. E o combóio, fazendo largas curvas nesta vastíssima planura, busca, em hábeis e corteses manobras de respeito, aproximar-se de grande e alto aglomerado de casas, que se avistam com muitas tôrres, para alêm de um rio que é fôsso de negras muralhas, tudo cintando e fazendo dêsse conjunto uma inexpugnável ilha de casario no meio do redondel destas navas extensíssimas — a murada e antiquíssima capital militar de Carlos IV, a moderna e lírica terra de Sarazate e Guayarre, de que nos vamos aproximando. Enfim, o combóio estaca: — **Pamplona!**

(*Espanha*)

VOCABULÁRIO

Esgueirar-se (v. pron.): retirar-se sorrateiramente, sair furtivamente.

Nava (subst.): planície, chã, planura.

Pamplona (subst. próp): cidade da Espanha, capital da Navarra e praça forte.

Pórtico (subst.): átrio vasto, cujo teto é sustentado por colunas; portada; entrada de edifício monumental.

Redondel (subst. Neol.): arena na praça de touros; (arc.): espécie de capa.

Resteva (subst.): restolho, parte do caule das gramíneas que, depois da ceifa, ainda fica enraizada na terra.

Sarazate (Paulo. Subst. próprio): célebre violinista e compositor espanhol, nascido em Pamplona em 1844 e falecido em Biarritz em 21 de setembro de 1908.

CXVI — COIMBRA

ANTERO DE FIGUEIREDO

A luz de Coimbra é de panorama. Vindo das águas verde-escuras de um rio sossegado e esparso nos brandos oiteiros cobertos com a mesta verdura dos olivedos, o casario da cidade, em quentes tons alvacentos e terrosos, aconchega-se na curva de um céu de aguada azul; e tudo — águas, terras, árvores, casas — se queda em macio esmalte de tintas melodiosas. A's tardes, quando o crepúsculo — saudades do Sol ! — vem dizer à Terra a sua eterna melancolia esmorecida, então, Coimbra, posta ao poente, cobre-se de nostalgias, e é lamentosa a água do seu rio, sem consôlo a sombra dos salgueirais trementes, violada a opala dos céus, e de pungente cinza, nos próximos horizontes, as copas das oliveiras resignadas!

(*D. Pedro e D. Inez*)

VOCABULÁRIO

Aguada (subst.): abastecimento de água potável e lugar onde é feito; aguarela; desenho a tinta ou a lápis sôbre que se aplicam tintas transparentes.

Coimbra (subst. próp.): cidade de Portugal, sôbre o rio Mondego, com famosa universidade.

Mesto (adj. poético): triste, que infunde tristeza, tristonho, melancólico.

Nostalgia (subst.) abatimento ou profunda tristeza provocada por saudades da pátria.

Opala (subst.): variedade de quartzo hidratado, de côr leitosa e azulada, mas que à luz representa côres variadas; côr dessa pedra.

Antero de Figueiredo nasceu em Coimbra em 1866. Estudou primeiras letras em Braga, freqüentando depois o curso de filosofia da Universidade de Coimbra, que abando-

nou para fazer o curso superior de letras, no qual se diplomou. Dirigiu algum tempo a Escola de Belas-Artes do Pôrto.

É um dos escritores portugueses da atualidade que mais voga tem obtido, pelo esfôrço que nele se rastreia de criar um estilo original e genuinamente vernáculo. O seu vocabulário é eriçado de termos arcaicos e rebuscados, que às-vezes prejudicam a clareza e fluência da frase. Apesar disto, merece louvores o seu zêlo para escrever num português lídimo, depurado de peregrinismos impertinentes. É sócio da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras. Até hoje publicou: *Tristia, Além, Partindo da Terra, Palavras de Agnelo, Estrada Nova, Recordações e viagens, Cômicos, Espanha, D. Sebastião, Doida de amor, D. Pedro e D. Inez, D. Leonor Teles, Jornadas em Portugal, Maria Amália Vaz de Carvalho* (discurso), *A Arte na educação da mulher* (conferência), *Senhora do Amparo, O último olhar de Jesus, Toledo*.

CXVII — O CUMPRIMENTO DO DEVER

D. Antônio Aires de Gouveia

Visitando as melancólicas ruínas de Pompéia, aponta-se, fora das muralhas, o lugar donde as excavações trouxeram à luz, depois de dezessete séculos, o cadáver dum sentinela romano. Apareceu junto da guarita ao-lado da porta que dava de rosto no Vesúvio; e apareceu incinerado, sim; mas de-pé e com a lança segura na mão. Dalí ouvira os pavorosos estrondos com que a cratera prenunciava a fúnebre catástrofe; alí sentira debaixo-de si abalarem-se com a comoção vulcânica as

raízes da montanha; dalí vira surgirem, dilatarem-se, avançarem as tempestades de fogo, rolarem-se precípites as torrentes caudais de lava, aproximarem-se, até o envolverem, as chuvas de cinza, d'enxôfre e d'escórias; e não arredou pé, e não curvou a fronte, e ficou, para assombro da posteridade, com a face voltada ao sítio donde lentamente viera a colhê-lo a morte. A medonha destruïção da cidade não foi instantânea como fulminada de raio. Salvaram-se na fuga os moradores, homens, mulheres, crianças, enfermos. Mais: recolheram e levaram os seus melhores haveres e joias, que poucas descobrem as pesquisas. Ainda mais: livraram e conduziram os animais domésticos. Em suma, nem os escravos, nem os mesmos desprezíveis escravos quedaram a velar as propriedades desamparadas dos seus senhores. Tudo, por terra e por mar, se escapou e pôs a bom recato, como evidenceiam as exumações naqueles sombrios destroços.

E que é dela, a causa por que não fugiu e se deteve aí diante do horroroso espetáculo e vítima dêle, o mísero soldado, a solitária sentinela? Por quê? pelo santo princípio do dever, pela lei suprema da honra. Ficou!

(*Ensaios do Púlpito*)

VOCABULÁRIO

Catástrofe (subst.): desfêcho de tragédia; (fig.): calamidade, grande desgraça, acontecimento acompanhado de mortes, ruínas, etc.; fim lastimoso.

Cratera (subst.): abertura por onde sai a lava nos vulcões.

Exumação (subst.): ato ou efeito de exumar ou desenterrar, pesquisa feita por meio de excavações.

Guarita (subst.): tôrre nos ângulos dos antigos baluartes onde se abrigavam as sentinelas; casa portátil de

madeira para abrigo de sentinelas.

Incinerado (part. pas. de *incinerar*): reduzido a cinzas.

Pompéia (subst. próp.): antiga cidade da Campânia (Itália), ao S. de Nápoles e a 24 kms. do Vesúvio, o qual a destruiu com uma erupção célebre, em 79 da era cristã. Durante séculos ficou sepultada sob espêsso lençol de cinzas; mas, graças às excavações e desentulhos que, desde o século XVIII, se veem fazendo, a cidade morta vai aparecendo e revelando interessantes pormenores da vida romana sob o Império.

Prenunciar (v.): dar indícios antecipados de, anunciar com antecipação, profetizar; prognosticar.

Vesúvio (subst. próp.): vulcão da Itália, a 8 kilms. S. E. de Nápoles, com 1.200 metros de altitude. Tem tido muitas erupções notáveis, sendo a mais conhecida a de 79 D. C., que sepultou nas cinzas e nas lavas as cidades de Pompéia, Herculano e Estábia.

D. Antônio Aires de Gouveia, arcebispo titular de Calcedônia e bispo do Algarve e Betsaida, viu a luz no Pôrto, a 13 de setembro de 1818 e alí mesmo faleceu aos 17 de dezembro de 1916. Licenciado em teologia pela Universidade de Coimbra, foi lente da Faculdade de Direito da mesma, deputado, par do reino e duas vezes ministro e secretário de Estado, como titular da pasta da justiça. Versadíssimo na literatura clássica, verteu em português do mais fino quilate alguns carmes, elegias e outras composições de Horácio. Propércio, Catulo e Tibulo, usando o pseudônimo de *Um curioso obscuro*, do qual também se serviu num volume de comentários aos Lusiadas.

D. Aires de Gouveia assinalou-se como orador sacro e parlamentar. A sua linguagem, modêlo de correção e de pureza, ressente-se às-vezes de certo sabor gongórico, de certo retorismo exagerado. Publicou: *A reforma das cadeias em Portugal, Resenha das principais cadeias da Europa, Apontamentos sôbre os Lusíadas, Ensaio de crítica às críticas, Ensaios do Púlpito.*

CXVIII — A VELHICE

ANTÔNIO CÂNDIDO

A velhice é uma idade sagrada. Foi venerada em todos os tempos. Na antigüidade teve obséquios e cultos oficiais. Pode apreciar-se o grau de cada civilização histórica pelo respeito e pelo carinho dispensados a êstes sêres, de energia quebrada e de esperança desfeita, que trazem nos olhos tristes o reflexo, cada vez maior, da morte pavorosa que se aproxima!

A velhice é a quadra sem prazer de toda a vida humana. A infância sabe só que vive, e rí; a mocidade tem o sonho que a embala, e canta; a idade adulta conta com o futuro, ambiciona e trabalha; a velhice é um sonambulismo trêmulo e quási sempre atormentado, de que só se acorda na agonia extrema... para morrer.

Por quê anda tão alegre e alvoraçada a infância, e a velhice por quê anda tão melancólica e abatida? Perguntava Chateaubriand, e respondia: é porque a infância ignora tudo, e porque a velhice tudo sabe!

O que a velhice sabe... Sabe que a existência humana é um tecido de ilusões e que o prazer, de sua natureza fugaz, antecede sempre o tédio ou a desventura; sabe que a vida falta sempre às suas promessas, e que a felicidade anda em-volta-de nós, como a sombra, sem que a possamos ou tentemos colher em nosso proveito; sabe que a fortuna leva muito tempo a chegar e, si chega, dissipa-se, foge depressa, e que só a desgraça vem e permanece; sabe, como na sentença de Ovídio, que raras amizades nos restam, si o infortúnio nos visita, e que só são numerosas e freqüentes nos dias da prosperidade e do valimento; sabe que, com o volver dos anos, o coração arrefece gradualmente, o entusiasmo

apaga-se, a própria ambição diminue, a esperança reduz-se a um tênue clarão, a crença nas cousas da terra evola-se como o fumo, os horizontes, com a luz decrescente, restringem-se de hora a hora: e fica só, quando fica, o pavor da eternidade e a última confiança em Deus!

(*Ecos duma voz quási extinta*)

VOCABULÁRIO

Arrefecer (v.): esfriar, perder o calor; perder a energia, entibiar, desanimar; (trans.) fazer esfriar; enfraquecer, diminuir ou moderar o entusiasmo de.

Chateaubriand (Francisco Renato, visconde de): notável escritor francês, nascido em Saint-Malo, autor de várias obras de alto valor literário, p. ex.: o *Gênio do Cristianismo*, *Atala*, *Os martires*, *Memórias de além-túmulo*, etc. (1768-1848).

Fugaz (adj.): que foge com rapidez; efêmero, transitório; veloz.

Ovídio (Publio — Nasão): poeta latino, áutor das *Metamorfoses*, dos *Fastos*, dos *Amores*, dos *Tristes*. (43 A. C. a 16 D. C.).

Sonambulismo (subst.): estado de sonâmbulo, isto-é, daquele que dormindo .fala, anda, move-se como si estivesse acordado.

Tédio (subst.): enfado, fastio, aborrecimento, desgosto, descontentamento.

Valimento (substant.): ato ou efeito de valer; valia, prestígio, influência, privança; importância protetora.

Antônio Cândido Ribeiro da Costa (Candemil, concelho de Amarante, 31 de março de 1850; Candemil, 24 de outubro de 1922). Doutorou-se em direito na Universidade de Coimbra e foi lente da mesma, deputado, par do reino, conselheiro de Estado, procurador geral da Coroa e Fazenda.

Antônio Cândido é um dos grandes oradores portugueses, já pela sua eloqüência sóbria e empolgante, já pela linguagem primorosa e castiça, já pelas idéias sãs e ponderadas dos seus discursos, sacros, acadêmicos e parlamentares, entre os

quais avultam os elogios fúnebres de Alexandre Herculano e de D. Luiz I.

Escreveu: *Teses seletas de Direito, Princípios e questões de filosofia política, Orações fúnebres, Discursos e conferências, Discursos parlamentares, Na academia e no parlamento, Em Amarante,* e o livro póstumo *Ecos de uma voz quási extinta,* publicado pelos seus amigos em homenagem ao insigne intelectual. Pertenceu à Academia das Ciências de Lisboa.

CXIX — O FAUSTO DO MARQUÊS DE'MARIALVA

D. Maria Amália

À mesa do marquês de Marialva, um dos mais lindos tipos de fidalgo, um dos mais perfeitos exemplares da velha nobreza, espécie de patriarca universalmente querido e respeitado desde o paço real até à rua, e que durante o proconsulado pombalino fôra o desvelado protetor de todos os fracos, logrando muitas vezes alcançar a clemência régia para os mais ameaçados pela cólera do ministro — à mesa do marquês de Marialva assentavam-se quotidianamente dezenas de convivas; das cozinhas do seu palácio saíam por dia *trezentas* rações distribuidas entre a plebe parasita da capital; o pátio cheio de seges, de estrume e de lacaios, lembrando, no dizer malicioso de **Beckford,** um pátio de **mala-posta,** conduzia ao célebre **picadeiro,** onde o velho marquês se divertia em assombrar os amigos com os prodígios da sua destra e famosa equitação.

Subia-se dalí para os vastos aposentos, onde uma quantidade enorme de relógios — engraçada mania do marquês —marcavam, em gentis **minuetes** ou em figurações engenhosas, as horas que iam passando alegre-

mente, ora a ver as curiosidades da Índia e da Itália, que cobriam as mesas ricamente envolvidas em damascos e veludo vermelho, ora a escutar as agudas notas da voz de Policarpo, um dos primeiros tenores da capela da rainha, que se acompanhava a si próprio tocando harpa, e deliciava os ouvintes com essa arte admirável, que foi o culto artístico, quási exclusivo, do nosso século XVIII.

Para a grande sala dos banquetes em dias de mais pomposo cerimonial as pesadas travessas de prata cinzelada, em que lourejam os leitões e as grandes peças de caça, são trazidas por um longo séquito de escudeiros e de capelães, no peito de muitos dos quais brilha a cruz de Cristo ou de Aviz. Êste modo de ser servido à mesa tem um ar inteiramente feudal, e transporta a imaginação dos estranjeiros para os dias do passado, em que os chefes guerreiros são servidos como reis pelos nobres seus vassalos.

(*Cenas do século XVIII em Portugal*)

VOCABULÁRIO

Beckford (Guilherme —): escritor inglês que residiu algum tempo em Portugal e cujas cartas são importante documento sôbre a vida e a sociedade da época naquele país (1761-1844).

Damasco (subst.): tecido de sêda com flores fabricado em Damasco; por extensão: tecido imitando damasco; fruto semelhante ao pêssego.

Equitação (subst.): arte de montar a cavalo; exercício de cavalgar.

Feudal (adj.): relativo a feudo ou ao feudalismo, que é o conjunto das leis e costumes que regiam a ordem política e social numa parte da Europa, desde o século IX até os fins da Idade-Média.

Mala-posta (substant. com.): carro de transportar malas postais; carro ou diligência que, além das malas do correio, transporta passageiros.

Marialva (subst. próp.): vila portuguesa, concelho de Meda (Guarda) e nome de uma

casa nobre, à qual pertence o célebre *D. Pedro de Alcântara de Meneses, marquês de Marialva* (1713-1799), estribeiro-mor de D. José I e general de cavalaria. Ótimo cavaleiro, compôs um *Método de equitação*, que traz o seu nome.

Minuete (subst.): antiga dansa de movimentos muito moderados; música para essa dansa.

Picadeiro (subst.): lugar onde se fazem exercícios de equitação, se adestram cavalos, etc. Tem outras significações.

Sege (subst.) antigo coche de duas rodas e um só assento com cortinas na frente; (popular): carruagem.

Vassalo (subst.): aquele que dependia de um senhor feudal; súbdito; tributário.

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho nasceu perto de Lisboa ou, segundo outros, no Pôrto, em 1847. Casou-se em 1874 com o poeta Gonçalves Crespo, com quem escreveu *Contos para nossos filhos*. De inteligência vigorosa e fino gosto literário, cedo afirmou a sua individualidade mental como poetisa, jornalista, historiadora, crítica e educadora, logrando o aprêço e os aplausos dos homens mais cultos do seu tempo. Usou, de moça, o pseudônimo *Valentina de Lucena*, com o qual firmou algumas de suas crônicas de jornal. Servida por vasta ilustração e fácil receptividade, alcançou grande êxito nos seus escritos, em que brilha um estilo fluente e claro. Publicou: *Primavera de mulher, Vozes do êrmo* (verso), *Serões no campo, Mulheres e crianças* (educação), *Contos e fantasias, Contos para os nossos filhos* (com G. Crespo), *Arabescos, Cartas a Luiza* (moral, educação, costumes), *Alguns homens do meu tempo* (impressões literárias), *Vida do Duque de Palmela, Em Portugal e no estrangeiro* (ensaios críticos), *Figuras de ontem e de hoje, Cérebros e corações, As nossas filhas* (cartas às mães), *Impressões de História, Cousas de agora, Cenas do século XVIII em Portugal* (A marquesa de Alorna), *Páginas escolhidas* e outros.

Faleceu em Lisboa a 24 de março de 1921.

CXX — LUAR DE INVERNO

JÚLIO BRANDÃO

Pouco a pouco a noite fôra ficando esplêndida. Uma noite imaculada, de luar fúlgido. Caía muita neve. As serras cintilavam espelhentas, duma brancura levemente azulada aos fulgores da claridade fria. Eram os velhos titães que dormiam, depois da peleja antiga, com as coiraças lampejantes a cobrir-lhes os peitos, voltados para o céu estrelado. Noite de balada sinistra. Os picos furavam, de aço e mármore, o azul palidíssimo. Os astros dir-se-iam miosotis, na algidez hiperbórea, àquela hora em que a natureza inteira, murmurada dos ventos, de-certo estremecia num mistério indeciso. Da espádua dos montes, estrepitosas, as águas jorravam no silêncio fúnebre. A neve caía sempre, como si fôra luar a esfarrapar-se... Alí, naqueles algares brutos, a que a luz dava maravilhoso e fantástico, o homem sentia o pavor e o êxtase do primeiro filho de Eva entre a natureza enigmática e surgente. Havia o segrêdo dos mausoléus antigos, uma grandeza de epopéia morta, um esvoaçar de avejões e de feitiços, de que a noite e a lua eram os nigromantes. Hora para bandidos, para amantes trágicos, e para Óssian criar as visões brancacentas.

(*Contos escolhidos*)

VOCABULÁRIO

Algidez (subst.): frialdade excessiva, gelidez.

Avejão (subst.): abantesma, fantasma, visão; homem corpulento e feio. Também se diz *avejã*.

Coiraça ou **couraça** (subst.): armadura para defender o peito; revestimento de metal para resguardar os navios; resguardo mais ou menos duro; (fig.): ânimo forte.

Miosotis (subst.): gênero de plantas, cujas flores, miúdas e azues, são conhecidas por "não-te-esqueças-de-mim". E' melhor dizer *miosote*.

Nigromante (subst.): aquele que se presume de adivinhar o futuro, evocando os mortos; esconjurador. A forma verdadeira é *necromante* (*necromancia*), composta dos elementos gregos *nécros, morto* e *mántis, mánteos, adivinho, profeta*. As palavras *nigromancia* e *nigromante* são devidas a falsa interpretação etimológica, que nelas supôs alguma conexão com a magia *negra* (em latim *niger, nigra, nigrum*).

Ossian (subst. próp.): herói e bardo escocês, de existência duvidosa, filho de Fingal, rei de Morven. Macpherson publicou em 1760 uma colectânea dos cantos dêsse bardo, que tiveram profunda repercussão na literatura romântica. São de um carater melancólico e nebuloso. Ossian, viveu, segundo se crê, no século III.

Titãs (subst. próp.): gigantes, filhos do Céu e da Terra, que tentaram escalar o Olimpo, sobrepondo o Ossa ao Pélio, para destronarem a Júpiter, que, agastado com tal audácia, os fulminou. Por extensão: *titã* é um homem de grande ousádia e pertinácia, que empreende coisas muito difíceis e arriscadas.

Júlio Brandão (Vila Nova de Famalicão, 1870). Foi professor da Escola Industrial do Infante D. Henrique e do Liceu e diretor do Museu Municipal. Abraçou o movimento *Simbolista*. É um poeta delicado, um prosador distinto e um crítico de fino tacto.

Tem publicados os seguintes livros: *O livro de Aglais, Saüdades, O Jardim da Morte, Nuvem de Oiro, Cantares* (versos); *Farmácia Pires, Perfis suaves, Figuras de barro, Contos escolhidos, Memórias dum amoroso* (contos, romances); *Poetas e prosadores, Garret e as Cartas de Amor, Bustos e Medalhas, Roquemont* (crítica).

É sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa.

CXXI — TARDE ESTIVAL

AQUILINO RIBEIRO

Inácio Mioma gozava a tarde de junho à sombra da latada que cobria de frescura o pátio antigo e o tanque, em que se vinham lançar águas de mina, deixando ao despedir do boeiro um soluço sem fim. A perder de vista, nos céus e na terra, a tarde estendia-se imponderável e luminosa. Apendoavam os centeais, e o frêmito das espigas era mais ligeiro que a ondulação do mar mais benigno. O verde retinto vestia os campos até para lá de meia légua de bom andar, na encosta de Segões, onde a seara empoeirada de sol, já menos paveia que farfalha, barrava a Serra da Estrêla, em sua imensidade extática de bronze, dum esmaecido verde-ouro. Pinhais taciturnos, baldios de fieito e de sargaço eram levados na envolta efusiva do verde; e, céu azul, terra em festa, os animaizinhos do Senhor cantavam. Cantavam todos nos seus jardins de serradela, ou à bôca dos agulheiros, o grilo, o ralo, a cigarra vadia; na mata que, às horas do poente, estendia sua sombra sôbre os mortos, a rôla e a popa arrulhavam; e alí nas cerejas do quintal, que já tinham bichos, o passaredo moinante parecia uma aula de meninos malcriados. A primavera despedia discretamente, sem avisar, vinha aí o senhor verão de chapéu de palha e cara pintada das amoras e das uvas. Aves e animais celebravam a vinda estrondosa do grande rabaceiro, que lhes trazia um celeiro e farândulas de mosquitos loucos para encher o papo.

(*Terras do Demo*)

VOCABULÁRIO

Agulheiro (subst.): pequeno estojo para agulhas fabricante de agulhas; abertura estreita e profunda; pequena fresta; ralo para escoamento da água nos tanques; buraco em que, em certas paredes, se recolhem os pombos; — *s*: orifícios por onde se escoa a água dos tanques, chafarizes, etc.

Apendoar (v. trans.): guarnecer de pendões; (intrans.): ostentar pendão ou bandeira, embandeirar-se.

Baldio (subst.): terreno deixado sem cultura; (adj.): inculto, maninho, não cultivado (terreno); inútil, frustrâneo.

Farândula (subst.): dansa peculiar à Provença; grupo de maltrapilhos, súcia de farsistas, bando de gente desprezível.

Farfalha (subst.) e também *farfalhada*, *farfalheira*: ruído resultante da agitação de aparas de madeira, metal, etc., de maravalhas, limalhas; (no pl.): — *s*: aparas, limalhas; farfalheiras, fitas ou laços vistosos com que as mulheres se enfeitam; cascalheira; flocos de neve, sincelos.

Feito (subst. Trás-os Montes): o mesmo que *feto*, planta. (Veja-se esta palavra).

Moinante (adj. Gíria de Lisboa): malandro, vadio; brincalhão; mandrião.

Pôpa (subst.): o mesmo que *poupa;* pássaro tenuirrostro parecido com a pêga.

Rabaceiro (subst.): o que gosta de rabaça (planta); o que gosta muito de hortaliças e de frutas.

Sargaço (subst.): gênero de algas, família das fucáceas, que crescem à superfície de alguns mares, bodelha ou bodelho; sargaça, planta da família das cistíneas, cujo tipo é a esteva.

Serra da Estrêla: serra de Portugal, na Beira-Baixa, distritos de Guarda e Castelo Branco.

Serradela (subst.): nome comum a duas plantas leguminosas.

Taciturno (adj.): que fala pouco, calado; tristonho, misântropo.

Aquilino Ribeiro é um dos mais festejados literatos contemporâneos de Portugal, mormente como romancista, não porque seja um fino analista da alma, um meticuloso escalpelador de corações, mas pelos seus raros dons de colorista, de descritivo exato e minucioso. Seu estilo é originalíssimo, rico de imagens audazes e de expressões regionais, colhidas

principalmente no falar provinciano e plebeu. A leitura de seus romances nem a todos agrada, mas nem por isso se poderá negar a Aquilino Ribeiro o mérito de ser um prosador de notável vibração e sensibilidade.

Tem publicados os seguintes volumes: *Jardim das Tormentas, Estrada de Santiago* (contos), *A via sinuosa, Terras do Demo, Lápides partidas* (romances) *Filhas de Babilônia* (novelas), *Romance da Raposa* (para crianças), *Andam faunos pelos bosques, Anatole France* (conferência), etc.

CXXII — FESTA DE ANIVERSÁRIO

MALHEIROS DIAS

No dia vinte e oito de agosto, aniversário de D. Margarida, houve missa cantada na capela das Amoreiras. Tinham-se feito largos convites para a solenidade, que devia terminar num festim copioso, com capões assados e recheios de perús.

Logo pela manhã começaram a chegar os convidados: nédios párocos nas suas éguas mansas; famílias fidalgas em caleças antigas, pesadas, de grandes rodas; o morgado de Tresmonde, com a suá orquestra de igreja, num carroção mitológico, puxado a mulas; a marquesa do Planalto em cadeirinha, trazida desde I'nfias por dois brutamontes suados, que praguejavam, aluindo quási com o pêso.

Estavam as lajes do terreiro juncadas de palmas verdes, mentrastes e alecrim; bandeiras esvoaçavam ao alto das pirâmides do portão, nas medas de palha, na torrezinha da capela. Das varandas da casa pendiam

colchas de damasco, como para um torneio real, ostentando as grandes armas floreadas dos Albergarias, com torrelas e quinas. Os celeiros haviam sido despejados para abrigar as alimárias; e dos galinheiros foram enxotadas as galinhas. Só as pombas esvoaçavam no pátio, atordoadas pelo rumor, vinham pousar no telheiro do alpendre, saracoteavam, assustadiças, por entre as folhagens aromáticas esparsas nas lajes, associando-se à festa.

Nessa noite ninguêm dormira nas Amoreiras. D. Margarida, Dorotéia e Luizinho — que passara o dia na cozinha a ver degolar os perús e os marrecos — tinham-se fechado na capela com o armador; e até de-madrugada pregaram-se por lá sanefas, atulharam-se vasos de flores, distribuiram-se velas pelos castiçais e serpentinas, numa azáfama devota. À luz das candeias, no terreiro, varreu-se, arrumou-se, espalhou-se alfazema; e até Joaquim, querendo associar-se à festa, preparou o salão nobre, adornou as velhas credências D. João V de maneira a compor (*) um cenário venerável àquela sociedade miguelista de padres, morgados e beatas.

Em-baixo, nas cozinhas, depenavam-se aves; punham-se de vinagre as grandes pernas de vitela vindas de Tafe na diligência, acamavam-se as hortaliças mais saborosas da quinta, com a previsão do dia de lufa que ia ser aquele domingo, para dar de comer a toda a criadagem dos convidados e pôr na mesa êsse jantar de estrondo, para o qual se tinham despovoado os galinheiros e feito uma batida aos coelhos por três léguas ao-redor.

Quando ao amanhecer, os primeiros foguetes subiram, as Amoreiras mostraram as suas galas festivas,

(*) *"de maneira a compor"* não é bom português, diga-se: *"de maneira que compusesse"*.

com as bandeiras esvoaçando levemente no ar morno e o terreiro atoalhado de palmas e alecrim, como para a recepção de um casal de príncipes noivados de-vespera.

. . . . . .

(*Os Teles de Albergaria*)

VOCABULÁRIO

Alimária (subst.): animal irracional, bruto.

Credência (subst.): pequena mesa, próxima do altar onde se põem as galhetas; nicho de madeira ou de pedra, nos conventos, para escrever; consola ou consólo, mesa para se colocarem adornos.

Diligência (substantivo): zêlo, cuidado, atividade; execução de certos serviços judiciais; pesquisa; serviço extraordinário que os soldados executam fora do quartel; espécie de carruagem para serviço público.

Festim (subst.): festa particular, festa em família; banquete.

Lufa (subst.): ventania; afã, azáfama, lida; *lufa-lufa*: grande afã, grande pressa.

Menstraste, mentrasto ou **mentastro** (subst.): espécie de hortelã.

Miguelista (subst.): partidário de D. Miguel, infante de Portugal, filho de D. João VI e de D. Carlota Joaquina. Tendo sido nomeado regente do reino, fez-se proclamar rei absoluto e iniciou um período de perseguição aos liberais, do que resultaram as lutas civis de 1832-1834, terminadas com a convenção de Évora Monte e o exílio de D. Miguel.

Morgado (subst.): conjunto de bens vinculados, inalienáveis e indivisíveis, que por morte do possuidor, ficavam pertencendo ao filho primogênito; o possuidor dêsses bens; filho primogênito ou herdeiro de possuidor de bens vinculados; (por ext.): filho mais velho; filho único; cousa muito rendosa.

Quina (subst.): cada um dos cinco escudos que fazem parte das armas de Portugal; carta de jogar, dado ou peça de dominó com cinco pontos; planta americana; esquina.

Sanefa (subst.): longa tira de fazenda que orna a extremidade superior de uma cortina.

Torneio (subst.): festa guerreira em que se combatia a-cavalo e com armas embotadas, justa; certame, concurso, debate, polêmica.

Carlos Malheiros Dias (Porto, 13 de agosto de 1875). Fez o Curso Superior de Letras em Lisboa. Durante muito tempo dedicou-se ao comércio, residindo no Brasil. Várias vezes foi deputado em sua terra, durante a monarquia.

Dirigiu entre nós a *Revista da Semana* e tem colaborado em diversos jornais brasileiros e portugueses. Foi o organizador e diretor da notável publicação *História da Colonização Portuguesa do Brasil* —, na qual escreveram os vultos mais representativos das letras lusitanas.

Malheiros Dias publicou: *Filho das Ervas, Os Teles de Albergaria, Paixão de Maria do Céu, O grande Cagliostro* (adaptado à cena pelo autor) — romances; *A vencida, Quem é o rei de Portugal, Em-redor de um grande drama, Zona de tufões, Do desafio à debandada, Cartas de Lisboa, Entre precipícios..., Verdade nua, Exortação à mocidade* (vária), e escreveu para o teatro *Inimigas*.

Malheiros Dias é escritor de talento brilhante, que sabe manejar a prosa com vigor, clareza e elegância, possuindo apreciáveis dotes picturais.

De-presente reside no Brasil.

CXXIII — TAVIRA

RAUL BRANDÃO

Agosto — 1922

Muros muito brancos, de porta e janela, alguns com gelosias, que é a velha e melhor maneira de manter as casas sempre frescas. A reixa deixa passar o ar e conserva a meia luz: dá intimidade aos interiores. Nas ruas não passa ninguêm. Casas apalaçadas tumulares. Telhados mouriscos pontiagudos, de quatro águas, muito caiados, e as chaminés do sul, que lembram

reduções de **minaretes**. Há-as rendilhadas, há-as com filigranas e flores. Outras mais pobres e mais simples, mas sempre aspirando para o céu de Alá. Entre elas e a Giralda a diferença é apenas de tamanho. Brancas, esguias, delicadas, com um pouco de imaginação povoa-se Tavira de tôrres onde o árabe faz a oração da manhã e da tarde. São recordação e saudade. A alma do moiro está viva. Subjugada, persiste e sonha. Aspira. Perseguida, obstina-se. E para viver faz-se pequenina e contenta-se em deitar fumo...

Tavira é uma terra fechada, concentrada, de gente rica que arrecada o dinheiro do figo, da amêndoa e da alfarroba. Cada fruto destas árvores é um pingo de ciro. Que saudades eu tenho, nesta terra neurastênica, da fedorenta Olhão! De Olhão, até o mau cheiro me cheira agora bem... E como compreendo a mudança de fisionomia dos homens e das coisas... Tavira é uma terra de montanheiros, Olhão é uma terra de pescadores. O pescador é comunista e alegre, o montanheiro desconfiado e triste. No mar não há marcos...

(*Os Pescadores*)

VOCABULÁRIO

Alfarroba (subst.): fruto da alfarrobeira, árvore leguminosa.

Giralda (subst. próp. La —): tôrre quadrada de Sevilha (Espanha), no ângulo nordeste da Catedral. Foi construida entre 1184 a 1196 para servir de almádena de uma mesquita hoje destruida. Tira o nome de uma colossal estátua de bronze, obra de Morel (1568), representando a Fé, a qual, apesar do seu pêso (1288 kgrs.), gira ao menor vento e serve, assim, de ventoinha (*giraldillo*).

Minarete (subst.): pequena tôrre de varandas salientes juntos às mesquitas, da qual o almuádem chama os muçulmanos à oração. *Minarete* é considerado galicismo; deve dizer-se *alcorão* ou *almenara* ou *almádena*.

Olhão (subst. próp.): vila e cabeça de concelho (Faro) de Portugal, à beira do Atlântico, com pesca muito ativa.

Reixa (subst.): gelosia, grade de rótula, grade de janela; pequena tábua.

Tavira (subst. próp.): cidade e cabeça de concelho (Faro) de Portugal, à beira do Oceano Atlântico. Foi tomada aos moiros por D. Sancho II, em 1239. Comércio de figos, amêndoas e cereais.

Raul Germano Brandão (Pôrto, 12 de março de 1867). Assentou praça, foi funcionário do Ministério da Guerra e da Biblioteca Nacional e hoje é capitão reformado de infantaria. Dirigiu no Pôrto com Júlio Brandão um jornal de curta existência e colaborou em várias fôlhas: *Correio da Manhã*, no tempo de Pinheiro Chagas, no *Dia*, no *Imparcial*.

Suas obras mais conhecidas são: *Memórias dum palhaço*, *A Farsa*, *Os Pobres*, *El-Rei Junot*, *O cêrco do Pôrto contado por uma testemunha*, *Humus*, *Memórias*, *A Conspiração de Gomes Freire*, *Os pescadores*, *Os lavradores*, *Os pastores*, *Os operários*. Colaborou com D. João da Câmara e Maximiliano de Azevedo num livro de leitura para as escolas primárias e com Júlio Brandão na peça *A noite de Natal*. Sôbre o seu mérito literário assim se exprime Joaquim Costa: "Como romancista, é falho de sentimento da realidade, reduzindo seus personagens a casos de imaginação mórbida. É um prosador desigual, duma forma sacudida e nervosa, impressionando, por vezes, intensamente".

"Escreve, quási sempre, em notas fugidias, em que se sentem vivos contrastes. Em alguns dos seus livros é um païsagista amante da côr, com uma acentuada tendência para pintar com leveza".

"Em face da vida é geralmente um contemplador dramático e um observador doloroso".

CXXIV — UMA TORMENTA

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

Enquanto o mercador afagava com a vista ansiosa a linha ondulante que se estendia ao nascente, o pilôto, alcandorado na alcáçova, verrumava com olhos inquietos o horizonte a oeste, onde uma barra azul ferrete alastrava e subia, ameaçando o sol declinante. Fraquejava a aragem. O mar parecia arreganhar ao-longe uns colmilhos de espuma. E o pilôto fungava, como animal bravio farejando perigo.

— Que há de nôvo? perguntou Hildebrando.

— O temporal que chega — foi a lacônica resposta.

Não se enganava o mareante experto. As grossas nuvens caliginosas abarcaram de-lés-a-lés o firmamento. Fortes rajadas fizeram gemer a mastreação, vergada pelo inflar das velas. Alterosas vagas sacudiram dentro em pouco o massudo casco.

Era a tempestade, prenúncio do outono, que se desencadeava sôbre o Atlântico em fúria.

E dentro em pouco, um véu espêsso obumbrava a luz crepuscular. As cordas de chuva, quási horizontais, chicoteavam os madeiros duros. Zunia a ventalha, terrível, pelas aberturas do massame. A maruja, dirigida pelo sagaz Palinuro, tentava, em risco incessante de morte, diminuir a resistência minaz do velame retêso. As sombras da noite propínqua eram rasgadas pelo fuzilar sinuoso dos relâmpagos. E a treva, que avançava rápida, vinha prenhe de ansiedade e pavor.

Com o tombar pesado da noite, aumentou de-feito o horror da tempestade. A celeuma acresceu com vozes espavoridas. O mastro maior baqueou com um fragor tremendo. Debalde o pilôto buscava nortear a nau, te-

meroso de que fosse desfazer-se na costa, para onde o vendaval a impelia. A sua mão firme não lograva impor obediência ao governalho. E sinistros rumores denunciavam feridas mortais no robusto lenho, pelas quais a água se engolfava a jorros.

Foram largas horas de agonia sem trégua. A cada ribombo, parecia escancarar-se aos míseros a porta do sepulcro. E as fitas coruscantes assedavam de-contínuo a voragem negra, e os escarcéus rugidores varriam a tolda.

Súbito, um relâmpago mais forte iluminou para os desgraçados a perdição iminente. A menos de duas milhas, o vulto sinistro de uma serra assestava os píncaros verde-negros contra o cariz lôbrego. E ao lume da água, fragas abruptas luziam, como uma dentadura monstruosa, prestes a triturar o robusto lenho.

— Misericórdia! — foi o clamor que se levantou, uníssono e plangente.

Perdida a esperança na labuta humana, só o auxílio divino se deparava aos míseros.

(*Santos de Casa*)

VOCABULÁRIO

Abrupto (adj.): muito inclinado, íngreme (fig.): repentino, improviso, inopinado; *Ex abrupto* (loc. adv. lat.): de-improviso, sem preâmbulos.

Alcáçova (subst.): castelo antigo, fortaleza; (ant.): castelo de nau de guerra.

Alcandorar-se (v. pron.): poisar em alcândora (poleiro de falcão); (fig.): colocar-se muito alto, encarrapitar-se; sublimar-se, elevar-se muito.

Assestar (v.): apontar (artilharia); dirigir contra, pôr na direção de.

Caliginoso (adj.): muito denso e escuro; tenebroso, atro.

Cariz (substant.): semblante, aparência, aspeto do céu ou da atmosfera; carão.

Casco (subst.): quilha e costado de uma embarcação; antiga armadura para proteger a cabeça; os ossos do crânio; o coiro cabeludo; paredes, para uma construção; etc.

Celeuma (subst.): vozearia de homens trabalhando; grita dos marinheiros, barqueiros; algazarra, alarido.

Colmilho (subst.): dente canino, dente agudo, prêsa.

Governalho subst. arc.): leme, timão, aparelho que serve de dar direção à embarcação.

Iminente (adj.): sobranceiro, pendente, impendente, que ameaça cair sôbre. que ameaça acontecer breve.

Lacônico (adj.): conciso, breve, que se exprime com um mínimo de palavras.

Lés, subst. usado na expressão *de-lés-a-lés*, isto-é, delado-a-lado.

Massame (subst.): leito dos poços, feito de argamassa e pedra; cordoalha do navio, o seu cordame, o conjunto de seus cabos.

Obumbrar (v.): cobrir de sombras, toldar, tornar escuro; — *se*: cobrir-se de sombras, entenebrecer-se, tornar-se escuro, toldar-se.

Palinuro (subst. próp.): pilôto de Enéas; (por ext.): pilôto. Enéas é o herói da Eneida, poema épico de Vergílio.

Henrique Lopes de Mendonça nasceu em Lisboa em 1856. Entrou para a armada portuguesa e desempenhou algumas comissões públicas importantes. Com pronunciado pendor para o teatro, estreou-se nêle, ainda muito nôvo, com uma comédia em 1 ato — *A noiva* — e logo depois com a tragédia — *O Duque de Vizeu* — (19 de março de 1886), a qual lhe valeu caloroso acolhimento por parte do público, consagrando-lhe o nome nos círculos literários do país. A seguir apareceram suas outras composições teatrais, girando não somente sôbre temas históricos, mas também sôbre fatos da vida comum. Segundo a judiciosa crítica de Aubrey Bell, os dramas em verso de Lopes de Mendonça são declamatórios e de pouca psicologia, sendo-lhes superiores os escritos em prosa. Seus romances, novelas e contos revelam um prosador vigoroso e brilhante, que conhece bem a língua, manejando-a com o tino e a graça de verdadeiro artista, dando-lhe exuberância, ductilidade e harmonia. É com singular perícia e com impressiva dramaticidade que evoca, em alguns dos seus livros,

lances épicos, façanhas galhardas e vultos heroicos da história lusitana, comovendo e entusiasmando o leitor, como em *Sangue Português* e *Lanças n'Africa*.

Tem publicadas entre outras as seguintes obras: *A noiva, O Duque de Viseu, A Morta, Afonso de Albuquerque, O Salto Mortal, Amor Louco, Nó cego, O Azebre, A Herança, Saüdade* (teatro); *Os Orfãos de Calecut, Terra de Santa Cruz* (romances); *Sangue Português, Gente Namorada, Lanças n'Africa, Capa e Espada, Fumos da India, Santos de Casa, Almas Penadas* (contos e novelas históricas); *Estudos sôbre navios portugueses nos séculos XV e XVI, O Padre Fernando Oliveira e a sua obra náutica, Memórias Acadêmicas, Conferências*, etc. (história e arqueologia).

H. Lopes de Mendonça era sobrinho do notável escritor Pedro Lopes de Mendonça. Pertence à Academia das Ciências de Lisboa e à Academia Brasileira de Letras.

TERCEIRA PARTE

Poetas portugueses

CXXV — ADEUS, MAE!

ALMEIDA GARRET

— Adeus, mãe! adeus querida,
Que eu já não posso co'a vida,
E os anjos chamam por mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim,
Junta os teus lábios aos meus,
E recebe o último adeus.

Nêste suspiro... não chores,
Não chores: aquelas dores
Já sinto acalmar em mim.
Adeus, mãe, adeus!... Assim
Junta os teus lábios aos meus...
Um beijo — um último... Adeus!

E o corpo desanimado
No colo da mãe caía;
E ela o corpo... só pesado,
Só mais pesado o sentia!
Não se lamenta, não chora,
E, quási a sorrir, dizia:
— Que tem êste filho agora,

Que tanto pesa? Não posso...
E uma a uma, osso por osso,
Com a trêmula mão tenta
As mãozinhas descarnadas,
As faces cavas, mirradas,
A testa inda morna e lenta.
— Que febre! Que febre! diz;
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo o que há mau lhe ocorreu,
Tudo — menos que morreu.
Como nos gelos do norte
O sono traïdor da morte
Engana o desfalecido
Que imagina adormecer,
Assim, cansado, esvaído
De tão longo padecer,
Já não há no coração
Da mãe fôrça de sentir;
Já não tem lume a razão
Sinão só para iludir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda a ver a éssa armada,
As luzes que ardem no altar.
Ouves? É a rouca toada
Dos padres a salmear!...
Vamos, que a hora é chegada,
É tempo de o amortalhar.

E os anjos cantavam:
Aleluia!
E os santos clamavam:
Hosana!

Ao triste cantar da terra
Responde o cantar do céu;
Todos lhe bradam: — "morreu!"
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,
E os padres a rezar,
E ela ainda a acalentar
Nos braços o filho morto,
Que já não tem mais confôrto,
Mais sossêgo nêste mundo
Que o jazigo úmido e fundo
Onde há de ir a sepultar.

Levai, ó anjos de Deus,
Levai essa dor aos céus,
Com a alma do inocente
Aos pés do Juiz Clemente,
Aí fique a santa dor
Rogando à Eterna Bondade
Que estenda a imensa piedade
A quantos pecam d'amor

(*Fôlhas Caídas*, II)

VOCABULÁRIO

Jazigo (subst): tûmulo, sepultura; lugar em que se recolhem os ossos de uma ou mais pessoas.
Salmear (v.): cantar em forma de salmo; recitar sem inflexões de voz, sem no mesmo tom.
Toada (subst): ato ou efeito de toar ou soar; entoação; canto; gôsto, maneira; atoarda.

Veja-se a notícia biobibliográfica na pag. 273.

CXXVI — DEUS

ALEXANDRE HERCULANO

Nas horas do silêncio, à meia-noite,
Eu louvarei o Eterno!
Ouçam-me a terra e os mares rugidores,
E os abismos do inferno.
Pela amplidão dos céus meus cantos sôem,
E a lua prateada
Pare no giro seu, enquanto eu pulso
Esta harpa a Deus sagrada.

Antes de tempo haver, quando o infinito
Media a eternidade,
E só do vácuo as solidões enchia
De Deus a imensidade,
Êle existia, em sua essência envolto,
E fora dÊle o nada:
No seio do Criador a vida do homem
Estava ainda guardada:
Ainda então do mundo os fundamentos
Na mente se escondiam
De Jeová, e os astros fulgurantes
Nos céus não se volviam.

Eis o Tempo, o Universo, o Movimento
Da mão solta o Senhor:
Surge o Sol, banha a Terra, e desabrocha
Uma primeira flor:
Sôbre o invisível eixo range o globo:
O vento o bosque ondeia;
Retumba ao-longe o mar; da vida a fôrça
A natureza anseia!

Quem dignamente, ó Deus, há de louvar-te,
Ou cantar teu poder?
Quem dirá do teu braço as maravilhas,
Fonte de todo o ser,
No dia da criação; quando os tesouros
De neve amontoaste;
Quando da terra nos mais fundos vales
As águas encerraste?!

E eu onde estava, quando o Eterno os mundos,
Com destra poderosa,
Fez, por lei imutável, se librassem
Na mole ponderosa?
Onde existia então? No tipo imenso
Das gerações futuras:
Na mente do meu Deus. Louvor a Êle
Na terra e nas alturas!

Oh! quanto é grande o Rei das tempestades,
Do raio e do trovão!
Quão grande o Deus que manda, em sêco estio,
Da tarde a viração!
Por sua Providência nunca embalde
Zumbiu mínimo inseto;
Nem volveu o elefante, em campo estéril,
Os olhos, inquieto.

Não deu Êle à avezinha o grão da espiga,
Que o ceifador esquece?
Do norte ao urso o sol da primavera,
Que o reanima e aquece?
Não deu Êle à gazela amplos desertos,
Ao cervo a amena selva,

Ao flamingo os paúes, ao tigre o antro,
No prado ao touro a relva?
Não mandou Êle ao mundo, em luto e trevas,
Consolação e luz?
Acaso em-vão algum desventurado
Curvou-se aos pés da cruz?
A quem não ouve Deus? Somente ao ímpio
No dia da aflição,
Quando pesa sôbre êle, por seus crimes,
Do crime a punição.

Homem, ente imortal, que és tu perante
A face do Senhor?
És a junça do brejo, harpa quebrada
Nas mãos do trovador!
Olha o velho pinheiro, campeando
Entre as neves alpinas;
Quem irá derrubar o rei dos bosques
Do trono das colinas?
Ninguêm! Mas ai do abeto, si o seu dia
Extremo Deus mandou!

Lá correu o aquilão; fundas raízes
Aos ares lhe assoprou.
Soberbo, sem temor, saíu da margem
Do caudaloso Nilo
O corpo monstruoso ao sol voltando,
Medonho crocodilo.
De seus dentes em roda o susto habita;
Vê-se a morte assentada
Dentro em sua garganta, si descerra
A bôca afogueada:
Qual duro arnês de intrépido guerreiro
É seu dorso escamoso;

Como os últimos ais de um moribundo
Seu grito lamentoso:
Fumo e fogo respira quando irado;
Porêm, si Deus mandou,
Qual do norte impelida a nuvem passa,
Assim êle passou!

Teu nome ousei cantar! Perdoa, ó Nume,
Perdoa ao teu cantor!
Dignos de tí não são meus frouxos hinos,
Mas são hinos de amor.
Embora vís hipócritas te pintem
Qual bárbaro tirano:
Mentem, por dominar, com férreo cetro,
O vulgo cego e insano.
Quem os crê é um ímpio! Recear-te
É maldizer-te, ó Deus;
É o trono dos déspotas da terra
Ir colocar nos céus.
Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
Dos males da existência,
Tranqüilo e sem temor, à sombra pôsto
Da tua Providência.

(*A Harpa do Crente*)

VOCABULÁRIO

Abeto (subst).: árvore da família das abietíneas; pinheiro alvar.
Aquilão (subst. poético): o vento do norte, o norte.
Arnês (substant.): armadura completa de um guerreiro; todo o aparelho de um cavalo de sela; (fig.): amparo, proteção. Deve-se grafar *arnês* (do italiano *arnese*).
Cervo (substant.) poético): o mesmo que *veado*.

Flamingo (subst.): ave pernalta das regiões tropicais.
Harpa (subst.): instrumento de forma triangular, com cordas desiguais e tocadas com os dedos; (fig.): a poesia religiosa; a poesia.
Jeová (subst. próp.): palavra hebraica, que significa *Deus*.
Mente (subst.): inteligência, espírito, alma; pensamento; imaginação; memória; intúito.
Nilo (subst. próp.): grande rio da África oriental, que atravessa Núbia e o Egito. indo desaguar no Mediterrâneo por vasto delta.
Norte (subst.): o ponto cardial oposto ao sul; vento frio que sopra dêsse ponto; regiões que ficam para o lado dêle; estrêla polar; rumo, guia.
Pulsar (v.): impelir; agitar; tocar, tanger; (intrans.): palpitar, latejar; arquejar.
Trovador (subst.): poeta que cultivou a poesia lírica do século IX ao século XIV; aquele que trova; (fig.): poeta.

Ver a notícia biobibliográfica na pag. 277.

CXXVII — O AMOR AS ÁRVORES PREMIADO

ANTÔNIO F. DE CASTILHO

O vizinho Milão, que hoje é tão rico,
Não tinha mais que uma árvore, e de terra
Só quanto aquela sombra lhe cobria.
— "Corta-a, Milão, diziam-lhe os pastores.
Alegras teu campinho e terás lenha
Para aquecer a choça em meio inverno".
— "Eu? respondia o triste, eu pôr machado
Na boa da minha árvore? Primeiro
Me falte lume alheio o inverno todo,
Que eu mate a que a meu pai já dava sestas;
A que de meu avô me foi mandada,
Que a não pôs para sí; e a que nos braços
Me embalou tanta vez, sendo menino.
Os deuses a existência lhe dilatem,

Que assim lhe quero eu muito, e o meu campinho
Produza o que puder, que eu sou contente".
Sorriam-se os pastores; o carvalho
Cada vez mais as sombras estendia,
E Milão, de ano em ano, ia mais pobre.
Lembrou-lhe um dia em bem que uma videira,
Plantada a par com o tronco, o enfeitaria,
E os cachos pendurados pela copa
Lhe dariam também sua vindima:
E eis que, ao abrir a cova, acha um tesouro!
Desde então ficou rico e diz-me sempre
Que os deuses imortais lho hão dado em prêmio,
Por amar suas árvores. É êle
Quem nos ensina a amar, são dêle os versos
Com que ao bosque de Pan cantei louvores.

VOCABULÁRIO

Pan ou Pã (subst. próp.): segundo a mitologia, filho de Júpiter (Zeus) ou de Mercúrio (Hefaístos), deus das selvas e dos pastios, protetor dos rebanhos e dos animais selvagens. A sua presença incutia horror aos homens e aos brutos, donde a expressão *terror pânico*.

Vindima (subst.): colheita de uvas; as uvas apanhadas; aquisição, ganho, lucro.

CXXVIII — CANÇÃO DO REI DE TULE

ANTÔNIO F. DE CASTILHO

(Traduzida do «Fausto» de Gœthe)

Reinava em Tule algum dia,
um bom rei, tão fino amante,
que até morrer foi constante
à dama com quem vivia

À hora do passamento
deixou-lhe ela um vaso d'oiro,
que foi do real tesoiro
o mais falado ornamento.

Punham-lho sempre na mesa;
só por aquele bebia;
e o chôro que então vertia
causava a todos tristeza.

Vendo o seu termo chegado,
repartiu pelos herdeiros
os bens, té os derradeiros,
exceto o vaso adorado.

Foi isto em jantar de mágoas
que el-rei deu à fidalguia,
em tôrre herdada que havia
ao-rés das marinhas águas.

Como el-rei houve bebido (*)
o seu último confôrto,
co'o braço já quási morto
levanta o vaso querido,

e, por não deixá-lo ao mundo,
da janela ao mar o atira.
Ondeia o vaso, revira,
enche-se e desce ao fundo.

(*) Construção antiquada equivalente a estoutra: "Depois que el-rei bebeu".

No mesmo triste momento
em que o vaso se abismava,
o rei seus olhos cerrava,
soltando o último alento.

VOCABULÁRIO

Ao-rés-de (loc. prep.): rente com, junto-de, cerce com.

Fidalguia (subst.): qualidade de fidalgo, nobreza; a classe dos nobres, a nobreza; ação própria de fidalgo, generosidade, galhardia, bizarria, galantaria.

Tule (subst. próp.): nome dado pelos romanos a uma ilha do norte da Europa, talvez a Islândia, que consideravam o último confim do mundo.

Veja-se a notícia biobibliográfica à pag. 281.

CXXIX — A PARÁBOLA DAS VARAS

CURVO SEMEDO

Um velho sábio e prudente,
Vendo-se vizinho à morte,
Chama três filhos que tem
E fala-lhes desta sorte:

— "Eia, vêde, amados filhos,
Si quebrais, por fôrça ou jeito,
Êste emblema"; e tira um mólho
De varas de vime feito.

Ao filho mais velho o dá,
Que se propõe a partí-lo;
Mas, por mais fôrça que emprega,
Nunca pôde conseguí-lo.

Pega-lhe o filho segundo,
Destro e valente rapaz,
Que partí-lo não consegue,
Por mais esforços que faz.

Entregam-no ao mais pequeno
Que blasona de mui forte:
Torce-o, dobra-o, cora e sua,
E deixa-o da mesma sorte.

— Fracos moços! Diz o pai,
Vossa fraqueza celebro!
Vêde como desta idade
Estas varas todas quebro.

Depois, desatando o mólho,
Pronto as varas dividindo,
Com toda a facilidade
Uma a uma as vai partindo.

E diz: — "Vêde nêste exemplo,
Filhos do meu coração,
Os desastres da discórdia
E as vantagens da união.

Partir não podeis, ó moços,
As varas, estando unidas;
Mas, depois de separadas,
São por fracas mãos partidas.

Si unidos vos conservardes,
Assim, ó filhos, sereis,
E aos baldões ímpios da sorte,
Sem custo, resistireis.

Mas, si algum dia a desgraça
Vos chegar a desunir,
Qualquer de vós aos seus golpes
Não poderá resistir".

Assim o velho proclama
Esta brilhante doutrina,
E, no fim de pouco tempo,
Sua carreira termina.

Os filhos choram-lhe a morte
Com lamentos deploráveis,
Porêm lembram-se mui pouco
Dos seus conselhos saüdáveis.

Porque danoso interêsse
Em partilhas os envolve,
Um credor, outro credor
Os bens paternos dissolve.

Depois vomitando injúrias,
Uns contra os outros litigam,
E os ministros com prisões
E com multas os castigam.

Pobres por fim noite e dia,
Com prantos e queixas amaras,
Recordam, mas sem remédio,
O sábio exemplo das varas.

VOCABULÁRIO

Baldão (subst.): contrariedade, trabalho perdido, contratempo, revés; onda grande e larga.
Blasonar (v. tr. rel., regido pela prep. *de*): brasonar; alardear, ostentar, estadear; vangloriar-se, gloriar-se, jactar-se.
Discórdia (subst.): dissensão, luta, desinteligência, disputa, contenda; discordância.
Emblema (subst.): figura simbólica; símbolo, alegoria; insígnia, divisa.
Litigar (v.): ter demanda ou litígio, pleitear, contender. contestar.
Parábola (substant.): alegoria que contêm algum ensinamento moral; curva plana cujos pontos são equidistantes de um ponto e de uma reta fixos.

Belchior Manuel Curvo Semedo nasceu em Montemor, o Nôvo, em 1766. É antes do século XVIII do que do seguinte. Pertencia à *Nova Arcádia* e tinha o pseudônimo de *Belmiro Transtagano*. Escreveu *Composições poéticas*, onde se deparam interessantes apólogos e ditirambos, e deixou ainda *Tradução das melhores fábulas de Lafontaine*. Morreu em Lisboa em 1838. Era fidalgo da casa real e capitão reformado do corpo de engenheiros.

CXXX — A ESMOLA DO POBRE

JÚLIO DINIZ

Nos tôscos degraus da porta
De igreja rústica e antiga,
Velha, trêmula mendiga
Implorava compaixão.
Quási um século contado
De atribulada existência,
Ei-la, enfêrma e na indigência,
Que à piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam
A-distância, na alameda;
Uma trajava de sêda,
Doutra humilde era o trajar.
Uma era rica, outra pobre;
Ambas loiras e formosas:
Na face a côr das rosas,
Nos olhos o azul do ar.

A rica, ao deixar os jogos,
Vencida pelo cansaço,
Viu a mendiga e ao regaço
Uma esmola lhe lançou.
Ela recebe-a, e a criança
Que a socorre compassiva,
Em prece fervente e viva,
Aos anjos encomendou.

De um ligeiro sentimento
De vaidade possuida,
À criança mal vestida
Disse a do rico trajar:
— "O prazer de dar esmolas
A tí e aos teus não é dado;
Pobre como és, coitado,
Aos pobres o que hás de dar?" —

Então a criança pobre,
Sem más sombras de desgôsto,
Tendo o sorriso no rosto,
Da igreja se aproximou;
E após, serena, em silêncio,
Ao chegar junto da velha,
Descobrindo-se, ajoelha,
E a magra mão lhe beijou.

E a mendiga alvoroçada,
Ao colo os braços lhe lança
E beija a pobre criança,
Chorando de comoção.
É assim que a caridade
Do pobre ao pobre consola.
Nem só da mão sai a esmola:
Sai também do coração.

(*Poesias*)

VOCABULÁRIO

Atribulado (part. pas. e adj.): angustiado, atormentado, aflito.
Indigência (subst.): falta do necessário, penúria, miséria, míngua.
Regaço (subst.): dobra ou concavidade no vestuário de pessoa sentada, formada entre os joelhos e a cintura; lugar onde se descansa; interior; grêmio, seio.

Ver a notícia biobibliográfica à pag. 301.

CXXXI — INFÂNCIA E MORTE

SOARES PASSOS

O' mãe, o que fazes? em cama tão fria
Não durmas a noite: saiamos daquí.
Acorda! não ouves a pobre Maria,
Pequena, sòzinha, chorando por tí?

Por quê é que fugiste da nossa morada,
Que alveja saüdosa no monte dalêm?
Depois que tu dormes na terra gelada,
Quão só ficou tudo mal sabes, ó mãe.

A nossa janela não mais foi aberta,
O fogo apagou-se na cinza do lar,
As pombas são tristes, a casa deserta,
E as flores da Virgem se vão a murchar.

Oh! vamos, não tardes. Mas tu não respondes
Em-vão todo o dia meu pranto correu;
No fundo da cova teu rosto me escondes,
Não ouves, não falas... que mal te fiz eu?

Escuta! Na tôrre de frestas sombrias,
O sino da ermida começa a tocar...
Acorda! que o toque das Ave-Marias
À imagem da Virgem nos manda rezar.

A lâmpada exausta de Nossa Senhora
Ficou apagada, precisa de luz:
Oh! vem acendê-la e à Mãe que se adora
Alí rezaremos, e ao Filho na cruz.

Depois à costura, sentada a meu lado,
Tu hás de contar-me, bem junto de mim,
Aquelas histórias de um rei encantado,
De fadas e mouras, d'algum querubim.

A de ontem foi triste, pois triste falavas
De vida e de morte, de um mundo melhor;
E o rosto cobrias e muda choravas,
Lançando teus braços de mim ao-redor.

Depois em silêncio teus olhos fechaste,
Tão pálida e fria qual nunca te vi;
Chamei-te, era dia; mas não acordaste,
E, enquanto dormias, trouxeram-te aquí.

Oh! vamos, não tardes: as noites sombrias
Sem ti a meu lado me causam pavor;
Acorda! que o toque das Ave-Marias
Nos diz que rezemos à Mãe do Senhor.

Tais eram as queixas da pobre Maria...
O sino da ermida cessou de tocar...
E a mãe, entretanto, dormia, dormia;
Do sono da morte não pôde acordar.

Três dias, três noites, a filha sòzinha
No adro da igreja por ela chamou...
Ao fim do terceiro já fôrças não tinha:
Da mãe sôbre a campa gemendo expirou.

(*Poesias*)

VOCABULÁRIO

Campa (subst.): sino pequeno para sinais; sineta de igreja ou de comunidade; pedra rasa, laje ou lousa que cobre a sepultura; sepultura, túmulo.

Querubim (subst.): anjo da primeira jerarquia; anjo; figura representando uma cabeça de anjo com duas asas; pessoa muito boa ou muito pura.

Antônio Augusto Soares de Passos (Pôrto, 27 de novembro de 1826). Iniciou a vida como ajudante do seu pai na vida comercial. Fez estudos propedêuticos no Colégio do Corpo da Guarda e se formou em direito na Universidade de Coimbra. Foi um dos colaboradores do jornal *Novo Trovador*.

Soares Passos, típico representante do romanticismo, se caracterizou pelo seu lirismo vago e profundamente melancólico, como se sente no *Noivado do Sepulcro, Amor e Eternidade, Desalento*, etc.

A sua poesia *O Firmamento* é, entretanto, uma obra de grande inspiração, que atinge quási ao sublime. Suas com-

posições se acham enfeixadas num volume sob o título de *Poesias*. Faleceu tuberculoso em 8 de fevereiro de 1860.

CXXXII — O CISNE E OS GANSOS

PIMENTEL MALDONADO

Num grande lago andando
Mui alvo cisne airoso
As águas retalhando,
Sereno e majestoso
Se via divagar.

Daquele espaço ingente
Despótico senhor,
Na estiva quadra ardente,
Sem tédio, sem calor,
Só, ia alí passar.

Dois gansos apressados
Do lago à borda chegam,
E, tristes e encalmados,
Tais súplicas empregam,
Tentando nêle entrar.

Assim um dêles fala:
— "O' cisne, ó grão cantor,
A quem nenhum iguala,
Ao teu admirador
Permite aquí nadar".

Prossegue o sócio então:
— "Bom cisne, eu sei te agrada
A paz, a solidão;
Um poucochinho, um nada
Me deixa refrescar".

Escuta o cisne atento
Tais gabos, rogos tais,
E a voz soltando isento
Responde: — "E quem jamais
O cisne ouviu cantar?

"Mentiste e, vão e arteiro,
O teu dever esqueces!
Ah! foge, ó lisonjeiro!
E tu que me conheces
Me vem acompanhar".

Cativa o coração
Um cândido louvor;
A torpe adulação
Ao sábio causa horror,
Em vez de lhe agradar.

(*Apólogos*)

VOCABULÁRIO

Airoso (adj.): que tem boa aparência, elegante, esbelto, garboso; decoroso, digno.

Arteiro (adj.): que tem arte; astuto, manhoso, ardiloso; velhaco.

Cândido (adj.): muito alvo ou branco; ingênuo, sincero; puro, inocente.

Divagar (v.): andar errante; andar em direções diversas; andar ao acaso; discorrer, devanear.

Encalmado (part. pas. e adj.): que está sentindo calma ou calor; irritado, afrontado.

Estivo (adj.): estival, próprio do estio ou a êle relativo.

Gabo (subst.): ato ou efeito de gabar ou de gabar-se; louvor, elogio, encômio, jactância.

Sócio (subst.): membro de uma sociedade; o que se liga a outro numa empresa; parceiro; cúmplice; companheiro (adj.): associado.

Torpe (adj.): infame, nojento, ignóbil, baixo, repugnante, vil.

João Vicente Pimentel Maldonado (Lisboa, 22 de janeiro de 1773). Bacharel em leis pela Universidade de Coimbra, foi deputado às côrtes constituintes em 1821. Escreveu uma coleção de cem apólogos originais, tidos em grande aprêço pelos críticos. Morreu em 1838.

CXXXIII — O PRIMEIRO DINHEIRO

MENDES LEAL

Quando os meus quinze contei,
Um tio velho que eu tinha,
Que inda choro e chorarei
Toda a inteira vida minha,
Disse-me um dia: — "Olhe cá;
Está quási um homem já;
Para que por tal o tomem,
Quero fazer-lhe um presente,
Com que um homem...
Com que um homem se apresente".

Julguei nesta oração toda,
Que o tal quási sobejava,
E sondei o beiço em-roda
A ver si o buço apontava.
Estranhara o tratamento!
E o programa, que um portento
No tom me estava a indicar,
Fez-me, logo à introdução,
Palpitar...
Palpitar o coração!...

Fiquei-me desvanecido,
E, aprumando-me vaïdoso,
Ouvi, meio distraído,
Entre ufano e curioso,
O longo fim do sermão.
O bom do meu tio, então,
Ações juntando a promessas,
Deu-me para meu tesouro
Duas peças...
Duas peças novas de ouro.

Esquecendo a gravidade
E o valor que êste incidente
Outorgara à minha idade,
Dei dois pulos de contente.
As peças mirei de-perto
E não trocava de-certo,
Desdenhando régias sinas,
O meu erário infantil
Pelas minas,
Pelas minas do Brasil!

A cismar no que faria
De tão grosso cabedal
Passei o resto do dia,
E de-noite dormí mal.
No meu sono, a cada instante,
Via um grupo fulgurante
De efígies tais, que não sei
Quem as tivera inventado,
E sonhei
E sonhei que era morgado.

Apenas rompeu a aurora,
Pôsto a-pé antes do sol,
Quis tomar, por alí fora,
Os meus desejos a rol.
Ai! que diversos e quantos!
Eram tantos, tantos, tantos,
Que lhes não achava o fim.
O mundo tinha um defeito
Para mim:
Para mim era inda estreito.
Meditava sèriamente

Si faria aquisição
Dum relógio com corrente,
Ou dum cavalo rabão.
Como escolhesse o cavalo,
Entrei logo a ajaezá-lo.
Mas.. mas o relógio!... Aquí,
Pensando com mais estudo,
Resolví...
Resolví-me a comprar tudo!

Era no campo. Ao sol pôsto,
(Já fresca outoniça aragem
Dum dia depois de agosto
Ciciava entre a folhagem)
Fui ao moínho do outeiro,
Onde o Domingos moleiro,
Porque às-vezes me deixava
Trotar do seu macho em-cima,
Conquistara...
Conquistara a minha estima.

De o deslumbrar de aparatos
A pia tenção levava;
Mas fui achá-lo nos tratos
Duma terçã que o prostrava.
Cessara o motim festivo:
Solitário e semi-vivo,
Jazia o triste no chão,
Com as faces amarelas
Num montão...
Num montão de rôtas velas!

Chamei-o: nem respondia!
Busquei: tudo lhe faltava!
Quando eu aflito saía,
A pobre moleira entrava.
Vinha de lidar chorando,
Negro pão de dois penando!...
Em tal desarrimo e dor,
Tirando a peça primeira,
Fui-lha pôr...
Fui-lha pôr à cabeceira.

Que nunca ninguêm se esqueça
Da alheia tribulação!
Tinha saüdades da peça,
Mas tinha orgulho na ação!
Ficara aos sonhos metade
Entre os braços da piedade.
Pago e ufano como um rei,
Bem que no caso a cismar,
Caminhei...
Caminhei para o lugar.

Um pardieiro, entre rosas,
Havia do povo à entrada,
Junto às ruínas musgosas
Duma ermida derrocada.
Vivia nesta casinha
A tia Ana — uma velhinha —
Que sabia muita história
E mas contava ao serão
Co'a memória...
Co'a memória da afeição.

Em versos um tanto baldos
Modulava-me ela ainda
As trovas de Dom Reinaldos
E o romance da Florinda.
Fugia a noite apressada,
Ao sabor dessa toada,
Em tão suspenso escutar,
Que o meu sentido primeiro
Foi chegar...
Foi chegar a cavaleiro.

Uma vaquinha leiteira,
Alvas malhas, pêlo nédio,
Era a sua companheira,
E também o seu remédio.
Conhecia-lhe a canção
E vinha comer-lhe à mão,
Quando não pascia à porta.
Chego, e a fala me abandona!...
Vejo-a morta...
Vejo-a morta aos pés da dona.

Dera-lhe o mal de-repente,
Para morrer aí fora!
Meigo o olhar inteligente
Inda carinhos implora!...
A pobre velha, coitada,
Sem voz, trêmula e parada,
Olhava, olhava também
Como quem, na dor que encerra,
Mais não tem...
Mais não tem quem ver na terra.

Nada disse. Que diria?
Ha desgraças tão completas
Que da própria simpatia
São as vozes indiscretas...
A velha não se moveu...
E chorava!... E chorei eu!...
Que havia determinar
Em miséria tão expressa,
Sinão dar...
Sinão não dar a outra peça?

Pus-lha mudo no regaço;
E volví a passos lentos,
Apagando, num só traço,
Desejos com sentimentos!
Sentí o fausto perdido:
Mas não foi de arrependido!
Dissipada já estava
A fantástica opulência;
Mas levava...
Mas levava a conciência!

VOCABULÁRIO

Baldo (adj.): baldado; falho, falto, carecido, inútil, sem cultura. *Versos baldos*: versos rudes.

Efígie (subst): imagem, simulacro, representação, figura, retrato.

Erário (subst.): tesouro público; tesouro.

Nédio (adj.): gordo e lustroso, luzidio.

Pardieiro (subst.): casa em ruínas, tapera, edifício velho.

Povo (subst.): pequena povoação, pequena aldeia, lugarejo. Dar os significados comuns.

Rabão (adj.): que tem rabo curto ou cortado.

Rol (subst.): relação, lista, certo número ou porção.

Serão (subst.): trabalho feito de-noite; retribuïção por êsse trabalho.

Terçã (subst.): febre em que os acessos se repetem de três em três dias.

Trova (subst.): composição poética de carater mais ou menos popular, cantiga.

José da Silva Mendes Leal (Lisboa, 1818-1886). Destinado por seus pais à vida eclesiástica, iniciou os seus estudos no mosteiro de S. Vicente de Fóra, abandonando-os por não reconhecer em si vocação para o sacerdócio. Dedicou-se à política, tendo sido deputado, ministro e diplomata. Estreou sua atividade literária, escrevendo para o teatro *Os Dois Renegados*, drama romântico, que foi muito bem aceito. A êste seguiram-se outras composições teatrais, algumas inspiradas em temas históricos: *O Homem da máscara negra, O pagem de Aljubarrota, D. Ausenda, D. Maria de Lencastre, Herança do Chanceler*, os *Homens de mármore, O sono de oiro, Egas Moniz, Primeiros amores de Bocage*.

Mendes Leal, filiado ao romanticismo, cultivou outros gêneros literários e foi ativo jornalista político. Escreveu ainda os *Bandeirantes* e *Calabar* (romances) e um livro de versos — *Cânticos* —, sendo notáveis pelo éstro e pelo sentimento sobretudo as suas poesias heroicas, tais como a *Indiana, Napoleão no Kremlin, Ave, Caesar, Pavilhão Negro*, etc.

CXXXIV — A HERA E O MURO

TOMAZ RIBEIRO

Um dia... quando não sei,
fui ver as gastas ruínas
dum velhíssimo castelo,
que ao desamparo encontrei,
mas que, apesar-de esquecido
na solidão era belo.

Achei-o todo vestido
de tenaz hera viçosa
e, ornado de verde brilho,
lembrou-me um velho casquilho,
que espera noiva formosa.

Vi-lhe os muros corcovados
sôbre o abismo pendurados,
porêm suspensos no ar.
Barbacãs, desamparadas;
as tôrres, desconjuntadas,
como fôlhas desligadas
da flor que se vai finar.
E perguntei: — "Que portento,
pedras que balouça o vento,
já sem prumo e sem cimento,
vos tem suspensas no ar?..."

A hera, filha do muro,
foi-se encostando e cresceu;
a cada cantinho escuro
cada raiz se prendeu;

entre cada fenda estreita,
uma vergôntea se ajeita;
do muro em toda a largura
contorce a antiga espessura,
gira, enrosca-se e venceu!
E vai recebendo alento,
redobra em viço e vigor,
nem já rajadas do vento
lhe podem causar temor;
seus rebentões melindrosos
já são braços musculosos,
que ensaiam fôrça e valor;
e, conhecendo seus brios,
aos largos muros adustos
meteram ombros robustos,
ergueram rochas ao ar.
Subiram as barbacãs,
recurvaram as ameias,
ligaram rijo pilar
com mil nodosas cadeias;
e o castelo hospitaleiro,
já sem mêdo ao paroxismo,
viu, vê, verá sobranceiro
as profundezas do abismo;
que a hera robustecida,
de lembrada e generosa,
dá vida a quem lhe deu vida;
fôrça a quem lhe deu vigor.

— São como a hera viçosa
Os filhos do nosso amor —.

(*D. Jaime*, c. I).

VOCABULÁRIO

Adusto (adj.): ardente, esbraseado; queimado, calcinado; enegrecido pelo sol.

Corcovado (part. pas. de *corcovar* e adj.): que tem corcova; curvado, abaülado, arqueado, encurvado.

Espessura (subst.): qualidade de ser espesso; densidade, grossura; mata cerrada, bosque; vegetação basta.

Paroxismo (subst.): a maior intensidade de uma dor, acesso; auge; o ponto mais alto; — *s*: agonia, estertor.

Rebentão (subst.): haste que rebenta da raiz da planta e que pode produzir nôvo indivíduo vegetal.

Vergôntea (subst.): ramo de árvore, haste, rebento; (figurado): prole, descendente.

Tomaz Antônio Ribeiro Ferreira nasceu a 1 de julho de 1831, em Parada de Gonta (distrito de Vizeu). Bacharelou-se em direito na Universidade de Coimbra, tendo tido vida pública muito ativa: foi administrador do concelho, deputado par do reino, ministro da justiça e da marinha, advogado, diplomata, etc.

Tomaz Ribeiro é um dos vultos culminantes da escola romântica. Talento fúlgido, dotado de intensa emotividade lírica, na qual o patriotismo é das notas mais vibrantes, assinalou-se mormente como poeta de rara delicadeza, conhecedor meticuloso da sua arte, logrando por isso ampla popularidade. Foi também orador fecundo, jornalista, historiador e jurisconsulto, e a sua prosa vernácula e singela realça-lhe igualmente o mérito de literato. Deixou as seguintes obras: *D. Jaime*, sua obra-prima. *Sons que passam, Delfina do Mal, Vesperas, Dissonâncias, Indiana, Do Tejo ao Mandoví, Entre palmeiras, História da legislação liberal, D. Miguel e a sua realeza, O Mensageiro de Féz.*

Faleceu em Lisboa, a 6 de fevereiro de 1901.

CXXXV — HINO DE AMOR

JOÃO DE DEUS

Andava um dia,
Em pequenino,
Nos arredores
De Nazaré,
Em companhia
De S. José,
O Deus-Menino,
O Bom Jesús.
Eis sinão quando
Vê num silvado
Andar piando,
Arrepiado
E esvoaçando,
Um rouxinol,
Que uma serpente
De olhar de luz
Resplandecente
Como a do sol,
E penetrante
Como diamante,
Tinha atraído,
Tinha encantado.

Jesús, doído
Do desgraçado
Do passarinho,
Sai do caminho,
Corre apressado,
Quebra o encanto;
Foge a serpente;

E de-repente
O pobresinho,
Salvo e contente,
Rompe num canto
Tão requebrado,
Ou antes pranto
Tão soluçado,
Tão repassado
De gratidão,
Duma alegria,
Uma expansão,
Uma veemência,
Uma expressão,
Uma cadência,
Que comovia
O coração!

Jesús caminha,
No seu passeio,
E a avezinha,
Continuando
No seu gorjeio,
Enquanto o via,
De-vez-em-quando,
Lá lhe passava
À dianteira,
E mal poisava,
Não afrouxava
Nem repetia,
Que redobrava
De melodia!
Assim foi indo
E o foi seguindo,
De tal maneira
Que, noite e dia,

Numa palmeira
Que havia perto
Donde morava
Nosso Senhor
Em pequenino,
(Era já certo),
Ela lá estava,
A pobre ave,
Cantando o hino,
Terno e suave,
Do seu amor
Ao Salvador!

(*Cartilha Maternal*)

VOCABULÁRIO

Cadência (subst.): rítmo ou harmonia na disposição das palavras para agradar o ouvido; pausa de uma frase musical; regularidade de movimentos, terminação ou pausa de uma frase musical, etc.

Melodia (subst.): seqüência de sons formando uma ou mais frases musicais; suavidade, modulação suave; peça musical para uma só voz.

Requebrado (part. pas. de *requebrar* e adj): que tem requebros, amoroso, dengoso, lânguido; trinado.

Rouxinol (subst.): pássaro dentirrostro, cujo canto é muito mavioso, filomela; pessoa de voz muito melodiosa, que canta ou fala bem.

Veemência (subst.): ímpeto, impulso rápido da alma nas paixões, intensidade, calor, vivacidade; eloqüência comovedora, vigor, entusiasmo, paixão.

CXXXVI — ENJEITADINHA

JOÃO DE DEUS

— De que choras tu, anjinho?
— Tenho fome e tenho frio...
E só por êste caminho,
como a ave que caiu
ainda implume do ninho!
— A tua mãe já não vive?
— Nunca a vi em minha vida:
andei sempre assim perdida,
mãe certamente não tive.
— És mais feliz do que eu,
que tive mãe, e morreu.

(*Campos de Flores*)

Implume (adj.): que não tem penas ou ainda não as tem formadas.

João de Deus Ramos nasceu em S. Bartolomeu de Messines, no Algarve, a 8 de março de 1830. Formando-se em direito na Universidade de Coimbra, exercitou-se no jornalismo em Beja e foi depois deputado por Silves. Abandonou, porêm, a política, em que a sua alma bondosa e delicada de contemplativo não poderia achar seduções. Preocupado com o problema educativo do seu país, ideou um método de leitura simples e eficiente — *Cartilha Maternal* —, que grandes serviços prestou à infância das escolas. Compôs também um *Dicionário Prosódico* da língua portuguesa.

Entretanto, João de Deus era antes de tudo poeta, mas poeta de rara espontaneidade, de uma fluência maviosa, de uma candura comovedora. Dêle diz Mendes dos Remédios:

"é um lírico inimitável e o mais espontâneo e genial burilador da poesia portuguesa. Nunca ninguêm teve a arte de dizer cousas mais belas em frases tão simples" (História da Literatura Portuguesa, p. 541, ed. de 1921).

O poeta tinha em grande desaprêço as suas composições, e deve-se a Teófilo Braga o tê-las coligido em dois volumes, um de versos, com o título de *Campo de Flores*, e o outro denominado *Prosas*, que encerra os seus demais trabalhos (narrativas, cartas, críticas, prólogos, artigos, traduções, etc.).

Por ocasião do seu aniversário natalício em 1895, êle recebeu da mocidade das escolas, em Lisboa, apoteótica manifestação, e, no ano seguinte, a 11 de janeiro, faleceu na mesma cidade.

CXXXVII — O PINHEIRO BRAVO

BULHÃO PATO

Assustada de um tiro, esquiva rôla brava
Deixou cair do bico um pinhão. Rutilava
O sol canicular. Celeste semeadora,
Achou fértil o chão, fosse o terreno embora
Quási de rocha viva, e contrária a estação!

Correram anos já. Quantos anos lá vão!...
E o pinheiro bravio, esbelto, a frondear,
Nas escarpas da costa, a-pique sôbre o mar!
Em vindo a primavera, a rôla forasteira
Vai lá criar a prole, onde outra companheira,
Um dia, ao perpassar, lançara dos espaços
O fecundo embrião que deu aqueles braços!

Há trinta anos... Há mais! na minha mocidade.
À caça, quanta vez, logrei a amenidade
Da tua grata sombra, em dias de verão!...

Saüdavas-me a cantar, co'a fresca viração!
Ondulavas ufano, enquanto a minha mente
Ondulava também, sonhando alegremente!
O moço montezinho, e a cabrada ofegante
Buscavam-te o sopé, na calma coruscante!

Os rapazes, trepando, iam roubar-te as pinhas,
E tu, como bom pai, nos braços os sustinhas!

Da cruel granizada, em tempos de invernia,
Muita vez me abrigou a tua ramaria!

O furacão austral não te insultava a fronte —
Em-pé, robusto e só, no píncaro do monte!

* * *

Ontem, quando subia o cêrro alcantilado,
Ouví soar, ao-perto, uns golpes de machado...
Chego, e vejo o trunqueiro a jogar-lhe à raiz
O ferro dendroclasta. A coma do infeliz
Entrou a vacilar, e rangia-lhe o tronco,
Por um fio agarrado inda ao penedo bronco!

Mais um golpe... Baqueou! Julguei ouvir então
Cair em cova enorme um enorme caixão!

Dos vãos da rocha alpestre o fúnebre ruído
Rolou até ao mar e acabou num gemido!

Mandava-lhe um suspiro o colossal pinheiro!
Pouco antes de morrer, ao mar, seu companheiro!

* * *

Eu quando o vi tombar no dorso da mantanha,
Com a copa abatida, as raízes lascadas
Pelos golpes brutais daquelas machadadas,
Senti no coração entrar-me dor tamanha,
Como si num jazigo
Aberto na montanha
Me caísse um amigo!

(*O Livro do Monte*)

VOCABULÁRIO

Alcantilado (part. pas. de *alcantilar* e adj.): íngreme, talhado a-pique; perpendicular; escarpado, empinado; profundo com margem alta.

Bronco (adj.): áspero, rude, grosseiro; obtuso, estúpido; desajeitado, malfeito.

Dendroclasta (subst. e adj.): que destrói as árvores, inimigo das árvores.

Esquivo (adj.): que evita o trato, intratável; rude; que rejeita carinhos; arisco, fugitivo; árido, aborrecido.

Granizada (subst.) grande quantidade de granizo ou saraiva, saraivada, chuva de pedras; o que cai em-abundância.

Montezinho (adj.): montesino, montês, montanhês; inculto, grosseiro.

Trunqueiro (substant.): o que corta o tronco de uma árvore, o que decepa árvores, lenhador. Também se diz *tronqueiro*. E' termo usado no Alentejo

CXXXVIII — DE VOLTA À MALHADA

BULHÃO PATO

Sol pôsto. Lá, distante da jardia,
Vem o rebanho. Andou, desde a alvorada.
A pastar todo o dia.

Cheguemos à malhada.
Fizeram-na campeira,
Que o fato é grande, alegre e saltador!

À rês que se tresmalha o cão da Beira,
Um rafeiro de raça,
Latindo a faz voltar.

Vozeia, ameaça,
Silva e floreia o báculo o pastor!
Aos latidos, aos silvos, ao vozear,
Aos berros da cabrada,
Que vem a tilintar,
Correndo à-desfilada,
Retumba o pinheiral!

Estéril, desmandado,
Foge o gado maninho; e sossegado,
Entra o fecundo alfeire no curral!

Trazem as cabras, rebentando, os uberes!
Começam-se a ordenhar. Dá, qual mais mansa,
Um tarro, a transbordar, de leite espúmeo!

À porta da malhada o cão descansa!

(O Livro do Monte)

VOCABULÁRIO

Alfeire (subst.): gado que não cria; curral de porcos; terreno fechado em que se guardam porcos; rebanho de ovelhas que não tiveram borregos nem estão prenhes.

Báculo (subst.): bordão alto, cajado.

Beira (subst. próp.): província de Portugal.

Campeiro (adj.): amplo e desafogado, com boa vista e ar livre; (subst. Brasil): o que procura no campo gado perdido ou trata nêle do gado; (adj.): que trabalha no campo ou serve para usos campestres.

Fato (subst): rebanho, manada; roupa que não seja a branca, vestuário; móveis, bens, alfaias; (Brasil): intestinos de boi.

Florear (v.): fazer produzir flores, cobrir ou adornar de flores; adornar, enfeitar; brandir ou manejar com destreza, principalmente arma branca; (intrans.): produzir flores; tornar-se distinto, brilhar.

Jardía (subst. Alentejo): charneca de rosmanho, alecrim, camarinha, joina, etc. (Cândido de Figueiredo).

Malhada (subst.): cabana de pastores; curral de gado; rebanho de ovelhas; (arcaico): terreno fechado onde se apascenta o gado. Tem outros significados.

Maninho (adj.): estéril, infecundo, não prolífico; (substant.): terra inculta, arneiro.

Ordenhar (v.): mungir, tirar leite.

Tarro (subst.): vaso em que se recolhe o leite ordenhado.

Úbere (subst.): têta, mama: (adj.): ubertoso, fértil, fecundo, feraz; abundante, farto, copioso.

Raimundo Antônio de Bulhão Pato nasceu em Bilbau (Espanha), a 3 de março de 1829. Estudou em Lisboa no Colégio do Quelhas e na Escola Politécnica, sem haver terminado nenhum dos dois cursos, empregando-se como amanuense na Secretaria de Obras Públicas.

Muito cedo revelou suas aptidões literárias, fez-se amigo de Herculano, Castilho, Garret, Rebelo da Silva e outros vultos intelectuais da sua geração e se tornou um dos representantes mais significativos do romanticismo português.

Bulhão Pato é poeta inspirado, harmonioso e singelo, além de ótimo prosador, pelo colorido e correção. Suas obras principais são: *Poesias, Canções da Tarde, Paquita, Flores agrestes, Versos, Amor virgem numa pecadora, Digressões e Novelas, Paisagens, Cantos e Sátiras, Sob os ciprestes, Memó-*

rias, O Livro do Monte, etc. Fez belas traduções: *A Natureza das Cousas*, de Lucrécio, *O Paraíso Perdido*, de Milton, *Hamlet*, de Shakespeare, *Graziela*, de Lamartine.

Era sócio efetivo e por último sócio de mérito da Academia das Ciências de Lisboa. Faleceu no Monte de Caparica, a 24 de agosto de 1912.

CXXXIX — SALMO

ANTERO DO QUENTAL

Esperemos em Deus! Êle ha tomado
Em suas mãos a massa inerte e fria
Da materia impotente e, num só dia,
Luz, movimento, ação, tudo lhe há dado.

Êle ao mais pobre de alma há tributado
Desvelo e amor: êle conduz à via
Segura quem lhe foge e se extravia,
Quem pela noite andava desgarrado,

E a mim, que aspiro a êle, a mim que o amo,
Que anseio por mais vida e maior brilho,
Há de negar-me o têrmo dêste anseio?

Buscou quem o não quis: e a mim, que o chamo
Há de fugir-me como a ingrato filho?
O' Deus, meu pai e abrigo! espero!... eu creio!

(*Sonetos Completos*)

VOCABULÁRIO

Desgarrar (v.): desviar do rumo, perder, extraviar; (intrans. e pron.): desviar-se do rumo, afastar-se, perder-se, tresmalhar-se.

Inerte (adj.): inativo, indolente, preguiçoso; que não é dotado de movimento próprio.

CXL — O PALÁCIO DA VENTURA

ANTERO DO QUENTAL

Sonho que sou um cavaleiro andante.
Por desertos, por sóis, por noite escura,
Paladino do amor, busco anelante
O palácio encantado da Ventura!

Mas já desmaio exausto e vacilante,
Quebrada a espada já, rôta a armadura...
E eis que súbito o avisto, fulgurante
Na sua pompa e aéria formosura!

Com grandes golpes bato à porta e brado:
Eu sou o Vagabundo, o Desherdado...
Abrí-vos, portas d'ouro, ante meus ais!

Abrem-se as portas d'ouro, com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão — e nada mais!

(*Sonetos Completos*)

VOCABULÁRIO

Anelante (adj.): ofegante, arquejante; ansioso, que deseja com ânsia.

Armadura (subst.): conjunto de armas; vestidura metálica dos antigos guerreiros; contextura, travação, armação; madeiramento, vigamento; as pontas, galhos, dentes, garras dos animais, etc.

Paladino (subst.): cada um dos principais cavaleiros que acompanhavam Carlos Magno na guerra; cavaleiro andante; compeão; homem intrépido e lutador.

CXLI — SEPULTURA ROMÂNTICA

ANTERO DO QUENTAL

Alí onde o mar quebra um cachão
Rugidor e monótono, e os ventos
Erguem pelo areal os seus lamentos,
Alí se há de enterrar meu coração.

Queimem-no os sóis da adusta solidão
Na fornalha do estio, em dias lentos:
Depois, no inverno, os sopros violentos
Lhe revolvam em-tôrno o árido chão...

Até que se desfaça e, já tornado
Em impalpável pó, seja levado
Nos turbilhões que o vento levantar...

Com suas lutas, seu cansado anseio,
Seu louco amor, dissolva-se no seio
Dêsse infecundo, dêsse amargo mar.

(*Sonetos Completos*)

VOCABULÁRIO

Anseio (subst.): aflição, ânsia, desejo ardente; perturbação causada pela incerteza.

Cachão (subst.): borbulhão, borbotão; fervura.

CXLII — JUSTITIA MATER

ANTERO DO QUENTAL

Nas florestas solenes há o culto
Da eterna, íntima fôrça primitiva:
Na serra, o grito audaz da alma cativa,
Do coração, em seu combate inulto:

No espaço constelado passa o vulto
Do inominado Alguêm que os sóis aviva:
No mar ouve-se a voz grave e aflitiva
Dum Deus que luta, poderoso e inculto.

Mas nas negras cidades, onde sôlta
Se ergue, de sangue mádida, a revolta,
Como um incêndio que um vento bravo atiça,

Há mais alta missão, mais alta glória:
O combater, à grande luz da história,
Os combates eternos da Justiça!

(*Sonetos Completos*)

VOCABULÁRIO

Inominado (adj.) sem nome, que não tem nome.

Mádido (adj.) úmido, umedecido, banhado, molhado; orvalhado

Antero Tarqüinio do Quental (Ponta Delgada, 18 de abril de 1842). Estudou humanidades na cidade natal, no Colégio do Pórtico, matriculando-se depois na Universidade de Coimbra, onde, em 1864, se formou em direito. Foi um dos fundadores da célebre sociedade do *Raio*. Viajou em vários países da Europa, e, tendo tornado para a pátria, fundou com José Fontana uma sucursal da Associação Internacional dos Trabalhadores e instituiu as *Conferências do Casino Lisbonense*, que o marquês Avila Bolama, chefe do ministério, mandou fechar. Foi então que Antero escreveu a famosa *Carta ao Marquês de Avila Bolama*, satirizando-o tão cruamente que fez cair o gabinete. Quando, em pleno ardor de idealista, empreendera ativa propaganda revolucionária, foi atacado de profunda neurastenia, cujo lamentável desfêcho foi o seu suïcídio em Ponta Delgada, a 11 de setembro de 1891.

Antero é um poeta genial e uma das glórias da cultura latina. Carater altivo de rebelado, coração bondoso de artista, inteligência aguda e perscrutadora, refletiu na sua obra, com uma intensidade impressionante, todo o seu drama intimo, as suas torturantes preocupações filosóficas, os seus anseios dolorosos ante o poblema do Universo e as incognitas do destino. Mas ao lado do pensador profundo existia o poeta finissimo, que sabia traduzir as suas idéias e as suas dores numa forma primorosa e até sublime. Foi também prosador de lei, mormente nas polêmicas, escritas num estílo másculo veemente e escultural. Deixou: *Defesa da Carta evangélica de S. S. Pio IX contra a chamada opinião liberal, Carta ao marquês de Avila e Bolama sôbre a portaria que mandou fechar o Casino Lisbonense, Bom senso e bom gôsto e Dignidade das letras e literaturas oficiais* (opúsculos de combate na *Questão Coïmbrã*), *Causas da decadência dos povos peninsulares nos séculos XVII e XVIII, Considerações sôbre a filosofia da história literária portuguesa, Odes modernas, Sonetos, Primaveras românticas, Tesouro poético da Infância, Raios de extinta luz* (publicação póstuma de poesias dispersas, feita por Teófilo Braga). A Imprensa da Universidade de Coímbra coligiu os seus escritos em prosa sob o título — *Prosas*.

CXLIII — AS ROSAS DE SANTA ISABEL (*)

JOÃO DE LEMOS

"Onde ides, correndo asinha,
Onde ides, bela rainha,
Onde ides, correndo assim?
Pois andais fora dos Paços?
Que pêso levais nos braços?
Oh! dizei-me agora a mim".

El-rei pergunta e se espanta,
À nossa Rainha Santa,
Pergunta el-rei D. Diniz, (**)
Que, de-indústria, portas fora,
Pelos caminhos agora,
De-indústria encontrá-la quis.

A Santa regalos novos,
Frutas, pão e carne e ovos,
No regaço e braços seus,
Sem cuidar ser surpreendida,
Ia levar, farta vida,
Aos pobrezinhos de Deus!

(*) Santa Isabel, rainha de Portugal e mulher de D. Diniz. Pela sua doçura e bondade, conseguiu reconciliar D. Diniz com os irmãos e com o filho D. Pedro, nas dissensões que os dividiam. Foi aureolada pelas bênçãos do povo, que dela fez a personagem de suaves lendas e lhe atribuiu muitos milagres. Nasceu em 1271 e faleceu em 1336.

(**) D. Diniz, o Lavrador, 6.º rei de Portugal (1261-1325). Fundou a Universidade de Lisboa, que transferiu para Coimbra, e a ordem de Cristo. Foi um administrador operoso e esclarecido, amigo das letras e poeta, e suas poesias acham-se numa colectânea denominada *Cancioneiro de D. Diniz*. Casou em 1282 com D. Isabel de Aragão, a Rainha Santa. Era pai de D. Afonso IV, o qual, ainda infante, contra êle se rebelou duas vezes.

Coram-lhe as faces formosas.
E responde: "Levo rosas..."
Dom Diniz deitou-lhe a mão
Ao regaço, de-repente,
Mas de rubra côr virente
Só rosas lá viu então...

Como o tempo era passado
Nos jardins, no monte e prado,
De rosas e toda a flor,
El-rei, cheio de piedade,
Nas rosas da caridade
Viu a bênção do Senhor!

E daquele rosal dela,
Tirando uma rosa bela,
Que guardou no peito seu,
Disse-lhe: "Em paz ide agora,
Que eu me encomendo, Senhora,
À Santa, ao anjo do céu!"

VOCABULÁRIO

Asinha (adv. arcaico): depressa.
De-indústria (loc. adv.): de-propósito, adrede, acinte, de caso pensado.
Regalo (subst.): mimo, prazer, vida satisfeita; tratamento esmerado; brinde, dadiva, presente; abafo de peles para as mãos.
Virente (adj.): verdejante. verde; viçoso, cheio de vida florescente, próspero.

João de Lemos Seixas Castelo Branco nasceu em Pêso da Régoa em 1819. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra. Nessa cidade dirigiu o interessante jornal poético — *O Trovador* —, no qual colaboraram diversos estudantes de

talento, e militou também na imprensa política, defendendo os seus princípios legitimistas.

João de Lemos é uma das figuras mais populares e aplaudidas da escola romântica. É um lírico inspirado e elegante e um prosador fluente e terso.

Publicou: *Cancioneiro, Canções da Tarde, O tio Damião, O monge pintor* (poesia); *Serões d'aldeia, O livro de Elisa, Os Frades, Êle e Ela, A Inquisição de 1850* (prosa); e *Maria Pais Ribeira* (drama) e *Um susto feliz* (comédia). Morreu em 1890.

CXLIV — O PASTOR

GUERRA JUNQUEIRO

Sinos a defuntos! ai!, quem morreria!
Olha, foi o pobre do Ti Zé-Senhor!...
Velho tão velhinho nenhum outro havia...
P'ra cumprir cem anos lhe faltava um dia,
Há noventa e quatro que era já pastor.

Zagalzinho alegre, desde tenra infância
Já de surrãozito cheio a-tiracol,
A escalar montanhas com ardor, com ânsia,
Por pastagens bravas d'auroral fragrância,
Branqueadinho a neve e doiradinho a sol!

O pastor ditoso envelheceu ridente
Por despenhadeiros, alcantís, calvários,
E na fronte augusta, de ermitão, de crente,
Lhe geavam anos luminosamente,
Como as pombas brancas sôbre os campanários!

Levará no esquife para os céus a palma
Da grandeza mansa, da virtude austera.
Realizou no mundo a perfeição da Alma...
Porque foi bondoso como a lua é calma,
Porque foi um santo sem saber que o era!...

(*Os Simples*)

VOCABULÁRIO

A-tirácol (loc. adv. Forma poética apocopada por *a-tiracolo*): partindo de um ombro para o lado oposto na cintura.

Ermitão (subst.): eremita, religioso que vive no êrmo, solitário; eremitão, o que trata de uma ermida.

Esquife (subst.): tumba, ataúde, maca para conduzir cadaveres a enterrar.

Zagal (subst.): pastor, ajudante de maioral do gado.

Abílio Manuel Guerra Junqueiro nasceu em Freixo-de-Espada-à-Cinta (distrito de Bragança), a 17 de setembro de 1850. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra, serviu como secretário geral dos governos civís de Angra-do-Heroismo e Viana do Castelo e foi deputado em várias legislaturas, tornando-se depois francamente republicano. Foi também ministro de Portugal em Berna. Como jornalista colaborou na *Lanterna Mágica*, de Bordalo Pinheiro, e, com o pseudônimo de Gil Vaz, escreveu na *Viagem à-roda da Parvônia*, sátira aos costumes e à política do tempo.

Guerra Junqueiro é um lírico admirável e um satírico de rara pugnacidade. "A sua poesia, observa J. Costa, é geralmente solene, vibrante, penetrada de uma filosofia de fácil consistência, em que o sentimento da natureza se patenteia e um fundo de expansão oratória se mostra a cada momento. Tem maior violência que ternura, mais cólera que piedade, mas penetra-se também, a-espaços, dum subjectivismo bem humano. Usa, com freqüência, das antíteses e das imagens, seguindo o modêlo de Vitor Hugo". Além disso

Junqueiro é um técnico perfeito, que maneja, com fina arte, os metros, os rítmos e as formas estróficas.

Deixou as seguintes obras: *Vozes sem eco, Batismo de Amor, Mistica e Nuptiae, Páginas dos quatorze anos, A vitória de França, Contos para a infância, A morte de D. João, A velhice do Padre Eterno, A Musa em férias, Os Simples, Finis Patriae, Pátria, Oração ao pão, Oração à luz, Poesias dispersas, Horas de combate,* etc. Faleceu em Lisboa em 1923.

CLXV — AS ALDEIAS

GOMES LEAL

Eu gosto das aldeias sossegadas
Com seu aspeto calmo e pastoril,
Erguidas nas colinas azuladas,
Mais frescas que as manhãs finas de abril.

Levanta a alma às cousas visionárias
A doce paz das suas eminencias,
E apraz-nos, pelas ruas solitárias,
Ver crescer as inúteis florescências.

Pelas tardes, das eiras, como eu gosto
De sentir a sua vida ativa e sã!
Vê-las, na luz, na luz dolente do sol pôsto,
E nas suaves tintas da manhã!

As crianças no campo, ao amoroso
Calor do dia, folgam semi-nuas:
E exala-se um sabor misterioso
Da agreste solidão das suas ruas...

Alegram as païsagens as crianças,
Mais cheias de murmúrios do que um ninho,
E elevam-nos às cousas simples, mansas,
Ao fundo, as brancas velas dum moinho.

Pelas noites de estio ouvem-se os ralos
Zunirem suas notas sibilantes,
E mistura-se o uivar dos cães distantes
Com o canto metálico dos galos.

VOCABULÁRIO

Dolente (adj.): que revela dor, magoado, dorido, doloroso; aflitivo.

Eminência (subst.): ponto elevado; outeiro, colina, título dado aos cardiais.

Ralo (subst.): inseto ortóptero, espécie de grilo, nocivo às plantas.

Sibilante (adj.): que sibila, silva ou assobia.

Antônio Duarte Gomes Leal nasceu em Lisboa, a 6 de junho de 1849 e faleceu na mesma cidade a 28 de janeiro de 1921. Seus estudos foram irregulares e defeituosos.

Embora a sua ideação fosse original e pujante, a sua obra, sem ser falha de beleza e de ternura, carece de equilíbrio e perfeição. Dêle disse G. Junqueiro: Gomes Leal vive dentro de um poço cheio de negrume; mas da escuridão que o envolve saem clarões estranhos. Nunca teve talento, mas, às-vezes, tem gênio".

Escreveu: *Claridades do Sul, O Anti-Cristo, Fim de um mundo, O hereje, A Traïção, História de Jesus, A mulher de luto.*

CXLVI — SONETO

ANTÔNIO NOBRE

O' virgens que passais ao Sol poente,
Pelas estradas êrmas, a cantar!
Eu quero ouvir uma canção ardente,
Que me transporte ao meu perdido Lar.

Cantai-me, nessa voz onipotente,
O Sol que tomba, aureolando o Mar,
A fartura da seara reluzente,
O vinho, a graça, a formosura, o luar!

Cantai! Cantai as límpidas cantigas!
Das ruinas do meu Lar desaterrai
Todas aquelas ilusões antigas

Que eu vi morrer num sonho, como um ai...
O' suaves e frescas raparigas,
Adormecei-me nessa voz... Cantai!

(*Só*)

VOCABULÁRIO

Auréola (subst.): círculo luminoso na cabeça dos santos, nimbo, resplendor, diadema; glória; prestígio.

Aureolar (v.) ornar de auréola, nimbar; coroar de resplendores; glorificar.

Antônio Nobre Pôrto, 16 de agosto de 1867; Foz do Douro 18 de março de 1900). Estudou humanidades na cidade natal, matriculando-se na Faculdade de Direito da Universidade de

Coimbra, que abandonou, indo formar-se (1895) em ciências políticas em París.

Atacado de tuberculose pulmonar, veio a falecer aos 33 anos, quando o seu talento cintilante, em pleno vigor, prometia uma produção mais vasta e característica. Entretanto, o seu livro *Só* é bastante para perpetuar-lhe o nome e consagrá-lo como um dos melhores poetas da sua época, tal a originalidade, a doçura, a singeleza e musicalidade das suas composições, nas quais transluz a bondade de uma alma boêmia e cándida e o amor da sua terra e da sua gente. Dêle se publicaram dois livros póstumos: *Despedidas* e *Primeiros Versos*.

CXLVII — AS MONDADEIRAS

CONDE DE MONSARAZ

Por entre os trigos, as mondadeiras
Enchem as várzeas de cantorias,
Erva daninha, que bem que cheiras,
Nasces e afrontas as sementeiras,
E é só por isso que não te crias.

As mondadeiras andam nas mondas,
De rêgo em rêgo, sempre a cantar,
Troncos curvados, ancas redondas,
Braços roliços e o peito às ondas
Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,
Alegres ranchos de raparigas,
— O' mocidade, tu nunca mentes! —
Como as cigarras andam contentes,
Mas trabalhando como as formigas.

Ranchos alegres mondando as searas,
Que rico assunto para os pintores!
Lembram vistosos bandos de araras;
Saias, roupinhas de chitas claras,
Chapéus redondos, lenços de côres.

Desde o sol fóra que andam naquela
Faina constante pelos trigais;
O' mondadeiras, tende cautela,
Que o parasita que se debela,
Si escapa, cresce cada vez mais!

É necessário que o trigo venha
De palha grossa, de espiga cheia,
E, quando caia na mó da azenha,
Não seja o caso que às vezes tenha
Joio ou mistura de grãos de aveia.

Dias ridentes de primavera,
Fecundos dias para a lavoira!
A natureza se retempera
Na farta seiva que as plantas gera,
No sol profuso que os campos doira.

Voam abelhas, picando os ares,
Em-tôrno ao freixo que as inebria;
Nos tendais leves, retangulares,
Nédios carneiros, aos centenares,
São desnudados pela tosquia.

E as mondadeiras, sempre mondando,
Por que o trabalho não as enerva,
Poem-se a-prumo, de-quando-em-quando,
Erguendo os braços e carregando
Sôbre as cabeças mòlhadas de erva.

A tarde morre tranqüilamente:
Na freguesia soam trindades:
Penetra as coisas e invade a gente
Como uma bênção de paz clemente,
Que vai caindo sôbre as herdades.

É já sol pôsto. Ao-longe as **noras**
Gemem na rega dos laranjais.
O' água clara, penso que choras
E te lamentas, horas e horas,
Porque alto sobes e d'alto cais!

E as mondadeiras voltam as mondas,
Sachola ao ombro, sempre a cantar;
Bustos erectos, ancas redondas,
Braços roliços e o peito às ondas
Que não se quebram como as do mar!

(*Musa Alentejana*)

VOCABULÁRIO

Inebriar (v.) tornar ébrio, embriagar, embebedar; deliciar, embevecer, extasiar.

Joio (subst.): planta gramínea que cresce entre o trigo e o danifica; a semente dessa planta; (fig.): coisa má entre coisas boas.

Mòlhada (substant.): grande mólho ou feixe, porção de mólhos.

Monda (subst.): o arrancar nos campos a erva daninha; o tempo próprio para mondar.

Mondadeira (subst.): mulher que monda.

Nora (subst.): aparelho para tirar água de poços ou cisternas, composto de uma roda na qual gira uma corda com alcatruzes (vasos de barro ou ferro); poço donde se tira água por meio de engenho; a mulher casada ou viuva em relação aos pais de seu marido.

Rancho (subst.): grupo de pessoas andando; marinheiros que comem juntos; comida que se fornece a soldados e marinheiros; lugar onde dormem os marinheiros à proa; (Brasil): choça ou telheiro à beira do caminho para abrigo dos viajantes e tropeiros.

Rêgo (subst): sulco ou abertura que o arado faz na terra; pequena vala para escoamento de água; risca (no cabelo); ruga, refego.

Sachola (subst): enxada pequena, especialmente para jardinagem.

Tendal (subst.): tôldo de navio; lugar onde se tosquiam ovelhos; varal de fueiro, etc. Tem outras acepções, algumas regionais.

Tosquia (subst.): ato ou efeito de tosquiar, isto-é, de cortar rente o pêlo ou o cabelo, de aparar as pontas das ramas; tempo próprio para tosquiar os animais; (fig.): censura, crítica.

Antônio de Macedo Papança, Conde de Monsaraz nasceu em Reguengos (Alentejo) a 18 de julho de 1853 e faleceu a 17 de julho de 1913. Formou-se em direito na Universidade de Coimbra.

É um parnasiano apurado e emotivo, a quem o amor da natureza empresta inspiração penetrada de simpatia e doçura.

Suas obras de mais mérito são: *Catarina de Ataíde*, *Crepusculares*, *Telas históricas*, *Poesias* e *Musa Alentejana*, seu último livro, no qual pinta, com um colorido rico, uma ternura comovente e uma arte perfeita, a paisagem, as cenas e os tipos da sua província natal.

CXLVIII — O DESTINO DO HOMEM

GUILHERME BRAGA

Deus, criando o universo disse aos mares:
"Cantai os meus louvores!"
Disse aos astros: "Brilhai no azul dos ares
Como abrasadas flores!"

E ao sol, que em luz o caos convertia,
A vida anunciando,
"Refulge", disse, "ó rei! Evoca ao dia
Dos planetas o bando".

"Aves, cantai! Florestas verdejantes,
Agitai-vos, formosas!"
"Espalhai", disse às virações errantes,
"Os perfumes e as rosas".

Depois, lançando a vista à raça humana,
Disse: "Caminha avante!
Sôem tuas orações no eterno hosana
Desta esfera radiante!

E tu, alma de luz, anjo exilado,
Que divagando obscuro,
Dos sonhos teus no caos abrasado
Preparas o futuro!

Tu que tens de tu'alma no infinito
Um céu cheio de estrêlas,
A oscilação do mar, o imenso grito
De todas as procelas:

Tu que, em ti só, resumes o segrêdo
Da natureza inteira,
Rei, arcanjo, poeta, ergue sem mêdo
A fronte sobranceira!

Vês? Pela escuridão de noite imensa
Caminha a humanidade!
Vai! Leva-lhe contigo a luz intensa
Do amor e da verdade!

(*Heras e Violetas*)

VOCABULÁRIO

Caos (subst.): confusão geral dos elementos antes de se formar o mundo; (fig.): grande confusão ou desordem, balbúrdia.

Evocar (v.): chamar de algum lugar; invocar, esconjurar; trazer à lembrança, recordar.

Guilherme Braga n. no Pôrto, a 22 de março de 1845 e alí mesmo faleceu a 26 de julho de 1874.

É um dos românticos de mais possante talento, delicada inspiração e notável espontaneidade. Foi também jornalista de valor, tendo colaborado em diversos jornais políticos.

Deixou publicados os seguintes livros: *Ecos d'Aljubarrota*, *O mal da Delfina*, paródia à *Delfina do Mal* de Tomaz Ribeiro, *Heras e Violetas*, *Os falsos apóstolos* e *O Bispo*. Traduziu *Atala*, de Chateabriand. Depois da sua morte, veio a lume uma colectânea de suas composições avulsas, sob o título de *Poesias*, dentre as quais se salienta pelo vigor da inspiração a poesia *Cadáveres*, tida por uma das mais belas da língua portuguesa.

CXLIX — ANGELUS

LUIZ OSÓRIO

Lá muito ao-longe, o canto das ceifeiras.
Tarde serena. Após um dia ardente
Desmaia o sol no carro seu fulgente,
alaranjando as últimas sobreiras.

Manguais ao ombro, aquela rude gente
que a terra vence, abandonando as eiras,
abre os pulmões ao ar, sofregamente,
do morno dia às virações primeiras.

Batem, de cêrro em cêrro, Ave-Marias:
que doce paz naquele doce véu!
Morrem, súbito, ao-longe, as harmonias...

Eu êrgo as mãos, eu tiro o meu chapéu,
e, o peito arfando de melancolias,
estendo os olhos pelo azul do céu!

(*Alma Lírica*)

VOCABULÁRIO

Ceifeira (subst.): mulher que ceifa, isto-é, corta ou sega cereais.
Mangual (subst.): instrumento rústico de bater e debulhar cereais.
Sobreira (subst.): variedade de sobreiro, árvore da família das cupulíferas, a que pertence o carvalho, a faia, o castanheiro.

Luiz Osório nasceu em Penamacor (distrito de Castelo Branco) em 1860 e faleceu em 1900. Fez o curso jurídico na Universidade de Coimbra, e, entrando na política, foi eleito deputado, em 1884, pelo círculo de Santarêm, revelando na Câmara brilhantes dotes de parlamentar.

É um lírico mimoso e comunicativo, cuja linguagem singela alcança, não obstante, tonalidades fortes e canoros rítmos.

Escreveu: *Neblinas*, *Poemas portuguêses*, *Um grito*, poemeto para ser recitado num sarau que os estudantes de Coimbra promoveram como protesto contra a Inglaterra, na ocasião do *ultimatum* de 11 de janeiro (1890), *Alma Lírica*. *Espírito gentil*. *Canções ao vento*, etc.

CL — MATER ADMIRABILIS

ANTÔNIO FEIJÓ

Nesse ano o inverno foi muitíssimo aturado.
O ciclone, os trovões, a neve, os aguaceiros,
nas asas do tufão sempre desencadeado,
fizeram transbordar as águas dos ribeiros.

Grandes inundações, campinas ensopadas;
a miséria com todo o seu cortejo e horror;
famílias sem abrigo, árvores arrancadas,
e, no alto, um céu pesado e sempre ameaçador.

Um dia amanheceu alegremente. Andava
disperso pelo ar não sei que estranho eflúvio...
Do azul claro e lavado o sol irradiava,
como o olhar de Eloím nas águas do dilúvio.

Foi nesse dia, ao pôr do sol, naquela hora
tristíssima da tarde, em que a alma se comprime,
que eu vi, passeando o olhar pelas campinas fora,
esta cena imortal, patética e sublime:

Vinham pelo caminho uma vaquita mansa
e atrás, tangendo a cria, um rapazito loiro;
passaram... e era triste a voz dessa criança,
naquele poente ideal, feito de cinzas d'oiro.

Foram levar a cria ao matadouro; e quando
voltaram, junto à ponte, em que o regato é fundo,
a noite lentamente ia desenrolando
o seu crepe estrelado: o azul muito profundo...

A vaca então sentiu que lhe faltava o filho,
começando a correr como desvairada,
mas debalde buscava o rasto do novilho,
debalde percorria a solitária estrada!

Voltou de-nôvo à ponte; os olhos **coruscantes**
revelavam não sei que portentosas mágoas...
e, escutando o fragor do rio alguns instantes,
mugiu sinistramente e arremessou-se às águas.

Procurava-o debalde entre os cachões violentos,
e, a lutar, a lutar com a **fôrça hercúlea** da torrente,
afogou-se ao clarão dos astros **macilentos**...
Vinha a lua a surgir no azul, fùnebremente...

VOCABULÁRIO

Ciclone (subst.): torvelinho de vento, furacão, na terra ou no mar, que redemoinha.
Comprimir (v.): apertar, diminuir o volume de; afligir, angustiar, vexar.
Coruscante (adj.): brilhante, cintilante, reluzente, flamejante.
Crepe (subst. E' palavra francesa): tecido levíssimo e transparente; fita que se usa em sinal de luto.
Cria (subs.): animal nôvo que se está criando.
Desvairado (adj.): delirante, alucinado, insano.
Eflúvio (subst.): fluído sutil, exalação, emanação, emissão de um aroma; perfume, fragrância.
Eloím (subst. próp.): nome bíblico de Deus.
Fôrça hercúlea (subst. e adj.): fôrça prodigiosa como de Hércules (veja-se o trecho LI, pág. 187.)
Macilento (adj.): pálido, descorado, esmaecido, desmaiado; magro, descarnado.
Mater admirabilis: palavras latinas que significam "Mãe admirável".
Novilho (subst.): boi nôvo, bezerro, almalho, vitelo.
Tanger (v.): tocar instrumentos; tocar animais.

Antônio Joaquim de Castro Feijó nasceu em Ponte de Lima em 1862. Em 1883 concluiu na Universidade de Coimbra

o curso de direito, encetando, dois anos após, a carreira diplomática. Foi cônsul no Rio Grande do Sul, adido de legação no Rio de Janeiro e de-nôvo cônsul em Pernambuco e em Estocolmo. Nomeado, em 1900, encarregado de negócios na Suécia e na Dinamarca, chegou, por ato de 20 de junho de 1901, a ministro plenipotenciário e enviado extraordinário junto aos governos daqueles países. Faleceu em Upsala a 20 de junho de 1917.

Antônio Feijó, ao mesmo tempo que se revela, sob o influxo dos parnasianos, um esmerado cinzelador do verso, deixa transparecer nas suas composições uma sensibilidade muito delicada e muito humana.

Publicou: *Transfigurações, Sacerdos Magnus, Líricas e Bucólicas, A janela do Ocidente, Ilha dos Amores, Bailatas, Novas Bailatas, Cancioneiro Chinês e Sol de Inverno.*

CLI — DEUS

ALEXANDRE BRAGA

Os astros, o mar, a terra,
As nuvens, os altos céus,
No mundo, belezas, graças,
Tudo brada: "Existe Deus!"

Nunca ouviste a avezinha
Cantando, no mês das flores,
Elevar em doces hinos
Ao eterno seus louvores?

Não viste gentil pastor
Cantar leda cantilena,
Nas êrmas penhas da serra,
Ao som de campestre avena?

Não vês além bonançosa,
Com o mais brando murmurio,
Correr, por entre os seixinhos,
A linfa amena do rio?

Não ouves, por-entre as brenhas,
A rajada a sibilar,
A trinar ignotos hinos
Que no céu vão ecoar?

Nunca ouviste em êrmos sítios,
O pinheiral a gemer
Imitando os ais extremos
Do triste que vai morrer?

Não ouves, junto à lareira,
Como a chama, a crepitar,
Parece, em tácitas vozes,
Seu próprio autor confessar?

E por noites de tormentas,
Quando ribomba o trovão,
Não te parece do Eterno
Solene, horrível pregão?

A avezinha, o regato,
O pastor, o pinheiral,
O vento, o fogo, a procela
Trinam canto divinal;

Doce canto, que aos viventes
Brada eterno: "Existe Deus!"
"Deus!" repetem frouxos ecos
Té nas alturas dos céus!

VOCABULÁRIO

Cantilena (subst.): cantiga; canto suave e terno; pequena canção; (fam.): palavreado astucioso para iludir.

Ledo (adj.): alegre, risonho, jubiloso, contente.

Linfa (subst.): líquido branco e nutritivo contido em certos vasos do organismo; humor aquoso das plantas; (poético): água.

Pregão (subst.): ato de apregoar ou proclamar, proclamação pública, divulgação.

Tácito (adj.): calado, silencioso, implícito, subentendido.

Alexandre José da Silva Braga nasceu no Pôrto em 1829. Depois dos estudos propedêuticos, que fez na cidade natal, matriculou-se na Univesidade de Coimbra, graduando-se em direito. Com Silva Rosa Junior fundou um jornal de verso — *Lira da Mocidade* — e, de 1855 a 1856, um outro periódico do mesmo gênero — *O Nôvo Trovador* —. Fixando-se no Pôrto, aí adquiriu renome de notável jurisconsulto e orador eloqüente. Nessa cidade fundou o jornal político denominado *Clamor Público*, e nos fins da vida, incorporou-se no partido republicano.

Deixou esparsas pelos jornais numerosas poesias. Faleceu em 1895.

CLII — O TONEL DE DIÓGENES

J. LEITE DE VASCONCELOS

De Corinto nas ruas e nas praças
Erguem-se, ao sol doirado, arcos de flores;
Ondulam grandes massas
Do povo p'ra gozar os esplendores
Das festas e dos jogos, celebrados
Em honra de Alexandre e seus soldados.

De toda a parte acodem os poetas
A celebrar a marcha gloriosa
Do vencedor dos Getas;
Também corre a nobreza pressurosa...
Sempre que abrem os reis as suas mãos,
Nunca faltam ignóbeis cortesbos.

Só não figura Diógenes na turba,
A Alexandre homenagem não rendia!
O rosto se conturba
Ao filho de Felipe: e esta ousadia
Obriga-o a êle próprio então ir ver
O sábio que despreza o real poder

II

Cobre os largos a extensa cavalgada
De generais e capitães valentes;
Levam broquel e espada,
Como a água de um lago reluzentes.
Alexandre, de gala revestido,
Comanda aquele exército aguerrido

Corinto, flor nascida entre dois mares,
Ostenta mil palácios suntuosos
E vírides pomares,
Cheios de frutos bons, apetitosos.
E' de-manhã: o sol, do céu profundo,
Como um amigo pai, abraça o mundo

III

Tinha chegado a excelsa comitiva
Junto ao tonel. Diógenes estava,
Co'a fronte pensativa,
Aquecendo-se ao sol que o alumiava:

Porque quem traz em cálculos a mente
Também a fome, a sêde e o frio sente.

Alexandre exclamou: — "Não temas nada!
Ninguêm busca atacar o teu cinismo,
Violar tua morada!
Existe entre ambos nós um grande abismo;
Mas venho oferecer-te o que quiseres:
Honras, grandeza, nome, ouro e mulheres..."

Atalhou bruscamente o sábio grego:
"— Foge do sol, que tu não podes dar...
Respeita êste sossêgo
Que habita na minh'alma e no meu lar:
Como há de conceder-me a paz e a glória
Quem um lago de sangue abriu na História!".

E Alexandre, vexado da ironia,
Fugiu, pensando em sua conciência:
"— Os sábios brilham como a luz; e é certo
Que os reis às-vezes são nuvem sombria,
Que faz ficar nas sombras encoberto
O sol da inteligência! —"

VOCABULÁRIO

Alexandre (subst. próp.): rei da Macedônia, filho de Felipe e Olimpias, famoso guerreiro e conquistador. Morreu em 323 antes de Cristo.

Broquel (subst.): escudo pequeno, rodela; proteção, amparo.

Cinismo (subst.): o sistema dos filósofos cínicos, os quais ensinavam deverem-se desprezar todas as conveniências sociais. Levavam vida vagabunda e lançavam aos transeuntes censuras e motejos, tendo, assim, pelo seu descaro certas analogias com os cães (do grego *Kyon*, *Kynós* = cão). Por extensão, *cinismo* passou à significa-

ção de *impudência, descaro, despudor, desvergonha.*

Corinto (subst. próp.): cidade muito florescente da Grécia antiga, no ístmo do mesmo nome, entre o mar Jônio e o Egeu.

Cortesão (subst.): homem da côrte, áulico, palaciano; adulador; (adj.): relativo à côrte, palaciano; cortês, polido, esmerado, alinhado.

Diógenes (subst. próp): filósofo cínico, nascido em Sinope, na Paflagônia. Fazia consistir a felicidade nas privações voluntárias. Andava descalço em todas as estações, levava vida muito sóbria e desdenhava todas as conveniências e preconceitos sociais. Habitava um tonel, que se tornou célebre em toda a Grécia. Contam-se dêle muitas anedotas, entre as quais a que deu tema à poesia transcrita. Tornou-se proverbial a lanterna com a qual, em pleno meio dia, se apresentou procurando alguma cousa, e perguntando-lhe alguêm o que buscava com ela, respondeu: "Um homem".

Excelso (adj.): muito alto, sublime, augusto; ilustre, ínclito; magnífico, pomposo.

Getas (subst. pl.): nome de um povo que habitava na antiga Cítia, na região sul-oriental da Europa.

Ignóbil (adj.): que não tem nobreza, vil, baixo, desprezível, infame, torpe.

Ironia (subst.): figura de retórica pela qual se diz o contrário do que as palavras exprimem; zombaria, motêjo, sarcasmo.

Turba (subst.): multidão desordenada; povo; multidões; união de vozes; tropel.

Vexar (v.): molestar, afligir; afrontar; humilhar, correr, envergonhar; — *se*: envergonhar-se, pejar-se.

Víride (adj. poético): verde, virente, verdejante.

José Leite de Vasconcelos Cardoso Pereira de Melo nasceu em Ucanha, concelho de Tarouca, a 7 de julho de 1858. Formou-se em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto (1886). Dedicando-se ao magistério, tem lecionado no Liceu de Lisboa e foi professor de numismática (1888) do curso de bibliotecarios-arquivistas. É doutor em letras pela Universidade de París, perante a qual defendeu a tese que intitulou "Esquisse d'une Dialectogie Portugaise". Fundou a *Revista Lusitana* (etnologia, filologia, arqueologia). Foi conservador da Biblioteca Nacional de Lisboa e sugeriu a fundação do Museu Etnológico Português, do qual foi diretor, iniciando então a publicação do órgão do referido instituto —

Arqueólogo Português. Com grande proficiência e erudição deu um curso de filologia portuguesa na Biblioteca de Lisboa.

Leite de Vasconcelos é antes erudito do que poeta, e é vasta a sua obra: *Baladas do Ocidente, Nuvens, A evolução da linguagem, Contribuição para o estudo da dialectogia portuguesa, Estudos de Filologia Mirandesa, O Livro de Esopo* (edição crítica do texto medieval), *Textos arcaicos, Tradições populares de Portugal, Poesia amorosa do povo português, Ensaios etnográficos, Religiões da Lusitânia, Lições de Filologia Portuguesa, Canções do berço, Coup d'oil sur la numismatique en Portugal, Opúsculos*, etc.

CLIII — O LEÃO E A LEBRE

VISCONDE DE STA. MÔNICA

Era uma lebre engraçada
Estimada
Na côrte del-rei Leão:
Todos os bobos o são
Sempre na côrte dos reis.
"Meu Senhor, não me direis
Si é verdade ou si é mentira
Que dum galo o triste canto
Pode tanto,
E tanto terror inspira,
Que até chegue a ser capaz
De fazer voltar atrás

Um leão?!" — "E' bem verdade,
Diz el-rei: fragilidade
Essa é nossa; e outras tais
Vês nos grandes animais.
Por exemplo, o elefante,
Grande, enorme,
Tão possante,
Já não dorme
Nem sossega,
Si junto dêle se chega,
A grunhir, o porco imundo".
— "Agora percebo a-fundo,
A lebre diz, o segrêdo
Por que os cães me metem mêdo".

(*Fabulário*).

VOCABULÁRIO

Bobo (subst.): truão, bufão, indivíduo que outrora vivia nas côrtes e nas casas nobres para fazer rir ao rei e aos grandes fidalgos.

Côrte (subst.): residência de um soberano; as pessoas que o cercam, a nobreza que o acompanha; o govêrno de um país em relação aos dos outros países; a cidade onde reside o rei; tribunal; o conjunto das pessoas empenhadas em agradar a outrem; etc.

Fragilidade (subst.): tendência para quebrar-se; fraqueza, facilidade em pecar, em errar, em faltar ao dever; instabilidade.

Lebre (subst.): animal da ordem dos roedores, com longas orêlhas e pouco maior do que o coelho. E' muito tímido.

Henrique O'Neil, *Visconde de Santa Mônica,* nasceu em Lisboa, em 1819, e é descendente de uma família nobre irlandesa. Foi funcionário da secretaria de justiça e preceptor do rei D. Carlos e de seu irmão D. Afonso.

Inteligência lúcida, servida por larga cultura humanística, O'Neil conquistou pôsto de relevância no domínio das letras. Inspirando-se principalmente em Lafontaine e em Lessing, escreveu o *Fabulário*, no qual figuram não somente fábulas originais e interessantes, mas ainda traduções e imitações de fábulas de autores antigos e modernos. Explorou também, com êxito, a poesia satírica, e a êle pertence, segundo Cândido de Figueiredo, um livro de versos — *In memoriam* —, que saíu anônimo.

Faleceu em 1889.

CLIV — O VELHO PRIOR

A. d'Azevedo Castelo Branco

Era afável, austero, sem dureza;
Ardente a sua fé, sem fanatismo.
Amava a Deus e amava a natureza
Com simples, inocente panteismo.

— Gozem outros — dizia — os vãos folguedos
Das brilhantes cidades, populosas;
Eu antes quero a paz dos arvoredos,
A solidão das matas murmurosas.

Tinha o prior uma casita branca,
Contíguo a ela o seu pomar e as hortas;
Dava a todos na casa entrada franca,
E quantas noites nem fechava as portas!

Depois da missa e reza matutina
Ia às-vezes com seu trajo de campônio
Deitar as águas duma fresca mina
Às hortas e pomar, seu patrimônio.

Em nôvo, tinha a distração da pesca;
Depois de velho, às tardes, pelo estio,
Ia em passeio procurar a fresca
Às margens frondejantes de seu rio.

Visitei o prior quando doente;
— Vem ver, amigo, como acaba isto?
Obrigado! — Depois serenamente,
Voltando os olhos para a cruz de Cristo,

Nela os fitou, ficando imóvel. Vi-o
Expirar na tranqüila obscuridade
Do seu viver — um claro e manso rio
Que foi perder-se ao mar da eternidade.

(*Lira Meridional*).

VOCABULÁRIO

Afável (adj.): benévolo, cortês, polido, acolhedor, lhano, dedicado, tratavel.

Fanatismo (subst.): excessivo zêlo religioso; exagêro partidário, facciosismo; sectarismo, afêrro, adesão cega a uma doutrina, a um sistema; dedicação demasiada a alguêm ou a alguma cousa; paixão.

Panteismo (subst.): sistema filosófico segundo o qual Deus e o mundo se confundem e identificam numa substância única: Deus é tudo e tudo é Deus. (Do grego *pan*, tudo e *theos*, Deus).

Patrimônio (subst.): os bens herdados dos pais; bem de família; bens destinados para a ordenação e sustentação de um eclesiástico; cabedal comum a uma classe de homens, a uma coletividade; o conjunto dos bens, das vantagens, dos conhecimentos de um ou mais indivíduos; etc.

Antônio de Azevedo Castelo Branco nasceu em Vilarinho de Samardã (comarca de Vila Real) em 1843. No Pôrto fez

os seus estudos de humanidades, matriculando-se depois na Universidade de Coimbra, na qual se formou em direito. Nesta cidade foi amigo e companheiro de casa de Antero do Quental. Foi administrador de concelho, primeiro oficial do govêrno civil, presidente à junta geral do distrito, vice-governador civil, deputado às cortes, sub-diretor da Penitenciária de Campolide e ministro da Justiça.

É um lírico sentimental, com ligeiros traços de ironia, filiado à escola romântica. Linguagem desataviada, mas clara e vívida. Deixou entre outros livros: *Lira Meridional*, *Poema d'Amor* (poesia), *Angelina* (comedia em verso) e *Estudos Penitenciários*. Era sobrinho de Camilo Castelo Branco, que lhe consagra algumas páginas nos *Serões de S. Miguel de Seide*.

Já é falecido.

CLV — O COVEIRO

GUILHERME DE AZEVEDO

Boas noites, coveiro: a tua enxada
Não cessa há tanto tempo de cavar?!
Cavaleiro da morte, a desolada,
Trêmula mão não sentes já cansada
De tanto trabalhar?

Tu esperas hoje as legiões sombrias
De mortos que eu suponho ao-longe ver?
Os felizes caídos nas orgias,
E os tristes que além todos os dias
O gêlo vem colher?!

Que imensa vala aberta! são medonhos
Os risos dessa bôca infame, alvar!...
Descansa dos teus dias enfadonhos!
— Eu cavo a sepultura dos teus sonhos:
Não posso descansar!

(*Alma Nova*)

VOCABULÁRIO

Alvar (adj.): nêscio, parvo, estúpido, tôlo: *riso alvar;* ingênuo; alvacento.
Desolado (part. pas. de *desolar* e adj.): aflito, consternado, angustiado. *Desolar*: despovoar, assolar, devastar; afligir, consternar; desgraçar.
Vala (subst.): fôsso extenso mais ou menos profundo e largo, aberto para defesa, para receber águas dos terrenos adjacentes ou para condução de águas. *Vala comum* ou simplesmente *vala*: cova extensa onde são sepultados, gratuita, mas promiscuamente, os cadáveres dos indigentes, dos pestiferados, dos soldados na guerra, etc.

Guilherme de Azevedo nasceu em Santarêm, no ano de 1846. Com Rafael Bordalo Pinheiro fundou o *Antônio Maria* (1876) e escreveu crônicas e folhetins no *Ocidente*, no *Diário da Manhã*, etc. Para o teatro compôs *Rosalino* e, de colaboração com Guerra Junqueiro, *Viagem à roda da Parvônia*. Seguindo os passos de Antero do Quental, publicou três livros de versos: *Aparições*, *Radiações da noite* e *Alma Nova*. Indo a París como correspondente da *Gazeta de Notícias*, do Rio, alí faleceu a 6 de abril de 1882.

Guilherme de Azevedo era dotado de grande talento literário. Como jornalista revelou graça e humorismo, fracassando, porêm, no teatro. Suas poesias são belas, teem inspiração e harmonia, mas denunciam um temperamento melancólico e cético.

CLVI — O SERMÃO DA MONTANHA

ALBERTO D'OLIVEIRA

Homens, não cuideis só da vinha e do celeiro:
Cuidai da salvação, cuidai da alma, primeiro!

Vosso maior empenho é ter gado e ter pão:
Pois fôra bem melhor, loucos, ter coração!

Tendes pomar viçoso e de frutos coberto,
Mas vossa alma é mais triste e nua que um deserto!

Que importa que o trigal prospere e cresça a vinha,
Si em vós só cresce a má semente, a erva daninha!

Vêde as aves do céu tão felizes, tão belas...
Foi Deus que semeou e que lavrou para elas!

Não teem lagar, não teem vinha ou seara opulenta...
Foi Deus que lhes deu vida e é Deus quem lha sustenta!

Em vez de, como vós, ceifar, enceleirar,
Vão à busca de Deus, voando, pelo ar...

E enquanto vós cuidais da ceifa e da vindima,
Seu voo, sem cessar, de Deus as aproxima!

O' gente louca e vã, que um mêdo vão consome:
Só vos assusta o frio e vos inquieta a fome!

Ter vestidos na arca e crias na manada
E ter tudo, dizeis; e eu digo: é não ter nada!

O que fiais na roca e no tear teceis
Não encobre de Deus os males que fazeis!

Não há sêda que esconda ou véu que dê abrigo
Aos que a mão do Senhor marcou para o castigo!

O' gente louca e vã, vêde os lírios do val
Vestidos de brancura e graça matinal...

Salomão não trajou veludos nem brocados
Como os vêdes trajar às rosas nos silvados...

Quem vos teceu, jasmins, violetas, nenufares? (*)
Foi Deus que vos fiou e teceu nos seus teares...

Imitai, gente vã, teimosos pecadores,
Ou o exemplo da ave ou o exemplo das flores!

(*Suave Milagre*)

VOCABULÁRIO

Ceifa (subst.): ato de ceifar ou cortar os cereais maduros, sega, colheita dos cereais com a foice ou instrumento apropriado; época de ceifar; (fig.): mortandade.

Nenúfar. (sbst.): genêro de plantas ninfeáceas aquáticas, de fôlhas largas, flores amarelas ou alvas. E' próprio dos climas quentes e temperados.

(*) Diz-se corretamente *nenúfar*, mas, no verso acima, a necessidade métrica obriga a transpor-se a predominância para a penúltima silaba: *nenufáres* (*hiperbibasmo*).

Alberto d'Oliveira nasceu no Pôrto em 1876. Tem muitos artigos literários dispersos em jornais e já publicou os seguintes livros: *Poesias* (Biblia do Sonho e Pôres-de-Sol), *Palavras loucas, Suave Milagre* (versos do mistério assim intitulado, da autoria do Conde de Arnoso); *Pombos-Correios, Mil Trovas* (em colaboração com Agostinho de Campos), *Eça de Queiroz* (Páginas de Memória), etc.

É poeta de fino gôsto, que agrada tanto pela delicadeza da estesia como pelo apuro e elegância da forma. Pertence à Academia das Ciências de Lisboa e à Academia Brasileira de Letras.

CLVII — BALADA DA NEVE

AUGUSTO GIL

Batem leve, levemente
Como quem chama por mim...
Será chuva? Será gente?
Gente não é certamente,
E a chuva não bate assim...

É talvez a ventania;
Mas há pouco, há poucochinho,
Nem uma agulha bolia
Na quieta melancolia
Dos pinheiros do caminho...

Quem bate assim levemente
Com tão estranha leveza
Que mal se ouve, mal se sente?
Não é chuva nem é gente,
Nem é vento com certeza.

Fui ver. A neve caía
Do azul cinzento do céu
Branca e leve, branca e fria...
— Há quanto tempo a não via!
E que saudades, Deus meu!

Ólho-a através da vidraça,
Pôs tudo da côr do linho.
Passa gente e quando passa
Os passos imprime e traça
Na brancura do caminho...

Fico olhando êsses sinais
Da pobre gente que avança
E noto, por entre os mais,
Os traços miniaturais
Duns pèzitos de criança...

E descalcinhos, doridos...
A neve deixa inda vê-los
Primeiro bem definidos,
— Depois em sulcos compridos,
Porque não podia erguê-los!...

Que quem já é pecador
Sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
Por quê lhes dais tanta dor?!...
Por quê podecem assim?!

E uma infinita tristeza,
Uma funda turbação
Entra em mim, fica em mim presa.
Cai neve na natureza...
— E cai no meu coração.

(*Luar de Janeiro*)

VOCABULÁRIO

Agulha (subst.): além das acepções conhecidas, significa também: caruma; rama de pinho, frangalho, França; fôlha (das árvores resinosas); coruchéu em forma de pirâmide muito aguda; obelisco, etc.

Miniatural (adj.): relativo a miniatura; muito pequeno.

Turbação (subst.): ato ou efeito de turbar ou turvar; agitação, desassossêgo, perturbação, transtôrno; turvação; torvação.

Augusto Cesar Ferreira Gil (Pôrto, 31 de julho de 1873). Formou-se em direito na Universidade de Coimbra e é hoje diretor da Escola de Belas-Artes, no Ministério da Instrução.

Poeta dos mais delicados da atual geração, também não lhe falta às-vezes a nota satírica e chistosa. Diz dêle um crítico: "A arte de Aúgusto Gil não é uma lamentação, é um cântico, e, freqüentemente também um sorriso. Há em seus versos, em momentos de inspiração, a melodia de um violino misterioso, que ficasse tocando muito de-leve uma balada de doçura e esquecimento" (Joaquim Costa, *A expressão literária e a aprendizagem do estilo*).

Tem até hoje publicados os seguintes volumes: *Musa Cérula, Versos, Luar de Janeiro, O canto da cigarra* (sátiras às mulheres), *Sombra de fumo, Alba Plena, Avena rústica* (verso); *Gente de palmo e meio* (estudo sôbre as crianças).

INDICE ALFABÉTICO DAS PALAVRAS E LOCUÇÕES EXPLICADAS

A

	Págs.		Págs.
Abalo	68	Acidentado	160
Abarreirar	22	Acidulado	116
Abastado	136	Acirrar	82
Abastança	116	Acoitar	331
Abastecido	71	Açoite	47
Abegoaria	313	Acolchoar	147
Abeto	395	Acre	219
Abismo	98	Acrópole	326
Ablução	274	Acudir	140
Abóbada	37	Adaptação	116
Aboiar	192	Adejar	182
Aboio	192	Adelgaçado	15
Abra	151	Adequado	86
Abrigar	55	Adonai	98
Abrolhado	71	Adormentar	101
Abrolhar	349	Adotar	199
Abroquelar	82	Adunar(-se)	22
Abrupto	383	Adusto	55 e 418
Absorto	299	Afago	40
Abutre	105	Afável	458
Acachoado	128	Afeito	74
Acalentar	171	Afeto	247
Acalmar	151	Á-flux	234
Acarnânia	286	Afogar	71
Acastelar	124	Afoito	82
A-cavaleiro	29	Afrontar	179
Acento	176	Agastado	110
Acentuar	59	Agitar	25

	Págs.
Aglomeração	179
Agourento	101
Agregado	92
Agreste	192
Agrura	239
Aguada	363
Aguardar	147
Águas-furtadas	199
Agulha	465
Agulheiro	375
Aiar	176
Airoso	408
Alá	216
Alabarda	105
Alacridade	219
Alagadiço	15
Alagado	219
Alameda	206
Álamo ou álemo	272
Alarido	15
Albatroz	133
Albergue	210
Albor	228
Albornoz	280
Alcáçar ou alcácer	272
Alcáçova	383
Alcandorar-se	383
Alcantil	62
Alcantilado	425
Alcatifar	272
Alcaíone	62
Alcofa	333
Alegrete	291
Aletargado	78
Alexandre	453
Alfacinha	346
Alfarroba	380
Alfazema	300
Alfeire	427
Alfombra	256
Alfombrar	68
Alga	213
Algar	29
Algidez	372
Algoz	74
Alhambra	357
Alicerces	122
Alimária	378

	Págs.
Almada	346
Almádena	274
Almagra ou almagre	339
Almuadem	274
Alpendre	101
Alpes	351
Alpestre	29
Alquebrar	143
Altaneiro	43
Altercar	143
Altivo	164
Aluir	276
Aluvião	128
Alva	43
Alvacento	25
Alvadio	15
Alvar	460
Álvaro Gonçalves Pereira	353
Alvor	62
Amarante	293
Amargo	116
Amargura	62
Âmbar	317
Ambição	32
Ameaçador	29
Ameia	303
Ameno	86
Amieiro	317
Amortalhar	32
Amparo	119
Amplidão	62
Ancião	32
Anelante	430
Anexim	182
Anfíbio	143
Anfitrite	357
Ânfora	357
Ângelus	32
Angra	286
Anhuma-poca	15
Anilado	59
Animado	182
Aniquilar	228
Anseio	431
Ânsia	82
Ansiado	151
Antena	295
Antolhar	168

	Págs.
Aparatoso	186
Apascentar	210
Apregada ou apregadas	317
Apelar	71
Apendoar	375
Apertar	71
Apóstolo	280
Apostrofar	251
Apoteose	202
Apreciar	171
Aprisco	43
Aproar	113
Aproches	29
Aprumo	82
Aqueduto	357
Aqueloo	286
Aquilão	395
Araçuã	15
Araçarí	37
Aragem	74
Árbitro	261
Arca	311
Arcada	51
Arcano	239
Archeiro	323
Árduo	261
Arena	71
Arfar	59
Argênteo	219
Argentino	59
Argos	173
Argumento	284
Ária	192
Aridez	241
Armadura	430
Arnês	395
Aroma	131
Arpejo	192
Arquitetar	68
Arquivo	261
Arrabaldes	92
Arraial	353
Arrastado	82
Arrear	47 e 226
Arrebanhar	176
Arrebatar	68
Arrebol	43
Arrecamar	37
Arrefecer	368
Arremêsso	143
Arremeter	29
Arrochar	105
Arrogante	82
Arroio	247
Arrojar	98
Arrôlo	253
Arrotear	82
Arroubar	47
Arroubo	82
Arrulhar	349
Arrulho	43
Arteiro	408
Artéria	122
Articular	192
Asilo	199
Asinha	434
Aspergir	323
Aspeto	62
Assecla	106
Assestar	383
Assomar	15
Astro	32
Atabaque ou atavaque	353
Ataviar	158
Ática	286
Atingir	116
Átomo	59
Atônito	216
Atrair	48
Atrativo	160
Atravessar	151
Atrever-se	190
Atribulado	404
Atufar(-se)	62
Aturado	261
Auditório	251
Augúrio	92
Augusto	37
Aura	164
Aureo	68
Auréola	439
Aureolar	439
Austero	33
Avaro	158
Avejão	372

	Págs.
Aventura	82
Aventureiro	176
Avisador	133
Avistar	122
Avultar	173
Az	353
Azáfama	245
Azálea	336
Azedume	243
Azemel	324
Azenha	333
Azoratado	295

B

	Págs.
Bacamarte	93
Báculo	427
Bacurau	206
Baforada	171
Bagatela	140
Bagdad	274
Bailar	243
Bairro	122
Baixio	245
Balada	346
Balcão	324
Baldão	402
Baldio	375
Baldo	415
Balhesteira	303
Baliado	303
Balido	43
Balouçar	68
Balsa	276
Bálsamo	199
Balseiro	128
Bamboante	116
Bandeirante	122
Bandolina	333
Banhar	25
Banir	19
Baque	15
Barafustar	199
Barbacã	303
Bárbaro	93
Bardo	192
Bári	324
Barômetro	133
Barra	15
Barreira	128
Basílica	341
Bastardo	355
Bátega	22
Batuque	93
Beckford	370
Beira	68
Beira (subst. próp.)	427
Beiral	295
Benéfico	116
Bergantim	82
Besteiro	313
Betar	78
Bíblia	261
Biblioteca	186
Bizarro	93
Blasfemo	173
Blasonar	402
Bloco	29
Bloquear	71
Bobo	456
Bolhar	22
Bolonha	324
Bombarda	151
Borborinhar	15
Borbulha	128
Borbulhante	59
Bordejar	82
Boreal	224
Borrasca	71
Borrego	43
Borrifo	78
Bosque	25
"Bouquet"	329
Bracejar	176

	Págs.
Brado	98
Bramante	71
Bramir	48
Brando	25
Brandura	339
Brasão	33
Bravura	155
Brecha	29
Brinco	247
Brocado	324
Brochado	241
Bronco	425
Broquel	453
Bruços (de—)	174
Bruma	82
Brumo	78
Brusco	202
Bucólico	270
Budeu	324
Bulcão	48
Bulha	190
Burgo-mestre	319
Burel	224
Buxo	329

C

	Págs.
Cabeceiras	86
Cabilda	353
Caçada	25
Cachão	431
Cacuri	241
Cadafalso	74
Cadeirinha	299
Cadência	418
Cagado	160
Calabouço	251
Calado	89
Calamitoso	224
Calcamar	355
Calcinado	317
Caleça	147
Cálido	40
Califa	275
Caliginoso	383
Calma	270
Calúnia	74
Calvinista	168
Cambiante	331
Cambiar	15
Cambraia	113
Caminhante	190
Camões	253
Campa	406
Campanário	300
Campeiro	427
Campesino	190
Campônio	245
Canção	192
Cândido	408
Candor	43
Candura	164
Cangirão	219
Canícula	78
Canicular	256
Canitar	242
Cantão	206
Cantaria	295
Cantiga	89
Cantilena	82 e 451
Caos	445
Capa (por-se à —)	151
Capão	51
Capela	113
Capelhar	280
Capitel	326
Capitólio	326
Capuz	196
Caramanchão	110 e 303
Caravana	256
Cárcere	173
Carícia	89
Caridade	119
Carinho	40
Cariz	383

	Págs.
Carnaúbal	116
Carniceiro	71
Carpido	43
Carpir	74
Carreiro	230
Carripana	351
Cartago	326
Casal	291
Casario	59
Cascalho	161
Casco	384
Casquilho	334
Casquinada	339
Casta	232
Castelhano	173
Castelo	48
Catacumba	147
Catadupa	71
Catai	275
Catarata	202
Catástrofe	365
Catedral	173
Cativar	192
Caudal	202
Caudaloso	86
Caudilho	179
Causa	168
Cavalgada	25
Cavatina	131
Ceifa	462
Ceifeira	446
Cela	140
Celebrar	147
Celeiro	314
Célebre	216
Celeuma	384
Cenário	346
Cendrado	291
Centenário	37
Cêpa	291
Cêrca	314
Cêrco	71
Cerimônia	110
Cerimonial	147
Cerração	33
Cerrado	122
Cêrro	33
Cérulo	62
Cervo	395
Cesaréia	311
Céu (de gruta, de mina, etc.)	48
Cevar	216
Chabro	226
Chapadão	86
Charameleiro	324
Charneca	270
Chateaubriand	368
Chávena	110
Cheia	128
Chispa	106
Choça	155
Chocalhar	55
Chocarreiro	37
Chorão	110
Choupa	334
Choupana	101
Choupo	317
Chuveiro	93
Cibato	295
Cicatriz	33
Cicerone	341
Ciciar	33
Cíclico	224
Ciclone	448
Ciclópico	234
Cidadela	319
Cínico	232
Cinismo	453
Cintilar	22
Circular	59
Circunjacente	78
Cisterna	256
Clamor	176
Clangor	253
Clarinar	161
Clérigo	353
Cobiçar	116
Cocho	224
Cócoras (de —)	219
Côdea	311
Cogitação	186
Coimbra	363
Coiraça ou couraça	372
Coletivo	362

	Págs.
Colméia	182
Colmilho	384
Colo	119
Colunata	326
Coma	55
Combro	295
Comemoração	82
Comenda	303
Comércio	186
Comoção	161
Compacto	122
Composição	168
Comprimir	448
Concentrar	48
Concertar	158
Concêrto	43
Concílio	247
Concretizar	186
Condensar(-se)	43
Confederar	155
Confessar	74
Confortar	186
Confôrto	272
Confrangedor	331
Confuso	25
Congossa	272
Conquistador	143
Conquistar	82
Consolação	186
Consolar	140
Constante	74
Constelação	286
Conta (dar — de)	62
Contemplar	133
Contínuo	179
Contôrno	15
Contribuir	213
Convento	140
Convicto	151
Convizinhar	116
Convulsionado	29
Coorte	106
Copa	116
Copioso	48
Corça	55
Corcovado	418
Cordoalha	37
Córdova	275
Coréia	286
Corifeu	199
Corinto	454
Corisco	48
Cornija	295
Córrego	51
Corrido	110
Corrimaça	295
Corrupção ou corrução	199
Cortar	128
Côrte	456
Cortejo	98
Cortesão	454
Coruscante	448
Costado	307
Costaneira	280
Cota	324
Courela	136
Cova	136
Cratera	365
Crebro	192
Credência	378
Crepe	448
Crepitação	101
Crepúsculo	22
Crescer para ou sôbre alguem	341
Crescido	140
Crestar	78
Cria	448
Criação	98
Crisólita	93
Crista	286
Crivar	136
Crivo	226
Cromático	15
Crônica	262
Cruzado	140
Cubelo	304
Cuidado	89
Cultura	182
Cume	213
Cumieira ou cumeeira	78
Cunha	354
Cunhal	339
Cúpula	59
Curso	51

D

	Págs.
Damasco	370
Daninho	29
Dar fé de alguma cousa	19
Dar conta de alguma cousa	62
Dardejar	98
Debandar	143
Debelar	199
Debicar	334
Débil	257
Declive	15
Declividade	128
Dedicação	155
Definitivo	65
Delícia	186
Delir	29
Delírio	71
Demanda (em de)	78
Demência	280
Dendroclasta	425
Denegrir	74
Derradeiro	65
Desafiar	29
Desanuviar	186
Desconcertar	280
Desconforme	256
Descortinar	234
Desdenhoso	248
Desditoso	124
Desfechar	59
Desfraldar	82
Desfrutar	284
Desgarrar	429
Desgraça	75
Desgrenhado	55
Deshumano	71
Desmaio	44
Desmesurado	22
Desolado	460
Despeito	168
Despir	51
Despojar	140
Despôjo	144
Despontar	62
Déspota	349
Destacar	43
Destino	171
Destro	68
Desvairado	448
Desvalido	119
Desvelo	349
Detorar	256
Deucalião	286
Devassar	307
Devastação	174
Devastar	71
Devesa	44
Devoto	174
Diadema	93
Diáfano	219
Dialeto	155
Dianteira	280
Difundir	15
Dilapidar	272
Dilatar	78
Diligência	378
Diluir	128
Dilúvio	101
Diógenes	454
Diplomata	360
Dique	71
Dirceu	33
Discórdia	402
Dispensar	19
Dispersar	106
Disperso	116
Dissabor	228
Dissipar	140
Distrito	86
Ditoso	248
Divagar	408
Diversório	256
Divisa	262
Dobre	33
Documento	262
Dolente	438

	Págs.
Doloroso ..... 33 e	62
Domínico	314
Domínio	206
Dormente	37
Dormitar	89
Dossel	299
Douro	317
Drama	55
Droga	140
Duelo	110
Dulçuroso	165
Dunas	307

E

	Págs.
Ébrio	319
Écloga	161
Eco	48
Economizar	116
Éden	272
Educar	199
Efêmero	174
Efígie	415
Eflúvio	448
Eira	71
Eito	230
Elemento	155
Elmo	151
Elo	48
Eloím	448
Eloqüência	155
Emanar	199
Embaixada	324
Embalsamado	25
Embate	186
Embater	48
Embaúba	224
Embaúbeira	224
Embeber	62
Emblema	402
Embrenhar(-se)	179
Embruscado	22
Embrutecimento	200
Embutido	324
Emergir	295
Eminência	438
Emir	354
Emoção	151
Empaste	151
Empresa	237
Empunhar	155
Enastrar	165
Encalmado	408
Encanecido	37
Encanto	119
Encapelar	124
Encarniçado	124
Encomendação	147
Encosta	29
Encovado	171
Endecha	265
Energia	116
Enfezado	29
Enflorar	147
Engelhar	311
Engenho	206
Engolfar	71
Engrinaldar	213
Entablamento	295
Enternecer	196
Entêrro	147
Entorpecido	113
Entranha	33
Entrelaçar	51
Entretecimento	123
Entumecido	124
Entusiasmo	200
Enxame	59
Enxêrga	311
Éolo	344
Épico	234
Epíro	286
Episódio	147
Equinocial	86

	Págs.
Equiparar	186
Equitação	370
Equóreo	144
Erário	415
Erecteu	286
Eriçar	196
Ermida	113
Ermitão	436
Ermo	44
Erradio	59
Errante	131
Erudição	262
Esbarrondar	128
Esbater	219
Esboroar	144
Esbravejar	200
Escachoar	128
Escádea	336
Escalonar	334
Escancarar	144
Escarcéu	98
Escárneo	280
Escarpa	293
Escassear	116
Eschmûn	326
Escolta	106
Escombros	122
Escoachar	256
Escorial	174
Escrínio	187
Escudeiro	360
Esfalfado	237
Esfarrapado	140
Esfera cristalina	158
Esguedelhar	311
Esgueirar(-se)	362
Esguio	317
Esmagar	29
Esmo (a —)	224
Esmolar	251
Espadela	317
Espadanar	55
Espanejar	16
Espantalho	174
Espantoso	71
Esparto	334
Espasmo	331
Espata	336

	Págs.
Espavorido	257
Espectral	33
Espérquio	287
Espessura	418
Espetáculo	133
Espigão	51
Esplendor	202
Espumar	55
Esquife	436
Esquivar(-se)	71
Esquivo	425
Essa (subst.)	147
Estalar	25
Estampido	55
Estancar	339
Estância	300
Estanciar	179
Estável	179
Esteira	124
Estendal	128
Estéril	116
Estêva	334
Estiagem	128
Estígio	190
Estilo	232
Estirar	65
Estivo	408
Estortegar	55
Estranho	25
Estrema (v. extrema)	
Estremecer	25
Estrépito	25
Estribilho	82
Estridente	16
Estridor	44
Estrofe	192
Estulto	19
Estupendo	55
Estupor	258
Esvair	59
Éter	93
Etéreo	287
Etólia	287
Evocar	445
Exalar	44
Exaltação	232
Exato	65

	Págs.
Excelso	454
Exercido	133
Exército	155
Exílio	89
Exótico	242
Expandir	158
Expedição	237
Expelir	155
Experiência	187
Expirar	131
Expressão	119
Exquisito	116
Extermínio	183
Exterritorialidade	360
Extraordinário	140
Extrato	262
Extrema ou estrema	210
Extrema-unção	33
Extremo	71
Exumação	365

F

	Págs.
Fábula	210
Fabuloso	93
Façanha	234
Fachear	93
Fadar	280
Faia	272
Faina	224
Faiscação	78
Falcão	314
Falda ou fralda	357
Falhar	136
Falsete	299
Falúa	265
Famélico	258
Fanatismo	458
Fantástico	122
Farândula	375
Farfalha	375
Fascinação	299
Fascinar	234
Fatal	48
Fato	427
Fauces	144
Fausto	324
Favorito	40
Fazenda	51
Fazer-se ao largo	62
Fazer frente	71
Febo	225
Fécula	242
Fecundar	37
Feérico	93
Feição (à-de)	86
Feições	119
Feito	75
Fender	161
Féretro	147
Feroz	48
Ferral	295
Ferral-tâmara	291
Ferrar	55
Ferro	151
Fervor	200
Festão	165
Festim	378
Feto	29
Feudal	370
Feudo	206
Fidalgo	25
Fidalguia	399
Fieito	375
Figurar	62
Filandra	37
Filantropia	252
Filosofia	187
Filósofo	40
Fim	136
Finito	98
Fisco	351
Fisga	293
Fitar	196

	Págs.
Flamante	219
Flamingo	396
Flamívomo	116
Flavo	158
Flébil	75
Flexível	301
Floco	68
Flor (à-de)	143
Flora	116
Floração	219
Florear	427
Florença	258
Flúido	37
Flutuar	165
Fluvial	86
Fluxo	168
Fogaréu	106
Folgar	165
Fôrça hercúlea	448
Fórmula	187
Fortuna	187
Fôsco	55
Fôsso	314
Fracassar	202
Fracasso	29
Fraga	62
Fragilidade	456
Fragor	190
Fragoso	276
Franças	16
Fratricida	216
Freixo	272
Fremir	230
Frisante	116
Frivolamente	133
Fronde	78
Frondel	226
Frondente	151
Frota	151
Frutificar	213
Fugaz	368
Fulgir	151
Fulgor	227
Fulgurar	37
Fulminar	248
Fulvo	33
Funda	280
Fundear	307
Fúnebre	147
Funesto	72
Fusta	355
Fuste	242
Fustigar	344
Fuzil	48

G

	Págs.
Gabo	408
Gaivota	355
Gala	187
Galardoar	284
Galé	355
Galeão	355
Galera	83
Galiléia	312
Gama	225
Gameleira	122
Gândara ou gandra	270
Ganga	253
Garboso	165
Garoto	171
Garrancho	128
Garrano	116
Garrido	37
Gazeta	40
Gelidez	147
Geloisa	339
Gema	187
Gemente	62
Generalife	357
Gênio	253
Gentil	119
Geológico	161
Germe ou germen	200
Gessner	270

	Págs.
Geta	454
Gil Eanes	305
Giralda (La —)	380
Ginete	314
Glauco	326
Gleba	287
Glória	19
Glorioso	33
Golfinho	307
Golpear	22
Goncourt	262
Gorjeta	40
Gótico	243
Governalho	384
Graça	119
Graduar	75
Granada	357
Granito	174
Granizada	425
Grasnido	59
Grego	75
Grimpa	358
Grita	16
Grogolejar ou gorgolejar	295
Grotão	245
Guache	242
Guarida	120
Guarita	365
Guazuma	78
Gume	37

H

	Págs.
Harmonia	131
Harpa	396
Harum-al-Rachide	284
Haver mister	140
Haveres	200
Hebron	312
Hecatombe	55
Hélade	287
Hercúleo	187
Herdade	314
Herdar	136
Heroismo	155
Hino	19
Hiperbóreo	287
Hirto	294
Hissopo e hissope	262
Hoffmann	299
Homenagem	19
Homenagem (render —)	19
Homero	287
Honra	72
Hórrido	144
Horto	106
Hosana	98
Hospital	354
Hospitálario	304
Hospitaleiro	161
Hoste	144
Hostil	78
Huguenote	168
Humano	252

I

	Págs.
Idioma	155
Ignóbil	454
Ignoto	158
Ilharga	110
Iliberi	358
Ilusório	237
Imaculado	72
Imagem	89
Imensidade	133
Imergido	44
Iminente	384
Imo	29

	Págs.
Imoto	78
Imunidade	360
Impelir	48
Imperar	165
Imperturbável	75
Ímpio	106
Implacável	78
Implume	422
Imponente	22 e 174
Importunar	187
Imprevisto	93
Imprimidura	22
Improvisar	155
Impulso	29
Inacessível	237
Incandescente	55
Incidente	124
Incineração	344
Incinerado	366
Inclemência	237
Incólume	258
Incomportável	349
Inconexo	228
Indefinido	265
Índice	242
Indigência	404
Indômito	202
Indulgência	252
Indústria	183
Indústria (de —)	434
Inebriar	442
Inefável	187
Inerte	429
Infame	106
Infantilidade	40
Inflexível	237
Influxo	48
Informe	55
Infrene	98
Ingá	206
Ingerência	206
Ingurgitar	339
Inominado	431
Inopinadamente	110
Inóspito	256
Inquirir	284
Inquisitivo	360
Insano	176
Inspiração	192
Instituições	65
Insuflar	168
Insulto	106
Intercadência	116
Intercadente	265
Interceder	252
Intermitência	128
Íntimo	213
Intrépido	124
Introversão	329
Insulto	216
Inverno	116
Investigar	155
Investir	307
Ínvio	48
Invocação	206
Ipê	246
Iracundo	144
Irara	55
Ironia	454
Irremissível	168
Irromper	122
Israel	312
Itinerário	329

J

	Págs.
Jacinto	336
Jaculatória	19
Jaez	324
Jaguar	55
Jandaia	242
Jangada	124
Jangadeiro	124
Jardia	427
Jazigo	391
Jeová	396

	Págs.
Jequitibá	37
Jesuita	155
Joguete	248
Joio	442
Jornada	124
Jôrro	230
Juba	55
Judéia	312
Juízo	41
Junquilho	336
Jurití	44
Justo	75

L

	Págs.
Lábio	89
Labirinto	37
Labor	187
Labutação	44
Labutar	136
Laca	219
Lacaio	360
Lácio	253
Lacônico	384
Lacrimejar	101
Lacrimoso	62
Lactescente	225
Lafontaine	262
Lagar	317
Laivo	38
Lamento	176
Lampeiro	171
Lampejar	48
Lampo	339
Lança	106
Lançante	29
Lanceiro	324
Languidez	44
Lânguido	16
Lareira	312
Lastimoso	252
Látego	48
Lauto	93
Lavrado	246
Lavrar	55
Lealdade	232
Leão X	324
Lebre	456
Leça	304
Ledo	451
Legado	168
Legionário	312
Lei	248
Leide	72
Leira	351
Leiva	295
Leme	308
Lenda	234
Lenitivo	78
Lento	22
Lés (de-a —)	384
Lesto	106
Letargo	16
Levada	291
Leviatã	262
Lhano	106
Lhanura	78
Liana	37
Líbano	262
Liberalidade	140
Líbrar	59
Límpido	25
Linfa	451
Líquen	29
Lira	254
Lisonjear	284
Listão	128
Litigar	402
Llano	116
Lobo-do-mar	319
Lôbrego	174
Logomaquia	232
Lomba	16

	Págs.
Longínquo	25
Lontra	144
Louçania	248
Loureira	346
Luca	324
Lúcido	37
Lucilação	295
Luculo	75
Lufa	378
Lufada	294
Lúgubre	174
Lume	243
Lusco-fusco	16
Lusitânia	280
Lustrar	179
Luta	48
Luzeiro	165
Luzente	72

M

	Págs.
Macegal	78
Maceiro	324
Macilento	448
Mácula	25
Mádido	431
Mafoma	280
Magnífico	78
Mago	113
Mágoa	221
Magoado	120
Magote	106
Mala-posta	370
Malhada	427
Malta	106 e 304
Maltês	41
Manada	210
Manancial	128
Manauê	93
Mangual	446
Mangue	207
Maninho	427
Manobra	151
Manuscrito	151
Mar (-desfeito)	48
Maracujá	161
Marão	317
Marcial	329
Marcar	75
Margear	202
Marialva	370
Marinha	265
Mártir	75
Marujo	165
Marulhar	161
Marulho	83
Marulhoso	203
Massame	384
Mastro	93
Mater	62
Mater admirábilis	448
Material	155
Matizar	48
Matutino	44
Mauritia	116
Mavioso	44
Máxima	248
Meandro	304
Meditar	75
Medrar	213
Mefistofélico	299
Meio	116
Mel	207
Melancolia	44
Melcarte (Melkarth)	326
Melharuco	339
Melodia	418
Memória	262
Mencionar	86
Menear	291
Mente	396
Mentraste	378
Mercê	265
Mercê-de	117

	Págs.
Meridional	86
Mérito	75
Mesquinho	258
Mesquita	275
Messias	200
Mesto	363
Metalúrgico	339
Miguelista	378
Milagre	196
Milha	144
Mina	33
Minar	144
Minarete	380
Minaz	216
Miniatural	465
Ministério	349
Ministro	252
Minucte	371
Minúcia	262
Miope	133
Miosótis	373
Mirar	37
Mirrar	312
Miserável	117
Mísero	210
Missão	168
Místico	192
Mistral	344
Mitigar	117
Mito	287
Mó	334
Mocho	355
Modesto	75
Modulação	192
Mofar	256
Mofumbo	128
Moinante	375
Moirão	225
Moirisco ou mourisco	358
Moita	51
Moital	246
Mola	98
Mole	174
Mòchada	442
Molière	263
Monção	83
Monda	442
Mondadeira	442
Monólito	161
Monstro	29
Montar o cabo	308
Montês	140
Montesinho	426
Monumento	174
Moral	155
Morder a areia	151
Morgado	378
Moroso	83
Mortalha	124
Mosárabes	275
Mosquear	78
Mosto	317
Motejo	110
Motim	155
Mourisco (v. moirisco)	
Movimentoso	220
Muçulmano	275
Multicor	68
Munganga	93
Munições	72
Murmurar	187
Múrmuro	228
Mururé	37
Murta	301

N

	Págs.
Naire	324
Narciso	336
Nativo	254
Natura	151
Náufrago	55
Nauta	133
Nava	362
Nave	62

	Págs.
Neblina	33
Néctar	68
Nédio	415
Nefando	196
Negaça	295
Negociar	155
Negrejante	190
Nelumbo	37
Nenúfar	462
Nevada	225
Nicho	174
Nigromante	373
Nilo	396
Nimbo	38
Ninfa	287
Nobre	33
Nora	442
Norte	396
Noruega	225
Nostalgia	363
Novilho	448
Núcleo	86
Nume	243
Nuvens grávidas de co-riscos	48

O

	Págs.
Obstáculo	228
Obelisco	301
Obumbrar	384
Ocaso	33
Ocre	220
Odre	344
Oeta ou Eta	287
Ogivado	304
Olhão	381
Olheirão	276
Olheiras	171
Olímpico	235
Ondear	120
Ondulação	207
Ondular	48
Opa	329
Opala	363
Opressão	200
Opróbrio	106
Opulentar	144
Ordenhar	427
Origem	98
Ourique	281
Orla	51
Ormuz	325
Ornamental	117
Ósculo	169
Ossa	287
Ossian	373
Otris	287
Outorgar	242
Ovídio	368

P

	Págs.
Pã ou Pan	397
Paço	75
Padrão	242
Pagão	83
Paina ou panha	68
Paineira	51
Painel	288
Paisagem	51
Paladino	430
Palestina	312
Palheta	240
Palimuro	384
Pamonha	93
Pâmpano	271

	Págs.
Pampeano	73
Pampeiro	344
Pamplona	362
Pandemônio	326
Pando	265
Panteísmo	458
Parábola	402
Paradeiro	161
Paráfrase	239
Paragem	78
Parcel	83
Parcimônia	140
Pardieiro	415
Páreas	325
Pará	242
Parnaso	288
Paródia	299
Paroxismo	418
Pastor	210
Patético	319
Patim	304
Pau-d'-arco	55
Patrimônio	458
Pau-d'-óleo	161
Paul	276
Paveia	291
Pávido	308
Pavor	48
Pavoroso	29
Peanha	235
Pêco	128
Pederneira	106
Pégo	276
Pegureiro	161
Peitica	102
Pelasgo	288
Pelejar	281
Pender	59
Pêndula	65
Penedo	29
Peneu	288
Penha	30
Penhascal	294
Penhasqueira	294
Penseroso	38
Peregrino	131
Perene	37
Pérfido	106
Perfumar	131
Perímetro	344
Perpetuo	65
Perro	314
Persiana	351
Persistência	136
Perspectiva	78
Pertinaz	216
Pescaria	207
Pêso da Régoa	294
Pesquisar	237
Pétreo	30
Petrificar	200
Petulante	83
Picadeiro	371
Piedosamente	140
Píncaro	16
Pinchar	295
Pincho	295
Pindo	288
Pingue	317
Pino (a-)	78
Pintar	133
Pitoresco	51
Plácido	190
Plaga	151
Plaino	22
Planger	33
Planturoso	351
Planura	62
Platibanda	174
Plebe	200
Pleito	144
Plenilúnio	131
Polen	68
Policromia	227
Policrômico	326
Pomar	51
Pompéia	366
Ponte levadiça	314
Pontifical	325
Pontuar	59
Popa	318
Pôpa ou poupa	375
Porfia	98
Porfioso	144
Porte	83
Portelo	339

	Págs.
Pórtico	362
Possante	86
Postigo	339
Potentado	155
Povo	415
Póvoa	304
Pradaria	78
Praga	299
Pranto	120
Praticar	110
Prático	117
Prazenteiro	171
Prece	33
Preceito	75
Precipitar	30
Precípite	22
Pregão	451
Prègar	133
Prélio	216
Preludiar	93
Prenunciar	366
Prehistério	291
Pressentir	133
Prestes	22
Prestigiar	263
Presto	136
Previdência	133
Primitivo	213
Princípios	75
Prior	291
Presbítero	291
Prisco	242
Privação	171
Privar	140
Privilegiado	272
Proa	83
Proceder	136
Procela	124
Procissão	33
Profano	131
Profecia	200
Profusão	93
Prole	196
Propagar	44
Propício	93
Prosa	183
Prosopopéia	232
Prostrar	16
Provação	106
Provinciano	246
Pugilato	55
Pulcro	349
Pulsar	396
Purpurear	220
Púrpuro	158

Q

	Págs.
Quadra	78
Quadrela	304
Quadrilheiro	106
Quarto	152
Quebrada	83
Querubim	406
Quérulo	235
Quina	378
Quintal	122
Quinteiro	312
Quotidiano	187

R

	Págs.
Rabão	415
Rabaceiro	375
Rabí	312
Racimo	271
Radioso	63
Rafeiro	360
Raivar	55 e 203
Ralo	438

	Págs.
Rampa	128
Rancho	443
Rápido	117
Realçar	117
Rebelião	237
Rebentão	418
Reboar	22
Rebôjo	22
Reboliço	41
Rebuçar	246
Recamar	325
Recesso	288
Rechã	44
Reconciliação	169
Recôndito	239
Recrescer	56
Recrudescer	93
Recuperar	210
Recurso	72
Redil	314
Redimir ou remir	196
Redondel	362
Redondeza	200
Refego	346
Refem	155
Referver	59
Refluxo	169
Refractário	169
Refusar	288
Regaço	404
Regalo	434
Rêgo	443
Regueira	291
Rei-d'-armas	325
Reixa	381
Rejeitar	213
Rejuvenescer	38
Relíquia	19
Relva	48
Rémanso	25
Remediar	140
Remoinhar	59
Rendeiro	207
Render	152
Render homenagem	98
Renegar	75
Renhido	144
Renôvo	38
Repercutir	38
Represar	203
Repulsar	48
Requebrado	418
Rés (ao — de)	399
Reserva	117
Ressaca	128
Ressumbro	44
Restaurar	225
Restia	78
Resteva	362
Restinga	78
Restrugir	59
Resvaladio	128
Resvalar	59
Retalhar	86
Retificação	263
Retina	133
Retinir	192
Retinto	59
Retiro	158
Retratar	203
Revelar	155
Reverberar	79
Revoada	59
Revolver	136
Ribeirinho	15
Ridente	288
Rigidez	30
Rincão	51
Roaz	256
Roble	196
Roça	122
Roçar	33
Rodear	99
Rôdo	334
Rodrigues Lobo	271
Rojão	93
Rol	415
Rôlo	230
Rompimento	169
Roqueira	93
Rosal	122
Rosário	344
Rosicler	16
Rosmaninho	291
Roteiro	155

	Págs.
Roto	171
Roupeta	140
Rouxinôl	418
Rubenesco	339
Rubí	93 e 327
Rúbido	16
Rubro	56
Rude	176
Rufar	94
Ruflar	230
Ruir	30
Rúivo	56
Ruïnaria	256
Ruminar	344
Rumo	43
Rumor	176
Rutilar	48
Rútilo	203

S

	Págs.
Sachola	443
Sacrifício	156
Safira	59
Saga	281
Saí	227
Saïmento	147
Salgueiro	276
Sália	276
Salmear	391
Salomão	312
Solomônico e Salomão	263
Salto	203
Sanefa	378
Sangrar	33
Sanhaçú	227
Sanhudo	106
Santa-fé	79
Santarêm	272
Sapé	161
Sarazate	362
Sargaço	375
Sarjar	22
Sarraceno	281
Satânico	106
Sazão	158
Sazonado	158
Seara	158
Sêco	65
Sedoso	68
Seduzir	106
Sege	371
Selva	
Seixo	221
Selva	38
Selvático	179
Sempiterno	99
Sendal	227
Senha	299
Sensação	174
Senzala	207
Sépia	225
Sepulcro	75
Sequaz	106
Sequioso	99
Ser	99
Serão	415
Serenata	131
Sereno	120
Serpear	161
Serra da Estrêla	375
Serradela	375
Sertão	238
Servil	83
Sesta	207
Seteira	304
Setentrional	86
Severidade	133
Severo	38
Sibilante	438
Sigilo	137
Silente	221
Silvado	276
Silvestre	122
Silvo	254
Silvícola	179
Simetria	174

	Págs.
Sina	210
Singrar	169
Singular	65
Sinistro	72
Sinuoso	346
Siroco	339
Sistema	86
"Smorzar"	339
Soberbo	19
Sobranceiro	79
Sobreira	446
Sobreievar	239
Sobrevir	110
Socalco	291
Sociedade	110
Sócio ..... 106 e	408
Socorro	72
Solâneas	106
Solapar	136
Solar	94
Soleira	339
Solicitude	117
Solidariedade	213
Solitário	25
Soluçar ..... 33 e	41
Soluço ..... 41 e	176
Sombrio	221
Sonambulismo	368
Sondagem	225
Sonorizar	161
Sonoro	131
Soprano	318
Sorte	183
Sortida ou surtida	238
Sorver	144
Soturno	25
Sovacada	294
Subido	75
Súbito (de —)	68
Sublime	49
Sublunar	94
Subsistir	122
Subsolo	179
Sucesso	110
Suculento	51
Sucuriuba ou sucuriú	144
Sufocar	196
Sugar	68
Sulco	137
Sulfatara	339
Sultana	358
Sumo	117
Superstição	94
Surdina	235
Surdir	59
Surgidouro	152
Surpresa	133
Suspenso	79
Sutil	83
Sutilizar	131
Sutura	30

T

	Págs.
Taba	169
Tabaréu	94
Tácito	451
Taciturno	375
Taforéia	355
Taipa	128
Talhão	318
Talhe	117
Talisca	242
Tanger	448
Tangível	187
Tapête	122
Tapir	56
Tapuio	242
Taralhar	38
Tardo	79
Tarro	427
Tauxiar	325
Tavira	381
Tavolagem ou tabulagem	314
Tebaida	334
Tédio	368

	Págs.
Tela	152
Telheiro	59
Temeridade	169
Temeroso	49
Tempe	288
Tenção	111
Tenda	216
Tendal	443
Tenebroso	49
Teuro	38
Teócrito	271
Teólogo	232
Tépido	220
Terçã	415
Têrmo	238
Terraço	174
Terral	125
Território	179
Tirano	75
Terror	190
Tiracolo (a —)	436
Tiê-sangue	227
Tesouro	137
Testemunha	137
Timoneiro ou temoneiro	318
Tiritar	171
Tisnar	75
Titãs	373
Toada	391
Tocante	44
Tocar	94
Tocha	147
Toga	19
Tojeira	301
Toldar	59
Tombar	190
Tona (à — de)	38
Tormenta	22
Tornar	216
Torneio	378
Toro	256
Torpe	408
Tôrre de menagem	304
Torreão	174
Torrencial	117
Torrente	187
Torturar	33
Torvelim	203

	Pág.
Torvelinhar	129
Tôsco	83
Tosquia	443
Toucar	16
Tradicional	94
Tragar	125
Trágico	72
Traïdor	106
Tramontar	44
Tranqueira	51
Transe	258
Transformar	65
Trânsfuga	41
Transfundir	79
Transigir	156
Transmitir	137
Transporte	289
Trato	117
Travar	56 e 144
Tredo	216
Tréguas	320
Treno	358
Trepidar	318
Tresmalhar	354
Tribu	169
Tribunal	252
Tribuno	106
Tributário	86
Tributo	144
Trilhar	179
Trindades	192
Tripular	320
Triunfar	30
Trôço	179
Troglodita	351
Trom	254
Trompa	25
Tronco	252
Trono	200
Trôpego	312
Tropel	360
Trova	415
Trovador	396
Trucidar	156
Trunqueiro	425
Tuba	254
Tufão	176

	Págs.
Tufar	52
Tule	399
Túmido	113
Tumultuar	22 e 94
Túnel	334
Turba	454
Turbação	465
Turbilhão	113
Turbilhar	60
Turvar	203

U

	Págs.
Ubere	427
Ufano	165
Ulular	129
Umbela	207
Umbroso	44
Umbú	79
Umbusada	117
Umbuseiro	117
Uniforme	16
Uníssono	320
Universo	99
Urbe	34
Urna	358
Urze	301
Úsna	68
Usualmente	65
Utensil ou utensílio	140

V

	Págs.
Vacilante	107
Vaga	60
Vagar	171
Vagaroso	65
Vago	68
Vala	460
Valado	52
Valimento	368
Valor	137
Varal	225
Varão	75
Varar	60
Vargedo	52
Variegado	16
Várzea	44
Vassalo	371
Vazante	129
Veemência	418
Vegetalizar	220
Veiga	275
Vela	113
Velar	152
Vêndaval	272
Ventura	75
Veracidade	232
Vera-Cruz	354
Verão	60
Verbo	349
Vergel	83
Vergílio ou Virgílio	271
Vergôntea	418
Verso	34
Vertente	86
Vertiginoso	187
Vesúvio	366
Vetusto	38
Vexar	454
Vibrar	56
Viçar	30
Vieiro	161
Vigília	152
Vigoroso	117
Vigote ou vigota	79
Vilar	304

	Págs.
Vila-Rica	34
Vindima	397
Vindimar	318
Vinhedo	246
Violento	68
Violoncelo	131
Virente	434
Virginal	113
Víride	454
Virotão	304
Visão	131
Viso	16
Vista	75
Vistoso	52
Vital	38 e 117
Vítima	106
Vivacidade	111
Vivciro	207
Vivenda	94
Vivente	183
Víveres	320
Vívido	147
Vocação	232
Voejar	102
Volátil	16
Voraz	107
Vórtice	308
Votar	183

X

	Pág.
Xairel	325

Z

	Págs.
Zimbório	242
Zumbir	183
Zagal	436
Zelândia	320

INDICE GERAL

Págs.

Prefácio da 1.ª edição 5
Prefácio da 3.ª edição 9

PRIMEIRA PARTE — **PROSADORES E POETAS BRASILEIROS**

I — Madrugada no sertão — *Visconde de Taunay* 13
II — O burro e as relíquias — *Barão de Paranapiacaba* 18
III — Tempestade no sertão — *Euclides da Cunha* 20
IV — A cavalgada — *Raimundo Correia* 24
V — Paisagem alpestre — *Afonso Arinos* 27
VI — Vila-Rica — *Olavo Bilac* 31
VII — Mata Virgem — *Coelho Neto* 35
VIII — Infantilidade — *Artur de Azevedo* 39
IX — Entardecer — *José de Alencar* 42
X — A tempestade — *Gonçalves Dias* 45
XI — Paisagem — *Bernardo Guimarães* 50
XII — A queimada — *Castro Alves* 53
XIII — As andorinhas de Campinas — *Rui Barbosa* 57
XIV — Mater dolorosa — *Gonçalves Crespo* 61
XV — A pêndula — *Machado de Assis* 63
XVI — O ninho — *Alberto de Oliveira* 66
XVII — O cêrco de Leide — *Luiz Guimarães Filho* .. 70
XVIII — O homem forte — *Gonçalves Dias* 73
XIX — Meio-dia — *Alcides Maia* 77
XX — A partida da monção — *Vicente de Carvalho* 80
XXI — O Brasil — *Visconde de Porto Seguro* 84
XXII — Minha Mãe — *Casimiro de Abreu* 87
XXIII — A festa de S. João — *Dr. Melo Morais Filho* 90
XXIV — Hino da Criação — *Aureliano José Lessa* ... 95
XXV — Nevoeiro — *Raul Pompéia* 100
XXVI — A prisão de Jesús — *Fagundes Varela* 103
XXVII — O café — *Joaquim Manuel de Macedo* 108
XXVIII — Á beira-mar — *Luiz Guimarães* 112
XXIX — O umbuseiro — *Euclides da Cunha* 114
XXX — A caridade — *Machado de Assis* 118
XXXI — Entre ruínas — *Olavo Bilac* 121
XXXII — A morte do jangadeiro — *Padre Antônio Tomaz* 123
XXXIII — As enchentes no sertão nordestino — *Gustavo Barroso* 126
XXXIV — Serenata — *Augusto de Lima* 130
XXXV — A lição do mar — *Rui Barbosa* 132

Págs.

XXXVI — O lavrador e seus filhos — *Barão de Paranapiacaba* 133
XXXVII — A claridade do Pe. Antônio Vieira — *João Francisco Lisboa* 138
XXXVIII — A foz do Amazonas — *Gonçalves de Magalhães* 141
XXXIX — Um entêrro em Minas — *Carlos de Laet* 145
XL — O descobrimento da América — *Manuel Araujo de Pôrto Alegre* 149
XLI — Os Jesuítas — *Afonso Celso* 153
XLII — Estio — *Paúlo Brandão* 157
XLIII — Na montanha — *Artur Lobo* 159
XLIV — As férias do Natal — *Sílvio Romero* 162
XLV — Anchieta em Ubatuba — *Brasílio Machado* .. 165
XLVI — O garoto — *Celina Azevedo*... 170
XLVII — O Escorial — *Tomaz Lopes* 172
XLVIII — O chôro das vagas — *Alberto de Oliveira* ... 175
XLIX — Os bandeirantes — *Tomaz Brandão* 177
L — A abelha e a formiga — *João Ribeiro* 180
LI — Os livros — *Ramiz Galvão* 184
LII — A torrente e o rio — *Silva Ramos* 185
LIII — O abolo — *José de Alencar* 191
LIV — S. Francisco de Assís, libertador das aves *Augusto de Lima* 192
LV — A missão social do padre — *Fr. Francisco do Monte Alverne* 197
LVI — O salto do Guaíra — *Emílio de Menezes* 201
LVII — Um antigo engenho em Pernambuco — *Joaquim Nabuco* 204
LVIII — Experiência — *Lúcio de Mendonça* 208
LVIX — A vida humana — *Graça Aranha* 211
LX — O juramento do árabe — *Gonçalves Crespo* .. 214
LXI — Manhã na roça — *Virgílio Várzea* 217
LXII — A corrente — *Alphonsus de Guimarães* 220
LXIII — O drama da geada — *Monteiro Lobato* 222
LXIV — Cromo — *Bernardino Lopes* 225
LXV — O poder da oração — *Júlio Ribeiro* 227
LXVI — A saída — *Luiz Delfino* 229
LXVII — Um homem leal — *Machado de Assis* 230
LXVIII — Terra de Minas — *Arduino Bolivar* 233
LXIX — Pais Leme — *João Ribeiro* 235
LXX — Paráfrases — *Fontoura Xavier* 238
LXXI — A palmeira — *Alberto Rangel* 239
LXXII — Círculo vicioso — *Machado de Assis* 242
LXXIII — A meninice — *Bento Ernesto Junior* 245
LXXIV — Salmo I — *Fagundes Varela* 248
LXXV — Coragem de um sacerdote — *Joaquim Felício dos Santos* 248
LXXVI — A língua portuguesa — *Olavo Bilac* 253

Págs.

LXXVII — A árvore — *Coelho Neto* 254
LXXVIII — A leoa — *Raimundo Correia* 256
LXXIX — O Barão do Rio Branco — *Eduardo Prado* .. 258

SEGUNDA PARTE — **PROSADORES PORTUGUESES**

LXXX — Marinha — *Mário de Alencar* 263
LXXXI — A charneca — *Almeida Garret* 269
LXXXII — O vale de Santarêm — *Almeida Garret* 271
LXXXIII — Na placidez da noite — *Alexandre Herculano* 273
LXXXIV — O Sália — *Alexandre Herculano* 275
LXXXV — A batalha de Ourique — *A. F. de Castilho* .. 278
LXXXVI — O califa e o plantador de árvores — *Latino Coelho* 282
LXXXVII — A Hélade — *Latino Coelho* 284
LXXXVIII — O presbitério — *Rebêlo da Silva* 289
LXXXIX — Padrões da Teixeira — *Camilo Castelo Branco* 292
XC — Quadro rústico — *Camilo Castelo Branco* ... 294
XCI — Um carnaval no Pôrto — *Júlio Diniz* 298
XCII — O cemitério da aldeia — *Júlio Diniz* 300
XCIII — O castelo do baliado de Leça — *Arnaldo Gama* 302
XCIV — A passagem do Bojador — *Pinheiro Chagas* .. 305
XCV — Suave milagre — *Eça de Queiroz* 309
XCVI — O solar de D. Rui de Valadares — *Eça de Queiroz* 312
XCVII — Na Régoa — *Ramalho Ortigão* 315
XCVIII — Um episódio do cêrco de Leide — *Ramalho Ortigão* 318
XCIX — A embaixada de D. Manuel ao papa Leão X — *Oliveira Martins* 321
C — A acrópole de Cartago — *Oliveira Martins* .. 325
CI — A procissão da Saúde — *Trindade Coelho* ... 328
CII — Ao cair da tarde — *Trindade Coelho* 330
CIII — Na azenha — *Marcelino de Mesquita* 331
CIV — Num jardim — *Teixeira de Queiroz* 335
CV — Ao despertar — *Fialho d'Almeida* 336
CVI — A catedral de S. Paulo em Londres — *Júlio César Machado* 340
CVII — O pampeiro — *Padre Sena Freitas* 342
CVIII — Almada — *Conde de Sabugosa* 345
CIX — Mãe! — *Alves Mendes* 347
CX — Nos Alpes suiços — *Justino de Montalvão* .. 350
CXI — O Prior do Hospital — *Júlio Dantas* 352
CXII — Marinha — *Júlio Dantas* 354
CXIII — Granada — *Anselmo de Andrade* 356
CXIV — Um cão diplomata — *Visconde de Santo Tirso* 359
CXV — Caminho de Pamplona — *Antero de Figueiredo* 361
CXVI — Coimbra — *Antero de Figueiredo* 363

Págs.

CXVII — O cumprimento do dever — *D. Antônio Aires de Gouveia* 364
CXVIII — A velhice — *Antônio Cândido* 367
CXIX — O fausto do marquês de Marialva — *D. Maria Amália* 369
CXX — Luar de inverno — *Júlio Brandão* 372
CXXI — Tarde estival — *Aquilino Ribeiro* 374
CXXII — Festa de aniversário — *Malheiros Dias* 376
CXXIII — Tavira — *Raul Brandão* 379
CXXIV — Uma tormenta — *Henrique Lopes de Mendonça* 382

TERCEIRA PARTE — **POETAS PORTUGUESES**

CXXV — Adeus, Mãe! — *Almeida Garret* 389
CXXVI — Deus — *Alexandre Herculano* 392
CXXVII — O amor às arvores premiado — *Antônio F. de Castilho* 396
CXXVIII — Canção do rei de Tule — *Antônio F. de Castilho* 397
CXXIX — A parábola das varas — *Curvo Semedo* 399
CXXX — A esmola do pobre — *Júlio Diniz* 402
CXXXI — Infância e morte — *Soares Passos* 404
CXXXII — O cisne e os gansos — *Pimentel Maldonado* .. 407
CXXXIII — O primeiro dinheiro — *Mendes Leal* 409
CXXXIV — A hera e o muro — *Tomaz Ribeiro* 416
CXXXV — Hino de amor — *João de Deus* 419
CXXXVI — Enjeitadinha — *João de Deus* 422
CXXXVII — O pinheiro bravo — *Bulhão Pato* 423
CXXXVIII — De volta à malhada — *Bulhão Pato* 426
CXXXIX — Salmo — *Antero do Quental* 428
CXL — O palácio da ventura — *Antero do Quental* 429
CXLI — Sepultura romântica — *Antero do Quental* .. 430
CXLII — Justitia Mater — *Antero do Quental* 431
CXLIII — As rosas de Santa Isabel — *João de Lemos* .. 433
CXLIV — O pastor — *Guerra Junqueiro* 435
CXLV — As aldeias — *Gomes Leal* 437
CXLVI — Soneto — *Antônio Nobre* 439
CXLVII — As mondadeiras — *Conde de Monsaraz* 440
CXLVIII — O destino do homem — *Guilherme Braga* 443
CXLIX — Angelus — *Luiz Osório* 445
CL — Mater admirabilis — *Antônio Feijó* 447
CLI — Deus — *Alexandre Braga* 449
CLII — O tonel de Diógenes — *J. Leite de Vasconcelos* 451
CLIII — O leão e a lebre — *Visconde de Sta. Mônica* .. 455
CLIV — O velho prior — *A. d'Azevedo Castelo Branco* 457
CLV — O coveiro — *Guilherme de Azevedo* 459
CLVI — O sermão da montanha — *Alberto d'Oliveira* 461
CLVII — A balada da neve — *Augusto Gil* 463
Índice alfabético das palavras e locuções explicadas 467

N.º 3.768 — Oficinas Gráficas da Livraria Francisco Alves

UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA
3 0112 065560812

Extrato do Catálogo da Livraria Francisco Alves

BASÍLIO DE MAGALHÃES

História do Brasil — 1 vol. (completa)
História do Brasil — Terceira Série
" " " — Quarta "
História Geral — Primeira Série
" " — Segunda "

LÉLIO GOMES — LUIZ MACEDO — DE LAMARE

Ciências Naturais — Terceira Série
" " — Quarta "

OTELO SOUSA REIS

Geografia Geral — 1ª Série
" " — 2ª "

NELSON ROMERO

O Programa de Latim no Ginásio — 1.ª e 2.ª Séries
" " " " " " — 3.ª e 4.ª "

CLÓVIS MONTEIRO

Elementos de Gramática da Língua Nacional

E. ROXO — C. THIRÉ — MELO E SOUSA

Matemática Ginasial — Primeira Série
" " — Segunda "
" " — Terceira "
" " — Quarta "

J. VERISSIMO DA C. PEREIRA E AFONSO VARZEA

Geografia Física
Geografia Humana

OSWALDO SERPA e MACHADO DA SILVA

A B C (Direct Method)
English for Children
Paul and Mary

OSWALDO SERPA

Easy English
Modern English Grammar

HENRI DE LANTEUIL

Nouvelle Grammaire Française
Nouvelles Leçons de Français — Première Série
" " " " — Deuxième "
" " " " — 3e. et 4e. Séries

Remetemos o nosso catálogo grátis, a quem o pedir

Cr$ 35,00